EDUARDO DA COSTA



COLECTÂNEA DAS SUAS PRINCIPAIS OBRAS MILITARES E COLONIAIS

EDUARDO DA COSTA



REPÚBLICA PORTUGUESA
MINISTÉRIO DAS COLÓNIAS

BIBLIOTECA COLONIAL PORTUGUESA

N.º XIV

EDUARDO DA COSTA

COLECTÂNEA DAS SUAS PRINCIPAIS OBRAS MILITARES E COLONIAIS

VOLUME II

DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES E BIBLIOTECA
AGÊNCIA GERAL DAS COLÓNIAS
1 9 3 9

PREFÁCIO



Meu caro amigo

'A sua fiel e dedicada amizade ao Eduardo da Costa, enquanto vivo, a firmeza do seu culto à sua memória depois que êle *desapareceu, fazem-lhe pensar que eu poderei alguma coisa justa dizer sôbre a sua grande e generosa obra!'*

Equívoco. Seria mesmo quási pretencioso falar sôbre o morto ilustre.

Os que o estimaram como nós e conheceram o seu altíssimo mérito, sabem que êle foi inteligente, valoroso, cultíssimo e que a sua vida foi exemplo de patriotismo acrisolado, trabalho sem repouso, honestidade inconcussa e bondade. Os que agora lerem a sua obra, e que porventura a desconhecessem, ficam sabendo que foi um grande colonial, dos maiores da nossa terra, cheio de talento e de saber.

E, como a sua memória se não apaga no coração dos que muito lhe quiseram, nada mais acrescento. A sua obra diz tudo.

22 de Maio de 1939.

Seu velho e grato amigo

JOÃO DE AZEVEDO COUTINHO.

Anuíndo bondosa e gentilmente ao nosso pedido — o que muito agradecemos — dignou-se o Ex.mo Sr. Conselheiro João de Azevedo Coutinho honrar a primeira página dêste livro, com a carta que atrás se transcreve, e em que, com a nobreza de carácter, imaculada lealdade e profundo conhecimento dos assuntos coloniais, que tanto o destinguem, pùblicamente patenteia o seu valioso e autorizadíssimo conceito sôbre a personalidade de Eduardo da Costa, pondo em destaque o profundo saber e virtudes de que era dotado, e o aprêço que liga à sua útil e maravilhosa obra, deixada dispersa em várias publicações e de que em grande parte se começa a reedição neste volume.

O juízo seguro sôbre os merecimentos e actos dos homens — que, como Sua Ex.ª, labutaram e se sacrificaram por um Portugal Maior — conscienciosamente adquirido, na sua longa e gloriosa vida de relevantes e inexcedíveis serviços prestados à Pátria; o seu profundo conhecimento da História Colonial Portuguesa, e, finalmente, a sua grande experiência adquirida no desempenho dos inúmeros lugares, que, desde verdes anos, com tanta ciência e valor ocupou, dão a maior autoridade às suas elogiosas referências à obra de Eduardo da Costa, constituindo assim a melhor exortação ao interêsse pela leitura do trabalho que agora iniciâmos.

*

* *

A Agência Geral das Colónias, em cumprimento do determinado no § único do art. 49.º do Decreto n.º 21.988, de 15 de Dezembro de 1932, e, na parte em que neste parágrafo especialmente se refere a Eduardo da Costa, coloca êste distinto colonial na galeria dos grandes obreiros do nosso Império de Além Mar, que brilhantemente figura na sua «Biblioteca Colonial Portuguesa» *e assim, corresponde cabalmente ao honroso encargo de que, justa e patriòticamente, o Govêrno da Nação a incumbiu.*

Convidado a coordenar e rever a transcrição dos trabalhos daquele morto ilustre, desempenhamo-nos com a maior satisfação dessa, para nós, gratíssima tarefa, que veio ao encontro dos nossos mais ardentes desejos, pois de há muito, anseávamos por ver reünidos em volume tão notáveis e úteis escritos, disseminados por numerosas publicações, que com a maior mágua, víamos rarear pela acção do tempo, que tudo desgasta e destrói.

Após a publicação de um primeiro volume em que, despretenciosamente e em fugitivos traços, tentámos fazer a biografia de Eduardo da Costa, aqui se inicia a transcrição de muitos dos

seus trabalhos sôbre assuntos coloniais que mais interêsse despertaram, quando da sua publicação, e que ainda hoje são fonte inesgotável de ensinamentos e valioso subsídio para o conhecimento das memoráveis campanhas de Moçambique, no glorioso triénio de 1895-1897.

Regras sôbre administração colonial e de política gentílica, que em muitos dêsses trabalhos estão profusamente espalhadas, conservam ainda hoje tôda a oportunidade, e as suas cultíssimas e detalhadas descrições sôbre história, geografia, geologia, fauna, flora, etc., de vastas regiões africanas, constituem óptimos elementos de consulta, para todos os que aos estudos das coisas coloniais se dedicam ou venham a dedicar.

A reprodução, que também se faz, de alguns documentos — parte dêles inéditos — esclarecem e completam notícias e relatórios, que em alguns pontos, e sem êles, poderiam tornar-se inexplicáveis ou obscuros, não só pela distância do tempo, em que os factos relatados ou descritos se passaram, mas muito especialmente para as pessoas, que, não sendo contemporâneas dêsses factos, por completo os desconheçam.

B. A.

PARTE I

EDUARDO DA COSTA NA CAMPANHA DE MOÇAMBIQUE EM 1895

ACÇÃO DE EDUARDO DA COSTA COMO CHEFE DO ESTADO MAIOR DAS COLUNAS DE MARRACUENE E CHICOMO E NO SEU RECONHECIMENTO NO DISTRITO DE INHAMBANE



Notas explicativas

ENTRE os preciosos serviços prestados por Eduardo da Costa na Província de Moçambique em 1895, que muitos foram, figuram como principais, o do desempenho do lugar de Chefe do Estado Maior, quer na coluna de operações a Marracuene, quer na de Chicomo, e, o seu arriscado e valiosíssimo reconhecimento no interior do distrito de Inhambane.

No volume I desta obra, ao fazer-se a biografia de Eduardo da Costa, mencionaram-se, ainda que muito sumàriamente, todos êsses serviços, e aludiu-se à impressão favorável que produziram no opinião pública, muito principalmente nos meios militares, legìtimamente orgulhosos por contarem nas suas fileiras um distintíssimo oficial, que em África, onde fôra pela primeira vez, acabava de revelar as mais brilhantes qualidades em tôdas as missões, de que havia sido encarregado.

Destinando-se o presente volume e seguintes à transcrição de trabalhos sôbre colónias, que Eduardo da Costa relatou, quer oficialmente, quer em livros e outras publicações, iniciam-se neste Capítulo as transcrições dos trabalhos mais importantes dêste género, relativos à campanha de Moçambique de 1895, começando-se pelo seu Relatório apresentado em 1896

no Comando Geral do Estado Maior, respeitando à Missão de que no ano anterior fôra encarregado, relatório êste que reproduz, entre outros documentos importantes, o do seu reconhecimento no interior de Inhambane, e as «Instruções Provisórias para o serviço de campanha em África», que bem compreendidas e escrupulosamente cumpridas por tôdas as fôrças empenhadas nas lutas, que se desenrolaram em Moçambique, no período de 1895-1898, *quem sabe quanto contribuíram* — no dizer de António Enes — *para as inesperadas vitórias que se ganharam, nunca enlutadas por um desastre.*

Já em Marracuene, os preceitos daquelas «Instruções», relativos ao serviço de segurança em marcha e nos estacionamentos, e fazendo parte dum pequeno curso de tática, propositadamente organizado para uso da coluna, e que havia sido elaborado por Eduardo da Costa com a colaboração de Aires de Ornelas e Paiva Couceiro e a anuência e aprovação de Caldas Xavier, haviam livrado as nossas tropas de um grande desastre.

Tão brilhante resultado, animára aquele ilustre oficial a formular as aludidas Instruções, em que já desenvolvidamente se trata dos serviços de reconhecimentos e informações, das marchas, sua disciplina e segurança, do estacionamento e respectivo serviço de segurança, das diversas espécies de combate: defensivo, ofensivo, de encontro, em retirada e noturno; emprêgo de auxiliares e higiene geral, etc.

Em vários livros e publicações detalhadamente se descrevem os serviços prestados pelas colunas de Marracuéne e de Chicômo, de que Eduardo da Costa foi chefe de Estado Maior e onde, com outros combatentes se salientou — com brilhantes actos — que foram premiados com louvores e valiosas condecorações.

No volume II da obra «Aires de Ornelas» desta «Biblioteca» reeditaram-se essas descrições com minuciosidade; con-

tudo não podemos deixar de transcrever neste livvro, o trabalho que sob o título «Campanhas das tropas Portuguesas em Lourenço Marques e Inhambane em 1895» se publicou em 1896, e em que essas descrições sumàriamente se reproduzem, visto tratar-se duma obra, em que colaborou Eduardo da Costa.

Fazendo-se especialmente nêsse trabalho as narrativas dos combates de Marracuène, Magul e Coolela, êsse glorioso *bouquet* de feitos homéricos da epopeia de Moçambique, que, no dizer de António Enes, *constituiu o edifício da vitória de que Chaimite foi a alterosa cúpula*, parece-nos que seria imperdoável não fazer a sua transcrição completa, embora só uma parte seja da autoria de Eduardo da Costa.

Finalmente, encerramos êste capítulo transcrevendo o artigo «A propósito da campanha africana» da autoria do mesmo oficial em que são refutadas várias afirmações erradas, vindas a lume no livro «Vitórias de África» de António Campos Júnior.

António Enes, em diversos locais do seu livro «Moçambique» refere-se lisongeiramente a Eduardo da Costa e às suas invulgares qualidades de militar e de erudito; os seus camaradas e companheiros nas lutas africanas e todos os que com êle lidaram de perto, foram e são unânimes em considerá-lo um ser excepcional, que reüniu tôdas as boas qualidades, que podem exaltar um militar.

Os seus subordinados e todos os que colaboraram nos seus trabalhos e sob a sua direcção, não só o admiravam, veneravam-no.

Os superiores ouviam-no com verdadeiro interêsse, esquecendo por vezes os graus de hierarquia militar que dêle os separavam, para afectuosamente o tratarem com a maior intimidade, como se fôsse um companheiro da mesma idade ou de igual graduação, não lhe ocultando assim a grande simpatia e confiança que nêle depositavam, e, a que por seu turno,

correspondia com a melhor lealdade e desinterêsse, agradecido pela sua deferência.

A carta que em seguida se transcreve e que Eduardo Galhardo enviou a Eduardo da Costa, quando êste impacientemente aguardava em Inhambane a sua chegada, é um documento que corrobora em absoluto esta afirmação.

É preciso notar que o coronel Eduardo Galhardo era alguém.

Oficial enérgico e distintíssimo, com largo prestígio no exército, era então bem notório o seu feitio disciplinador e justiceiro, e, num futuro muito breve provaria que estas brilhantes qualidades de militar e de um grande chefe, não eram as únicas, ao mostrar a sua natural valentia, manifestada nas ocasiões de maior perigo, por uma grande serenidade e calmo e inabalável sangue frio.

Esta carta é ainda um documento importante, que não deve ficar no olvido, pois testemunha o muito que Eduardo da Costa trabalhou para pôr em marcha a coluna do Chicômo e as grandes dificuldades com que todos lutaram desde a sua organização e que os nossos soldados sofreram com estoicismo e a maior abnegação, suprindo-as com relêvo pelo seu grande valor e brilhante procedimento, durante a campanha.

É um valioso subsídio para a história militar de Moçambique, no glorioso ano de 1895.

Lourenço Marques, 26 Maio 95.

MEU CARO EDUARDO:

Li, com tôda a atenção que mereceram, as tuas cartas de 5 e 12 do corrente e agradeço a prontidão da resposta, no que te foi possível dá-la, aos esclarecimentos que te pedi por intermé-

dio do governador Jaime Ferreira, resposta que ficou completa com a tua carta de 19 e itinerários que me enviaste.

Se eu pudesse ter calculado os contratempos que tem havido e causam a minha demora aqui, certamente te teria pedido para vires a Lourenço Marques, pois que muito precisamos conversar sôbre todos os assuntos que interessam o bom êxito da nossa missão.

Como me fôra dito pelo Conselheiro Comissário Régio, eu devia partir para aí no Zaire *levando comigo meio batalhão de infantaria 2, duas secções da bataria de montanha e um destacamento de engenharia, mas depois de troca de telegramas entre o Conselheiro e o Govêrno, em que aquêle pedia para mandar o* Zaire *a Inhambane, e em que o Govêrno acedeu, resolveu-se cá que o* Zaire *não podia entrar aí a barra e decidiu-se desembarcar aqui tôda a fôrça do 2 e reservar o* Ambaca *para aí ir com caçadores 3 da metrópole e as outras fôrças que hão-de constituir a coluna de Inhambane.*

O vapor Ambaca, *porém, que devia chegar aqui de 20 a 22, arribou a Luanda, tendo saído a 17 de Mossâmedes, pelo que só é esperado amanhã se o temporal do sul, que aqui reinou em alguns dias da semana passada, o não apanhar nas alturas do Cabo, retardando-lhe a marcha, acrescendo que há-de aqui ter alguns dias de demora para meter carga de material e gente, isto, se o comandante estiver pelo* autos, *de entrar em Inhambane, o que é duvidoso, para os* peritos *de cá.*

E aqui tens tu como as cousas se vão adiando por motivos independentes da nossa vontade e também por falta de resoluções bem assentes e definidas sôbre o plano geral das operações a seguir, das quais só mui superficialmente e em conversa, tenho tido conhecimento.

Oficialmente ainda não sei bem ao que vim, e a não serem umas ligeiras operações, no Incomati, nada têm feito as fôrças que aqui estão há mês e meio. Sôbre êste e outros assuntos temos muito que falar.

Passemos às tuas cartas.

Estabeleces tu na primeira, a hipótese de que as nossas fôrças terão de invadir o país de Gaza *partindo em duas colunas, da foz do Changane e de Chicômo, e, neste sentido, fazes as tuas considerações e pedidos do pessoal, animal e material de que precisamos para que nos não faltem os recursos de que carecem as tropas, em importantes operações.*

Mas, segundo a opinião do Comissário Régio, manifestada nas tais conversas, e já depois de ter conhecimento das tuas cartas, não é êsse o nosso primeiro objectivo. Segundo êle, trata-se, por enquanto, de reduzir à obediência a Cossine, *por meio das operações já iniciadas no Incomati para o Norte de Marracuene, e depois em sentido contrário, do Intimane para Magul por meio da coluna de operações de Lourenço Marques, e de ocupar fortemente o Chicomo com a coluna de Inhambane, que partirá de Cumbane pelo itinerário por ti indicado, como mais conveniente.*

Nesta hipótese, pois, e supondo que a coluna de Inhambane terá de percorrer quási todo, se não todo, o caminho entre povos amigos, entende o Sr. Conselheiro que a marcha das tropas se poderá fazer por partes, mandando-se avançar sucessivamente e com os intervalos de tempo precisos, fracções dessa coluna, para as quais, se poderiam talvez, construir abrigos nos diversos pontos de etapa que serviriam depois para depósitos de víveres e de estações sanitárias, depois da passagem de tôda a coluna, que se estabelecerá fortemente no Chicomo.

Por esta forma (tudo em conversa), *evitar-se-á a compra de gado muar de que falas, muito difícil de obter e ainda mais de conservar, pois que tem morrido quási todo o que se comprou no Natal, e só restam, capazes de serviço, cinco muares das que vieram do Reino, e poupar-se-ia também a compra de material, igualmente impossível de obter aqui, tal como: o das tendas-abrigos, que não vieram do Reino, os aparelhos para condução de doentes, etc.*

Lourenço Marques 96 Mars 95

Recommandée

Cher Cher Ami

Ci, cher Ami, ce mot pour vous prévenir, que le courrier du 5 à 12 h. arrivera à Lourenço Marques le 15 à 2 h. du soir, ce qui fait que le courrier du 15 à 2 h. ne partira que le 16 à 2 h. du soir, ce qui fait que le courrier du 15 à 2 h. ne partira que le 16 à 2 h. du soir, ce qui fait que le courrier du 15 à 2 h. ne partira que le 16 à 2 h. du soir.

Je vous prie de me faire savoir si vous avez reçu ma lettre du 15 à 2 h. du soir, ce qui fait que le courrier du 15 à 2 h. ne partira que le 16 à 2 h. du soir, ce qui fait que le courrier du 15 à 2 h. ne partira que le 16 à 2 h. du soir.

Je vous prie de me faire savoir si vous avez reçu ma lettre du 15 à 2 h. du soir, ce qui fait que le courrier du 15 à 2 h. ne partira que le 16 à 2 h. du soir, ce qui fait que le courrier du 15 à 2 h. ne partira que le 16 à 2 h. du soir.

Lisboa, de que corresponde ao Reposo, com fé em perfeita
fé e Justiça.

Ellas, segundo o Código do Commercio Portu-
guez, em fé em boa commercio, e de fé de
contravenção do seu contrato, nada é uma o mesmo
Commercio e Justiça. Segundo ella, Fé em
engano, de redigir e declarar a Cessão por
meio de Escriptura de Procuração e
o N.º de Obrigações e depois em nota con-
tra, do Instituto para Obrigações por meio de
Columnas de Escriptura de Procuração Obrigações, e
de operação Portuguesa e Obrigações com a colum-
na de Instituto, que fará de Commercio
fiel e Escriptura para a redacção como meio con-
venção.

Nesta hypothese, pois, e supposto que a colum-
na de Instituto será de favorecer quem tudo, e em
todo o caso entre favor Obrigações, entende o Al-
Conselheiro que o recurso dos Portugueses e Federal
Juiz para Juntas, recorrendo-se ao Supremo Tri-
bunal, e com o diferente de Juiz favorecer pe-
rante d'esta Columna para as Obrigações

e mutuelle par amour Divine de dieu, en sa sainte
e que les seules vrai et parfaite amour et mutuelle soi
gne mes serviteurs et mes fidèles.
Pour y parvenir, il faut que mutuelle soit
elle accompagnée par [illegible] par ci. (1)
O Mon Dieu - une Dieu aimable, chrétien et
ardent et grand serviteur et adorateur. Et j'ai mes
croire, croire et que mes mains pour
mourir [illegible] - O mon Dieu
e o de y prendre mon cœur pour le consoler
mes mes de ses pas ici.
Et par Dieu, de mon sang, pour mon
pour mes mes et [illegible], grand bon,
mes et [illegible] par [illegible] comme [illegible]
Dieu, mes [illegible], [illegible] de mes [illegible]
me, mes, enfin, et de mes [illegible]
et [illegible].
O [illegible] de divines [illegible], que [illegible]
mes [illegible], pour [illegible] de mes [illegible]
Dieu, pour [illegible], comme [illegible], mes [illegible]
[illegible] et [illegible] pour [illegible], mes [illegible]
[illegible] et [illegible]

Lavoure e que aqui houver está no fundo do mar, como
fiquem commandado em que estava depois tudo.
Foram de diligencia atravessar os seus homens nos
navios de Guerra.
Louvar-lhes de fuga-fuga, com vistas de con-
seguir em que aqui houve, [illegible] e
o Conselheiro dere nos que tudo encontrado
contra do Natal
Em fim, com pagar de diligencia fuga que
nos não fale o mais preciso, mas nos que fuga
meio de o adquirir.
Novello e Sua no emprego official de Chefe de
estado maior da brigada e estam para effe-
tuar, ahi e delegado do commando com os
poderes necessarios para tal ellas é montado
Desta ordem envio copia ao Governador do dis-
trito.
Tambem nos mesmos empregos que vamos do
Rainho para o corpo de Administração mili-
tar, mas o chefe que nem todo se podem encon-
especialmente pelo que diz respeito á liquidação e
processo de vencimentos. Nesta conta do mes-

dos dias para concluir o Capitulo!

Por isso tenho de contar-lhe uma coisa que
Carmen teve também nas Furnas, logo depois de-
pois especialmente.

Armando veio visitar os Reis de Dama-
sco com o Conselheiro, seu grande
amigo e ele foi surgir o Ulisses dos
chegar Armando ao Reis veio surgir a guerra
Deus e Ulisses como de feitio velho e muito
mais gordo, coitado... indeciso
Adeus, recebam um abraço e depois do

Teu Pelle Carmo. Amigo

Eduardo Galhardo

Recomendo-me ao Governador Joyce Ferreira

Eu vou no Ulisses... ao Ulisses ele
foi.

Teremos pois de recorrer ao emprêgo de bois para o transporte de artilharia, canhões revólveres e metralhadoras e temos forçosamente de empregar carregadores para condução de doentes, para o que se aproveitarão umas redes-macas que vieram de Lisboa, em grande número, construindo-se com elas tipoias *para as quais talvez se possam aí obter* bambús *apropriados, pois que no vapor* Matabele, *que leva esta carta, vi ontem uma grande quantidade dêles que vão destinados a um F. Rosa, de Inhambane, que, certamente não os quere... para sopas. Será pois conveniente que vas entrando em negociações com o homem.*

Enquanto aos carros e bois está resolvida a compra, assim como se vai contratar com um tal Formazini (Paulino) o fornecimento de carne para alimentação, que será aí posta em pé.

Pelo que respeita a recursos médicos, irão comigo três facultativos e mandarei para aí todo o material que vier com caçadores 3 e cavalaria, e todos os medicamentos e filtros (75) que vieram com infantaria 2, e também o material de ambulância, que pertence à 4.ª companhia dêste regimento, que deve fazer parte da coluna de Inhambane.

Secção de padeiros é cousa que já não existe, uns foram para Lisboa, outros estão no hospital; procurarei porém reünir os soldados que saibam do ofício para os levar. Enquanto a fornos de campanha, se alguma vez se pensou em os comprar, nunca se tratou de realizar o pensamento, mas dizem os africanistas encartados *que é* fácil fazê-los *de terra, barro, etc.*

Para construção dos abrigos nas etapas, mando pelo Matabele *quatro toneladas de zinco (fôlha de) e para defesa dos postos 50 rôlos de arame farpado.*

Pelo mesmo vapor vão 48 cavalos que, se compraram no Natal, que, segundo informa o Massano, vão já em estado de serem montados. Eu fui vê-los a bordo e pareceram-me mansos, mas tu lá os verás. Com êles e para serem aí empregados na vigilância do trato e nos serviços que entenderes, vai o

Raúl, o alferes Condeça, de cavalaria, um sargento também de cavalaria e oito ou dez condutores de artilharia, que foi o que pude apurar, e aqui, nem tanto pessoal fica, para tratar dos cavalos e muares que cá temos.

Mando também aveia, milho e palha para o sustento dos cavalos durante 30 dias, entendendo-se que lhe podes dar só aveia ou só milho, pois que vai fornecimento para isso.

Para ajudar o tratamento dos cavalos podes aí arranjar pretos, cousa rara *por cá!*

O Raúl pediu-me dois cavalos, aí vão 48, entre os quais poderás escolher. Eu já não escolho, aceito tudo o que me mandem para montar, porque nada presta. O meu cavalo e o do ajudante, morreram antes de completar um mês de estada aqui.

A tal cavalaria, de emprêgo — para mim muito duvidoso — nos matos africanos, quando boa, vai certamente fazer fiasco *com os cavalos que lhe dão, medrosos, cheios de manhas e sem ensino, mas, enfim, cá se vai deligenciando remediar estes males.*

O plano *de divisão da brigada, que te remeto, não é definitivo, e por isto lhe não dou publicidade, porque, como acima digo, nada há assente e tudo se passa em conversas, mas, pequenas alterações pode ter.*

Como verás, da companhia de engenharia vai metade, mas a respeito de ferramentas não tem nada que preste para o caso, e, de explosivos e explosores, nem nisso se pensou.

Ferramentas, comprarei as precisas, isto é, machados, machadinhas e serrotes. Explosivos, poder-se-á obter o dinamite no Natal porque o que aqui havia está no fundo do rio, com o pontão arruïnado em que estava depositado.

Fachos de sinais, arranjo os que houver nos navios de guerra.

Lanternas de furta-fogo, com vidros de côr, comprei as que aqui havia, 4 por junto! *e o Conselheiro disse-me que tinha encomendado outras do Natal.*

Enfim, vou fazendo a diligência para que nos não falte o mais preciso, uma vez que haja meio de o adquirir.

Remeto a tua nomeação oficial de Chefe do Estado Maior da Brigada e ordem para estabelecerem aí a delegação do comando com os poderes necessários para trabalhares à vontade.

Desta ordem envio cópia ao Governador do Distrito.

Também vão umas Instruções que vieram do Reino para o serviço de Administração Militar, mas é claro que nem tôdas se poderão cumprir, especialmente pelo que diz respeito à liquidação e processo de vencimentos. Nêste sentido vou representar ao Comissário Régio, para conhecimento dos Ministérios da Marinha e Guerra.

Como dizes na tua última carta, era conveniente tirar um certo número de exemplares dos itinerários *que mandaste, mas aqui não há litografia para reproduzir os esboços dos terrenos e a tipografia oficial leva oito a dez dias para compor o texto!*

Vou pois tratar de arranjar um copiógrafo, cousa rara também na terra, para obter alguns exemplares.

Amanhã vou visitar os postos do Incomati com o Conselheiro, faz-me um grande transtôrno, não só porque o Ambaca *deve chegar amanhã ou depois, mas porque te queria dizer alguma cousa de positivo sôbre a nossa missão, que continua... indecisa.*

Adeus, recebe um abraço e dispõe do

Teu velho amigo e camarada obrigado

EDUARDO GALHARDO.

P. S. *Recomenda-me ao Governador Jaime Ferreira — Eu vou no* Ambaca... *se o* Ambaca *aí fôr.*

RELATÓRIO ACÊRCA DA MISSÃO DESEMPENHADA EM MOÇAMBIQUE, DE JANEIRO A DEZEMBRO DE 1895, DURANTE A CAMPANHA

APRESENTADO AO COMANDO GERAL DO CORPO DO ESTADO MAIOR PELO CAPITÃO DO MESMO CORPO EDUARDO AUGUSTO FERREIRA DA COSTA



O presente relatório tem por fim mostrar o modo como desempenhei diferentes comissões especiais de que fui encarregado, durante a minha permanência na província de Moçambique, desde Janeiro até Dezembro de 1895.

Fui para a África, a convite do ministro da guerra de então, o ex.mo sr. coronel Pimentel Pinto, encarregado de fazer o estudo da preparação da campanha contra o Gungunhana e de ser, mais tarde, o chefe do estado maior da expedição que se havia de enviar com êsse fim.

Parti a 19 de Dezembro de 1894, acompanhado do tenente do corpo do estado maior Aires de Ornelas de Vasconcelos, que aceitara pressuroso o convite que eu lhe dirigira, devidamente autorizado pelo mesmo ex.mo sr. ministro. A guia de marcha, que se extraviou muito pouco tempo depois de ser entregue na secretaria do govêrno do distrito de Lourenço Marques, dizia que, até nova ordem, seríamos considerados como fazendo parte da expedição já enviada.

Primeira parte

I

A 21 de Janeiro de 1895 desembarcámos em Lourenço Marques, e no dia seguinte apresentámo-nos na residência da Ponta Vermelha ao ex.mo sr. comissário régio, que imediatamente nos preveniu que, para desafogar a cidade e dar fôrça moral à nossa soberania, ia mandar sair uma coluna, composta das tropas europêas estacionadas no distrito (caçadores n.º 2, bateria de montanha e corpo policial), para estabelecer um pôsto em Marraquene, a 30 quilómetros de Lourenço Marques, sôbre a margem direita do Incomati e que era um ponto de passagem obrigado para a gente rebelde da margem esquerda dêste rio. A coluna foi nomeada nêsse mesmo dia, sendo seu comandante o sr. major de caçadores n.º 2, Ribeiro Júnior, segundo comandante o major Caldas Xavier, eu o chefe do estado maior e Aires de Ornelas o adjunto.

Na ausência do sr. major Ribeiro, então comandando o pôsto de Anguana, o segundo comandante formulou um pequeno projecto de operações, no sentido indicado pelo sr. comissário régio, e dirigiu todos os trabalhos de organização comportando várias criações e modificações a respeito de serviços auxiliares, fardamento, equipamento, etc. Seria alongar, sem

proveito, êste relatório, indicar a maneira como se procedeu, quando trabalhos já publicados indicam minuciosamente estes detalhes.

De resto, tudo se pode ver no arquivo da coluna de Marraquene, que no comando geral do corpo de estado maior entreguei em 31 de agôsto de 1896.

A coluna seguiu ao seu destino a 28 de janeiro, e estava de volta a Lourenço Marques em 6 de fevereiro. O pôsto não ficára construído, porque a invernia e a falta de lanchas de guerra impediram inteiramente que o ex.mo sr. comissário régio podesse enviar uma só peça ou ferramenta.

As mesmas causas, tornando precário o abastecimento da coluna e periclitante o estado sanitário da expedição, que, havia já nove dias, estava vivendo sôbre a lama e debaixo de chuva torrencial, fizeram com que fôsse dada a ordem de regresso à cidade. Não ficaram, porém, malogrados tantos trabalhos, porque os landins insurrectos atacando com louco furor o bivaque, na madrugada do dia 2 de fevereiro, permitiram que a coluna ganhasse sôbre êles assinalado triunfo, cujos efeitos morais foram estrondosos em todo o sertão do sul do Save, e se traduziram materialmente na tranqüilidade absoluta e sossêgo da cidade de Lourenço Marques.

Não me compete narrar os trabalhos da coluna, já a estas horas conhecidos por escritos públicos e pelo relatório do sr. major Ribeiro. Nada tenho também a dizer sôbre o meu serviço, que se moldou nas regras estabelecidas. Julgo, porém, que devo dar notícia de um serviço especial que a mim próprio me impuz, com pleno assentimento do sr. comandante da coluna. Saíra de Lisboa preocupado, entre outras dificuldades da minha missão, com as provenientes da falta de regulamentos de campanha aplicáveis à guerra de África. Dispunha-me, chegando a Lourenço Marques, a começar os meus trabalhos formulando, com mais atrevimento do que competência, umas curtas instruções provisórias, baseadas nos preceitos seguidos nas mo-

dernas campanhas coloniais, apresentando-as depois ao ex.mo sr. comissário régio que, no caso de as aprovar, as mandaria observar como regulamentares. Colhido de súbito pela nomeação para a coluna de Marracuene, apertado durante seis dias por um trabalho sem descanso, não pude, claro está, levar por diante esta ideia, mas não perdi de vista a necessidade, agora instante, de usar novas formações de marcha, estacionamento e combate, que nos pozessem ao abrigo do ataque repentino, furioso e em massa, usado por tôdas as raças viris da África. Expuz as minhas preocupações e ideias aos comandantes, que concordaram com umas e outras, e do sr. major Ribeiro recebi autorização para redigir, *ad libitum,* as ordens dadas em seu nome e segundo os seus planos.

Fiz dessas ordens um pequeníssimo curso de tactica colonial, talvez, de princípio acolhido com alguma desconfiança, mas que serviu para a lição do dia 2 de fevereiro. Digo-o com orgulho, não dos preceitos formulados, onde me limitei a seguir os processos usados pelos franceses e inglêses nas suas campanhas de além-mar (1), mas porque a sua implantação, livrando-nos de um desastre de incalculáveis conseqüências para a província, se não para a nação, representou um esfôrço contra a legítima desconfiança da maioria, que assim via postergados os princípios e preceitos aprendidos nas escolas, onde se não levavam em conta as exigências das guerras coloniais. Foi talvez o único serviço que pude prestar ao meu país durante dez mêses de trabalhos. Seria injusto ainda se não declarasse que ao poderoso auxílio do malogrado e distintíssimo major Caldas Xavier, que apoiou com tôda a sua autoridade moral as minhas idéas, e à colaboração dedicada dos tenentes Ornelas e Cou-

(1) O sistema de segurança nocturna, iniciado no dia seguinte ao ataque de Marracuene, sôbre proposta minha, apoiada pelo major Caldas Xavier, a-pesar-de não ter a sanção da experiência, deu sempre os melhores resultados, provando a competência do seu autor o major Perôz, da infantaria de marinha francesa.

ceiro, devo o ter conseguido dar um resultado prático à iniciativa, outorgada pelo benevolente critério do sr. major comandante.

Como essas ordens se encontram no arquivo da coluna, dispenso-me de aqui as repetir, tanto mais que em apêndice entrego cópia das instruções que formulei mais tarde e onde desenvolvi os preceitos e regras, apenas indicados naquelas ordens.

A coluna de Marracuene, elogiada por Sua Majestade El-Rei e pelo ex.mo sr. comissário régio, foi dissolvida a 9 de Fevereiro. Desde 8 que eu fôra adido ao comissariado régio da província, sendo o tenente Ornelas nomeado ajudante de campo do ex.mo comissário.

Nesta situação fui encarregado de duas pequenas comissões. A primeira, conjuntamente com os tenentes Couceiro e Ornelas, teve por fim dar parecer acêrca da importância da linha de defesa de Lourenço Marques e da vantagem ou desvantagem de ela continuar a ser guarnecida.

Depois de feito um rápido reconhecimento, formulámos, por escrito, o nosso parecer, que adiante resumo.

A linha de defesa da cidade, *as linhas,* como vulgarmente se dizia, era constituída por uma série de *blockaus* de zinco e madeira, ligados por uma sebe de fio de arame farpado. Os *blockaus* eram de construção defeituosíssima, por acanhados e por não fornecerem protecção suficiente à sua guarnição; a sua colocação no terreno, em parte, não podia ser pior, visto que havia alguns que nem chegavam a flanquear o terreno entre êles. O sistema de defesa foi, pois, condenado, acrescentando nós que, no caso de se querer fortificar a cidade, era preciso escolher nova linha e usar de fortificação contínua, colocando ao abrigo da escalada nocturna todo o circuito defensivo. Assim o pedia, na nossa opinião, a táctica dos negros impotentes para resistirem a um tiro convergente ou para derrubar muros ou fortes palissadas debaixo de fogo, mas que, em contra-posição,

podem sempre, sobretudo de noite, aproximar-se a muito curta distância e em grande número, isto é, em condições de escaparem à vigilância e ao fogo de obras flanqueantes isoladas. Cônscios, porém, do valor da lição de Marracuene e conhecendo, por tradição (1), com quanta rapidez caminha a desmoralização entre uma tropa selvagem, depois de batida, acrescentámos que entendíamos desnecessário, não só novos trabalhos, como até a ocupação da linha antiga. Como simples medida de precaução, propozemos que em cada um dos dois quartéis, da Maké e Ponta Vermelha, colocados nas extremidades ocidental e oriental da cidade, estivesse sempre de prevenção um piquete de infantaria, comandado por um subalterno, uma bôca de fogo e algumas ordenanças a cavalo.

Conformou-se o ex.mo comissário régio com estas ideias: a supressão do serviço das *linhas,* o mais pesado e fatigante de todos, trouxe uma melhoria sensível no bem-estar e estado sanitário da guarnição branca; a cidade voltou a ter o aspecto tranqüilo e sossegado de uma terra em tempo de paz.

Por ocasião da expedição a Marracuene tivera ocasião de ver, por duas vezes, o pôsto de Anguana, estabelecido na antiga sede do comando militar das Terras da Coroa, a 15 ou 16 quilómetros de Lourenço Marques. Ficára impressionado, não só pela ausência total das necessárias condições militares e políticas da sua colocação, como pela carência completa das convenientes medidas de segurança e protecção. Nada tinha com a situação política; era, porém, obrigado a denunciar a militar ao ex.mo comissário régio. Expus-lhe, portanto, o meu parecer, acrescentando que se razões de ordem política, ou moral, pediam a conservação da posição, não seria difícil organizar no próprio local, ou próximo, um pequeno pôsto seguro e defen-

---

(1) Dos três oficiais da comissão só o tenente Couceiro tinha já combatido em África, antes de Marracuene.

sável por quarenta ou cinqüenta soldados indígenas em lugar dos trezentos homens, brancos e negros, que ocupavam Anguana.

Pronunciou-se o ex.^{mo} sr. conselheiro Enes pelo abandono de Anguana, mas para tirar a esta desocupação todo e qualquer indício de retirada receosa, ordenou que se transportasse todo o material ali existente para Lourenço Marques, muito lentamente.

Para poupar as fôrças brancas à insalubridade dêste acampamento, quiz ainda o mesmo senhor que a tropa europeia retirasse quanto antes, ficando apenas um destacamento de tropas indígenas até nova ordem.

Encarregados de tomar as disposições necessárias, partimos para Anguana, o major Caldas Xavier e eu. No dia seguinte regressava a Lourenço Marques tôda a fôrça europeia e parte da fôrça indígena de caçadores 3. No pôsto ficaram quarenta homens e dois subalternos. O pôsto provisório — até à completa evacuação — ficou constituído por uma casa de zinco do antigo comando, com 8 a 9 metros de lado e circundada por uma larga varanda, elevada de lado e circundada por uma larga varanda, elevada $0^{m},5$ acima do solo. Reservou-se a casa para os oficiais e enfermaria; as praças tiveram por quartel a varanda que se forrou de zinco desde o solo até $1^{m},30$ acima do sobrado, ou estrado; acima dêste improvisado parapeito e até ao coberto, colocaram-se linhas paralelas de fio de arame farpado, com $0^{m},3$ a $0^{m},4$ de distância entre si. Conservou-se um largo espaço livre em tôrno da casa, com destino às cozinhas, curral do gado dos combóios de evacuação, etc., fechando-se êste espaço com uma larga rêde de fio de arame, em quinconcio, tendo por estacas principais duas linhas paralelas de boas árvores, à distância de 4 a 6 metros. Com estes detalhes, prolixamente dados, quero mostrar que a idéa inspiradora dos nossos planos foi colocar a pequena guarnição ao abrigo do ataque à arma branca, o principal e primeiro perigo a evitar em África.

O fogo do inimigo não encontrava obstáculo sério nas fôlhas de ferro zincado, mas, além dos seus efeitos não serem muito sensíveis, ao pôsto ficavam meios para ir reforçando o parapeito com terra, de modo a arranjar protecção suficiente.

Um decreto de 20 de fevereiro, do ex.mo comissário régio, em nome de El-Rei, nomeou-me chefe do estado maior do comissariado régio, lugar que era criado, segundo dizia outro decreto da mesma data, «por ser de extrema vantagem o ter sob uma única direcção tôdas as fôrças em operações, não só no que diz respeito aos seus movimentos mas ainda à sua disciplina, higiene e instrução».

Dêste lugar só fui exonerado depois da minha partida para a Europa, mas só o exerci efectivamente em dois pequenos períodos: o primeiro, desde 20 de fevereiro até 18 de março; e o segundo, desde 27 de novembro até 3 de dezembro de 1895.

Durante o primeiro, de que trato agora, houve um tempo de pausa, ou repouso, nas operações. Lourenço Marques estava desafogado, mas o país rebelde, Zichacha e Magaia, não fôra ocupado por causa da invernia e falta de meios de transporte. Tratava-se de remediar estas faltas, e esperava-se pelas novas fôrças expedicionárias, porque caçadores 2 e a bateria, provados pela dura campanha de Marracuene e, sobretudo, pelo fatigante serviço das *linhas,* precisavam de repouso. Era ocasião de assentar no plano das novas operações para debelar de todo a revolta e trazer à ordem o sempre insubmisso Gungunhana. Não se esqueceu o ex.mo comissário régio de pensar a sério no assunto, mas a minha colaboração nestes projectos — contra a minha espectativa — foi nula.

Fazendo esta declaração, não pretendo por maneira alguma formular uma queixa, que seria sem motivo (1). Não há tam-

(1) Lei alguma obriga o chefe superior a chamar a cooperação do chefe do estado maior para a concepção do plano de operações.

bém, nestas palavras, o mais ligeiro assomo de vaidade ferida, ou de desgôsto por ver idéas próprias menos-prezadas. Chegado há pouco tempo à África, não tinha, nem podia ter, pretensões a achar soluções diferentes das que tinham sido apresentadas pelo major Caldas Xavier, ou das que tinha em mente o ex.mo comissário régio, que aliava ao seu elevado critério e grande ilustração, experiência e conhecimento do país e seus habitantes, que eu mal tinha visto e conhecido.

O meu fim é só informar, com verdade, do que me foi ordenado e do modo como me desempenhei dessas ordens.

Além do expediente ordinário, que absorvia uma parte importante do meu tempo, duas vezes saí de Lourenço Marques a-fim-de dirigir o estabelecimento de postos militares na embocadura do Incomati. Montei o da Xefina Grande, cousa que se fez sem trabalho nem perigo, e fiz um prévio reconhecimento à Xefina Pequena, embarcado na lancha *Bacamarte*. Escolhi a ponta norte da ilha, mas sendo esta muito matosa, propus incendiar o mato mais próximo com petróleo, processo que não serve para grandes extensões, mas susceptível de dar um desbaste rápido, em terreno limitado, como prova a experiência, por exemplo, nas linhas de Cotonu (guerra do Dahomé).

Não pude assistir à colocação do pôsto por ter de partir para Inhambane, mas voltei ainda segunda vez à ilha, a-fim-de começar os trabalhos preparatórios, o que obrigou a *Bacamarte* a recolher ao pôrto com viagem tormentosa e em grande e iminente risco de se virar.

A 14 ou 15 de Março ordenava-me o ex.mo comissário régio que formulasse um projecto de divisão das fôrças expedicionárias em três colunas destinadas a invadir o país de Gaza, segundo os seus planos (1).

Fiz uma espécie de ante-projecto, que mostrei ao mesmo

(1) O plano de campanha do ex.mo comissário régio tem já tido larga publicação, por isso me dispenso de fornecer nova cópia.

senhor na véspera da minha partida para Inhambane. Esta divisão de fôrças não foi mantida por causas superiores, mas por ela me guiei em alguns trabalhos feitos em Inhambane, por ignorar que tivesse sido alterada.

II

Desde Fevereiro esperava ordem de partir para o sertão de Inhambane, a-fim-de fazer o reconhecimento do país, onde se haviam de passar os principais acontecimentos da campanha. Era esta, de-certo, a mais importante missão que me caberia em África, cuja magnitude eu compreendia, embora um pouco receoso de a empreender, se tôda a sua execução ficasse apenas dependente do meu critério.

A 6 ou 7 de Março avisava-me o ex.mo comissário régio para que me preparasse a partir para Inhambane pelo vapor *Induna*. Não segui viagem neste navio, saído a 11, por falta de lugar, e como as comunicações entre Lourenço Marques e aquêle distrito eram incertas e largamente espaçadas, determinou o ex.mo sr. conselheiro Enes fazer aprontar a corveta *Rainha de Portugal* que, além de me transportar, levaria também com o mesmo destino uma companhia do batalhão de caçadores 2.

Pelo mesmo navio ia ordem ao governador do distrito para satisfazer tôdas as requisições feitas por mim, de pessoal, material e dinheiro que coubessem nos recursos distritais. Sabendo eu, porém, quanto me seria difícil arranjar meios de transporte para mim e para o oficial que me acompanhava, o alferes de cavalaria em comissão na província, Raúl Costa, pedi e obtive licença para levar comigo dois cavalos do corpo policial de Lourenço Marques.

Ia munido de dois cronómetros e um teodolito, pertencentes

à comissão de cartografia, com os quais esperava determinar algumas coordenadas geográficas, e entre estas com mais segurança se meteriam os itinerários levantados à bússola e relógio, únicos instrumentos de que dispunha, visto outros me não terem sido fornecidos em Lisboa e nada haver na província.

Na véspera da minha partida entregava-me o ex.^{mo} sr. comissário régio umas instruções escritas, que regulavam e precisavam o meu trabalho. Recebi com verdadeira satisfação semelhante programa, não só porque assim tinha a certeza — o que era o essencial — de obter melhores resultados, como ainda porque êle punha a coberto grande parte da minha responsabilidade. Seguem as:

INSTRUÇÕES

Cópia. — «O chefe do estado maior dêste comissariado régio, capitão do corpo do estado maior, Eduardo Augusto Ferreira da Costa, partirá para Inhambane, a bordo da corveta *Rainha de Portugal,* a desempenhar os seguintes serviços:

«1.º Reconhecerá os caminhos de Maxixe ao Inharrime, de Maxixe ao Chicomo, e se êles não estiverem em estado que permita trânsito fácil de carros e viaturas, requisitará ao govêrno do distrito que os faça reparar ou renovar no mais curto praso possível.

«2.º Examinará, ou fará examinar, se o rio da Mutamba pode facilitar o transporte do pessoal e material de guerra para o Inharrime.

«3.º Estudará os meios mais prontos e económicos de transportar de Inhambane para Inharrime uma ou duas canhoneiras desarmadas em secções.

«4.º Informar-se-á de quais são os recursos de que dispõe o govêrno de Inhambane:

«*a)* Para fazer desembarcar no pôrto e transportar para a

Maxixe, com presteza e segurança o pessoal, gado e material de uma fôrça militar de 1 : 200 a 1 : 500 homens;

«*b)* Para transportar até ao Inharrime e Chicomo as bagagens, mantimentos e as munições dessa mesma fôrça. Se êsses recursos forem insuficientes, estudará e proporá os meios de prontamente adquirir outros.

«5.º Combinará com o govêrno do distrito a imediata execução de qualquer trabalho que seja necessário fazer na praia de Inhambane ou da Maxixe para facilitar o desembarque de gado, tropas e material, etc.

«6.º Depois de ter averiguado qual é o melhor caminho para uma coluna de operações se transportar de Inhambane ou da Maxixe para o Chicomo, escolherá nesse caminho os pontos em que essa coluna deverá bivacar ao fim de cada dia de marcha, e requisitará ao govêrno do distrito a pronta construção, nesses pontos, de grandes barracas de mato onde possam ser estabelecidos depósitos de víveres e abrigos para as tropas.

«7.º Se entender que as tropas devem marchar em mais de uma coluna, seguindo as colunas caminhos diferentes, em cada um dêsses caminhos fará construir os depósitos e abrigos indicados no número antecedente.

«8.º Sendo possível, reconhecerá o terreno para noroeste e oeste do rio Chicomo e, de acôrdo com o govêrno do distrito, fará abrir nêle caminhos que dêem passagem a uma coluna de operações e ao seu material.

«9.º Reconhecerá o terreno entre o pôsto militar de Chicomo e a povoação onde reside o régulo Gungunhana, se o poder fazer sem perigo de provocar hostilidades dêsse régulo.

«10.º Requisitará ao govêrno do distrito a construção em Chicomo e Inhambane de barracas de mato que possam dar abrigo às tropas e ao seu material.

«11.º Estudará os meios de, com grande presteza, estabelecer no Inharrime e no Chicomo postos militares fortificados, com absoluta segurança, e requisitará com a maior urgência os

materiais necessários para êsses trabalhos, que não haja nas localidades.

«12.º Estudará o modo de nos meses de Junho e Julho assegurar a uma coluna de operações a passagem do rio Chicomo.

«13.º Estudará o modo de estabelecer comunicações fluviais entre os postos de Inharrime e do Chicomo.

«14.º Requisitará a êste comissariado, com a maior presteza, todo o material que julgar necessário e que não haja, nem se possa obter no distrito para o desembarque e para o transporte das tropas e do seu material, bem como para os trabalhos de fortificação permanente ou passageira no Inharrime, no Chicomo ou em quaisquer outros pontos onde entender que êsses trabalhos devam ser feitos.

«Para o desempenho desta comissão, o comissionado requisitará ao governador do distrito, bem como ao comandante da *Rainha de Portugal,* todo o auxílio de pessoal, dinheiro e material que lhe fôr necessário e lhe poder ser fornecido por estes funcionários.

«Comissariado régio de Moçambique, Lourenço Marques, 17 de Março de 1895. — O comissário régio, *António Enes*».

A corveta *Rainha de Portugal* levantou ferro a 18, mas só fundeava em Inhambane a 24, levando seis dias a fazer uma viagem que demanda, a qualquer vapor de cabotagem, vinte a vinte e quatro horas; esta demora foi ocasionada pelo estado deplorável da sua máquina. Nêste próprio dia desembarquei, indo cumprimentar o sr. governador do distrito, que então era o falecido major Cró Ferreri, dando logo começo à minha missão, indagando dêste funcionáio os meios de desembarque e descarga do pôrto, meios de transporte por terra de que o distrito dispunha, e notícia dos caminhos de Inhambane e Maxixe a Cumbana e Inharrime. A esta conferência assistiu o secretário

do distrito e chefe da secção de obras públicas, o tenente de cavalaria em comissão na província, Francisco Ferreira.

Dois dias depois podia já transmitir, em carta ao ex.mo comissário régio, os esclarecimentos assim colhidos, fazendo desde logo algumas requisições. Dizia-lhe assim: «Que o pôrto dava péssimo desembarque, porque as embarcações que haviam de receber a carga dos navios fundeados ao largo não atracavam, nem mesmo na mará cheia; era preciso depois levar todos os volumes à *cabeça de preto*, sistema difícil, para o caso da expedição, que havia de trazer objectos de grande volume e pêso. A construção de uma ponte que havia de ter 300 metros, em números redondos, de extensão, era considerada pelo chefe de secção das obras públicas como demandando tempo e recursos incompatíveis com a estreiteza da época e escacez dos materiais necessários (1). Os meios de desembarque eram constituídos por lanchas dos negociantes índios, arqueando 4 a 8 toneladas de carga, e que se podiam alugar, diziam as autoridades distritais, em número de trinta ou quarenta (2).

«Meios de transporte por terra não os havia no distrito (3).

«O chefe da secção de obras públicas comprometia-se, porém, a fazer os estrados dos carros ou carretas necessários desde que lhe enviassem os rodados correspondentes, que êle muito justamente pedia fôssem de largo trilho.

«Os caminhos directos para Cumbana e Inharrime partiam da Maxixe. Os de Inhambane íam atravessar o Mutamba em vaus difíceis ou em pontes indígenas, insusceptíveis de dar passagem a cavaleiros e viaturas».

---

(1) O chefe da secção dizia já ter feito estudo e orçamento desta obra, que importaria em 70:000$000 réis. Ainda hoje, porém, estou persuadido que a companhia de engenharia, ou parte dela, enviada em Abril, logo que chegou à Africa, poderia ter dado comêço à construção de uma ponte de serviço, com madeiras do país, capaz de prestar auxílio valioso ao desembarque da coluna, que foi tão moroso e difícil.

(2) Na realidade nunca se poderam empregar mais de doze a quinze por falta de tripulação.

(3) Claro está, não nos referimos aos carregadores.

Além dêstes esclarecimentos dizia, na mesma carta, que me parecia necessário tratar desde já da aquisição de alguns batelões de descarga, rebocadores e trinta carros de bois, sendo quinze carretas boeres. Pedia ainda, segundo o alvitre do chefe das obras públicas, que fôssem enviadas vigotas e outras peças de madeiramento, a-fim-de se arranjarem pranchões e rampas móveis que facilitassem o desembarque do pessoal e gado.

Pelo mesmo tempo oficiava ao comandante da *Rainha de Portugal,* o falecido capitão de fragata Alfredo Ghira, representando-lhe que fizesse reconhecer o rio Mutamba, àcêrca das condições de navigabilidade, tonelagem líquida e calado das embarcações a empregar, necessidade ou conveniência dos rebocadores, sua espécie, etc.

Combinei ainda, antes de partir para o interior, com o governador do distrito que êle desse comêço à construção de um acampamento para a coluna na Maxixe, construção que ficaria a cargo do chefe de secção de obras públicas. Êste dissera-me que no local não abundava a água, mas que enfim esta chegava para o pessoal do corpo expedicionário; o gado, porém, teria de ir beber ao rio Bembe, a 7 quilómetros de Maxixe, pelo que lhe parecia conveniente construir o acampamento para os corpos montados a menor distância do rio. Sem tempo para fazer um estudo próprio, sob êste ponto de vista, anuí a estas indicações, mas oficiei ao governador do distrito pedindo-lhe para comunicar directamente esta resolução ao ex.^{mo} comissário régio, de quem se solicitaria todo o material necessário, tanto para êste como para outros trabalhos.

Parti a 30 para Cumbana, levando uma expedição assim organizada: sob as minhas directas ordens ía o alferes Raúl Costa, encarregado da parte material, dirigindo o serviço de carregadores, abastecimento de víveres e conservação dos instrumentos; além dêste oficial, requisitara também ao governador do distrito, o tenente graduado de cavalaria em comissão na província, Manuel Luiz Alves, comandante militar do

Inharrime. Segundo as informações que tinha, e que eu pude corroborar, êste oficial, além de inteligente e enérgico, conhecia bem todo o sul do distrito de Inhambane. Um soldado indígena servia de tratador dos cavalos e quarenta carregadores levavam os pequenos volumes de instrumentos, malas, volumes de víveres, fardos de fazenda para trocas ou permutas, etc. No Inharrime foram substituídos estes carregadores por outros tantos daquela circunscrição, aos quais se juntaram dez *cipais* ou *caçadores,* armados de Sniders, destinados ao serviço de correspondência, vigilância dos carregadores, etc. Não levava intérprete nem criados. A respeito do primeiro fôra-me dito pelo governador do distrito que não tinha um só que podesse pôr à minha disposição, mas que havendo um em cada comando militar, estes remediariam a falta. Os criados precisos foram todos arranjados pelo tenente Alves, entre o seu pessoal particular.

Antes de inserir a cópia do relatório enviado ao ex.^{mo} comissário régio, o qual mostra como compreendi e desempenhei a missão imposta pelas instruções de Março, apresentarei alguns esclarecimentos acêrca da maneira como procedi durante o reconhecimento.

Começo por dizer que não pude levantar coordenadas geográficas, porque o theodolito sofreu no transporte pelo mar ou no desembarque, desarranjo grave, que não houve meio de remediar. A respeito de instrumentos fiquei, pois, reduzido a dois elementares: a bússola e o relógio.

Entre os pontos que tinha de visitar havia já algumas carreteiras abertas, outras em comêço e vários caminhos de pé pôsto. Claro está que percorri as carreteiras feitas ou começadas, como sendo os caminhos mais próprios e fáceis da região para o transporte de colunas de tropas, e, onde elas não existiam, segui, os carreiros mais percorridos, as *ruas grandes,* como diziam os negros, embora às vezes a sua largura não fôsse superior a um metro, porque, seguindo-as, tinha a certeza de encontrar

maior número de povoações, isto é, probabilidades sérias de achar água próximo, principal necessidade das colunas em marcha, e até alguns outros recursos.

Começava as marchas ao romper do dia e prolongava-as sempre, quási, ou até ao sol posto, para chegar a alguma povoação que me permitisse arranjar sem dificuldade água e, por vezes, farinha (de milho ou mandioca) para a caravana. Durante as marchas fazia apenas um descanso de uma hora e meia a duas horas para o almôço, água e ração aos cavalos. Fazia assim jornadas de dez e até de doze horas, percorrendo a passo 30 a 60 quilómetros de caminho, o que era violento, por vezes, para os brancos (os três oficiais), a cavalo, pela ardência do sol, e mais violento ainda para os carregadores a quem, em regra, se não deve exigir mais de 20 a 25 quilómetros diários, o que não é pouco, visto que acarretam à cabeça 20 a 25 quilogramas. Não era, porém, sem motivo que eu assim os fatigava, mas sim porque entendia dever executar com a maior brevidade possível a minha tarefa, a-fim-de tomar parte noutra não menos importante e até mais consentânea com o meu lugar de chefe do estado maior do comissariado ou do comando superior — que era a organização das colunas de operações e seus serviços acessórios, organização que, conforme eu supunha, teria lugar em Lourenço Marques, onde se achavam o ex.^{mo} comissário régio e o comandante das tropas. Ora, êsse desejo de caminhar depressa foi-me, a miudo, contrariado por causas impossíveis de remover, como a doença de alguns dos membros da missão, a demora em angariar carregadores, etc. Assim estive dois dias no Chicomo, esperando notificação do residente político em Gaza de que podia entrar no país vátua, sem levantar desconfianças, conforme me era recomendado pelo n.° 9.° das instruções; dois dias na residência política referida, procurando alcançar guia que me levasse ao Chengane; quatro dias na mesma residência, de regresso dos montes Chibutzu, retido por violentas fébres do alferes Raúl Costa; oito dias em

Cumbana, de volta a Inhambane, demorado por doença minha, que completamente me impossibilitou de marchar, doença de que só rconheci e atendi a gravidade quando, em Inhambane, o cirurgião ajudante Inácio França me declarou ser uma flebite, que só por um acaso felicíssimo me não deixava inteiramente inutilizado para o resto da campanha, por falta de tratamento adequado e a tempo.

Durante as marchas seguia sempre na retaguarda da comitiva, a-fim-de prevenir a fuga ou abandono dos carregadores, e era acompanhado do tenente Alves, a quem interrogava sôbre a existência e proveniência das águas mais próximas, recursos do país, costumes e disposições dos habitantes, seu número, etc. As informações dêste inteligente oficial, conhecedor de todo o sul do distrito, eram completadas com as dos naturais a miudo interrogados.

Em Gaza houve de continuar-se êste sistema de inquérito, embora com mais circunspecção, visto estarmos em país, se não inimigo, pelo menos hostil. O residente político que era então, interinamente o conselheiro J. J. Almeida (secretário geral da companhia de Moçambique), deu-me da melhor vontade algumas informações acêrca do valor e organização militar dos vátuas, junto com alguns esclarecimentos sôbre a natureza do país, e procurou-me, do próprio Gungunhana, um guia para me levar ao Chengane. Pouco coligi fora do que me fôra incumbido pelas instruções, e êsse pouco só a mim serviu.

No distrito de Inhambane e dentro das circunscrições de Chicomo e Homoine, fiz-me também acompanhar dos respectivos comandantes militares, o segundo dos quais me deu informações interessantes. Contudo, sempre se fez sentir, a-pesar-da boa vontade e conhecimentos práticos dêstes funcionários, a falta de um bom intérprete, auxiliar, que reputo indispensável nestes reconhecimentos, quando as pessoas dêles encarregadas não tenham um conhcimento completo dos dialectos da região. Não me servi daquelles dos comandos porque, além de serem

maus, eram indispensáveis ali. Serviu-me ainda, sob êste ponto de vista, o tenente Alves, que falava alguma cousa o *mindingue* (dialecto das raças chopes, habitantes mais antigos do sul do distrito), e alguns dos seus criados e *caçadores* sabendo o *landin* (dialecto compreendido em tôda a nossa África oriental ao sul do Save e falado pelas raças má-buingela, má-cuacua, má-angune, etc., grupo da raça *bauta*, vulgarmente chamados *landins*, em Moçambique).

Quer nas estradas, quer nos caminhos, fazia uso constante da bússola, notando tôdas as variações de rumo, inscrevendo-as no livro de apontamentos, conjuntamente com a marcação do tempo gasto a percorrê-las. Tomava também notas amiudadas do aspecto da região, se era de mato denso ou espinhoso, se era terreno alagado ou arenoso, se o caminho seguia de nível ou em rampa, comprimento destas, seu grau de aspereza, etc. Os locais oferecendo água próximo e terreno desembaraçado, eram notados, na sua altura, como podendo servir para lugares de bivaques, em boas condições de segurança. Examinava e bebia tôdas as águas, a-fim-de ter indicações seguras sôbre a sua aparência e sabor, únicos caracteres que eu tinha meio de conhecer.

Para fazer a transformação do tempo em distância, calculei que o carregador, em cadência ordinária, andando mais do que o nosso infante em marcha, percorria 5 quilómetros à hora. Aumentava algum tanto a velocidade calculada, quando os via folgados e caminhando ligeiros; diminuía-a, quando êles mostravam cansaço evidente, ou no fim de longas e fatigantes marchas (1).

Além das demoras forçadas, que já referi, estive um dia

---

(1) Tive ocasião de tornar a fazer parte destas jornadas, acompanhando tropa e depois só, a cavalo. Pareceu-me sempre não me ter desviado muito da verdade, na apreciação das distâncias. O capitão Mousinho, que fez duas vezes, a cavalo, o caminho Chicomo-Cumbana, confirmou os meus cálculos de distâncias com os da sua observação.

em Cumbana e dois no comando do Inharrime, a-fim-de dar descanso a homens e cavalos, visitar os comandos, determinar as obras a fazer, etc.

Era nos dias de descanso que eu punha em ordem e passava a limpo os apontamentos da viagem, combinando ainda estes com alguns ligeiros *croquis*, tirados no caminho, e desenhava os *itinerários* que vão juntos como apêndice n.º 2 dêste relatório. Escolhia então, dos lugares próprios para bivaque, aquêles que distavam entre si uma marcha regular e que ficavam todos entre 14 e 26 quilómetros, máximo difícil de exceder em África.

As estradas já abertas, no distrito, tinham largura excessiva. Eram verdadeiras avenidas de 10 e 14 metros de largo, onde o sol, a descoberto, reverberava intensamente sôbre um solo arenoso, aumentando assim o terrível calor já próprio do clima. De resto, estas carreteiras tornavam-se de difícil abertura e custosa conservação. Às que mandei concluir, ou abrir de novo, marquei a faxa normal de 6 metros, reduzida como mínimo, onde fôsse necessário, a 4 metros. A direcção geral das estradas, já indicada antes do meu reconhecimento pelas autoridades distritais, era dada pelos pontos principais por onde elas haviam de passar. Os comandantes militares traçaram-nas por um processo muito simples, que consistiu em tomar por directriz um caminho antigo, bem conhecido e não difícil, suprimindo os variados e múltiplos lacetes em que êle se desdobrava, e que eram feitos ao sabor da fantasia do primeiro que o trilhara e provenientes também da inigualável preguiça do negro, incapaz de afastar o mais pequeno tronco para evitar novo desvio de caminho.

Durante a viagem fui ordenando a construção de postos de *étape*, preparação dos campos de bivaque, abertura de poços para água, construção e reconstrução de pontes, fortificação de Inharrime, construção do acampamento de Cumbana. As primeiras ordens verbais sôbre estes assuntos, aos comandantes militares de Cumbana, Inharrime e Chicomo, foram depois

tôdas confirmadas por escrito. (Apêndice n.º 1, documentos n.os 1 a 5).

Oficial do estado maior, procurei não esquecer, no decurso desta missão especialíssima, as necessidades da organização da coluna ou colunas que operariam nos territórios que andava percorrendo, embora nada, sôbre o assunto, me tivesse sido incumbido. Também me não esqueci de colher informações que, no meu entender, deviam fazer parte de um reconhecimento desta ordem, informações que não me eram nem foram pedidas.

Encarando os meus deveres por este prisma, escrevi do interior do distrito de Inhambane ao ex.mo comissário régio, lembrando o seguinte: «necessidade de reünir grande quantidade de medicamentos e avultado número de médicos em Inhambane, a-fim-de fazer face às exigências do serviço sanitário, que teria de tratar numerosos doentes e de estabelecer hospitais fixos, enfermarias de postos de *étape* e ambulâncias. Atendendo à falta de recursos de Inhambane e às vantagens reconhecidas dos hospitais flutuantes no tratamento do impaludismo, falei na conveniência de trazer à baía desta vila um navio, arranjado em hospital.

«Preconizava a organização do trem de combate com cavalgaduras, sobretudo muares, porque os carros de bois, único meio empregado até então, dificultavam e tornavm perigosa a marcha das colunas em país inimigo.

«O país oferecia bastante água, mas em Gaza devia desconfiar-se daquela que se poderia encontrar pelo caminho; por isso lembrava a vantagem de levar conjuntamente com o trem de combate um pequeno combóio de água, transportada a dorso, em ôdres, na razão de 3 litros por homem.

«As munições de reserva deviam ser calculadas a 50 cartuchos por homem (no trem de combate) e 40 tiros por bôca de fogo.

«A ambulância devia dispor de 20 muares a *cacolets*, pelo menos, para transporte de feridos e estropiados. Para o trans-

porte de macas lembrava angariar carregadores escolhidos, indigitando os de Quelimane, reputados os melhores da província.

«Baseando-me no projecto de divisão das fôrças em três colunas, uma das quais — subindo o Limpopo e apoderando-se da Foz de Chengane — concorreria daí com a de Inhambane contra Gaza, preconizei para esta última o emprêgo único de muares, pela dificuldade de fazer desembarcar naquele ponto viaturas pesadas. (Ao todo e para as duas colunas que segundo o projecto de divisão elaborado deviam contar 2:000 a 2:200 homens, 100 cavalos e 6 a 8 bôcas de fogo — pedi 220 muares).

«Lembrava ainda, como bom, trazer a coluna poços tubulares ou bombas filtros, a-fim-de captar águas melhores do que as que o terreno oferecia, tôdas colhidas à superfície de planícies pantanosas, em poços primitivos.

«Falei, insistindo, na necessidade de organizar desde já um bom serviço de espionagem, sempre indispensável em tôdas as guerras, e que é o melhor meio de informações nas campanhas coloniais. Acrescentava que o tenente Alves tinha, na gente da sua circunscrição, quem pudesse servir bem, sôbre êste ponto de vista, mas que para obter bom serviço era necessário pagá-lo bem.

«Aludi à conveniência de organizar e preparar as *mangas,* ou *ensacas* dos *auxiliares* indígenas do distrito, e fiz sentir a necessidade de prever ao seu sustento, caso as reünissem, porque o gafanhoto destruíra, por completo, as sementeiras de milho e seus congéneres do distrito, como eu próprio examinara e vira.»

De regresso a Inhambane, chegava de novo a Cumbana a 22 de Abril, atacado da flebite que me ia demorar oito dias. Aí tinha uma carta do sr. governador do distrito, participando-me que, por determinação do ex.mo comissário régio, o acampamento se ia levantar em Cumbana e não em Maxixe (1).

(1) As autoridades distritais, contradizendo-se a si próprias, tinham mandado dizer para o ex.mo comissário régio que não havia água potável no Maxixe, em quantidade suficiente.

O mesmo ex.mo sr. ordenara que a construção do acampamento fôsse feita de combinação entre mim e o governador. Êste último, vendo que eu não chegara a 18, como se esperava, seguiu a 20 para Inhambane, tendo prèviamente determinado a forma e dimensões do acampamento e deixado, em Cumbana, o chefe da secção de obras públicas, o qual, segundo dizia a carta, receberia e daria cumprimento a tôdas as alterações que eu entendesse dever introduzir nos seus planos.

Também já não encontrei êste último funcionário, partido a 21 para Inhambane, onde fôra formular o seu pedido de exoneração de secretário do govêrno, seguindo o exemplo do governador, que procedera do mesmo modo.

Assim, não tendo ninguém a quem me dirigir senão ao comandante militar da circunscrição, e não me conformando em coisa alguma com o projecto anterior, ordenei àquela autoridade, em nome do ex.mo comissário régio, que procedesse à construção de um novo acampamento, não estando ainda, felizmente, construído do projecto anterior senão um barracão, que foi aproveitado, e parte de outro que foi preciso desmanchar. (Apêndice n.º 1 e esbôço *A*).

A 1 de Maio podia, enfim, partir para Inhambne.

O tempo de forçada permanência em Cumbana não tinha sido desperdiçado de todo. Além de fazer o projecto do acampamento, tinha ainda confirmado por escrito, como já disse, tôdas as ordens verbalmente dadas aos comandantes militares, e ordenado ao alferes Raúl Costa que percorresse um novo itinerário entre Cumbana e a circunscrição do Chicomo, pela grande planície de N'hançune. Regressei a Inhambane, vindo pelo comando militar da Homoine, que ficava fora da região marcada ao meu estudo, mas isso permitiu-me aumentar os meus conhecimentos geográficos da região e obter mais informações de certo valor, do comandante militar desta circunscrição, o alferes Pereira da Costa, funcionário sério e conhecedor do distrito, onde servia há muito tempo.

Em 3 de Maio entrava em Inhambane, tendo em trinta e quatro dias percorrido 570 quilómetros. Se descontarmos, como deve ser, doze dias perdidos por doenças, vemos que, durante vinte e um dias, compreendidos os descansos, fizemos uma marcha média de 26 quilómetros. Sem contar os dias de repouso, aplicados sempre a trabalhos de gabinete, a marcha média atinge o valor de 38 quilómetros. Vê-se assim que o trabalho material, executando um reconhecimento de fins múltiplos, não foi isento de certa violência.

A despesa com sustento e salários da caravana, gratificação a guias e a régulos, e ração de 3 cavalos, foi de 250$000 réis.

Terminara a minha viagem, doente, tendo sofrido contrariedades e fadigas, mas cônscio de ter cumprido, dentro das minhas faculdades, a missão imposta.

Esta, porém, só se tornara exeqüível pela dedicação e préstimo dos oficiais que me acompanharam.

O alferes Costa pusera a amizade fraternal em auxilio do seu heróico ânimo e robustez física. Coadjuvara-me dedicadamente na direcção material da expedição e soubera até substituir-me, com critério, no reconhecimento do Nhançune.

O tenente Alves, por seu lado, forte e sagaz, prestigioso já entre os negros do sul do distrito, soubera desembaraçar-me de todos os entraves que em geral entorpecem a acção de um viajante inexperiente em África, e pôde, pelas suas informações, sempre verídicas e sensatas, dar-me bases para muitas das minhas propostas e providências. Ambos me prestaram inestimáveis serviços, no reconhecimento dos quais eu presto aqui sincera homenagem de agradecimento.

Propunha-me, terminado o reconhecimento, seguir para Lourenço Marques, onde a minha presença, como chefe do estado maior, me parecia necessária; pelo menos útil. Lá daria conta da maneira como desempenhara a missão de que fôra incumbido.

A 3 de Maio, porém, desembarcava em Inhambane um

governador do distrito, o major do exército da província, Jaime Ferreira, que me comunicava, em nome do ex.mo coronel Galhardo, ter sido eu nomeado chefe do estado maior da brigada de operações que por decreto de 16 de Abril fôra organizada com tôdas as fôrças militares existentes ao sul do Save. Era-me ao mesmo tempo ordenado que esperasse em Inhambane a chegada do ex.mo coronel. Tanto a comunicação como a ordem eram verbais, mas a posição oficial de quem mas transmitia dispensava uma ratificação escrita.

Fiquei, pois, e considerei-me chefe do estado maior da brigada, mas não assumi, nem procedi a respeito das autoridades militares do distrito, como se o fôsse, sem ter obtido um documento escrito que pudesse confirmar as declarações verbais. Ao mesmo tempo senti justos melindres, que me parecem justificados, de continuar a considerar-me como chefe do estado maior do comissariado régio, lugar de que me julgava exonerado, embora nenhuma comunicação oficial me tivesse sido dirigida neste sentido.

Nesta situação embaraçosa conservei-me em Inhambane até ao dia 4 de Junho, chegada do batalhão de caçadores n.º 3 e do ex.mo coronel Galhardo. Na véspera tinha, enfim, recebido uma nota oficial do mesmo ex.mo coronel, participndo-me ter eu sido nomeado chefe do estado maior da brigada, nota que imediatamente transmiti às autoridades militares do distrito.

A estação forçada em Inhambane não foi contudo desaproveitada. Em primeiro lugar, tratei de fazer ao ex.mo comissário régio um relatório que explicasse e ampliasse as notícias dadas por cartas, e que fôsse ao mesmo tempo o escrito oficial, ressalvando, ou confirmando, as minhas responsabilidades.

Segue cópia do relatório, suprimindo apenas uma espécie de introdução e o final, sem importância para êste trabalho. No relatório respondi número a número às instruções de Março que, como já foram exaradas, não repetirei.

Cópia. — «1.º Entendi que devia reconhecer os principais caminhos — as carreteiras — embora entre cada dois dêstes pontos haja vários carreiros sinuosos e nada fáceis, feitos ao capricho do primeiro que os trilhou e ao sabor das imposições de um mato espesso e emaranhado. Tôdas estas estradas estavam em construção, trabalhando-se nelas activamente; contudo, entendi que devia instar pela sua conclusão até 20 de Maio e, nesse sentido, dei em nome de v. ex.ª ordens verbais e terminantes aos respectivos comandantes militares, ordens que mais tarde confirmei por escrito.

«Direi a v. ex.ª que procedi dêste modo — que à primeira vista poderia passar por menos conveniente em relação ao governador — depois de ter oficiado a êste funcionário (documento n.º 1) (1), solicitando-lhe que determinasse aos comandantes militares que me prestassem todo o auxílio possível. Respondeu-me verbalmente o governador que ordenára nesse sentido, e assim o fez (documento n.º 2), de modo que todos os comandantes militares se declararam prontos, visto a ordem recebida, a satisfazer tôdas as minhas requisições.

«2.º Não me julguei com os conhecimentos técnicos suficientes para proceder pessoalmente a êste estudo, por isso, usando da autorização que v. ex.ª me concedia pelas instruções, requisitei ao comando da *Rainha de Portugal* que o mandasse fazer por oficiais de marinha seus subordinados (documento n.º 3).

«Pelo relatório que êles apresentaram e que vai apenso a êste relatório (documento n.º 4), verá v. ex.ª que a navegação ver-

(1) Estes documentos, a que o relatório se refere, não são transcritos por não oferecerem interêsse. São meras comunicações, pedindo, requisitando, etc. O estudo da minha missão faz-se com o relatório transcrito, o resumo das cartas enviadas durante ela e os apêndices n.os 1 e 2.

dadeiramente aproveitável do Mutamba não vai além da Mutamba e precisa empregar rebocadores da fôrça de 8 a 10 cavalos, curtos, e do modêlo dos vapores alemãis da Union Star Line. Neste mesmo rio poderão êles rebocar duas lanchas com as dimensões de 10 metros, $2^{m},3$ e $0^{m},95$ e com a tonelagem de 3,1.

«3.° Ignoro, por completo, o pêso de cada secção ou quartelada. Havendo, porém, estrada aberta e larga entre a Maxixe e o Inharrime (hoje concluída ou em via de conclusão), sem declives ásperos, sem curvas apertadas, presumo que não haja dificuldades neste transporte. — Cada carreta *boer* transporta, segundo é opinião geral, 2 toneladas ou 1 ½. Se as secções em quarteladas não tiverem maior pêso, poderão ser transportadas por esta espécie de carros.

Flutua no Inharrime uma lancha de madeira bastante grande que para ali foi transportada do seguinte modo: o dono pediu, ou alugou à câmara o seu material Decauville, assentou a pequena porção de linha assim arranjada (poucas centenas de metros) e em duas zorras fez transportar a lancha; logo que chegava ao fim do trôço assente, levantava o resto da linha e estabelecia novo lanço que era percorrido de maneira idêntica.

«Êste processo é, de certeza, muito moroso, mas tornar-se-ia bastante prático se em vez de centenas de metros de via se empregassem alguns quilómetros (1).

«4.° Logo que cheguei a esta vila tratei de me informar — junto do governador do distrito — acêrca dos objectos de que trata êste quesito. Foi-me dito em resposta, que não havia re-

(1) Infelizmente fazia assim um cálculo optimista. As carretas *boers* enviadas, sem carreiros, nem gado bom, nunca poderam tirar 1:500 quilogramas, a-pesar-de carregarem em regiões idênticas, quando bem servidas, 2 toneladas. Foi enviada mais tarde para o Inharrime uma pequena lancha a vapor, máquina separada. A lancha era de ferro; ignoro o seu pêso, mas o do casco não seria inferior a tonelada e meia. Foi em duas zôrras Decauville, empurradas por pretos, mas sem seguir por cima dos *rails*, segundo creio. O seu transporte gastou dois mêses, sendo um inteiramente perdido por causa do empreiteiro particular.

cursos de espécie alguma, não só para o desembarque como para o transporte dos mantimentos, etc.

«Mas tarde, e partindo para o mato, oficiei neste mesmo sentido (documento n.º 5), e para não dilatar soluções pedi, ao mesmo tempo, fôsse comunicada a v. ex.ª a fraqueza dos recursos existentes e a nota de tudo quanto se carecia. Contudo, como v. ex.ª sabe, em carta que tive a honra de lhe dirigir, expunha a situação e propunha os meios que julgava necessários. Ainda hoje estou convencido de que não pedi de mais e julgo necessário que haja aqui o seguinte:

«Rebocadores do tipo indicado no relatório dos oficiais de marinha, e 4 lanchões ou batelões, com as dimensões marcadas pelo referido documento (1).

«30 carros, no mínimo, sendo 15 carretas *boers*. Nenhum inconveniente há em aumentar êste número. Para estes 30 carros são precisos — contando com 8 juntas para cada carreta e 3 para cada carro (pêso 500 quilogramas) — 230 bois.

«Acho necessário que haja uma reserva de um terço no mínimo, o que eleva êste número a 306 cabeças de gado (2).

«O rio da Mutamba pode e deve ser auxiliar de valor na organização da linha de comunicações, para estabelecer um grande depósito em Cumbana. Os carros podem levar os abastecimentos da Mutamba para Cumbana, mas simplificar-se-ia muito serviço desembaraçando os carros que tão preciosos são, se fôsse estabelecida uma linha Decauville — entre estes dois

---

(1) As lanchas a vapor enviadas para Inhambane não eram do modêlo indicado; calavam 1m,20, o que as punha em sérias dificuldades na passagem da foz do Mutamba. Os batelões enviados, em número de dois, cubavam 40 a 50 toneladas de carga. Eram demasiadamente grandes para o serviço. Um dêles, de quilha, nunca pôde servir no Mutamba, e mesmo no pôrto servia mal.

(2) Os trinta carros pedidos foram enviados com duzentos e quarenta bois sòmente. Não vieram carreiros. Semelhantes factos importaram a inutilização das carretas e a necessidade de reorganizar os meios de transporte. Segundo o major Caldas Xavier, a coluna precisava de setenta e cinco carros pequenos carregando 35 toneladas. Os trinta que eu pedira em regulares condições, carregavam 30 toneladas. Era êsse o mínimo indicado.

pontos — o que não oferece dificuldades técnicas. Consultei, sôbre isto, o chefe da sub-secção das obras públicas, pessoa idónea, não só pelo seu grau no funcionalismo, como pela sua reconhecida competência profissional, e êle corroborou a minha presunção. O mesmo funcionário disse que há em Lourenço Marques uma locomotiva Decauville, que aqui poderia prestar magnífico serviço.

«5.º O governador do distrito, ouvindo o chefe da sub-secção de obras públicas, foi de parecer que uma ponte de madeira, embora fôsse o melhor meio de facilitar o desembarque, ofereceria sérias dificuldades de construção, atenta a extensão que seria necessário dar-lhe e a dificuldade de arranjar, a tempo, o material preciso. Alvitrou-se que seria talvez suficiente o emprêgo de grandes sólidos pranchões de madeira que, atravessados entre as barcaças e a praia, dariam passagem ao pessoal, animal e material. Conforme o meu ofício já citado (documento n.º 5) ficou-se de pedir a v. ex.ª os materiais necessários para estas obras. Como, porém, se resolveu que as tropas acampassem em Cumbana, tornou-se o caso mais simples (1), porque as tropas e material seguirão pelo rio até Mutamba, de onde em quatro horas de marcha alcançam Cumbana.

«Contudo, a cavalaria e todo o outro gado deve desembarcar na Maxixe, para não andar em sucessivos trasbordos, mas esta operação não oferece dificuldades que exijam construções especiais.

---

(1) A simplificação que eu assim presupunha, tornou-se em complicações maiores. Julgava eu que, precedendo as tropas, viriam os rebocadores, víveres e outro material e que tudo iria seguindo pelo Mutamba, sucessivamente. Esperava também que o transporte, conduzindo as tropas, se demorasse na baía de Inhambane o tempo necessário ao envio, fracção por fracção, das fôrças nêle embarcadas, para Cumbana. Nada disto se deu: tropas, rebocadores e material chegaram simultâneamente. O vapor *Ambaca* demorou-se apenas dois dias. O vapor *General* chegado oito dias depois, apenas se demorou um. Dêste modo tudo se desembarcou em Inhambane, onde faltavam acomodações, sendo necessário improvisar um acampamento, não previsto, etc. A acumulação excessiva e a falta de meios de transporte fluviais e terrestres demoraram desde logo e muito a concentração em Cumbana.

«Esta nova resolução dá origem a alguns trabalhos na Mutamba, e por isso pedi a sua execução, enumerando-os ao sr. governador do distrito pelo meu ofício n.º 13 (documento n.º 6).

«6.º Começarei por dizer que de Inhambane não há caminho algum que sirva para a marcha de uma coluna composta de tôdas as armas, porque todos os existentes atravessam o Mutamba em pontes que só e mal servem para peões, não sendo possível, sem grande dispêndio e tempo considerável, melhorá-las de modo a bastarem a um caso dêstes (1).

«Portanto, ficam só as que partem do Maxixe ou antes de Cumbana, visto que êste local se tornou o ponto de partida e o acampamento provisório da coluna. Julgo que não há vantagem alguma, nem tática nem política, em fazer passar a coluna pelo comando do Inharrime, volta esta que alonga o percurso de Cumbana a Chicomo, de duas marchas.

«Quis ainda ver uma variante entre Cumbana e o Guambá Grande, pelo Inhaçune (o caminho directo não atravessa esta planície, como erradamente me tinham informado), impossibilitado, porém, de montar a cavalo, por doença, quando regressei a Cumbana, encarreguei dêste serviço o alferes Raúl Costa, que me acompanhava.

«O itinerário que me apresentou habilita-me a conhecer esta variante.

«Não tive dúvida em escolher para o caminho da coluna a estrada directa de Cumbana a Chicomo, pelo Mocumbi e Guambá Grande. É o caminho mais curto; sendo o único que pode ser feito em estrada aberta, logo que se concluam os trabalhos mandados executar na circunscrição do Chicomo (que devem estar concluídos a 20 do corrente); percorre-se um país de mais recursos e de maior população, tôda ela fiel e bem

---

(1) Os cavalos, contra o que eu supunha e fôra combinado com o governador Ferreri, desembarcaram em Inhambane e não na Maxixe, sendo, por isso, obrigados a atravessar o vau de Cobane, na foz do Mutamba, com dificuldades e perigos.

disposta; finalmente, é a direcção mais provável de uma invasão vátua, o que se explica pelos motivos expostos e o que se prova pela experiência passada.

«Conforme se detemina neste quesito, escolhi neste caminho sucessivos pontos de *étape* (obedecendo em primeiro lugar à condição de haver água próximo), e neles mandei levantar barracões de mato para arrecadação de géneros e procedi à abertura de poços para água. Embora me fôsse também determinado mandar fazer abrigos para as tropas, tomei sôbre mim a responsabilidade de não dar esta ordem, porque reconheci a impossibilidade material da sua execução. Um exemplo basta para o provar. Os alojamentos de Cumbana, todos em mato (1), são construídos em trinta dias e empregando cêrca de oitocentos negros (2). Foi preciso pedir gente às outras circunscrições, muito abarbadas com a abertura das estradas, ainda muito atrazadas quando eu passei. Repetir, estes trabalhos, embora aligeirados em mais seis pontos de *étape* era inteiramente impossível, como se vê.

«De resto, desde que se ultrapasse Chicomo, entra-se em país inimigo. A guerra começará talvez aí. Pode ser uma campanha duradoura e expôr as tropas, durante muitas noites, ao clima africano, sem um ligeiro abrigo, é condená-las a um rápido esfacelamento. Torna-se, portanto, indispensável uma tenda-abrigo, mais ou menos perfeita, e, havendo-a, ela servirá nos pontos de *étape,* situados no nosso território.

«Como esta última informação sôbre êste assunto, comunico a v. ex.ª que escolhi, entre Cumbana e Chicomo, cinco pontos de *étape,* todos êles distantes entre si quatro a sete horas para

---

(1) Isto é, com os recursos do mato: árvores, de que se aproveitam os troncos para prumos e traves, caniço e capim para revestimento de paredes.

(2) Na verdade a conclusão dos acampamentos prolongou-se muito além do prazo que eu presumia. Começado a 25 ou 26 de Abril, só estava concluído depois de 10 de Junho. Quando estariam prontos os seis acampamentos, embora mais pequenos?

a infantaria (sete horas é um máximo que espero não será atingido, salvo caso de combate (1).

«Entendo ainda que se não deve mandar géneros para além de Coguno, povoação do régulo de Guambá Grande, porque ficam inteiramente expostos a um golpe de mão dos vátuas que, em um dia de marcha, vencem estas duas *étapes* das nossas tropas.

«7.º Só uma causa, além da impossibilidade natural, justificaria, enquanto a mim, a divisão de uma coluna com o efectivo de mil e quinhentos homens, a necessidade de produzir um efeito moral. Ora o régulo mais poderoso e aproveitável da circunscrição de Inharrime, por onde poderia ir a segunda coluna, é o de Mocumby, que é atravessado pelo caminho directo de Cumbana ao Chicomo e é exactamente neste último caminho que se encontram as povoações de Inharrime, isto é, as povoações dos valentes landins (2) de Binguana, a tanto custo vencidos pelos vátuas. Portanto, desaparece o único motivo para a divisão da fôrça.

«8.º O terreno para oeste do Chicomo é proximamente o compreendido entre o comando, Manjacaze e foz do Chengane. Fiz o reconhecimento dêste terreno todo em território vátua, o que me habilitou a estabelecer com segurança os itinerários do Chicomo à foz do Chengane, por Manjacaze (3).

---

(1) A segunda marcha de Cumbana ao Chicomo, entre Jane e Chiosane, chegou a levar dez a onze horas de caminho, na mais completa tranqüilidade. O facto, porém, foi devido, sobretudo, à morosidade dos carros que acompanhavam a coluna, de alguns dos quais se tornava indispensável a presença, como a ambulância.

(2) A apelidação de valentes, que assim dava a esta gente, baseava-se nas informações das pessoas mais conhecedoras do distrito e das suas lutas, como o negociante Rosa, que percorreu durante muitos anos os sertões de Inhambane. Infelizmente, o procedimento desta gente, na expedição a Manjacaze, provou que tinha perdido, por completo, as suas qualidades guerreiras, se algum dia as tivera.

(3) A coluna que dera a batalha de Coolela, e destruíu Manjacaze, não seguiu êste caminho, mas sim outro mais fácil. Os meus guias, as informações da gente do tenente Alves e as do residente político, conselheiro Almeida, tinham,

Queria eu, em seguida, subir o Chengane até a altura de Magandane (povoação do grande chefe macuacua Panda, que obedece ao Gungunhana), e daí seguir directamente para o Chicomo. Teria assim reconhecido o terreno a noroeste do rio. Dificuldades e impertinências, levantadas e feitas por um guia vátua, e nas quais julguei ver indícios da má vontade do Gungunhana, fizeram-me desistir, em obediência ao prescrito no número seguinte, de continuar neste trajecto. Podia, é claro, entestar de Chicomo directamente para noroeste, mas é certo que, em um dia de marcha, estava outra vez em território vátua (macuacuas) e esta insistência fàcilmente iria levantar as suspeitas de um homem, já de sua natureza desconfiado e agora duplamente em guarda, pelo que lhe diz a sua própria consciência, e lhe é repetido por agentes de potências rivais, se não inimigas, como a «South African Company».

«Também não pensei em fazer abrir caminhos nesta direcção. Além da impossibilidade de agora arranjar gente para trabalhar numa região deserta e sem recursos, como é a parte do Inhaçune, que assim se atravessa, acresce a circunstância dêste terreno não oferecer dificuldades à passagem de tropas. É certo ainda, pelo que vi e ouvi do país macuacua, que não há vantagem em dirigir operações de tropas regulares por esta direcção.

«9.º A resposta a êste quesito já foi dada anteriormente. Aqui só tenho a acrescentar que, em harmonia com esta prescrição, preguntei ao residente político em Gaza se poderia entrar no país sem levantar suspeitas. Foi depois da sua resposta afirmativa que me julguei habilitado a prosseguir para Manjacaze.

«10.º Nada mandei fazer no Chicomo, e é repetir-me dizer

---

porém, dito que era aquêle o *único* capaz de dar passagem a tropas entre Chicomo e Manjacaze. Semelhante contradição com a verdade dos factos proveio, segundo cálculo, de estar nesta época, princípios de Abril, inteiramente inundado o caminho por onde a coluna pôde seguir em Novembro. Contudo, o reconhecimento deu indicações gerais sôbre aspecto do país, existência e qualidade das águas, etc., além de esclarecimentos importantes sôbre a foz do Chengane. (Apêndice n.º 2).

que entendo ser trabalho perdido todo aquêle que se executa na sede dêste comando, sem guarnição, nem defesa, num país inteiramente deserto do lado do nosso domínio. Os trabalhos mandados fazer no Inharrime são descritos no outro artigo (1).

«11.º No Inharrime mandei fazer um reduto de terra, reforçado por uma palissada no alto a cavaleiro do comando, alto já escolhido para nova posição dêste, visto que a actual era defeituosa. Esta fortificação é bastante, creio eu, para resistir a todos os ataques dos negros, principalmente reforçando-a com abatizes, para os quais sobeja o material, e empregando, em larga escala, o fio de ferro.

«Renovo agora o pedido já feito de para aqui ser enviada enorme quantidade dêste tão excelente, quanto simples meio de defeza. Indiquei também os alojamentos a fazer, no interior dêste reduto, para a sua guarnição. Como há pedra próximo, é possível, e para isso se esforça o respectivo comandante militar, substituir os taludes de terra por muros de alvenaria; contudo não sei se êste trabalho pode ser feito desde já.

«Pelas razões já expostas, no Chimoco limitei-me a mandar limpar uma larga zona de mato, no alto a cavaleiro do comando. Aí se estabelecerá, quando a coluna passar e nas condições do pôsto de Inharrime, um pôsto fortificado susceptível de larga resistência. A existência de pedra, não longe, torna também possível levá-lo mais tarde a um estado de formidável defesa (2).

«12.º O rio a que aqui se referem as instruções é evidente-

---

(1) Os tais trabalhos de alvenaria **nunca foram executados**, não se tendo fornecido os meios necessários para isso. Sobretudo era preciso pessoal que nunca existiu.

(2) Por pedra, devemos entender um calcáreo, brando e friável, que se encontra em alguns pontos das margens do Inharrime. Não há outra espécie de pedra. Nunca se procedeu o estes trabalhos, que, de resto, encontravam grandes dificuldades de assentar os alicerces num terreno silicioso, de areia fina e movediça em extremo.

mente o que vem designado nas cartas pelo Manguanhana (1), que passa junto do comando do Chicomo e que, na verdade, não é outro senão o Inharrime, ainda estreito e pequeno, como ribeira interior. Em face do comando há um vau; passei-o à ida para Gaza, com água pelos peitos dos cavalos; na volta estava o rio engrossado com dois dias de chuva torrencial e a água dava pelo pescoço a homens de estatura regular.

«Segundo, porém, me informaram e se infere do que vi, deve, na época designada, dar vau a tôdas as armas. É conveniente, contudo, arranjar uma pequena ponte de cavaletes, fácil de armar em fundo pouco lodoso, como o dêste vau. Há muitas árvores na margem, mas dão madeira de má qualidade, pelo que julgo prudente que, no material de engenharia, venham algumas longrinas e mais madeira, que não só servirão aqui, como mais tarde, perto de Manjacaze, atravessando outra vez o mesmo rio (2).

«O Chiicomo das cartas é um riacho insignificante, cujo leito tem fundo firme e que dá passagem fácil a tôdas as armas.

«13.º O Inharrime é um rio largo e profundo, navegável até próximo do comando de Chicomo. Comtudo, a sua falta de comunicações com a costa e a distância a que o comando do Inharrime se acha de outra via fluvial ou marítima, diminuem muito, no meu entender, o seu valor aproveitável. Empregar

---

(1) Pratiquei aqui um êrro, devido a defeitos da carta e à má informação do comandante militar de Chicomo. Chamei Manguanhana ao que já é efectivamente Chicomo. O Manguanhana, afluente dêste último, tem a sua foz a montante do comando e a NNO. dêle.

(2) Em Novembro, e desde Setembro, o Chicomo não levava água que cobrisse os joelhos de um infante. Contudo, julgou-se necessário fazer uma pequena ponte de cavaletes. A engenharia, porém, não levava as madeiras em que eu tinha falado, tendo então de se esperar que viessem umas encomendadas de Inhambane. O vau do Manguanhana, perto de Manjacaze, não ofereceu as dificuldades que eu esperava apresentasse o seu fundo lodoso à passagem das carretas, e que certamente se dariam em época menos sêca, Julho ou Agôsto.

nêle, nestas condições, duas lanchas-canhoneiras cujo transporte, a-pesar-de tudo, há-de levar tempo e cujo emprêgo não é isento de inconvenientes, em razão do estado em que se acha a foz e as dificuldades de aí as armar, etc., é talvez perder o efeito proveitoso destas embarcações utilíssimas em pontos mais adequados. Se, porém, se fizer flutuar no Inharrime dois pequenos rebocadores, mais ou menos protegidos, e meia dúzia de lanchas ou batelões não muito grandes, então o Inharrime pode ainda prestar serviços, sobretudo sob o ponto de vista sanitário, desde que se organise um hospital provisório ou enfermaria, dentro do comando dêste nome (1).

«14.ª À medida que ía prosseguindo na minha missão ía pedindo a v. ex.ª o que se me afigurava necessário. Neste relatório repito, confirmando, ou alterando ligeiramente, o que já fôra dito. As fortificações do Inharrime, Chicomo e Cumbana não exigem, no meu entender, outro material estranho que não seja fio de arame e alguma madeira. Seria, porém, conveniente mandar para aqui alguns pedreiros, que mais tarde, ou desde já, se entregassem aos trabalhos a levantar naqueles dois pontos» (2).

Êste relatório, com a data de 10 de Maio, foi imediatamente enviado ao ex.mo comissário régio.

A minha missão estava cumprida, se me quisesse cingir à

---

(1) Conformou-se com êste modo de ver o ex.mo conselheiro Enes. Infelizmente, por falta de recursos, só um rebocador, e já tarde, navegou no Inharrime. Não era protegido, o que poderia ter tido inconvenientes se os vátuas se lembrassem de o hostilizar da margem que lhe pertencia, e donde, às vezes, o pequeno vapor era obrigado a passar próximo, a-pesar da grande largura do rio. Rebocava duas lanchas, de quilha, alugadas, transportando juntas 20 toneladas. O major Caldas Xavier mandou também fazer três chatas, metendo 4 a 6 toneladas, mas só tarde; em fins de Outubro estavam tôdas em serviço. O transporte de víveres não melhorou muito, como eu previra, com o emprêgo do rio, porque se era obrigado a levá-los por carregadores até ao Inharrime, desde a Mutamba, 75 quilómetros, e desembarcá-los em Assuba, para carros e carregadores até Chicomo, 20 quilómetros. A-pesar de haver enfermaria no Inharrime, como a evacuação se fez tôda de uma vez, não pôde o rio prestar os serviços que, sob êste ponto de vista, havia a esperar, embora ainda assim tivesse sido um precioso auxiliar.

(2) Nunca foram enviados estes operários.

letra das Instruções e, neste caso, tinha apenas de esperar ordens do ex.mo coronel Galhardo, ordens que só me chegaram no fim de Maio. Entendi, porém, que não estava desobrigado moralmente de contribuir por todos os modos ao meu alcance para o bom resultado da campanha que se ía encetar. Foi por êste motivo que tornei a lembrar, em carta particular, ao ex.mo coronel, tudo quanto tinha pedido já ao ex.mo sr. comissário régio, e mais alguns outros objectos que me pareceram necessários. Ao mesmo tempo e antes de enviar os itinerários expedidos (que constituem o apêdice n.º 2), tratei de descrever em carta, de um modo muito sumário e da maneira mais clara que me foi possível, o teatro das futuras operações.

As cousas, de novo pedidas, foram as seguintes: lanternas de furta-fogo com vidros de várias côres para rondas nocturnas e seu fácil reconhecimento (10 por coluna), fachos de sinais, composições iluminantes, etc., que, se não serviam para iluminar o campo exterior, o que é o melhor meio de segurança nocturna, podiam, contudo, ser empregados como sinais de aviso e para aterrorizar os indígenas.

Pedi também explosivos para fornilhos e abate de ramos, assim como requisitei ferramenta própria para abrir mato, como machadinhas, machetes, etc.

Falei da vantagem de trazer fornos metálicos de campanha, lembrando até umas palavras do ex.mo comissário régio, em que êste senhor tinha mostrado desejo de os mandar comprar a Marselha.

Era preciso reorganizar a secção de padaria, ida de Lisboa com caçadores 2, a qual, segundo me dizia o segundo oficial Lopes de Macedo, se achava já dispersa e desorganizada. Lembrei a conveniência de distribuir alpercatas aos soldados. Sabendo, enfim, por informações colhidas em Inhambane, que havia no distrito pouco gado vacum, preconizei a necessidade de se encontrar o fornecimento de bois para consumo em Lourenço Marques, propondo desde logo uma compra de trezentos

bois que, atendendo à sua pequenez, não dariam mais do que trinta e cinco a quarenta dias de consumo, durante os quais se iriam juntando e conhecendo os verdadeiros recursos de Inhambane. Lembrei, finalmente, a indispensabilidade das tropas trazerem uma tenda-abrigo, ou cousa que melhor ou pior a substituísse (1).

Coligira algumas informações acêrca do número e arma-

---

(1) À medida que ia dando cópia do meu relatório acêrca da missão a Inhambane, fui em notas elucidando sôbre o resultado e a solução das propostas que o formam. É agora ocasião de proceder idênticamente com respeito às cartas enviadas aos ex.mos comissário régio e comandante da expedição.

Médicos e medicamentos foram sempre escassos. Faltaram os primeiros para a organização de postos sanitários necessários e para acompanharem algumas colunas em marcha. Chegou a faltar o quinino, tão preciso em África como o alimento. Não houve hospital flutuante, tendo de se arvorar em hospital o quartel do batalhão indígena ainda em construção, mas oferecendo duas boas casernas, acomodando cento e cinquenta doentes. Contudo, êste hospital não teria chegado, se as evacuações do Chicomo se tivessem feito de uma maneira regular, o que não era possível por falta dos meios de transporte adequados.

Não se mandou comprar muares, como eu pedia, para o trem de combate. Segundo me constou, havia dificuldade em as adquirir no Natal, e, ao mesmo tempo, receiava-se que a *horsesickness* as vitimasse em grande número. Pena foi que se não tivesse procurado alcançá-las na Abissínia, Egipto, Índia, etc., porque na verdade, como provou a experiência desta guerra, elas resistem muito melhor do que os cavalos; formando com elas o *trem de combate* e um pequeno combóio, ter-se-ia conseguido organizar uma coluna ligeira que poderia ter partido para o Manjacaze muito mais cêdo. A guerra terminaria então, e a cavalaria, ainda com numerosos e fortes elementos, talvez tivesse agarrado logo o Gungunhana. Se, por felicidade, a cavalaria não dá por incapazes para o seu serviço uns trinta a quarenta cavalos, tornar-se-ia quási impossível montar a artilharia, que tão eficazmente auxiliou a coluna em Coolela. Não houve, claro está, muares a *cacolets*, nem se contrataram indígenas de Quelimane para as macas. Portanto, o único transporte para os feridos e doentes eram os carros. Ora, cada um dêstes transportava, quando muito, oito homens sentados, de modo que foi sempre impossível arranjar descanso e repouso aos estropiados e aos doentes de casos ligeiros. A coluna, estacionada três meses e meio em Chicomo, muito sentiu a falta de poços tubulares, ou bombas-filtros, que lhe permitissem fazer uso de uma água menos inquinada do que aquela que era possível obter à superfície dos pântanos. Os filtros Maillié, enviados em grande quantidade, apenas prestaram serviço nas enfermarias, farmácias e para alguns oficiais. Além da sua fragilidade, que os torna incómodos e de difícil transporte, são de fraquíssimo rendimento e nada próprios para postos de tropa ou acampamento. O serviço de espionagem nunca foi organizado, a-pesar da minha proposta neste sentido. Contudo, a pedido meu, o governador do distrito encarregou o tenente

mento das fôrças vátuas, assim como daquelas de que dispunham os régulos fiéis de Inhambane; informações que não eram de inteira confiança, como não são, vez alguma, as desta espécie, mas que, enfim, eram as mais seguras que eu tinha podido alcançar.

O conselheiro Almeida, tendo residido largos anos em Gaza e conhecendo bem os vátuas, dissera-me que as suas *mangas* de

---

Alves de alcançar informações acêrca do Gungunhana e seus projectos, visto que no país de Gaza havia muita gente *chope* aparentada e ligada à da circunscrição de Inharrime.

Êste prestimoso oficial esforçou-se quanto em si coube para bem se desempenhar do encargo e, pode dizer-se sem exagêro, que foi, graças a êle, que o comando teve conhecimento das principais disposições das fôrças vátuas. Faltou, porém, muito já se vê, para ser uma espionagem a sério.

Os auxiliares indígenas para nada serviram. Não foram precisos, mas tendo sido mandados reünir em Chicomo, aí apareceram alguns milhares de homens que, poucos dias depois, desertaram em massa, com certeza impelidos pelo mêdo dos vátuas, mas alegando, infelizmente com verdade, que não tinham de comer. Reconheceu-se assim a justeza de uma das minhas informações, comprovada além disso pela escassez de forragens com que sempre se lutou.

Escuso de encarecer a vantagem das lanternas pedidas, de mais a mais sabendo-se a péssima qualidade das que fazem parte do material de bivaque. Assim o entendeu o ex.mo coronel comandante, comprando tôdas as existentes no mercado de Lourenço Marques, quatro.

Nada se reüniu na província de aproveitável a respeito de fachos de sinais, etc. Felizmente substituíram-nos quatro belas lanternas compradas no Natal pelo capitão Machado e tenente Ornelas, que iluminavam a 50 ou 60 metros de distância, e que muito contribuíram para a segurança nocturna da coluna no Chicomo.

Nunca houve explosivos. Lutou-se sempre com falta de boa e numerosa ferramenta para abate de árvores e corte de mato, circunstância que muito demorou a construçãço do reduto de Chicomo, onde se empregaram alguns milhares de estacas. Sem fornos metálicos, nem meio de os fazer de terra, numa região muito arenosa, a coluna teve de se abster de pão fresco desde que saíu de Inhambane, o que ocasionou, no parecer dos médicos, grande parte das disenterias que tanto incomodaram as tropas.

Foi atendido o meu pedido de compra de bois, para consumo, em Lourenço Marques. Estes bois, em número de duzentos e doze, empregados como auxiliares de transporte, permitiram acudir às deficiências dos enviados para êste fim especial, tornando possível a concentração em Chicomo, na época requerida pelo ex.mo comissário régio, e serviram em seguida para a alimentação das tropas, que durante mais de um mês não tiveram outro gado para consumo.

A tenda-abrigo foi substituída por um duplo lençol impermeabilizado. A-pesar da sua fraca resistência à humidade, foi cobertura que prestou inestimáveis serviços à saúde e bem-estar das tropas.

guerra eram doze, nas quais estava alistada tôda a população válida dos vastíssimos territórios submetidos à autoridade do régulo de Gaza: o efectivo médio de cada *manga* podia talvez ser calculado em 5.000 homens.

O mesmo senhor acrescentou que assistira a uma das grandes festas nacionais dos vátuas, a *incuaia* — quando o Gungunhana estava ainda no *curral* do Mussapa (ao norte do Save) e a gente de guerra ali reünida, longe de ser a totalidade das fôrças vátuas, fôra avaliada pelo conselheiro em 30.000 a 40.000 homens. Possuiam, muito poucas espingardas, mas havia, entre os vátuas puros, bons atiradores.

Um outro funcionário, o alferes Braga, também largo tempo residente em Manjacaze, tinha visto reünidos em Janeiro de 1895, segundo mandara dizer, 15.000 homens de guerra com destino a uma expedição insignificante para o poderio vátua, como foi a *razzia* do Intimane dessa época. Sabia também que êste mesmo oficial avaliara as fôrças presentes a uma das *incuaias*, a que assistira em 50.000 ou 60.000 guerreiros.

O primeiro tenente Biker, comandante superior militar do Limpopo e intendente geral em Gaza, concordava em que o régulo pudesse pôr em armas tão grande multidão quando se tratasse de uma festa ou de uma guerra entre negros; presumia, porém, que dificìlmente a reüniria quando tivesse de combater tropas brancas, não só pelo receio que elas inspiravam, como pelo ódio e má vontade das raças vencidas, contra os vátuas, sentimentos apenas contidos pelo terror que estes homens tinham sabido inspirar e manter, entre os povos dominados.

Concordei plenamente com êste modo de ver, não só pela autoridade de onde dimanava, como por estar de acôrdo com a opinião — para mim respeitadíssima — do major Caldas Xavier, e também com o que provava a experiência de outras guerras africanas.

Calculei, portanto, as fôrças vátuas em 20.000 a 25.000 ho-

mens (1). Pouco sabia das espingardas de que dispunham. Constava, pelo primeiro tenente Biker, conselheiro Almeida, etc., que 1.000 Martin-Henry enviadas em tempo pela South Africa, tinham sido inutilizadas: 750 num incêndio casual e 250 numa guerra contra os *chopes* de Baula. Sabia-se, porém, que o Gungunhana conservava bastantes armas guardadas numa pequena casa de zinco armada dentro do seu *curral*, e que fôra cedida pelo govêrno português. Além destas, os seus negros tinham, como todos os outros, bastantes armas de silex, etc.

Eu próprio vira na minha viagem a Gaza muitos negros armados de velhas espingardas.

Durante o reconhecimento fôra também indagando, dos comandantes militares, quanta gente forneceriam as suas circunscrições, em caso de guerra. Dêsses interrogatórios colhera o seguinte resultado:

Cumbana. — Gente só própria para carregadores. Incapaz de combater contra os vátuas.

Inharrime. — Podendo reünir 10.000 a 12.000 homens. Máus guerreiros e tendo muito receio dos vátuas (como todos os negros do sul do Zambeze).

Chicomo. — Gente só própria para carregadores.

Homoine. — Podendo fornecer 4.000 guerreiros dos melhores do distrito.

Massinga. — Podendo reünir 3.000 a 4.000 homens de boa raça.

Morrembene. — Podendo reünir 5.000 a 6.000 homens, entre os quais a gente de Savanguana e Inguana, os mais reputados *landins* do distrito.

Vellanculos (2). — Dispunha de pouca gente, ainda assim da melhor do distrito.

---

(1) O Gungunhana pôs em campo nas duas acções de Magul e Coolela 20.000 homens aprôximadamente.

(2) Foi o comandante de Homoine que informou a respeito da Massinga, Morrembene e Velanculos, onde já tinha comandado.

Guilala. — Dispunha de 500 a 600 homens de confiança.
Maxixe (1). — Gente só própria para carregadores.

Entretanto, do nosso lado, em linha de conta com o terror inspirado pelo nome vátua, calculei que os régulos do distrito não poderiam apresentar mais de 15.000 homens. Enquanto ao seu armamento era pior do que o da gente do Gungunhana. Tinham perdido o uso do escudo, nunca abandonado pelos vátuas e eficaz contra a azagaia e faltavam-lhes espingardas que os substituíssem (2).

Estas informações nunca me foram oficialmente pedidas, mas não me esqueci de, por mais de uma vez, verbalmente as comunicar ao ex.mo coronel Galhardo.

A 19 de Maio enviara ao ex.mo coronel comandante os itinerários expedidos (que formam o apêndice n.º 2). Dão, segundo creio, ideia clara do terreno a percorrer e das dificuldades que êle apresenta, podendo, pois, como eu desejava, servir de guia e aproveitar aos oficiais e soldados nos trabalhos que teriam de suportar.

Preparado com a leitura de algumas campanhas coloniais modernas, como a dos ingleses no Soldão em 1884 e 1885, as dos coroneis Gallieni e Coronnat no alto e baixo Senegal em

---

(1) As informações a respeito das administrações civís da Guilala e Maxixe promanam de vários funcionários.

(2) Cumbana, Inharrime e Chicomo foram dispensados de fornecer gente de guerra, a-fim-de se extraírem dela os carregadores precisos para o serviço de abastecimento, serviço que recaíu, quási por completo, sôbre a do Inharrime. Desta circunscrição havia ainda 200 cipais assalariados ao serviço da coluna, e estiveram 700 homens armados defendendo o país Lavala. Guilala deu também serviçais, como carregadores, etc., 200 a 300 homens.

Velanculos e Maxixe também foram dispensados de fornecer gente de guerra.

Os auxiliares armados foram fornecidos pelo comando do Homoine, que apresentou 4.000 homens, pelo de Morrembene com 3.000 homens e da Massinga com 400, porque, segundo dizia o comandante militar, tinha faltado o tempo para reünir os outros. Sparadanhana do Inharrime apresentou 500 homens. Descontando, pois, o Inharrime, que certamente daria, pelo menos, 4.000 homens, vê-se que o meu cálculo, baseado nestas informações, não andava longe da verdade.

1886 e 1887, a do Dahomé em 1892 e 1893; tendo visto em livros especiais, como os dos capitães Peroz, Campbell e general Wolseby, condenados os princípios que regem a tactica e a estrategia destas guerras, julguei-me com os conhecimentos teóricos suficientes para poder coligir, em breves páginas, os preceitos principais e de mais necessária aplicação para a campanha que se ía empreender; a experiência pessoal, tão seguro critério a consultar, era pequena, contudo a curta mas agitada campanha de Marracuene habilitara-me a fazer uma certa selecção do que lera nas referidas obras militares.

Tratei, pois, de dar satisfação ao que julgava ser uma necessidade militar da expedição, redigindo umas instruções provisórias para o serviço de campanha em África (que formam o apêndice n.º 3) e que foram enviadas ao ex.mo coronel Galhardo, com a data de 25 de Maio. Estas instruções foram aprovadas pelo ex.mo coronel e mandadas observar na coluna do Chicomo como preceitos regulamentares (1).

Elaborei depois o projecto de abastecimento (que forma o apêndice n.º 4) que é assinado e datado de 30 de Maio. Êste trabalho não teve outra utilidade que não fôsse elucidar e entreter o seu autor. Verdade seja que, a-pesar-dos seus grandes defeitos, êle se baseava no serviço de transportes organizado, cousa

(1) As intruções são necessàriamente deficientes. Contudo algum serviço prestaram pela concatenação de princípios e regras que estabeleceram e que eram inteiramente desconhecidas, oficialmente, no exército português. A regularidade e a disciplina dos fogos, observados em Coolela, que alguns oficiais da coluna julgavam inexequíveis em combate, vieram provar que as prescrições das instruções sôbre o assunto e os exercícios nelas baseados, tinham exercido influência no espírito dos chefes e na instrução das tropas.

Não tiro do caso motivo algum de vaidade, visto que me limitei a seguir e a coordenar o que já tinha sido preconizado e praticado por homens de mérito e tropas de valor. O meu trabalho foi só reünir e adaptar o que andava disperso por tantas obras. Nisso, creio, baseado nos factos seguintes, não fui de todo infeliz. Assim, vejo que as formações empregadas pela coluna de Marraquene são adoptadas pela coluna do sul que submeteu a Magaia e combateu em Magul. Do mesmo modo, quando o major Mousinho fêz o audacioso golpe de mão de

que nunca houve, de modo que foi impossível dar ao serviço de abastecimento a ordem e o método que eu, melhor ou pior, procurava estabelecer com o projecto (1).

III

No dia 3 de Junho desembarcava em Inhambane e tomava o comando de tôdas as fôrças ali estacionadas o ex.mo coronel Galhardo.

Desde êsse dia comecei a exercer, efectivamente, o logar de chefe do estado maior da coluna de Inhambane, mais tarde chamada do Chicomo. Chegando outra vez a esta vila em 26 de Novembro, evacuado como ferido da enfermaria de Chicomo, reassumi no dia seguinte o cargo de chefe do estado maior do comissariado régio, por ordem do ex.mo conselheiro Enes.

Durante seis meses os meus trabalhos estão inteiramente ligados com os da expedição de que fazia parte. A sua narração pertence ao comando, o qual informará do valor da minha cola-

---

Chaimite, inspirou-se, para a direcção da sua pequena fôrça, como êle próprio declara, nos princípios tacticos observados pela coluna do Chicomo. Uma cópia dessas instruções foi levada pelo tenente Ornelas, chefe do estado maior do govêrno de Moçambique; outra pelo sr. Guimaráis, comandante da bateria de montanha, destacada nesta colónia; uma terceira cópia foi entregue, a seu pedido, ao novo governador da Lunda, capitão Sarmento. As tropas portuguesas que estão ou vão combater contra os namarrais, em África oriental, e a fôrça que vai proceder à ocupação da Lunda serão, pois, dirigidas pelos princípios que nos deram a vitória em Marracuene, Magul e Coolela, e que tenho fé irão concorrer para novos triunfos. Fui compilador sem mérito, mas o meu trabalho, como se vê, não foi improdutivo, o que constitue a minha melhor recompensa.

(1) A incansável actividade, e energia sem igual e a fecunda inteligência do major Caldas Xavier conseguiram resolver o problema de abastecer a coluna de Chicomo, com os seus anárquicos e insuficientes meios de transporte. E, contudo, a-pesar-da indomável tenacidade dêste distintíssimo oficial, a coluna de Chicomo jazeu três meses e meio de arma no braço, amarrada ao solo que pisava, esperando ter reünido os meios de transporte necessários para uma marcha de 40 quilómetros executável em três ou quatro *étapes!*

A adopção integral do meu projecto, não livrava de dificuldades, mas diminuía-as consideràvelmente.

boração. Esta, seja dito desde já, encerrou-se em moldes tão estreitos, que certamente a nenhum outro chefe de estado maior coube ainda missão mais fácil, sob o ponto de vista intelectual. Oxalá, a-pesar desta simplicidade, eu a tenha sabido desempenhar como me cumpria e era mister.

É dever meu, porém, referir um facto que podia ter originado conflitos prejudiciais ao serviço.

Segundo o Regulamento provisório para o serviço do exército em campanha de 1890 (artigos 28.º, 29.º alínea *f*), e 68.º) ao chefe do estado maior são directamente subordinados os chefes das repartições dos serviços auxiliares: saúde, administrativo, etc. Sucedeu que o chefe da secção da administração militar, criada pelo decreto que organizou a brigada de operações, nos distritos do sul do Save, tinha a graduação de major, motivo pelo que o mesmo funcionário entendia não dever existir semelhante subordinação. Nunca daqui resultou conflito, porque o ex.^{mo} coronel determinou que tôdas as ordens ou comunicações dadas aos chefes dos serviços auxiliares fôssem sempre em seu nome. Ora, a letra dos artigos em questão indica — muito claramente, supunha eu — que a êsses funcionários podia o chefe do estado maior dar ordens suas, como todo o superior aos seus directos inferiores. Supunha ainda que a graduação do oficial da administração militar, que fazia de chefe de secção, em nada prejudicava o determinado pelo regulamento, porque *graduação* não é pôsto, nem dá os mesmos direitos, como alguns exemplos claramente o demonstram. Graduação e honras de coronel me pertencem, como comendador da Tôrre e Espada, e nem por êste facto deixo de estar subordinado a outro capitão mais antigo que comigo concorra em serviço. Na nossa marinha de guerra é vulgar, senão freqüente, os comandantes de navios terem como seus directos subordinados médicos e comissários de graduação superior.

Seja, porém, como fôr, labore ou não em êrro, o que me parece necessário para o bom andamento do serviço — e eis a

única causa que me leva a falar do assunto — é determinar-se muito claramente se o chefe de estado maior tem realmente sob a sua directa subordinação os chefes de serviços auxiliares, e se a circunstância fortuita, mas que pode ser freqüente, dêles possuírem graduações maiores, pode contrariar — com prejuízo evidente do serviço — essa subordinação.

Desde 28 de Novembro até 3 de Dezembro, dia em que embarquei para Lisboa, fiz serviço no comissariado régio, serviço que se limitou a simples expediente e à redacção de alguns decretos militares, entre êles o que tratou da reorganização das fôrças indígenas em companhias independentes e sua colocação no território da província.

O relatório da minha missão em África está concluído, não sendo a segunda parte que agora se segue senão um outro apêndice, tendo em vista tirar partido da experiência adquirida. Mas não devo fechar esta primeira parte sem me referir ao tenente Aires de Ornelas. Êste oficial que, a meu pedido, seguira para a África a-fim-de me coadjuvar, esteve largo tempo impedido em comissões especiais de serviço, muito importantes, mas absolutamente estranhas ao serviço de estado maior. Nomeado a 8 de Fevereiro ajudante de campo do ex.^{mo} comissário régio, partiu a 20 do mesmo mês para o Natal a remontar, conjuntamente com o capitão Cardoso Machado, a bataria de Montanha.

Desta comissão regressou a Inhambane a 15 ou 16 de Junho, sendo logo nomeado membro da missão política encarregada pelo ex.^{mo} comissário régio de exigir do Gungunhana diferentes condições; missão que foi dissolvida a 14 de Setembro, apresentando-se nêsse mesmo dia o tenente Ornelas no comando da coluna do Chicomo, onde ficou como adjunto do estado maior.

Não me compete apreciar como êste oficial se desempenhou daquelas duas comissões; julgo, porém, que me é permitido exarar o meu modo de ver, sôbre o assunto.

Os cavalos da coluna de Inhambane mostraram resistência à fadiga, sobriedade e docilidade, as três qualidades principais de um cavalo de guerra, o que me leva ao convencimento de que o tenente Ornelas se desempenhou com zêlo e inteligência da sua missão de remontista. O conhecimento, embora particular, que tenho dos trâmites das negociações travadas com o Gungunhana habilita-me a formar a opinião de que o mesmo oficial empenhou tanta boa vontade, como tenacidade, em procurar arrancar do régulo a submissão desejada.

Como meu adjunto, serviu o tenente Ornelas na coluna de Marracuene, e depois na de Chicomo, desde 14 de Setembro, como já disse. Nêsse serviço, posso-o declarar como seu chefe directo, mostrou sempre o maior zêlo e subida inteligência. Além destas qualidades que, de há muito, todos lhe reconheciam, mostrou em combate um valor e uma serenidade verdadeiramente heróicas. Oriundo de uma antiga e fidalga família de valentes, Aires de Ornelas tomou a peito continuar as tradições passadas e honrar um nome que conta entre os seus antigos representantes o célebre Mem Rodrigues, de Aljubarrota. Conseguiu-o por completo, por isso, na corporação a que ambos nos honramos de pertencer, o tenente Ornelas tem, pelo seu préstimo e serviços, um lugar proeminente.

Nota. — Além dos esboços, acompanhando os apêndices de que fazem parte, vão ainda apensos o que representa o local do Chicomo, levantado à vista, por mim e pelo tenente Ornelas (esbôço B) e o que mostra as disposição topográfica e militar da batalha de Coolela. Êste (esbôço C) é feito por mim, segundo as indicações do diário de campanha e as minhas próprias e nítidas recordações do terreno e da acção.



Segunda Parte

TEM esta segunda parte dois capítulos: no primeiro trato da organização a dar às grandes expedições coloniais, no segundo, da organização de uma linha de comunicações em campanhas de além-mar, estudo cuja utilidade principal, mas de capital importância, consiste em dar bases seguras ao cálculo dos meios de transporte necessários à operação projectada.

Precedo o primeiro capítulo de um *memento* de reconhecimento colonial — circunscrito em bases gerais. Muitas vezes será preciso restringir os seus quesitos; outras alargar a área de estudo de cada um, senão aumentar o seu número.

Não tenho a pretensão de com êle fazer face a tôdas as situações possíveis do seu emprêgo. Declaro ainda que, na sua elaboração, pouco há da minha lavra. Baseia-se, seguindo-as muito de perto, numas instruções dadas pelo tenente coronel Gallieni ao capitão Quipando e tenente Bonnacorri, em 1866, servindo o reconhecimento por elas ordenado de base ao projecto de operações dirigidas pelo mesmo oficial no Soldão francês, durante o ano referido. Achei-as notáveis, por isso generalizando-as e modificando-as, fiz delas o seguinte:

MEMENTO

1.º

ESTUDO GERAL

Topográfico...

- *Limites e aspecto geral do país.* Montanhoso ou plano, vegetação, cultura, natureza geral do solo, etc.
- *Rios e lagos. Direcção,* extensão, regime de águas, pontos de passagem, navegação possível, etc.
- *Montanhas.* Direcção, extensão, altitude média, pontos de passagem, etc.
- *Localidades.* Importantes.
- *Recursos.* Géneros e gados, caça e moeda corrente, etc.
- *Vias de comunicações* existentes, sistema de transportes que permitem.

Populações e raças. Seus costumes e valor guerreiros. Efectivo que podem pôr em armas. Espécies de armamento.

Fortificações. Sua natureza; dificuldades que opõem à acção da artilharia e ao assalto.

Situação política da região. Poder e influência dos chefes Disposições dos habitantes.

2.º

ESTUDO ESPECIAL DA OPERAÇÃO PROJECTADA

a) *Objectivo a escolher.*

b) *Caminho a seguir,* permitindo, sendo possível, a passagem de cavalgaduras e viaturas. Natureza e aspecto do terreno adjacente.

c) *Dias prováveis de marcha e escolha dos pontos de étapes* (subordinada à condição da existência de água próximo e em suficiente quantidade para alimentar a coluna).
d) *Sistema de transportes* a adoptar.
e) *Dificuldades especiais* apresentadas à marcha pela passagem de rios, montanhas, lugares fortificados, etc.; meios necessários para as vencer.
f) *Recursos da zona atravessada,* em géneros de alimentação (milho, mandioca, etc., gado para abater).
g) *Direcção provável da retirada do inimigo.*
h) *Escolha e estudo* de uma linha de retirada eventual para a coluna.

I

As necessidades militares, não só puramente tácticas, como administrativas, obrigam a grupar as pequenas unidades em outras maiores. Obtêm-se assim as grandes unidades tácticas e as estratégicas, às quais é possível indicar um objectivo determinado e consentir uma acção própria e independente.

Nas guerras europeias, a primeira unidade estratégica, a divisão, compõe-se de tôdas as armas e contém a representação de todos os serviços auxiliares, de modo a permitir-lhes a referida acção, independente e própria. Nas guerras coloniais, onde tanto difere o meio e a tactica, deve a unidade estratégica ser outra, sem deixar de ser preciso ou, pelo menos, conveniente fixar o agrupamento mais racional das diferentes armas e serviços. Não se tem feito isto até hoje, não só em Portugal como nos outros países, e é só nas ocasiões das guerras que se procede à organização dos grupos, sem bases definidas e por uma maneira anárquica. Poder-se-ía inferir daqui que a diversidade de circunstâncias, variando com as regiões coloniais, impede a fixação de um tipo.

Tal não é, contudo, a minha opinião, procurando nas páginas que se seguem justificar e definir êste pessoal modo de ver sôbre o assunto. Para o caso especial do nosso país, o problema facilita-se, visto que as nossas colónias principais são na África central e austral, onde as pequenas variantes de táctica e do valor das raças indígenas não alteram as bases de organização.

Por necessidade, as colunas na África têm de ser pequenas, em virtude das dificuldades de alimentação, comunicações e transportes. Felizmente nada exige que elas sejam grandes. A diferença de armamento, valor, táctica e disciplina entre as hostes negras e as tropas europeias, permite que estas possam combater, com vantagem, contra efectivos dez e doze vezes superiores. A experiência de tôdas as guerras coloniais assim o atesta e, já não é preciso procurar exemplos em países estranhos a-fim-de corroborar o que dissemos: basta atentar para os três grandes combates da nossa última campanha africana. Em Marracuene lutou-se na proporção de 1 contra 4 (1); em Magul de 1 contra 24; em Coolela de 1 contra 20. Por outro lado vemos ainda que não é fácil encontrar potentado africano dispondo de mais de 20.000 a 30.000 guerreiros. Gungunhana, o maior de todos os nossos régulos negros, um dos mais poderosos chefes indígenas da África oriental, não apresentou 20.000 homens em armas, a-pesar-de reünir nas *incuaias*, segundo diziam, 50.000 a 60.000 guerreiros. Os zulus, mais poderosos e guerreiros do que os vátuas, levaram à batalha decisiva de Ullundi 18.000 a 20.000 homens. Behanzim, régulo Dahomé, um dos mais temidos e poderosos chefes do continente negro, nunca apresentou mais de 12.000. Lobengula, chefe dos matebeles, temido e considerado em tôda a África oriental, não conseguiu apresentar em combate mais de 6.000 homens.

Estes mesmos matebeles levantados numa insurreição na-

(1) Esta proporção é tomada em relação ao efectivo total da coluna, 700 homens, metade dos quais eram soldados indígenas que, tomados de pânico, só serviram para comprometer o resultado da luta.

cional, segundo o dizer de «South Africa», contam 14.000 a 15.000 homens em armas, conforme as notícias da mesma origem.

Qualquer conflagração indígena das nossas colónias, onde não há felizmente representantes dessas raças siro-árabes, como os abissínios e soldaneses, tão valentes e aguerridos, não exigirá para a sua repressão, por maior que ela seja, fôrça europea superior a 4.000 ou 5.000 homens. Estes números, bom é notar, representam um máximo que talvez, na prática, nunca precise ser atingido. (A guerra contra o Gungunhana, onde as dificuldades da campanha se agravaram com as derivadas da nossa absoluta inexperiência sôbre o assunto, não levou mais de 3.000). Uma das nossas grandes expedições africanas deverá, pois, ser constituída por uma fôrça variando de 2.000 a 5.000 homens, organizada em brigada.

Um grupo único, porém, constituído por esta fôrça, seria ainda pouco manejável e não satisfaria às necessidades de uma guerra colonial, obrigando muitas vezes à formação de várias colunas, levando ao escalonamento de fracções ao longo de extensas linhas de comunicações, etc. Subdividir, no momento da guerra, as unidades da expedição em fracções, é quebrar o prestígio do comando, embaraçar a administração dessas unidades e levar o desgôsto aos seus comandantes, que vêem saír fora da sua acção directa fracções da tropa, cujo comportamento, durante a campanha, implica com a sua responsabilidade e reputação.

A fôrça e composição de cada um dêstes grupos devem ser tais que lhes permita lutar, com os seus únicos recursos, contra um inimigo numeroso. A experiência mostra-nos que em África uma coluna de 600 a 800 homens está nestas condições. Seria tornar-me enfadonho repetir factos conhecidos das campanhas dos franceses no Senegal e Soldão, dos inglêses no Soldão egípcio, África do sul, etc. Lembrarei apenas que a coluna que derrotou completamente os vátuas em Coolela contava 577 homens.

Cada um dêstes grupos, a que chamarei, para facilidade da nomenclatura, coluna expedicionária, deve ser composto de tôdas as armas e serviços auxiliares.

Vamos agora fazer o estudo da sua composição, principiando pelo das unidades tácticas em que cada um dêles se deve subdividir.

Ùltimamente têm-se enviado para a África e Ásia batalhões, companhias, batarias, etc., em pé de guerra. Ora, os grandes efectivos do pé de guerra justificam-se ou antes são necessitados por causas que não existem nas campanhas coloniais. Em primeiro lugar é preciso enquadrar grandes massas de gente, em segundo lugar é preciso atender às exigências tácticas que obrigam a garantir aos batalhões, por exemplo, um efectivo médio, que lhes permita satisfazer e atingir as missões e objectivos que lhes são designados e que não variam do princípio para o fim da campanha. Nada disto se dá nas campanhas coloniais: a exiguïdade de efectivos empregados não necessita estes grossos agrupamentos; por outro lado, pouco importa empregar 2 batalhões de 400 homens ou 1 de 800. É indiferente — dada a táctica empregada onde se faz uso quási constante da ordem unida, e há pouca variedade de objectivos — empregar, numa determinada missão, uma só companhia de 200 homens ou duas de 100. As perdas enormes sofridas nas entradas em campanha apenas têm uma influência material nas guerras coloniais, mas de modo algum embaraçam a acção táctica das unidades reduzidas. Não havendo, pois, nenhuma das necessidades que obrigam a dar, na Europa, efectivos tão grandes às unidades em pé de guerra, ficam só inconvenientes, entre os quais avulta o da dificuldade de comando e direcção destas fracções. Semelhante argumentação está de acôrdo com a experiência das guerras coloniais, nas quais vemos inglêses, franceses, italianos empregarem — salvo raras excepções — unidades de efectivo médio.

Assim, a infantaria deverá ser organizada em companhias de 130 a 150 homens. A cavalaria em pelotões isolados de 30

cavalos ou esquadrões de 2 a 3 pelotões; a artilharia em batarias de montanha ou tiro rápido, de 4 bôcas de fogo.

As fracções de infantaria não devem agrupar-se em fracções superiores ao batalhão. Do mesmo modo, as de artilharia e cavalaria não devem agrupar-se além do esquadrão e bataria.

Efectivamente, os regimentos de infantaria e os grupos de esquadrões ou de batarias não podendo — salvo casos excepcionais — ser empregados reünidos, só representariam, na constituïção de um corpo expedicionário, embaraço e causa de fraqueza.

Temos agora elementos bastantes para determinar a constituïção de uma *coluna expedicionária*. A infantaria — base e apoio de tôda a coluna de tropa, muito principalmente neste caso — deve ser representada por um *batalhão* a 4 companhias, com o efectivo de 500 a 600 praças. A êle se juntarão fracções de artilharia e cavalaria, de composição mais variável, mas que, em regra, se poderão constituir com uma *secção* (2 bôcas de fogo) e 1 *pelotão* (30 cavalos).

A história das guerras ultramarinas mostra que a porporção de artilharia assim marcada é suficiente. Se atendermos, por outro lado, à principal formação de combate empregada — ao quadrado — observaremos que as 2 peças podem flanquear, protegendo eficazmente as quatro faces constituídas pelo batalhão. A cavalaria é sempre indispensável, não só para o serviço de segurança (o de exploração não é fàcilmente exeqüível para ela), como para as comunicações com a retaguarda, escolta de combóios, etc. Trinta cavalos satisfazem ao serviço, numa coluna destas, mas logo que se empreguem reünidas mais de uma, deve-se também reünir os seus pelotões sob uma direcção única. A cavalaria deixará de fazer parte dêstes grupos para só ficar subordinada ao comando superior.

As três armas de combate necessitam — sobretudo em África — do auxílio freqüente e eficaz da engenharia. A falta de comunicações, obrigando a constantes reparações e preparos

do caminho, a necessidade de proteger os bivaques, postos de *étapes*, etc., exigem a presença, em cada coluna, de uma fôrça desta arma, sôbre a qual deve recaír ainda o serviço telegráfico, se houver material. Um destacamento de 20 a 30 praças sob o comando de um subalterno bastará, creio eu, para fazer face a estas exigências.

Para determinar a composição de uma coluna resta-nos assentar na do seu comando e na dos serviços auxiliares da 1.ª linha, nela representados.

O *comandante* deve ser um oficial superior, mais graduado ou antigo do que o comandante do batalhão. O seu *estado maior* deve ser representado por um capitão ou tenente de qualquer arma, servindo de major da coluna (1) e de um subalterno, *ajudante de campo* do comandante.

Os serviços auxiliares da 1.ª linha a considerar são: o de *munições* (coluna de munições), o *médico*, o *administrativo* e o de *transportes*.

A *reserva de munições*, fazendo parte de cada coluna, deve ser tal que, cada infante possa dispor de 200 cartuchos e cada bôca de fogo de montanha de 80 tiros (300 por peça de tiro rápido). Estas munições permitem à coluna sustentar dois a três combates sem necessidade de novo abastecimento. A reserva de munições ficará a cargo da artilharia da coluna.

O *serviço médico* deve absorver 3 cirurgiões, um encarregado da direcção do serviço e os outros especialmente destinados às tropas da coluna. O número de enfermeiros não deve ser inferior a 4, um primeiro e um segundo, auxiliando cada um dos cirurgiões subalternos e 2 à disposição do chefe de serviço, sendo um dêstes destinado às manipulações farmacêuticas — rudimen-

---

(1) O major da coluna é o seu chefe do estado maior. Numa expedição composta de várias colunas não é possível atribuir um oficial do estado maior a cada uma; por isso proponho um de qualquer arma.

tares — que haja a fazer; 6 a 8 serventes, entre os quais alguns indígenas, completarão o pessoal sanitário de uma coluna. O seu material deve ser tal que permita dar abrigo — em barracas apropriadas — a 30 ou 40 enfermos e transportar em macas, carros, *cacolets,* etc., 60 a 80 doentes e extenuados.

O *serviço administrativo* terá por chefe um aspirante da administração militar, tendo sob as suas ordens um destacamento de 8 a 10 praças da 2.ª companhia da administração, substituídas, na sua falta, por praças das unidades combatentes (1).

O *combóio* da *coluna,* a cargo do chefe dêste serviço, deve transportar, em circunstâncias normais, dois dias de víveres e um de forragens. Será freqüente, por falta de água ou por pouca confiança no seu estado, transportar igualmente no combóio um dia de água (2). A carne deve seguir em pé. Dêste modo é fácil levar um rebanho que chegue para quatro a oito dias, havendo meio de suprir qualquer deficiência do serviço de reabastecimento, sempre a temer em África.

O chefe do *serviço administrativo* deve acumular êste cargo com o de *pagador,* que nestas circunstâncias em pouco se resume. Por êste motivo, devem figurar no combóio, a cargo dêste funcionário, algumas cargas de moeda corrente no país: dinheiro, fazendas, missanga, etc.

O comandante do combóio representa, junto de cada coluna, o chefe do serviço de *transportes.* Êste serviço empregará carros, cavalgaduras ou carregadores, conforme os recursos da região e da expedição. Os carregadores, toleráveis no serviço de uma linha de comunicações, são inteiramente impróprios e até peri-

---

(1) Esta falta há-de ser certa, atendendo ao nosso reduzidíssimo quadro de tropas da administração.

(2) A ração média de água deve regular por 8 a 10 litros por dia. No combóio poder-se-á transportar menos, contando com a do lugar onde se vai bivacar.

gosos para constituírem o combóio da coluna, devendo ser empregados neste escalão do serviço de transportes só em caso de fôrça maior.

O *serviço de transportes* de uma coluna deve ser assim organizado: sob as ordens do *comandante do combóio* — 1 subalterno — haverá 1 oficial por 50 carros ou 100 animais de baste ou 200 carregadores; 1 sargento por 20 a 25 carros, 50 animais de baste ou 50 carregadores; 1 cabo por 5 a 10 carros, 10 a 25 animais ou 20 a 25 carregadores.

Todos os condutores, quer de viaturas quer de animais, devem ser indígenas dos corpos militares da colónia ou contratados e prèviamente adextrados no seu mester. Os condutores contratados e os carregadores devem ser colocados — nos grupos de comando de sargento — sob as ordens de chefes indígenas, directamente subordinados aos sargentos.

Cada coluna deve dispor de alguns intérpretes, 4 a 6, que são absolutamente indispensáveis para as relações entre o quadro europeu e os indígenas em serviço, ou da região. O comandante disporá permanentemente de um e o serviço administrativo de outro; o resto ficará no serviço de transportes onde o numeroso pessoal indígena os reclama.

Calculando que cada infante leva consigo 80 cartuchos, que por cada bôca de fogo de montanha vão nos cofres da secção de artilharia 35 tiros (120 por peça de tiro rápido), que cada homem transporta uma ração de víveres de reserva e cada animal uma de forragem, vemos que os pesos a transportar pelo trem de combate e combóio são os seguintes:

Trem de combate:

	Pêso Quilogramas
Cartuchos de infantaria (120 por homem) 72.000 (1)...	2.950
Tiros de artilharia (45 por bôca de fogo de montanha ou 280 por peça de tiro rápido, 90 (2)	450
Material de ambulância (3) (cálculo grosseiro).....	400
Soma	3.800

Combóio:

Víveres, dois dias para 800 homens (ração média 1k,200, sem carne), 1.600	1.920
Forragens, um dia para 90 animais (4) (ração média 5 quilogramas por dia), 90	450
Bagagens (5) (por soldado apeado, 7 quilogramas; por oficial 10 quilogramas), 750	5.400
Material de bivaque	500
Pequenas reservas de fardamento	200
Material de engenharia e ferramentas	600
Soma	9.070
Total do pêso a transportar...	12.870

(1) Na reserva de cartuchos apenas contei a infantaria (números redondos); a cavalaria e artilharia, só excepcionalmente terão de recorrer a ela.

(2) Cada projectil das peças de B. E. M. 7 centímetros com o seu respectivo cartucho pesa 5 quilogramas apròximadamente. Os cartuchos metálicos das peças de tiro rápido não chegam a pesar 2 quilogramas; pode, pois, calcular-se pesos iguais para 90 tiros de montanha e 280 de tiro rápido, sem cometer grande êrro.

(3) Além do material tem de haver os meios de transportes necessários para os doentes, constituídos por carros especiais, muares, macas, etc., que não figuram nêste cálculo.

(4) Não se conta com os animais empregados no serviço de transportes, tracção de ambulância e reserva de munições. Para transporte da sua ração tem de se acrescentar ao total adiante designado o acréscimo necessário.

(5) Numa coluna dêste tamanho e em África não há a fazer distinções entre combóio e trem regimental, por isso faço figurar as bagagens no primeiro. Os 7 quilogramas por praça apeada são constituídos pelo capote e mais pequenas cousas. Estas com 15 ou 18 quilogramas transportados pelo homem dão o pêso total a transportar por infante.

que exigirá 33 carros (carregando 400 quilogramas) ou 86 camelos ou 130 bois zebus, ou 150 muares ou 260 burros ou 516 carregadores.

Uma expedição completa, composta de uma ou mais colunas, tem o seu comando e estado maior especial com a seguin e organização:

Comandante	Coronel ou general de brigada.
Chefe do estado maior.....	Capitão do corpo de estado maior.
Adjunto do estado maior.....	Tenente do corpo do estado maior (ou na sua falta, de qualquer arma combatente).
Adjunto de artilharia	Capitão de artilharia.
Adjunto de engenharia	Capitão de engenharia.
Ajudantes de campo	Dois subalternos (de qualquer arma).
Chefe do serviço de saúde	Cirurgião de brigada ou cirurgião mor.
Chefe do serviço administrativo	Segundo oficial da administração militar.
Chefe do serviço de transportes	Capitão de cavalaria.
Chefe do serviço de pagadoria...	Aspirante da administração militar, ou subalterno.
Chefe do serviço postal	Subalterno de qualquer arma.
Secretário e arquivista	Oficial ou aspirante do secretariado militar.

O serviço *telegráfico* é directamente subordinado ao chefe do estado maior.

Os chefes de serviços auxiliares e os adjuntos de artilharia e engenharia terão um pessoal auxiliar que os coadjuve.

Do comando poderão fazer parte fracções independentes de cavalaria, artilharia, engenharia ou alguma reserva de infantaria (que não entrem na composição das colunas), parques móveis de artilharia e engenharia, uma ambulância central, reservas de fardamento, etc.

Na organização do pessoal e material de uma expedição ultramarina é absolutamente necessário — como nas campanhas europeias — contar com os serviços da retaguarda.

Para *director* dêstes serviços deve ser escolhido um oficial superior. Sob as suas ordens funcionarão chefes de todos os serviços representados no *comando*.

Se a expedição se dividir em colunas operando isoladamente, também se constituïrão diversas *linhas de étape* de orgaganização semelhante.

Na *direcção de étapes*, haverá, além dos chefes do serviço, adjuntos e mais pessoal que os coadjuve.

Na base de operações formar-se-ão *parques de munições, reservas de artilharia e engenharia, hospitais fixos, depósito de víveres, reserva geral de fardamento e equipamento, oficinas* (serralharia, carpintaria, reparação de carros, seleiro e correeiro).

À medida que a linha de comunicações se estende e que se vão formando novas bases, desdobram-se também estes parques, hospitais, depósitos, etc., sucursais, enfermarias, etc.

É-me impossível fixar o pessoal e o material necessário para estes serviços, contudo algumas indicações seguras se podem fazer.

Além do pessoal determinado para a sua direcção, cada linha de *étape* empregará em média um oficial por 40 a 50 quilómetros. A artilharia e engenharia — usando do pessoal auxiliar dos almoxarifes — deverão empregar um oficial por 200 quilómetros de linha, e um sargento por 100 quilómetros.

O *serviço sanitário* não terá pessoal médico suficiente —

como o prova a experiência das guerras coloniais — se não houver 1 médico por 150 homens (1) (200 no máximo).

Cada médico deve dispor, pelo menos, de 1 enfermeiro e de 2 serventes.

O *serviço administrativo* empregará, em média, 1 sargento por 100 quilómetros de linha, e 1 aspirante da administração militar por 200 a 300 quilómetros.

O *serviço de transportes*, organizado por modo semelhante ao que indicámos quando tratámos da coluna expedicionária, empregará tantos oficiais quantos grupos haja de 50 carros, 100 animais de baste, ou 200 carregadores. Haverá 2 sargentos por cada grupo de oficial.

O *serviço postal*, numa linha de *étapes*, ficará a cargo do comandante dos postos. Do mesmo modo se pode proceder a respeito dos serviços de *pagadoria*, em regra, de insignificante trabalho, nestas circunstâncias.

A respeito do material pode-se talvez fixar o seguinte:

Munições. — Cada espingarda deve dispor de 1.000 cartuchos; cada bôca de fogo, de montanha, de 400 tiros; cada peça de tiro rápido, de 800 tiros.

Reserva de armamento. — Atendendo à pouca duração dos combates e a outras diversas causas, esta reserva poderá não ser superior a 1/6 para as armas portáteis, e de 1/8 para as bôcas de fôgo.

Os sobressalentes de pequenas peças não precisam excedet a $^1/_{20}$ ou $^1/_{25}$ do total empregado.

Reservas de engenharia. — Não podem ser designadas porque dependem da espécie de material enviado e da fôrça e qualidade das fracções de engenharia, fazendo parte da expedição. As ferramentas mais empregadas, pás, machados, machetes,

(1) Na guerra do Dahomé houve 20 médicos para 3.000 homens (1 para 150). Na guerra do Soldão egipcio, em 1884, o corpo europeu do general Graham, de 10.000 homens, dispunha de 60 médicos, 1 médico para 167 homens.

gastam-se muito pelo seu uso quási constante, por isso a sua reserva não deve ser inferior a ½ das que andam em serviço.

Material sanitário. — A experiência das guerras coloniais mostra ser vulgar a proporção de 40 por cento de doentes, proporção que se eleva por vezes a 70 ou 75 por cento; é portanto de elementar previdência preparar a hospitalização de um número igual (40 por cento) de homens (1). Os medicamentos devem ser calculados em razão dêste número de doentes, do tempo provável da expedição (no depósito central deve haver a quantidade julgada necessária para dois ou três meses) e em harmonia de proporções com as doenças predominantes.

Depósitos de víveres e fardamento, etc. — O depósito central de víveres deve ter sempre um abastecimento mínimo de sessenta dias, sendo conveniente elevá-lo permanentemente a setenta e cinco ou noventa dias.

Os depósitos de fardamentos, calçado, etc., devem ser abastecidos segundo os cálculos da duração da campanha e dos artigos neste aturado e violento serviço. Nada sei dizer sôbre o assunto, mas a última campanha já certamente pode dar indicações seguras sôbre o caso.

Material de transportes. — Dependendo, além do efectivo da expedição, da grandeza da linha de comunicação, será estudado sumàriamente, sob o ponto de vista da quantidade, quando se tratar da organização dessa linha.

Finalmente as oficinas devem ser dotadas do material próprio e do pessoal (2) necessário para satisfazerem a um serviço aturado e demorado.

---

(1) Na guerra do Dahomé só os hospitais fixos dispunham de setecentas camas. Na do Soldão, o corpo do general Graham, de quatro ambulâncias, dois hospitais fixos e dois navios-hospitais. O contingente anglo-indiano de 3.000 homens dispunha de seiscentas camas.

(2) Na última campanha, uma das grandes dificuldades resultou da falta de artífices e de material para êles trabalharem. Alguns metros correntes de verga de ferro não eram encontrados em Inhambane senão à custa de trabalhos, duplicadas requisições, etc. Este exemplo dispensa outras considerações.

Este capítulo ficaria mais completo se em seguida indicasse as alterações ou modificações a introduzir no armamento, equipamento, fardamento, material de bivaque, etc., em uso no nosso exército, de modo a adaptá-los às circunstâncias das guerras coloniais. Estando, porém, nomeada uma comissão especial, a-fim de tratar dêstes assuntos, da qual faço parte, aí exporei as minhas ideias que serão desde logo corrigidas ou reprovadas por um critério superior em tudo ao meu. Torna-se, portanto, inútil avolumar mais êste relatório com dados sem importância.

II

Há uma diferença essencial entre as linhas de comunicações organizadas nas campanhas europeias e aquelas que são estabelecidas nas guerras coloniais. No primeiro caso, a grande artéria vital do exército compõe-se de um feixe numeroso e sólido de estradas, vias férreas, rios ou canais; no segundo caso, a precária circulação dos abastecimentos e a evacuação fazem-se, em regra, por um só e estreito caminho, adrede e a custo preparado no decorrer da própria campanha e até, freqüentemente, pelas próprias tropas, soldados e operários ao mesmo tempo, em clima já áspero e rude para o exercício de uma só destas profissões.

Se, na Europa, perder a linha de comunicações equivale a comprometer a campanha, em África nem se concebe que se inicie ou continue o movimento de avanço sem a ter organizado e defendido. As guerras coloniais — não me cansarei de o demonstrar — requerem o mais apurado metodismo de execução. Não se prestam às rápidas e brilhantes improvisações que, em países de recursos e civilisados têm, muitas vezes, permitido aos grandes génios violar ou levar até às suas últimas e mais sublimes conseqüências os princípios da arte militar. Em países selvagens, a escassez de recursos, de alimentação

e de alojamentos, sobretudo para os numerosos doentes, a má qualidade dos caminhos, a falta ou nocividade das águas, obrigam uma coluna numerosa a seguir um plano antecipado e a avançar lentamente, o que não exclue — antes exige — concepção enérgica, execução resoluta.

Escolha de objectivos, preparação e organização da linha de comunicações, eis os tópicos principais dêsse plano ou projecto de operações.

A designação dos objectivos, variável para cada caso, não é difícil de fazer em tese. Não é, como na Europa, em primeiro lugar o exército inimigo. As hordas negras, ágeis e velozes sem *impedimenta,* furtam-se ao contacto sempre que assim o querem. Para as encontrar têm as expedições europeias de se dirigir aos pontos mais importantes sob o ponto de vista político ou geográfico: povoações dos chefes, lugares onde guardam os seus tesouros, mulheres e gado, principais localidades fortificadas, confluências de rios navegáveis, pontos de passagem importantes, quer dos rios, quer das montanhas. Tais são os principais objectivos de uma coluna na África e cuja importância só pode ser determinada em cada caso concreto e fora dos limites dêste capítulo.

Há na África extensos rios navegáveis e já alguns troços de vias férreas. Não tratarei desta espécie de linhas de comunicação, cujo aproveitamento se baseia em princípios conhecidos e que apresentam, na quási totalidade dos casos, recursos de sobra para o serviço de fôrças, cujo efectivo é sempre pequeno, em absoluto. Além disto, os caminhos de ferro — o mais poderoso meio de civilizar e explorar os países negros — pressupõem, como condição do seu acabamento, um estado de tranqüilidade, ou submissão das tribus atravessadas por êles, que, em geral, irá aumentando e consolidando-se. É, pois, curial o supor que o *terminus* de uma linha férrea, na África, servirá antes de base de operações (abastecida sem dificuldades) do que de testa de linha de comunicações.

Os actuais barcos de guerra fluviais, canhoneiras protegidas, etc., garantem, sòlidamente e por completo, os transportes exigidos por uma expedição colonial que se sirva de um rio importante, mesmo que êle atravesse povoações hostis.

Tratarei apenas das linhas de comunicações, constituídas por caminhos terrestres, ou já existentes ou abertos, durante as operações, o que é caso vulgar nas guerras coloniais.

Um chefe militar, por menos ilustrado e previdente que seja, não se internará em território hostil e selvagem, sem recursos e cheio de perigos — a menos se receber ordens em contrário terminantes e derimentes da sua responsabilidade — sem ter garantido o reabastecimento suficiente das suas fôrças, criando os necessários depósitos, os indispensáveis meios de transporte e preparando o caminho por onde estes últimos hão-de conduzir os víveres, munições, etc., e por onde se hão-de evacuar os doentes, armamentos partidos, material deteriorado ,etc.

Como nas guerras europeias, é preciso estabelecer base de operações, postos de *étape,* bases intermédias de abastecimento.

Bases de operações. — A verdadeira base de operações é, em regra, o pôrto de desembarque, ou, quando muito, um ponto interior, longe da acção do inimigo, e em fáceis comunicações com a costa, como, por exemplo, os *terminus* das linhas férreas e os extremos da navegação fácil dos grandes rios oceânicos. É aí que se organizarão os grandes depósitos de géneros e mais objectos vindos da metrópole e se estabelecerão os hospitais de evacuação, etc. Nada há de especial a dizer desta base, a não ser a respeito da sua fortificação eventual, de que falarei mais adiante.

O território a percorrer pelas tropas divide-se em geral em duas zonas bem distintas,, sob o ponto de vista das opera-

ções. Na primeira, imediata à base, reina a tranqüilidade e não são de temer os embaraços provenientes do inimigo; a segunda atravessa populações hostis ou está sujeita aos golpes do inimigo. É a verdadeira zona de operações.

No extremo da primeira zona, em povoação seguramente fortificada — ou local defendido por rio invadeável, etc., é indispensável criar uma segunda base de operações, verdadeira base de *étapes*, cujo estudo mais especialmente nos interessa.

A *base de étapes* deve ser organizada defensivamente. Nela se devem estabelecer enfermarias, depósitos de mantimentos, munições, etc. Não sendo fácil determinar o valor dos abastecimentos a reünir, pode-se, talvez, fixar, como medida preventiva, que a sua quantidade seja tal que permitirá às fôrças em operações atingir o primeiro objectivo principal sem necessidade de recorrer aos recursos existentes à retaguarda desta base.

Esta base deve ser protegida contra as emprêsas inimigas pela fortificação. Sem entrar em detalhes técnicos, que me não pertence esclarecer, direi que, segundo a minha opinião, três princípios devem presidir à construção de qualquer obra de fortificação contra selvagens.

Flanqueamento alto;

Obstáculo contínuo contra a escalada;

Guarnições mínimas.

O flanqueamento baixo exige construções especiais, em geral, incompatíveis com a fraqueza dos recursos de que se dispõe. De resto, os inconvenientes mais graves do flanqueamento alto, desaparecem diante de um inimigo que não possue artilharia, ou que a emprega mal e que nem mesmo pode preparar um ataque por meio de um fogo eficaz contra qualquer abrigo que resista à fuzilaria.

O ataque regular e o bloqueio não são para temer, da parte dos indígenas. Faltam-lhes por completo os meios de executar o primeiro: artilharia, engenharia, explosivos, etc. O bloqueio não só se não coaduna com o feitio do seu carácter — impe-

tuosamente feroz, mas fàcilmente descorçoável — como também se lhes torna dificílimo executá-lo, pela organização primitiva da sua administração. Sem armazéns nem parques, vivendo em terreno pouco povoado e de rudimentares processos culturais, sustentam um bloqueio enquanto podem *raziar* o terreno circundante. Devastado êste, têm forçosamente de levantar arraiais. A história de tôdas as guerras coloniais aí está para o comprovar. Fica, pois, apenas para temer o assalto executado com ímpeto, e até com denodo, por massas numerosas, mas apoiado em poucas e más, ou mal empregadas, espingardas.

Compreende-se fàcilmente como uma pequena guarnição bem disciplinada pode resistir a todo o ataque de negros, desde que se abrigue da fuzilaria e esteja protegida por um obstáculo contra a escalada, que os seus fogos flanqueiam. Uma palissada forte e alta, uma rêde sólida de fio de arame, um abatiz de valor garantem perfeitamente do perigo apontado.

O terceiro princípio traduz a necessidade derivada do fraco efectivo das expedições chamadas a conquistar ou restabelecer o poderio europeu em extensíssimas regiões ultramarinas.

Traduzindo e resumindo a doutrina estabelecida por estes princípios, podemos assentar que tôda a fortificação a fazer na África deve ser constituída por um recinto continuo, ao abrigo da escalada, flanqueado por tambores, palancas, meios baluartes, etc., fazendo essas obras de flanqueamento fechadas e aproveitando-as para quartéis de guarnição e, ao mesmo tempo, servindo de redutos interiores ao entrincheiramento.

A verdadeira *linha de comunicações* é constituída, quási sempre, por um único caminho que é sempre preciso conservar e freqüentemente preparar de novo. Não se trata de fazer leitos empedrados, curvas de raios regulares, obras de arte difíceis. Tudo se limita a abrir através do mato uma carreteira de 3 a 4 metros de largura mínima; cortando e derrubando os arbustos e pequenas árvores que em geral circundam as grandes

espécies das florestas africanas e lançando através dos pântanos e rios, diques e pontes de construção ligeira e simples, mas suficientemente sólida para resistir à passagem de gado e viaturas.

Os caminhos de ferro de via estreita e tracção animal, de traçado fácil e construção breve, devem prestar serviços importantíssimos nas campanhas de além-mar, aumentando de modo considerável o rendimento de uma linha de comunicações. Limito-me a indicar o facto sem entrar em detalhes técnicos, descabidos aqui, e para o que me escasseia a competência.

Não basta, porém, abrir e conservar um caminho. É preciso ainda assegurar o trânsito por êle, permitindo descanso aos combóios em marcha, dando guarida aos extenuados e doentes, etc.

Os *postos de étape,* marcando e protegendo a linha de comunicações, devem ser estabelecidos a um dia de marcha uns dos outros. É o que se faz na Europa e é o que pedem intuitivamente as exigências de qualquer luta. Estes dias de marcha, porém, devem ser calculados em relação à velocidade possível dos combóios percorrendo um caminho já feito e preparado, e que não é, em regra, a das tropas obrigadas a avançar mais lentamente desde que tenham de abrir êsse caminho, combates a travar, etc.

É vulgar esta necessidade de *étapes* curtíssimos através de mato denso, num país sem caminhos.

Na guerra do Dahomé, a coluna do general Dodds, de Gbedé para Adegon, fazia de 2 a 5 quilómetros por dia, que era a extensão do caminho aberto de véspera, pela engenharia e seus auxiliares, devidamente escoltados (1). Na guerra de Madagáscar, vemos que os 185 quilómetros que separam Madagáscar de Suberbieville são percorridos em quarenta e cinco

(1) *Le génie au Dahomé,* par Rocques, pág. 25.

dias, média 4 quilómetros por dia, e os 80 quilómetros que separam êste último ponto de Anduba são vencidos em vinte e dois dias, o que dá uma média de 3 quilómetros diários. Um antigo soldado da campanha da Cochinchina diz-nos que muitas vezes, nessa guerra, a *étape* não passava de 1 quilómetro (1). Os combóios, seguindo caminho já aberto, podendo chegar mais tarde aos lugares de *étapes*, já preparados e protegidos, caminham mais e melhor. Contudo, as marchas em África dificilmente podem exceder 22 a 25 quilómetros sem fatigar extremamente homens e animais. A natureza do solo (vulgarmente silicioso), juntando-se à acção enervante e pesada do clima, impõem aqueles limites, só ultrapassados, por tropas apeadas ou combóios, em circunstâncias muito excepcionais e fugindo a qualquer classificação.

Os postos de *étapes* não devem, portanto, estar separados por distâncias superiores a 25 quilómetros, mas a sua colocação, abaixo dêste máximo, está, sobretudo, subordinada à existência de água próxima e em quantidade suficiente para alimentar os combóios em marcha.

A sua organização varia conforme êles estão colocados na zona interior ou na zona de operações.

No primeiro caso, a sua instalação depende das comodidades das tropas e dos serviços. No segundo caso, regula-se em primeiro lugar pelas exigências da sua segurança e têm de ser fortificados. Um *blockaus* ou um fortim, exigindo apenas vinte a quarenta homens e protegendo, como reduto, um recinto de abatizes, redes de fio de ferro, etc., destinado ao abrigo dos combóios, etc., representa um tipo de organização satisfatório.

Os postos de *étapes*, na falta de alturas, devem aproveitar a proximidade das grandes árvores para nelas estabelecer observatórios, e postos ópticos. Na falta de árvores, devem-se orga-

---

(1) *La guerre de Madagascar*, par Riols, pág. 82.

nizar mirantes de 10 a 15 metros de altura com traves, troncos de ávores, etc.

A continuação da campanha exige a formação de novas bases, onde se reünam depósitos, enfermarias, etc.

Falando sôbre o assunto, um escritor contemporâneo muito conhecido, o general alemão Von der Goltz, diz (1) o seguinte:

«Uma linha de comunicações comportando mais de cinco a seis dias de marcha pode já ser considerada como longa e, neste caso, andar-se-á bem organizando, ao menos para as subsistências e munições, uma nova base.»

Escuso de ponderar os inconvenientes de uma linha de comunicações extensa e que Von der Goltz tão formalmente condena, por demais se sabe quão frágil ela se torna e que enorme quantidade de meios de transporte isso exigiria.

Por isso adopto as ideias do general alemão, que se são verdadeiras para a Europa, muito mais o serão para a África, onde o sistema de abastecimento — por armazéns e combóios — é a expressão fiel do antigo sistema de guerra à Frederico, que assim procedia sempre por êsse processo metódico.

Não se pode, porém, marcar distâncias exactas e, em regra, sempre que isso não dê uma extensão demasiada, escolher-se-ão para bases secundárias os diferentes objectivos já atingidos: *libatas* ou *aringas* dos chefes, passagens importantes de rios ou montanhas, etc.

Para confirmar êste modo de ver, podia citar exemplos de várias guerras coloniais, mas alongava assim, sem proveito, êste relatório exarando coisas de todos conhecidas.

É ainda evidente que um rio navegável — ou um caminho de ferro — permitirá distanciar muito mais estas bases, sem inconveniente.

Quando se organiza uma expedição colonial deve-se cal-

---

(1) *De la conduite de la guerre*, par Von der Goltz, traduction de l'allemand, pág. 118.

cular, com critério e segurança, a sua capacidade de acção. Os combates na África, rudes, mas curtos, não dão baixas numerosas, quando se não traduzem em derrotas totais. Ali as vitórias custam barato, mas os desastres só se saldam com catástrofes completas, fora de todos os cálculos preventivos.

É por êste motivo que a capacidade de acção de uma fôrça europeia em África é função, sobretudo, da extensão do país a ocupar, e ainda da natureza do clima e da demora provável do corpo expedicionário.

Citarei alguns exemplos que me dispensam de outros comentários. Na guerra de Dahomé, a coluna do general Dodds que em Agôsto contava 2.150 homens, reduziu-se a metade — 1.250 homens — em menos de quatro meses.

A expedição a Madagáscar desembarcando, de Fevereiro a Maio de 1895, 15.000 homens em Majunga, só chegava com 2.500 a Tananarive — 450 quilómetros de Majunga — nos fins de Setembro. A nossa expedição de 1895, desembarcada em Lourenço Marques e Inhambane em Abril e Maio, contava mais de 2.000 homens que, reünidos aos restos da pequena fôrça enviada em Outubro de 1894 e polícia de Lourenço Marques, davam um efectivo total de 2.500 homens; pois nos princípios de Novembro as duas colunas de operações não chegavam a contar 1.000 homens.

Se em vez de lutarmos contra um potentado tão odiado quanto temido, tivéssemos de vencer uma grande insurreição nacional, que resistisse às duas provas de Magul e Coolela, a capacidade de acção da expedição não seria suficiente para a debelar, e estes enfraquecidos restos apenas chegariam para guarnecer país já ocupado, sendo preciso novos reforços para sufocar de todo a revolta.

O envio de uma expedição importante deve ser feito de modo que as tropas cheguem ao local do seu destino na época ou estação mais própria para operações militares. Exceptuam-se, claro está, os casos úrgicos, casos que não apareceriam

muitas vezes se houvesse mais prudência administrativa e mais energia militar. A estação boa varia com os climas (1), mas, nas regiões tropicais, é sempre curta. Bom é calcular a fôrça e organização da expedição de modo que ela possa alcançar dentro dêste período o fim em vista. É preferível contar e preparar duas épocas de campanha, do que obrigar uma fôrça europeia a operações activas durante as estações doentias.

A maior parte das fôrças combatentes devem já encontrar reünidos, no pôrto de desembarque — pelo menos — os abastecimentos precisos e os meios de transporte necessários. A escassez de meios de transporte malogrou completamente os fins da expedição inglêsa ao Soldão egípcio em 1884 — cujo objectivo era descercar Khartum e ia comprometendo fatalmente o êxito na nossa expedição a Moçambique, onde esta escassez se complicou com a falta de organização do serviço de transportes.

No primeiro capítulo desta segunda parte indiquei, segundo o meu modo de ver, as quantidades de víveres e mais municiamentos a reünir para uma expedição colonial.

Tratarei agora de fixar, de algum modo, a quantidade de meios de transporte necessários aos combóios de abastecimento e evacuações, visto já ter dado indicações acêrca de trens de combate e combóio das colunas.

Não é possível fixar um número exacto, mesmo para um determinado efectivo, porque depende também da extensão da linha de comunicações, do número de pontos a ocupar, etc. Segundo o que nos diz a experiência, parece-me dever sempre preparar-se para uma expedição de efectivo de 3.000 a 4.000 homens, estendendo-se ao longo de uma linha de comunica-

---

(1) Em Moçambique os meses mais próprios são os de Setembro e Outubro, tempo ainda não muito quente, sêco, pântanos enxutos e *pachas queimadas*. Os meses de Junho, Julho e Agôsto, tempo fresco e sêco, são aproveitáveis, mas há, durante êles, o terrível *cacimbo*. De Dezembro a Março os terrenos são quási impraticáveis, por inundados.

ções (constituída apenas por caminhos ordinários) de 200 a 350 quilómetros, os meios de transporte necessários para carregarem quinze a vinte dias de víveres, igual número ou o dôbro das transportadas nos trens de combate e pequenas reservas do material ($^1/_{20}$ a $^1/_{10}$ das reservas gerais).

Os meios de evacuação de doentes e feridos — carros apropriados, liteiras puxadas a animais, macas, muares a *cacolets*, devem ser tais que permitam transportar $^1/_{10}$ do efectivo.

No propósito, tantas vezes declarado de não alongar mais êste relatório, chamarei a atenção apenas para dois exemplos de campanhas coloniais, que mais fàcilmente podem servir de guias, pelo efectivo das suas fôrças e natureza do país, às nossas grandes expedições ultramarinas.

Na guerra dos aschantis, o corpo expedicionário, contando 3:500 combatentes, empregou entre o Prak, segunda base de operações e Cumassi, objectivo final da campanha, (70 milhas ou 116 quilómetros), 4:000 carregadores (1). A carga de cada carregador era de 50 libras ou 21^k,300. O pêso transportado era, pois, de 85 toneladas. Supondo, segundo os meus cálculos que 40 toneladas eram absorvidas no trem de combate e combóios das colunas, ficam ainda 45 toneladas de abastecimento, representando oito dias de víveres — uma linha de marcha de quatro *étapes*.

Na guerra do Dahomé, o general Dodds apoiando-se no Uemé, no qual um combóio flutuante de dez dias de víveres chegava a Taohué, estabeleceu uma linha de comunicações desde aí até Abomé, objectivo final, linha que tinha apenas 60 a 70 quilómetros de extensão — três dias de marcha. Para os transportes necessitados pela sua coluna de 2:100 homens, dispunha o general de 2:239 carregadores (carga individual 25 quilogramas) e 60 viaturas Lefevre transportando, em média, um pêso

(1) *Military transport*, by Furre.

útil de 350 quilogramas (1). O pêso total transportável era, pois, de 80 toneladas, e atribuindo 30 a 35 para os trens de combate, etc., vemos que o serviço à retaguarda dispunha de 45 a 50 toneladas — oito a dez dias de víveres para as três *étapes* e as possíveis interrupções do rio, que felizmente serviu sempre bem.

Estes exemplos demonstram plenamente que não sou exagerado pedindo o transporte de quinze dias de víveres para uma linha de comunicações de quinze a dezaseis dias de marcha.

Concretizando mais o exemplo indicado, vemos que uma expedição de 3:000 homens, internando-se ou tendo de se internar 300 quilómetros, necessitaria para os seus serviços à retaguarda, os meios de transportar 75 toneladas de víveres e forragens (2), 10 a 15 toneladas de munições e material de ambulância, etc. Total 85 a 90 toneladas. As perdas sofridas pelo material e animal de transportes são, porém, e sempre, tão grandes que o oficial inglês Bailey, deputado assistente do comissário geral, uma das maiores autoridades no assunto, considera necessária uma reserva de ¼. Temos, pois, o pêso total de 105 a 115 toneladas. Êste último número exige 288 carros (transportando cada um 400 quilogramas) ou 767 camelos (carregando 150 quilogramas) ou 1:445 muares (carregando 80 quilogramas) ou 2:300 burros (carregando 50 quilogramas) ou 4:600 carregadores (carregando 25 quilogramas).

Estes números servem também para mostrar a grandeza de esforços exigidos por uma grande expedição colonial. Antes de empreendê-la deve-se pensar bem se o objectivo visado merece os sacrifíícios a fazer; mas, uma vez resolvida, qualquer cerceamento feito nos meios necessários nunca chega a traduzir-se em verdadeira economia e pode representar a perda de muitas vidas, o malogro da expedição e, o que é ainda pior, a deshonra da bandeira.

(1) *Le génie au Dahomé*, par Rocques.
(2) Considero 300 cavalos ou muares, à ração diária de 6 quilogramas.

É por êste motivo que fazemos nossas as seguintes palavras do major Palot do exército francês: «é quando se trata de combater longe da mãi pátria, quando é preciso tirar dela, com grande custo, os abastecimentos e reforços, que convém aplicar extremo cuidado às medidas preparatórias. É forçoso que o andamento dessa máquina colossal que se chama corpo expedicionário se produza com o menor número possível de interrupções e sobresaltos. «É esta a tarefa do estado maior general».

Que ao corpo do estado maior — que deve ser o estado maior general do exército português — sejam dados os meios necessários e a iniciativa suficiente para tratar dêstes assuntos, eis os meus votos. São os do mais humilde membro da brilhante corporação a que me honro de pertencer, mas são os de um homem que, por um acaso feliz, pôde avaliar de perto os inconvenientes e os perigos de se entregar a direcção de uma campanha a diversas e variadas entidades.

A energia e o esfôrço dos chefes, a bravura heróica e sublime resignação dos subordinados, se não compensaram tôdas as faltas, puderam, ao menos — com o auxílio da Providência divina — levar a bom fim uma emprêsa que, a estranhos e patrícios, se afigurava irrealizável.

Mas semelhantes virtudes e esforços não podem apagar, no ânimo de quem, por dever de profissão, teve de calcular e pesar friamente os meios de acção de uma expedição militar, a lembrança do que houve de desconnexo e desordenado na preparação e direcção de uma campanha decisiva a respeito da nossa existência de potência colonial e talvez — quem sabe — da nossa autonomia.

Lisboa, 3 de Setembro de 1896. — *Eduardo Augusto Ferreira da Costa*, capitão do corpo do estado maior.

Apêndice n.º 1

Documentos da Missão a Inhambane

DOCUMENTO N.º 1

(Cópia da nota n.º 9, rectificada pela nota n.º 14 de 30 de Abril de 1895, dirigida pelo chefe da missão ao comandante militar de Nkangel em Cumbana)

Comissariado régio da província de Moçambique. — Missão ao distrito de Inhambane. — N.º 9. — Ao sr. comandnte militar de Nkangel em Cumbana. — Do chefe do estado maior do comissariado régio.

S. Ex.ª o sr. comissário régio determina que o acampamento militar, que por ordem do mesmo ex.mo sr. foi mandado organizar na sede da circunscrição, seja estabelecido de modo a obedecer aos princípios que regulam esta maneira de estacionamento das tropas em campanhas coloniais e, em conseqüência, do seguinte modo:

1.º O acampamento afectará a forma de um quadrilátero irregular, construindo-se em cada uma das faces barracões para a sua guarnição de infanteria e abrigando do mesmo modo, em linhas sucessivas e interiores, as tropas das outras armas e serviços.

2.º *a)* Atendendo às circunstâncias em que êste acampamento se organiza, será considerada como face da frente a que fica estabelecida em direcção quási perpendicular à estrada do Inharrime, para um e outro lado da mesma estrada. A NO. para o Chicomo serão construídos dois barracões para uma companhia de infantaria e outro para oficiais de duas companhias. A SE. da mesma estrada será construído um barracão para a fôrça de engenharia e à sua retaguarda outro para os seus oficiais. Como 2.ª linha desta face serão construídos 20 metros à retaguarda dos barracões da 1.ª linha, outros dois com destino a outra companhia de infantaria, tendo os seus oficiais alojamento no barracão

da 1.ª a que já me referi. Em 3.ª linha e a 20 metros de distância da 2.ª serão levantados dois grandes barracões para os serviços administrativos.

b) Considera-se como face direita a que se estende perpendicularmente, e à direita da da frente, curvando aproximadamente, na direcção SO.-NE. Constituir-se-ão dois barracões para uma companhia de infantaria e outro para os seus oficiais, entre aqueles. Em 2.ª linha serão levantados dois barracões, um para as tropas de artilharia e outro para cavalariça, e à retaguarda dêste, outro para os oficiais, marcando à direita da cavalariça lugar para o respectivo parque do material.

c) A face esquerda estará compreendida entre o extremo da frente ocupada pela engenharia e o cruzamento da estrada de Maxixe com a que vai ao sítio do abastecimento de água, tudo adiante da estrada de Maxixe. Nela serão construídos, em 1.ª linha, dois barracões para uma companhia de infantaria, e entre êles outro para os seus oficiais. Em 2.ª linha levantar-se-ão os alojamentos para os cavalos e praças de cavalaria, e entre êles um para os seus oficiais.

d) Na face da retaguarda, ligando as duas laterais paralelamente à face da frente, serão construídos dois barracões para uma companhia de infantaria, que alojará os seus oficiais num barracão colocado ao centro dos outros dois.

e) Aproveitar-se-á a antiga casa do comando, convenientemente reparada, para o serviço sanitário, construindo na mesma linha outro grande barracão, também destinado à ambulância.

f) O espaço compreendido entre os alojamentos dos serviços administrativos e sanitário é destinado à distribuïção de géneros e novos alojamentos da ambulância.

g) Um abrigo em fôlhas de zinco será construído à retaguarda da 2.ª linha da face esquerda, com destino a depósito de munições.

3.º Nos abarracamentos das tropas serão reservados por ligeiros tabiques, compartimentos para os respectivos oficiais inferiores. De maneira idêntica se procederá com respeito a todo o pessoal dos serviços administrativos.

4.º Em tôrno do acampamento será desbastado o mato até onde fôr possível e, pelo menos, numa extensão de 100 metros.

5.º Todos os outros esclarecimentos, como dimensões dos barracões, distâncias e intervalos entre êles e a sua posição relativa são fornecidos pelo imperfeito — mas suficientemente claro — esbôço que acompanha esta nota e que vai autenticado com a minha assinatura.

Determina ainda o mesmo ex.mo sr. comissário régio que, fora estas modificações do prescrito pelo ex.mo sr. governador na sua nota n.º 329 de 13 do corrente, e que, por ordem de s. ex.ª, me foi apresentada por v. s.ª, se observem todos os outros preceitos na mesma nota exarados e que não impliquem com as referidas modificações. — Cumbana, 24 de Abril de 1895. — *Eduardo da Costa*, capitão.

DOCUMENTO N.º 2

Comissariado régio da província de Moçambique. — Missão ao distrito de Inhambane. — N.º 10. — 26 de Abril de 1895, em Cumbana. — Ao sr. comandante militar de Chicomo em Guambá pequeno. — Do chefe do estado maior do comissariado régio. — S. ex.ª o sr. conselheiro comissário régio determina que na área do seu comando se proceda com tôda a urgência, e de modo a estarem prontos até 15 a 20 de Maio, aos seguintes trabalhos:

1.º Limpeza e reparação ou abertura, onde fôr preciso, da estrada que dos limites da circunscrição em Boquiça segue por Mussana e daí a Coguno, continuando directamente desta última povoação para a sede do comando em Chicomo.

a) A estrada não precisa ter mais de 6 metros de largura e, no caso de falta de tempo, pode mesmo ter a faixa mínima de 4 metros.

b) As pequenas pontes que atravessam os mocurros, ou riachos, afluentes do Inharrime, entre Coguno e Chicomo, serão reconstruídas de modo a darem passagem a carretas.

c) No caso de não ser possível proceder do mesmo modo para o vau do Chicomo, será êste melhorado, abrindo-lhe rampas de acesso e consolidando essas rampas com fachinagem de páus e ramos.

d) Seria de tôda a vantagem proceder de modo idêntico com o vau do Manguanhana, em frente do comando, mas em conseqüência da melindrosa situação em que êste se acha, fica v. s.ª com a liberdade de proceder a respeito dêste ponto.

2.º Serão construídos telheiros ou *hangares*, cobertos de palha e abrigados do lado do vento dominante (sul ou sueste) em Mussana, nas *machambas* (1) a NNO. de Coguno e que de *visu* mostrei a v. s.ª e outro nas *machambas* ao S. de Mabecuane (povoação do cabo (2)

(1) *Machambas*, ou *ma-chamba*, nome dado aos terrenos em cultivo cafreal.

(2) *Cabo*, designação dada por nós às autoridades gentílicas, imediatamente inferiores aos régulos. São os grandes feudatários dêstes reinos negros, mas cuja acção é, quási sempre, pouco eficaz.

Machambo) e que não pude mostrar a v. s.ª, por motivo da sua doença repentina, no dia em que me acompanhava pela estrada de Coguno ou Mocumby. Para mais esclarecimentos direi ainda que esta povoação é a quinta que se encontra pertencente ao cabo Machambo, vindo de Coguno para Mocumby e que o nome da mais próxima, vindo do mesmo lado, é Tomasse. Tôdas estas precauções têm por fim evitar enganos muito prejudiciais ao serviço e pelos quais v. s.ª fica ia responsável.

3.º Todos estes *hangares* ou abrigos devem ter 30 metros de comprido, 6 metros de largo (no interior) e 5 a 6 metros de pé direito.

4.º Depois de construídos estes trabalhos, que são os mais importantes, v. s.ª construïrá ainda abrigos do mesmo género no alto da ribeira de Amba, onde a caminho de Chicomo nós acampámos, e que indiquei a v. s.ª, e no alto a cavaleiro da sede do comando.

5.º O alto a cavaleiro do comando será, quanto possível, desembaraçado de árvores, em tôdas as direcções, de modo a preparar-se um largo campo para bivaque, em boas condições de defeza.

6.º Em todos os pontos indicados para a construção de abrigos serão abertos poços em número de seis, pelo menos, na água mais próxima que dêles houver.

Embora tenha pôsto em segundo lugar os trabalhos a que se referem os n.os 4 e 5 desta nota, deve v. s.ª entender que isto de forma alguma dispensa o emprêgo de todos os esforços possíveis para que êles se concluam no tempo determinado. — *Eduardo da Costa*, capitão.

Nota. — Posteriormente a 30, foi determinado a êste comandante militar que em Coguno se construíssem dois *hangares*, em logar de um só.

DOCUMENTO N.º 3

Comissariado régio da província de Moçambique. — Missão ao distrito de Inhambane. — N.º 12. — Em Cumbana, a 30 de Abril de 1895. — Ao sr. comandante militar do Inharrime. — Do chefe do estado maior do comissariado régio. — S. ex.ª o sr. conselheiro comissário régio determina que até ao dia 20 de Maio se executem na circunscrição do seu comando os seguintes trabalhos:

1.º Construção de um reduto no alto a cavaleiro do comando, segundo as prescrições seguintes: faces do comprimento, de 100 metros; espessura do parapeito, 1 metro (mínimo); fôsso, profundidade

2 metros no mínimo; largura, na parte superior, 3 metros; na parte inferior a menor possível. Em cada saliente será construído um tambor ou palissada, com plataformas para peças de campanha, destinadas ao flanqueamento das faces. Sendo possível, reforçar-se-á o parapeito com uma palissada de 1m,30 de altura. Todo o alto será limpo de mato, de modo a assegurar a cada face, pelo menos, um campo de tiro de 200 metros. Será sobretudo cuidadosamente limpo tudo que poder encobrir das vistas do reduto o vau da foz do Inharime. Usar-se-á de todos os meios possíveis de reforçar a fortificação, como estacas aguçadas, cacos de garrafas no fundo do fôsso, abatizes em volta, desde a distância de 50 a 60 metros. Dentro da fortificação serão construídos barracões para a sua guarnição (que poderá conter 50 praças brancas), barracões para arrecadações de géneros, pôsto sanitário, depósito de munições e casa do comando.

2.º Abertura de um caminho conduzindo do reduto ao riacho afluente do Poelela e abertura de poços, dez ou doze, para dêles se tirar água.

3.º Limpeza e abertura da estrada do comando para o Chicomo, por Iticua, Canda e Makalamba, etc., até ao limite da circunscrição. A estrada deve ter 6 metros de largo, mas pode, por falta de tempo, ser reduzida a uma faixa mínima de 4 metros.

4.º Construir abrigos para géneros, com 30 metros de comprimento, 6 metros de largura e 4 ou 5 metros de pé direito, nas machambas situadas a 1 quilómetro aproximadamente a oeste de Makalamba e nas que estão situadas ao sul de Chiosane, e que reconheci, acompanhado de v. s.ª. Neste último sítio devem ser construídos dois dêstes abrigos ou barracões. Em qualquer dêstes sítios serão abertos muitos poços, dez no mínimo, na água mais próxima. — *Eduardo da Costa*, capitão.

DOCUMENTO N.º 4

Comissariado régio da província de Moçambique. — Missão ao distrito de Inhambane. — N.º 13. — Ill.mo e ex.mo sr. — Sendo provável que o rio da Mutamba seja aproveitado no transporte de tropas e material para Cumbana, rogo a v. ex.ª, em nome de s. ex.ª o sr. comissário régio, as necessárias ordens para que, por parte da administração civil de Maxixe, se proceda com a máxima urgência e celeridade à construção de um caminho enxuto, para carretas, entre a estrada nova Maxixe-Cumbana e a povoação da Chacazana, pôrto do

rio Mutamba, caminho que deve ser o mais curto possível e passar pela Mutamba do Guimarães. Na própria povoação de Chacazana deve ser construído, nas mesmas circunstâncias de urgência, um cais de madeira que facilite o transporte de tropas e material.

Deus guarde a v. ex.ª — Ill.mo e ex.mo sr. governador do distrito de Inhambane. — Cumbana, 30 de Abril de 1895. — O chefe do estado maior, *Eduardo Augusto Ferreira da Costa*, capitão.

DOCUMENTO N.º 5

Comissariado régio da província de Moçambique. — Missão ao distrito de Inhambane. — N.º 15. — Cumbana, 30 de Abril de 1895. — Ao sr. comandante militar de Nkangel, em Cumbana. — Do chefe do estado maior do comissariado régio. — S. ex.ª o sr. comissário régio determina que na circunscrição do comando de v. s.ª se executem até 20 de Maio os seguintes trabalhos:

1.º Abertura do último troço da estrada de Chicomo, entre o comando e as terras de Jane. Este troço poderia, sendo preciso, ter a largura mínima de 4 metros, sendo, contudo, conveniente elevar a faxa a 6 metros.

2.º Construção de um barracão de abrigo para géneros, com 30 metros de comprido e 6 metros de largo, na *langua* (1) das terras de Jane, que já pessoalmente designei a v. s.ª, e a abertura, nas mesmas terras, de doze a vinte poços para água.

3.º Fica sem efeito tudo o que foi pedido na minha nota n.º 5 e que estiver em contradita com o exarado nas minhas notas n.os 9, 14 e 15. — *Eduardo da Costa*, capitão.

(1) Dá-se êste nome, *langua*, às depressões do terreno onde só crescem as gramíneas características designadas pelo nome de *capim* ou *palha*.

Apêndice n.º 2

Itinerários Expeditos

Estes itinerários levantados com instrumentos tão rudimentares, como a bússola e o relógio, são muito imperfeitos e apenas servem para dar uma ideia do terreno a percorrer e das dificuldades a encontrar. Os esboços, tradução do que aqui vai descrito, têm só a vantagem de indicar, com mais freqüência, as mudanças de rumo, impossíveis de fazer salientar nestas resumidas descrições sem as fazer na sua clareza e concisão.

De resto, como desenho, falam mais à vista, embora neles se suprimissem indicações de cultura e arborização, porque essas indicações sobrecarregá-los-íam de tal modo que os tornariam ilegíveis.

Esbôço n.º 1

1.º De Cumbana a Inharrime.
2.º De Cumbana a Chicomo.
A) Variante pelo Inhaçune.
3.º De Inharime ao Chicomo.

1.º — DE CUMBANA A INHARRIME

Estrada tôda aberta, bastante larga, piso ligeiramente arenoso, direcção geral do caminho para SO.

O terreno, em volta da estrada, bastante matoso, excepto nas proximidades da passagem de Chicongo-ongo, onde o mato é fácil.

A passagem do Chicongo-ongo, que corre pelo meio de uma enorme campina e pantanosa *(langua)*, faz-se por meio de uma estrada

em dique, bastante sólida e que, segundo parece, dará passagem a carretas.

Na estrada encontram-se poucas povoações, mas o país é muito povoado.

Encontra-se água próximo da estrada nas duas lagoas de Malança e Nhanon e na passagem do Chicongo-ongo.

No esbôço, Novo Inharrime designa o local escolhido para nova colocação do comando, onde foi mandado construir um reduto quadrado. Inharrime tem água em abundância e de regular qualidade.

Distância aproximada, entre Cumbana e Inharrime, 55 quilómetros.

Étapes. — Podem servir de lugares de *étape*, sem grande afastamento da estrada, os seguintes: lagoa Nhanon, próximo da povoação de Maputomane (a 22 quilómetros de Cumbana); Pataguana (33 quilómetros de Cumbana) e alto ao N. de Chicongo-ongo e junto da *langua* (39 quilómetros de Cumbana).

Uma pequena fôrça de infantaria pode vencer a distância Cumbana-Inharrime em duas marchas, sendo a primeira de Cumbana a Pataguana.

2.º — DE CUMBANA A CHICOMO

a) De *Cumbana a Chiosane* (duas *étapes*).

Estrada tôda aberta. Direcção geral para OSO. Chão ligeiramente arenoso, mas de bom piso. Não há declives consideráveis nem linhas de água a atravessar.

Até Fambaquasi corre entre mato difícil, com alguns intervalos em que deslisa e entre *machambas* (1). Depois desta povoação, caminha-se sempre entre grandes *machambas*, apenas, de espaço a espaço, interrompidas por algumas moitas de mato mais ou menos espesso, mas sempre pouco considerável.

O país tem bastante população, mas à beira da estrada encontram-se poucas povoações, a não ser o grupo das que pertencem a Chiosane, secretário do régulo de Speranhana.

Fora dos sítios descritos para os lugares de *étapes* não é fácil encontrar água próximo da estrada; contudo, nas povoações, quando habitadas, é sempre fácil arranjá-la.

---

(1) *Machambas*, terrenos em cultura dos quais, portanto, desapareceu o mato.

Cinco a seis horas depois de Fambaquasi entra-se em terras do Mocumby.

Étapes. — Até Chiosane têm de se fazer duas marchas, sendo a primeira até um pouco adiante de Fambaquasi, numa *langua* de terreno firme e onde há água em abundância (poços abertos no terreno). Êste local fica junto à estrada a 14 ou 16 quilómetros de Cumbana. A segunda marcha acaba em Chiosane, tendo sido escolhido para logar de *étape* umas enormes *machambas,* existentes ao S. das povoações. Água da lagoa Tofo, a dez minutos de caminho, em poços abertos na margem. Esta marcha regula por vinte e duas a vinte e quatro horas.

b) De *Chiosane a Coguno* (duas *étapes).*

O itinerário foi traçado pelo caminho velho, desde Mabecuane, caminho que hoje deve estar substituído por estrada, podendo, portanto, haver diferenças, mas não importantes. De resto, êste caminho dá passagem a carros sem trabalhos apreciáveis.

Direcção geral do caminho: primeiro para O, em seguida para SO., tornando depois a voltar para O.

Chão em geral firme, tendo, porém, alguns bocados arenosos.

Entre Chiosane e Mabecuane o caminho corre quási sempre entre grandes *machambas* cortadas nalgum ponto ou outro por alguns bocados de mato espesso. Perto de Mabecuane começa o mato a ser muito menos denso; 13 quilómetros depois de Chiosane entra-se em terras do Guambá-Grande.

Entre Mabecuane e Coguno o caminho corre, ao princípio, entre *machambas* e depois, quando estas desaparecem, entre mato muito fácil. Aparecem, contudo, alguns pequenos bocados de mato mais difícil. Perto de Coguno torna outra vez o caminho a correr entre *machambas*. A 9 quilómetros de Mabecuane encontra-se uma estreita langua, chão firme, e dando passagem facílima a qualquer fôrça; a descida para ela tem bastante declive, mas os carros podem transitar.

O país só é povoado próximo de Mabecuane, onde há um grande núcleo de povoação do cabo (1) Machambo (do Guambá-Grande).

Fora dos pontos escolhidos para lugares de *étape* não é fácil encontrar água nas proximidades do caminho.

Étapes. — Êste trajecto faz-se em duas marchas: primeira, até Mabecuane (15 a 16 quilómetros), escolhendo para local de bivaque as grandes *machambas* ao S. da povoação, água a dez ou quinze minu-

(1) *Cabo,* chefe indígena imediatamente subordinado ao régulo.

tos de caminho das lagoas do Inhamitande; segunda, até Coguno, local do bivaque, umas enormes *machambas* que existem ao NNO. da povoação, água a uma certa distância não considerável, comprimento da marcha 20 a 21 quilómetros.

c) De *Coguno a Chicomo* (duas *étapes).*

Itinerário feito por caminho velho, que hoje deve estar substituído por estrada. Chão em geral pouco arenoso; contudo, há sítios, como próximo de Chicomo, onde a areia se apresenta bastante solta, dando mau piso. Direcção geral para O., em seguida para SO. e no fim para OSO.

O caminho corre sempre entre mato muito fácil, cortado apenas por algumas moitas mais espessas.

O caminho atravessa muitas linhas de água que formam *languas* encharcadas e lodosas, as quais, se a nova estrada não estiver construída, serão origem de dificuldades para a passagem de carros, sendo então precisos alguns trabalhos com material improvisado do mato. Algumas destas *languas* têm as suas margens com um certo declive, sempre vencível pelas carretas. O caminho desde o rio Amba, corre sempre pela margem do Inharrime.

O país é deserto, a não ser próximo de Coguno; há também algumas povoações insignificantes do cabo Amba, perto do riacho a que se deu êste nome. Há água, em tôdas as *languas,* abrindo poços, mas não é de boa qualidade. O Inharrime não tem água potável, contudo, abrindo poços nas margens, já se pode fazer uso dela.

Étapes. — Dá êste trajecto duas marchas: primeira, até às margens da ribeira Amba (22 a 24 quilómetros), lugar do bivaque escolhido num alto, água dos poços da *langua;* segunda, marcha até ao comando do Chicomo (20 a 22 quilómetros), lugar do bivaque escolhido no alto a cavaleiro do comando, água de poços abertos na *langua* do Manguanhana (1).

A) — VARIANTE PELO INHAÇUME

(Entre Cumbana e o Guambá Grande)

Itinerário feito por caminho velho, com freqüentes mudanças de rumo, não sendo fácil defini-las por uma ou duas direcções gerais.

Até Muçone, povoação de um secretário de Speranhana, a duas

(1) É o Chicomo.

horas e trinta minutos de Cumbana, o caminho segue primeiro para SO., depois para NO., voltando a seguir para SO. até Macuplana, cabo do Mocumby, a seis horas e quinze minutos de Cumbana. Depois o caminho segue sempre ora para O., ora para S. até às povoações do cabo Machambo.

Ao princípio o caminho corre entre mato mais ou menos denso e *machambas*. Não há dificuldades para carros. Depois de Muçone, o caminho entra na grande planície do Inhaçune (enorme *langua* sem mato).

A 4 quilómetros de Cumbana encontra-se água dôce em grande quantidade. Pouco depois atravessa-se um grande espaço de terreno lodoso, mas talvez não seja difícil fazer passar os carros um pouco mais acima.

Próximo de Macuana (povoação do cabo Macuplana) *que se acha a seis horas e trinta minutos de Cumbana*, começa outra vez o mato, mas bastante fácil; pouco depois o mato torna-se considerável, sendo necessário abrir caminho para carretas, trabalho que num ou noutro ponto seria difícil. Trinta minutos depois entra-se outra vez no Inhaçume, aparecendo uma hora depois arvoredo e a seguir água e novamente a campina. Sete horas e trinta minutos de Cumbana sucedem-se depois outros bocados de mato, algum bastante denso. A dez horas e trinta minutos de Cumbana começam a aparecer as povoações do cabo Machambo entre mato fácil e ligeiro.

Étapes. — A quatro horas de Cumbana, passado Muçone; a sete horas e trinta minutos na campina em cabo Machambo.

3º — DO INHARRIME A CHICOMO

O itinerário seguido é o que foi traçado no esbôço.

Andava-se ao tempo fazendo a estrada de Mussana para Coguno, que deve estar concluída, mas que não foi reconhecida. Contudo as dificuldades do caminho traçado a partir de Mussana são tão grandes e tão difícil abrir no terreno correspondente caminho para carros, que aqui descrevo o itinerário de Inharrime a Chicomo por Mussana e daqui a Cogumo, de onde segue a Chicomo pelo caminho já descrito no itinerário Cumbana-Chicomo.

a) Do *Inharrime a Mussana* (três *étapes*).

Segue-se uma estrada velha, que hoje deve estar limpa e dando passagem a carretas. Direcção geral para O. Chão firme. Há declives

muito ásperos nas margens da ribeira do Canda e difícil seria aos carros vencê-los.

O caminho corre sempre entre mato espesso e denso, excepto nas proximidades de Canda, onde passa entre *machambas,* assim como junto de Makalamba.

A 23k,5 do Inharrime o caminho atravessa a *langua* do Inachengo, terreno encharcado e dando difícil passagem a carros; com a reparação da estrada deve êste trânsito tornar-se fácil.

Distância entre Inharrime e Mussana, 52k,5.

Étapes. — Logar sofrível nas *machambas* próximo a Canda (11 a 13 quilómetros do Inharrime). Nas *machambas* de Makalamba (35 quilómetros do Inharrime). Em Mussana, mau local pelo muito mato. Há sempre água próximo.

b) De *Mussana a Conguno* (uma *étape).*

Segundo informam, êste caminho não oferece dificuldades senão na passagem do Inhamitande, como qualquer outro do Inharrime para Chicomo, que todos atravessam êste rio pantanoso. A passagem do Inhamitande há-de ser sempre difícil para carros, mesmo depois de aberta a estrada.

Persiste, segundo dizem, o mesmo sistema de vegetação.

Étape. — O percurso de Mussana a Coguno faz-se em quatro a seis horas de marcha para infantaria.

Local de bivaque em Coguno, local já descrito.

c) De *Coguno a Chicomo* (duas *étapes).*

Itinerário já descrito.

Esbôço n.º 2

4.º De Chicomo a Manjacaze.

5.º De Chibutzu a Manjacaze.

4.º — DO CHICOMO A MANJACAZE

Itinerário traçado segundo o caminho existente. Direcção geral do caminho para S., até Sanjoene, povoação a 26 quilómetros de Chicomo, a seguir para NO. até Manjacaze.

a) De *Chicomo a Massacuana* (uma *étape).*

Chão, por vezes bastante arenoso, outras lodoso, em geral firme. Não há declives ásperos.

O caminho começa por atravessar o Manguanhana (1) que dá vau a tôdas as armas e pasagem a carretas, no tempo sêco. Depois atravessa terreno regular, ora *langua*, ora mato muito fácil. Contudo, a primeira *langua* que atravessa depois de passada a do Manguanhana (1) é bastante lodosa e deve haver cuidados especiais na condução das peças a rodado e sobretudo dos carros.

A 11 quilómetros do Chicomo começa um mato extremamente difícil, numa extensão de 2 a $2^{k},5$.

É impossível a tropas caminharem sem abrir caminho a machado.

A 16 quilómetros do Chicomo encontra-se uma grande *langua*, mas o caminho orla-a em terreno muito firme e arenoso; para o outro lado da estrada o mato é fácil e há grandes *machambas*. Nesta *langua* há duas lagoas. São as lagoas de Massacuana; água dos poços abertos na margem.

b) De *Massacuana a Manjacaze* (duas *étapes*).

O caminho passa em geral, entre mato fácil e grandes *machambas*. É uma região muito povoada. Atravessa-se várias *languas*, com poços e lagoas como a de Guilela, mas o caminho vai sempre por terreno firme e pela margem. Não há grandes declives.

Há um espaço de mato muito denso ($2^{k},5$ aproximadamente) onde é preciso abrir caminho a machado, a 19 quilómetros do Chicomo e a 30 minutos adiante de Massacuana. Há ainda outros pequenos bocados de mato difícil. O país é muito povoado, encontram-se várias povoações à beira do caminho e avistam-se muitas outras. No fim do caminho próximo de Manjacaze tem de se atravessar o Manguanhana a vau.

Há aqui uma poça de água negra e lodosa, dando difícil passagem a carretas. Torna-se necessário construir uma ponte de fachinas ou de cavaletes.

Passado o Manguanhana vai-se sempre por terreno firme para NO. direito a Manjacaze (40 quilómetros de Chicomo). Num planalto de mato extremamente fácil e em grandes *machambas* está o *kraal* do Gungunhana, que é um grupo de bastantes povoações, sendo muito grande o que constitue a habitação do régulo.

Étapes. — Esta distância poder-se-ía vencer fàcilmente em duas marchas se não fôsse o mato espesso que por vezes se encontra. Fazendo-se duas *étapes* seria a primeira na encosta O. da lagoa de Guilela (23 quilómetros de Chicomo) numas grandes *machambas;* água

(1) Isto é o Chiconto.

da margem da lagoa. Segunda *étape* em Manjacaze, bom campo; água próximo da *langua* do Manguanhana. Fazendo-se três *étapes* seria a primeira nas *machambas* ao N. da lagoa de Massacuana (16 quilómetros de Chicomo), campo regular; água muito próximo da lagoa. Segunda *étape* na *langua* a NO. de Magoniana (16 quilómetros de Massacuana) onde não há bom lugar para bivaque, mas encontra-se melhor uma hora e cinco depois; água da *langua* que fica um pouco longe, neste caso. Terceira *étape*. Manjacaze, já descrito.

5.º — DE CHIBUTZU A MANJACAZE

Montes Donga e Chibutzu

Estes montes, que marginam a foz do Chengane, dominam para O. tôda a extensa campina entre êste rio e o Limpopo, terreno uniforme coberto da vegetação característica dos terrenos encharcados, a *palha*, que adquire considerável altura. Para E., porém, o terreno apresenta-se cortado e com bastante mato. Qualquer dêles se presta, mediante trabalhos como limpeza de mato, etc., ao estabelecimento de um pôsto fortificado, contudo, é preciso não contar com o auxílio das canhoneiras fluviais que não podem, quer do Limpopo, quer do Chengane, cruzar os fogos com os do pôsto. É certo, porém, se elas puderem subir o Chegane, que oferecem protecção eficaz para o caso de um embarque forçado.

Para elucidar de todo êste assunto resta examinar quais as dificuldades do desembarque e do transporte do material desde o rio até aos montes.

Em qualquer dêles se adquire água, abrindo poços na margem do Chengane, porque a água dêste rio é excessivamente salobra ou salgada, como alguns afirmam.

O caminho entre os montes Chibutzu e Manjacaze apresenta a direcção geral para E. até próximo de Machacahomo de onde entesta para NE., mudando quási a chegar ao Manguanhana, para NNO.

a) Do Chibutzu ao rio Chiguita (uma *étape*).

Atravessa-se duas linhas de água, o Chiguita e um seu afluente, que não oferecem dificuldades; os vaus têm muito pouco fundo, um palmo de água, o leito é firme. Contudo, as vertentes são bastante ásperas, sobretudo a do Chiguita, e para dar passagem a carros torna-se necessário abrir estradas em lacetes.

O caminho ao princípio corre entre mato pouco espesso, depois entre mato de arbustos cerrados, que oferece dificuldades à passagem e exige o emprego freqüente do machado; no fim até ao Chiguita corre entre *machambas* grandes, a não ser nas próprias vertentes dêste, que estão, sobretudo na parte inferior, muito cheias de mato espesso.

O país é povoadíssimo nas margens do Chengane (Bilene) depois as terras Macuacuas, que se atravessam, têm bastante população. Do caminho, porém, apenas se avista Guluza e mais alguma outra.

Étape. — A distância entre Donga e o Chiguita regula por 14 a 15 quilómetros.

Junto do Chiguita, sobretudo na sua margem direita, na parte superior da vertente há campo para bivaque. Água fornecida pelo rio. É ligeiramente salobra, mas bastante regular e limpa, como água corrente.

b) Do *rio Chiguita à planície do Chionbane* (uma *étape*).

Passando o Chiguita entra-se em terras pertencentes ao antigo Binguana. Percorrem-se dois caminhos, mas o primeiro, por Changaniça, que vai pelo S. é mais extenso do que o outro 5 a 6 quilómetros e apresenta o mesmo aspecto. Por isso só é descrito o segundo. Êste sobe a margem esquerda do Chiguita, entre mato mais ou menos espesso, e atravessa depois, durante meia hora, grandes *machambas;* a seguir entra num mato espessíssimo, quási impenetrável. Êste mato leva quási duas horas a passar e é apenas interrompido por algumas pequenas clareiras. Quando o caminho se aproxima de Chiombane, a 2 quilómetros, aparecem enormes *machambas* entre as quais êle corre, até atingir a planície. O país é deserto, a não ser próximo de Chiombane, onde há muitas povoações que se não vêem do caminho.

Étape. — Uma marcha de 17 a 18 quilómetros. Logar do bivaque nas *machambas* que orlam a encosta da planície. Água de poços abertos nesta, tem uma côr leitosa que indica ser muito carregada em sais calcáreos; não é má, mas parece ser pouco abundante.

c) De *Chiombane a Manjacaze* (uma *étape*).

O caminho percorre sempre, nesta região, um terreno fácil, um mato muito aberto ou grandes *machambas*. Há apenas alguns bocados de mato espesso, próximo de Chiombane.

O caminho atravessa, durante muito tempo, uma *langua,* cujas águas afluem ao Manguanhana, e que tem uma lagoa. A *langua* apresenta um piso firme e seguro.

O caminho vai atravessar o Manguanhana no mesmo sítio em que o atravessa o caminho de Chicomo, portanto, daqui por diante,

confundem-se os *itinerários*, não sendo preciso repetir o que já está descrito.

O país é bastante povoado. O caminho passa por algumas povoações e avista outras.

Étape. — Uma marcha de 19 a 20 quilómetros. Lugar do bivaque, Manjacaze, já descrito.

A variante de Inhaçune foi estudada pelo alferes de cavalaria Raúl Carlos Ferreira da Costa, por eu ficar retido por doença em Cumbana.

Inhambane, 19 de Maio de 1895. — *Eduardo Augusto Ferreira da Costa*, capitão do corpo do estado maior.

Apêndice n.º 3

INSTRUÇÕES PROVISÓRIAS PARA O SERVIÇO DE CAMPANHA EM ÁFRICA

Considerações Preliminares

As campanhas coloniais, contra inimigos selvegens, têm de ser reguladas por princípios diferentes dos que regem as lutas entre tropas civilizadas. A táctica muda, e as causas desta mudança, sendo variáveis, podem-se talvez grupar em três espécies:

1.º Natureza especial do terreno;

2.º Táctica empregada pelos selvagens;

3.º Habitual superioridade numérica do inimigo.

O terreno, em regra, sem comunicações fáceis, sempre matoso ou pantanoso, pelo menos na África do sul, dificulta a marcha das tropas, sobretudo da sua *impedimenta* e favorece freqüentemente a acção por surprêsa de um inimigo que — mercê das suas qualidades físicas e da organização primitiva das suas legiões — se move com rapidez e desembaraço onde nós só encontramos dificuldades e demoras.

Não há, senão por excepção, vastos campos de tiro e, em geral, êles só aparecem em terrenos lodosos e encharcados, impróprios até aos movimentos dos mesmos indígenas.

Estas considerações aplicam-se a um tipo geral de terreno, comum a quási todo o continente africano, apenas modificado nas regiões de montanhas ou nos desertos arenosos.

O africano, abissínio ou zulu, solanês ou vátua, emprega sempre a mesma tactica: combate em massa e os seus esforços decisivos são

dados pelo choque, pela luta corpo a corpo. O fogo é para êle um acessório, um meio de começar a acção, preparando o desenvolvimento das suas massas. Cada exército compõe-se de vários corpos ou *manguas* — por corrupção *mangas* — mas o efectivo destas é extremamente variável. No caso de encontro com o inimigo, uma das mangas, a vanguarda (pode-se-lhe chamar assim) ataca de frente, uma ou duas das outras procuram envolver os flancos do adversário, finalmente, a última, verdadeira guarda da retaguarda, serve para completar e apoiar a acção das outras. O número das *manguas* é variável, como variável é o seu efectivo, mas a táctica, nos povos virís de África, afecta invariàvelmente esta fórma.

Nas campanhas coloniais as tropas regulares combatem sempre com desvantagem numérica. É habitual a proporção de 1 contra 10, mas tem sido freqüentes as fôrças europeias travarem luta contra um inimigo vinte vezes mais numeroso. Nunca, por maior que fôsse a desproporção, estas foram vencidas, desde que empregaram formações apropriadas, usaram da máxima vigilância e não perderam o sangue frio e a serenidade.

Postas estas premissas, fácil é tirar a conclusão, isto é, o princípio fundamental da tactica na África: *as tropas regulares, quer em marcha quer em estacionamento, devem estar sempre prontas a receber o inimigo, qualquer que seja a direcção em que êle se apresente.*

Ora, como é impossível fazer uma exploração sistemática a distância e ao inimigo é sempre fácil aproximar-se despercebido até curtas distâncias, segue-se que os *dispositivos a adoptar, tanto em marcha como em estação, devem ser tais que dêles derive imediatamente e sem movimentos prévios a apropriada formação do combate, que deve ser aquela que apresente uma frente de fogo extensa em tôdas as direcções e na qual seja em acção o envolvimento do inimigo; isto é, uma formação unida e fechada.*

A observância dêste princípio deve ser completada pela acção do comando. Em todos os casos a influência dos graduados é manifesta, mas em parte alguma ela se faz sentir tanto como na África.

O modo de atacar do inimigo, sempre por surprêsa e em grandes massas, o seu aspecto feroz e muitas vezes os seus gritos e vociferações,

fazem nascer um certo terror — embora não justificado — no ânimo dos soldados, pouco acostumados a estas lutas. Se nessas ocasiões os seus oficiais se não apresentam com a máxima serenidade, se, no comando superior, êles observam angústia, ou mesmo falta de sangue frio, ou hesitação, o seu receio transforma-se em pânico e o desastre aparece inevitável. É preciso, portanto, além de formações de marcha que não demandem movimentos prévios para se tornarem nas de combate, a coragem intrépida mas serena, o sangue frio activo e resoluto do comando e de todos os graduados, sobretudo, dos oficiais.

As presentes instruções dizem respeito aos princípios das marchas, estacionamento e combate, e revogam as disposições contraditórias dos títulos III, IV, V e VI do regulamento provisório para o serviço do exército em campanha.

A doutrina das instruções completa-se com o disposto nas seguintes partes do mesmo regulamento que com elas não impliquem.

Título II capítulo I §§ 3.º e 4.º, capítulo II §§ 1.º e 2.º
Título III capítulo IV.
Título IV capítulo IV § 4.º
Título V capítulo IV.
Título VI capítulos II, III e IV.

CAPÍTULO I

Reconhecimentos e Informações

1. Em regra, a exploração a distância pela cavalaria não é praticável na África; pode-se, porém, alargar a área de vigilância de uma coluna, empregando *patrulhas de reconhecimento* de cavaleiros ou de auxiliares indígenas.

2. Para empregar neste serviço *patrulhas de cavalaria* é necessário dispor de homens muito desembaraçados e experientes nas guerras africanas.

Estas patrulhas, para operarem ao longe, precisam, além disto, de serem de um forte efectivo, de modo a poderem fazer face com os seus próprios recursos a qualquer situação intrincada, e disporem de guias seguros.

3. As patrulhas de *auxiliares indígenas* devem ser pequenas e compostas de gente escolhida. Precisam de inteira liberdade de acção, mas é necessário centralizar êste serviço nas mãos de um oficial experiente e conhecedor das guerras indígenas.

4. As melhores informações são obtidas pelos espiões, de que sempre se deve dispor. Os espiões trazem de costume notícias exageradas e por vezes contraditórias, contudo, interrogados com cuidado e brandura, sem os assustar com palavras ásperas e acareando-os, consegue-se sempre ter notícias, a tempo, dos movimentos importantes do inimigo.

5. Os ajuntamentos dos indígenas fornecem sempre um indício capital das suas intenções. A presença de mulheres ou crianças prova as suas intenções pacíficas. Contudo, nem mesmo êste facto dispensa qualquer precaução entre gente rebelde, porque os indígenas prontamente tiram partido da mais pequena falta dêste género.

CAPÍTULO II

Marchas

§ 1.º — Generalidades

6. As marchas executam-se de dia e de noite.

7. Os inconvenientes que apresentam as marchas nocturnas, que facilitam as surprêsas e são causas de pânicos e a dificuldade de manter a ordem e ligação entre as fôrças marchando na obscuridade, limitam o seu emprêgo a casos perfeitamente excepcionais e só justificados por razões tácticas de ordem superior. A experiência de África prova ainda que as marchas de noite ocasionam um recrudescimento de acessos febris.

8. As marchas de dia devem começar ao romper do dia e fazerem-se de uma só vez. O sistema de descançar às horas do calor e de recomeçar às três ou quatro horas da tarde, é inconveniente, porque a obliqüidade dos raios solares, o aquecimento do solo, o trabalho da digestão, aumetam a fadiga, enervando os homens, e faz chegar tarde ao logar do bivaque, facto que é sempre inconveniente sob o ponto de vista da comodidade das tropas e que se torna perigoso próximo do inimigo. A marcha deve-se romper às cinco ou seis horas da manhã e continuar-se até às dez, onze ou mesmo doze horas do dia.

9. As tropas brancas apeadas não podem executar grandes marchas, 25 quilómetros representa para elas um máximo dificilmente excedível. A marcha ordinária regula por 18 quilómetros, o que equivale, em condições normais, a cinco horas de caminho para infantaria.

10. O soldado europeu nunca pode transportar a mochila, o seu carregamento deve ser reduzido ao mínimo.

11. Como as colunas na África são sempre de um fraco efectivo, o trem regimental confunde-se com o combóio. O trem de combate, constituído pelas munições de reserva, ambulância, muares de água e de ferramentas deve marchar sempre com a coluna. O combóio, organizado com carros, muares ou carregadores pode, segundo as circunstâncias, marchar reunido ou separado da coluna, mas neste último caso deve ficar sob a guarda de uma boa escolta.

§ 2.º — Segurança em marcha

12. Devendo tôda a coluna na África marchar reunida e pronta a tomar, em qualquer momento e imediatamente, a sua formação de combate, tem de marchar tôda grupada e unida. Por êste motivo, não há lugar de estabelecer missões distintas e de dar distâncias consideráveis à guarda avançada e à guarda da retaguarda.

Estes grupos apenas representam as fracções destinadas a formarem a frente e a retaguarda, em relação à linha de marcha, do dispositivo fechado que representa a formação de combate.

A segurança de uma coluna na África repousa sôbre a sua constante preparação a receber o choque.

13. O serviço de vigilância e observação recai sôbre a cavalaria e sôbre os auxiliares ou tropas auxiliares indígenas.

A cavalaria marcha 200 a 400 metros da guarda avançada, com a qual mantém sempre ligação. Esta cavalaria lança para a frente, a 100 ou 150 metros, uma flecha de três cavaleiros e flanqueia a coluna com cavaleiros isolados, ou grupos de dois com um intervalo dela de 100 a 200 metros, distanciando-se também entre si de 100 a 200 metros, e colocando tantos quantos sejam necessários para cobrirem a coluna tôda.

a) Êste sistema de protecção, suficiente em terrenos descobertos, não basta nas regiões cobertas e matos onde tem de ser completado por meio de patrulhas de auxiliares, ou tropas regulares indígenas, as quais marcham por fora das filas dos cavaleiros, flecha e flanqueadores, também com um intervalo de 100 a 200 metros.

A retaguarda da coluna é coberta pelo mesmo modo.

Neste sistema, os cavaleiros franqueadores têm por principal missão receber e transmitir as comunicações dos auxiliares a quem está incumbida a verdadeira exploração próxima.

b) Pode ser preciso, em matos muito espessos, fazer acompanhar os flanqueadores por auxiliares que lhe abram o caminho a machado, mas, mesmo neste caso, o emprêgo dêstes flanqueadores a cavalo é útil, porque a sua posição elevada lhe permite observar todos os sinais dos auxiliares em exploração.

c) As comunicações dos auxiliares devem ser transmitidas por sinais convencionais extremamente simples, para ficarem ao alcance das suas inteligências.

14. Uma coluna coberta dêste modo em tôdas as direcções, até 300 e 400 metros, está sempre, mesmo nos terrenos mais difíceis, ao abrigo de uma surprêsa.

15. Tôda a notícia, relativa ao inimigo, recebida por um cavaleiro, deve ser imediatamente transmitida por êste ao comandante da fracção mais próxima e daqui enviada sem demora ao comandante.

16. Em regra, as patrulhas e flanqueadores armados com espingardas de tiro rápido, não devem levar estas carregadas a-fim-de evitar algum desastre ou alarme, filho da precipitação.

a) O comandante da coluna, ou, autorizado por êste, o da exploração, determinará o contrário, se o julgar conveniente.

17. Nas marchas de noite a vigilância faz-se melhor pelo ouvido do que pela vista, por isso é de rigorosa observância um absoluto silêncio, devendo as próprias ordens ser dadas em voz baixa.

De resto, não há outras disposições especiais a notar.

§ 3.º — Formação de marcha

18. A formação de marcha mais conveniente seria, pois, a própria formação de combate, o *quadrado*, mas como esta dificulta muito a marcha, empregam-se outras que a substituem satisfatòriamente.

A formação de marcha mais própria é a ***coluna dupla***, as tropas marchando de costado em duas colunas paralelas com um intervlo de 50 a 100 metros (para um batalhão e proporções convenientes de outras armas e serviços) levando ao centro a artilharia, trem de combate, etc.

A guada avançada e a guarda da retaguarda devem marchar subdivididas pelas duas colunas, de modo a poderem formar a linha por

um único movimento sôbre o flanco de cada subdivisão. A distância entre a guarda avançada e da retaguarda e as testas e caudas das colunas que constituem o corpo principal deve regular entre 20 e 60 metros.

Cada uma das colunas que faz parte do corpo principal deve ser constituída por uma unidade.

a) Em terreno muito matoso, tanto a guarda avançada como a da retaguarda subdividir-se-ão em maior número de colunas de secção ou esquadra.

b) Pode-se ainda empregar, como formação de marcha, a do *quadrado duplo:* as fôrças formando o *quadrado interior* marchando na formação indicada neste artigo. O *quadrado exterior* é formado como unidades tiradas do outro, unidades que marcham em atiradores. Esta formação tem graves inconvenientes, sendo preciso dispor de tropas indígenas de confiança, porque só elas poderão desempenhar-se dêste serviço para que são absolutamente impróprios os soldados brancos. As lacunas que ficam existindo no quadrado interior e onde as unidades em atiradores se vêm reformar em caso de ataque, apresentam como um perigo grave no caso de se produzir um pânico, ou mesmo confusão, sempre possível com as mais bravas tropas indígenas.

c) Nos terrenos muito montanhosos pode ser conveniente, às vezes, dividir a coluna em pequenas unidades independentes, que marcham como se fôssem isoladas.

d) Uma coluna composta de vários batalhões torna-se pesada para marchar na África, por isso é conveniente dividi-la em colunas de batalhão. Cada batalhão marchará com o seu trem de combate e um formará a reserva geral, servindo de escolta ao combóio.

e) As formações previstas nas alíneas *c)* e *d)* dêste artigo apresentam o grave inconveniente de dificultar a acção do comando, que tem de vigiar com especial cuidado pela ligação das colunas. Além disto, esta divisão pode ser causa, com os actuais armamentos, de desastres irreparáveis, por duas colunas se fuzilarem, etc.

19. Na composição da coluna, a cavalaria marcha sempre adiante, como encarregada do serviço de segurança. Se, porém, por o terreno ser excessivamente matoso, ou por outro qualquer motivo, o comando entender que não é conveniente empregar, neste srviço, tôda a cavalaria de que dispõe, pode mandar parte para a retaguarda a distância de 100 ou 200 metros.

A artilharia marcha sempre o mais próximo possível das suas posições de combate, que são, em regra, os salientes do quadrado. Em terreno descoberto e unido a artilharia subdivide-se, marchando parte

junto e à altura das testas da coluna do corpo principal e parte à altura da cauda das mesmas colunas, mas sempre no interior da coluna dupla.

Nos terrenos muito cobertos e cortados, a artilharia marcha ao centro pelo caminho, mas à altura dos seus lugares de combate.

Ao centro e à frente da artilharia, marcha sempre a fôrça de engenharia, depois o trem de combate, ambulância no meio, e a seguir o combóio, se êste marcha com a coluna.

a) A artilharia colocada ao centro deve procurar marchar por coluna de secções, os animais de baste por dois ou três de fundo e os carros por dois. As distâncias devem ser cerradas, a não ser nos declives espessos, a-fim-de evitar que qualquer acidente se repercuta por tôda a coluna.

20. Nas marchas de noite a coluna deve marchar em quadrado a-fim-de evitar que, em caso de alarme, as tropas se fusilem mutuamente.

a) No caso de não ser possível marchar em quadrado, adoptar-se-á uma formação cerrada.

b) Só podem romper o fogo as tropas que se virem directamente atacadas; tôdas as outras esperam ordens do comando.

§ 4.º — Execução das marchas

21. A necessidade de tôda a coluna marchar grupada faz com que o alongamento deva ser reduzido ao mínimo, o que não é difícil em conseqüência do fraco efectivo de cada coluna na África.

Os altos horários destinados, sobretudo, a reduzir os alongamentos, não são necessários desde que as fôrças marchem bem unidas, como deve ser.

Um alto de dez a quinze minutos de duas em duas horas, um grande alto de uma a duas horas no meio da marcha, bastam para descanso da coluna e regularidade da marcha.

a) Estes altos podem ser determinados pela ordem de marcha ou designados pelo comandante durante a execução da mesma marcha.

Em qualquer dos casos é preciso prevenir oportunamente os auxiliares encarregados da exploração, a-fim-de que se conservem na mesma posição em relação à coluna.

b) Nos grandes altos a fôrça toma sempre a formação de combate, continuando a exploração a ocupar as mesmas posições relativas.

23. As formações de marcha aqui preconisadas dispensam a desi-

gnação antecipada do ponto inicial de marcha ou de um ponto de concentração.

No caso, porém, das fôrças ocuparem acantonamentos extensos, torna-se necessário proceder a uma concentração prévia antes de as pôr em marcha.

24. Nas passagens de desfiladeiros, como pontes, vaus, diques, etc., as fôrças transpõem o obstáculo por fracções, que avançam até deixar espaço suficiente para a formação de tôda a coluna: então param e tomam a formação de combate para resistir a um ataque súbito.

Quanto possível deve-se procurar que o fogo das unidades à retaguarda possa proteger estes movimentos que, além disto, devem sempre ser antecedidos de uma exploração cuidadosa do terreno.

a) Quando o desfiladeiro oferece uma passagem suficientemente larga, a coluna dupla pode-se dobrar, apertando sôbre o centro e assim passar o obstáculo.

Esta disposição tem a vantagem de não fazer perder tempo e oferece uma formação capaz de resistir a qualquer ataque.

§ 5.º — Disciplina de marcha

25. Durante a marcha deve-se observar a mais rigorosa disciplina cumprindo tôdas as disposições da ordem, reduzindo ao mínimo os alongamentos, etc.

As concessões às praças de abandonarem momentâneamente os seus logares só podem ser concedidas quando não haja algum perigo para elas.

Os oficiais que não comandam não podem, a não ser por razões de fôrça maior, saír dos lugares que lhe são marcados, e onde a sua presença é necessária para manter a ordem e a disciplina. Tôda a causa de desordem deve ser imediata e severamente punida.

Os comandantes das companhias ou fracções devem ter sempre em vista que, se a fôrça do seu comando precisa mais do que alguns segundos para ficar na sua posição de combate, fazendo frente ao inimigo, não está preparada para resistir com vantagem a um ataque súbito de africanos.

CAPITULO III

ESTACIONAMENTO

§ 1.º — Escolha e organização defensiva do local do estacionamento

26. As tropas estacionam em bivaque ou acampamento. Presidem os mesmos princípios a estas duas espécies de estacionamento, mas o acampamento, feito com mais demora, pode cuidar melhor das comodidades das tropas.

27. A escolha de um lugar de estacionamento obedece, em primeiro lugar, à circunstância de haver água próximo.

É também necessário que o local escolhido seja tal que torne fácil a observação do terreno em volta, tanto de dia como de noite, até 300 metros.

28. O bivaque ou acampamento deve sempre ser reforçado defensivamente. A rêde de fio de ferro constitue o melhor e mais rápido meio de defesa. Na falta de fio de ferro, os abatizes, sobretudo de mato espinhoso, são de útil emprego. Servem, além destas, tôdas as outras defesas acessórias.

a) Em tôdas as circunstâncias convém cercar o bivaque de uma trincheira-abrigo, cujo perfil pode aumentar ao de um reduto de fortificação improvisada, quando haja tempo, ou faltar outro meio defensivo de confiança.

b) Só circunstâncias excepcionais, como entrar de noite no bivaque, etc., podem justificar o não emprego dêstes meios de defesa.

c) Procurar-se-á sempre limpar, o mais possível, o campo de tiro.

Nas regiões de mato herboso torna-se necessário limpar o terreno numa larga zona à roda do bivaque, não só para desembaraçar o campo de tiro, como para prevenir os incêndios, casual ou propositadamente, lançados do exterior dos acampamentos.

§ 2.º — Formação de estacionamento

29. É táctica habitual dos indígenas atacarem os bivaques de madrugada; por isso, qualquer coluna tem de estacionar sempre na formação de combate, em quadrado, cada fracção ocupando o espaço que tem de defender.

A infantaria forma as faces, sendo sempre conveniente designar uma fracção para reserva geral, que ocupará o lugar designado pelo comando.

A artilharia divide as suas bôcas de fogo pelos seus logares de combate e faz bivacar, junto de cada uma, pelo menos, parte das suas guarnições.

A cavalaria e engenharia bivacam no interior do campo, quanto possível em linhas paralelas às suas faces.

Os animais de cavalaria, artilharia e trem de combate tomam posições idênticas, em relação às faces do bivaque.

Os carros do combóio devem ser aproveitados para reforçar tôdas ou algumas faces do quadrado, porque constituem um bom meio de defesa e assim não embaraçam o interior do campo.

O gado dos carros e os bois para víveres devem ser reunidos num curral exterior ao bivaque, mas de tal maneira colocado que não impeça o fogo e seja flanqueado por êle.

a) Uma coluna, composta de um batalhão, duas a seis peças e um a três pelotões de cavalaria, ocupa um campo cujas faces podem variar de 50 a 100 metros.

§ 3.º — Serviço de segurança

30. Êste serviço deve ter uma organização sumária, mas que seja suficiente para garantir de uma surprêsa, isto é, permitir às tropas, que ocupam já os seus lugares de combate, pegar em armas em alguns minutos antes do ataque se pronunciar.

As presentes instruções indicam dois sistemas de organizar êste serviço.

31. *Primeiro sistema.* — Rodeia-se o bivaque de uma rêde de postos à *cossaco*, distanciados de 50 a 300 metros da coluna e intervalados entre si de 50 a 100 metros.

Podem-se colocar entre êles algumas vedetas de cavalaria, destinadas a dar aviso rápido.

A acuïdade de sentidos dos indígenas torna-os muito próprios para êste serviço. Contudo, como nem sempre se pode ter confiança na sua vigilância, deve-se à noite constituir os postos de uma maneira mixta, com soldados brancos, se não houver razões que inhibam de assim proceder.

a) Estes postos devem ser amiudadas vezes rondados, e algumas patrulhas ligeiras completarão a sua vigilância.

32. *Segundo sistema.* — Em terreno muito matoso esta observação não é eficaz de noite e pode dar logar a desastres e equívocos lamentáveis. Por esta causa pode-se, à noite, fazer recolher esta rêde fixa de observação, rodeando o bivaque de uma rêde espessa de sentinelas, ou conservando sempre em armas parte da fôrça, não superior a um têrço, e lançando amiudadas vezes patrulhas de observação, constituídas por auxiliares de confiança, a quem se podem juntar oficiais ou sargentos inteligentes e desembaraçados.

Estas patrulhas avançarão até algumas centenas de metros adiante das faces do campo, explorando minuciosamente. Devem ser compostas de três a quatro homens.

33. O bivaque, além do serviço de segurança, coloca, durante o dia, uma sentinela a cada face, e durante a noite, usando dos postos, colocará duas a cada face, sendo uma adiante do centro, a 10 ou 20 passos, e a outra à mesma distância, à frente do flanco direito.

34. Um grande meio de segurança de um bivaque reside na iluminação da zona exterior ao campo, com 150 a 200 metros de profundidade, por meio de um projector eléctrico, lanternas de grande poder, composições iluminantes, fogueiras alcatroadas, etc.

35. De dia, em razão da pequena distância entre os postos e o campo, não se torna necessário usar de palavras de passe. De noite, porém, é necessário que as patrulhas se possam reconhecer fàcilmente, e, atendendo à dificuldade de fazer aprender as palavras do *santo* pelo indígena, pode-se usar de outros meios, como lanternas de furta-fogo, com as quais se farão sinais, combinados, mas de natureza muito simples.

36. Os postos devem ser rendidos diàriamente; as vedetas e sentinelas de duas em duas horas.

a) As patrulhas serão rendidas de modo a andar uma, pelo menos, sempre em serviço.

37. Um acampamento demorado, comportando uma organização defensiva mais sólida, pode diminuir o efectivo da fôrça empregada na segurança dêle.

CAPITULO IV

Combate

§ 1.º — Generalidades

38. Uma coluna em África, a não ser quando atacada no bivaque, ou em circunstâncias excepcionais, julgadas pelo comando (1), não prepara uma posição para receber o choque inimigo. Por outro lado, os indígenas, que não têm por costume fortificar as suas povoações, raras vezes esperam o ataque das fôrças europeias.

A forma mais geral do combate é o *combate de encontro*, a coluna atacada em marcha.

39. Como princípio que deve reger o combate pode-se dizer que só o fogo é eficaz para repelir um ataque de selvagens.

§ 2.º — Combate defensivo

40. Não há regras especiais a dar acêrca de um combate recebido numa posição fortificada. As disposições são variáveis e dependem do terreno e das intenções do comando.

É, porém, indispensável que esteja organizada de modo que o valor da defesa seja igual em tôdas as direcções.

a) Uma tropa atacada no bivaque defende-se segundo os princípios expostos nos números subseqüentes, §§ 3.º e 4.º

§ 3.º — Combate de encontro

41. Uma coluna atacada em marcha forma imediatamente o quadrado. As faces guarnecidas pela infantaria em linha, a artilharia nos salientes, mas sempre dentro do quadrado, a cavalaria formando parte da face da retaguarda, ou recolhendo-se ao interior conjuntamente com os auxiliares encarregados da exploração. A engenharia, trem de combate, etc., cerram sôbre a frente e formam-se paralelamente à face da frente, se não fôr indicada pelo comando outra disposição.

a) O comando deve sempre ter designada uma fracção para re-

---

(1) As vezes êste processo pode ser empregado como estratagema para atrair um adversário que foge sempre diante da coluna, sem combater.

serva. Em geral a parte da face da retaguarda tem de ceder o seu logar à cavalaria.

42. Logo que qualquer patrulha de exploração aviste o inimigo, ou indícios certos da sua aproximação, previne os cavaleiros ou chefes mais perto pelos sinais convencionados, sendo a notícia imediatamente transmitida ao comando.

A coluna pára e fórma logo o quadrado, a cavalaria e os auxiliares, imediatamente prevenidos, retiram aos seus logares, desembaraçando, de princípio, o lado de onde vem o ataque.

a) O comando determina se a cavalaria deve ou não apear.

43. Neste combate distinguem-se duas fases:

Primeira fase: repulsão do ataque;

Segunda fase: perseguição do inimigo.

Primeira fase. — As faces atacadas só abrem o fogo a curtas distâncias, 600 metros para a artilharia, 400 ou 300 metros para a infantaria (1).

A artilharia pode, excepcionalmente, como para apreciar distâncias, fazer alguns tiros mais longe.

O único tiro a empregar é o tiro de metralha, com lanternetas ou granadas com balas.

A velocidade do tiro deve ser a maior possível.

A infantaria só deve fazer fogo por descargas, por fracções constituídas de cada face, fracções que não devem ser inferiores a meia face.

O fogo é feito por duas, ou quatro fileiras quando se reforça alguma face.

O fogo de repetição só deve começar a 150 ou 100 metros por descargas. O tiro individual não tem aplicação nestes combates.

A baioneta deve ser armada quando o inimigo chega a 200 metros.

Tôda a unidade que, desprezando estas regras, abrir um fogo desordenado sôbre o inimigo, compromete o resultado da luta: os seus chefes tornam-se principalmente responsáveis de um desastre, muito provável nestas condições.

a) Às vezes o inimigo, reconhecendo-se incapaz de atacar a coluna de viva fôrça, entretem-se fatigando-a com um tiroteio feito dentro do mato. Neste caso pode-se fazer atacar êste mato por uma fracção de

---

(1) A experiência das guerras do Soldão prova até que os efeitos mais eficazes, tanto materiais como morais, têm sido alcançados quando o fogo só começa a 200 metros. De resto os campos de tiro de 200 metros não são vulgares em grande parte do continente africano.

infantaria em linha, apoiando-a com o fogo da coluna, que deve continuar em quadrado.

b) Quando pareça que o inimigo fraqueja e quer retroceder, é ocasião de pronunciar um violento contra-ataque contra os seus flancos. A cavalaria é muito própria para êste efeito, mas pode-se também fazer avançar uma parte de infantaria em linha e de baioneta armada contra um dêsses flancos. Esta fracção nunca deve ser superior a um têrço da fôrça total de infantaria.

O contra-ataque, quer de infantaria, quer de cavalaria, deve ser conduzido de modo tal que não mascare muito cêdo a face atacada.

O resto da coluna forma-se em quadrado, pronta a recolher as fôrças do contra-ataque no caso de um retôrno ofensivo do inimigo.

Segunda fase. — Repelido definitivamente o inimigo, a coluna persegue-o pelo fogo, enquanto fôr possível.

Depois só a cavalaria, acompanhada pelos auxiliares, pode ser encarregada dêste serviço.

Esta arma, porém, precisa ser empregada com circunspecção e guardar-se com cautela, a-fim-de evitar alguma emboscada.

§ 4.º — Combate ofensivo

44. Não se podem formular muitas regras. Ao comando pertence indicar as disposições especiais em cada caso.

É, porém, princípio absoluto a observar, conservar a reserva em quadrado e constituir frentes de ataques com unidades formadas em linha e em escalão.

A artilharia deve fazer acompanhar estas frentes de ataque por algumas bôcas de fogo, apoiadas na infantaria do ataque. O resto da artilharia fica no quadrado. A reserva acompanha os progressos do ataque, pronta sempre a recolher o resto da fôrça, em caso de insucesso. Quando o inimigo abandona a posição deve ser perseguido pelo fogo e depois pela cavalaria.

a) A cavalaria deve tentar, mascarando-se com o terreno, tornear a posição, caindo sôbre o inimigo logo que êle abandone o recinto onde resistia.

§ 5.º — Combate em retirada

45. Uma coluna obrigada a retirar executa êste movimento em quadrado. Quando se vê perseguida pelo inimigo, pode formar uma guarda da retaguarda especial que marcha um pouco à retaguarda do

quadrado e que, de vez em quando, pára, dirigindo-lhe algumas descargas, que o mantém à distância.

§ 6.º — Combates de noite

46. Tanto em marcha como em estação, o fogo, neste caso, só se deve abrir quando o inimigo chega a 100 metros, aproximadamente. A face atacada executa o fogo por descargas da face inteira, ou de fracções fortemente constituídas dessa face.

47. *O êxito de um combate nocturno depende sobretudo da mais rigorosa ordem e absoluto silêncio nas fileiras, obedecendo todos, com presteza, à voz dos seus chefes.*

48. *É proïbido a qualquer face, não directamente atacada, abrir fogo. O seu chefe é responsável pela execução dêste princípio.*

APÊNDICE ÀS INSTRUÇÕES

§ 1.º — Emprêgo dos auxiliares

49. Os auxiliares, além dos serviços indicados nos capítulos anteriores, são ainda indispensáveis como serviçais das colunas, como boieiros, maqueiros e carregadores. Todos êles, porém, precisam de ser fàcilmente reconhecidos por meio de sinais simples, mas que não possam ser adoptados com facilidade pelo inimigo. Usa-se, com êste fim, de panos, tiras ou lenços de côres pouco vulgares no mercado, empregando-os de diferentes maneiras de dia para dia; um dia enrolados na cabeça, em outro num braço, etc.

a) Empregando os auxiliares como carregadores, deve-se, além dêste sinal geral, dar-lhe outros distintivos, conforme os serviços a que pertencem. É ainda conveniente, sendo possível, entregar a cada um uma placa de identidade.

b) Os auxiliares, empregados como serviçais, não receberão armas de fogo.

50. Para que o emprêgo de auxiliares, como gente de guerra, dê resultados profícuos, é necessário que o seu serviço seja dirigido por oficial conhecedor dos seus hábitos, guerras e, quanto possível, da sua língua.

51. São ainda auxiliares indispensáveis a qualquer coluna um certo número de intérpretes de confiança.

52. Todos os não combatentes devem ser organizados militarmente em esquadras de 20 a 30 homens, sob o comando de uma praça graduada. Tôdas estas esquadras estão sob o comando de um oficial.

53. Quando os auxiliares combatentes forem em número considerável, não devem acampar juntamente com as tropas regulares, a não ser os que estiverem encarregados do serviço de noite.

O seu campo deve, porém, ficar situado de tal modo que não esteja exposto ao fogo das outras tropas, nem que possa dar lugar a confusões.

§ 2.º — Higiene geral

54. Todos se devem abster de beber água quando transpirando muito.

55. Os oficiais devem empregar todos os seus esforços em evitar que as praças bebam nos charcos ou poços que se encontrem pelo caminho, sem que essa água seja examinada por um médico. Esta disposição, além de ser um preceito higiénico, é também uma precaução indispensável, porque é vulgar os indígenas envenenarem as águas.

a) Sempre que fôr possível, deve-se fazer uso da água fervida ou filtrada.

56. As praças europeias nunca devem ficar em contacto com o solo.

57. Tôdas as praças devem usar camisa ou cinta de flanela.

58. À noite deve-se mandar sempre vestir capote ou substituir o fato de brim pelo de pano.

a) É precaução indispensável cobrir-se bem durante o sono, a-fim-de evitar os resfriamentos.

59. Durante as marchas, os soldados devem levar as golas desapertadas, mantendo o pescôço livre a-fim-de prevenir as insolações.

Nota posterior. — As «Instruções», além da sua deficiência, sofrem ainda de outro defeito: é a sua feição restritiva, o que foi devido ao apertado do tempo e ao caso concreto para que elas foram elaboradas — campanha contra os vátuas — e que tinha sempre em mente, embora às vezes involuntàriamente e impròpriamente.

Lisboa, 15 de Agôsto de 1896. — *Eduardo Costa*, capitão.

Apêndice n:º 4

ESTUDO SÔBRE O ABASTECIMENTO DE DUAS COLUNAS OPERANDO NO SUL DO DISTRITO DE INHAMBANE

Relatório

Ill.mo e ex.mo sr. comandante da brigada de operações. — Abastecer uma coluna, em operações, é sempre problema difícil, mas abastecer uma coluna na África é trabalho duas vezes mais complicado, pela falta de meios de transporte e dificuldade de comunicações.

Pouco importa a energia dos oficiais, o valor e constância dos soldados, se os abastecimentos se não fizerem de uma maneira contínua, segura e suficiente.

Nas próximas operações a executar nos distritos de Inhambane e Lourenço Marques há movimentos de colunas tanto para o norte como para o sul do Limpopo.

Muito desejava fazer, como me competia, o estudo do abastecimento de tôdas elas, mas longe de séde do comando, sem nada saber dos seus projectos, era-me inteiramente impossível tratar do assunto por completo.

Encaro só as duas colunas que, segundo os antigos planos de s. ex.ª o sr. comissário régio, se preparam para invadir o país de Gaza, ao norte do Limpopo.

A outra, destinada a operar no vale do Incomati, acha-se de há muito em acção, funcionando, portanto, os seus serviços de abastecimento.

Não sei se êste projecto está de pé, mas estudando a maneira de abastecer as duas primeiras pelo Chicomo considerei o caso mais complicado, sendo, portanto, a sua solução suficiente para qualquer outro.

Fui, claro está, obrigado a fazer uma composição de colunas, constituindo um anexo, que não sei se corresponde à verdade, mas

que é muito aproximada da admitida num ante-projecto de divisão de fôrças que, em tempos, tinha submetido à aprovação do ex.mo sr. comissário régio, que a concedera.

Há no distrito 20 carros, número mais que escasso para o serviço que têm de prestar. Como em tempo fiz esta observação, oficialmente, para o ex.mo comissário régio e propus a compra de, pelo menos, mais 10 carros, mostrando a impreterível necessidade desta compra, não hesitei em contar com os trinta carros e o necessário gado muar para se organizar em país inimigo o trem de combate.

Ainda para facilitar, não só êste estudo, como, e sobretudo, o problema do abastecimento, fixei umas rações de guerra, que julgo suficientes e simples, o que constitue um segundo anexo.

Baseei o rendimento dos carros e animais de baste, à falta de experiências, nas indicações dos experientes.

Eis os resultados sumários:

Carreta boer puxada a sete ou oito juntas de bois, 1:500 quilogramas pêso útil;

Carro pequeno puxado a três juntas de bois, 500 quilogramas pêso útil;

Muar, 75 a 80 quilogramas pêso útil.

Como v. Ex.ª vê, a carga útil para cada boi de tracção não chega a 100 quilogramas, o que é pouco, mas não é possível contar com mais, pois tive ocasião de ver em Lourenço Marques que isto representava um esfôrço máximo. É certo ainda que era bem visível ser êste mau resultado devido à fraqueza do gado, sua falta de trenagem e à imperícia e pouco zêlo dos carreiros. Há, portanto, probabilidades de melhorar êste estado de cousas, alimentando bem os bois e dando a cada carro um soldado branco como condutor. Atrevo-me ainda a lembrar que o contrato no Transvaal de um certo número de homens experimentados neste ofício, poderia dar resultados muito úteis.

A verdadeira base de operações para uma coluna que, partindo de Inhambane, queira entrar no país de Gaza, é o comando militar do Chicomo. Era, pois, neste ponto que se devia reunir desde já os grandes abastecimentos. Infelizmente, as circunstâncias em que se acha êste

comando, sem guarnição nem defesa, e a inconveniência de provocar, antes de tempo, um ataque dos vátuas que, com esta fácil vitória, criariam novo prestígio, persuadiram-me da necessidade de só organizar êste depósito quando tôda a coluna, chegando a Chicomo, possa proteger a construção do forte e dos armazens necessários para êste fim.

Por estes motivos considerei o serviço de abastecimentos dêste modo:

Depósito geral, recebendo todos os recursos vindos do reino, Inhambane;

Depósito de quarenta dias de víveres, 600:000 cartuchos e 1:800 tiros de artilharia, Cumbana;

Depósito de vinte dias de víveres, 300:000 cartuchos e 800 tiros de artilharia, Chicomo.

Mas, como para organizar em globo o depósito do Chicomo para vinte dias se torna necessário um grande número de carregadores, fiz uma segunda hopótese, mais modesta, fixando apenas êste abastecimento em doze dias, conservando, porém, o mesmo municiamento.

Será suficiente, desde que se assegure — como me parece que o faz a minha proposta — a sua alimentação por uma maneira contínua, regular e suficiente.

Ainda com o fim de facilitar a organização do depósito do Chicomo proponho a criação de depósitos intermédios, destinados a alimentar a coluna na sua marcha para o Chicomo, não passando de Coguno pelos mesmos motivos por que não se constrói desde já o de Chicomo.

A-pesar, porém, de haver os 30 carros, é forçoso, como v. ex.ª verá, empregar carregadores. Êste emprêgo faz-se, contudo, nas condições de menor inconveniente, isto é, longe do inimigo e ao abrigo dos seus ataques.

É certo, todavia, que os inconvenientes inherentes a esta espécie de meio de transporte não desaparecem de todo e é conveniente fazer notar que 10 carros boers correspondem a 550 carregadores para se avaliar o que se ganharia fazendo mais um largo sacrifício de compra de carros.

Inhambane, 30 de Maio de 1895. — *Edmardo Augusto Ferreira da Costa*, capitão do corpo do estado maior.

Abastecimentos Reunidos nos Depósitos

Cumbana

	Quilogramas
Víveres para quarenta dias para a coluna de Inhambane...	75:200
Forragens, idem.....	114:800
	190:000

Bois para abater — 320.
Munições:

	Quilogramas
Para espingarda — 600:000 cartuchos.....	12:500
Para peça — 1:800 tiros.....	8:100

Chicomo

	Quilogramas
Víveres para vinte dias para a coluna de Inhambane.....	38:600
Forragens, idem.....	57:400
	96:000

Bois para abater — 120.
Munições:

	Quilogramas
Para espingarda — 300:000 cartuchos.....	6:250
Para peça — 800 tiros	3:600

Depósitos intermédios

	Quilogramas
Terras de Jane — Um dia de víveres e forragens.....	4:750
Chiosane — Dois dias, idem.....	9:500
Mabecuane — Sete dias, idem.....	33:250
Coguno — Dois dias, idem.....	9:500

1.ª *nota*. — Para as forragens conto com mais 196 bois, que tantos são os que puxam a dez carros grandes e a seis pequenos, que não fazem parte do combóio da coluna.

2.ª *nota*. — Os víveres reünidos em Mabecuane têm por fim, como mostrei, assegurar o primeiro reabastecimento de Chicomo.

Modo de Abastecer os Depósitos

Cumbana

De Inhambane para Cumbana, os transportes hão-de se fazer pelo Mutamba até Chacazana e daí por estrada (quatro horas de marcha) até Cumbana.

A navegação do Mutamba fica assegurada por meio de uma lancha a vapor que, pelo menos, pode fazer uma viagem diária arrastando 10:000 quilogramas.

Ora, em Cumbana dispomos ainda de 30 carros, que podem transportar 30:000 quilogramas.

Êsses carros vão e voltam de Cumbana a Chacazana num dia. Se, portanto, o rio não render mais, o depósito de Cumbana levará muitos dias a preencher, se já lá estiver a coluna, que consome 4:750 quilogramas por dia.

Mas se fôr possível aumentar o movimento do rio, e as tropas se demorarem, êste tempo reduzir-se-á, calculando o rendimento diário do rio em 15:000 quilogramas, a treze dias.

Depósitos Intermédios

Sendo necessário, como veremos mais tarde, que em Cumbana haja um grupo grande de carregadores, é de todo o interêsse que êsse grupo entre em serviço logo que se comece a preencher o depósito de Cumbana.

De princípio bastam 750 carregadores os quais, carregando 15:000 quilogramas, podem transportar três dias de víveres e forragens.

Logo que em Cumbana estejam reünidos mantimentos consideráveis, no décimo dia, por exemplo, depois de principiar-se a organizar o depósito, podem êles começar a tratar dos depósitos intermédios, por isso no décimo dia saem de Cumbana 250 carregadores, transportando um dia de víveres para terras de Jane, que fica a quatro ou cinco horas de marcha. Portanto, nêsse mesmo dia fica estabelecido um de-

pósito. Ainda nesse dia saem os outros 500 carrregadores, transportando dois dias de víveres para Chiosane, onde chegam com dois dias de marcha, e o depósito fica estabelecido no duodécimo dia.

No décimo quarto dia, depois de se começar a preencher o depósito de Cumbana, sairão 15 carros, transportando 15:000 quilogramas ou três dias de víveres e forragens, para Mabecuane, onde chegarão com dois dias de marcha.

No décimo sexto dia partem de Cumbana os 500 carregadores com dois dias para Coguno, onde chegam no décimo nono dia.

No décimo quinto dia partem os outros 15 carros para Mabecuane, onde chegam no décimo sétimo dia. Com êste combóio devem seguir 250 carregadores transportando um dia de víveres para Mabecuane, onde chegam com dois ou três dias de marcha.

Temos assim todos os depósitos preenchidos no décimo nono dia, depois de se começar a preencher o depósito de Cumbana, pela seguinte forma:

Terras de Jane.....	13.º dia
Chiosane	16.º dia
Mabecuane	17.º ou 18.º dia
Coguno	19.º dia

Chicomo

Preenchidos os depósitos intermédios, isto é, sete dias depois de completo o primeiro abastecimento de quarenta dias em Cumbana, a tropa só espera pelos carros para poder marchar. Estes carros estão em Cumbana no décimo nono dia e descansando um dia estão prontos a acompanhar a coluna no vigésimo primeiro dia, depois de começar-se a preencher o depósito de Cumbana.

Para o caminho até Coguno não precisa a coluna de víveres e só de aí para Chicomo, dois dias, tem de recorrer ao combóio.

A coluna leva consigo todos os carros, que transportam 30:000 quilogramas. Ora, separando 4 carros pequenos para bagagens, 2:000 quilogramas, e transportando, como é conveniente, em carros, tôdas as munições destinadas ao depósito de Chicomo, que pesam aproximadamente 10:000 quilogramas, ficam para víveres e forragens 18:000 quilogramas, que correspondem a quatro dias de víveres e forragens para tôda a coluna, e consumindo um no caminho, chega a Chicomo com três dias de víveres e forragens. Faltam, portanto, dezessete dias

de víveres e forragens, que devem ser transportados por um grupo de carregadores. Ora, a estes dezesete dias correspondem 4:500 carregadores, entre os quais, claro está, podem figurar os 750 anteriores que de regresso no vigésimo segundo dia estão muito a tempo de chegar a Chicomo com a coluna que gastará nove dias numa marcha que êles fazem, sem dificuldade, em cinco.

Todos estes carregadores saïrão, portanto, três dias depois da coluna, com itinerário marcado para só chegarem a Chicomo um dia depois da coluna.

Os inconvenientes de empregar tão grande número de carregadores e as dificuldades de os arranjar, fizeram-me ver a quási impossibilidade de organizar êste depósito com tal grandeza. Por isso, proponho reduzi-lo a doze dias. Neste caso, têm só de se transportar pelos carregadores nove dias de víveres e nove dias de forragens, com o pêso de 40:750 quilogramas, isto é, 2:500 carregadores.

Farei notar a v. ex.ª que mais 20 carros *boers* correspondendo a 1:200 carregadores, e 10 carros pequenos, correspondendo a 250, fariam desaparecer, com vantagem, estes carregadores.

Funcionamento do serviço da alimentação e substituição dos depósitos

Entre Inhambane e Cumbana

O depósito de Cumbana logo que a coluna saí, no sétimo dia depois de cheio o depósito, fica exaurido de trinta e nove dias, isto é, de todo o abastecimento. Portanto, torna-se preciso evitar semelhante coisa, fazendo alimentar diàriamente êste, desde que êle se preenche até ao décimo quinto dia depois da coluna sair de Cumbana; ficam, portanto, dezasseis dias de víveres em Cumbana, víveres suficientes para alimentar de cinco em cinco dias o depósito de Chicomo.

Em seguida basta alimentá-lo também de cinco em cinco.

Para o alimentar diàriamente e, portanto, depois de cinco em cinco, bastam 500 carregadores, carregando dois dias de víveres.

Entre Cumbana e Chicomo

No dia seguinte ao da chegada a Chicomo, podem partir os 2:500 carregadores, 10 carros grandes e 6 carros pequenos.

Os carregadores estão cinco dias depois em Cumbana, onde ficam, e são licenciados 1:000.

Para organizar o serviço entre Cumbana e Chicomo, quatro dias de marcha para carros e carregadores, sem descanso, torna-se necessário dividir o caminho de modo a virem encontrar-se no meio em Mabecuane, os víveres vindos de Cumbana e os carros vindos do Chicomo.

Tendo em atenção o descanso do gado e dos carregadores, que neste serviço aturado não pode deixar de ser de um dia por dois de trabalho, vê-se que se torna necessário, para manter sempre intacto o depósito de Chicomo, que os combóios partindo de Cumbana levem seis dias de víveres e partam de seis em seis dias. Êsses seis dias são levados por 1:500 carregadores.

Os 16 carros transportam apenas 17:000 quilogramas, isto é, quatro dias de víveres e quatro de forragens; são, portanto, precisos 500 carregadores, além dos carros, que transportam dois dias de víveres e dois dias de forragens.

Falta-nos ainda assegurar o municiamento. Cada combóio deve levar 10:000 cartuchos e 300 tiros de peça, pesando 5:000 quilogramas (1). Como sempre se poderá arranjar algumas forragens, poder-se-á substituir algumas do combóio por cartuchos ou aumentar 250 carregadores a cada combóio de Cumbana a Chicomo.

Em resumo, em Cumbana são precisos:

500 carregadores para o serviço entre Inhambane e Cumbana, e 1:500 ou 1:750 para o de entre Cumbana e Mabecuane.

No Chicomo, além dos 16 carros, são precisos 750 carregadores.

Total, 30 carros e 2:000 a 3:000 carregadores.

Nota. — Cada 10 carros *boers* substituem 550 carregadores.

Mais 20 carros grandes e 10 pequenos reduziriam, portanto, o emprêgo dos carregadores em Cumbana, empregando 500 entre êste comando e o Motamba e 900 entre Cumbana e Mabecuane.

Prosseguimento de operações. — Criação de novos depósitos

Se a coluna não prosseguisse do Chicomo, os seus abastecimentos far-se-iam desta maneira, não sem inconvenientes e dificuldades pro-

---

(1) Claro está que se trata de um combóio de munições de tempos a tempos.

venientes do emprêgo de grande número de carregadores, mas, enfim, de uma maneira regular.

Tal não é, contudo, a hipótese a prever.

A coluna há de prosseguir para diante e o seu primeiro e principal objectivo é Manjacaze.

Em três dias de marcha a coluna está em Manjacaze, mas êsse trajecto pode, depois da estrada aberta, ser fàcilmente percorrido em dois dias pelos carros, e talvez até menos, quando despejados.

A coluna no seu combóio leva víveres para três dias; segue-se que logo no dia seguinte ao da chegada precisaria ser abastecida.

Notemos ainda que, ocupado Majacaze, estão naturalmente findas ou suspensas por algum tempo as operações em grosso, provàvelmente substituídas pelas das colunas ligeiras, percorrendo e submetendo o país em tôdas as direcções.

Portanto, teremos de alimentar o grosso da coluna em Manjacaze, por intermédio do Chicomo, e claro está que só se podem empregar neste serviço carros ou animais. É também certo que conviria, ou antes, é necessário, criar novo depósito em Majacaze, substituindo o de Chicomo, e fazendo depois o seu reabastecimento, ou por intermédio de Chicomo, ou directamente de Cumbana.

Vamos a ver estes dois casos.

Entre Chicomo e Manjacaze:

Como o trajecto se pode fazer em dois dias, para carros, segue-se que os mantimentos devem vir regularmente de três em três dias, logo que os carros partam ao encontro, de Chicomo e Manjacaze. A coluna tem no seu combóio elementos para irem buscar êsses três dias de víveres e forragens e os de Chicomo também chegam para êste fornecimento, empregando nisso 7 dos seus carros grandes, visto que já não há a contar com o gado que fica no Chicomo, que por êsse depósito será alimentado. Resta, porém, substituir êsses 7 carros grandes entre Chicomo e Mabecuane por 385 carregadores.

Mas isto não basta, pois a coluna precisa ter mantimentos em Manjacaze que lhe permitam esperar que êste serviço se organize, e por isso precisa o seu combóio até Manjacaze de ser aumentado com mais dois dias de víveres. Assim com mais 7 carros grandes e 2 pequenos a coluna chega a Manjacaze com dois dias de víveres.

No dia seguinte, de madrugada, saem todos os carros vazios, e

nêsse mesmo dia têem saído de Chicomo os 5 carros grandes e 4 pequenos conduzindo três dias, trocam a meio caminho com os do combóio da coluna que dois dias depois de alcançado Manjacaze recebe os dois dias já consumidos e mais um. O serviço, depois, continuar-se-á assim de três em três dias, mas de uma maneira de tal modo precária e insuficiente que demonstra bem a impreterível necessidade, ou de recorrer a carregadores para transportar, pelo menos, com a coluna seis a oito dias de víveres e forragens, ou à sua substituição por carros. Ficaria assim um depósito de cinco dias, regularmente abastecido de três em três.

O segundo caso, alimentar o depósito de Manjacaze directamente do de Cumbana, é manifestamente impossível, porque só pode ser feito de oito em oito dias e não há material que chegue para isso.

Encarámos ainda o caso mais fácil, o de abastecer uma única coluna. Reünindo-se, porém, as duas colunas em Manjacaze, elas exigiriam por dia de víveres e forragens 5:750 quilogramas, e os três dias equivaleriam a 17:250 quilogramas, isto é, à carga de 10 carros grandes e 8 pequenos, sendo, portanto, preciso empregar 20 carros grandes e 16 pequenos, ou substituir os 5 carros grandes e 1 pequeno que faltam por 300 carregadores.

Por êste modo todo o serviço entre Cumbana e Chicomo é executado por carregadores que precisam levar cinco dias para tôda a coluna reünida, isto é, 2:500 carregadores, pròximamente, em cada um dos pontos.

Pelo que tenho dito, vê-se quantas dificuldades se vão encontrar na organização do serviço de abastecimento por esta forma. Estudando o caso, procurei a maneira de o resolver, e aqui vão escritas as soluções possíveis.

Seria, porém, grosso êrro imaginar que elas são satisfatórias ou de confiança. Por isso, tornarei a dizer: todos os sacrifícios na compra de carros seriam proveitosos, porque 60 carros grandes e 20 a 30 carros pequenos poriam o serviço num estado corrente.

Felizmente, porém, outra solução se apresenta que resolve tôdas as dificuldades ou, pelo menos, as mais graves. A coluna que opera pelo Chengane formará aí uma base de operações, fortificada e ali-

mentada pelo rio Limpopo, que num dia pode trazer um, dois ou mais meses de víveres e forragens, que lhe forem necessários.

Depois da passagem da coluna o trajecto entre Chibutzu e Manjacaze faz-se em dois dias pelos carros.

Daqui segue-se o verdadeiro caminho a traçar, neste caso.

Ocupada Manjacase pelas duas colunas, ou estando na do Chicomo todos os carros, mudar-se-ia de base de operações passando esta a ser nos montes Chibutzu, alimentando-se daí Manjacaze.

Como já disse, o grosso das colunas tem grande demora em Manjacaze, e essa demora permite-lhe, empregando todos os carros e animais, organizar aqui um depósito de cinco a oito dias, permitindo-lhe fazer face às eventualidades.

E aqui tem de parar êste estudo, visto que mais se não pode prevenir de antemão .

Observações Posteriores

Este projecto, além dos erros que o seu autor lhe desconhece, tem outros que se lhe tornaram evidentes. Calculei, com larguesa excessiva, a marcha média dos carros e carregadores. Uns e outros, mesmo em boas condições, caso em que eu me baseava, não dão mais em média do que 20 a 25 quilogramas e é preciso dar um dia de descanso por dois, o máximo três, de marcha. Também não havia necessidade, como supus, de abastecer de repente e de uma só vez o depósito do Chicomo. A coluna podia e devia estacionar duas a três semanas, o que daria tempo a completar o abastecimento de vinte dias, empregando todos os carros (a maior parte dos quais foram inúteis) e os carregadores disponíveis. Não contava com o rendimento do rio Inharrime, que algum serviço prestou, porque nos fins de Maio nada constava a respeito das medidas necessárias ao seu aproveitamento.

Ocupando o Chicomo por largo tempo, com uma parte apenas da fôrça que eu calculara, com um animal, mais que reduzido, a coluna do Chicomo empregou em quatro meses 12:000 carregadores e alguns carros em viagens sucessivas.

Eis o que justifica o meu projecto, como um mínimo aceitável para as operações prosseguirem regularmente, em vez de se arrastarem, por longos meses, com manifesto prejuizo do estado sanitário e do espírito moral da expedição.

Julgando ainda suficiente 60 carros *boers* e 30 pequenos para todo o serviço de combóios e abastecimentos das duas colunas, do

Chicomo e Chengane, não me afastara do verdadeiro critério acêrca do cálculo dos meios de transporte. De facto, êsses 90 carros transportavam em condições normais 115 toneladas, destinadas a uma fôrça de 2:000 homens, com 300 cavalos e muares, estendendo-se sôbre uma linha de comunicações de dez dias de marcha (Inhambane a Manjacaze).

(Vide capítulo II da 2.ª parte dêste relatório)

Lisboa, 15 de Agôsto de 1896. — *Eduardo Costa*, capitão.

Anexo n.º 1

COMPOSIÇÃO DAS COLUNAS

Coluna de Inhambane

Europeus

Combatentes:

	Homens	Animais	Peças
Comando e estado maior	900	8	—
Fôrça de artilharia	60	40	4
Esquadrão (3 pelotões)	80	80	—
Fôrça de engenharia	40	10	—
Fôrça de artilharia de guarnição	40	—	—

Não combatentes:

Administração militar	15	2	—
Enfermeiros	7	—	—
Condutores, carreiros, etc.	50	—	—
Total	1:200	150	4

Trem de combate:

	Muares
Munições	41
Água (2:400 litros)	35
Ambulância	12
	88

Combóio:

	Bois
5 carretas *boers* (víveres)	80
9 carros pequenos (munições bagagens)	54
	134
Bois para abater	32

Auxiliares indígenas

Combatentes:

	Homens
Corpo de exploração	100

Não combatentes:

Carreiros	60
Maqueiros	40
Condutores, etc.	50
Total	250

Soma total:

Homens:

Europeus	1:200
Indígenas	250
Total	1:450
Solípedes e bois de tracção	372
Bois para abater	32
Carros	14

Abastecimento de víveres

Individual:

	Dias
Europeus — víveres de reserva	5
Indígenas	2

Combóio:

	Dias
Europeus	3
Indígenas	2

Forragens:

Todo o solípede transporta	2
Combóio, solípedes	1
Combóio, bois de tracção	2

Água:

Para o caminho — 2 litros por homem	1

Municiamento

Individual:

Infante — cartuchos	100
Cavaleiro, artilheiro ou engenheiro — cartuchos	60
Cada homem armado de revólver — cartuchos	30
Por peça — tiros	35

Trém de combate:

Infante — cartuchos	50
Cavaleiro, artilheiro ou engenheiro — cartuchos	25
Por peça — tiros	35

Combóio:

Infante, cavaleiro, etc. — cartuchos	30
Cada homem armado de revólver — cartuchos	50
Por peça — tiros	50

Total:

Por infante — cartuchos	180
Cavaleiros, artilheiros, etc. — cartuchos	115
Homens armados de revólver — cartuchos	80
Peças — tiros	120

Nota. — No estado maior contei com 1 médico, 1 veterinário, 1 encarregado dos transportes. Meti no efectivo do batalhão 1 médico — 2 dos animais atribuídos ao estado maior são para transporte do arquivo e bagagem do comandante, quatro dos animais atribuídos ao batalhão são para os capitães.

Coluna do Chengane

Europeus

Combatentes:

	Homens	Animais	Peças
Estado maior	7	9	
Infantaria — 3 companhias	700	7	
Cavalaria	30	30	
Artilharia	50	30	2 a 4
Engenharia	20	7	

Não combatentes:

Administração militar	8	1	
Enfermeiros	4	—	
Condutores, etc.	10	—	
Total	829	84	2 a 4

Trém de combate:

	Muares
Munições	32
Água — 1:660 litros	22
Ambulância	10
Total	64

Combóio:

Víveres e forragens	24
Bois para abater	18

Auxiliares indígenas

Combatentes:

	Muares
Corpo de exploração	70

Não combatentes:

Condutores, etc.	70
Total	140

Soma total:

Homens	900
Solípedes	170
Bois para abater	18

Abastecimento de víveres

Individual:

	Dias
Cada praça branca — bolacha	3
Cada praça branca — carne salgada	1
Indígenas	3

Forragens:

Cada solípede	3

Combóio:

Víveres	1

Água:

2 litros por homem	1

Municiamento

Individual:

Cada infante — cartuchos	120
Cada cavaleiro, etc. — cartuchos	80
Cada homem armado de revólver — cartuchos	30
Cada peça — tiros	35

Trém de combate:

Cada infante — cartuchos	50
Cada cavaleiro, etc. — cartuchos	30
Cada peça — tiros	35

Nota. — A coluna do Chengane não atribuí carros, porque me parece extremamente difícil fazê-los desembarcar e subir aos mon-

tes Tonga e Chibutzu com a coluna. Fui, portanto, obrigado a sobrecarregar com munições e víveres as praças europeias, ficando a artilharia com poucas munições. Obviar-se-ia a êste inconveniente com mais 16 muares; de resto esta coluna só deve começar os seus movimentos quando a de Inhambane partir do Chicomo, o que lhe diminue muito os perigos e a possibilidade de encontros sérios.

No estado maior contei com 1 médico e 1 encarregado de transportes.

Procedo para as companhias de infantaria como para o batalhão da coluna de Inhambane.

1.ª *nota geral.* — O serviço sanitário deve ser organizado dêste modo, em cada coluna: cada companhia de infantaria tem 1 maca e 4 maqueiros, a engenharia e artilharia formam um grupo com outra maca. Na coluna de Inhambane a ambulância dispõe de 1 muar com cantinas, 11 com *cacolets* e 5 macas; e a do Chengane de 1 muar de cantinas, 9 de *cacolets* e 4 macas. Tôdas estas macas são a 4 maqueiros indígenas.

2.ª *nota geral.* — Para o cálculo das munições de artilharia considerei tôdas as peças como se fôssem de 7c de montanha.

As Hotchkiss têm projécteis mais leves, mas como o seu tiro é muito mais rápido, o aumento de munições equilibra a diferença a menos do seu pêso e, portanto, não há prejuizo em considerar as coisas dêste modo.

Anexo n.º 2

PROPOSTA DE RAÇÕES DE GUERRA DIARIAS

Europeus

Carne e seus sucedâneos:

	Gramas
Ou vaca	650
Ou chouriço	440
Ou atum	600
Ou bacalhau	350
Ou pão alvo	500
Ou bolacha	300
Ou café	15
Ou açúcar	30

Vinho — 4 decilitros.

Legumes:

	Gramas		Gramas
Batatas	800	Ou batatas com	400
Ou arroz	250	Arroz ou com	168
Ou feijão branco	540	Feijão branco	360
Ou feijão encarnado	504	Feijão de outra qualidade	336
Ou grão	486	Grão	324
Ou massa	270	Massa	180

Temperos — média 40 gramas.

Cada 385 gramas de farinha dão 500 gramas de pão.
Cada boi da região rende, em média, 180 rações de 650 gramas.

	Gramas
Pêso de uma ração média, sem carne nem pão.....	370
Pêso de uma ração pão, farinha ou bolacha, média.....	395

	Gramas
Valor atribuído a uma ração, com vinho e sem carne.....	1:400

Indígenas

Carne	600
Arroz, farinha de mandioca, milho pilado, etc.....	800

Forragens:

Ração de todo o animal — 6 litros.....	4:800

Pêso de um dia de víveres para a coluna de Inhambane (sem carne):

Europeus	1:680
Indígenas	200
Total	1:880
Pêso de um dia de forragens para a mesma.....	1:776
Total	3:656

Pêso de um dia de víveres para a coluna do Chengane (sem carne):

	Gramas
Europeus	1:161
Indígenas	112
Total	1:273
Pêso de um dia de forragens para a mesma.....	821
Total	2:094

CAMPANHA DAS TROPAS PORTUGUESAS EM LOURENÇO MARQUES E INHAMBANE EM 1895

DESCRIÇÃO DAS CAMPANHAS DE MARRACUÉNE, MAGUL E COOLELA DA AUTORIA DE AIRES DE ORNELAS, PAIVA COUCEIRO E EDUARDO DA COSTA, PUBLICADA NA «REVISTA DO EXÉRCITO E ARMADA» EM 1896 E POSTERIORMENTE EM VOLUME



FAZENDO parte da expedição a Moçambique dois dos fundadores da *Revista* e alguns dos seus mais distintos colaboradores, não podia ela deixar em silêncio os feitos das nossas tropas nessa província, se para a narração dêles não fôsse motivo o interêsse que essa expedição despertou no país inteiro e a obrigação que lhe corre de se associar ao júbilo nacional, justificando-o.

Poucas, e bem poucas, expedições coloniais tem conseguido, em tão curto espaço de tempo, resultados tão completos e tão brilhantes. O nosso domínio, nulo, à chegada dela, no distrito de Lourenço Marques, fraco e incerto numa deminuta porção do de Inhambane, readquiriu um prestígio de há muito perdido e tornou-se efectivo em tôda a imensa vastidão do território que constitue a área dêsses distritos. O exército cumpriu a sua missão, e deve ter convencido o país de que pode confiar nêle, mostrando-lhe que não está perdida a raça dos heróis da nossa antiga epopeia ultramarina.

O resumo das operações executadas, é baseado em documentos oficiais que foram do domínio público; pelas apreciações críticas que contém, respondem os respectivos signatários, que tomaram parte activa nas operações narradas.

MARRAQUENE

Quando, a 12 de Novembro de 1895, o paquete *Cazengo* desembarcava em Lourenço Marques o 2.º batalhão de caçadores 2 e a 2.ª bateria da brigada de artilharia de montanha a situação do distrito era bem triste e desoladora.

Dura conseqüência de criminosos erros, a rebelião dos indígenas colhera de surprêsa as autoridades e a desorientação de que vinham dando provas desde Agôsto, deitara por terra o velho prestígio português, de há muito abalado pela deslealdade e fraqueza com que procedíamos para com os negros, colhendo assim duros e amargos frutos de processos políticos que parecem ser triste apanágio nosso na Europa e nas colónias. A evacuação de Anguane, as barricadas nas ruas da cidade, os alarmes constantes, humilhando-nos aos olhos dos estrangeiros, persuadiam os negros de que os seus antigos senhores, degenerados, eram raça de *mulheres* e de *galinhas*, e os auxiliares do Maputo a quem queríamos confiar a nossa defesa, chamados até à Catembe, burlavam-nos fugindo para as suas terras, certos da impunidade. A canhoneira inglêsa *Thrush*, tôdas as noites desembarcava uma fôrça de marinhagem para dar ao seu consulado uma protecção que já não esperava da nossa fraqueza.

Uma companhia de caçadores 2 e 1 secção de artilharia se-

guiram ainda no *Cazengo* para Inhambane, donde regressaram só a 15 de Janeiro, não sendo fácil explicar a causa nem da ida nem do regresso de tais fôrças. As restantes companhias foram logo empregadas no *serviço das linhas*.

As linhas eram constituídas por 12 *blockaus* dispostos em volta da cidade desde o pântano até à praia e ligados por uma sebe de arame.

Espécie de *coretos*, elevados a cêrca de 3^m do solo construídos de madeira forrada de zinco eram defendidos cada um por uma bôca de fogo, variando desde a Lahitte de 8 à metralhadora Nordenfelt, e guarnecidos por 6 a 10 praços de pret.

Extremamente penoso, o serviço das linhas contribuíu poderosamente para deteriorar a saúde das fôrças, sem que a utilidade da sua ocupação compensasse os sacrifícios que exigia.

A 2 de Dezembro, saía de Lourenço Marques uma coluna composta de 2 companhias de caçadores 2, a bateria de artilharia e cêrca de 200 praças de caçadores 3 de África destinada a reocupar Anguane; acompanhava a coluna o governador Canto e Castro; alguns paizanos, juntando-se aos 4 cavalos da polícia que a precediam constituiram-se em *exploradores*.

Anguane estava deserto quando a coluna ali chegou; as fôrças estabeleceram-se a cêrca de 200^m em volta das casas; à direita, apoiando-se numa lagoa a leste do pôsto, parte da fôrça de caçadores de África; a seguir, para a esquerda, uma companhia de caçadores 2, a artilharia, outra companhia de caçadores 2 e o resto da fôrça de caçadores de África. Dois postos de observação, de soldados angolas, foram colocados nas duas alturas principais que dominam a estrada da Magaia; as restantes fôrças destacavam para a frente das suas respectivas posições um número de sentinelas proporcionado ao seu efectivo, constituindo-se assim um cordão que apoiava a sua direita na lagoa e a esquerda na estrada de Lourenço Marques.

O pôsto de Anguane, metido numa depressão de terreno não tinha condições algumas de defesa: a linha de sentinelas,

ocupando a crista do terreno, e marcando a posição a ocupar em caso de ataque, era demasiado extensa para poder ser defendida com vantagem. Não foram aproveitados os serviços do capitão de engenharia Barahona, que acompanhara o governador, para dar ao pôsto uma organização militar que permitisse uma defesa fácil e segura, aliviando o serviço das tropas que ali acabaram de arruïnar-se.

O reabastecimento do pôsto, feito de 4 em 4 dias por comboios de carros vindo escoltados de Lourenço Marques, aumentava ainda a fadiga inútil das tropas que nem podiam esperar os cuidados médicos necessários, por isso que tendo o cirurgião ajudante França acompanhando o destacamento que fôra mandado para Inhambane, o serviço médico em Anguane ficou a cargo de um canarim ignorante.

No dia 5 de Dezembro os postos de observação deram notícia de avistar grandes grupos de pretos na direcção da Zichacha. Uma secção de artilharia, uma companhia de caçadores 2 e uma fôrça de angolas saíram do acampamento para os atacar fugindo os pretos aos primeiros tiros de artilharia, deixando 12 mortos no campo.

Os repetidos alarmes que as tropas tinham sofrido até então deminuiram sensìvelmente não tornando os negros a aproximar-se do pôsto, que alcançou, nesse fácil sucesso, um sossêgo que não era de esperar das suas nenhumas condições militares; mas o contínuo tiroteio contra as lanchas que subiam o Incomati (1), a razia de cêrca de 3:000 negros a 7 de Janeiro até ao Kil. 3 da linha férrea matando dois portugueses e mais de 60 mulheres e crianças da Matola, bem claro mostravam que a insolência e atrevimento dos negros exigiam severo castigo. Era indispensável, na frase enérgica de Caldas Xavier, *ir para cima dêles*, e demonstrar-lhes que tropas brancas podiam combater e

(1) No dia 27 de Dezembro, o 1.º tenente da armada Felipe Nunes comandante da *Bacamarte* era morto num dêstes tiroteios.

vencer no mato. Havia muitos brancos para quem essa demonstração era igualmente precisa.

Tal era o estado das coisas quando o Conselheiro António Enes desembarcou em Lourenço Marques seguido, poucos dias depois (21 de Dezembro) pelos oficiais do corpo do estado maior, Eduardo Costa e Aires de Ornelas que êle imediatamente encarregava de preparar e organizar uma expedição que deveria saír da cidade impreterivelmente no dia 28, para bater os rebeldes.

Estava então comandando a defesa da cidade o major Caldas Xavier que nesse mesmo dia dirigira um reconhecimento ofensivo até Guavá. Carácter duma rara energia, devotado servidor do seu país, unindo a profundos conhecimentos teóricos uma prática de guerra de África única no exército português, com o seu conselho seguro, com o seu concurso dedicado, tornou realizável a difícil missão de que êsses oficiais estavam encarregados, conseguindo assim apresentar por escrito no dia 24, ao Sr. Conselheiro Comissário Régio, o projecto de operações para a ocupação do Marracuene, que recebia nesse mesmo dia a aprovação de sua Ex.ª

As informações colhidas davam a seguinte fôrça aos régulos rebeldes:

Mahazul....	3:500	homens	com	400	espingardas
Zichacha....	1:000	»	»	500	»
Chirinda....	800	»	»	300	»
Munhangua	200	»	»	50	»
Mutua.....	300	»	»	50	»
Total...	5:800	homens	com	1:300	espingardas

Por seu lado os régulos fiéis, da Matola e Moamba apresentavam cêrca de 5:000 homens com muitas espingardas, grande número das quais lhe tinham sido distribuídas no princípio da revolta.

Não era porém possível contar com êles a valer antes de serem batidos os rebeldes, o que tornava necessária a ocupação imediata do Marracuene, ponto de passagem obrigado do Incomati entre as terras do Mahazul da margem direita, das suas mais importantes e mais ricas povoações, como Muzuruquel e Guavá, com os da margem esquerda, onde estava a sua capital e residência habitual, Mapunga, e Majuncomane onde se dizia estar reunida a maior parte da sua gente de guerra com a da Zichacha.

O projecto de operações resumia-se no seguinte:

A fôrça estacionada na cidade saíria no dia 28 de Janeiro pela estrada de Lourenço Marques — Anguane, bivacando neste pôsto e reunindo-se às fôrças que ali se achavam.

No 2.º dia tôda a coluna marcharia pela estrada Anguane — Muzuruquel — Marracuene, batendo as povoações da margem direita do Incomati até àquela passagem.

A coluna bivacaria nesse dia no alto a cavaleiro dessa passagem, esperando notícias das operações dos irregulares, e tratando de assegurar com o auxílio das lanchas de guerra a passagem do rio.

Os irregulares receberam apenas ordem para bater a Chirinda e a Zichacha, conforme as disposições que os seus chefes entendessem por convenientes, ficando prevenidos de que a coluna se acharia no dia 30 acampada no alto de Marracuene, devendo as fôrças dêles acampar junto à povoação de Zulu, donde mandariam os seus indunas comunicar a sua chegada e receber novas ordens.

As operações subseqüentes, obedecendo às circunstâncias de ocasião, teriam por objectivo limpar de rebeldes a margem esquerda do Incomati, batendo as povoações da Mapunga e recebendo os auxiliares ordem para passar o Incomati na Mutua, a-fim-de encurralar os rebeldes entre os dois grupos de fôrças.

No dia 25 chegava de Anguane e tomava o comando da coluna o major de caçadores 2, José Ribeiro; a 26, a 1.ª ordem

geral da coluna determinava a sua composição e inseria as disposições respeitantes a fardamento, equipamento e alimentação.

A 27 dava-se igualmente a primeira ordem de marcha.

As principais disposições da 1.ª ordem geral são as seguintes:

COMPOSIÇÃO DA COLUNA:

COMANDANTE — o major do batalhão de caçadores 2, José Ribeiro Júnior.

2.º COMANDANTE — o major de infantaria, Alfredo Augusto Caldas Xavier.

CHEFE DO ESTADO MAIOR — o capitão do corpo do Estado Maior Eduardo Ferreira da Costa.

ADJUNTOS — os tenentes do corpo do Estado Maior, Aires de Ornelas e de artilharia, Henrique de Paiva Couceiro.

OFICIAIS ÀS ORDENS — o alferes, ajudante do batalhão de caçadores 2, Virgílio dos Santos e o alferes do Exército de Portugal, Raúl Costa.

CHEFE DO SERVIÇO DE SAÚDE — o cirurgião ajudante de caçadores 2, Inácio França.

VAGUEMESTRE DA COLUNA — alferes do Exército de Portugal, José Francisco.

TROPAS:

INFANTARIA — caçadores 2: 12 oficiais e 300 praças de pret formando 3 pelotões; Caçadores 3 de África Oriental: 8 oficiais e 307 praças de pret formando 4 pelotões; Infantaria de Polícia de Lourenço Marques: 3 oficiais e 70 praças de pret, formando um pelotão.

CAVALARIA — Secção de cavalaria da Polícia de Lourenço Marques: 1 oficial, 22 praças de pret e 23 cavalos.

ARTILHARIA — Bataria de artilharia de montanha: 4 peças de montanha, 2 metralhadoras Nordenfelt; 4 oficiais, 83 praças de prét, 4 cavalos e 24 muares.

TREM DE COMBATE — Ambulância: 1 carro e 20 maqueiros de caçadores de África armados e equipados como os restantes. Munições: 1 carro com cartuchame Kropatscheck; 6 burros com cunhetes de cartuchame Snider.

COMBÓIO — 4 carros com material de bivaque e bagagens; 1 carro de água; 3 carros de víveres e 10 burros com selins.

MUNICIAMENTO:

Cada praça leva 80 cartuchos, sendo 20 na bôlsa e 60 numa das mochilas de víveres.

Cada praça de cavalaria leva 60 cartuchos.

Os serventes de artilharia levam 30 cartuchos.

Cada peça vai munida com 35 tiros e cada metralhadora com 6:000 cartuchos.

No trém de combate irão 40 cartuchos por cada praça europeia e 20 par cada indígena.

ARMAMENTO E EQUIPAMENTO:

Não é permitido aos oficiais o uso de carabina; é facultativo, para os de infantaria, o uso da espada e obrigatório para todos o do revólver.

Cada praça de infantaria e artilharia levará 2 mochilas de víveres, sendo uma destinada às rações e outra aos artigos de fardamento e cartuchame; não levarão mochila nem patrona. As praças do corpo da polícia não levam revólver, os corneteiros não levam carabina e tôdas as praças levam cantil. Os sapadores de infantaria não transportam pás nem picaretas.

FARDAMENTO:

Além do uniforme de linho, vestido, as praças europeias levarão na mochila de víveres destinada ao cartuchame, 1 camisola de flanela e 1 par de calças de linho. O capote, envolvido no impermeável será transportado a tiracolo, da direita para a esquerda. A marmita será prêsa ao capote por meio do francalete. As praças africanas transportam igualmente uma manta traçada da direita para a esquerda e um casaco de linho na mochila destinada a cartuchame.

Os oficiais não levam as malas regulamentares, sendo apenas permitido aos de infantaria o transporte dum pequeno saco de noite que, juntamente com o capote e o impermeável, irão no carro de bagagens.

ALIMENTAÇÃO:

Haverá três refeições diárias: 1.ª, de manhã antes da marcha: café quente e pão ou bolacha. 2.ª, rancho frio no grande alto ou no lugar da etape: pão e carne. 3.ª, rancho quente cozinhado no local do estacionamento.

A carne destinada ao rancho frio será esmpre cozinhada com o rancho quente do dia antecedente e distribuída juntamente com o café.

Os comandantes das diversas fracções requisitarão ao vaguemestre o número de rações necessárias para o rancho quente e frio do dia seguinte tanto dos oficiais como das praças, logo que o bivaque esteja instalado, mas sem designarem a qualidade dos géneros.

A ração diária para as praças europeias, determinada pelas circunstâncias de ocasião e pela região em que se vai operar, fica fixada do seguinte modo: 500 gr. de pão; 150 gr. de arroz ou 2 dec. de feijão sêco; 500 gr. de carne ou de bacalhau; 4 dec. de vinho sempre que seja possível; 15 gr. de café ou 3 gr. de chá.

Os oficiais terão idêntica ração.

A das praças africanas terá a composição seguinte: 800 gr. de arroz ou 400 gr. de carne e 400 gr. de arroz.

Além dos géneros que entram na composição das rações, serão sempre fornecidos a lenha e os temperos necessários.

As praças europeias transportam nas mochilas de víveres: 2 pães, 250 gr. de carne, 250 gr. de bacalhau, como víveres para duas refeições, sendo o pão para dois dias de marcha.

As praças africanas transportarão idênticamente 4 dias de ração de arroz e 500 gr. de carne.

A ração fixada é sempre suficiente com a condição de não ser deteriorada nem desperdiçada; às praças compete cuidar especialmente da sua conservação e aos oficiais do seu regular consumo.

O combóio transportará para tôda a coluna um dia de carne morta, um dia de bacalhau, um dia de bolacha, dois dias de arroz e o açúcar, café e temperos necessários. Transportará mais tantos bois vivos quantos os necessários para fornecerem 10 dias de ração.

FORRAGENS:

Tôda a cavalaria transportará 3 dias de forragens em grão nos sacos de cevada; as muares de artilharia levarão apenas 2; a ração diária será de 6 quilos de cevada e milho.

E para terminar com as transcrições de ordens, vamos condensar as prescrições das duas ordens de marcha, de 27 e 28, ordens forçosamente cumpridas e minuciosas como a que antecede, por isso que não havendo entre nós regulamento algum para o serviço de campanha em África, nem tradição de operações regulares, era necessário regulamentar tudo tanto mais cuidadosamente quanto para todos era completa novidade o que se prescrevia, e que por isso também era preciso justificar.

— A região em que se vai operar, o seu clima, assim como a táctica particular do inimigo, obrigam a tomar disposições especiais de marcha com o fim de evitar as surprêsas de um adversáro que aparece sempre em massa e a curta distância a favor do coberto do terreno. Sendo nestas circunstâncias o quadrado a melhor formação de combate, a formação de marcha mais conveniente será a que permita a passagem rápida de uma para outra. Ainda o terreno e as outras circunstâncias, já apontadas, inibem de fazer um serviço de segurança a distância.

Um serviço de segurança bem organizado a algumas centenas de metros para a frente e flancos da coluna, combinado com uma judiciosa formação de marcha, colocam esta ao abrigo de uma surprêza. Chamar a atenção dos srs. oficiais para estes factos é o mesmo que recomendar a máxima cautela com a execução do serviço de segurança. Fazendo ainda notar que tôda a coluna de tropas europeias bem guardada tem sido invencível na luta contra selvagens mesmo 10 e 20 vezes superiores é dar-lhes a segurança de que os seus esforços e a bravura dos soldados que comandam, saberão levar a bom fim a expedição que vai começar.

ORGANIZAÇÃO DA COLUNA:

a) Guarda avançada e serviço de segurança: Pelotão de cavalaria da Polícia, 1.º pelotão de caçadores de África; 1.º pelotão de caçadores 2; 1 secção de artilharia.

b) Corpo principal: 1.º e 3.º pelotões de caçadores 2; bataria de artilharia e metralhadoras; infantaria da polícia e trem de combate.

c) Guarda da retaguarda: 3.º pelotão de caçadores de África.

FORMAÇÃO DA COLUNA:

a) Testa da guarda avançada: 1.º pelotão de caçadores de África, dividido em grupos de 6 a 8 homens explorando o terreno para um e outro lado da estrada até 200m ou 250m de distância; 4 soldados de cavalaria da polícia a 100m de distância.

b) Flanqueadores: todos os outros soldados de cavalaria dividir-se-ão em grupos de 2 e acompanham a coluna a 200m de intervalo para um e outro lado da estrada marchando sempre à altura da fracção de infantaria que lhes fôr indicada pelo comandante da guarda avançada (major Caldas Xavier).

c) Corpo de guarda avançada: 1.º pelotão de caçadores 2 em coluna de secção marchando pelo flanco, a 100m de distância da patrulha de cavalaria, cada secção a um lado da estrada e com 60m de intervalo. A secção de artilharia segue pela estrada em linha à altura das secções do pelotão.

d) Corpo principal: 2.º e 3.º pelotões de caçadores 2, marchando um por cada lado da estrada a 50m de distância das secções da guarda avançada e cobrindo-se com elas. Pelotão de infantaria da Polícia em coluna de secções, marchando pelo flanco e cobrindo-se com as secções de caçadores 2 a 20m de distância. Bataria de artilharia 2 peças em linha, à altura do flanco avançado dos pelotões do corpo principal. 1 metralhadora seguindo imediatamente.

e) Trem de combate: carros de munições e ambulância a 2 de frente; 6 burros com munições e 1 metralhadora a 20m de distância.

f) Guarda da retaguarda: 3.º pelotão de caçadores de África a 20m do trem de combate, destacando uma esquadra para a extrema guarda da retaguarda a 20m de distância para explorar o terreno em cada flanco fazendo a ligação com os flanqueadores.

COMBÓIO:

Formando quanto possível a 2 carros de frente, escoltado pelos restantes 2 pelotões de caçadores de África que desempenharão êste serviço destacando 1 secção como guarda avançada a 50m, ladeando os carros com duas outras e guardando a última para guarda da retaguarda.

REGRAS PARA O COMBATE:

a) A artilharia procurará não abrir o fogo a mais de 800m e quanto possível não passará de 600m. Só circunstâncias excepcionais, como na perseguição, ou quando grandes massas inimigas se apresentem distintamente, poderão fazer derogar esta regra.

b) *É expressamente proibido o fogo à vontade pela infantaria.* As faces só empregam o tiro por descargas e fileiras, fazendo ajoelhar, sempre que seja possível, a fileira da frente.

c) O fogo de infantaria não deverá abrir a mais de 400m. Podem, porém, circunstâncias excepcionais apreciadas pelo comandante da face ou pelo da coluna, elevar a distância a 600m.

d) O fogo de repetição só deverá começar a 150m e será feito por descargas.

e) Ao toque de formar quadrado, os srs. comandantes de pelotão mandarão armar baionetas.

FORMAÇÃO DO QUADRADO:

O quadrado formar-se-á do seguinte modo:

a) A face da frente forma a linha pelos flancos das secções: as faces laterais unem à da frente ou da retaguarda, conforme fôr o lado do ataque, volvendo ao flanco exterior. As faces deixam entre os flancos mais próximos intervalos de 10m a 20m.

b) As peças mais próximas dirigem-se para os flancos da face ameaçada. As outras e a metralhadora tomam o logar que lhes fôr indicado.

c) A infantaria da polícia forma a face da retaguarda, formando em linha e volvendo a frente à retaguarda.

d) O trem de combate une à frente, entra para dentro do quadrado e forma em linha ao meio das faces.

e) Os pelotões de caçadores 3 retiram para o interior do quadrado escoando-se ao longo do flanco menos ameaçado.

f) A cavalaria procede de modo idêntico indo formar, apeada, ao lado da infantaria da polícia.

CHEGADA AO BIVAQUE:

Ao chegar ao local do bivaque a guarda avançada e os flanqueadores conservam as posições respectivas. As outras tropas formam qua-

drado e esperam, sem ensarilhar armas, que o serviço de segurança esteja montado.

A coluna saíu de Lourenço Marques às 5 horas da manhã de segunda feira, 28 de Janeiro de 1895. A marcha até Anguane, onde se chegava às 10 horas da manhã, não ofereceu novidade alguma; pouco depois o céu, que se conservara sombrio, rompia em torrentes de água que nos iam alagar até à volta a Lourenço Marques e iam tornar duríssima uma campanha por tantos motivos difícil.

No dia seguinte essa chuva torrencial só permitia a saída de Anguane às 7 horas da manhã. A estrada que se bifurca a poucas centenas de metros do pôsto, tomando para leste direita a Guavá, atravessa uma série de ondulações até, nesta povoação, entrar na langua do Incomati. E quando do alto de uma dessas, olhando para trás, se via a pequena *hoste* portuguesa unida e cercada na sua formação, e quando, ao desembarcar na langua, a disposição de combate se tomou em menos de 2', tornou-se manifesta a confiança de todos nessa formação, que um dos mais gloriosos combates que se tem pelejado em terra de África ia bem cedo consagrar.

A partir de Guavá, as povoações seguem-se quási ininterruptamente até à passagem do Marracuene; meio escondidas por entre o mato, separadas pela estrada de extensíssimos e vicejantes milharais, as fogueiras mal apagadas, as massarocas mal descascadas, denotavam a precipitação com que iam sendo abandonadas.

Pelas 2 horas da tarde os indígenas, de cujo primeiro aparecimento a exploração dera notícia coisa de 1 hora antes, mostravam-se em grande grupo na nossa frente para leste da estrada, destacando-se na orla de um palmeiral. A primeira granada ordinária que lhes rebentou perto dispersou-os, mas era evidente que procuravam demorar-nos a marcha para ganhar a passagem do Marracuene e passar à margem esquerda do Incomati.

Activou-se a marcha, mas a 2.ª companhia de caçadores 2 que saía a *marche-marche*, quando um pouco mas tarde se recebia a notícia de que os indígenas já passavam o rio, só pôde saüdar com algumas descargas as poucas almadias que se viam quando alcançou a margem do Incomati.

Os soldados, depois de uma noite tempestuosa, traziam seis horas de marcha debaixo de uma chuva torrencial e quási contínua. Era forçoso procurar o bivaque, que ficou marcado no alto chamado Massinga, a 400 ou 500^{m} da margem do Incomati. Aí se estabeleciam as tropas pelas 4 ½ horas da tarde; caçadores de África na face voltada ao rio (leste), por onde o declive áspero do terreno tornava mais difícil um ataque, e prolongando-se um pouco pela face da esquerda (2.ª companhia de caçadores 2). A 1.ª e 3.ª companhias de caçadores 2 formavam a face da frente, (paralela à dos angolas) e a polícia a da direita.

O flanco direito da polícia e o esquerdo dos angolas apoiavam-se num cerrado espesso em cuja orla se prenderam os cavalos da polícia.

Nesse ângulo, naturalmente defendido, não foi colocada peça alguma; três ocupavam os restantes, e a 4.ª ao meio da face da esquerda; as 2 metralhadoras, sôbre carros, foram colocadas um pouco à retaguarda da face da frente, onde o campo de tiro era mais amplo.

Em volta do bivaque a 200 ou 250^{m} de distância foram colocados 8 pequenos postos, fornecidos pelo 3.º pelotão da caçadores de África, dando 2 sentinelas cada um. Além das rondas dos seus oficiais, eram especialmente rondados desde as 10 horas da noite até às 4 horas da manhã por oficiais do comando da coluna divididos em 2 grupos que se alternavam, o tenente Couceiro e alferes António Manuel, da polícia, o tenente Ornelas e alferes Raúl Costa; nunca nenhum dêstes oficiais encontrou uma sentinela angola menos vigilante ou menos atenta.

Uma sentinela a cada ângulo do quadrado, e outra ao centro de cada face completavam o serviço de segurança.

As 4 h. da manhã o quadrado todo pegava em armas e assim esperava o nascer do sol. O impetuoso repente dos ataques dos indígenas, a hora favorita para êsses ataques, *o quarto da modorra*, de sobejo explicavam essas precauções, que bem cêdo também iam ser justificadas.

As lanchas-canhoneiras deviam, como atrás vimos, cooperar na ocupação do Marracuene e passagem do Incomati. A *Neves Ferreira* e a *Bacamarte* deviam subir êsse rio no dia 29, por forma a acharem-se defronte do Marracuene pelas 12 h. do dia. O temporal ameaçou, na ponta da Chefina Grande, levar a *Neves Ferreira*, salva pelo sangue frio e perícia do seu comandante, o 2.º tenente Furtado; dois homens caem ao mar e são recolhidos pela *Bacamarte*. Na Chefina Pequena a *Neves Ferreira* encalha e, podendo apenas safar-se com a maré da tarde, só pelas 6 h. as duas lanchas fundeavam no Marracuene, depois de terem sofrido bastante fogo dos indígenas na Bengalene e daí para cima.

No dia 30 de Janeiro, a *Bacamarte*, arrostando com o temporal, ia a Lourenço Marques levar notícias e buscar víveres; nessa madrugada a *Neves Ferreira* zarpava e subia rio acima bombardeando as povoações, afugentando os negros e apreendendo três lanchões. No dia 1 de Fevereiro repetiu o bombardeamento, apoderando-se de mais três lanchas; à tarde descia o rio, indo até à Bengalene esperar a *Bacamarte*, fundeando ambas as canhoneiras às 6 h. da tarde em frente do Marracuene.

A chuva caíu em torrentes durante tôda a primeira noite (29 para 30) e redobrou de intensidade nos dois dias seguintes. Tornou-se impossível estabelecer o bivaque em local mais desembaraçado, e donde mais fàcilmente se pudesse guardar a passagem do Incomati. Êsse local fôra escolhido logo no dia 29 pelo major Caldas Xavier e capitão Costa e começado a organizar defensivamente no dia imediato pelo tenente Couceiro. A

violência da chuva fez, porém, com que fôsse mandado recolher e procurar com a sua gente os fracos abrigos que, a-pesar das ordens em contrário, iam começando a pejar o interior do quadrado, sem que a rudeza selvagem do temporal tornasse humano exigir a exacta obediência a essas ordens. Não parecia, porém, possível continuar muito tempo em local tão desprovido de recursos e a 31 de Janeiro o major Caldas Xavier e o chefe do estado maior subiam o Incomati na *Neves Ferreira* para escolher o ponto onde se deveria efectuar a passagem da coluna, logo que o tempo aliviasse um pouco.

O dia 1 de Fevereiro amanheceu melhor; uma razia de angolas saía a talar as povoações mais próximas, recolhendo próximo da tarde com 26 bois, inúmeros porcos e galinhas, e muitos despojos, entre os quais foram reconhecidos pelos soldados da polícia muitos objectos abandonados na evacuação de Anguane em Setembro do ano anterior. Não fôra avistado inimigo algum; só um cabo de caçadores 2 trouxera um indígena que agarrara numa povoação próxima. Era um tipo perfeito de landim: frente arqueada, nariz adunco, maxilares proeminentes, queixo aguçado; interrogado, deixou confirmar as suspeitas que a sua quási voluntária prisão despertara. O tom suave e manso e as evasivas com que respondia ao intérprete, um caboverdiano por nome Pedro Baessa que lhe traduzia as perguntas de Caldas Xavier, o sorriso mal disfarçado que lhe iluminava o rosto quando se lhe falava no poder dos brancos, cujo pequeno número êle estava contando, a ignorância que fingia acêrca dos acontecimentos que há tantos meses apaixonavam o sertão, não podiam deixar dúvidas acêrca do encargo que viera desempenhar e justificavam a sua sorte.

Passando a coluna o Incomati, o comando decidira deixar o Marracuene ocupado por um pôsto defendido com abatizes e os carros. A guarnição seria composta pelo 4.º pelotão de caçadores de África e uma secção do 3.º pelotão de caçadores 2, tudo na fôrça de 70 praças de infantaria. Ficariam no pôsto duas

metralhadoras Nordenfelt guarnecidas por praças da polícia, da qual ficariam igualmente seis cavalos. Comandaria o pôsto um capitão de caçadores 2 tendo sob as suas ordens um subalterno dêsse regimento e outro de caçadores 3.

O comandante deveria procurar aumentar sucessivamente a fôrça defensiva do pôsto e organizaria um serviço de partidas de soldados angolas destinadas a talar a região.

Para a passagem do rio, o comandante dispunha, além das duas lanchas-canhoneiras, dos seis lanchões por elas apreendidos, comportando, quatro, cêrca de 15 homens, e dois, 40 cada um, podendo além disto os dois maiores servir ao transporte do material. O gado, passaria a nado o rio que tem no Marracuene cêrca de 400^{m} de largura.

Os acontecimentos iam, porém, impedir esta passagem.

Às 2 horas da madrugada, os oficiais a quem competia o quarto, saíram para a ronda. Eram o tenente Ornelas e o alferes Raúl Costa. O lúgubre silêncio da noite só era por vezes interrompido pelo coaxar das rãs na margem do Incomati. Cobertas pelas mantas negras escorrendo água, as sentinelas angolas paravam os oficiais com um sacudido: *quem vem lá?* antes que estes percebessem, sequer pela maior espessura da sombra, que ela ocultava um vulto humano. Lenta e cuidadosamente iam percorrendo a linha das sentinelas; tôdas eram conformes: a pesada escuridão da noite não ocultava inimigo algum; de vez em quando os oficiais paravam, procurando, com a luz da lanterna que os guiava, penetrar as trevas que os rodeavam. Nada. Sintoma de vida só o rouco ralo das rãs quebrando o pesado silêncio da natureza. Quando voltavam ao acampamento, as sentinelas das faces, debruçadas sôbre as armas tentavam também inùtilmente devassar o segredo que aqueles matos inhospitos ocultavam. Eram 4 horas da manhã. Acordado o corneta, tocou a alvorada e o quadrado formou-se.

Pouco mais de meia hora decorreu no mais profundo silêncio. De repente, no pôsto junto ao Incomati um tiro e logo tiro-

teio. Uma grande massa negra ràpidamente se aproximava da face esquerda do quadrado; mais espessa, a escuridão parecia deslocar-se para cima de nós e ouvia-se distintamente gritar: *escamarada angola, escamarada angola;* mas um angola que de rojo diante duma peça sondava a escuridão levantava-se dum salto exclamando: Estão nús! São landins! Ouviu-se a voz de: fogo!, dada pelo capitão Machado da bataria de montanha; a peça disparou; a face respondeu logo com uma descarga e a massa dissipou-se, não sem que dois valentes viessem morrer à baioneta aos pés dos soldados.

Mas já nesse instante, quando a fuzilaria rompia simultânea em tôdas as faces, um alarido medonho se levantava no interior do quadrado.

Cedendo ao ataque impetuoso dum grupo de landins, que o seu fogo não pudera aguentar, os angolas recuavam desordenadamente diante das azagaias, descobrindo as faces laterais do quadrado e a peça do ângulo. Rijo e áspero se empenhou logo o combate, procurando por todos os meios os oficiais levar os angolas à luta.

Agüentados no seu recuar, saíram-lhes à frente procurando arrastá-los, mas a poucos passos os angolas estacavam em presença dum novo grupo de landins que penetrara atrás dos primeiros no quadrado. À luz intermitente das descargas, única que então iluminava o campo, viam-se os landins ágeis e atrevidos saltando como cabritos brandindo a terrível azagaia; aos seus brados de *avança landim, avança landim,* que gritavam à manga, respondia a vozearia ensurdecedora dos angolas, amontoando-se, recuando, ameaçando levar a desordem às faces brancas, as guarnições das peças onde a admirável serenidade e o pasmoso sangue frio dos soldados permitia aos oficiais um ténue raio de esperança em tão duro momento. Mercê de Deus foi curto; Caldas Xavier e Costa com o capitão Aguiar à frente duma esquadra da polícia repelem êsse grupo de landins que retirava, tendo ferido gravemente o alferes António Manuel.

Então Couceiro e Ornelas, Raúl Costa e Pinto conseguem afinal, ao empurrão e ao murro, fazer avançar os angolas e reformar a face do quadrado, se bem que recuada da sua primitiva posição.

Não tendo surtido efeito o ataque às faces brancas, estando reformada a dos angolas, e começando estes lentamente a avançar, os landins foram sucessivamente cedendo terreno e, quando a manhã clareou, pelas 5 ½ h., começavam decididamente a retirar, perseguidos apenas pelo fogo que cessara completamente às 6 horas da manhã.

O combate tão ràpidamente descrito durara quási hora e meia. A intensidade com que êsses momentos são vividos concentra-os também por forma que se torna difícil detalhá-los.

Havia meio século que fôrças portuguesas regulares se não batiam e para todos, excepto o major Caldas Xavier e o tenente Couceiro, o combate do Marracuene foi o baptismo de fogo. Qualquer elogio a soldados que debutam no fogo por essa forma, cremos que será supérfluo; notemos apenas que o combate de Marracuene oferece o exemplo *único*, de um quadrado rôto de noite e que se reforma debaixo de fogo.

Em todo o sertão o efeito da vitória das armas portuguesas foi imenso. Dois meses depois pudemos sossegadamente ocupar o Incomati, construir uma ponte, ir à Mapunga, destruir e arrazar a capital do Mahazul sem que um único inimigo tolhesse a marcha das nossas fôrças. E quando, em Agôsto, o tenente Ornelas esteve em Gaza, o missionário suísso Liengme confirmou-lhe, como testemunha ocular, o prestígio que êsse glorioso triunfo trouxera às armas portuguesas.

Os landins deixaram 18 mortos dentro do quadrado; mais de 50 jaziam a poucos metros das faces; grupos de 5 e 6, rebentados pela mesma granada, braços e pernas, rastos de sangue, coalhavam o trilho da manga, que até 70 ou 80^{m} dos postos avançados tinham 63 passos de largura; nós tínhamos 3 praças mortas, 1 oficial ferido, o alferes António Manuel, e mais 7 soldados; mais de 40 angolas jaziam mortos e feridos, cortados

pela azagaia dos cafres. O reparo duma peça, a do tenente Taveira, crivado de balas, 7 cavalos e 5 muares crivadas de zagalotes atestavam também a intensidade do fogo dos landins.

O consumo de munições fôra o seguinte:

1.ª companhia de caçadores 2....	400	cartuchos
2.ª » » » »....	3000	»
3.ª » » » »....	800	»
Infantaria da polícia.....	300	»
Total..	4500	cartuchos Kropatschek, o que dá pouco mais de 12 cartuchos por praça.

A artilharia empregou:

Granadas ordinárias	16
» com balas	16
Lanternetas	4
Total	36

o que dá 9 tiros por peça.

As metralhadoras atiraram 200 cartuchos.

Uma delas, porém, inutilizou-se à 1.ª descarga; não é arma de confiança, nem por forma alguma substitue a artilharia, cujos efeitos materiais e morais são incomparáveis.

O emprêgo das metralhadoras em campanhas de África provém sobretudo do exemplo inglês, fruto duma errada aplicação do fogo da infantaria. Quando feito por descargas e não à vontade como êles o fazem, e quando apoiado pelo tiro da artilharia, é suficiente para parar a arremetida mais pujante das mangas dos cafres, como Coolela demonstrou.

Além disso, nunca as metralhadoras podem servir para bater o mato, perseguir pelo fogo, completar uma vitória, ou impedir

um ataque, desmoralizando o inimigo, resultados que a nossa artilharia alcançou em Coolela e Manjacaze.

Enterrados os mortos, cuidados os vivos pela dedicação incansável do cirurgião ajudante França, posto em ordem o acampamento, evacuaram-se os feridos e doentes para Lourenço Marques em combóio fluvial, protegeram-se as faces com um entrincheiramento rápido e modificou-se o serviço de noite, suprimindo os postos avançados, pois em caso de ataque eram naturalmente sacrificados, e substituindo-se pela vigilância constante de uma fileira em armas rendida de duas em duas horas.

Muito mais duro e mais penoso do que o primeiro sistema, menos usado por isso, não sacrifica a vida dos que constituem os postos avançados, e essa só fileira fornece já o fogo suficiente para demorar um ataque mesmo quando percebido a certa distância, como se provou nessa mesma noite. De facto, pela 1 hora da madrugada, os landins começaram o fogo contra a face dos angolas e a da 2.ª companhia, a 60 ou 70^{m} de distância e até ao alvorecer entretiveram-se impedindo o sossêgo ao quadrado com contínuos tiroteios que cessavam às primeiras descargas retirando ao som de apitos que lhes dirigiam a manobra.

Procurou-se iluminar o campo exterior com grandes fogueiras colocadas a 50 passos de cada ângulo do quadrado; mas a madeira, repassada de água, nem coberta de alcatrão ardia, a luz indecisa que projectavam fazia imaginar um inimigo em cada tronco e durante tôda a noite de 3 para 4, um tiroteio constante conservou o quadrado em armas.

No dia 4 uma fôrça de angolas, comandada pelo tenente Lemos, foi embarcada em dois lanchões, que a *Neves Ferreira* rebocou Incomati acima, indo desembarcar na margem esquerda queimando e arrasando três povoações importantes, mas sem avistar inimigo algum.

Nêsse dia, o major Ribeiro, forçado pela doença de que já sofria ao saír de Lourenço Marques, retirava para essa cidade, assumindo o comando da coluna o major Caldas Xavier.

Era, porém, impossível permanecer por mais tempo no Marraquene. A medonha invernia a que as tropas estavam expostas desde o dia 28, debilitando-as, impedindo os movimentos da coluna, dificultando sobremaneira o reabastecimento pelos combóios fluviais, obrigava e interromper por algum tempo as operações. Se a todos custava essa interrupção, enchia-os de justificado orgulho a convicção de terem conseguido o fim principal da expedição: bater os rebeldes, desmoralizá-los, fazendo-os reconhecer os seus antigos senhores, e, restaurado o prestígio perdido, garantir a segurança de Lourenço Marques afirmando também o nosso direito à sua posse.

Era pois com a consciência de ter salvo a cidade que a coluna fazia nela a sua entrada pelas 11 h. da manhã do dia 7 de Fevereiro, tendo efectuado a sua marcha desde o Marracuene debaixo de constantes cataratas, queimando e destruindo tôdas as povoações encontradas no caminho, sem que um só inimigo ousasse cortar-lhe o passo.

No dia seguinte, mandando comunicar às tropas o elogioso telegrama de S. M. El-Rei, o sr. Comissário Régio resumia eloqüentemente as operações, em ofício dirigido ao comandante da coluna, significando qual o importante resultado colhido:

«A coluna do seu comando, afrontando com igual firmeza e constância as intempéries do clima e a fúria dos revoltosos, deu testemunho de que ainda não esmoreceram, no ânimo dos Portugueses, as antigas virtudes militares e cívicas que lhes glorificaram o nome. *Podemos e sabemos combater em África*, agora, como nos séculos XV e XVI, e havemos de conservar intacto o domínio ganho com tanto esfôrço pelos nossos antepassados.

As operações interrompidas ùnicamente para não expor por mais tempo as tropas aos rigores da invernia, mais mortífera do que a azagaia do cafre, hão-de recomeçar com maiores recursos materiais, logo que êsses rigores se acalmem, e El-Rei e a Pátria confiam em que os oficiais e soldados que de V. Ex.ª recebem tanto exemplo de brio militar, hão-de novamente revelar os dotes

de bravura, disciplina e resistência que já os assinalou aos louvores dos patrícios e ao respeito dos estranhos».

Quando a coluna saíra de Anguane para o Marracuene o primeiro pôsto ficara guarnecido por uma fôrça composta de tôdas as praças de caçadores 2 que não puderam continuar a marcha, da 1.ª secção da 4.ª companhia do mesmo batalhão e por 50 praças de caçadores 3, tudo sob o comando dum capitão de caçadores 2. Suspensas as operações e batidos os rebeldes, era de todo inútil conservar guarnição importante nêsse pôsto, e continuar com o pesadíssimo serviço das linhas em Lourenço Marques. Em Anguane ficou, pois, apenas uma fôrça de angolas, tendo-se organizado defensivamente uma casa e suprimindo-se todo o resto,; as linhas foram igualmente suprimidas, e as tropas, mudadas dos péssimos barracões que ocupavam na cidade para os quartéis da Ponta Vermelha, puderam começar a retemperar as fôrças gastas em cêrca de quatro meses dum violentíssimo serviço.

AIRES DE ORNELAS.

Tenente do Corpo do Estado Maior

MAGUL

Em tôda a série de operações militares executadas nos distritos de Lourenço Marques e Inhambane, desde Novembro de 1894 até Janeiro de 1896, tivemos sempre diante de nós — primeiro inderecta e depois directamente — um só adversário — Gungunhana, régulo de Gaza — que arrogava a si, e exercia, prestígio e domínio desde as portas de Lourenço Marques até às de Inhambane, desde o mar Índico até muito pelo sertão dentro, sôbre as regiões marginais do Incomati e seus afluentes, do Inharrime, do Limpopo até para além do rio dos Elefantes, e do Chengane até às terras do Sul do Save.

A primeira parte das operações teve por objectivo a pacificação do distrito de Lourenço Marques, e nela combatemos directamente os régulos rebeldes Matibejana (conhecido também pelo nome de Zichacha) e Mahazul, secretamente apoiados e incitados pelo Gungunhana, o qual, pùblicamente, se mostrava ainda nosso amigo e respeitoso vassalo.

A segunda parte teve por objectivo directo o próprio régulo de Gaza.

A primeira parte era uma necessidade imediata, pois estavam em rebelião aberta e às portas de Lourenço Marques os

landins das Terras da Coroa; — o empreender a segunda, com as poucas fôrças e recursos de que se dispunha, era um arrôjo, que só o sucesso das primeiras operações e um grande estudo, cuidado e vigor na condução e execução das subseqüentes, permitiria tentar. E digo *arrôjo* não pelo risco físico das fôrças empenhadas na luta, nem pela fácil possibilidade de sofrermos uma derrota que aniqüilasse uma coluna inteira, mas sim porque a tentativa falhada corresponderia à perda de todo o Sul da província de Moçambique, e à quebra total do nosso prestígio em tôda ela, aos olhos dos negros, e aos olhos dos brancos, que tão àvidamente cubiçam os nossos domínios.

Digo isto porque é conveniente que se saiba que, — não obstante o algum amor que, mais ou menos, todos têm à sua pele, — não foi o risco da própria vida, nem as longas fadigas corporais suportadas, o encargo que verdadeiramente pesou sôbre os ombros de todos os que tinham a percepção clara das circunstâncias; o pêso, que tão duro nos fêz parecer o ano de 95, foi a consciência, existente dentro de cada um, de que nesta emprêsa se achava forte e perigosamente empenhado aquilo que prezamos mais que tudo, — a honra, o nome e a integridade do território de Portugal.

Posto êste pequeno preliminar, entro na exposição da parte que me compete no trabalho que, conjuntamente com os meus camaradas, capitão de Estado Maior Eduardo Costa e tenente Aires de Ornelas, empreendi. A exposição será sucinta, sem episódios nem minuciosidades, seca talvez aos olhos de alguns, mas se a dispo de côres e de histórias interessantes é porque quero, resumindo, dar uma ideia clara do conjunto das operações e trabalhos, e do pensamento de quem as mandou executar.

O meu capítulo tem o nome de *Magul*, porque tendo, durante tôda a campanha de Lourenço Marques e Inhambane, havido apenas 3 verdadeiros combates — *Marracuene*, *Magul* e *Coolela* — que, não só pelo número grande de combatentes como pela importância dos resultados colhidos, têm direito

autêntico e incontestável a tal nome — resolvemos dar aos 3 capítulos do nosso pequeno trabalho os nomes dêsses combates, pois são êles que marcam e definem bem os degraus da escala ascendente por onde subimos desde Novembro de 1894 — encerrados em Lourenço Marques — até Janeiro de 96, dominando como senhores desde o Maputo até Inhambane.

Marracuene, Magul, Coolela. — eis aí onde os manguni (landins e vátuas) decidiram dos seus destinos. Muitas mais vezes houve fogo e mortes, mas combates só êsses três.

A entrada na Macanêta (curral (1) do Finish, na Mapunga (curral do Mahazul), no curral do Matibejana (Zichacha) para além do Incoluana, e finalmente em Manjacaze, curral do Gungunhana, não representam mais do que a conseqüência dos combates, e aí não houve resistência nem defesa; a defesa do curral do Zichacha foi feita no plaino de Magul — a defesa de Manjacaze foi feita junto à langua de Coolela.

Nem o modo de combater de landins e vátuas admite outra cousa; êles não se defendem, nem querem defender, nas povoações, e por isso as não põem em estado de defesa nem com estacarias nem com fossos. São essencialmente móveis, deslocam-se e concentram-se ràpidamente, e atacam onde e quando bem lhes parece.

Como a neve diante do sol se derretem êles diante de nós, mas, cautela! que é da neve que nasce a avalanche e a avalanche é potente e esmagadora. Bem o íamos nós experimentando em Marracuene.

No capítulo que tem êste título descreveu o meu camarada Aires de Ornelas o início das operações ofensivas, tendo por objectivo a pacificação do distrito de Lourenço Marques e nesse caminho chegou até à narração do combate.

Daí por diante esteve no Natal e Estado de Orange, ocupado

---

(1) Digo «curral» porque a palavra *Kraal*, vulgarmente empregada, não é mais do que a corrupção holandesa do verdadeiro e antigo nome português *curral*, que significava a mesma cousa.

na compra de cavalos e muares, enquanto o capitão Costa partia para Inhambane a estudar os terrenos sôbre os quais as tropas teriam de operar. O combate de Marracuene teve lugar a 2 de Fevereiro de 95, e a 5 recolhemos a Lourenço Marques.

É neste ponto que vou principiar, continuando a descrição das operações que tinham por fim a ocupação e pacificação do distrito, e entrando depois na segunda parte da campanha, isto é, *operações tendo por objectivo directo o Gungunhana* — na parte que diz respeito à coluna do Sul.

A 6 de Fevereiro chegou a Lourenço Marques a coluna de Marracuene.

A Zichacha (territórios de Matibejana) tinha sofrido razias em tôdas as direcções e as fôrças dos régulos rebeldes, atacando-nos nas melhores condições para elas, isto é, de noite e sem nós o esperarmos, tinham sido vitoriosamente repelidos.

Estávamos apenas no princípio, mas um grande passo fôra dado. Era necessário descançar as tropas e assim se fêz; Anguane ficou ocupado, mas operações não houve até 28.

OCUPAÇÃO DA CHEFINA GRANDE

No dia 29 realizou-se a ocupação desta ilha com 100 praças de caçadores 3 de África e 5 soldados de infantaria de polícia, sob o comando do tenente Pombo.

A ilha da Chefina Grande está situada mesmo na embocadura do Incomati e a sua ocupação, além de ser ponto de partida para o avanço pelo rio acima, teve por fim especial o vigiar e impedir o contrabando de guerra.

A operação, que foi feita debaixo das ordens do capitão Eduardo Costa, realizou-se sem dificuldades, pois a ilha estava

abandonada, como se reconheceu pela batida que foi feita. Aproveitou-se para quartel e pôsto um antigo lazareto lá existente, casa de madeira e zinco, medindo proximamente $30^{m} \times 8$, em cujos topos e correspondendo às portas se fizeram umas plataformas, e se assentaram 2 peças de bronze de 8°, protegidas por uma estacaria semi-circular.

OCUPAÇÃO DA CHEFINA PEQUENA

8 de Março. — Feitos prévios reconhecimentos pela lancha *Bacamarte*, do comando do tenente Vieira da Rocha, tendo a seu bordo o capitão Costa, saltou-se em terra na ponta norte da ilha.

Foi escolhido êste sítio por ser aí mais fácil vigiar os dois braços do rio e a ponta da Magaia, cóio do Finish e centro de manobras e ataques a tiro sôbre as lanchas, ou antes sôbre a lancha, porque é preciso dizer-se que nessa ocasião era a *Bacamarte* (1) que quási só fazia o serviço, pois que a *Neves Ferreira*, demandando 7 pés, apenas em dadas circunstâncias e com difi-

---

(1) A *Bacamarte* é a lancha mais célebre de tôda a esquadrilha do Incomati — É muito pequena e a que demanda menos água (pouco mais de 4 pés); — armada à proa com um canhão-revólver Hotckiss, à ré com uma metralhadora Nordenfelt; quási raza com a água e defendida na artilharia e leme por antepáros móveis, na maior parte de pranchões, e algumas de chapas de ferro; — guarnição de 7 homens, incluindo gente da máquina e fogo.

Os serviços prestados por êste barquinho não têm conto nem tão pouco as suas viagens rio abaixo e rio acima, explorando, batendo, rebocando batelões enormes, conduzindo gente, materiais, munições de guerra e de bôca. Durante as operações realizadas de Dezembro de 94 a Abril de 95 foi o mais constante auxiliar das tropas de terra.

Numerosíssimas vezes batida por tiros isolados ou descargas, no Finish, na Benguelene, em Marracuene, em Incanine, enfim em todos os sítios onde nas margens havia trincheiras, a casca de nós sondando, balizando, puxando, tendo às vezes que passar longas horas encalhada, outras que concertar-se com os seus recursos próprios, lá ia seguindo impassível enquanto as balas, — no costado, no casco e nas pranchas de defesa, — lhe iam escrevendo a gloriosa história. Foi a seu bordo que morreu varado por um tiro, em Janeiro de 95, o tenente Nunes, da armada real, que a comandava.

culdades penetrava no rio, e a *Chefina* estava e esteve muito tempo à espera duma caldeira (1).

Foi portanto a *Bacamarte* que conduziu e rebocou a gente e materiais para êste serviço, que foi feito pelo capitão Freire de Andrade com 25 praças de caçadores 3 de África sob o comando do alferes Martins, e 3 soldados de infantaria da polícia. Sendo a ilha coberta por denso arvoredo com matagal emmaranhado, foi trabalhoso abrir uma clareira. Conseguido isto a machado num rectângulo de proximamente 30×20^m, mesmo à beira do rio, passaram-se fios de arame farpado de árvore em árvore de modo a fechar êsse espaço, ao mesmo tempo que as árvores abatidos e o mato iam sendo arrastados em tôrno para fora do recinto, e outras lançadas sôbre o escarpado arenoso por meio do qual o solo da ilha dominava a água do rio. Depois lançou-se exteriormente segunda e terceira ordem de fios de arame e fez-se dentro do recinto, a um canto do lado marginal, um parapeito rectangular de 6×8^m, constituído em parte por estacas, zinco e terra, noutra por estacas e pranchões, e noutra por caixotes de mantimentos.

À noite estava isto pronto e já a fôrça ficou melhor ou pior protegida como era indispensável, pois que a ilha era muito fàcilmente abordável a coberto, e o inimigo estava a um lado e

---

(1) A esquadrilha do Incomati foi daí a algum tempo, e pelos cuidados do conselheiro Comissário Régio aumentada com 4 barcos:

A *Incomati* e a *Magaia* compradas, uma em Zanzibar outra em Durban, e armadas em Lourenço Marques, e a *Sabre* e a *Carabina* vindas da esquadrilha do Zambeze, sob o comando respectivo dos tenentes Ivens Ferraz e Caçador.

Todos sabem o que é o canal de Moçambique e o que é uma canhoneira de rio, por isso nada preciso acrescentar para que fique prestada homenagem à boa vontade e às corajosas qualidades de marinheiros dêstes 2 oficiais. Só mais tarde, já por chegarem um pouco atrasados, já pelo tempo que levavam a armar, é que sucessivamente foram aprontando e entrando em serviço as lanchas vindas de Inglaterra, sendo a primeira a *Lacerda*, do comando do tenente Assis Camilo, que entrou no Incomati pela primeira vez em Agôsto, se bem me lembro, seguindo-se-lhe a *Capêlo*, do comando do tenente Andrea, que seguiu para o Limpopo.

A terceira, isto é, a *Serpa Pinto*, só em Dezembro aprontou para seguir também para o Limpopo sob o comando do tenente Valente da Cruz.

outro — na Benguelene e na ponta da Magaia — e poderia mesmo estar na própria ilha, pois não houvera tempo nem gente para a bater. Nos dois dias subseqüentes armou-se, ao centro do recinto de arame, uma casa de madeira e zinco de 6×6^{m}, cujas paredes depois, a pouco e pouco, se foram revestindo exteriormente com estacaria para reforçar o zinco até à altura de 3^{m}.

Aproveito aqui a ocasião para dizer em breves palavras os vários tipos de parapeitos empregados nos nossos trabalhos, o que me facilitará a descrição dos outros postos.

I — Parapeito de zinco e terra

Duas fileiras paralelas de estacas intervaladas cravadas no solo, depois duas fileiras de chapas rectangulares do zinco canelado verticalmente encostadas, pelo lado de dentro, às estacas, e apoiando-se no chão pelo lado mais comprido; finalmente, terra para dentro, cavada ou só na frente, ou de ambos os lados. O intervalo de estaca a estaca em cada fileira dependia do comprimento das chapas, pois no mercado as há de dimensões várias; a distância entre as duas fileiras dependia do tempo, e da espessura que se queira dar ao parapeito, variando em geral entre $0^{m},40$ e $0^{m},70$. O parapeito com uma só ordem de zincos ficava baixo de mais; em geral era feito com duas, e assim se obtinha um parapeito regular de $1^{m},40$, proximamente, de altura.

II — Parapeito de pranchões

Uma fileira de estacas intervaladas, e, pregadas nelas pelo lado de fora, grossos pranchões de madeira colocados de cutelo uns sôbre os outros de modo a dar $1^{m},30$ de altura, o que se obtinha em geral com a sobreposição de 3.

III — Parapeito de laca-laca e terra

Chama-se laca-laca a compridas varas flexíveis de que há abundância nas regiões marginais do Incomati. As varas usadas mediam em geral mais de 3^{m} de comprimento, e pouco mais ou menos de 1 a 2 centímetros de espessura na parte mais grossa. Cravadas no solo duas fileiras de estacas (como para o parapeito de zinco e terra), fazia-se com as varas de laca-laca, horizontalmente dispostas e um pouco entrançadas, as paredes exterior e interior, cujo intervalo se enchia em seguida de terra. Também se empregou o caniço em substituïção da laca-laca.

IV — Parapeito de troncos

Constituído por troncos horizontalmente dispostos entalados entre estacas verticais, e procurando acomodá-los de modo a unirem bem, e a não deixar fendas e aberturas.

V — Parapeito de caixotes e de barris cheios de terra

O nome diz o que é.

Igualmente se aplicavam os caixotes cheios de terra para a construção de plataformas.

VI — Parapeito vulgar de terra

Neste parapeito usou-se para revestimento do talude interior a laca-laca, segura por estacas.

Como defesas acessórias usou-se sempre o arame farpado, ora em rêde horizontal com estaquinhas, ora em vedação vertical ligado a estacas fortes.

Foi sempre adoptado dispor o alojamento das praças ao longo dos parapeitos, e estarem estas continuamente vestidas e de cartucheira à cinta, de modo a entrarem sem a mínima demora em fogo em caso de necessidade. De dia, e em ocasiões de trabalho, era permitido a uma parte das guarnições tirar a cartucheira. O alojamento consistia numa cobertura de colmo corrida ao longo do parapeito; por baixo dessa cobertura dormiam os homens, primeiro sôbre o solo, mais tarde — quando as circunstâncias e o tempo o permitiam — sôbre tarimbas melhor ou pior arranjadas.

Estas poucas palavras já dão uma ligeira ideia dos sistemas de fortificação e quartéis. Prosssigo nas operações.

OCUPAÇÃO DE MARRACUENE

19 de Março. — Esta operação foi realizada pelo capitão Freire de Andrade com 50 praças de caçadores e artilharia de montanha (tenente Rocha e alferes Françça), 20 praças de infantaria de polícia (alferes Sárrea) e 40 praças de caçadores 3 de África, tiradas da guarnição da Chefina Grande e comandadas pelo alferes Antunes.

Os transportes foram feitos pelo *Neves Ferreira* e *Bacamarte* com batelões, e as explorações pela *Bacamarte*.

As operações preliminares tiveram lugar de 13 a 18, e durante elas houve várias vezes fogo da margem esquerda, mas graças às chapas e pranchas de protecção tiveram apenas uma baixa (1 cabo de caçadores 3 de África, morto). O serviço foi um pouco demorado devido em parte a que o *Neves Ferreira* demandando 7 pés de água, tinha que mover-se com cautela e esperar marés.

Enfim, depois de vários incidentes, os dois barcos, com dois batelões de materiais etc. fundearam no dia 18 em frente do sítio em que se dera o combate. Pouco depois a *Bacamarte*, su-

bindo mais acima em exploração, recebeu vivo fogo da margem esquerda, parecendo-lhe também tê-lo recebido da margem direita.

Ficou-se portanto um pouco em dúvida sôbre a situação, e fixou-se o desembarque para o dia seguinte.

Efectivamente em 19 de manhã, e um pouco a montante do sítio em que tinham fundeado, a *Bacamarte* passou os batelões à terra e, por meio de pranchas, saltou a fôrça, subiu cuidadosamente a arborizada ribanceira marginal, e foi escolher o ponto em que se havia de estabelecer. Tudo isto foi feito sem resistência na margem direita, mas debaixo de tiros da margem oposta; contudo como havia muitas árvores, e os tiros eram feitos a mais de 300^{m}, nenhuma baixa nos fizeram. Escolhido o local começaram as praças de caçadores 3 de África a trabalhar, enquanto a fôrça branca se conservava parte em vedetas, parte em formatura concentrada.

Os primeiros trabalhos foram o desembarque de material (madeira e zinco), desbastamento rápido do solo e o lançamento duma vedação circular de 4 ordens de fios de arame ligados a estacas e a algumas árvores.

Às 3 horas da tarde, tendo no entretanto havido alguns alarmes sem conseqüência maior do que a perda de tempo, estava pouco mais ou menos concluída essa parte do trabalho e começou-se a construir o pôsto pròpriamente dito, o que gastou 3 horas (das 3 às 6 da tarde) trabalhando então também parte da fôrça branca.

O pôsto era um hexágono de 7^{m} por face — parapeito de zinco e terra, — uma só ordem de zincos, escavações à frente e atrás; — foi colocado no centro do recinto circular limitado pelos fios de arame.

Os pretos da Matola nossos auxiliares com quem se tinha combinado esta operação apareceram durante o dia, vindo por terra, e auxiliaram o trabalho.

Neste mesmo dia 19 começaram os 5 carpinteiros das obras

públicas, que tinham também vindo a bordo, os trabalhos para os belos quartéis e habitações que agora ali se levantam.

Nos dias subseqüentes, e cada vez com maior desenvolvimento, foram continuando essas obras a que a guarnição branca servia de guarda; — o serviço de vigilância era rigoroso e pesado, como em tôdas as circunstâncias o foi sempre.

A *Bacamarte* continuava nas suas viagens contínuas, rebocando e acumulando no pôsto de Chefina Pequena e no do Marracuene grande quantidade de mantimentos, munições, etc. destinadas às seguintes operações. Proximamente nos últimos dias de Março, tendo-se notado na margem esquerda muito movimento de negros dos lados do Finish para o N. e vice-versa, saltou o major Caldas Xavier (1) para êsse lado com um trôço de gente, e estabeleceu-se aí sòlidamente com a ajuda duma porção de chapa de zinco tirada duma casa dum baniane que aí tinha estado estabelecido.

Êsse pôsto tornou-se centro para algumas razias às povoações mais próximas.

SALTADA NA ILHA DE BENGUELENE

Princípios de Abril. — Esta ilha situada próximo da Chefina Pequena, e em frente da Magaia e do Finish era refúgio de rebeldes; — resolveu-se por isso atacá-la, o que se fez com uma pequena coluna de 60 homens de caçadores 2, e 80 de caçadores 3 de África, debaixo do comando de Caldas Xavier.

A coluna saíu do pôsto da Chefina Pequena, onde pernoitara, e conduzida num batelão rebocado pela *Bacamarte* saltou em terra e atravessou a ilha de leste a oeste, seguiu aí por algum tempo o litoral, e voltou a embarcar ao lado de leste. — Os negros que foram colhidos sem o esperar, e que não eram muitos, fugiram diante de nós, não sendo possível alcançar nenhum,

(1) Estava interinamente substituindo o major Jaime Ferreira, nessa época chefe militar das Terras da Coroa.

porque em grande parte da ilha havia arvoredo e mato emmanhado. — Em todo o caso parece que êste refúgio deixou de ser considerado seguro pelos nossos inimigos, pois nunca mais daí houve fogo sôbre as lanchas.

OCUPAÇÃO DE INCANINE — ATAQUE DE MAPUNGA E DE MACANETA

Abril e Maio. — No dia 25 de Abril pelas 6 horas da manhã marchou de Lourenço Marques sob o comando de Freire de Andrade a-fim-de ir ocupar Incanine (margem do Incomati a montante de Marracuene) uma coluna composta da 2.ª companhia de artilharia 4 (97 homens), um contingente de engenharia (33 homens) 1 secção de artilharia de montanha (36 homens), ao todo 172 homens com 6 cavalos e 10 muares; esta coluna recebeu o nome de coluna da Mapunga porque foi destinada ao ataque dessa povoação.

O 1.º dia de marcha foi a Anguane, e o 2.º a Marracuene, onde chegou em 26 sem novidade.

Até 30 de Abril conservou-se em Marracuene, conjuntamente com a guarnição dêsse pôsto, já então e com as obras que se tinham sucessivamente feito, razoàvelmente alojada e defendida. — Nos dias seguintes vieram pelo rio chegando materiais, e finalmente a ordem do pôsto de 29 de Abril manda:

1.º — Que ámanhã, depois do rancho da manhã, esteja preparada para embarcar tôda a companhia de artilharia 4, o sr. tenente Miranda com 1 sargento e 10 serventes da montanha, e 1 sargento de engenharia com 8 soldados carpinteiros. Esta fôrça irá equipada e municiada como partiu de Lourenço Marques (1). O sr. tenente Miranda preparará tam-

(1) O equipamento que foi sempre adoptado consistia no frasco e duas mochilas de víveres, suprimindo-se a mochila, e indo a tiracolo um rôlo formado pelo capote, manta e impermeável, suspendendo-se neste rôlo a marmita. Uma das mochilas de víveres era destinado a cartuchos, outra a comida. O municiamento de cartuchos (incluindo o das cartucheiras) era de entre 120 e 200.

bém para embarcar as duas peças da sua secção e uma metralhadora, municiadas como vieram de Lourenço Marques, levando a mais 20 lanternetas.

Todas as praças transportarão também consigo dois ranchos frios e 4 decilitros de vinho.

2.º — Que na madrugada de 1 de Maio, logo em seguida ao café, tôda a fôrça disponível de caçadores 3 de África marche por terra em direcção a Incanine.

No dia 30 de Abril embarcou a fôrça que esta ordem determinava, conjuntamente com vário material e mantimentos num batelão e duas lanchas, e, rebocadas pelas lanchas canhoneiras *Bacamarte* e *Incomati*, seguiu tudo rio acima — fundeando perto da noite na altura de Incanine, um pouco a jusante do ponto, por reconhecimento prévio, escolhido para desembarque.

No dia 1 de Maio, apenas amanheceu, as lanchas navegaram mais um pouco, e em altura onde o terreno era plano e baixo dum lado e outro e sem povoações, saltámos em terra entre o alto caniço que chegava até à água. Trabalhou-se todo o dia e à noite já estávamos fechados dentro dum pôsto quadrado com parapeito de pranchões.

A ordem de 1 de Maio manda:

1.º — Que durante a noite (das 6 da tarde às 6 da manhã) o serviço de segurança seja constituído, em cada quarto de 4 horas, por um terço da guarnição. Tôda a fôrça de serviço em cada quarto estará no parapeito e de armas na mão; a restante dormindo de cartuxeira posta e arma ao lado.

2.º — Que, durante o dia, o serviço de segurança seja constituído por um quinto da guarnição, fornecendo 3 sentinelas, e estando o resto de cartuxeira posta e armas ensarilhadas, com obrigação de não sair do interior do recinto.

3.º — Que, durante o dia, os quatro quintos restantes da guarnição sejam empregados no serviço de exploração, trabalhos de fortificação, abertura do campo de tiro e lançamento da ponte de barcos.

4.º — Que a lancha *Incomati* suba o rio em exploração e lance mão de todos os dongos e mais embarcações que possa descobrir.

5.º — Que a lancha *Bacamarte* se empregue em transportar de Marracuene para aqui os pontões e mais material aí existente com destino a êste posto.

Nestes serviços se continuou nos dias seguintes fazendo-se saltadas em povoações próximas, estabelecendo-se comunicação heliográfica com Marracuene e avançando com a ponte.

Os negros mostravam-se retraídos e desapareciam; contentavam-se com o vir insultar-nos e provocar-nos à noite e de longe.

Em 9 de Maio, estando a ponte já adiantada, saltou-se na margem esquerda e começou-se aí a construção dum blockaus, testa da ponte. No dia 10 foram batidas as povoações da margem esquerda mais próximas dêsse blockaus.

A guarnição sofria um serviço pezado, pois que, além de tudo o mais, parte dela várias vezes teve que passar horas da noite a desfazer a machado ilhotas de capim que desciam o rio com a corrente e que, indo contra o troço da ponte já construído, o impeliam adiante de si flectindo-o, e partindo vigas e amarrações. — E era nestas circunstâncias, mais talvez do que no choque dos combates, que havia ocasião de avaliar a docilidade do carácter, a disciplina e a resistência do corpo dos nossos pobres soldados, a quem, bem comandados, basta o exemplo e as palavras animadoras dos seus oficiais para irem até ao meio do inferno, se tanto fôr preciso.

Em 15 de Maio, estando a ponte quási pronta (1), apresentou-se no posto o sr. major Gomes Pereira, de infantaria 2, com uma companhia do seu batalhão (3 oficiais e 194 praças).

A ordem de 16 de Maio manda no seu número 5.º:

---

(1) A ponte tinha 26 lanços, apoiados sôbre uma lancha ordinária e 28 pontões de madeira, construídos nas oficinas das obras públicas em Lourenço Marques. Extensão, de encontro a encontro, 201m; largura do taboleiro 1m,5. Tinha uma portada formada por 2 pontões e 1 pontão duplo, suportando 2 lanços com a extensão de 16m.

— Que estando terminado o lançamento da ponte marche por ela, amanhã pelas 6 horas da manhã, em direcção à Mapunga, povoação do régulo rebelde Mahazul, uma coluna composta da seguinte forma:

Engenharia 10 praças (tenente Monteiro) — artilharia 4, 50 praças (tenente Mota) — Montanha 6 praças, 1 peça e 1 metralhadora (tenente Miranda); Infantaria 2, 160 praças (tenente Krusse); — Infantaria e cavalaria da polícia, 17 praças (alferes Sarrea); caçadores 3 de Africa 60 praças (alferes Gaspar); — comandante capitão Freire de Andrade, chefe de Estado Maior, tenente Couceiro, médico Rodrigues Braga.

Nos números seguintes seguem-se prescrições para a marcha, ordens para as guarnições que ficam no pôsto e blockaus da margem esquerda, prevendo a hipótese dum insucesso.

Exploradores 1.ª secção de caçadores 3, alferes Gaspar; — *flanqueadores* 2ª. secção de caçadores 3, alferes Canhão Bastos, 3.ª esquadra na direita 4.ª na esquerda, a 100m, ou obedecendo às conveniências e indicações do terreno, não se afastando excessivamente — *Grosso:* 1.ª face, 36 homens de artilharia 4, tenente Mota — 2.ª face, 1.º pelotão de infantaria 2, tenente Krusse — 3.ª face, 2.º pelotão alferes Reis — 4.ª face, engenharia e o resto de artilharia 4, tenente Silva — No centro artilharia, munições e a reserva (infantaria da polícia, alferes Sarrea). — Seguem outras prescrições para o serviço de marcha e caso de ataque.

Efectivamente no dia 17 às 6 horas da manhã marchou a coluna e perto da noite estava de volta, tendo sido incendiada a povoação do régulo sem resistência—os negros tiveram 2 baixas.

No dia 18 executou-se um desembarque na margem esquerda, em Moamoquenene a jusante do pôsto.

No dia 20 uma coluna, constituída como a do dia 17, embarcou num batelão e lancha, seguindo com a *Incomati* e a *Ba[illegible]marte* rio abaixo, para ir pernoitar em Marracuene e desembarcar no dia seguinte mais a jusante, no pôsto do Finish (ponta da Magaia) e atacar a Macaneta, sua povoação. Êste ataque foi realizado de combinação com mil e tantos auxiliares da Matola

e Moamba que no mesmo dia 20 passavam para a margem esquerda da nossa ponte de Incanine, devendo encontrar-nos em 21 na Macaneta, varrendo êles o terreno desde Incanine para o sul até à extrema ponta da Magaia. — Tudo isto se executou, não nos fazendo os negros resistência a nós, mas só aos auxiliares, que lhes fizeram 22 baixas.

O pôrto de Finish, onde desembarcámos, era o sítio de onde sempre se fazia fogo às lanchas; lá havia 5 ordens sucessivas de trincheiras que estavam abandonadas na ocasião de pormos pé em terra; seguimos depois em direcção à Macaneta através dum mato bastante denso e emmaranhado com veredas muito estreitas. À tarde estávamos de volta, ficando a Macaneta incendiada.

Com êste serviço ficou concluída a 1.ª parte das operações. — A coluna de Marracuene batera todo o território do Matibijana (Zichacha); a coluna na Mapunga acabava assim de bater todo o território do Mahazul, desde a Macanda (ao N. de Mapunga) até ao extremo sul da Magaia.

Estava, senão de todo sufocada a rebelião, pelo menos moralmente vencidos os rebeldes, mortos bastantes dêles, expulsos dos seus terrenos, queimadas as suas povoações, estragadas as suas culturas, e aprezados os seus gados e embarcações.

Estávamos no fim de Maio.

Tinham chegado e vinham chegando de Lisboa os contingentes da nova expedição — íamos entrar no 2.º período das operações.

II

OPERAÇÕES CONTRA O GUNGUNHANA

Antes de entrar na descrição de factos apresento o plano, feito pelo sr. Conselheiro Comissário Régio, e com data de 3 de Abril enviado para Lisboa. — Foi êste plano que serviu de base a tudo

quanto se fez, e foi segundo as suas indicações e pensamento que se desenrolaram sucessivamente as operações da campanha.

As operações militares que podem e devem efectuar-se no princípio do inverno próximo nos distritos de Lourenço Marques e Inhambane terão por fim:

1.º — Fazer uma grande demonstração de fôrça que convença os indígenas de tôda a Província — hoje intoleràvelmente atrevidos e desrespeitosos — e os estrangeiros — que nos consideram impotentes para governar da África Oriental — de que temos meios e temos vontade firme de manter a nossa soberania nessa região e castigar quem contra ela se revolte.

2.º — Ocupar posições estratégicas e estabelecer postos fortificados nas fronteiras e dentro do território do Gungunhana, para o manter no respeito e para dar confiança aos povos e régulos que queiram sacudir o jugo que êle lhes impõe.

3.º — *Sendo possível,* atacar e aniqüilar o Gungunhana, ou, pelo menos, sujeitar à autoridade da Coroa o país situado entre o Incomati e o Limpopo.

Para conseguir êste fim, ou alguns dêles, tem-se estudado um plano de operações cujas linhas gerais são as seguintes:

Tendo o Gungunhana as suas fôrças espalhadas pelo enorme país que se estende desde o Incomati até ao Inharrime, e ainda pela margem esquerda do Save, e sendo certo que uma parte das populações que lhe obedecem estão cansadas da sua tirania, cada vez mais inexorável, e desejosos de libertação, afiançando-se especialmente que tal é o estado dos ânimos na Cossine e em parte da Bilene, deve-se procurar: *a)* cortar e dificultar as comunicações entre as diversas regiões dêsse país, principalmente dominando o Limpopo; *b)* ameaçar aquelas dessas regiões que parecem mais dispostas a aceitar a nossa autoridade, para que os seus chefes tenham pretexto, ou tenham necessidade, de não reünirem as fôrças próprias às do Gungunhana, se êle os chamar; *c)* animar os descontentes a revoltarem-se contra o seu soberano e a unirem-se às nossas fôrças.

Neste complexo intento projecta-se dividir as tropas europeias em três colunas de operações, compostas das diversas armas. Uma destas colunas irá pelo Incomati ou por terra, ou por uma e outra via — ocupar o Intimane, a pretexto de evitar novas incursões dos Cossas, tomando posições que lhes permitam passar para a Cossine, onde já temos um posto fraco e desguarnecido — outra mais fraca irá pelo

Limpopo, devendo êste rio estar já guardado por canhoneiras; e, *sendo possível*, estabelecer-se-á devidamente fortificada na foz do Chengane, ou em frente dessa foz na margem direita do Limpopo; não podendo chegar lá ocupará algum ponto mais próximo da foz, e, sempre protegida pelos navios, que em caso de necessidade lhe protegesse e facilitasse a retirada, ameaçará ambas as margens do rio. Convém saber que da foz do Chengane vai-se à actual residência do Gungunhana em duas ou três marchas e que há lá terrenos onde uma fôrça europeia pode entrincheirar-se de modo a poder resistir a grandes massas de indígenas. Finalmente, a 3.ª coluna, a mais forte de todas, marchará de Inhambane por Chicomo, donde em poucas horas um cavaleiro alcança o *Kraal* do filho do Muzila.

Os movimentos da coluna do Limpopo não estão ainda bem estudados porque não houve até agora navio que pudesse ir reconhecer o rio e as suas margens; êsse estudo há-de fazer-se porém, e ainda neste mês, e, seja qual fôr o seu resultado, é indubitável que ao Inhampura podem ir tropas cuja presença faça recear tanto ao Bilene (margem direita) como ao Gungunhana um ataque combinado com a coluna do Intimane — Cossine, ou com a do Chicomo.

Tomadas estas posições *é provável* que a gente de Cossine e do Bilene (margem direita) não vá juntar-se ao Gungunhana, deixando as suas terras e mulheres em risco de serem assaltadas pelas tropas que estivessem no Incomati e no Limpopo e, quando queiram fazê-lo a esquadrilha do Limpopo deve cortar-lhe a passagem e a coluna do Incomati pode invadir-lhe o território nas costas dêles. Também é possível que em tal situação, essa gente ou parte dela, aceite a nossa autoridade, *como já tem oferecido* e assim nos assenhorearmos do país entre o Incomati e o Limpopo. Por outra parte não é de crer que o Gungunhana vendo perto de casa as tropas de Chicomo, *que deverá ter atrás de si e gente dos régulos de Inhambane*, desvie fôrças para acudir à Cossine ou ao Limpopo, e portanto a coluna dêste rio poderá aproximar-se mais do seu *Kraal;* mas, se o fizer, a coluna do Chicomo, com os auxiliares indígenas, terá tôdas as probabilidades de não encontrar resistência invencível numa marcha que empreenda sôbre êsse *Kraal*.

Suponhamos, porém, que tanto na Cossine, como no Limpopo, como no Chicomo os vátuas e os seus vassalos se preparam para repelir as nossas tropas. Não é de presumir que assim divididos sejam temerosos; mas se tiverem fôrças numerosas e não fôr prudente atacá-los, as colunas, limitar-se-ão a estabelecer postos fortificados na Cossine, no Chicomo e nalgum ponto das margens do Limpopo, e desde que se

coloquem na defensiva apoiados nos rios e servidos por êles ou não serão atacados ou fàcilmente repelirão os ataques. E nesse caso não se terá conseguido aniqüilar o Gungunhana, mas o seu território ficará guarnecido de postos militares importantes, o que será já uma vantagem enorme, tanto no ponto de vista estratégico como no ponto de vista político.

O que deve decidir do movimento das colunas e do seguimento das operações é a atitude dos povos e do próprio Gungunhana. Se os povos da Cossine, de Bilene, etc., se levantarem, animados pela presença das tropas, as colunas avançarão, e poderão avançar também, embora com mais precaução, se os povos — *não sendo maltratados pelos nossos soldados* — cruzarem os braços à espera dos acontecimentos, o que poderá muito bem suceder. Se, pelo contrário, os povos se mostrarem dispostos a reagir, e a reagir com denodo, as tropas ficarão na nossa fronteira ou nas margens dos rios, onde deixarão postos estabelecidos, e *será temerário fazê-los atravessar extensos países inimigos entregues aos seus próprios recursos.*

Não se deve anunciar, nem deixar supor, que as operações são empreendidas *para atacar o Gungunhana;* pelo contrário, convém propalar que têm por fim *impedir que o Gungunhana ataque as terras da Coroa.* Ir-se-á, porém, mais longe, *se as circunstâncias o permitirem.* A coluna do Chicomo será especialmente incumbida de aproveitar o favor das circunstâncias.

Colocada a um dia de marcha do *Kraal,* poderá arrojar-se sôbre êle desde que o saiba mal guardado, contando para isso com o apoio de muitos milhares de indígenas de Inhambane, alguns dêles valorosos e inimigos encarniçados dos vátuas. Esta possibilidade será maior ou menor conforme a táctica que o régulo de Gaza adoptar.

O que fará êle quando vir aparecerem ao mesmo tempo tropas na Cossine, no Limpopo e no Chicomo? É quási certo que a princípio procurará a todo o custo evitar a guerra, porque é covardíssimo, comodista e tem entranhada a consciência da superioridade do branco e até dos portugueses.

Há de mandar embaixadas e saguates, oferecer mil cousas — com a intenção reservada de faltar a tudo, e tirar desforra na ocasião oportuna — e é possível que esta sua atitude permita impôr-lhe condições que lhe tirem fôrça moral e que deixem as tropas firmarem-se no território e talvez avançarem nêle.

A par dos soldados devem operar *diplomatas.* Quando chegar a convencer-se de que será atacado, de certo procurará defender-se, mas

é duvidoso que atine com a melhor maneira de o fazer e reuna para isso elementos formidáveis. É certo que êle junta multidões de homens armados — dizem que 40 a 60 mil — mas junta-os para festas e revistas, e junta-os quando os seus indunas podem percorrer todo o país do Incomati ao Save e quando a sua autoridade está incontestada. Reuni-los-á também para a guerra, estando o Limpopo vigiado pelas nossas canhoneiras, estando tôda a margem direita dêsse rio e parte da esquerda em risco de serem invadidas e correndo voz pelo sertão de que *gente do rei* vai atacar o terrível potentado, muito temido mas também muito odiado?

Certamente correrão às armas os vátuas legítimos; mas os povos submetidos e escravizados hão-de provàvelmente aproveitar todos os pretextos para se deixarem ficar em casa, quando não para se juntarem às tropas, salvo o seu direito de se lançarem sôbre elas, se as virem vencidas. Especialmente se o Gungunhana hesitar em correr às armas — e há-de hesitar — pode-se esperar que não reuna fôrças consideráveis. Bem poderoso era o Lobengula e nunca pôs em campo contra os inglêses mais de 6:000 homens, segundo dizem os próprios vencedores, que de-certo não deminuíram o número dos vencidos, deminuindo a própria glória.

Não se deve pois julgar improvável a consecução do 3.º dos fins indicados das operações, se essa consecução pode ser auxiliada por lances de fortuna. Se qualquer das colunas tiver a sorte de ser atacada e repelir bem o ataque, ficará segura a vitória para tôdas elas. Se o Gungunhana, vendo tropas na vizinhança, fugir — o que não é nada impossível — perderá logo tôda a autoridade para organizar a defesa. Com alguma fortuna, ajudado por uma boa *política*, poder-se-á pois acabar de vez com o formidável potentado, que não só nos trás usurpadas as melhores terras de província, senão que nos tira a segurança das próprias terras que senhoreamos.

O estudo da execução dêste plano está-se fazendo. Neste momento (3 de Abril) o capitão de Estado Maior Eduardo Costa anda nas terras de Inhambane reconhecendo o terreno das operações e preparando ou fazendo preparar quanto é necessário para elas, meios de desembarque, estradas, transportes, depósitos de mantimentos, lugares de bivaque e acampamentos. Para auxílio dos transportes terrestres, que em parte podem ser feitos por carregadores, estão já comprados em Durban dez

carros de duas rodas e dez de quatro com 140 bois; para transportes no pôrto e no rio do Mutamba também já foram adquiridos um pequeno rebocador e lanchas.

O campo de operações da coluna do Limpopo é que ainda não foi reconhecido por falta absoluta de navio capaz de ir ao rio e subir por êle; mas no meado dêste mês deverão ser dispensados os serviços do *Neves Ferreira* no Incomati, e êsse navio ao mesmo tempo que fôr fazer os preparativos necessários para a montagem das novas canhoneiras, irá estabelecer um pôsto militar na margem direita e observar onde e em que condições poderá desembarcar a coluna destinada àquela região. Enquanto às tropas que hão-de operar no Intimane e na Cossine subirão o Incomati até lá, ou até algum ponto próximo — conforme a altura de águas — com o auxílio do material fluvial que se vai reunindo; dado, porém, que, por alguma circunstância imprevista, não pudesse subir o rio, seguiria para o Intimane por terra, atravessando sempre terras da Coroa e passaria o rio numa ponte, podendo aproveitar-se para isso a que se está construindo para ser lançada em Incanine. É ocioso observar que todos estes planos pressupõem que, ao tempo em que êles devam ser executados, estará já completamente debelada a revolta da Magaia.

3 de Abril, de 1895.

ANTÓNIO ENES.

Vamos agora a ver a maneira como a sucessão dos factos correspondeu à ideia neste plano traçada.

A ordem n.º 41 do Comando Geral da Brigada datada de Lourenço Marques 31 de Maio de 1895 é do teor seguinte:

Em harmonia com as instruções recebidas de S. Ex.ª o Conselheiro Comissário Régio na província de Moçambique, S. Ex.ª o Coronel Comandante da Brigada determina e manda publicar o seguinte:

1.º — Que a brigada do seu comando seja dividida em duas colunas — uma destinada às operações no distrito de Lourenço Marques — e a outra às operações no distrito de Inhambane.

2.º — Que a coluna de Lourenço Marques tenha a seguinte composição:

ESTADO MAIOR

COMANDANTE — O comandante do batalhão de infantaria n.º 2, major Gomes Pereira.

CHEFE DE ESTADO MAIOR — O capitão de engenharia, A Freire de Andrade.

ADJUNTO — O tenente de artilharia, H. de Paiva Couceiro.

OFICIAIS ÀS ORDENS — Os que forem precisos, escolhidos dos oficiais não arregimentados.

TROPAS

INFANTARIA — Três companhias do batalhão de infantaria 2 (1.ª, 2.ª e 3.ª).
A fôrça do batalhão de caçadores n.º 2, actualmente estacionada no distrito.
O batalhão de caçadores 3 de África Oriental.

CAVALARIA — A secção do corpo de polícia de Lourenço Marques.
O 4.º pelotão do esquadrão de cavalaria n.º 1.

ARTILHARIA — A 3.ª secção da bataria de montanha.
Meia companhia de artilharia n.º 4.

ENGENHARIA — Meia companhia de engenharia.

SERVIÇOS AUXILIARES

Cirurgião-mor e ajudante de infantaria 2 e os médicos da armada e da província que fizerem serviço no hospital do distrito.

Coluna de munições — coluna de víveres e administração militar — ambulância — trens de comando regimentais e escoltas oportunamente se designará pessoal para êste serviço.

3.º — Que a coluna de Inhambane tenha a seguinte composição:

ESTADO MAIOR

COMANDANTE — O comandante da brigada, coronel Galhardo.

CHEFE DE ESTADO MAIOR — Capitão de estado maior, Eduardo Ferreira da Costa.

ADJUNTO — Tenente de estado maior, Aires Ornelas de Vasconcelos.

AJUDANTE DE CAMPO — Tenente de infantaria, J. D. Rodrigues Madeira.

OFICIAIS ÀS ORDENS — Os que forem precisos, escolhidos entre os oficiais não arregimentados.

TROPAS

INFANTARIA — O batalhão de caçadores 3.
A 4.ª companhia do batalhão de infantaria 2.
A fôrça do batalhão de caçadores 2 actualmente estacionada no distrito de Inhambane.
O batalhão de caçadores 4 de África Oriental.

CAVALARIA — 1.º, 2.º e 3.º pelotões do esquadrão de cavalaria n.º 1.

ARTILHARIA — Meia companhia de artilharia n.º 4.
1.ª e 2.ª secções da bataria de montanha.

ENGENHARIA — Meia companhia de engenharia.

SERVIÇOS AUXILIARES

Cirurgião-mor e ajudante de caçadores 3 — cirurgião ajudante de caçadores 2 — cirurgião ajudante de engenharia — médicos navais e da província que fizerem serviço no hospital.

Para os restantes serviços oportunamente se designará pessoal.

Não vem aqui ainda indicada a fôrça que havia de constituir a coluna do Limpopo, pois que antes dessa coluna operar, deviam operar as lanchas e portanto era desnecessário estar já a separar fôrças para tal fim.

Logo em seguida a esta ordem (em Junho) seguiram para Inhambane (nos vapores *Ambaca, Vega* e paquete alemão), as fôrças que constituiam a coluna dêsse distrito, material de artilharia, munições, etc., etc.), enquanto em Lourenço Marques a coluna do Sul começava também a preparar-se e a pôr-se em movimento.

Como é notório e bem sabido era uma temeridade da nossa parte tentar fazer a guerra ao Gungunhana com tão exíguas

fôrças; na verdade a coluna do norte dispunha apenas, em conta redonda, de uns 1:300 homens europeus (excluo a guarnição de Inhambane e a do sul duns 800 (excluo a guarnição de Lourenço Marques); — bem pouco para combater as dezenas de milhares de que o Gungunhana dispunha e de que todos os anos fazia parada nas grandes festas da *Inquaia*.

Era portanto de todo o ponto necessário operar com a máxima prudência, e não mostrar, pelo menos de princípio, a intenção de atacar directamente o forte potentado; — era preciso negociar, quando mais não fôsse para ganhar tempo, e aproveitá-lo bem, avançando devagarinho, chamando a nós os povos vassalos dêle, — e minando pelos pés, visto que não tínhamos fôrças suficientes para atirar duma vez o golpe da cabeça que é sempre o verdadeiro. — E era êste o espírito do plano; — trabalhos de sapa e primeiros embates da coluna do Sul: — negociações e depois o golpe da morte da coluna de Inhambane; começando, primeiro que tudo, e correspondendo ao período das negociações, por se colocarem, uma e outra, ameaçadoras, nas fronteiras, a primeira na linha do Incomati a segunda no Inharrime e Chicomo.

Posto isto, passo a descrever os trabalhos e operações da coluna do Sul.

Lourenço Marques é a *base de operações*.

Linha de defesa é o curso do Incomati desde a foz do *Sabi* até à Manhiça, apoiado nos postos de: *Sabi*, — X e Magude, Chinavane, Manhiça, e, mais tarde, também sôbre as aringas de Machacuane e Taninga.

Linhas de comunicação há duas: 1.ª *terrestre*, via férrea até à estação de Pesene, e depois estrada carreteira de Pesene ao Sabi, e de Pesene a Stokolo, Pôsto X, e Magude; — 2.ª *fluvial*, curso do Incomati até Chinavane.

Linhas transversais. Estradas carreteiras da Manhiça ao Pôsto X e Magude; 2.º da Manhiça a Chinavane; 3.ª de Chinavane ao Pôsto X e Magude; 4.ª do Pôsto X e Magude ao Sabi.

Os trabalhos necessários para tornar numa realidade, ocupar e utilizar todos êsses postos e linhas, — que eram então uma simples hipótese, — e além disso a construção de duas pontes na curva mais norte do Incomati, uma no Pôsto X, outra em Xinavane, eis o que era considerado como preparativo para a ofensiva, e que devia estar feito quando, rotas as negociações, fôsse preciso avançar.

Efectivamente, tudo se fez e estava pronto na ocasião precisa.

O primeiro trabalho executado foi a estrada carreteira da estação de Pesene até à foz do Sabi, e até Stokolo (antiga residência do chefe do Intimane onde se fez um aquartelamento provisório de colmo) — Foi o major Caldas Xavier com o tenente Leote, de engenharia, com algumas praças e auxiliares que fizeram êste serviço.

Por meados de Maio marcharam de Pesene, com 4 carros de 2 rodas puxados a 4 bois e foram avançando a pouco e pouco, procurando a melhor directriz, ajeitando-se aos antigos trilhos dos pretos, evitando os terrenos pantanosos e abatendo árvores. — Assim chegaram até Stokolo, tendo percorrido uns 92 quilómetros.

É necessário dizer-se que nessa época o estado dos ânimos nas regiões atravessadas pela estrada (Moamba e Intimane) era o da espectativa, mas com muitas tendências para o Gungunhana, por êles considerado como o mais forte. Em Stokolo tínhamos um chefe de circunscrição, o tenente Leitão, que, com a sua energia, prudência e conhecimento dos negros, procurava chamar a nós e conter as gentes do Intimane, mas lutava com muitas dificuldades, pois, debaixo da ameaça duma invasão pelos Cossas (gente do Cocine, vassalos do Gungunhana), já alguns dos régulos tinham ido pegar pé à margem esquerda do Incomati. Feito o trabalho, e traçado também o desvio para a foz do Sabi, Caldas Xavier e Leote voltaram a Lourenço Marques, enquanto o tenente Leitão ficou no seu pôsto, dirigindo ao mesmo tempo a construção do aquartelamento provisório.

No entretanto trabalhava-se em Lourenço Marques, fazendo fogo diàriamente na carreira de tiro da Ponta Vermelha, preparando e experimentando o material de artilharia — adaptando burros à tracção das metralhadoras, e arranjando-lhe arreios — desbastando as muares novas de artilharia de montanha, e os cavalos de pelotão, vindos do Natal, arranjando carros, bois, carreiros (1), etc., etc.

Para mais rápida execução do serviço que se tinha em vista, e para estabelecimento e utilização imediata das duas linhas de comunicação, foi determinado que a coluna do Sul seguisse em duas fracções: 1.º o grôsso a oeste, pela linha terrestre, com o comando; 2.º o restante, com o capitão Freire de Andrade, a leste pelo rio. Mais foi determinado que, atendendo à dificuldade de abastecer uma grande massa de homens a uma distância de mais de 100 quilómetros da base, o grosso da coluna marchasse por fracções sucessivas.

Enfim, em meados de Junho, feitos os mais importantes preparativos, e acumulados mantimentos, material e carvão no pôsto de Marracuene, considerado como depósito para o avanço pelo rio, — e em Pessene considerada como estação testa de etapa na via terrestre, foram dadas as ordens de avanço.

A ordem da coluna de 17 de Junho de 1895 diz:

1.º — Que em virtude de ordem do Comissariado Régio proceda a coluna à ocupação militar do Intimane.

E determina como se há-de pôr em execução.

Em 18 marchou a primeira fracção do grosso, acompanhada pelo tenente Leote, como guia, e um contingente de engenharia.

Marchou conjuntamente um combóio de víveres de 3,5 to-

(1) O núcleo de carreiros foi fornecido pela secção de obras públicas, mas um grande número de soldados se puseram também a êsse serviço.

neladas, pessoal da administração militar (1), e munições de infantaria.

De Pessene a Stokolo a marcha era de 92 quilómetros, e tinha sido dividida em 4 etapas: 1.ª de 20 quilómetros; 2.ª de 22 quilómetros (acampamento próximo do curral de Magucolombe, irmão do régulo da Moamba); 3.ª de 22 quilómetros (acampamento na curva do Incomati); 4.ª de 28 quilómetros a Stokolo.

Conquanto as extensões correspondentes a cada dia não fôssem grandes, a marcha era fatigante, por ser o terreno bastante arenoso, e, com o andar dos tempos, pior se tornou ainda pela contínua passagem dos carros.

No dia 22 de Junho marchou a segunda fracção também constituída por infantaria, com um combóio de víveres de 3,5 toneladas (2), e munições de infantaria.

No dia 27 marchou a terceira constituída pela bataria de artilharia (3), infantaria, um combóio de víveres de 3 toneladas, e munições de infantaria.

No dia 2 de Julho, a quarta, constituída pelo 4.º pelotão de cavalaria 1 (24 cavalos), e um combóio de víveres de 10 toneladas (4).

---

(1) Praças de infantaria impedidas nêsse serviço.

(2) A carga arbitrada aos carros de 2 rodas (4 ou 6 bois) era proximamente de ½ tonelada; e aos carros de 4 rodas (16 a 20 bois) de 2 ½ toneladas; era a natureza do terreno que obrigava a cargas tão deminutas.

(3) Esta bataria era composta do seguinte: 3 metralhadoras Nordenfelt de 11mm, puxadas a 2 burros cada uma; 2 peças de montanha de 7c, marchando a varais com 2 muares cada peça; um canhão-revólver Hotckiss com o respectivo armão, puxado a 4 bois; 2 peças Gruzon de 37mm engatadas em carros de 2 rodas puxados a 4 bois, carros que transportavam munições; mais um carro de munições puxado a 4 bois. Além disso, 1 burro, 2 muares e 2 bois de reserva. O municiamento era: 10:000 cartuxos para as 3 metralhadoras; 70 tiros para as duas peças de 7 (45 granadas e 25 lanternetas); 100 tiros para o canhão revólver (60 granadas e 40 lanternetas); 100 tiros para as duas peças Gruzon (60 granadas e 40 lanternetas).

(4) Neste combóio iam pela primeira vez carros contratados a boers, com pessoal e gado dêles. Continuaram a servir-nos depois durante todo o tempo da campanha.

Finalmente, no dia 4, a quinta e última, infantaria, um combóio de víveres (4 toneladas) e munições de infantaria.

Ao mesmo tempo que se operava a concentração do grosso em Stokolo, as lanchas *(Sabre* e *Incomati)* faziam sem novidade a exploração do rio até às *falaises* da Manhiça (1) (margem direita) e proximamente a 25 de Junho era conduzida a êsse ponto pelas lanchas *Sabre, Carabina* e *Bacamarte* uma coluna de 120 homens (infantaria 2, artilharia 4 e montanha) com uma peça de 7^c e uma metralhadora de 11^{mm}, sob o comando de Freire de Andrade.

Desembarcaram, e construiram imediatamente no alto da riba e junto ao áspero talude, o parapeito de zinco e terra, rectângulo de proximamente 15×20^m, núcleo do pôsto; — nos dias seguintes aperfeiçoou-se a obra e fizeram-se pequenas tôrres de flanqueamento e observação nos 4 cantos, e um blokaus, tudo de zinco e madeira (2). Procedeu-se imediatamente ao reconhecimento do caminho para Stokolo (3), para ligação dos dois troços da coluna, vendo-se a necessidade da construção duma ponte ou passagem sôbre o grande pântano de Machahomo, a que se deu princípio em 1 de Julho, debaixo da direcção do tenente Krusse Gomes, de infantaria n.º 2; esta obra (pronta em 28 de Agôsto) gastou 2 meses de forte trabalho, empregando-se nela 15 praças, primeiro de engenharia depois de infantaria 2, e 200 a 300 indígenas, que se revesavam (4). O pântano era uma

---

(1) Foi preferido êste local porque é alto e portanto saüdável e mais fácil de defender; e para montante de Incanine não havia muito por onde escolher, pois que, a não ser na Cherinda, onde há também umas *falaises*, — as margens do rio são muoto baixas, húmidas e inundáveis.

(2) Próximo desta fortificação se começou pouco depois uma construção de alvenaria rectangular de 12×6, com 2 pavimentos e tôrres em 2 cantos em diagonal, construção que ficou pronta em Dezembro.

(3) Quem diz *Stokolo* diz também *Pôsto X*, e *Pôsto de Magude*, construídos pouco depois, visto que o primeiro dêstes postos fica apenas a 12 quilómetros de Stokolo, sôbre o rio, e o segundo, em frente do primeiro, na outra margem.

(4) Gente do régulo Mataninga da Manhiça e Capulana, que se tinha chegado a nós depois do estabelecimento do pôsto da Manhiça.

grande superfície de capim, cobrindo nuns sítios água e lôdo, noutra só lôdo; — e a passagem foi feita lançando-lhe em cima grossos troncos e ramada, que mergulhavam, mas que, à fôrça de sobrepor, chegavam a oferecer a resistência precisa; foi escolhida a direcção que menos trabalho desse, mas ainda assim a ponte ficou com 750^{m} de extensão.

Voltemos ao grosso da coluna:

No dia 7 de Julho, estando já quási completa a concentração em Stokolo, procedeu-se a um reconhecimento na direcção do rio com o fim de, sôbre a margem, se escolher local apropriado para a construção dum pôsto, e lançamento da ponte.

Proximamente nestes sítios havia na margem esquerda (território da Cocine) uma pequena casa de madeira e zinco que servira de habitação a um residente nosso.

Para que mais tarde, quando passássemos o rio, essa casa nos servisse de alguma coisa, procurou-se escolher o local para o pôsto da margem direita, o mais possível em frente dela.

As margens do Incomati são nesta região bastante arborizadas, mas achou-se felizmente uma clareira sobranceira de uns 4^{m} ao nível da água, e apenas uns 200^{m} a montante da referida casa de zinco.

Nos dias 8 e 9 abriu-se estrada carreteira de Stokolo para esta clareira, estrada que, sendo de pequena extensão (uns 12 quilómetros), em terreno sem acidentes e sem pântanos, apenas deu o trabalho de abater árvores.

No dia 10 de madrugada marchou de Stokolo tôda a guarnição (1) e às 10 e ½ da manhã deu princípio à construção do Pôsto X,, — em que trabalhou com afinco todo o dia, ficando de noite já ao abrigo dum parapeito.

O Pôsto X é um rectângulo de 26 passos por 30, com tam-

(1) A guarnição era proximamente a seguinte: 1 companhia de infantaria 2 (200 homens); — 1 pelotão de cavalaria 1 (28 homens); — 1 bataria de artilharia (30 homens de artilharia 4, e montanha); um contingente de engenharia (12 praças); ao todo, uns 270 europeus e mais uns 50 angolas (caçadores 3 de Africa).

bores aos 4 cantos, e uma canhoneira ao meio de cada uma das três faces sôbre a campanha; a 4.ª face domina o rio. — O parapeito de 1,30 de altura por 0,50 de espessura é de laca-laca e terra; exteriormente há um pequeno fôsso, e, por fora dêle uma vedação de 6 ordens de fio de arame farpado, com abatizes de espinho.

Na rectaguarda da 4.ª face, sôbre o rio, o depósito de géneros, à direita a cavalariça, à esquerda a cozinha e enfermaria flanqueadas pelo fogo da 2.ª e 3.ª faces, e rodeadas de abatizes. — Nos dias subseqüentes se foram fazendo estes vários trabalhos, sendo os angolas quem cortavam e traziam o material (laca-laca, estacas e ramadas espinhosas), que próximo havia em abundância.

No dia 13 de madrugada partiu um reconhecimento a cavalo na direcção de Chinavane, pois que estava combinado que proximamente pelos dias 13 ou 14 deviam aí chegar pelo rio lanchas canhoneiras conduzindo homens e materiais para a construção dum pôsto.

Êste reconhecimento depois de andar todo o dia (1) avistou às 8 horas da noite as fogueiras da nossa gente que, tendo desembarcado de dia, trabalhava ainda no parapeito.— Estavam pois ligados na testa o grosso da coluna, e o troço que avançava pelo rio, — e ocupados os dois pontos do Incomati mais avançads ao norte e por onde, feitas as pontes, se penetraria nas terras pròpriamente ditas do Gungunhana.

As lanchas tinham alcançado Chinavane com bastante dificuldade; — como se vê pelo mapa, Chinavane é o ponto onde o rio se divide em dois braços torneando a ilha Mariana, braços que de novo se unem num, só um pouco a montante da Manhiça.

Tinha sido feito um prévio reconhecimento pelas lanchas *Sabre* e *Incomati*.

(1) Do Pôsto X a Chinavane são só uns 32 quilómetros, mas como era a primeira vez que se percorria o caminho não fomos bem a direito.

A *Incomati* chegou ao seu destino, mas a *Sabre* teve que voltar para traz a meio caminho, porque o rio é de tal maneira sinuoso com voltas apertadas, e estreito, que não permite que uma lancha comprida, como ela, o suba, — pelo menos naquela época, — por mais esforços que se empreguem.

Feito êste reconhecimento partiu Freire de Andrade da Manhiça em 10 de Julho com as lanchas *Bacamarte, Chefina* e *Magaia,* conduzindo 120 homens (infantaria 2, artilharia 4 e montanha) 1 metralhadora Nordenfelt e 1 peça Hotckiss, e além disso reboques (1) com material e mantimentos — Chegados a Chinavane desembarcaram em 13, e logo nêsse dia se cubriram com um parapeito, — completando nos dias subseqüentes a construção.

O pôsto de Chinavane era um barracão de 10×25^{m} coberto de zinco, e tendo, em vez de parede, um parapeito de zinco e terra. A um dos cantos tinha uma pequena tôrre flanqueante e exteriormente, feito sôbre uma forte árvore de três pernadas, um magnífico observatório de onde se avistava a grande distância para um lado e outro, pois que as margens ali são extensas planícies baixas, apenas cobertas de caniço e capim.

No dia 14 regressou sem novidade ao Pôsto X o reconhecimento que de lá viera.

Em 15 procedeu-se aí a sondagens no rio, e em 17 começou de baixo da direcção do tenente Leote, a construção duma ponte de cavaletes, feitos *ad-hoc* com troncos trazidos pelos angolas e faceados e ajustados pelos nossos soldados.

Esperimentou-se primeiro o fazer os cavaletes fora, e lançá-los à água já prontos, mas reconheceu-se pràticamente que era mais fácil transportar nos dongos (2) e fazer separadamente o lançamento e cravamento de cada 2 estacas, e pregar-lhes depois

(1) Os batelões grandes, que faziam serviço entre a Manhiça e Lourenço Marques, não podiam ser empregados para montante, da Manhiça para Chinavane; eram por isso substituídos por lanchas ou batelões pequenos que apenas transportavam de 6 a 10 toneladas de carga.

(2) Embarcações indígenas.

o chapéu. — De cavalete a cavalete foram passadas 3 longrinas sôbre as quais se assentou o taboleiro, feito com troncos transversais finos, e por cima laca-laca, ramada e terra. — Assim se obteve uma ponte de 197^{m} de extensão com proximamente $1^{m},5$ de largura de taboleiro. O leito do rio era de areia e a profundidade pouco mais ou menos de $1^{m},5$ em quási tôda a largura e não excedendo 3^{m} em parte nenhuma. — A ponte ficou pronta em 31 de Julho, e recebeu o nome de ponte D. Afonso. — Proximamente por essa data ficou também pronta a ponte de Chinavane feita pelo mesmo sistema debaixo da direcção de Freire de Andrade; — aí o rio é mais estreito, mas em compensação chega a atingir 5^{m} de profundidade; — a ponte ficou com 105^{m} de extensão e com uma portada ao meio para passagem das lanchas.

Em princípio de Agôsto estávamos portanto preparados para a ofensiva podendo penetrar nas terras inimigas quer por Magude, quer por Chinavane.

Mas, antes de prosseguir, vou descrever em poucas palavras a situação política por esta época.

Examinando no mapa o espaço limitado a Sul pela via férrea, e nos outros lados pelo Incomati, lemos, dentro da grande volta que êsse rio dá, uma série de nomes (Magaia, Matola, Moamba, Cherinda, Manhiça e Intimane) designando regiões pertencentes a régulos diferentes.

a) Terminada em Maio a primeira parte das operações ficou a região da Magaia, que fôra o teatro delas, pròximamente abandonada, tendo os régulos rebeldes Matibejana (Zichacha) e Mahazul retirado pela margem esquerda mais para o norte com a sua gente.

b) A Matola (régulo Sigaúl) conservara-se sempre, pelo menos na aparência, não direi fiel, mas neutral, e fazendo o possível por fingir que estava sempre do nosso lado, sem contudo se querer comprometer muito.

c) A Moamba (régulo Magunduana), conquanto gente sua

se tivesse encorporado com gente dos rebeldes nas investidas de Outubro de 94 à roda de Lourenço Marques — mantinha, duma certa época por diante, relações pseudo-amigáveis connosco, que nós aceitavamos por nos fazer arranjo, não obstante sabermos bem que o seu régulo, homem esperto e sabido, as mantinha igualmente com o Gungunhana e tinha vátuas, emissários dêle, junto a si.

d) O régulo da Cherinda dispunha de pouca gente mas era conhecido como aliado e amigo do da Moamba.

e) A Manhiça (régulo Mataninga) agrupara-se em nossa volta, desde que fôra estabelecido o pôsto do mesmo nome.

f) Resta-nos a parte mais norte, isto é, o Intimane, dividido pelo poder de vários pequenos régulos: a oeste Chichuco e Mancuene, ao centro Chibanza (secretário) e Banguini, e a leste Mapanjanhana e Capulana.

Todos estes povos viviam debaixo dum tal respeito e mêdo do Gungunhana que nem sequer o nome lhe ousavam pronunciar, e, como eu já atrás referi, quando principiou o nosso movimento de avanço, alguns dos respectivos régulos tinham já ido à Cocine, sob a acção das suas ameaças, prestar-lhe vassalagem.

No meio contudo desta gente que, dominada pelo terror do nosso adversário, mais pendia para o lado dêle do que para o nosso, dois homens havia com cujo esfôrço e zêlo podíamos contar, porque eram inimigos pessoais do Gungunhana e portanto buscavam o nosso abrigo para defender a própria pele. Êsses homens eram os régulos Mapanjanhana e Chibanza, que foram efectivamente sempre nossos fiéis e dedicados auxiliares.

Estabelecidos nós em Chinavane e no Pôsto X, começámos num e noutro impondo a nossa vontade em todo o país das cercanias, àquem Incomati, usando de brandura, mas fazendo sentir a fôrça e a disposição de castigar qualquer desmando. Os régulos, a pouco e pouco, foram-se costumando a vir aos postos, a ouvir as nossas ordens, e a cumpri-las. É claro que não tínhamos neles fôrça de confiança e mal de nós se fôssemos vencidos

porque em inimigos bem fàcilmente se tornariam. Mas, em primeiro lugar, íam-nos prestando serviços, auxiliando a abertura dos caminhos, vendendo-nos mantimentos, fornecendo informações, e iam desta maneira realmente afastando-se a pouco e pouco do Gungunhana, a cujos olhos se comprometiam servindo-nos a nós, tornando-se por êsse motivo objectivo da sua cólera e portanto seus inimigos à fôrça.

Eis a situação àquem Incomati em fins de Julho, princípios de Agôsto.

Vejamos na outra margem do rio:

Aí, desde o rio Ndhélé (afluente do Incomati), até para leste do lago Chuale, estende-se um só estado — a Cocine — obedecendo, debaixo do mando directo de vários régulos subordinados, a um só régulo Grande — Chonguela Manavi — vassalo do Gungunhana. Depois acompanhando, para além do lago Chuale, o curso do Incomati para Sul, tôda essa região, até às alturas do pôsto da Manhiça, estava dividida por vários pequenos régulos mas debaixo da autoridade de — Magioli — governador nomeado pelo Gungunhana. Com Magioli e a sua gente apenas tivemos relações de guerra, por isso não tenho que me ocupar dêles aqui.

Com Chonguela Manavi o caso foi outro: quando, em 7 de Julho, fizemos o reconhecrimento a-fim-de escolher local para o Pôsto X, aproveitámos a ocasião (1) para num dongo passarmos à margem oposta a ver a disposição dos ânimos. Fomos um pouco duvidosos da recepção, pois que tinham ali sido espancados, uns 15 dias antes, dois angolas que o tenente Leitão lá mandara em serviço. Enfim, desembarcámos, e subimos a áspera ladeira que conduz à casa de zinco que antes fôra habitação do residente português; a casa está numa situação magnífica, porque nêsse ponto a margem do rio, constituída por base de rocha, é alta e domina grande extensão sôbre os terrenos da

(1) Já com os tenentes Leitão, Leote e Mota.

margem direita. Junto à casa, e em palhotas, estavam estabelecidos 3 angolas nossos, antiga escolta do residente e que, por já ali estarem havia 3 anos, os cossas (1) consideravam gente sua e tratavam portanto como amigos. A pouco e pouco juntou-se alguma gente dos arredores, que se aproximou desarmada, e que esteve conversando, e preguntando as intenções dos brancos, que êles já sabiam estarem no Intimane. Demorámo-nos pouco, e recolhemos com a ideia de começar desde logo tentativas de aproximação. Em 10 viemos para a construção do Pôsto X. É preciso observar que nesta ocasião o passar à margem fronteira era um caso muito delicado, pois no norte estava-se em negociações com o Gungunhana, e o forçar aqui a fronteira poderia comprometê-las, ou precipitar os acontecimentos, o que, de modo nenhum, nos convinha. Por isso fomos convidando brandamente os cossas a virem à nossa margem fazer venda de mantimentos; nos primeiros dias vieram poucos, mas foram-se familiarizando e sucessivamente vieram vindo mais, nos seus dongos. Obtida assim uma certa relação e apoio, foi enviado convite a alguns chefes para virem a uma reünião. Vieram (2). Foi-lhes exposto que, tendo anteriormente vivido na casa de zinco um branco português, não havia razão para não continuar a haver um tal costume, que era da máxima conveniência para tratar amigàvelmente dos negócios.

Não disseram que sim, nem que não, mas não se opuseram, e nós assentámos na grande vantagem do caso e dissemos-lhe que, visto isso, iria um branco grande, acompanhado por alguns soldados para seu serviço. — Efectivamente em 17 de Julho, dia seguinte a esta conferência, passou à outra margem o tenente Leitão nomeado chefe da circunscrição da Cocine, e conjuntamente com êle 25 praças de infantaria 2, 3 artilheiros com uma

(1) Habitantes da Cocine.

(2) Os que vieram soubemos mais tarde não serem homens de grande importância, mas simplesmente chefes de povoações próximas. Mas isso nada fez ao caso.

metralhadora, e 15 angolas. — Tudo isto passou em dongos disfarçadamente, aos poucos e poucos, com as armas ocultas. e a metralhadora desarmada, embrulhada em lona, fingindo mantimentos; passaram também rôlos de arame farpado, munições e géneros. — Espetaram estacas, rodeando-se duma dupla vedação de fio de arame, armaram a metralhadora dentro de casa, abriram os cunhetes; e à noite ficou tudo alojado dentro, e já não era fácil entrar com êles. — E assim se pôs amigàvelmente o pé no território da Cocine.

No dia seguinte ainda Massingele, regente do estado (1), e o primeiro grande com quem tivemos conversa veio fazer observações, mas contentou-se, ou fingiu contentar-se, com as dôces explicações que lhe foram dadas. — Depois dêste facto consumado fez-se nova convocação e a essa já concorreu muita gente e os verdadeiros grandes do país. — Eram estes Massingele, tio do régulo, e Macupi, Maguvo e Shongue, cada um dos quais administrava, em nome do mesmo régulo, regiões extensas.

A assembléia foi agitada, e nela se notou a divisão das opiniões; já era um resultado colhido. — De vagar se foi obtendo mais; alguns chefes foram-se chegando, e também, depois de uma intimação vigorosa, os grandes permitiram que o régulo — que até aí tinham mantido afastado, — viesse ao nosso campo fazer visita, e receber presente, não obstante a influência dos vátuas delegados do suserano Gungunhana, que empregavam todos os meios para impedir o crescimento da nossa influência. Mas não era de todo em vão que êles trabalhavam; havia muitos dissidentes e tôda a parte leste da Cocine nas imediações do lago Chuale e rio Manzimechope (que a êsse lago aflue) abraçavam a causa adversa, e uniam-se ao rebelde Matibejana (Zichacha) que se estabelecera próximo de Magul para leste do lago. — Era aí que o Gungunhana preparava resistência, contando com parte da Cocine, Matibejana, Magioli e gente do Lim-

(1) O régulo Chonguela Manavi era uma criança de 15 anos, — e só mais tarde entrámos em relação com êle.

popo para esperimentar as suas armas, enquanto no norte, no seu curral, ia discutindo connosco meigamente; mas como êste era também o nosso jôgo estávamos todos de acôrdo.

Parece-me estar mais ou menos explicada a situação política a que tínhamos chegado em meados de Agôsto.

Para terminar o esbôço da situação material bastar-me-ia dizer que em 1 de Agôsto, estando completa a ponte, tínhamos principiado na margem esquerda, em volta, e apoiada na casa de zinco, a construção do pôsto de Magude, obra de grande desenvolvimento e fôrça, e na qual se aproveitaram uns movimentos de terra em tempos anteriores ali feitos (1). Para não cortar o fio à exposição não darei aqui a descrição completa desta obra, mesmo porque para isso seria necessária a planta, que neste folheto não tem cabimento; direi apenas que tem a forma geral dum hexágono irregular, com salientes nos dois extremos da face de gola flanqueando os fossos perpendiculares a ela, e com a casa de zinco a meio e exterior à mesma face, flanqueando-a para um lado e outro; o flanqueamento é completado por uma pequena obra isolada, na frente, comunicando para o interior por meio duma ponte sôbre o fôsso; êste é largo de 3 ½ a 4 metros, e profundo de 2 ½ a 3; além disso defendido na berma por 3 ordens de fios de arame farpado; o parapeito é de terra e espesso, na altura do plano de fogo, de mais de 1 metro; — a face de gola tem o parapeito de zinco e terra, e a casa de zinco é rodeada por uma palissada. O desenvolvimento do parapeito exige uma guarnição de 200 homens, mas, quando fôsse necessario reduzi-la, a casa de zinco e a sua palissada serviriam de reduto, deixando o resto desocupado.

Enfim era uma razoável obra de fortificação, em que durante o mês de Agôsto tôda a fôrça disponível da guarnição trabalhou assìduamente todos os dias.

Em 22 de Agôsto foi abandonado o Pôsto X e passada tôda

---

(1) Segundo parece, por uma fôrça de artilharia 4 que ali esteve em 91.

a guarnição, gado, material, mantimentos, munições, etc., ao pôsto de Magude, deixando-se um blockaus, testa de ponte, guarnecido.

Nestas circunstâncias estávamos quando em 23 de Agôsto chegou a êste pôsto, e ao de Chinavane, ordem do Comissariado Régio para romper as hostilidades, e as respectivas instruções datadas de 19.

Romper as hostilidades era passar o Incoluana, e avançar na direcção de Magul, pois era aí a povoação do Matibejana e o centro da resistência. Ia portanto funcionar Chinavane e a sua ponte. Tomaram-se sem demora as providências necessárias para execução do mandado, expedindo ordens aos régulos auxiliares para reünirem a sua gente e concentrarem-se em Chinavane, mandando buscar uns 9 cavalos (1) que estavam na Manhiça, etc., etc. No dia 30 de Agôsto, à tarde, seguia para Chinavane, pela margem direita, o alferes Gaspar com um refôrço de 25 praças de caçadores de África, e no mesmo dia, pela margem esquerda, 9 cavaleiros.

Dou a palavra ao meu diário (diz respeito à cavalaria):

Sexta feira 30 de Agôsto. — Partida às 8 ¼ da noite. Tudo sossegado nas povoações. Às 4 da manhã alcançámos, entre muito caniço, a margem do rio; não se vê nada. Espero até aclarar (5 ½ da manhã); explora-se, e no meio dessa operação sente-se a corneta tocar a distância lá do lado da outra margem. Vamos marchando, sempre no meio de caniço, para o lado de onde viera o som e às 7 ½ da manhã alcançámos a testa da ponte, e em seguida o pôsto.

Gente do Mapanjanhana e Capulana reunida desde a véspera; durante o dia chegou a gente de Chibanza, Chissuco e Marracuene. Eram ao todo 2:000 negros aproximadamente.

Vem em seguida a narração das dificuldades e demoras que houve para fazer seguir connosco os auxiliares, dos quais não queríamos prescindir, não só por dispormos apenas de 10 cavalos

(1) Do pelotão que primeiro viera, apenas restavam 2; 27 tinham morrido com a horse-sickness.

para a exploração, mas também porque era conveniente aguerri-los e habituá-los a perder o enorme receio, que tinham, das fôrças do Gungunhana. Enfim, no dia 3 de Setembro, às 8 horas da manhã, chegou à margem direita do Incoluana a nossa pequena coluna — 120 homens de infantaria 2, artilheiros com uma metralhadora, 25 angolas e 10 cavaleiros — e além disso negros conduzindo às costas mantimentos, munições, 2 barcos da lancha-canhoneira *Lacerda* (1), etc., etc.

Tínhamos conseguido, enfim, fazer-nos acompanhar por mil e tantos auxiliares que passaram o Incoluana a nado mais a juzante, enquanto nós, lançando um cabo de margem a margem (uns 60m), e trabalhando com os barcos em vai-vem, fomos também passando a nossa gente, material, gado e munições.

Apenas tinham desembarcado na margem esquerda os primeiros dos nossos homens sentiu-se, para além das árvores que nos defrontavam a alguma distância, bastante fogo e pouco depois surgiram de entre elas muitos negros; eram os nossos auxiliares que tinham atacado umas povoações próximas e já tinham morto gente, e aprezado gado. — Disseram que seguiam já na direcção de Magul e assim fizeram. — Seis cavaleiros seguiram também. — Atravessado o pântano marginal do rio e o arvoredo pouco denso que se lhe segue, desembocámos na grande planície de Magul quási sem ondulações, coberta de capim, e onde apenas, aqui e além, se vê uma ou outra árvore. Por ela fora avançaram os auxiliares em linha de colunas (mangas) intervaladas de 50 a 100m. A vontade com que iam não era muita, mas, arrastados pelos cavaleiros, lá seguiram na sua rápida cadência. Em duas horas e meia fizemos uns 18 quilómetros e passámos para além da povoação de Magul, que deixámos à direita. Já avistávamos bem as árvores que cobrem a suave linha de alturas, fecho da planície. Por esta ocasião, e entre as mesmas árvores, começámos a avistar grupos numerosos de negros.

---

(1) Estava nessa época fundeada em Chinavane.

A nossa hoste demorou a cadência, e aí a uns 1000m do inimigo, estacou de todo, e não houve então gritos vigorosos de «famba caia Matibejana», nem gestos de entusiasmo, nem, enfim, galopada para a frente, que os arrancasse dali. Quando seguíamos nesta galopada o sargento Pita, de cavalaria, avistou 4 negros mais avançados e disse-mo. Fizemos alto e, ao acaso, gritei em voz forte «*Pasman*», por ser êsse o nome dum irmão do régulo da Cocine, meu conhecido, e que se passara para o partido dos dissidentes, auxiliando Matibejana. Lembrara-me de repente que êle poderia estar ali.

Foi feliz o acaso, pois efectivamente entre os 4, estava êle, que, ao chamamento, talvez por me ter reconhecido, veio avançando devagarinho até se chegar à fala (1). Intimei-lhe então ordem de entregar o Matibejana, sob pena de o atacar imediatamente, com as mangas que ali tinha, e os brancos que estavam na retaguarda delas. Ao que parece, êles não se tinham apercebido da hesitação e receio manifestado pelos nossos auxiliares, pois que Pasman me respondeu que Matibejana não estava presente, mas sim a sua gente e a do Majioli, e que, em todo o caso, não poderia fazer a entrega dêle sem conferenciar com os outros chefes, alguns dos quais não estavam naquele momento. Aproveitei tal resposta para lhe declarar que lhe concedia 3 dias para a consulta, mas que, se até à noite do 3.º dia Matibejana não tivesse sido pôsto nas nossas mãos, com o sol do 4.º dia saïríamos nós, e veríamos atacar todos que ousassem cobri-lo e defendê-lo. Dito isto, voltámos vagarosamente para junto das nossas mangas negras, que o mêdo pregara ao solo, e dei-lhes ordem de retroceder.

2 horas depois encontrávamos o pequeno quadrado dos brancos, e Freire de Andrade tomou conhecimento do que ocorrera. De novo passámos o Incoluana, e fizemos a marcha para o pôsto

(1) A conversa teve lugar por intermédio do intérprete Silva Maneta, bravo ex-soldado da polícia de Lourenço Marques, que inúmeros e muito importantes serviços prestou, durante tôda a campanha de Sul.

de Chinavane, onde nos fomos preparar para avançar em maior fôrça no fim dos 3 dias do prazo.

Em 4 de Setembro vim a Magude buscar reforço; encontrei aí os ânimos exaltados, pois que as povoações, que tinham sido atacadas por gente nossa junto ao Incoluana, eram de gente cossa, e cossas também os que haviam sido mortos.

Fui falar aos grandes que estavam em concílio, expliquei-lhes o que tinha havido, e disse-lhes que quem se pusesse entre nós e Matibejana seria, fôsse quem fôsse, considerado como inimigo.

Calaram-se mas à noite soubemos que tinham mandado portadores a reünir gente. Nunca viemos a ficar certos do fim a que era destinada essa gente, se foi simples precaução, ou se alguma dela foi da que nos atacou em Magul. Enfim, isto pouco faz ao caso. No dia 5 de Setembro segui para Chinavane com um reforço de 102 homens de infantaria 2, 17 artilheiros com 3 metralhadoras, e 3 carros de bois. A 6 chegámos ao nosso destino. Em Magude ficou nomeiada uma coluna de 70 brancos, 30 angolas, e 2 peças de montanha, com os tenentes Morais Sarmento e Leitão, para atacar as povoações do régulo da Cocine e as do secretário grande Shongue, no caso de constar em Magude, ou em Chinovane que tôda a Cocine ia feita com os nossos inimigos.

COMBATE DE MAGUL

Conforme tínhamos prometido, no dia 7, 4.º dia depois da fala com Pasman, saíu de Chinavane (1) uma coluna de 275 brancos, sendo 11 oficiais (2), 221 praças de infantaria 2, 8 de

(1) O pôsto ficou sob a protecção da lancha *Lacerda* a bordo da qual se recolheram os doentes de todo impossibilitados de marchar.

(2) De engenharia, capitão Freire de Andrade; de artilharia, capitão Couceiro, tenente Sanches de Miranda e Mota; de infantaria 2, capitão Almeida Pinto, tenente Krusse, alferes Quirino Pacheco, Lino Coelho e Aguiar; alferes Pais, em comissão, e Gaspar, de caçadores 3 de África.

cavalaria 1, 3 de cavalaria da polícia, 20 de artilharia de montanha, 10 de artilharia 4, 1 de engenharia e 1 da administração militar, com 33 angolas, 4 metralhadoras, 1 carro, 7 cavalos, 8 burros, e 4 bois. Além disso, 100 carregadores com 2 barcos, munições, víveres, ferramenta, medicamentos, etc., etc., etc. Conjuntamente marcharam também 28 praças doentes, destinadas a ficar no Incoluana a guardar a passagem. Desta vez não levávamos auxiliares porque, em vista da maneira como se tinham portado no dia 3, tinha-se-lhes, ao recolher ao pôsto, feito um discurso, em que, depois de os alcunhar de mulheres, lhes fôra dito que, na seguinte investida, iríamos só nós, para lhes mostrar como é que homens fazem a guerra; que dêles iriam só 100 para nos levar cargas, pois que para mais nada pareciam servir. Simplesmente fôra mandada ordem para se reünir a gente de Moamba e Matola com o fim de vir atacar pelo Sul as terras do Majioli (margem esquerda, montante de Manhiça) passando para êsse efeito o Incomati na Cherinda (a meio entre Marracuene e a Manhiça) e aproveitando o momento em que os nossos inimigos, tendo que se concentrar em Magul, deixassem desguarnecidas essas suas terras. Para êste efeito o tenente Monteiro, de engenharia, reüniu no ponto escolhido os pontões e mais material da ponte de Incanine, lançou uma ponte de 70 metros (o rio é ali muito estreito) e construíu um blockaus testa de ponte, que guarneceu com 20 praças brancas.

Como era de esperar, os moambas e matolas, que tinham que operar sózinhos, não se atreveram nem sequer mesmo a passar o rio. Em todo o caso, o lançamento da ponte e a concentração de gente junto a ela, sendo conhecido pelos nossos inimigos, é provável que tenha produzido o efeito de os obrigar a distrair alguma gente para defesa das terras, mulheres e gado, e a deminuir portanto o número dos que deviam atacar-nos em Magul.

No dia 7, pois, tendo passado o Incomati de madrugada, alcançámos pelas 8 horas da manhã a margem direita do Incoluana, onde, por meio de chapas de zinco e arame farpado, se

estabeleceu um pequeno pôsto circular em volta duma árvore-observatório, pôsto destinado a guardar a passagem do rio e que foi guarnecido pelas 28 praças doentes sob o comando do tenente Leote de engenharia e alferes Silva.

Depois lançou-se o cabo de margem a margem, e, pelas 9 horas, começou a passagem por meio dos 2 barcos (1); às 3 da tarde tudo estava do lado da margem esquerda. A cavalaria tinha explorado até à planície e nada de suspeito vira; as povoações da circunvizinhança estavam abandonadas. A coluna atravessou o pântano marginal do rio e foi acampar uns 3 quilómetros para diante, na orla do arvoredo — a partir do qual se estendia a grande planície de Magul. — Enquanto a cavalaria e os angolas estabeleciam serviço de segurança, o quadrado, fazendo alto, cobria-se com um parapeito de terra, abatizes cortadas das árvores próximas e cintura de arame farpado.

Feito isto, e aproximando-se a noite, recebeu-se o serviço de segurança exterior, e entrou de quarto a primeira fileira do quadrado até à meia noite, e a 2.ª da meia noite às 6 da manhã. Pelas 7 ½ do dia 8, tendo todos comido um ligeiro rancho, rompeu o quadrado a marcha, com os carregadores ao centro, metralhadoras aos cantos, angolas em flanqueadores, e cavalaria em exploração.

Diante de nós estende-se o grande plaino, coberto de capim, amarelado, onde aqui e além se destacam montículos de muchém, escalvados uns, cobertos outros de vegetação; à nossa esquerda a grande lagoa Chuale; sôbre a direita alguns charcos orlados de capim dum verde vivo. Caminhados os primeiros quartos de hora, começam a distinguir-se, pelo seu tom esbranquiçado, as casas de zinco de banianes que se elevam entre as palhotas de Magul, assentes lá ao longe, para a nossa direita, sôbre uma, apenas pronunciada, elevação do terreno; na nossa frente, mais longe ainda, avista-se a massa escura do arvoredo,

(1) Êste serviço era feito por marinheiros da *Lacerda*.

cobrindo a terra, que suavemente se eleva, fechando-nos o horizonte. O terreno presta-se, e o quadrado vem avançando ligeiro, precedido ao longe pelos seus 7 cavalos; chegados estes a uns 1:500 metros da orla do bosque, certificam-se bem de que grande massa inimiga os espera ali, a qual pelo seu aspecto não deixa duvidar de que está decidida à luta.

Assim se avisa para trás, e o quadrado, unido à sua cavalaria, faz alto, e, atendendo à grande massa cujo choque iam sofrer tropas pouco experimentadas na guerra, as faces encurtam-se, e passam a ter três fileiras, em vez de duas. São, pouco mais ou menos, 10 ½, e as tropas caminharam perto dumas 3 horas sem parar.

Um pouco para a nossa frente, onde a planície acaba, e o terreno começa suavemente a subir, corre um ribeirinho, apenas um fio de água, mas que encharca o solo adjacente, algumas dezenas de metros para um lado e outro, tornando-o lamacento e de piso incómodo e difícil.

É para além dêste charco que se elevam as primeiras árvores destacadas, entre as quais, e à nossa vista, as mangas inimigas se formam e manobram.

Depois, mesmo nos seus postos, ficam parados e *sentados;* parece que nos esperam; sôbre o pântano e em marcha os cavalos atolam-se, as rodas encravam-se, e o sítio é portanto bom para nos carregar. Freire de Andrade manda saír os 100 carregadores e 33 angolas, avançar até ao terreno molhado, dar descargas sucessivas e fugir, descobrindo a frente, quando virem movimento agressivo. Assim fazem, e as mangas inimigas, tendo recebido algumas descargas a pé firme, começam a mover-se, não marchando directamente sôbre nós, mas sim executando uma marcha de flanco, e descendo para a planície pela nossa esquerda, a uns 1.500 metros.

Foi nesta ocasião, quando as mangas sucessivamente, como regimentos em marcha de estrada, vinham saindo de entre as árvores para o terreno livre, que pudemos, bem à vontade, con-

tá-las. Eram 13, quer dizer, 6:000 homens, mesmo que as mangas não tivessem mais de 400 a 500 homens cada uma. Chegados ao plaino, vão fazendo frente à esquerda, dispondo-se dêste modo em largo arco de círculo; a face esquerda do nosso quadrado passa a ser a frente, objectivo mais directo do ataque.

Tomadas essas posições de novo se *sentam*. Talvez queiram cortar-nos o caminho do rio, e esperar a noite para nos atacarem com mais segurança. São 11 ½ e o sol é ardente (1) e a perspectiva de passar o resto do dia, e a noite, a pé firme, não é agradável.

Para aproveitar o tempo começam a cortar-se ramadas de duas grandes árvores isoladas, que estão próximo de nós, e a lançá-las enlaçadas com fio de arame farpado a uns 5 metros na nossa frente, circundando sucessivamente tôdas as faces.

No entretanto os cavalos avançavam um pouco, em observação. Parece que a nossa ideia de aproveitar o tempo faz pensar ao inimigo que, quanto mais depressa vierem, menos ramadas e menos arames terão a impedir-lhes o caminho.

Resolvem-se portanto. Os nossos cavaleiros recolhem, prendendo os cavalos a uma das árvores.

O quadrado tendo apenas 17 homens de frente, em cada face, tem o espaço interior completamente ocupado pela reserva, — pelos burros das metralhadoras, — por impedimenta vária, — e finalmente pelos carregadores, deitados e bem rasos com o solo.

Os cunhetes estão abertos e praças a postos para fornecer cartuchos. Em tôrno tudo pronto a fazer fogo, primeira fileira, ajoelhada, angolas deitados por fora, e o resto em pé e firme.

Lá do lado do inimigo destacam-se primeiro homens isolados, que avançam, abrigando-se com os montículos de muchém, e aí pela 1 ½ da tarde pronuncia-se decisivamente o ataque.

Esperamos que se cheguem a algumas centenas de metros, e

---

(1) Nêsse dia, 8 de Setembro, o calor foi excepcionalmente forte.

então rompe o fogo pela metralhadora de Sanches de Miranda, seguida imediatamente pela infantaria e mais 2 metralhadoras.

Bem depressa tudo é fumo, caem homens nossos, e não se vê nada para a frente. A corneta toca a cessar fogo. Tudo pára, o ar aclara um pouco, e, entre capim e fumaceira, descobrem-se vultos já mais perto. *Fogo, outra vez, vivo, pontarias baixas.* Cai mais gente nossa, e a reserva chega-se à face da frente cujas fileiras têm já falhas. Duas metralhadoras deixam de funcionar, uma encravada acidentalmente, a outra por uma bala na cartucheira inferior, mas a de Miranda continua a estalar com viveza e segurança.

Por segunda vez toca a cessar fogo. Vê-se gente já a menos de 100 metros, e de novo rompe o fogo com a fúria tôda.

Entre os atacantes, vinha na frente de todos, conduzindo-os valentemente à carga, um afamado chefe de guerra, — Pope se chamava êle — que, ao que parece, caíu quando o nosso fogo rompeu pela terceira vez. Foi êsse facto, segundo supomos, o motivo determinante do retrocesso do inimigo, já nessas alturas abalado e bem disimado por meia hora de fogo intensíssimo.

O cadáver dêsse chefe de guerra ficou caído a uns 50 metros de nós.

O fumo não deixou distinguir imediatamente o movimento retrógado do inimigo, e durante momentos a face da frente supôs, e esperou, ir ser carregada em massa.

Não chegou a sê-lo, porque os terríveis efeitos do fogo tinham conseguido deter o ataque, e o inimigo já seguia ràpidamente para entre as árvores, donde saíra, quando nós nos apercebemos da sua retirada.

E êsses momentos, em que o fumo encobria o que se passava, aproveitara-os êle para se pôr fora de alcance, de modo que, quando os nossos auxiliares, de zagaia em punho, saíram em perseguição, apenas alcançaram alguns feridos, entre êles, o filho de Majioli. — Eram 2 horas e 20' da tarde e o combate estava terminado. — Tínhamos estendidos, mortos no chão, 1 sargento

e quatro soldados de infantaria 2, e além disso 26 feridos de artilharia, cavalaria e infantaria. — Os auxiliares tinham-se de tal maneira cozido com o chão que apenas fôra ferido um. — Cavalos dois mortos. — Em compensação em tôrno de nós, à distância mínima de 50m, jaziam estendidos quantidade grande de cadáveres negros.

Deixámo-los ao cuidado dos seus e fomos tratar dos nossos.

Três mortos e três feridos foram colocados no carro (1); os outros dois mortos, e os feridos que não podiam marchar, foram deitados em macas, improvisadas com mantas amarradas a páus.

O doutor Leal cirurgião-mor de infantaria n.º 2, que unira à coluna nêsse mesmo dia, fez os primeiros pensos aos ferimentos que mais urgentemente o necessitavam.

O quadrado pôs-se em marcha devagar; — os soldados estavam excessivamente sequiosos, pois o calor continuava intenso, e, de mais, muito fatigados e fracos, porque a noite anterior fôra quási de vigília, e de manhã só haviam comido uns poucos de feijões. — Dirigiamo-nos para o ponto onde acampáramos na véspera, quando, por uma nota remetida do pôsto de Magude pelo major Gomes Pereira, constou que mangas de gente do Gungunhana passariam nessa noite o Incomati, e viriam atacar a gente do Intimane, nossa protegida e auxiliar. — Prosseguimos por isso a marcha, alcançando o pôsto de Chinavane pela 1 ½ da madrugada de 9. O tal ataque, que a gente do Intimane tanto temia, não se realizou ainda desta vez; contudo algum fundamento, ou pressentimento, tinham êles, pois mais tarde veio a ter lugar (21 de Outubro).

No dia 9 a lancha *Magaia*, do comando do tenente Parreira, saíu para Lourenço Marques (2) com os feridos, alguns doentes,

---

(1) De Magude tinham vindo os três carros que lá estavam, mas puxados a uma só junta, portanto funcionando mal; daqui resultou, tendo ainda adoecido 2 dêsses bois, termos que marchar com um só carro a 4.

(2) A viagem de Chinavane a Lourenço Marques, pelo rio, levava em geral 2 a 3 dias.

A maior parte dêste tempo era gasto no trajecto entre Chinavane e a Ma-

e a notícia. Nêsse mesmo dia se fez o entêrro dos mortos no combate.

No dia 11 saíu para Magude, a coluna de refôrço que daí viera. Durante a marcha, e ao passar pelas povoações, saíam-lhe ao encontro homens, mulheres e crianças, fazendo exclamações e dando gritos de entusiasmo. É que fôra dado mais um grande passo e o Gungunhana sofrera o primeiro choque directo. Lá no seu curral de Manjacaze dizia êle ainda para Chicomo, — como disse até ao fim,— que não queria guerra com os portugueses.

Mas,— enquanto para o norte fazia esta afirmação,— sabia bem para o Sul enviar os seus delegados, espalhá-los na Moamba, pelas margens do Sabi, por todo o país da Cocine, a animar e a incitar o espírito de resistência e de revolta, — sabia bem fornecer armas e pólvora ao Matibejana e ao Magioli,— sabia bem dar ordens à sua gente do Limpopo para secundar o ataque que repelimos em Magul.

Mas não enganava ninguém, e nós e os indígenas tínhamos bem a consciência de que o vencido de Magul era êle. Daí provinha o entusiasmo e o calor daqueles que até então ainda duvidavam da eficácia da nossa protecção, e da fôrça do nosso braço.

Bem depressa mais provas nos vieram dêste novo modo de sentir;— no dia 20 de Setembro o régulo da Cocine, Chonguela Manavi, acompanhado de 9 régulos seus dependentes, vindos de vários pontos afastados, compareceu no pôsto de Magude, onde prestou vassalagem, conjuntamente com êles; e os régulos Chiburre, Macanhana e Chicanana, com terras limítrofes da Cocine na direcção do Limpopo mandaram portadores a Chonguela para que êste lhes servisse de intermediário junto de nós.

---

nhiça em conseqüência das dificuldades que nessa zona o rio opõe à navegação. Da Manhiça a Lourenço Marques a viagem é de 8 a 9 horas, para quem esteja conhecedor do rio, e saiba evitar-lhe os baixos.

Dias depois chegaram também portadores da margem do Limpopo participando que dois régulos daí se queriam acolher à nossa protecção.

Começavam a dar de si os alicerces do poderio do Gungunhana.

Mas, enraïzado e forte como era, não cedia, de repente. — Nêsse mesmo dia 20 de Setembro, em que uma grande parte da Cocine se entregava a nós, recebia-se no pôsto de Magude aviso de que o inimigo se aproximava da foz do Sabi (70 quilómetros a sudoeste) a-fim-de, no vau do Incomáti aí existente, cruzar êste rio e investir o Intimane, fazendo esta operação de mãos dadas com Magunduana, régulo da Moamba, cujas terras marginam o Incomati nêsse sítio. Estava portanto ameaçada a nossa *linha de comunicações terrestre*, e o que dava alguns visos de verdade ao caso era a circunstância de haver já muitos dias que nos não chegavam carros vindos de Pesene, estando mesmo nós já um pouco falhos de mantimentos. Recebido êste aviso em 20 à tarde, em 21 às 6 da manhã partiu do pôsto de Magude em direcção à foz do Sabi uma coluna de 75 homens (1) com 3 carros de mantimentos, munições, etc. — Em 22 às 7 da tarde chegámos sem novidade ao destino, tendo feito 30 quilómetros nêsse dia, em grande parte sôbre terreno arenoso, e 40 na véspera, dos quais 20 também sôbre areia. Dirigimo-nos a uma palhota grande, onde anteriormente tinham estado alojados o residente e alguns angolas de sua escolta, e encontrámos tudo intacto.

Aí nos estabelecemos, pois o ponto era dominante sôbre a planície circunvizinha, e, a uns 2 quilómetros, avistava-se uma porção do curso do Incomati e a sua confluência com o Sabi.

No dia 23 chegaram 14 praças brancas e alguns angolas que na véspera tinham ficado para trás por não poderem mais.

---

(1) 42 de infantaria 2 (alferes Quirino Pacheco), 25 angolas (alferes Gaspar), 3 de cavalaria (sargento Pita).

Nêsse dia e em 24 fez-se, em tôrno da grande palhota, uma forte palissada, e exteriormente uma cintura de arame farpado, ficando assim um pôsto sòlidamente estabelecido, cujo comando foi entregue ao alferes Quirino Pacheco.

Também logo no mesmo dia 23 foi mandada ordem a Magunduane, régulo da Moamba, à Anhana e a dois régulos da margem esquerda para comparecerem no pôsto, e lhes ser comunicado que se houvesse alguma novidade os primeiros a sofrer seriam êles.

Durante a marcha tínhamos tomado informações e sabido que, até àquela data, não houvera investimento, correndo apenas boatos a êsse respeito, e constando que o régulo Magunduana tinha na sua povoação 3 enviados do Gungunhana, o que era facto. Tínhamos, pois, chegado a tempo.

No entretanto, em Chinavane estavam-se preparando as coisas para nova investida. Para êsse efeito. parte da guarnição destacou com Freire de Andrade para junto da margem direita do Incoluana, reforçando o pequeno pôsto que fôra feito no dia 7 de Setembro, e ocupando-o.

Em seguida, escolhendo um sítio mais estreito do rio, algumas dezenas de metros a juzante do pôsto, procedeu-se ao lançamento duma ponte de cavaletes, de 30^{m} de extensão. E, passando depois à margem esquerda, fez-se uma passagem duns 3^{m} de largura sôbre o terreno pantanoso que orla o rio por êsse lado. Estes dois trabalhos poupar-nos-iam muitíssimo trabalho e tempo, e permitiriam que em boas condições se fizesse a marcha para a povoação do Matibejana.

Logo no fim de Setembro foi dada aos auxiliares ordem de concentração em Chinavane, pois que os régulos, depois do combate de 8, tinham vindo declarar que queriam sempre daí por diante marchar connosco.

De Magude, da Manhiça e de Lourenço Marques seguiram, também para Chinavane, colunas de reforço.

Por informadores da Cocine constava-nos estar reunido junto

ao rio Manzimechope (afluente do lago Chuale) grande massa de negros (Matibejana, Magioli e gente do Gungunhana) disposta a fazer, desta vez, uma experiência de ataque nocturno. Os informadores não diziam quanta gente era, mas só que era mais que a que atacara em Magul.

Por isto nos preveníamos.

Pronto tudo, marchámos, e, tendo passado pela 3.ª vez o Incolana, fomos acampar na tarde de 14 de Outubro próximo do sítio onde se dera o combate de Magul.

A coluna desta vez era bastante mais forte: tinha 400 brancos e 2:000 auxiliares. Cubrimo-nos com um parapeito e arame farpado, mas passou-se a noite sem novidade. Igualmente sem novidade se prosseguiu no dia seguinte a marcha, e foram queimadas a povoação de Matibejana, e as daqueles que o cercavam. Foi trabalho executado pelos auxiliares, que nisso são mestres.

Não houve quási resistência, e apenas em conflitos parciais nos foram mortos 7 auxiliares. A coluna voltou para o pôsto de Chinavane.

Os povos do Intimane, quer pelas suas informações, quer por pressentimentos, quer por uma e outra cousa, continuavam a afirmar que o inimigo passaria o Incomati e os atacaria. Ora, na verdade, para os indígenas, um ataque, quando o não esperam e estão espalhados pelas povoações, é cousa terrível, pois, não tendo pontos de concentração nem de apoio onde se dirijam e acolham, o que acontece é fugirem, cada um para onde o acaso o leva, e serem massacrados isoladamente sem poderem fazer resistência séria.

Para parar um pouco a êste mal, foi resolvido que êles próprios iriam construir para si grandes aringas em três pontos centrais em relação a determinadas zonas, aringas para onde respectivamente fugiriam os habitantes dessas zonas, em caso de ataque repentino. Os pontos escolhidos foram: *a) Taninga*, para a gente dos régulos Mapanjanhana e Capulana; *b)* Macha-

cuana, para a dos régulos Chibanza e Banguini *c)* junto ao Pôsto X, para as dos régulos Chissuco, Mafabaz e Mancunene. Para que estas obras se fizessem bem e ràpidamente, marchou Freire de Andrade para Taninga, levando consigo a fôrça da polícia de Lourenço Marques (50 homens), e para Machacuane o Tenente Monteiro de engenharia com o alferes Pais, 15 praças brancas, e 25 angolas.

Em Machacuane começaram os trabalhos no dia 17 de Outubro.

O sítio que fôra escolhido era mesmo junto ao Incomati, sôbre cujas águas tinha uma ligeira dominação, e, por um acaso feliz, muito encoberto com arvoredo.

Logo, a pouca distância para jusante, existia no rio um vau chamado do Gungunhana, por ser um dos pontos favoritos de passagem das hordas invasoras que êle de tempos a tempos mandava fazer pilhagem no Intimane.

Na manhã de 21 de Outubro andavam cortando madeira os angolas e alguns indígenas, acompanhados por praças brancas (1); no local destinado para aringa estavam apenas o tenente Monteiro, alferes Pais, o corneta e algumas praças. De repente são avisados por gente que recolhe correndo, de que grande massa de inimigos está na margem esquerda do rio e passando-o no vau, mesmo a jusante.

O tenente Monteiro manda imediatamente tocar a unir; tudo recolhe rápido, cercam-se prontamente com algumas chapas de zinco e troncos, que, cortados, estavam caídos pelo chão, e, de ôlho à mira, e trabalhando sempre para melhorar a sua situação defensiva, esperam. Eram mangas do Gungunhana na realidade, e o tal ataque, há tanto tempo esperado e adivinhado pelos intimanes, ia realizar-se.

---

(1) Era estabelecido que para o trabalho ia sempre, com cada grupo de negros, um soldado branco para dar as ordens e obrigá-los ao serviço.

O toque de corneta, completamente inesperado para o inimigo — pois que havia apenas 4 dias que ali tínhamos gente, e êles ignoravam-no — causara uma certa hesitação no momento da passagem do rio, pois de certo não sabiam que os brancos eram tão poucos, mas essa hesitação pouco durou, conquanto nos constasse depois que, sendo as mangas 7, só 5 tinham prosseguido. Mas essas 5 avançaram pelo país dentro, — como bestas féras, — e homens, mulheres e crianças, que desprovidos apanhavam nas povoações, tudo massacraram sem dó nem piedade.

Eram 10 horas da manhã quando à clareira da margem direita, em frente do pôsto de Magude, começaram a chegar fugitivos que vinham acolher-se à nossa protecção.

É preciso confessar que nos assustámos porque imaginámos que Monteiro, Pais e a sua pouca gente teriam sido as primeiras vítimas. A cavalaria (11 cavalos) aparelhou e montou num momento, e com cento e tantos auxiliares da Cocine — os primeiros que ali se apanharam — passámos a ponte e marchámos direitos a Machacuane.

Durante o caminho o espectáculo era triste e repugnante: nas povoações, junto às palhotas, e nas lavras, entre os pés de milho, jaziam corpos acabados de azagaiar, e não eram só corpos de homens, mas também de mulheres e de crianças pequenas.

Enfim chegámos a Machacuane e aí felizmente estava tudo vivo, concentrado e a postos.

Sossegados por êste lado, saímos em busca de gente adversa, e logo a pouca distância de Machacuane nos encontrámos com um resto dêles que já se dirigiam em retirada para o rio, a passar o vau.

A minha gente matou-lhes 9 homens.

Parecendo-nos estar o terreno limpo, seguimos para o pôsto de Chinavane, onde chegámos às 8 da noite e soubemos o que acontecera por êsse lado. Aí tinham tido conhecimento da invasão um pouco mais cêdo (pelas 8 ½ da manhã), e imediata-

mente Freire de Andrade saíra com a guarnição tôda, e perto de 500 auxiliares da Moamba, que acidentalmente ali se achavam.

Ora o terreno adjunto ao pôsto de Chinavane é, numa grandíssima extensão, chato, sem arvoredo e apenas coberto de caniço e capim; daqui resulta que lá muito longe, perto das alturas de Machacuane, por exemplo, subindo a árvores se avista qualquer movimento ali feito. As mangas inimigas, depois de terem passado o rio, mandaram vigias para as árvores — conforme é seu costume — e portanto tiveram imediato conhecimento de que a guarnição branca marchava contra êles.

Em conseqüência disso fizeram ràpidamente a sua razia, e bateram em retirada, mas esta não foi tão rápida que não fôssem colhidos, na ocasião da passagem do rio, e ali deixassem algumas dezenas de mortos, e todo o gado e mulheres que levavam roubados.

Tinham morto gente nossa protegida, mas tinham ficado sabendo que nós estávamos vigilantes e que a nossa protecção servia de alguma cousa. De mais foi-lhes paga a visita, pois que, dada imediata ordem de concentração aos nossos negros, passaram êles, em número de 3:000, o Incomati na ponte de Chinavane, em 26 de Outubro e, ladeando o lago Chuale, e cruzando depois o pequeno rio Manzimechope, fizeram sem resistência razia até pouca distância da margem do Limpopo.

Podíamos portanto dizer-nos «*senhores do país entre o Incomati e o Limpopo*», tanto mais que já nesta ocasião tinham, no 2.º dêsses rios, operado as lanchas que assim desempenhavam, como passo a descrever, as funções que o plano determinava à 3.ª das colunas, — ou *coluna do Limpopo:*

OPERAÇÕES DA ESQUADRILHA NO LIMPOPO

Em 27 de Junho recebeu o vapor *Neves Ferreira* (comandante Diogo de Sá), ordem para ir a êsse rio ver até que altura podia

subir, e fez a sua primeira viagem passando a barra, que é a parte perigosa, sem novidade. A esta seguiram-se mais, comboiando numa delas a lancha canhoneira *Capelo* (comandante Andréa), cujo armamento se completou já dentro do rio, fazendo a experiência a 14 de Setembro. Foi com estes dois barcos de guerra que se fez o serviço, auxiliados nas questões de abastecimento pelo pequeno vapor *Foz*, contratado, e depois também pelo *Carnarvoron*, que vinham a Lourenço Marques. Das experiências de navigabilidade concluíu-se que o *Neves Ferreira* podia subir até Languene (1) (onde depois se estabeleceu um pôsto), umas 50 milhas a montante da barra, e a *Capelo* até umas 20 milhas mais acima (2), não alcançando contudo a foz do Chengane. Rotas as hostilidades, e tendo-se ferido o combate de Magul, foi ordenado a êsses dois barcos que intimassem os povos marginais a entregar-se ao nosso domínio e a colhêr às mãos Matibejana e Mahazul, sob pena de bombardeamento e desembarques, não obedecendo dentro dum determinado prazo.

Em 4 de Outubro, recebida a ordem do Comissariado Régio, começaram os barcos subindo o rio, e fazendo intimações aos régulos, sucessivamente. Em 15 expirou o prazo concedido. Em 16 romperam as hostilidades, o *Neves Ferreira* em Languene, e a *Capelo* no extremo limite da navegação, 70 milhas a montante da barra.

Rompiam com fogo de artilharia sôbre as povoações marginais, e depois as guarnições saltavam em terra, queimando-as.

Em 17 à tarde fundearam os dois barcos no Chai-Chai (35 milhas da barra) tendo executado grande número de desembarques sem resistências de importância, pois que os negros eram colhidos ràpidamente e não tinham tempo de se concentrar.

Em 18 continuou o serviço, fazendo-se alguns prisioneiros. Finalmente em 22 as gentes do Chai-Chai (margem esquerda)

---

(1) Lat.e 24º 50' S.
(2) Lat.e 24º 41' S.

chegaram-se à fala, dizendo nada mais quererem com o Gungunhana. Em 23 o comandante da *Neves Ferreira* teve em terra conferência com os indunas, avisando-os de que não mandassem gente de guerra ao seu suserano, e de que dessem parte de tudo quanto soubessem relativo aos seus movimentos e intenções. Em 24, seguindo para montante, encontraram-se as povoações marginais já também nessas mesmas disposições.

Em 28 de Outubro estando de novo os barcos no Chai-Chai, aparece aí gente do Gungunhana convocando a gente de guerra. Falam para bordo insolentemente e desafiando. Há fogo e êles retiram para o interior.

Vai entrar em funções a coluna do norte. A ordem de avanço, enviada pelo Comissário Régio, já está em Chicomo, e o coronel Galhardo só esperava o momento oportuno.

O plano diz: *A coluna do Chicomo será especialmente incumbida de aproveitar o favor das circunstâncias.*

O menos brilhante, mas indispensável, trabalho de sapa incumbido à coluna do sul está cabalmente executado, e do sul do Limpopo, Gungunhana não pode já esperar auxílio nenhum, nem tão pouco de algumas das regiões do norte. De mais a mesma coluna do sul *tivera a sorte de ser atacada e repelir bem o ataque,* portanto o feitiço do grande chefe está partido, e há esperanças da vitória final.

É o momento previsto e marcado no plano, portanto o coronel vai marchar com a sua gente sôbre o Manjacaze.

Para completar a minha narração sucinta, e mesmo talvez dificiente por falta de elementos, só me resta dizer para fecho dos trabalhos da coluna do sul que em 28 de Novembro saíu de Lourenço Marques, levada pelo *Neves Ferreira,* uma fôrça de 65 praças (infantaria 2 e artilharia) sob o comando de Freire de Andrade, a qual foi estabelecer na margem direita do Limpopo e

a 50 milhas da barra, o *pôsto de Languene,* que ficou ocupado debaixo do comando do tenente Sanches de Miranda.

Foi essa guarnição que posteriormente, em Janeiro, aprisionou o Gungunhana debaixo do comando do governador de Gaza, Mousinho de Albuquerque.

Passo, pois, a pena ao meu camarada do norte, capitão Costa.

HENRIQUE DE PAIVA COUCEIRO.

CHICOMO E COOLELA

I

ACONTECIMENTOS PRELIMINARES

A 18 de Março embarcaram em Lourenço Marques, na *Rainha de Portugal,* com destino a Inhambane, a 1.ª companhia do 2.º batalhão de caçadores 2, na fôrça de 130 praças, o cirurgião-ajudante do mesmo batalhão, França, o chefe do estado maior do comissariado régio capitão Costa e o alferes de cavalaria, em comissão na província, Raul Costa. Só a 24 desembarcaram em Inhambane.

A companhia de caçadores saía de Lourenço Marques não só para dar lugar na Ponte Vermelha à 2.ª companhia do mesmo batalhão — então no quartel da polícia do Mahé e sofrendo muito naquele terrível edifício — como para guarnecer o distrito de Inhambane com alguma tropa branca, dando assim fôrça moral às autoridades distritais, sempre em cheque com as contínuas exigências e ameaças do Gungunhana.

Ia o chefe de estado maior encarregado de fazer o estudo prévio a que se refere a última parte do *plano de operações* do Sr. Comissário Régio, já aqui transcrito, estudo que era regulado por *instruções* muito precisas que lhe foram entregues na véspera da sua partida de Lourenço Marques.

Estas instruções, pela sua natureza oficial, não podem ser

publicadas *in extenso*, mas sem quebra de segredo profissional é possível exarar aqui a sua súmula, do modo seguinte:

«Reconhecimento dos caminhos da Maxixe (margem fronteira a Inhambane) ao Chicomo, por Cumbana e Inharrime e escolha do melhor meio para o transporte da fôrça que iria ocupar o Chicomo;

Maneira de aproveitar os rios Mutamba e Inharrime, como linhas de comunicações;

Estudo dos meios a empregar para fortificar os comandos militares do Inharrime e Chicomo;

Preparação de um acampamento, perto da vila, para 1:200 a 1:500 praças;

Estudar o meio de levar duas lanchas-canhoneiras desarmadas até ao Inharrime;

Indagar dos meios existentes em Inhambane para desembarque e descarga no pôrto e para transporte das bagagens, víveres e munições da coluna de ocupação do Chicomo;

Estudar o caminho desde o Chicomo até ao *curral* do Gungunhana, se o pudesse fazer sem despertar as hostilidades do régulo, para o que se deveria combinar, sôbre o assunto, com o residente político em Gaza.

A 30 de Março, o chefe do Estado Maior, acompanhado do tenente graduado Alves, comandante militar de Inharrime, e do alferes Raúl Costa, partia para o seu destino, estando de regresso a Inhambane a 3 de Maio, tendo no cumprimento da sua missão feito e ordenado o seguinte:

Reconhecidos os caminhos indicados ao seu exame e escolhido o mais directo entre Cumbana e Chicomo para linha de marcha da coluna;

Determinado a forma e assentamento do acampamento que, por ordem do sr Comissário Régio, se ia levantar em Cumbana (1); escolhido e determinado os pontos de etapa na estrada Cumbana-Chi-

(1) Tinha-se primeiro pensado em fazer o acampamento na Maxixe, mas as autoridades distritais declaravam não haver ali água potável em suficiente quantidade. O capitão Costa não pôde antes de seguir para o sul, ractificar êste juízo, que, de resto, partia da autoridade superior do distrito.

como, obedecendo a escolha dêstes pontos à condição indispensável de haver água próximo e de pussuirem, todos, campo de tiro suficiente para garantirem a segurança da tropa que aí acampasse. Ordenado ainda a construção, nestes pontos, de barracões de mato para abrigos de géneros e doentes, desbaste do campo exterior, e a abertura de poços para água, etc.

Ordenado o acabamento e abertura, rápidos, dos caminhos Cumbana-Chicomo, e Inharrime-Chicomo, determinando uma faixa de estrada de 4 a 6m.

Determinado o aproveitamento do rio Mutamba da Chacazana, a 14 ou 16 quil. de Cumbana, requisitando ainda a abertura dum ramal de estrada para êste ponto, assim como a construção duma pequena ponte cais, de circunstância, na mesma localidade.

Ordenado a fortificação de Inharrime, fazendo mudar para uma colina, de largo campo de tiro e domínio sôbre o único vão existente no rio, o antigo comando, enterrado quási junto ao leito dêste e afogado em mato.

Ordenado a preparação do futuro acampamento do Chicomo, pelo desbaste do mato, abertura de poços e escolhendo êste local em sítio diferente do antigo comando, a-fim de possuir domínio sôbre as passagens do Chicomo, vasto campo de tiro, terreno arenoso e sêco.

Reconhecido o terreno entre Chicomo e Manjacaze e daqui até à foz do Chengane, informando-se dos recursos em água, tomando nota das dificuldades que o terreno oferecia à marcha duma coluna de tropas.

Antes, porém, de terminados estes trabalhos e, até mesmo, logo depois de chegar a Inhambane tinha o mesmo oficial comunicado que o pôrto não possuía meios alguns de desembarque e descarga, salvo algumas lanchas de mouros que as autoridades distritais computavam em 30 a 40 (1). Que a construção duma ponte, bem necessária para facilitar o desembarque de tanto material, tinha sido classificada pelo chefe de secção de obras públicas como um trabalho demandando muito tempo e material vindo da Europa e não podia ser construída para a ocasião (2). Nesta mesma data eram pedidos alguns grandes ba-

(1) A experiência provou que, por falta de tripulações, não era possível empregar mais de 15.

(2) Julgamos que a secção de pontoneiros, enviada com alguma antecedência poderia ter construída uma ponte de cavaletes que prestasse um serviço provisório, mas importante.

telões de descarga, dois rebocadores, *no mínimo*. Que a respeito de meios de transporte o distrito só dispunha de carregadores.

No decorrer da sua missão, no interior, o mesmo oficial compenetrado dos deveres inherentes ao cargo, de que tinha o nome, solicitava ainda o seguinte: que a coluna se fizesse acompanhar de crescido número de médicos e de grandes quantidades de medicamentos, a-fim-de se organizarem hospitais militares fixos, postos sanitários de etapes e ambulâncias das colunas;

Muares para o *trem de combate*, atendendo a que as dificuldades do terreno não permitiriam que os carros de bois acompanhassem as colunas, sem embaraçarem, dum modo grave, os seus movimentos.

Lembrando as vantagens que, em África, se atribuiam às carretas, *boers*, transportando 2 a 3 toneladas de carga, pedia, como *mínimo*, para a organização dos combóios, 15 carretas e 15 carros pequenos (carregando todos 30 a 40 toneladas).

Para estes carros eram pedidos os bois correspondentes; contando-se, contudo, com os carregadores para o abastecimento dos postos, em território amigo.

Fazia notar a conveniência das tropas trazerem bombas, filtros ou poços tubulares, etc., atendendo à má qualidade das águas e ao seu modo de captação;

Por último lembrava ainda a necessidade de se estabelecer um serviço de *espionagem* ou *informações* e de se preparar a organização dos *auxiliares* do distrito, para os quais era necessário angariar, desde já, mantimentos, porque as razias dos gafanhotos tinham destruído as sementeiras do país.

De volta a Inhambane e quando o capitão Costa se propunha seguir para Lourenço Marques, a-fim-de colaborar, na sua qualidade de chefe de estado maior, na organização das colunas e plano de operações, recebeu, por intermédio do novo governador do distrito major Jaime Ferreira, comunicação verbal que fôra nomeado chefe de estado maior da brigada de operações organizada com tôdas as fôrças militares existentes nos dois distritos ao Sul do Save: ao mesmo tempo o sr. coronel Galhardo, comandante da brigada, ordenava-lhe que esperasse ali a sua ida, que se supunha ser breve.

Demorado por várias causas, o sr. coronel só desembarcou em

Inhambane a 3 de Junho, acompanhado do batalhão de caçadores 3, começando então a organizar-se a coluna dêste distrito.

Há assim um intervalo de tempo, morto para narrativa dos acontecimentos, que aproveitaremos para indicar os trabalhos de gabinete que o chefe de estado maior, aproveitando a sua fôrçada inacção, encetou e concluíu, com destino à coluna, depois de ter dado conta, em relatório (1), da maneira como compreendera e executara a missão imposta pelas instruções de Março.

Assim, pedindo a devida vénia, começou por solicitar a atenção e providências do ilustre coronel não só para as notas já enviadas ao Sr. Comissário Régio, como para os seguintes assuntos:

Conveniência de adquirir boas lanternas de furta-fôgo, com destino às rondas nocturnas, visto que o material de bivaque nada apresenta de capaz a êste respeito;

Conveniência de trazer fachos de sinais, composições iluminantes e outros artifícios, como explosivos;

Necessidade de trazer grande quantidade de arame farpado;

Necessidade de haver ferramentas *próprias* para abater árvores, abrir mato, etc.;

Necessidade de se adquirirem fornos metálicos e de se organizar uma secção de padaria;

Dizia também, segundo as informações das autoridades do distrito, que havia pouco gado vacum para abater, sendo portanto conve-

(1) Neste relatório dizia-se, além do que fôra ordenado, que o rio Inharrime, pela natureza especial da sua barra, — inacessível — não podia prestar os serviços consideráveis de que, em geral, as vias fluviais são susceptíveis como linhas de comunicação. Dizia-se que o transporte de peças necessàriamente pesadíssimas, como caldeiras, etc., seria, senão impossível, pelo menos tão difícil que punha em precária possibilidade de envio, através 75 quilómetros de terra firme, as lanchas canhoneiras desarmadas, idas de Inhambane. Indicava-se que parecia não valer a pena arriscar, em tantos trabalhos, o custo caro dêsses barcos, melhor empregados no Limpopo ou Incomati, e finalmente aventava-se a ideia de levar até Inharrime apenas duas pequenas lanchas a vapor, destinadas ao reboque de algumas outras, que serviriam de pequenos combóios de abastecimento ou de *trens sanitários*, organizando-se uma enfermaria no comando do Inharrime. Felizmente estas ideias estavam de acôrdo com as do Sr. Comissário Régio, não sendo enviada, porém, para Inharrime senão uma lancha a vapor, por não haver mais.

niente contratar fornecimentos desta espécie em Lourenço Marques ou Natal, opinando que seria prudente contar desde o princípio com uma reserva de 300 cabeças.

Parecendo-lhe conveniente que os chefes tivessem uma ideia geral do terreno a percorrer extraíu, dos seus apontamentos de viagem, uns *itinerários expeditos*, fazendo-os acompanhar de uns ligeiros *croquis*, dando as mudanças de direcção e outras indicações.

Não havendo, em Portugal, regulamentos especiais para o serviço de campanha em África e não sendo aplicáveis os da metrópole, o capitão Costa entendeu que era conveniente formular umas curtas *instruções provisórias*, baseadas nos preceitos seguidos pelas tropas inglêsas e francesas — sobretudo estas últimas — nas modernas campanhas coloniais. Estas instruções não podem ser aqui copiadas, mas a sua índole ficará bem patente transcrevendo algumas linhas das considerações que as procediam, tratando do *princípio fundamental* da tática de tropas europeias em África:

«Estas tropas, quer em marcha, quer em estacionamento, devem estar sempre prontas a receber o inimigo, qualquer que seja a direcção em que êle se apresente. Sendo impossível fazer uma *exploração* sistemática a distância (1), e sendo muito fácil ao inimigo aproximar-se até muito curta distância, e em grande número, segue-se que os dispositivos a adoptar tanto em marcha, como em estação, devem ser tais que dêles derive imediatamente, e sem movimentos prévios, as apropriadas formações de combate, que são necessàriamente aquelas que apresentam frentes de fôgo intenso em tôdas as direcções, isto é, os dispositivos *unidos* e *fechados*.»

Dignou-se o sr. coronel Galhardo aprovar estes dois trabalhos, que foram mandados copiar (2) e entregando-se essas cópias

(1) Mato espesso, ausência completa de comunicações, etc.

(2) A-pesar dos desejos do sr. coronel em fazer imprimir estes dois trabalhos, não foi possível fazê-lo por não haver em Lourenço Marques recursos suficientes para isso.

às diferentes unidades da coluna; mandou-se mesmo, mais tarde, observar as instruções, como *preceitos regulamentares* durante a campanha.

Solicitado pelo capitão Costa, o governador do distrito ordenou ao comandante militar do Inharrime que, aproveitando-se das relações entre a gente da sua circunscrição e a do Gungunhana, procurasse alcançar o maior número possível de informações sôbre os actos e ordens do régulo.

Durante êste tempo tinham chegado a Inhambane algumas das coisas anteriormente pedidas pelo chefe do estado maior a saber:

2 batelões de descarga com 40 a 50 toneladas de registo. Um dêles, porém, calava 3 pés de água, de modo que nunca foi possível fazê-lo navegar no Mutamba, sendo sempre dum emprêgo muito incómodo no serviço do pôrto.

20 carros, sendo 10 carretas *boers*. Com estes carros vieram 160 bois. Se notarmos que cada carreta necessita para a sua tracção dum mínimo de 8 juntas e que cada carro pequeno precisa, nos caminhos do mato, de 3 juntas, acharemos que o número de bois estritamente indispensável para atrelar estes carros era 220, ao qual é de imperiosa necessidade juntar uma reserva, nunca inferior a ¼ e devendo mesmo elevar-se a ⅓. O número de bois para o serviço dêstes 20 carros devia pois estar compreendido entre 275-295. Mandar menos era, desde logo, condenar alguns dêles quando todos não chegavam. Não fôra possível arranjar carreiros habilitados, no Natal, para conduzir as carretas. Ora a direcção de 8 ou 10 juntas de bois necessita aptidão especial e segura prática adquirida em muitos anos e com preceito; as carretas *boers* sem carreiros haviam de ser como o foram, pesado e inútil impecilho, em vez do auxiliar precioso que nêles se esperava encontrar.

Os carros pequenos eram de modelo pesado e pouco próprios para a tracção em caminhos arenosos, onde se necessitavam estrados leves e, nos rodados, chapas de largo trilho.

Nos fins de Maio chegavam 45 cavalos comprados no Natal pelo cônsul sr. Massano, com destino ao esquadrão. Desejava o chefe do estado maior que fôssem desembarcados para a Maxixe, onde havia uns baracões de mato próprios para cavalariças, alojamentos difíceis de procurar em Inhambane, e tendo ainda em vista poupar-lhe, mais tarde, na sua marcha para Cumbana, a passagem do vau de Cobane, na foz do Mutamba, que era perigoso e difícil. O governador do distrito, porém, julgou tão difícil o desembarque na Maxixe que ordenou que êle se fizesse para a vila.

II

DESEMBARQUE E CONCENTRAÇÃO DAS FÔRÇAS EM CUMBANA — ORGANIZAÇÃO DOS SERVIÇOS AUXILIARES

A 3 de Junho fundeava em Inhambane o vapor *Ambaca,* trazendo a seu bordo o sr. coronel Galhardo e o seu ajudante de campo, tenente Madeira e o 2.º batalhão de caçadores 3, na fôrça de 900 praças, comandado pelo sr. major Machado.

A 15, lançava ferro na baía o vapor alemão *General,* conduzindo de Lourenço Marques: 3 pelotões do 1.º esquadrão do regimento de cavalaria 1 na fôrça de 110 praças, comandante capitão Mousinho de Albuquerque; 4.ª companhia do 2.º batalhão de infantaria 2, 220 praças, comandante capitão M. Cordeiro; 2 secções da 2.ª bataria da brigada de montanha, 35 praças, comandante tenente Taveira; destacamento da 2.ª companhia de artilharia 4, 30 praças, comandante capitão Oom, e destacamento da 2.ª companhia mixta de engenharia, 25 praças, comandante capitão Castro.

Além das fôrças tinham vindo também 14 bocas de fôgo (sendo 8 peças de B. E. M. 7^{c} 4 canhões revólveres Hotchkiss (37^{mm}) e 2 peças de tiro rápido Gruson (37^{mm}) 2 metralhadoras Nordenfeldt (1) (11^{mm}) e 2 milhões de cartuchos de infantaria, 500 a 600 tiros por peça de montanha. Cada peça de tiro rápido dispunha também de 500 tiros.

Pelo vapor *General* vieram também 30 dias de víveres.

A 21 do mesmo mês, o vapor *Conguela* desembarcava 90 cavalos comprados no Natal pelo capitão C. Machado, da bataria de montanha, e tenente do corpo do estado maior, adjunto ao comando da brigada, Aires de Ornelas. Estes 2 oficiais acompanhavam os cavalos. No mesmo vapor chegaram ainda 11 muares, conduzidas pelo 1.º tenente Sacadura e que representavam todo o gado destinado à tracção das 2 secções de montanha!

O pôrto de Inhambane tem más condições de descarga, pela forma da sua praia, que nem mesmo nas marés cheias consente que atraquem à margem as mais pequenas embarcações e que nas marés baixas deixa a descoberto 200 a 300 metros de areal alagado. Calcule-se que dificuldades isto não levantaria ao desembarque de tantas centenas de homens, cavalos e imenso material, pesado e incómodo, e poder-se-á fazer ideia do trabalho que êste facto representa, agravando-se, de mais a mais, as dificuldades do desembarque com a escassez de meios de descarga do pôrto, atenuada, é certo, pela presença dos 2 batelões e dum pequeno escaler a vapor, enviado pelo vapor *Ambaca*, e que funcionava como rebocador. Mais tarde, nos fins de Junho, chegou outro escaler a vapor. Ambos prestaram inestimáveis serviços.

A viagem demorada do *Ambaca*, o desastre do *Peninsular* e ainda outras causas trouxeram o grave inconveniente de lançar ao mesmo tempo em Inhambane, terra pobre e sem recursos de alojamento, um agrupamento de fôrças tão considerável.

---

(1) Estas metralhadoras nunca foram usadas, pelos inconvenientes do seu emprêgo. Além disso dispunham de poucas munições, grande porção das quais se achava deteriorada.

Contando com essas dificuldades, o sr. coronel fizera conduzir no *Ambaca* barracas de lona e com elas se levantou, em poucas horas, em sítio apropriado, um acampamento para 3 companhias do batalhão de caçadores 3 alojando-se a 4.ª no quartel do batalhão de caçadores 4 da província, que êste desocupara em Março, cedendo-o ao destacamento de caçadores 2. Êste quartel, ainda em construção, apresentava 2 largas e espaçosas casernas com capacidade para 200 praças e quartos anexos para sargentos e escrituração.

À chegada do *General* marchavam para Cumbana, via Maxixe, o destacamento de caçadores 2 e a 4.ª companhia de caçadores 3. O esquadrão e o destacamento de engenharia tomavam o quartel destas fôrças. A 4.ª companhia de infantaria 2 aboletou-se na vila. Para os cavalos fizeram-se uns cobertos de zinco num páteo da Câmara Municipal. Todo o material de artilharia e suas munições desembarcavam directamente na Maxixe para onde seguiram os destacamentos de artilharia. À medida que as companhias de caçadores 3 evacuavam o acampamento, dirigindo-se para Cumbana, ocupavam os seus lugares, a companhia de infantaria 2, o esquadrão e a engenharia.

O envio das fôrças para Cumbana fez-se por companhias sucessivas, por causa da fraqueza dos meios de transporte. Dos 160 bois enviados em Abril só 120 faziam serviço nos princípios de Junho. Os carros que êles atrelavam estavam ocupados no transporte de víveres e munições para o acampamento de Cumbana, restando pouco para o transporte das mochilas, material de bivaque, etc., das companhias, de modo que estas tinham de seguir isoladamente e de 4 em 4 dias.

O esquadrão saíu a 4 de Julho de Inhambane, atravessando a 5 o vau de Cobane, extenso, estreito e lodoso, passado sem desastre à custa dos esforços e trabalho dos oficiais de cavalaria. A companhia de infantaria 2 e a pequena fôrça de engenharia seguiram a 8, indo embarcadas em 10 lanchas até à Mutamba, donde partiram no dia seguinte para Cumbana. Da Maxixe saíram a 8 uma secção de montanha e outra de canhões-revólveres sob o comando do 1.º tenente Sacadura. A 15 marcharam a 2.ª secção de montanha e outra de canhões-

-revólveres sob o comando do capitão Machado. A 18 finalmente marchou a secção Gruson comandada por um sargento.

O sr. comandante Galhardo e estado maior partiram a 8 de Inhambane.

Os serviços *auxiliares* ou *acessórios* têm sempre excepcional importância; e esta designação refere-se apenas ao modo do seu emprêgo e nunca aos seus efeitos. Nas campanhas coloniais, sobretudo, em que o inimigo mais temível é o país, doentio, sem recursos de alimentação e sem estradas, a importância dêstes serviços é *capital*. Não se pode contar com *improvisações* de momento, tudo deve ter sido previsto e organizado de antemão. Pois a expedição teve de *improvisar* tudo, e se levou a bom fim a tarefa que lhe era imposta deve-se êste resultado a um raro conjunto de esforços e dedicações, à energia dos chefes e abnegação heróica das tropas e ao sacrifício de todos, que a providência divina certamente levou em conta para o balanço final da campanha.

Vamos, pois, no estudo da organização dêstes serviços, topar com muitas faltas e examinar como elas foram supridas, quando o foram. É asada a ocasião para se acrescentar que nenhum *espírito de crítica* nos incita a denunciá-las. O nosso fim é preveni-las de futuro, mostrando quanto é aleatório e imprudente confiar nos recursos do Ultramar, para satisfazer a organização dêstes serviços.

Mas antes de falar nos serviços *auxiliares*, indicaremos como se organizaram a cavalaria, a artilharia e a engenharia da coluna.

O esquadrão tinha cavalos em número suficiente para os seus três pelotões — 130 — mas a primeira remessa de 45 era muito ordinária; com autorização do coronel Galhardo o comandante do esquadrão fizera examinar êsses cavalos por uma comissão de oficiais e o veterinário que declarara 24 dêles como incapazes para o serviço de cavalaria. A remonta do capi-

tão Machado e tenente Ornelas apresentava bons cavalos do tipo comum à África do Sul, pequenos de corpo, mas duros à fadiga e ao clima, em geral dóceis e todos dotados de exemplar sobriedade. Dêstes, 16 foram considerados ainda como fracos para o pesado serviço que os lanceiros iam ser chamados a desempenhar.

Tirando ainda algumas montadas para os oficiais do estado maior, o esquadrão organizou os seus pelotões com 80 cavalos. Todos êles vinham directamente dos prados e traziam 10 a 14 dias de bordo; precisavam, portanto, de alimentação forte, descanço regular e trenagem metódica. Nada disto tiveram, porque as circunstâncias o não permitiram, mas a prodigiosa resistência, revelada, por muitos, provou que excelente serviço todos teriam prestado, se o período de preparação tivesse sido maior.

Os dois destacamentos de artilharia apresentavam 60 praças para o guarnecimento das 14 bocas de fogo, que certamente demandava umas 200. O animal resumia-se nas 11 muares.

Para remediar a falta de pessoal ordenou-se que uma secção completa (55 praças e 1 oficial) da 4.ª companhia de infantaria 2 reforçasse a artilharia, marchando para a Maxixe a-fim-de receber ali instrução, sendo especialmente destinada às peças de tiro rápido, distribuídas à companhia de artilharia 4. Esta instrução limitou-se ao indespensável, mas é justo dizer que as praças de infantaria fizeram prova duma grande boa vontade em aprender o seu novo e provisório serviço. O tenente Baptista (1), comandante da secção, revelou, além do zêlo a esperar de todo o oficial, notável aptidão para o serviço duma arma a que era absolutamente estranho.

Mais tarde foram ainda mandados adir 14 soldados de cavalaria, apeados, a-fim-de servirem de condutores de artilharia.

---

(1) Êste oficial fôra promovido a tenente, em Junho, e mandado regressar a Lisboa. A seu pedido continuou na expedição.

O comandante da brigada contava fazer atrelar a artilharia a bois, mas não chegando estes para os carros indispensáveis ao serviço da coluna, tornava-se complicado o problema quando a rejeição, pelo esquadrão, de 40 cavalos veio, se não resolver, pelo menos facilitar a sua resolução. 32 dêstes cavalos foram entregues à artilharia, reservando-se os outros para montadas dos capitães de infantaria, cirurgiões, etc. Por seu lado, o Sr. Comissário Régio, não desprezando os mais insignificantes auxílios, comprava à Câmara Municipal de Inhambane 2 muares, únicas que havia no distrito.

Assim se montaram as duas secções de montanha e uma secção Gruson. Os canhões-revólveres destinados a guarnecer os postos do Inharrime foram atrelados a bois — duas ou três juntas — As outras 4 peças de montanha, entregues à companhia de artilharia 4 e também destinadas a postos, nunca tiveram gado.

Os cavalos a-pesar-da sua nota de fraqueza, merecida para alguns, prestaram relevante serviço, permitindo à coluna do Chicomo apresentar 6 bocas de fogo no campo de batalha de Coolela.

O destacamento de engenharia chegou a Inhambane em péssimo estado de saúde. Parece que êste facto foi devido aos trabalhos em tôrno de Incanine, terreno extremamente paludoso. Assim, das 25 praças desembarcadas em Inhambane só 10 poderam seguir a 8 de Junho para Cumbana e ao Chicomo, a 28 do mesmo mês, apenas chegaram 2 sargentos e 2 soldados. Muito se fez sentir esta falta de tropas de engenharia e seria bom que todos se convencessem de que, em geral, praças brancas não podem desempenhar em África os pesados serviços que incumbem a esta arma. Para remediar esta falta destacavam-se das outras unidades algumas praças que tivessem ofício de carpinteiro, pedreiro, etc., mas a coluna nunca conseguiu elevar a sua *secção* de engenharia a mais de 10 ou 12 praças prontas.

O batalhão de caçadores 4 da província, que fazia parte da

coluna, nunca foi empregado. Como se sabe, estes batalhões indígenas tinham uma forte organização, no *papel*, mas na realidade a fraqueza do recrutamento nunca permitiu que algum dêles chegasse a ter o efectivo regulamentar. O 4.º dêstes batalhões era de organização recente e parece que bastante esquecido do govêrno geral, naturalmente em virtude da paz e tranqüilidade em que o distrito se achava há bastantes anos, de modo que o seu efectivo total não passou de 150 praças, durante todo o tempo que durou a campanha. Dava vários destacamentos para os comandos militares e na sede do batalhão o número de praças prontas não excedia o de 15 a 20.

Retirando os destacamentos poder-se-ia ter reunido uma fôrça de 80 a 100 praças para acompanhar a coluna, mas atendendo à má qualidade dos soldados, à sua falta de instrução, mau armamento, etc., os seus serviços seriam bem insignificantes. Por seu lado, os comandantes militares, abarbados com as requisições de carregadores e de vários outros serviços extraordinários, pediam a conservação dos destacamentos, cujo pessoal era empregado em dar cumprimento a estes encargos. Estas duas causas juntas levaram o comando a não contar com o batalhão indígena para coisa alguma, e, a não ser alguns poucos soldados empregados na enfermaria da Cruz Vermelha, mais nenhuma praça entrou em campanha.

Tratando dos serviços *auxiliares*, falaremos em primeiro lugar do *serviço de saúde*. Uma fôrça de 1:200 a 1:500 homens, em África, estendendo-se — como a desembarcada em Inhambane—sôbre uma linha de operações de 200 k., sofrendo as influências letais do clima e destinada a combater contra um inimigo aguerrido e numeroso precisa duma organização médica análoga à dum exército em operações num teatro de guerra europeu. E se o número de médicos não é igual, nos dois casos, é certo ainda que a proporção dêstes funcionários, em relação ao efectivo das tropas, deve ser maior para o primeiro dêles. É preciso contar com os hospitais das bases de etapas, com

os postos sanitários da linha de comunicações, com as ambulâncias e do socorro das colunas em marcha. E como os médicos são simples mortais, expostos até a maiores probabilidades de contágio, justo é considerar mais esta circunstância para basear a composição do corpo de saúde. Um médico por 100 a 150 homens, eis uma proporção indicada por várias campanhas coloniais, o que daria 8 a 15 para as fôrças de Inhambane, fôrças que só dispunham de *quatro*. Na província havia poucos médicos de Portugal e todos êles estavam empregados em serviços importantes; em compensação encontravam-se bastantes habilitados pela Escola de Goa, mas estes são simples ministrantes sem ciência, nem desembaraço suficientes para serem empregados nestes lugares. Forçoso foi organizar o serviço com os poucos vindos com as tropas (1).

Em Inhambane, estabeleceu-se no quartel, um *Hospital militar fixo* com capacidade para 200 doentes, sendo nomeado director e *único* médico o cirurgião ajudante França. Em Cumbana montou-se uma *enfermaria* a cargo do cirurgião-ajudante Vieira. O cirurgião-mor Barbosa, chefe do serviço de saúde, e cirurgião-ajudante Monterroso foram destinados para acompanhar a coluna em operações.

A esta escassez de médicos correspondeu a de enfermeiros. Houve apenas 1 sargento e 4 cabos da companhia de saúde, *enfermeiros* só no nome. Improvisaram-se mais com praças das unidades combatentes, os quais, nada sabendo do seu ofício, obrigavam os médicos a uma constante vigilância.

De medicamentos nunca houve o preciso. Da metrópole entenderam, não sabemos com que razões, que não era necessário enviá-los e os mercados da África são pobres. Julgo que se atribuía êsse encargo à Cruz Vermelha, que não podia nem devia substituir-se ao Govêrno. Contudo esta benemérita Socie-

(1) Êste estado de coisas foi melhorado, mais tarde, com a chegada de 2 médicos da Cruz Vermelha, que montaram a benéfica enfermaria de Chicomo. E sempre se empregou um dos tais chamados médicos de Goa.

dade nunca faltou às requisições dos seus delegados e estes não só souberam prever tôdas as necessidades dos hospitais e enfermarias a seu cargo como tiveram ameüdado ensejo de valer ao serviço médico da coluna, sempre exausto de medicamentos, a-pesar-da sua constante solicitude em requisitar a tempo.

Oxalá que os relatórios dêstes funcionários de exemplar dedicação — o têrmo é absolutamente merecido para todos os médicos da coluna de Inhambane — esclareçam bem todo êste importantíssimo assunto da organização sanitária das tropas no Ultramar, a-fim-de que, de futuro, se evitem as faltas e êrros, que certamente custaram algumas vidas e muitas baixas prematuras ou possíveis de prevenir.

O material sanitário resumia-se a pouco: *cantinas de cirurgia* e *mochilas de ambulância*. Caçadores 2 levou o seu carro de ambulância que se partiu na primeira marcha; êste exemplo aproveitou, pois que mais nenhuma unidade foi acompanhada desta espécie de viaturas. As ambulâncias foram sempre montadas nos carros de bois. Fez-se sentir enormente a falta de barracas Tollet para enfermarias dos postos e duma outra qualidade, suficientemente portátil, que se prestasse ao estabelecimento duma ambulância de bivaque.

Nas suas cartas de Inhambane e tratando do trem de combate, o capitão Costa referira-se à vantagem de se organizarem muares à *cocolets* para transporte de feridos e doentes de pouca gravidade. São conhecidos os inconvenientes dêste sistema, mas em África não há por onde escolher e isto seria preferível ao que se usou em circunstâncias análogas: macas de rêde suspensas de bambus, chamadas *machilas,* que, pela sua forma e pelo desastramento dos indígenas (1) que as conduziam, causavam verdadeiras torturas nos desgraçados obrigados a servi-

(1) As requisições do chefe do estado maior falavam de contratar indígenas de Quelimane, com destino às macas, porque estes são considerados como os melhores *machileiros* da província.

rem-se delas. As macas regulamentares eram reservadas para o transporte de feridos à ambulância, e para o de praças, que, adoecendo em marcha, deviam seguir, pelo seu estado, nos carros. Para os doentes de circunstância reservavam-se sempre alguns carros cobertos com toldos, mas absolutamente impróprios para a condução de doentes (1).

Como complemento do *Hospital fixo*, mas dêle independente, foi criado um *Depósito de convalescentes*, comandado por um subalterno e tendo uma guarnição permanente de 6 praças: nêle se reuniam tôdas as praças saídas do hospital e que depois de passarem a sua convalescença esperavam transporte, a-fim-de marchar para as suas unidades. O comando ordenou que elas não seguissem senão em grupos de 15 ou mais.

Falaremos agora do *material* e *depósitos* da *artilharia e engenharia*. As *munições* eram suficientes. As *reservas* de sobressalentes para armamento absolutamente escassas e mal combinadas: a sua falta não se fez sentir por três causas extraordinárias: pequeno número de acções, grande demora no Chicomo e o elevado número de bocas de fogo de que a coluna dispôs. Pela 1.ª só houve poucos estragos a remediar, a 2.ª permitiu aproveitar os armamentos das numerosas praças doentes, a 3.ª consentiu valer com os recursos dumas às outras, que mais serviços fizeram.

Pertencia a um oficial de artilharia superintender neste ramo de serviço; como a coluna, porém, só dispunha dos indispensáveis para o serviço das suas bocas de fogo teve de nomear chefe da *secção do material de guerra* um alferes de caçadores 4 da província. Em Cumbana criou-se um outro depósito a cargo dum sargento de artilharia.

Sôbre o serviço de munições da coluna superintendia o ca-

(1) Quem escreve estas páginas lembra-se com verdadeiro terror de quatro dias de marcha que, como ferido, teve de fazer estendido num dêstes horrorosos veículos.

pitão da bataria de montanha Machado, tendo sob as suas ordens um 2.º sargento de artilharia 1 que seguira do reino acompanhando material de guerra.

A companhia de engenharia não levara material. O comando tratou de se fornecer em Lourenço Marques e Inhambane de ferramenta de *ofício* (carpinteiro, etc.) e de machados e machadinhas destinados ao corte de árvores. Deve-se notar que eram todos de péssima têmpera, embora fôssem dos melhores que havia no mercado. Não foi possível arranjar *machetes* ou *machins,* tão próprios para o corte de mato. Não houve explosivos. Em compensação, havia grande quantidade de fio de arame farpado, com o que se organizaram excelentes rêdes defensivas nos postos de Chicomo e Amba. Todo êste material seguiu com a coluna, não se formando *reserva,* por não haver recursos para isso.

O *serviço administrativo* estava encarregado do municiamento em víveres e dos pagamentos. Os víveres vinham na quási totalidade da Europa, em remessas mensais, mas as quebras devidas a transporte, etc. obrigaram muitas vezes a pequenas compras nos mercados da província. Fez-se sentir a falta completa de lataria e conservas com destino a dietas e a melhorar o frugal ordinário dos oficiais e que foi preciso adquirir no mercado, onde, em regra, eram de má qualidade e preço elevado.

É para notar que no Arsenal da Marinha e Administração Militar — duas entidades que enviavam fornecimentos — não tivessem sentido o perigo que resultavam destas remessas reduzidas ao estrito necessário, e não fizessem reunir em África reservas poderosas, para 3 ou 4 meses, a-fim-de prevenir um sinistro marítimo, etc. Deram ainda outra prova do seu amor à rotina enviando fardos pesadíssimos e incómodos; barris de 100 litros, sacas de 100 kg., mostrando ignorar que o transporte destas cousas, para o interior, havia de ser feito a *dorso* de preto e que a colónia tinha falta de sacaria e vasilhame apro-

priados para operar a modificação. Estes factos originaram demora em fornecimentos precisos, deram origem a quebras e aumentaram o trabalho, já de si pesado e rude, que impendia sôbre os funcionários administrativos, ainda para mais jungidos a uma escrituração verdadeiramente... *portuguesa*.

As fôrças dispunham para êste serviço do 2.º oficial Macedo, do aspirante Corrêa e de 10 praças da 2.ª companhia da Administração Militar. Desde o meado de Junho passou para êste serviço o alferes de infantaria em comissão na província, Sárrea. O chefe do serviço, em lugar de seguir com o comando ficou em Inhambane, atendendo a multiplicidade de serviços que impendiam sôbre o funcionário presente na vila. Levantaram-se grandes armazéns e cobertos de zinco para servirem de depósitos. Em Cumbana criou-se outro depósito, a cargo do aspirante Corrêa, e à testa do serviço de víveres da coluna ficou o alferes Sárrea.

Para o serviço dos depósitos não chegaram as praças de administração que foram reforçadas com outras de infantaria.

Não havia *secção de padeiros*, nem *fornos metálicos;* em compensação havia todos os pertences acessórios dêsses *fornos*. As fôrças, pois, logo que saíram de Inhambane ficaram a pão torrado e a bolacha (1).

O *serviço dos transportes* das fôrças de Inhambane foi causa, pela sua *péssima* organização, da inacção forçada, durante 4 meses, da coluna de Chicomo.

Esta *péssima* organização foi ùnicamente devida à falta de meios apropriados na África do Sul, falta que todos os esforços, solicitude e atenção, tanto da direcção superior como do comando, não poderam remediar.

A morosidade do boi, a sua delicadeza de alimentação, o seu fácil desânimo são outros tantos inconvenientes que êle

(1) Os médicos atribuiam à falta de pão fresco a maioria das diarréas que atacaram prodigiosamente a coluna do Chicomo. Que economia e humanidade não representava a aquisição, a tempo, dos fornos metálicos desarmáveis.

apresenta para o serviço de transportes duma coluna em operações, embora seja um precioso animal de tracção noutras circunstâncias.

Por se conhecer de *viso* estes inconvenientes, lembrou-se o emprêgo de muares para o trem do combate. Era caro e difícil — mais difícil do que caro, julgamos — adquirir estes animais na África Austral e o tempo não chegava, parece, para os mandar vir da Abissínia, Egipto ou Índia, de modo que nem mesmo se pensou em completar o gado necessário à tracção das bocas de fogo.

Havia, pois, de se resumir aos carros e carregadores para constituir trem de combate e combóio.

No distrito de Inhambane não é difícil obter carregadores; o país é muito povoado e o gentio dócil e obediente. Chamados pelos comandantes militares, os negros apresentam-se, embora de má vontade e sempre em débito do contingente nomeado; se porém, o serviço se demorar por mais de dez a 15 dias podemos ter a certeza de os ver fugir em massa, impotentes para prevenir a deserção que se realiza com a maior facilidade, pelo coberto do país e pelo conhecimento que êles têm duma região onde nós, por mais habituados e percorrê-la, nos desorientamos a cada passo. Para impedir estas deserções seria necessário castigar com rigor povoações inteiras, e nas nossas leis não há preceitos suficientes. Estes homens podem servir, e serviram, para abastecer postos, trabalhar nos acampamentos, etc., mas de modo algum devem ser utilizados nos trens de combate e combóios das colunas que, pela ordem a que tudo nêles deve obedecer, necessitam dum agrupamento permanente, de hábitos de obediência, etc. que estes adventícios não possuem (1). Se

(1) Muitas expedições como a do Dahomé, para falar numa das mais modernas, empregaram carregadores na organização dos seus combóios. A-pesar-de ser gente contratada, muita de terras distantes, organizada de antemão em secções, etc., causaram, como na campanha referida, contrariedades e perigos graves.

ainda, por cima, houver a possibilidade dum combate contra um inimigo temido — negro algum tem tido sôbre os outros prestígio comparável ao dos vátuas — não haverá fôrças humanas capazes de lhes impedir a fuga. Nestas circunstâncias seria mais do que imprudência, seria grossa imprevidência confiar a estes elementos a organização dos combóios.

Completando a requisição de trinta carros, chegaram a Inhambane, em fins de Junho, 5 carretas boeres e 5 carros pequenos comprados no Natal por intermédio do cônsul Massano; acompanhavam-nos 80 bois (menos 32 do que o mínimo indispensável). As carretas vinham em tal estado que foram imediatamente dadas por incapazes, não se podendo mesmo aproveitar as ferragens: o mesmo aconteceu com um dos carros pequenos. Contando com 4 carros alentejanos, que acompanharam o esquadrão, havia, pois, 10 carretas e 18 carros, que certamente teriam sido suficientes, se os bois chegassem e se as carretas boeres prestassem o serviço mínimo que delas havia a esperar (1), visto estes carros poderem carregar 24 toneladas, ao passo que os 36, que acompanharam a coluna do Chicomo a Manjacaze, apenas podiam transportar 18. Desgraçadamente as carretas tiveram de ser abandonadas, por falta de carreiros capazes, e as remessas sucessivas de bois, incompletas as primeiras para os carros dispuníveis, mal chegavam, ao depois, para preencher as baixas produzidas pelas doenças e aquelas que a imperiosa necessidade de alimentar a coluna — sem um único boi de talho — originou, fazendo abater muitos dêsses bois para consumo.

Para cúmulo de contrariedades, os bois ou eram fracos e can-

---

(1) Contava-se apenas com a carga de 1.500 kg. para cada carreta. No distrito de Lourenço Marques, terreno arenoso como de Inhambane, os *boers* comprometiam-se a carregar 3000 kg. fazendo 15 milhas (25 quilómetros) por dia. Em Inhambane o rendimento mais alto dêstes carros não excedeu 1200 kg. Tal é a diferença dos carreiros e do gado.

sados ou não sabiam puxar. O rendimento útil de cada carro sofria, por êste motivo, grande desfalque.

Convidaram-se para carreiros os soldados que já tivessem exercido êste mister. A-pesar-da rudeza e violência dêste serviço que — diga-se de passagem — não é para europeus, os voluntários apareceram em grande número, atraídos pela gratificação diária de 300 réis e por uma vida mais livre. Bem caro lhes custou essa vantagem porque o serviço de transportes pagou, em grossas e terríveis proporções, a sua quota parte na mortalidade e morbilidade da coluna.

Estes homens acostumados — os que estavam — a conduzir uma unica junta a aguilhão nunca se poderam entender, salvo raríssimas excepções, com as numerosas juntas, sempre atreladas a cada carro e com o comprido chicote, único meio de castigo empregado para os bois da África Austral.

Como o nosso *trem de equipagens* se não fez representar — naturalmente pela sua deficiente composição — foi preciso nomear os quadros do serviço de transporte com o pessoal combatente da expedição. Chefe de serviço, tenente de infantaria em comissão Vieira Branco, coadjuvado pelo alferes de cavalaria Raúl Costa; êste último era oficial às ordens do comandante e foi especialmente destinado ao comando dos combóios da coluna, o serviço mais rude e ingrato que coube na partilha geral de todos os trabalhos. Foram ainda nomeados 2 sargentos, para serviço de escrituração e coadjuvação dos 2 oficiais e alguns cabos destinados a chefes das secções dos combóios.

Sôbre o serviço de *informações* nada mais se determinou além do que fôra indicado ao comandante militar de Inharrime. Contudo, mais tarde, o comando da brigada ordenou a todos os comandantes militares do distrito que pusessem gente em campo a colhêr informações. Só o de Inharrime, tenente graduado Alves, se desempenhou com acêrto e utilidade do encargo.

O telégrafo estava montado entre Inhambane e o comando

de Inharrime. Daí partia outra linha até ao Chicomo mas que se interrompera a 20 k. daquêle ponto por falta de material, que as autoridades distritais diziam ter requisitado, muito a tempo, para Lisboa. O serviço das estações estava a cargo de sargentos da guarnição da província e era dirigido por um oficial em comissão. A requisição do comando, passou tudo isto para debaixo das suas ordens e assim constituíu o seu *serviço telegráfico*, reforçando com praças habilitadas o pessoal das estações. Para aproveitar tôda a linha construída montou-se uma estação provisória no k. 20 da linha Inharrime-Chicomo, em Guirramo, e como êste ponto estava ainda a 80 k. do acampamento da coluna, estabeleceram-se três *postos de correspondência* a uma distância média de 20 k., em Mossana, Coguno e forte de Amba.

Estes postos eram servidos por irregulares indígenas e, por meio dêles, os telegramas expedidos de Inhambane ou Chicomo chegavam 18 horas depois ao seu destino.

O *serviço postal* estava a cargo dos comandantes militares e funcionava mediocremente porque estes não tinham os meios necessários para mais. Para o melhorar tornava-se necessário distrair gente e recursos preciosos, para outros serviços. Por isso o comando não modificou êste estado de coisas, que ia servindo, limitando-se a nomear, na coluna acampada, um oficial encarregado da recepção e expedição de tôda a correspondência.

O *serviço de etapas*, que engloba todos estes, à retaguarda das colunas, achava-se, pois, com todos os seus elementos constituídos; faltava só nomear o chefe que os centralizasse e dirigisse. A multiplicidade dêstes serviços e dos seus pessoais, a graduação de alguns dos seus membros exigiam, para o cargo, um oficial superior, que, à patente, reünisse a energia de acção e a faculdade organizadora.

As fôrças de Inhambane dispunham apenas de 3, além do seu comandante; dois pertencentes ao batalhão de caçadores 4

da província e o sr. major Machado; êste não podia abandonar o comando do batalhão e nenhum dos outros dois podia satisfazer as múltiplas funções e trabalhos inerentes ao cargo. Felizmente, para resolver estas dificuldades, desembarcava a 20 de Junho, em Inhambane, o major Caldas Xavier. Era um homem precioso para o cargo, para o qual foi imediatamente nomeado. Sabemos que êste oficial aceitou contrariado um cargo de *espada na bainha*, como êle dizia na sua enérgica linguagem, mas no seu desempenho prestou serviços incomparáveis, pagando com a vida mais êste sacrifício à sua pátria (1).

A organização do serviço de etapas põe mais uma vez a nú uma lacuna do corpo expedicionário; a falta de oficiais destinados aos serviços acessórios, por isso tanto insistimos nestes detalhes.

Uma das condições higiénicas indispensáveis nos acampamentos africanos é o saneamento de água e todos sabem que um dos meios mais eficazes é a *filtragem*, que não pode ser feita pelos filtros ordinários, de fraco rendimento. Por isso se tinham pedido as bombas-filtros. De Lisboa mandaram muitos filtros Mallié que pela sua fragilidade, pêso e escasso rendimento poucos serviços prestaram, tendo contudo representado alguma utilidade.

A iluminação do campo exterior dos acampamentos representa, em África, o melhor meio de segurança, durante a noite. Por isso, têm-se feito, em anteriores expedições coloniais, várias experiências sôbre o assunto. Os inglêses, na Machona, empregaram os projectores eléctricos, mas parece que se não deram bem com êles, o que não admira porque são aparelhos com-

(1) Não esqueceu ao comando requisitar intérpretes habilitados. Não os havia, porém, em Inhambane nem mesmo, segundo parece, na província. A coluna serviu-se, para êste fim, de algumas praças indígenas do batalhão de Inhambane, que falavam o *bitonga*, mal o *landim* e nenhum o *vatua*. Felizmente um mouro de Sofala, Amad, que fôra da *missão política*, ficou com a coluna, onde prestou bom serviço de *interprete*, embora falasse mal o português.

plicados — portanto de fácil desarranjo — e pesados, o que dá mau transporte. Em vista dêstes graves inconvenientes e, além disso, convencido da impossibilidade de os obter, pedira o capitão Costa, fachos de sinais e outras composições, de fraco poder iluminante, mas servindo para atemorizar os crédulos indígenas, ou para dar avisos. O que havia nos depósitos da província era pouco e mau, nunca foi empregado, sendo muito felizmente substituído por 4 lanternas de grande poder focal (iluminavam a 60^{m} de distância) usadas nos caminhos de ferro do Natal e aí compradas pelos 2 oficiais em remonta. Para o seu transporte e emprêgo fez, o sempre lamentado, major Caldas Xavier construir 4 carros leves e engenhosos.

Não queremos deixar de falar no nosso material de bivaque, não para repetir tôdas as críticas que lhes têm sido feitas, o que seria longo e fora de tempo, mas para fazer notar a má qualidade das cantinas que em 2 meses de serviço se tornaram absolutamente incapazes. Por êste motivo houve que empregar caldeiras de ferro, em sua substituïção, que eram pesadas e de mau transporte.

Para remate do capítulo frisaremos um facto, que podia ter sido de graves e funestas conseqüências para a expedição, a-fim-de concorrer para que êle se evite de futuro.

O Sr. Comissário Régio exercia tôdas as atribuïções do poder executivo, faculdade que reputamos indispensável a tôda a direcção suprema em campanha e que o Sr. António Enes usou com aquele inexcedível zêlo e levantado critério a que todos prestam homenagem. Sempre que estava no distrito, aplanava as dificuldades que surgiam e atendia, na medida das suas posses, às solicitações do comando. Sempre, porém, que se ausentava para outro ponto da província, o enfraquecimento da autoridade civil distrital, a independência das suas funções, levantava atritos que embora, como o julgamos, não fôssem devidos a má vontade — que seria absolutamente criminosa — traziam para o comando dificuldades que êle não tinha meio

de resolver. Os comandantes militares, com atribuïções civis e militares, viram-se, mais de uma vez, arriscados a praticarem delitos de involuntária desobediência, em vista das ordens contraditórias de duas autoridades independentes, ignorando-se reciprocamente os seus desígnios e os seus actos. Imagine-se que de perigos não poderiam advir e que só foram conjurados pela energia do comando, pelo bom-senso de quási todos e pelo espírito digna e sagasmente conciliador da direcção superior.

Julgámos necessário, repetimos, chamar a atenção para êste caso a-fim-de que êle se não renove, e que aqui podia ter sido evitado, segundo pensamos, entregando o govêrno do distrito ao comandante da expedição, enquanto durassem as operações.

Concluímos êste capítulo com a convicção de que é o menos interessante dêste estudo, mas tendo a vaidade de supor que será um dos de mais proveitosa meditação e que melhor mostre, na sua monótona e enfadolha enumeração, a grandeza do esfôrço moral dos chefes e da abnegação heróica das tropas na gloriosa campanha de 1895.

III

OCUPAÇÃO DO CHICOMO

Começaremos por dar uma ideia geral do terreno destinado a *teatro de operações da coluna do norte*.

Partindo de Cumbana, o terreno a que nos referimos afectava a forma de um triângulo irregular, tendo o vértice naquela localidade e por base uma linha que seguia o curso do Inharrime, desde a lagoa de Poelela até ao comando militar de Chicomo (direcção de L. para O.), onde, abandonando o curso do

rio, se inflectia para O. S. O. até à foz do Chengane, passando por Manjacaze.

A linha do Inharrime representava a barreira destinada a conter as agressões vátuas, dirigidas, de preferência, contra os povos ribeirinhos dêste rio (Zavala, Guambés, Mocumby, etc.). Podia também servir de linha de comunicações logo que se organizasse a base de operações no Chicomo.

Sôbre o prolongamento desta linha encontravam-se os 2 objectivos principais designados a ofensiva eventual da coluna de Inhambane:

Manjacaze, residência do régulo, sede da sua côrte, representando aos olhos dos seus povos, um lugar sagrado, intangível às agressões de estranhos que encontrariam no seu caminho as hostes aguerridas e invencíveis dos *mangune* (1); Foz do Chengane, ponto de importância capital, cuja posse, rompendo de todo a ligação entre as 2 grandes províncias vátuas marginais do Limpopo, destacaria ainda do império de Gaza, o baixo Bilene, o seu mais belo florão, o feudo primário da dinastia, aquele onde o grande Manicusse assentara os seus primeiros arraiais, e onde Muzila se firmára para arrancar das mãos do irmão, o grande império que legou ao Gungunhana.

A orografia desta zona, apresenta o aspecto comum a tôda a vasta região da África Oriental, ao S. do Save compreendida entre a grande cordilheira central e o Oceano Índico: região de colinas baixas e arenosas, onde as diferenças de altitude raras vezes excedem 50 a 60^{m} e onde a ausência total de rochas indica a sua formação especial. Na parte que especialmente nos preocupa êste sistema orográfico é cortado de extensas linhas de água como o Inhanitande, o Inhavalungo e o Chicomo, tributários do Inharrime e alguns afluentes daqueles rios, mas para leste, umas pequenas cordilheiras formam divisória de águas lançando-as no Chicongo-ongo e Inianombe, rios independen-

(1) Verdadeiro nome dos vátuas.

tes e cujos estuários formam a extensa baía de Inhambane. Partindo de Cumbane para o comando de Inharrime, direcção geral para S. cortam-se os afluentes e o próprio Chicongo-ongo que corre, grande porção de tempo, paralelamente e muito próximo do Inharrime. Seguindo de Cumbane directamente para o comando do Chicomo, direcção geral para S. O., costea-se a alguma distância e durante dezenas de quilómetros, a grande depressão do Inhamitande e já próximo do Chicomo corta-se o Inhavalungo e outros pequenos afluentes do Inharrime, mais ou menos paralelos àquele, correndo todos, aproximadamente, do N. para o S.

O solo apresenta o mesmo aspecto uniforme e monótono. Nas colinas arborização intensa, árvores espaçadas, de má madeira, pequena estatura, má sombra; é preciso seguir para Manjacaze e sôbre tudo daí para o Chegane, ou descer até aos Macuacuas, para encontrar a verdadeira floresta tropical, árvores imponentes, crescendo junto, alto e direitas, madeira rija e resistente, entrelaçando-se entre si por meio de inextricáveis liames que oferecem à marcha duma coluna dificuldades consideráveis que só o uso constante do machado e machete pode atenuar. As grandes linhas de água são, em regra, representadas por uma série sucessiva de lagoas pantanosas, desaguando por declives quási insensíveis. Tôdas as depressões oferecem o mesmo aspecto; terreno alagado, onde não cresce outra cousa além de uma erva especial, característica, o *capim* da nossa África Ocidental, mas que em Moçambique é mais vulgarmente designada por *palha*. Esta erva atinge, por vezes, altura considerável, como no Chengane onde chega a cubrir um cavaleiro, mas em geral, nesta zona, não passa acima da cintura dum homem. Junto dos rios a *palha* é substituída por *caniço* forte e excessivamente denso. Chamam-se a estes terrenos, *languas*.

Nas colinas o piso é sempre arenoso; ora uma areia fina, brilhante, quási impalpável, onde os desgraçados peões se enterram, a cada passo, até aos artelhos, e os carros mais leves se

afundam, freqüentemente, até ao cubo das rodas; ora uma areia vermelha, grossa, parecendo terreno mais firme, mas não apresentando diferença muito sensível à marcha e à tracção.

Nas depressões — referimo-nos, claro está, ao tempo sêco — encontra-se, a meudo, lodo onde tudo se atasca, mas, por vezes, terreno firme, enxuto e batido, dando fácil andamento tanto a homens como a carros.

É nas colinas, e em roda das suas povoações, que os cafres fazem os seus campos de cultura — *machambas* — plantando as suas pobres sementeiras. Em cultivo, estes campos não oferecem transtornos especiais à marcha, mas depois das colheitas, o revolto do solo acresce às dificuldades apontadas.

As depressões, as *languas* são, em geral, aproveitadas para prados; algumas fornecem mesmo pastagens magníficas; outras, como as que circundam Chicomo, dão uma forragem pobre de princípios alimentares, mas rica de princípios irritantes, *escaldante*, na frase da técnica usual.

O país é muito povoado, mas a população desaparecia, por completo, numa zona de 20 k. de raio em tôrno do comando de Chicomo, assente na fronteira entre os nossos e os territórios do Gungunhana. Os sempre ameaçados Guambes estabeleciam assim uma *zona tampão*, onde nada havia que despertasse a cubiça vátua e cuja transposição pelas fôrças do terrível régulo lhe daria tempo a abandonarem as suas povoações, escondendo-se nos mais recônditos e excêntricos matos do seu país. Nessa zona de desolação, meia dúzia de *palhotas*, cercadas de uma sebe, constituíam o *comando militar do Chicomo*. Era aí que um desgraçado oficial, acompanhado duma dúzia de boçais soldados de Angola, tinha a sua residência efectiva, tão impotente para se impor ao terrível fronteiro como para se fazer obedecer dos seus aterrorizados subordinados. Contrastando com estas misérias, do outro lado do rio Chicomo, sob o domínio dum rude e feroz despota negro, cuja inexorável justiça era todavia acompanhada duma reconhecida protecção e duma disci-

plinadora polícia, floresciam os campos, apascentavam-se rebanhos numerosos, duplicavam-se as povoações. Tão singular contraste, infundindo tristeza em todos os oficiais expedicionários, avigorava-lhe a vontade de fazer cessar o poderio dum homem que cobria de vergonha e ridículo as nossas veleidades de potência colonial.

As populações entre o Inharrime e Cumbana são de raça *bitonga*, ou *mindongue*, raças aborígenes, segundo julgamos, dóceis mas tímidas, fiéis até ao extremo, mas perdidas da embriaguês; dão carregadores regulares, mas é impossível contar com êles para combater os povos de raça *bantu*, *vátuas*, ou mesmo *landins* (1). Além Chicomo, nos terrenos da antiga Cambane, onde se formara o último Manjacaze, continuavam as povoações *mindongues* e *chopes* fortemente mescladas da gente de Sofala, arrastada e escravizada pelos vátuas, mas entre as quais iam aparecendo as pequenas povoações landinas dos *vatualizados* da Mussapa, governando e vigiando as povoações vencidas.

A gente *bitonga* e *mindongue* agrupa-se em rizonhas povoações, formadas de longas ruas de amplas, cómodas e bem alinhadas *palhotas*, aformozeadas por áleas de elegantes coqueiros, mimosas larangeiras ou copadas mafurreiras (2): há povoações de 70, 80 e até de 100 palhotas.

A gente landina ou vátua, de ânimo guerreiro e rixoso, e onde fàcilmente se afrontam pais com filhos, forma só pequenas povoações de 7 a 10 palhotas, verdadeiras famílias, donde são expulsos os filhos homens que, casando, vão formar novas aldeias dêste género.

Os recursos alimentares destas populações resumem-se nas

---

(1) O distrito de Inhambane tem muito *landim*, mas é para o norte, Macuacas, Inguana, Savanguana, Muabsa, etc.

(2) A *mafurreira* é uma árvore elegante, copada, semelhante um pouco ao nosso freixo e que dá um óleo muito apreciado, a *mafurra*.

suas colheitas de mandioca, milho, amendoim; a sua imprevidência, e invencível mandriice, impedem-as de tratar de organizar reservas excedentes às suas necessidades anuais. Um grupo de 20 a 30 homens de forte compleição, de hábito do mato, pode viver durante algum tempo dêstes recursos, sempre, ou quási sempre, acompanhados de inesgotável número de galinhas e freqüentemente de caça grossa como o antílope, etc., mas uma coluna de tropas, numerosa, composta de soldados novos, com os seus doentes, precisa, de fazer vir de longe todos os géneros de alimentação. Nos territórios do Gungunhana, logo que fôssem invadidos, poder-se-ia encontrar, como sucedeu, grande número de cabeças de gado bovino, principal riqueza daqueles povos guerreiros e pastores, mas àquem Chicomo não aparecia um só boi, porque as razias dos vátuas, e depois o receio da sua repetição esgotara, ou fizera afastar, todos os rebanhos destas tribus.

Os caminhos principais existentes nesta zona eram as 2 carreteiras Cumbana — Coguno — Chicomo e Cumbana — Inharrime — Coguno. Entre Cumbana e Inharrime estava já aberta, antes de Março, com uma largura excessiva (12 a 15^{m}) e inconveniente, pelo modo como descobria o sol.

O troço Inharrime — Coguno e o de Cumbana — Chicomo foram abertos posteriormente, com menor largura.

Esta carreteira até Coguno corria na direcção geral de N. E. para S. O. e de Coguno para Chicomo inflectia-se para O. S. O.

Havia uma transversal Mossana — Coguno — de L. para O. N. O. que encurtava a distância Inharrime — Coguno.

Estas carreteiras, tinham sido feitas derrubando e limpando o mato na largura conveniente e seguindo como directrizes os antigos carreiros, mas suprimindo os contínuos lacetes que estes formam. A passagem das linhas de água, fazia-se estabelecendo uma espécie de *pontes-diques*, construídos da maneira seguinte: sôbre o leito do rio e na mesma direcção do que a corrente coloca-se uma série de grossos troncos paralelos, com intervalo 1 a 2^{dm}; sôbre esta camada lança-se

em sentido perpendicular outra de troncos mais delgados seguindo-se outras, ora num ora noutro sentido até que o todo se cobre de fachinagem e terra batida. O *dique* de Chicongo-ongo estava notàvelmente construído, sob a direcção do tenente Alves; alguns outros, como os construídos entre Coguno e Chicomo, muito numerosos, deixavam muito a desejar, contudo sempre agüentaram as passagens sucessivas de carros e até de carretas *boers*.

Além de Chicomo apenas havia os carreiros de pretos, que muitas vezes seria preciso alargar com o machado. As linhas de água seriam passadas a vau, os terrenos lodosos contornados ou aterrados com fachinas, na ocasião oportuna.

As distâncias eram, respectivamente, em números redondos: Cumbana (1) Chicomo, 124 k.; Cumbana-Inharrime, 55 k.; Inharrime-Mabel-Chicomo, 120 k.; Inharrime-Mossana, 45 k.; Mossana-Coguno, 19 k.; Coguno-Chicomo, 42 k.

Posta esta sumária e incompleta notícia sôbre a *zona de operações* prossiguemos na narração dos acontecimentos.

O *Ambaca*, levantando ferro a 7 de Junho, saía a barra de Inhambane levando a seu bordo, para Lourenço Marques, uma embaixada que o Gungunhana enviava ao Sr. Comissário Régio, pondo-a sôbre a protecção do Sr. Conselheiro Almeida, secretário geral da Companhia de Moçambique que, durante os 2 meses findos então, desempenhara interinamente o lugar de residente político em Gaza. Os vátuas iam encarregados de apresentar protestos, não pedidos, de submissão e fidelidade, acompanhados do costumado presente — *saguate*, na linguagem gentílica — 1:000 libras em ouro e dois dentes de marfim. Realizava-se assim um dos acontecimentos previstos pelo Sr. Comissário Régio, mas o astucioso negro praticava mais um êrro da longa série que lhe havia de custar o império.

De facto, os perigos que assoberbavam o domínio português em Lourenço Marques, e os poucos meios de que se dispunha para lhe fazer face, até Junho, aconselhavam a mais prudente reserva nas relações com o Gungunhana. Por isso, até então, a-pesar-de se saber como

(1) Entre Cumbana e a Maxixe, contavam-se 42 a 43 quil. e entre Mutamba e aquela localidade 16 a 17. A distância entre Maxixe e Cumbana era vencida em 2 etapes, sendo o 1.º em Dambo, a meio caminho.

êle apoiara os régulos rebeldes, o nosso residente político recebera ordem de não falar no assunto, e até de adormecer as desconfianças do régulo com alguns presentes, embora, como exigia a nossa dignidade, êle fôsse intimado a não invadir os Guambés, como insolentemente ameaçava de contínuo.

O combate de Marracuene (1) e o desembarque de infantaria 2, transformaram a petulante audácia do Gungunhana em susto desatinado. O combate mostrara-lhe, além da potência das armas dos brancos, que estes podiam marchar e combater no mato contra um inimigo muito superior em número. O desembarque de sucessivos reforços, cuja enumeração era luxosamente aumentada pela exageração dos seus informadores negros, dera-lhe a entender que os Portugueses se dispunham a mais alguma coisa do que a submeter os dois pequenos régulos rebeldes.

Mudando de tática, despojou-se da sua natural arrogância e quis mostrar-se humilde, embora continuasse a incitar e a auxiliar os rebeldes. Daí o envio da embaixada que, pela pressa, bem mostrava os receios do seu mandatário. Foi o que entendeu o Sr. Comissário Régio, deliberando que a *diplomacia* aproveitasse estas disposições do régulo para daí arrancar tudo, ou quási tudo, que era necessário para o desprestigiar e anular o seu poderio. Repeliu presentes e embaixada, mandando dizer ao régulo que o *rei* (2) só reconhecia e aceitava os seus protestos depois de êle ter entregado os rebeldes que, ao tempo, (meados de Junho) já se tinham refugiado nos seus territórios e satisfeito a tôdas as outras exigências que lhe seriam transmitidas por 2 enviados, os srs. Conselheiro Almeida e tenente Aires de Ornelas.

A *missão política* composta dêstes 2 funcionários, desembarcava do *Conguela* a 21 de Junho, mas só seguiu ao seu destino a 15 de Julho, demorada em Inhambane por várias causas, entre elas uma grande febre biliosa do Sr. Conselheiro Almeida.

As negociações com o Gungunhana iam ser entaboladas no comando do Chicomo, com enviados do régulo, até que as suas pro-

---

(1) O sr. 1.º tenente da armada Biker, ao tempo residente junto do Gungunhana, ficou admirado da impressão profunda e do terror inspirado pelos resultados dêste combate em todo o sertão de Lourenço Marques. E era êste ingente triunfo que a infâmia sem igual de alguns portugueses classificavam de *desastre!*

(2) Para os indígenas não há senão uma autoridade suprema o *rei*, o qual êles julgam com poderes discricionários.

Estes *eleitores*, porque o são, não podem acreditar na existência dum ministério responsável dum rei que não governa.

messas fizessem supor que anuïria a todo o exigido. Então, os enviados transportar-se-iam a Manjacaze, onde ultimariam estas negociações.

Para *fazer pressão* sôbre o ânimo do régulo desejava o Sr. Comissário Régio que o Chicomo fôsse, ao mesmo tempo, ocupado e como os meios de transporte da coluna, de princípio deficientes, como demonstrámos, deminuíam, dia a dia, pela morte do gado e pela inutilidade constatada das carretas boeres, impedindo que tôda ela se pozesse simultâneamente em movimento, ordenou ao Sr. coronel Galhardo que fizesse marchar, quanto antes, uma fracção das suas tropas com aquêle destino.

Decidiu o comando ocupar o Chicomo com 2 companhias de caçadores, tôda a artilharia e cavalaria disponível. O local do comando do Chicomo, cuja ocupação se tornava necessária, para efeito moral, apresentava 2 inconvenientes: estar situado muito a montante do limite da navegação do Inharrime; e expor a linha de comunicações da coluna — correndo desde Coguno entre uma região deserta e muito próximo do rio que, Amba (20 k. do Chicomo) para cima oferecia numerosos vaus — às acometidas de qualquer partida vátua. Tornava-se, portanto, necessário assegurar êste último troço da linha de comunicações, construindo um pôsto fortificado em Amba, último *pôsto de etapa*, a cavaleiro sôbre o rio e no limite da sua navegação; por êste motivo a coluna de ocupação foi aumentada com a 4.ª companhia de infantaria 2 que, em conseqüência do reforço fornecido à artilharia e dum pequeno destacamento deixado em Inhambane para serviço da guarnição, contava apenas 120 praças.

Em Cumbana ficavam as 3.ª e 4.ª companhias do batalhão de caçadores 3, o destacamento de caçadores 2, destinado especialmente à sua guarnição e as 4 bocas de fogo de montanha distribuídas à companhia de artilharia 4 e que não tinham gado. Mais tarde, se as negociações não dessem o resultado desejado, tôdas estas fôrças, exceptuando o destacamento de caçadores 2,

provado por muitos meses de África, reüniriam ao corpo da coluna.

Mas os meios de transporte nem mesmo permitiam levar duma vez só tôda esta fôrça, por isso se dividiu em 2 troços que se haviam de seguir com 8 dias de intervalo, lançando mão de carregadores para completar os combóios. Tornava-se ainda necessário, com mais forte razão, abastecer por meio de carregadores os postos de etapa, que receberam um dia de víveres, antes de marchar a coluna. Os postos de Amba e Chicomo, muito expostos, não foram abastecidos, mas o pôsto de Coguno recebeu víveres para 3 dias.

Com o primeiro troço — que recebeu o nome de *coluna do Chicomo* — marchou o coronel Galhardo, levando o seu estado maior. O 2.º troço seria comandado pelo major Machado.

A 18 saía a *ordem geral* que determinava a organização da *coluna do Chicomo*.

Transcrevemos as suas disposições principais:

Organização da Coluna do Chicomo

Comandante coronel Galhardo — chefe do Estado Maior capitão Eduardo Costa; ajudante de campo tenente Madeira; oficial às ordens alferes Condeça; chefe do serviço de engenharia capitão Castro; chefe de serviço de saúde cirurgião-mor Barbosa; chefe do serviço administrativo aspirante F. Correia; comandante de combóio alferes R. Costa.

1.ª companhia de caçadores 3 — capitão Branquinho 220 praças — 4.ª companhia de Infantaria 2 capitão Matos Cordeiro 120 praças — bataria de montanha capitão Machado — 4 peças, 70 praças, 30 cavalos — 2 secções de canhões-revólver tenente Lopes 30 praças — 2 pelotões de cavalaria, Capitão Mousinho, 65 praças e 60 cavalos — 1 secção de engenharia 10 praças. Efectivo total da coluna 23 oficiais, 500 praças de pret, 98 cavalos, 8 bocas de fôgo.

Trem de combate: munições, 2 carretas boeres, 44:000 cartuchos de infantaria — 148 tiros de peça de 7cm.

Ambulância: 1 carro e 15 *machillas*. Ferramenta de engenharia, 2 carros, 30 rolos de fio de arame, levados por 60 carregadores.

Combóio. — Bagagens: comando 1 carro, infantaria 6 carros, artilharia 1 carro, cavalaria 1 carro. Víveres, 1 dia de reserva numa carreta *boer*.

Uniforme, equipamento e municiamento: tôdas as praças levavam o fato de brim vestido e usavam do largo chapéu de feltro distribuído em Lisboa: cada praça de infantaria levava 2 cartucheiras no cinturão, cada uma delas com 20 cartuchos, 2 mochilas de víveres, indo numa 60 cartuchos e o rancho frio e na outra, a fardeta de pano, 1 par de calças de brim e uma peça de cada objecto de roupa branca, 1 par de alpercatas, ou, na sua falta, de sapatos; as praças de artilharia (serventes) levavam uma só cartucheira; uma das mochilas de víveres levava 40 cartuchos e o rancho frio indo a outra como a de infantaria, cada soldado condutor levava 30 cartuchos de revólver: as praças de cavalaria levavam um só bornal e iam municiadas tôdas com 60 cartuchos de carabina e 30 de revólver; e os cavalos não levavam malas de garupa, tendo a roupa sido distribuída pelas bolsas de limpeza; foram suprimidos alguns artigos de limpeza, pequeno equipamento, etc. As praças de infantaria e artilharia enrolavam os capotes no lençol impermeável e êste no encerado.

Estes capotes eram levados nos carros das bagagens (1).

Cada peça de montanha ia municiada com 36 tiros, cada canhão revólver com 200.

Alimentação: na marcha só se cozinharia um rancho, o da tarde; junto com êle a carne destinada ao rancho frio do dia seguinte. Tôdas as manhãs haveria distribuïção de café quente.

Ao sr. major de caçadores 3, Machado, eram deixadas instruções sôbre o abastecimento da coluna, instruções que êste oficial entregaria ao director do serviço de etapas, o major Caldas Xavier, chegado a Cumbana só a 21 de Julho.

---

(1) Faremos umas ligeiras observações sôbre uniformes: o fato de brim é inteiramente impróprio, só serve para atrair disenterias e resfriamentos. As mochilas nunca foram empregadas, nem podiam sê-lo; o seu transporte para a África não se compreende. A-pesar do rolo do capote, pesando 5 quilogr., ir nos carros, os soldados iam carregados com 20 quilogr. aproximidamente, o que é demasiado para a África. Não havia *tendas-abrigo*, inteiramente indispensáveis nas guerras coloniais. Para as substituir entregou-se a cada soldado um duplo lençol, impermeabilizado com uma solução de alumen e acetato de chumbo. A cada praça fôra distribuído um encerado de $2^{m} \times 0^{m},5$ para deitar sôbre o solo.

Estas instruções encerravam várias disposições de detalhe, que não vale a pena notar, e determinavam que o abastecimento de Amba e Chicomo se fizesse semanalmente por intermédio de combóios de carregadores. O pão torrado, vindo de Inhambane em determinadas quantidades, devia ser remetido para Chicomo diàriamente, em pequenos combóios de 15 a 20 homens.

O primeiro combóio semanal devia partir de Cumbana de modo a encontrar-se com a coluna em Coguno donde seguiria com ela até Chicomo (1).

Determinava-se em 19 a composição do segundo troço da coluna, que devia saír de Cumbana a 27, pela maneira seguinte:

Comandante, major Machado de caçadores 3; ajudante, o ajudante do batalhão, alferes Picão; cirurgião-ajudante Monterroso e 1 sargento encarregado dos víveres: 2.ª companhia de caçadores 3, capitão Moniz, 220 praças, 1 pelotão de cavalaria, tenente Pessoa — 20 cavalos— 1 secção Gruson, tenente Baptista, 13 praças, 2 peças, 7 cavalos. Cada peça Gruson levava 120 tiros.

Trem de combate — Munições, 2 carretas boeres com 40:000 cartuchos, 300 tiros Gruson (2). Ambulância, 1 carro e 10 mochilas:

Combóio — Bragagens,comando 1 carro,infantaria 4 carros, artilharia e cavalaria, 1 carro. Víveres, 1 dia de reserva, numa carreta. Acompanhavam a coluna 20 rôlos de fio de arame.

Vigoravam para esta coluna tôdas as disposições de uniformes, alimentação, etc., determinadas para a primeira.

A 19 era dada a *ordem de marcha* para a primeira coluna,

(1) Esta regularidade não pôde ser observada, mas, em regra, houve mais de um combóio por semana, porque, além dos víveres, muitas outras coisas foram enviadas, como material para casas, barracas de lona, munições, etc. Os combóios de pão nem sempre poderam seguir diàriamente. Além de carregadores, aproveitaram-se os carros, que fizeram algumas viagens.

(2) Nestas carretas iam também 70 tiros para as peças de montanha, destinados a reforçar o municiamento ido com a primeira coluna e 400 tiros destinados aos canhões-revólver e que não tinham seguido em 20 por estarem ainda no depósito da Maxixe.

de que transcreveremos parte, em seguida a umas ligeiras considerações.

Até Coguno caminhava-se entre uma zona ricamente povoada, gente amiga e inteiramente submissa. As marchas eram pois marchas *itinerárias*.

Qualquer imprevisto ataque dos vátuas teria, antes de chegar à coluna, de repelir povoações distantes, cuja fuga daria aviso muito a tempo de se tomarem as medidas necessárias. Passado Coguno, a proximidade da fronteira e o deserto do país aconselhavam mais algumas precauções, sobretudo durante o estacionamento.

Contudo, usou-se, desde o primeiro dia, de uma formação que permitia resistir ràpidamente a qualquer agressão e que consta das disposições da *ordem de marcha* a que nos referimos,

a) 1.º — Na frente tôda a *cavalaria*, deixando 1 patrulha de comunicação com a infantaria da guarda avançada.

2.º — *Guarda avançada* de infantaria (300^{m} da cavalaria) 1 secção em coluna de esquadras, de costado, caminhando pelas bermas da estrada.

3.º — *Corpo principal* (20^{m} da guarda avançada) 2 pelotões de infantaria (1) de costado, na rectaguarda das esquadras da guarda avançada. Ao centro desta coluna dupla e a altura da sua testa a secção de engenharia, depois a artilharia em coluna de secções ou de peças, conforme a largura da estrada; na frente os canhões-revólver e na rectaguarda as peças de montanha. Seguia o carro de ambulância.

4.º — *Guarda da retaguarda*, à distância necessária para dar cabimento à ambulância: 1 secção em colunas de esquadras na retaguarda das colunas do corpo principal.

b) O combóio seguia, a 1 carro de frente, 200^{m} atrás da guarda da retaguarda.

c) Os pequenos-altos e grandes-altos eram determinados na própria ocasião, pelo comandante da coluna.

---

(1) A companhia de infantaria 2 formou só um pelotão. A infantaria da coluna dispunha, pois, de três, um dos quais formava a guarda avançada e a da rectaguarda, ficando os outros dois para o corpo principal.

A distância entre Cumbana e Chicomo devia ser vencida em 6 marchas, tendo-se estabelecido 4 *postos de etapa* intermédios. Detrminaram-se também 2 dias de descanso, um no fim do 2.º dia de marcha, em Chiosane, e outro no fim do 4.º, em Coguno. Algumas das etapas eram curtas, 15 a 16 k., outras regulavam por 20 k., que já é uma marcha um pouco forte para África. A segunda era extensa de 25 a 26 k., marcha excessiva e, segundo cremos, o máximo que se pode exigir a tropas brancas apeadas, em África, sobretudo em terrenos arenosos. A falta de água da região, que era necessário ir procurar às lagoas do Inhamitande obrigou a estender esta etapa, pois era preferível maior fadiga a expor as tropas a um dia de sêde.

A natureza do solo, a extensão das etapas, a ardência do sol tornaram a marcha muito penosa. Os soldados, porém, tudo sofreram com a maior coragem e boa-vontade, animados pelos exemplos dos seus oficiais. Chegando ao Chicomo, a coluna deixara à retaguarda 60 homens, mas que, infelizmente, não eram simples *estropiados* de cansaço, senão verdadeiros doentes, vitimados pelo clima. Estes soldados ficaram em Chiosane e Coguno, com alguns medicamentos de uso simples, como o quinino. A escassez de médicos obrigou a deixar estes homens sem os recursos necessários e um dêles, em Coguno, pagou com a vida, talvez, os defeitos da organização sanitária da expedição.

Os *postos de etapa* tinham uma guarnição de 2 a 3 praças, sob o comando de um cabo, mas os postos sanitários, organizados com os doentes, ficavam: o do Chiosane sob o comando dum sargento, enquanto existissem doentes, e o do Coguno, pela sua importância, movimento e acumular com o pôsto de correspondência, ficou sob as ordens dum alferes do exército da província.

Durante o dia de descanso, em Coguno, 5.º depois da saída de Cumbana, devia juntar-se à coluna o primeiro combóio semanal de abastecimento. Só chegou à noite, e reduzido a metade, porque a outra metade dos carregadores tinha fugido abandonando as cargas. Por outro lado, os carros, sobretudo as car-

retas, desde o primeiro dia de marcha iam mostando a sua completa incapacidade para o fim a que eram destinados, pela má forma dos veículos, péssima qualidade do gado, inhabilidade e inexperiência dos improvisados carreiros. A-pesar-da assombrosa energia e violentíssimo trabalho do comandante do combóio, os carros começaram de tal modo a fraquejar que no fim do dia de descanso em Coguno ainda não tinham chegado alguns dos carros partidos de Mabecuane, a 17 k. dêste pôsto, com a coluna!

Em conseqüência dêstes transtornos, determinou o sr. coronel estacionar mais um dia em Coguno, esperando reunir todo o combóio, mas mandou seguir nêsse dia a cavalaria até Chicomo, escoltando a parte do combóio de carregadores que tinha chegado.

A 27, a coluna seguia para Chicomo, com todos os seus carros, indo pernoitar ao pôsto de Amba, onde já se bivacou em quadrado e com tôdas as precauções necessárias para se fazer face a qualquer ataque. A 28 prosseguia-se a marcha para Chicomo, tendo deixado em Amba a companhia de infantaria 2 e uma secção de canhões-revólver com o tenente Lopes. O capitão M. Cordeiro recebia ordem de fortificar o pôsto, sendo-lhe deixados alguns rolos de fio de arame, pás e machados para remoção de terras e corte de mato. O adjunto ao comando militar do Chicomo, tenente graduado Venâncio, presente em Amba, recebia ordem de fornecer os trabalhadores indígenas necessários para estes trabalhos. No pôsto ficaram 8 dias de víveres.

Às 5 horas da tarde de 28, a coluna do Chicomo chegava ao alto a cavaleiro do comando militar, escolhido para local do seu acampamento, e formou-se em quadrado, em tôrno do barracão mandado construir para abrigo de géneros e doentes e cujas exageradas dimensões (1) obrigaram a uma extensão de face demasiada.

(1) 48^m de comprido por 8^m de largo e 6^m de alto. Estas dimensões excediam de 1/3 as indicadas em Abril pelo capitão Costa.

A cavalaria, chegada na véspera, tinha tomado tôdas as precauções compatíveis com a sua fraqueza de recursos, como devia, embora os membros da *missão política* a Gaza, então no Chicomo, entendessem poder assegurar a atitude pecífica dos vátuas.

Logo que a coluna chegou foi dada a seguinte

ORDEM DE ESTACIONAMENTO

1.º — A coluna bivaca em quadrado. As faces maiores são formadas pelo 2.º pelotão da companhia de caçadores 2 e pelo esquadrão de cavalaria. As faces pequenas serão formadas pelas secções do 2.º pelotão da companhia de caçadores.

A artilharia coloca uma peça de montanha em cada ângulo. Os 2 canhões-revólver são colocados em 2 salientes em diagonal.

2.º — O serviço de segurança, durante o dia, é constituído com vedetas de cavalaria. Haverá uma guarda por face dando uma sentinela ao centro dela. De noite recolhem as vedetas; em cada face permanecerá sempre em armas ¼ da fôrça, rendida de 2 em 2 horas. As espingardas e bôcas de fogo ficarão carregadas.

3.º — Não haverá toque de recolher, mas depois do toque de *retreta* ninguém saïrá do bivaque sem autorização do oficial da ronda.

4.º — Haverá sempre um oficial de quarto, que durante o seu tempo de serviço se conservará sempre vigilante rondando amiudadas vezes tôdas as faces.

5.º — Ao toque de alvorada, às 5 horas, tôda a fôrça pegará em armas, estando assim até ao romper do dia (1).

6.º — Os carros formarão curral para o gado, adiante de um dos salientes. O acampamento dos pretos (2) ficará entre êle e o bivaque. Terá uma guarda de 15 praças.

O comandante
GALHARDO
Coronel

(1) O sol nascia então às 6 ½ horas.

(2) Eram os carregadores que ficavam para serviço do pôsto e que deviam ser regularmente reünidos.

Esta ordem foi completada com as indicações verbais necessárias. Neste mesmo dia a secção de engenharia estabelecia, em tôrno do bivaque, a uma distância média de 60^{m}, uma sebe de fio de arame farpado, que no dia seguinte era completada com outra mais distante.

Das disposições desta ordem merece reparo a que se refere ao serviço de segurança. O compo de tiro e o horizonte do bivaque era tão vasto, em tôdas as direcções, que um pequeno número de vedetas era mais que suficiente para prevenir, a tempo. de qualquer agressão que, além disto, encontraria sempre as guardas das faces, bastante numerosas, inteiramente preparadas a recebê-la. De noite estabelecia-se o sistema iniciado no dia seguinte ao combate de Marracuene e que tão bons resultados deu sempre. É verdade que as outras nações não o usam, talvez pelo amor da *rotina*, e também, sem dúvida, porque êle aumenta a fadiga das tropas. Mas preconizado por Peroz e empregado já em 1890 nas linhas de defesa de Kotonou, ficou definitivamnte consagrado na campanha de 1895. Nada de melhor conhecemos para assegurar uma coluna contra as surprêsas nocturnas dos cafres.

Pode também causar estranheza a colocação duma guarda ao acampamento dos indígenas. Tal precaução era absolutamente necessária para conservar estes homens.

Todos os outros meios empregados, recompensas, castigos, etc., tinham sido inteiramente impotentes para conter a deserção e pode dizer-se, sem exagêro, que a coluna renovara diàriamente os carregadores que a acompanhavam, substituindo por gente das povoações atravessadas os que lhe iam fugindo.

Estava ocupada a linha do Inharrime, na sua parte vulnerável (1), e satisfeito assim o primeiro objectivo designado aos

(1) O curso do Inharrime de Amba para baixo, nunca tem menos de 300 a 400^{m} de largura e não dá vau, senão na sua foz na lagoa de Coolela Constitue uma linha de defesa que os vátuas não podiam passar, pois que não há embarcações, a não ser umas insignificantes e pouco numerosas *casquinhas*,

esforços da coluna de Inhambane. Além disto, desenhava-se também a atitude espectante, mas ameaçadora, que o Sr. Comissário Régio entendera dever tomar para fazer pressão sôbre as negociações entaboladas, desde poucos dias.

Tinha, pois de se esperar o resultado dessas negociações e aproveitar o tempo para reformar os meios de transporte, absolutamente incapazes de satisfazer as necessidades da coluna, se ela tivesse de operar entre o Chicomo e o Chengane. Entrava-se num período de demorada estação, cheia de mortal ansiedade para todos, mas cortada de incidentes, dos quais narraremos todos os que tiveram influência na organização e futuras operações da coluna.

A 29 de Junho o chefe do serviço de engenharia recebia ordens verbais sôbre a fortificação a fazer no Chicomo: era-lhe assim ordenado a construção dum reduto quadrado de 66^m de face, tendo nos 2 salientes S O e N. E, tambores ou baluartes semi-circulares de 10^m de diâmetro, destinados ao flanqueamento (1). A 30, os trabalhadores indígenas, dirigidos pelas praças de engenharia, comandadas pelo 1.º sargento Chagas, e vigiados por retens de infantaria começaram os trabalhos necessários.

Pelas 9 ½ horas da noite dêste mesmo dia, quando tudo estava já deitado, excepto o comandante e o seu estado maior, rebentou, sùbitamente, fogo no barracão central, rompendo longas línguas de chamas do lado norte, onde a cavalaria tinha o seu bivaque; num instante tudo estava a pé, e uma indisível angústia se apossou de todos os corações que viam no incêndio uma catástrofe de fatais conseqüências para a coluna; junto do malfadado barracão, e esperando a construção dum paiol provisório, amontoavam-se os cunhetes cuja explosão tanta gente podia vitimar; ao abrigo da confusão inevitável, poderiam os vátuas

feitas de casca de árvores. O vau era defendido pelo forte de Inharrime, que não tinha guarnição, mas que a podia receber a tempo.

(1) Não descrevo estas fortificações porque o meu camarada Couceiro já sôbre elas deu indicações suficientes.

tentar um ataque, de desastrosos resultados; no próprio barracão, enfim, estavam ameaçados de morte os nossos doentes, expostos a completa destruição os víveres duma semana, os medicamentos dum mês, e tôdas as ferramentas que se tinham podido arranjar no distrito. Todos estes perigos foram previstos, mas nem todos puderam ser conjurados. Os doentes, entre os quais não havia nenhum de gravidade (1), saíram imediatamente sem precisarem de auxílio estranho; 2 oficiais, o capitão Machado, de artilharia, e o alferes de cavalaria Raúl Costa, lançaram-se aos cunhetes, alguns dos quais pesavam 100 k. e, um a um, em perigo iminente de serem vítimas da sua dedicação, arrojaram-os para longe da imensa fornalha que, em menos tempo do que o levado a contá-lo, abrazara dum extremo a outro o enorme barracão.

Não escapara ao comando a possibilidade dum ataque, se fôrças vátuas estivessem perto e se os seus sentimentos hostis se tivessem exacerbado com a presença de tropas brancas tão próximo do seu território; por isso, imediatamente ao aparecimento do incêndio, fizera-se ouvir o toque de alarme e o chefe de estado maior partia a vigiar pela imediata e completa execução desta importantíssima ordem. As faces formaram-se com absoluta rapidez, conservando-se nos seus lugares, excepto a cavalaria, que tendo todo o seu bivaque em fogo, foi obrigada a tomar posição no prolongamento da face Leste. Medicamentos, víveres, ferramentas tudo ardeu, porque a rapidez do fogo não permitiu salvar senão insignificantes coisas.

Os cavalos presos às cordas de piquete forcejavam por fugir; algumas praças, sobretudo o ferrador-forjador Cardoso, soltaram-nos a tempo, mas o bando dêstes animais, correndo loucos de terror por dentro da sebe de fio de arame, ameaçava dum novo perigo tudo o que estava no local e trazia-nos à memória um dos mais dolorosos episódios dêsse *Champ de la misére* da ilha de Mosa (2); felizmente conseguiram romper o obstáculo e a maior parte espalhou-se pelos campos.

Uma hora depois de começar o incêndio só umas cinzas fumegantes atestavam a passagem do terrível elemento, mas a coluna reduzida ao dia de víveres — já distribuído pelas unidades — sem medicamentos para os seus numerosos doentes, sem um só instrumento cirúrgico capaz

(1) Entre os doentes estava o alferes de caçadores 3 Costa e Silva, mais tarde ferido em Coolela.

(2) Episódio que Zola descreve na «Debacle».

de valer a um acidente (1), sem ferramentas que a ajudassem a fortificar-se na sua posição arriscada, tendo-lhe fugido 30 cavalos, podia avaliar bem a grandeza do desastre. À mesma hora, porém, tôdas as providências possíveis eram tomadas; e 2 soldados de cavalaria partiam para Amba e Coguno com despachos que ordenavam ao capitão Matos Cordeiro que enviasse parte dos víveres disponíveis e ao alferes Piedade que fizesse reunir todos os géneros abandonados, pelo primeiro combóio, próximo de Cogumo. As mesmas praças levaram telegramas para o director de etapas prevenindo-o do desastre e ordenando-lhe que providenciasse e comunicava-se também o facto ao sr. Comissário Régio.

O tenente Ornelas, membro da *missão política* a Gaza e que estava no Comando Militar, no sopé da colina onde acampara a coluna, apresentara-se imediatamente ao aparecimento do fogo, oferecendo os seus serviços, voltando sem demora a baixo a-fim-de observar, pela atitude dos enviados do Gungunhana, se haveria algum ataque a temer. Esta bem depressa lhe assegurou das suas intenções pacíficas, mas tendo aparecido, na outra margem, um pequeno grupo de vátuas armados, que vinham à descoberta, atraídos pelo incêndio, e que desejavam saber dos seus chefes, volta novamente ao bivaque a informar de tudo, acrescentando que o explodir dos cartuchos, pertencentes às praças doentes e encerrados nos armazéns de algumas carabinas de cavalaria, parecia ter convencido os negros de que tinhamos perdido *tôdas as munições*.

Por isso, no dia seguinte, o toque de alvorada era precedido dum tiro de canhão, disposição que sempre se continuou, e que produziu o efeito desejado mostrando aos vátuas que dispúnhamos de tanta pólvora que até a podíamos assim desperdiçar.

No dia seguinte chegaram alguns víveres de Amba e Coguno, e

---

(1) O incêndio ia mais tarde custar a vida a um bravo. No dia 5 de Agôsto quando à hora da *retreta* se carregavam as bôcas de fogo, uma imprudência fazia partir um tiro de lanterneta dum canhão-revólver que ía ferir o soldado 8 da bataria de montanha, impedido do capitão Machado, e que pouco distante vigiava o jantar dos seus oficiais. Uma bala produzia-lhe fractura cominativa da côxa esquerda, necessitando amputação imediata. O único médico presente cirurgião-mor Barbosa, perigosamente doente, estava pronto a fazê-la, -apesar-do seu estado, mas não dispunha dum único instrumento e por isso, feito um penso rudimentar, o soldado foi evacuado para Inhambane, onde morreu. Era a mais exemplar praça da bataria e um bravo que tinha a medalha de *valor militar* pela sua heróica conduta em Marracuene. A sua morte, sentida de todos, foi especialmente lastimada pelos oficiais da bataria, por quem o pobre morto tinha uma admirável dedicação.

daí por diante todos os dias chegavam algumas das cargas do primeiro combóio, que o infatigável C. Xavier fazia reunir à coluna, desde que o comando lhe participara de Coguno a deserção a que já nos referimos. Êste mesmo oficial, redobrando de actividade logo que teve conhecimento do desastre, fazia adiantar de 3 dias a partida do 3.º combóio semanal, duplicava e triplicava os fornecimentos e tomava providências tão acertadas para impedir a deserção dos carregadores que esta deminuíu muitíssimo (1); enfim pode-se dizer que êle conjurou, nesta ocasião, a fome.

No mesmo dia 31 de Agôsto, e na previsão duma penúria de alguns dias, que parecia provável, o coronel Galhardo tratou de angariar alguns mantimentos das povoações vátuas fronteiras, a troco de fazendas, o que se conseguiu, graças à influência do Conselheiro Almeida; comprou-se assim algumas arrôbas de batata dôce e raízes de mandioca que, felizmente, apenas foram empregadas no sustento dos trabalhadores indígenas.

Os cavalos fugidos foram quási todos ter a Amba, onde os agarraram. Apenas 4 desapareceram e ainda 6 morreram no incêndio ou como conseqüência dêle.

As fôlhas dos machados, serras e pás, a-pesar-de destemperadas, foram imediatamente *encabadas* de novo, para servirem provisòriamente até a chegada de novas ferramentas, encomendadas para Lourenço Marques.

As perdas em munições e armamento foram insignificantes, sendo contudo um pouco mais fortes na cavalaria — no bivaque da qual começou o incêndio dum modo desconhecido e de certeza casual — onde houve 8 a 10 carabinas perdidas, um certo número de espadas, correias, etc. Oficiais e praças perderam objectos do fardamento, e equipamento.

A não ser no esquadrão, tudo, sôbre êste assunto, se remediou

---

(1) O major Caldas Xavier começou por fazer mostrar a todos os régulos que as deserções da sua gente seriam punidas, fazendo aboletar nas povoações dos delinqüentes tropa de cipais ou guerra preta, que, como êles sabiam, lhe devastaria em pouco tempo, todos os seus haveres; comprometendo-se ao mesmo tempo, em não dar mais de 15 dias de serviço a cada troço, o que por caso algum foi alterado. Fêz ainda todos os esforços para que as cargas não pezassem mais de 25kg e que tivessem forma conveniente para o seu transporte à cabeça. Conhecendo bem a índole da gente do distrito, pagava-lhe quási sempre adiantado, o que era para êles — na sua simples honestidade — mais uma obrigação de executar o serviço imposto.

sem auxílio de fora. Para suprir as faltas da cavalaria partiu no dia seguinte para Inhambane o capitão Mousinho, acompanhado de 2 praças, a-fim-de sacar das reservas ali deixadas o que fôsse possível.

Tendo-se perdido todos os medicamentos, os oficiais ofereceram as suas pequenas farmácias particulares.

De Cumbana, o capitão Sarsfield apressou-se a mandar quanto lhe era possível. Contudo, a costumada fraqueza de recursos de farmácia trouxe para a coluna uma penúria muito prejudicial para o estado sanitário, a-pesar-da chegada, a 8 ou 9 de Agôsto, do cirurgião-ajudante Monterroso, acompanhado de alguns medicamentos.

Eis descrito, a largos traços, o que se chama o *incêndio do Chicomo* e que informações extra-oficiais chegaram a pintar como um desastre irreparável, comprometendo totalmente o êxito da expedição.

Não o foi, graças à Providência, e às rápidas e acertadas medidas do comando e à infatigável actividade do director de etapas, mas, demorando a fortificação do pôsto, consumindo cavalos, prejudicando o estado sanitário e atrasando o abastecimento da coluna, influiu nas operações. Isto justificava a sua narração ainda mesmo que êste incêndio não fôsse, como foi, o mais emocionante espectáculo que presenciaram todos aqueles que faziam parte da coluna de que somos os historiadores.

A 3 de Agôsto, chegava a Chicomo a coluna do major Machado. Fizera tôda esta penosa marcha sem médico, porque o único disponível para o acompanhar, Monterroso, adoecera gravemente e, como já dissemos, só pôde reunir a 8 ou 9 de Agôsto (1). Dêste modo fôra o major Machado obrigado a deixar em Chiosane e Coguno os seus doentes abandonados de qualquer socorro médico.

O bivaque modificou-se, tomando a forma dum quadrado perfeito, cada face sendo formada por um pelotão de caçadores. A cavalaria continuava do lado norte, mas à retaguarda e paralelamente ao 2.º pelotão da 2.ª companhia de caçadores 3, que

(1) Com o cirurgião Monterroso veio o alferes Sarrea substituir o aspirante da Administração Militar Correia, que de Coguno fôra mandado recolher a Cumbana. Durante êste intervalo estivera encarregado dos víveres o alferes Moreira, de infantaria 2.

formou a face norte. As 2 Gruson distribuïram-se pelos ângulos sem tambores. Nestes estavam já os canhões-revolver.

Entretanto, as negociações entaboladas no Chicomo iam prosseguindo, mas sem adiantarem; a tôdas as exigências postas pelos agentes portugueses e que os enviados do Gungunhana lhe transmitiam imediatamente, respondia êste com muitas promessas, pouco positivas, mas instando — fazendo acompanhar o pedido com o da sua mãi, Impimiocazano, mulher que nos era afeiçoada — para que aqueles fôssem a Manjacaze tratar do grave *milando* (1) que seria resolvido a contento do rei.

Em conseqüência destas boas disposições a *missão política* partia para Manjacaze a 4 de Agôsto, levando como escolta, por ordem do Sr. Comissário Régio, um pelotão de cavalaria, comandado pelo alferes Lôbo.

A escolta, já se vê, não tinha em vista *guardar a missão*, nada ameaçada, atendendo ao grande prestígio pessoal do Conselheiro Almeida entre os vátuas, e para o que seria menos do que insuficiente, mas visava a mostrar uma parte da cavalaria, arma pouco conhecida entre os vátuas e que por isso êles temeriam mais.

O tempo das negociações foi aproveitado para a reforma do material de transporte.

Para êste assunto se desviara logo a proficiente atenção do major Caldas Xavier: provada já a inutilidade das carretas boeres pediu êle, logo a 4 de Agôsto, que elas fôssem desarmadas, para se lhes aproveitarem os rodados. Ao mesmo tempo montava, em Cumbana, oficinas de carpintaria e serralharia com os artífices da coluna (2), onde mandara desde logo fazer caixas leves (3), destinadas não só a êsses rodados

(1) *Milando*, em linguagem gentílica, designa todo o litígio, quer de administração, quer de justiça, quer de política.

(2) A coluna dispunha, ao todo, de 1 correeiro, 1 coronheiro e 1 serralheiro. As expedições africanas devem ser mais fortemente providas de artífices do que as colunas europeias, porque não há naquele continente os recursos industriais e artísticos que aqui se encontram a cada passo.

(3) Estas caixas eram feitas com uns simples, mas fortes, caixilhos de *pitchpine* recobertos de *laca-laca*. Os intervalos entre as grades era tal que nenhum objecto dos que constituíam a carga habitual podia caír por êles, rôto que fôsse o revestimento de *laca-laca*.

como a outros novos e a substituir a maioria das caixas dos carros pequenos, que eram demasiado pesadas.

Chamado a Inhambane, pelo Sr. Comissário Régio, a-fim-de informar de que maneira se podia completar o material de transportes enviado já no *mínimo* — e fortemente reduzido pelo abandono das carretas — calculava como sendo preciso 75 carros pequenos (carregando 34 toneladas) para os quais era necessário comprar, no Natal, 40 pares de rodados para acrescentar aos já existentes.

Estes carros exigiam 400 bois, sendo cada um puxado a 2 juntas, e tendo 1 só boi de reserva. Na ocasião, o serviço de transportes possuía apenas 200 dêstes animais, reduzidos a um estado lastimável de fraqueza.

Apressou-se a comunicar ao comando as suas idéias, que foram aprovadas, e, ao mesmo tempo, o Sr. Comissário Régio também notiçiava que as aprovava e que ía providenciar para as tornar efectivas.

Êste material era calculado para o caso da coluna do Chicomo operar até à foz do Chengane, a-fim-de se apoderar dêste ponto importante.

Com tal rapidez procedeu aquêle oficial, que a 25 de Agôsto estavam prontos 33 carros, tendo-se aproveitado só as rodas grandes das carretas, porque as pequenas davam uma tracção dificílima. A maioria das caixas dos carros pequenos tinha sido substituída. Conservavam-se, porém, intactos os carros alentejanos idos com o esquadrão, que, a-pezar-de pesados, eram muito próprios, pela sua forma, ao transporte de doentes. Infelizmente o número de bois ia deminuindo sempre, estando reduzido a 185.

No decorrer do mês de Agôsto, começou a fazer-se sentir a influência do clima e dum demorado estacionamento em alojamentos tão primitivos. O estado sanitário, sem ser ainda mau, começava a não estar bom. A 7 havia já 1/7 do efectivo doente — 120 homens — mas êste número foi sucessivamente agravando-se. A quadra era má; as emanações dos pântanos, quási sêcos, não tinham, é certo, a virulência miasmática de Março ou Abril, mas o tempo era excessivamente húmido, e os densos nevoeiros — o terrível *cacimbo* — começando ainda de noite, duravam até o sol ir alto, 8 e 9 horas da manhã. Os ligeiros

abrigos, construídos primeiro com os lençóis impermeáveis e depois com cobertos de colmo, quási não resistiam à penetração desta enorme humidade, que, de resto, oficiais e praças apanhavam a pé firme, pegando em armas às 5 horas da manhã. Quando, sol nado, as fôrças destroçavam, acendiam-se numerosas fogueiras — proïbidas até então por medida de segurança — e em tôrno a elas via-se enxugar botas encharcadas, como pela passagem dum vau, capotes escorrendo em água, como se estivessem expostos a grossas bátegas de chuva. De dia calor intenso, durante a noite frio áspero, de que mal abrigavam as grossas mantas vindas da Europa e transportadas até ao Chicomo. Quando mais tarde chegou o verdadeiro tempo das operações activas na nossa África Oriental, Setembro e Outubro, tempo sêco, pântanos inteiramente enxutos e as *palhas* queimadas, estava a coluna já depauperada por um longo estacionamento, em tão más circunstâncias, e não pôde aproveitar, por completo, destas melhores condições.

Para agravar o estado sanitário concorria fortemente a falta de *enfermaria;* depois do incêndio do barracão construíra-se apenas, com aquêle fim, uma pequena *palhota* com cinco lugares; os restantes doentes eram tratados nos seus miseráveis abrigos. A 21 evacuaram-se para Inhambane, em cinco carros, uns quinze doentes, mas a dificuldade e incomodidade do transporte só permitia que essa evacuação fôsse proveitosa, para os convalescentes precisando mudar de ares, ou para os casos crónicos, não perigando com estas marchas. Nunca mais se repetiu senão depois da expedição a Manjacaze.

Se em Chicomo a situação sanitária não era boa, no pôsto de Amba era pior. Aquêle lugar era, sem dúvida, mais insalubre, talvez por causa das águas; a média dos doentes regulou ali sempre por 50 % do efectivo total, proporção que no Chicomo nunca chegou a haver, mesmo no fim da campanha.

Pelos meados de Agôsto, morreram de repente 3 cavalos. E daí por diante as mortes dos cavalos foram quási diárias. Na

ausência do veterinário (1), o ferrador-forjador — homem dedicado e prático, mas de poucas luzes — diagnosticava de congestões hepáticas ou pulmonares, atribuindo-as às intempéries do clima, de que uns toldos de lona mal resguardavam, e aos efeitos duma má alimentação (2). Tudo era verdade e de-certo estas causas muito concorreram para a espantosa mortalidade do gado cavalar, mas os oficiais, que alguma cousa conheciam do clima da África Austral, não tiveram dúvida em reconhecer o aparecimento da *horsesickness*, a terrível doença que por ano vitima dezenas de milhares de cavalos, cujas causas são quási desconhecidas e para a qual ainda não foi possível descobrir remédio eficaz. Era mais uma calamidade que caía sôbre a coluna de Chicomo, assim ameaçada de ficar sem cavalaria e sem transporte para as suas bôcas de fogo. A primeira destas armas ficou reduzida, é certo, a uma quási impotência, a segunda, felizmente, conservou quási intactas as suas equipagens, não só porque o gado muar resistiu incomparàvelmente melhor, como porque os cavalos a ela distribuídos, com nota de incapacidade, ofereceram mais fôrça de resistência à doença, talvez por que fôssem *salgados* (3), o que se não sabe ao certo.

As negociações, empreendidas em Manjacaze, abortavam perante a obstinação, senão duplicidade, do régulo. Na primeira *banja*, — espécie de reünião de notáveis do império de Gaza, em que só entravam

---

(1) O veterinário do esquadrão, homem velho e valetudinário, ficara em Cumbana, donde, pouco depois, seguiu para Inhambane e daí para o reino, sem ter feito serviço algum, mas a falta dum veterinário capaz de arrostar com o clima e trabalhos da expedição tornou-se bem sensível.

(2) O sr. coronel Galhardo fizera seguir para Inhambane uma grande remessa de aveia, atendendo a que a escassez das colheitas, já mencionada pelo chefe de estado maior, oferecia poucos recursos em milho, único produto do país, servindo para forragens sêcas. Depois dêle seguir para Inhambane, não se repetiram as remessas. O governador de Inhambane informara que havia muito milho. Efectivamente havia, mas era *todo de anos anteriores*, furado e sêco, e os cavalos, a-pesar-da sua penúria, mal lhe pegavam.

(3) Chamam-se assim aos cavalos *vaccinados* pela doença; oferecem maior resistência à sua repetição, mas ficam magros, cansados e doentes.

homens da mais pura raça *anguni* — os enviados portugueses expozeram tôdas as exigências do seu govêrno, mostraram a necessidade do régulo a elas se sujeitar e o perigo a que se expunha não obedecendo a estas intimações, que, em resumo, eram as seguintes: entregar os régulos rebeldes, pagar tributo, fixado em 10$000 libras anuais, não impedir por forma alguma, como até ali tinha feito, a cobrança de licenças aos negociantes *baneanes* e *mouros*, espalhados pelas terras de Gaza, abrir as estradas carreteiras que lhe fôssem indicadas, e não impedir o estabelecimento de linhas telegráficas e a construção de postos militares fortificados. Ouviu o régulo a opinião dos seus conselheiros mais importantes que, quási todos, com os seus tios Tchambui e Cuio à frente, opinaram pela necessidade de obedecer ao rei; ouviu, repetimos, e pareceu resolvido a submeter-se.

Mas, nas *banjas* subseqüentes, o régulo, definindo mais claramente as suas intenções, declarou subscrever tôdas as condições, excepto a da entrega dos rebeldes; debalde insistiram, até a injúria humilhante e pública, os enviados portugueses, debalde os tios, em tom duro, lhe exprobaram a sua teimozia que ia expor o país à desolação e à ruína, por 2 reles *ma-tonga* (1).

A tudo resistiu argumentando — com o estabelecimento do pôsto da Cossine e a presença da coluna do Chicomo — que bem via que o *rei* lhe queria por fôrça fazer guerra, quer êle se submetesse ou não às suas intimações e que, portanto, preferia não entregar os seus irmãos e *poder ir, quando morresse, de cabeça erguida para junto do Muzila.* A frase era nobre, mas não tanto as intenções do régulo, porque no fim, parecendo ceder, declarava que entregaria os rebeldes, mas só quando *a maior parte das fôrças brancas tivessem retirado das suas fronteiras,* dando, contudo, desde já como reféns Cemango, *induna* (2) grande de Manjacaze e Mbou-bou, *induna* grande de Uduengo (feudo de Muzila).

Assim o régulo queria fugir à humilhação por novas dilações astuciosas e encontrava, amedrontado já, fôrça suficiente no seu orgulho para responder, por uma forma quási cominatória, às exigências do seu suzerano. Êrros anteriores e fraquezas passadas, tinham-no acostumado a não nos temer e a-pesar-de possuir o suficiente bom-senso para ver

---

(1) Nome desprezível que os vátuas davam a todos os povos vencidos e cuja significação quere dizer *cães.*

(2) *Induna* ou antes *n'duna* designa todos os grandes cargos, quer administrativos quer militares.

que de ameaçados nos havíamos tornado em ameaçadores, julgava ainda que as dificuldades do país e do clima, combinadas com o seu sistema de *ganhar* tempo poderiam fazer baixar as nossas exigências. Assim o entendeu o Sr. Comissário Régio que mandou retirar a *missão política* e sustar as negociações (1), mas como a coluna não estava pronta a marchar, por falta de transportes, encarregou o Sr. Coronel de insistir pela entrega dos rebeldes, dando um prazo certo.

Por 2 vezes, foi repetida aos enviados do Gungunhana a ordem positiva de entregar Matibejana e Mahazul. Da segunda vez, a 7 de Setembro, a intimação tomou a forma dum *ultimatum: dentro de 8 dias, estariam entregues os rebeldes ou, como refens, os dois indunas Zaba e Manhune* (2); *no caso contrário, no dia seguinte as terras de Gaza seriam invadidas.*

Expirou o prazo marcado a 14 de Setembro, e a 15 teve lugar a primeira incursão ou razia além Chicomo; antes, porém, de a narrar precisamos referir-nos a alguns factos anteriores relacionados com as operações.

Para concertar com o Sr. Conselheiro António Enes no modo de tomar a ofensiva, com o menor número possível de carros, e ainda para outros fins particulares, partiu para Inhambane, a 28 de Agôsto, o coronel Galhardo, com o seu ajudante. A 6 de Setembro estava de volta, acompanhado do tenente Pinheiro de caçadores 3, substituindo o ajudante Madeira que ficara em Inhambane. Na véspera haviam chegado o facultativo naval de 1.ª classe Rodrigues Braga e cirurgião-mor Mascarenhas de Melo, médicos ao serviço da Cruz Vermelha, trazendo grande quantidade de medicamentos e de magníficas

---

(1) A *missão* e a sua escolta estavam de regresso a 22 de Agôsto.

A escolta sofrera muito com a sua estada em Manjacaze, a-pesar-de homens e cavalos terem melhores abrigos de que no Chicomo. De 24 cavalos 8 haviam morrido; outras tantas praças vinham doentes.

(2) Zaba era o 1.º *secretário* do régulo; era a sua primeira autoridade, mas sem grande influência pessoal. Parecia vivo e bem disposto para com os portugueses. Manhune, a alma danada do régulo, incitava-o sempre contra nós. Escolhera-se estes nomes, exactamente por se saber a repugnância que o Gungunhana teria em entregá-los.

dietas, e três barracas Tollet destinadas à montagem duma *enfermaria* (1). Era um grande auxílio para os nossos doentes, auxílio duplicado pela inteligência e actividade dos 2 novos clínicos, dignos companheiros por estas qualidades dos que a coluna tinha ao seu serviço. A *enfermaria* ficou instalada a 25 do mesmo mês.

Data da conferência de Inhambane, segundo cremos, uma nova resolução. A estação adiantava-se; os carros, para os quais se esperavam os rodados do Natal, só estariam prontos no fim de Setembro; o número de bois necessários ia sempre aumentando (2). Começava portanto a fazer-se sentir a impossibilidade de demorar as operações para além Chicomo, como o exigia a ocupação da foz do Chengane, obrigando à criação e abastecimento de 2 postos; um ali e outro em Manjacaze, ou em sítio mais apropriado, enquanto não estivesse assegurado, pelo Limpopo, o abastecimento do primeiro dêles.

Resolveu-se então limitar as operações a uma expedição sôbre Manjacaze, que se queimaria. Se os vátuas fugissem sem combate, o golpe não seria completo, mas esta fuga e o incêndio do *curral* do poderosíssimo régulo deminuiriam em muito o seu prestígio e fariam destacar, do seu lado, muitos dos seus apaniguados e vassalos, só contidos pelo mêdo do seu, até então, incontestado poderio. Se, porém — caso mais provável, atendendo à bravura e filáucia dos *mangune* — as hostes do Gungunhana se atravessassem no nosso caminho, o seu desbarato representaria um golpe decisivo nos destinos do império do Muzila.

---

(1) 2 destas barracas eram de parede dupla com 18m × 6m, acomodavam 60 a 70 camas. Eram muito próprias para enfermaria. A 3.ª, duma só parede, era pequena e menos cómoda; serviu contudo de enfermaria para sargentos.

(2) Viera em fins de Agôsto, ou princípio de Setembro, uma nova remessa de 100 bois que mal chegou para tapar as baixas produzidas pelos mortos por doença e pelos abates para consumo. A coluna do Chicomo, com 800 homens, apenas recebera durante o mês de Agôsto 6 vitelos do Inharrime, destinados a alimentação! Pode-se calcular quantos bois de tracção não tinham ido parar aos caldeiros.

Com as fôrças ainda estacionadas em Cumbana, podia-se, deixando guarnecidos fortemente Amba e Chicomo, organizar ainda uma coluna de 1:000 homens, 6 bôcas de fogo e 50 cavalos. Essa coluna, atendendo às dificuldades do terreno e fraco andamento dos carros, podia levar 3 a 4 dias a chegar a Manjacaze; repouso, combates e volta, enfim, tudo isto levaria uns 10 dias. Nas circunstâncias em que se devia realizar a expedição, era de tôda a conveniência que a coluna levasse consigo todos os víveres, munições, etc. necessários para êste período, para não precisar de outros combóios. Nestas condições, o Sr. coronel Galhardo calculou necessários 50 a 60 carros, e pediu para êles mais 250 bois, a-fim-de poder contar, com segurança, no seu material de transporte. A expedição foi, pois, adiada para os princípios de Outubro, mas para que o *ultimatum* não ficasse apenas em palavras, decidiu-se o comando a fazer algumas incursões a curta distância, em território de Gaza, logo que expirasse o prazo marcado.

No referido dia 14 terminava-se uma ponte de cavaletes sôbre o Chicomo, ponte construída mais com o fim de tornar ostensivos os nossos projectos de ofensiva do que com absoluta necessidade. Era ainda a 14 que chegava ao acampamento a comunicação do glorioso combate de Magul e ordem da dissolução da *missão política*, apresentando-se o tenente Ornelas ao comando, onde era adjunto ao chefe do estado maior.

A 15, às 9 horas da manhã, tendo formado tôda a coluna, foi-lhe comunicada a notícia da vitória das fôrças de Lourenço Marques e a necessidade de fazer sentir ao régulo, enquanto se não ía a Manjacaze, que a coluna do norte não estava menos disposta a agredi-lo e provocá-lo. Dividiram-se as fôrças em 2 colunas, tendo cada uma: 1 companhia de caçadores, 2 bôcas de fogo e 15 a 20 cavalos. Passaram ambas a ponte, dirigindo-se a do comando do sr. coronel para jusante e a do sr. major Machado a montante; a primeira destruíu uma grande povoação de 90 palhotas, Aefu, espécie de mercado da região que estava

atulhado de milho, mandioca, etc.; os *cipais* (1), que acompanharam a coluna, pilharam o que puderam, mas muito mantimento teve de ser abandonado ao fogo. A resistência fôra nula, a cavalaria apreendera 40 bois e 60 cabeças de gado caprino. A segunda coluna procedia do mesmo modo. O país ficara devastado numa área de 8 a 9 k. de raio. À tarde regressavam as colunas; pouco depois, divisava-se a 1.500 ou 1.200^{m} um grande grupo de indígenas que, naturalmente, vinham em exploradores. Duas granadas, adrede apontadas, pelo capitão Machado, punha-os em rápida fuga.

A 20 nova razia, seguida dos mesmos efeitos.

Na véspera ainda 2 enviados do Gungunhana vinham *parlamentar*. O coronel despediu-os, dizendo-lhe, que por favor os deixava regressar em paz, mas que podiam participar ao régulo que a guerra só terminaria quando êle entregasse os rebeldes.

Entretanto, os tímidos *cipais* de Mocumby, que em número de 100 faziam serviço no Chicomo, enchiam-se de ânimo e todos os dias faziam excursões no território vátua. Se, porém, de alguma moita cerrada, lobrigavam o *escudo* dum *anguni* fugiam desapoderadamente até se colocarem sob a protecção das espingardas do acampamento. Tal era o terror que estes homens inspiravam aos outros negros.

Preparando a ofensiva de Outubro, a 3.ª companhia de caçadores 3, capitão Alves, recebia a 16 ordem de reunir ao Chicomo onde chegava a 22, com 50 praças. O resto ou estava já no Chicomo, encorporado nas outras companhias, ou ficara doente em Cumbane e Inhambane. Com a companhia vinham o capitão de artilharia Oom e 2 peças de montanha atreladas a carros, que ficaram no pôsto de Amba, de que aquêle oficial assumiu o comando. A 20 saíu de Cumbane a 4.ª companhia,

---

(1) Chamam-se vulgarmente *cipais* aos irregulares do distrito, quando armados em guerra. O seu nome oficial é de *caçadores* de que não usamos para evitar confusões.

capitão Sarsfield, que chegava a 24 a Coguno, onde acampava, para não acumular mais o acampamento do Chicomo, já muito apertado. As últimas 2 peças de montanha que acompanhavam esta companhia vieram para o Chicomo a-fim-de guarnecerem o reduto. Êste era acabado no mesmo dia 24.

Esta construção demorara-se assim quási 2 meses. A culpa era da péssima qualidade dos trabalhadores indígenas, que nada produzem, da falta de praças habilitadas de engenharia que os pudessem dirigir e de boas e numerosas ferramentas. As praças brancas nunca foram empregadas na remoção de terras.

O pôsto de Chicomo sugere-nos algumas considerações.

A sua forma e o seu acabamento merecem muitos reparos, mas como estes exigiriam, em contraposição, indicação dos nossos alvitres e ideias, estenderíamos muito êste estudo, que não pretende senão dar uma sucinta ideia da campanha.

As nossas críticas incidirão sôbre a grandeza e conveniência da sua construção.

O pôsto do Chicomo não tem razões militares ou administrativas de existência. As suas comunicações com a retaguarda, se a guerra fôsse demorada, tornavam-se muito difíceis e perigosas; não dominava senão um vau do rio, quando êste dava passagem, tanto a montante como a jusante, sem que o pôsto a pudesse impedir.

Administrativamente, estava numa região deserta, e a autoridade, que nêle residia, sem acção directa sôbre os povos administrados.

Só sob o ponto de vista político se percebe a fundação do comando militar do Chicomo, afirmativa da nossa posse até êsse ponto. Era ainda por *política* que a coluna ali acampara, mostrando por êste modo que estava disposta a invadir, na primeira ocasião, o território vátua, e a defender até aos seus extremos limites o país que nos prestava obediência. Mas nenhum dêstes fins pedia a construção dum forte quadrado com 220^{m} de linha de fuzilaria, exigindo uma guarnição *mínima* de 120 a 150 homens. Para *afirmar* a nossa posse, bastava um pequeno forte, que fôsse *realmente* forte, em vez de uma dúzia de palhotas, sem defesa, nem guarnição, pomposamente chamadas *comando militar*. Para *afirmar* os nossos desígnios, fazendo acampar, na fronteira, a coluna, também não era preciso conservá-la num reduto que, grande

de mais para pôsto, era acanhado para nêle se conter tôda a fôrça (1). A marcha de avanço, para Gaza trazia, é certo, a necessidade de aí se construir um *pôsto de etapa,* mas reduzido e pequeno; apenas o necessário para dar protecção aos combóios em descanso. Nada mais.

Pelo contrário o forte de Amba, construído de maneira idêntica — mas muito mais bem acabado — tinha apenas 70m de magistral, quando tudo indicava que êle devia ser maior. Efectivamente estando situado no limite da navegação fácil do Inharrime, era uma 2.ª *base da etapa* de primeira ordem, porque o seu abastecimento, pela estrada Cumbana - Inharrime e pelo rio, não exigia *um único homem para segurança dessa linha de comunicações:* era, portanto, conveniente abrigar nêsse pôsto grandes armazéns de abastecimentos, enfermarias de evacuação, etc.

A 10 de Setembro flutuava, enfim, no Inharrime, o escaler a vapor *Lisboa,* que saíra da Mutamba a 10 de Julho e que percorreu os 70 k., que separam estes 2 pontos, em zôrras do material Decauville, arrastadas por pretos e tendo-se prèviamente separado a máquina (2).

Pouco depois chegavam ainda a Inharrime, às costas de pretos, três lanchas chatas construídas em Cumbana por ordem do major C. Xavier, tendo a capacidade de 4 a 6 toneladas. Por conta do govêrno, navegavam no rio, há tempo, 2 lanchas de quilha, comportando juntas 20 toneladas e que tinham sido empregadas no transporte do material para as 3 casas de zinco destinadas aos postos de Chicomo e Amba. Com estes elementos, pediu o major director de etapas autorização para mudar a linha de etapas para a estrada Cumbana - Inharrime e de aí seguir a via fluvial até Amba. Para reforçar o rendimento desta linha ou acudir às suas interrupções (3), era estabelecida uma linha de etapas, por terra, pela estrada Inharrime - Coguno, servindo de postos

---

(1) Não queremos dizer que era dispensável fortificar o acampamento: a nossa opinião é exactamente o contrário; mas julgamos que teria bastado uma trincheira-abrigo, alargada com a concentração das fôrças, rodeando o acampamento da poderosa rêde de fio de arame farpado, que foi construída em tôrno do pôsto, com 4m de espessura.

(2) Êste transporte tinha primeiro sido entregue a um particular que no fim dum mês de trabalho nada tinha feito, abandonando a emprêsa. Foi o serviço de etapas que depois o conseguiu levar até ao rio, vencendo as dificuldades enormes dêste trabalho.

(3) Estas interrupções não eram para estranhar, havendo só um escaler a vapor, já cansado de serviço. Infelizmente não tinha sido possível enviar dois, como fôra pedido em Abril.

de etapas os de correspondência, já estabelecidos, em Guirramo e Mussana.

Aprovada esta proposta, começou o serviço pela nova linha, em seguida à passagem da 4.ª companhia de caçadores 3 para Coguno, em 22 do mês.

Chegou-se ao princípio de Outubro, época marcada para a expedição a Manjacaze. Tudo estava reforçando esta ideia. O tempo estava bom, fôra-se o *cacimbo;* o combate do Magul, trouxe como conseqüência, o avassalamento dos povos da Cossine; os ecos longínquos dessa gloriosa peleja, reforçados pelas vigorosas demonstrações de 15 e 20, incutiam ânimo suficiente nos tímidos M'chopes para sucessivamente virem pedir bandeira e oferecer vassalagem ao comando do Inharrime: Banguza, Mabilla, Zandamela, N'hambumbo, todo o país entre Zavala e os Má-Buingela da margem esquerda do Limpopo, se acolhia à nossa protecção. Além destas circunstâncias favoráveis, outras, desfavoráveis para o nosso prestígio, impulsavam a necessidade duma ofensiva imediata. Os nossos novos protegidos depressa tinham sentido os efeitos da sua rebelião ao Gungunhana; uma manga, às ordens do celebrado Manhune, entrara por aquelas terras, roubando e matando.

Os *cipais* do distrito, cuja reünião no Chicomo tinha sido requisitada pelo sr. coronel Galhardo, punham-se em marcha e brevemente reuniriam: demorá-los era renunciar ao seu auxílio, que se julgara necessário. Já mesmo, desde 30 de Setembro, chegara Speranhana (1), com 500 a 600 homens, de bom físico e parecendo muito animados. Finalmente o estado sanitário do

(1) Todo o país entre Zavala, Bilene e Chengane obedecia ao régulo chope Binguana, pai de Speranhana, quando, em 1889, Gungunhana veio do Mossurize estabelecer-se no Bilene. Imediatamente fizera guerra ao régulo que ousara, em tempos, não respeitar o seu poderio e vencera-o. As tradições do distrito de Inhambane, únicos *arquivos* existentes, dizem que a gente do Binguana, fortificada em *zingas*, se defendeu com tenacidade e heroísmo. Se é verdade, em pouco tempo se obliterara êsse valor, transformando-se na mais pura e genuína covardia, perante os vátuas.

acampamento, precário já — 250 doentes em 1 de Outubro — mostrava bem evidentemente a necessidade de não protelar as operações combinadas, antes da coluna se incapacitar de todo fisicamente.

Para contrapor a tantos incentivos, uma dificuldade única se apresentava: a *perpétua insuficiência do gado de tracção,* insuficiência que se agravara sucessivamente. Nos fins de Setembro a coluna dispunha de 99 bois de tracção! E que bois! A 28 dêste mês, chegava ao acampamento um combóio de carros, vindo de Cumbana; a velocidade nunca atingira 2 quilómetros à hora; o caminho ficara marcado com cadáveres dêstes animais.

Até então tôdas as diligências do Sr. Comissário Régio para angariar bois, quer no Natal, quer no Transvaal, tinham ficado sem resultado.

Os contratadores protestavam da sua absoluta impotência, embora, segundo diziam, não tivessem ainda desanimado.

Nestas condições tornava-se impossível avançar. A coluna nem mesmo podia contar com os 20 carros que o número de bois existentes permitia atrelar. Era evidente que uma grande parte dêles ficaria no caminho, às primeiras marchas; nenhuma dúvida podia haver sôbre o caso, examinando à simples vista aqueles miseráveis animais.

Adiava-se, mais uma vez, a expedição a Manjacaze, mas adiava-se sem época definida. *Esperava-se.*

Enquanto se *esperava,* os *landins* de Speranhana eram encarregados de *explorar* os territórios fronteiros. Todos os dias, comunicavam que nenhum folego humano haviam avistado. Simplesmente a 5 de Outubro, um rapaz vátua, de inaudito arrôjo, fôra encontrado a espiar no próprio arraial do Speranhana; levado à presença do coronel, mandou êste que êle fôsse interrogado pelo chefe do estado maior, no dia seguinte. Um largo interrogatório, de 2 horas, a que assistiram o tenente adjunto Ornelas e o capitão Mousinho não conseguiu arran-

car-lhe um esclarecimento, mas obrigava-o a confessar a sua origem e a sua missão. Convicto de espião foi mandado fuzilar.

No dia 10 de Outubro chegavam ao Chicomo os contingentes de *cipais* do distrito. Morrobene ou Panga, apresentava-se com 2000 homens, Massinga com 100 apenas. Do primeiro tinham sido destacados 1000 homens de Inguana e Savanguana, os mais reputados *landins* do distrito, para irem acantonar no Zavalla, além Inharrime, a-fim-de protejerem estes povos contra alguma diversão dos vátuas e, ao mesmo tempo, para obrigar alguns cabos insubmissos dêste régulo a trabalhar numa estrada que o comando mandara abrir. O comandante de Massinga protestava do pouco tempo que tivera para reunir os seus homens, a-fim-de justificar a penúria que apresentava.

O comandante militar de Homoine chegava a Coguno com 2000 homens, gente da Mocumba, landins de Matimbi e Guitata. Os macuacuas, do seu distrito, gente da mais valente, ficara na fronteira observando Panda grande chefe macuacua, obediente ao Gungunhana, e cuja atitude, sempre dúbia, era preciso vigiar. O comando de Vilanculos, o mais ao norte, foi dispensado de fornecer gente, não só pela distância a que se achava como porque precisava estar em guarda contra Masiba e Tnenan, os 2 grandes chefes Ma-chengua, limítrofes com êle (1). Cumbana, Inharrime e Chicomo, encarregados de fornecer carregadores tinham sido dispensados de apresentar gente de guerra. Apenas do Inharrime estavam assoldadados, ao serviço da coluna, 150 *cipais* (2).

---

(1) A maior parte dos cipais estava armada de espingardas, predominando as Enfield.

A gente do Speranhana e os cipais do Inharrime tinham a Snider por armamento.

(2) A soldada estabelecida pelas leis da província era, para cada cipai, de 30 réis diários! Autorizado, pelo Sr. Comissário Régio, o Sr. coronel elevara-a a 130 réis, para todos os cipais ao serviço, quer junto da coluna, quer nos postos de correspondência, etc.

O dia 10, era, porém, preenchido com outras notícias, bem mais importantes. Chegava um telegrama do major Caldas Xavier, comunicando que estavam em Cumbana 74 magníficos bois de tracção, desembarcados há dias em Inhambane, e que seguiam já, conduzindo mantimentos em dez carros, para o Chicomo. Era ainda neste dia que gente do Speranhana participava estar uma grande fôrça vátua acampada na langua de Chahita, 5 k. além do rio. Uma patrulha de 60 cipais do Inharrime enviada, em contra-prova, confirmava o facto, tendo deixado um dos seus estendido no campo.

A comunicação do telegrama inspirara ao coronel um plano de momento, para resolver a situação. A coluna já não podia contar com mais de 600 homens válidos; o número de bois permitia atrelar 40 carros, nos quais podiam ir, além das munições e bagagens, víveres para 8 dias e forragens para 5. Era um *mínimo*, bem arriscado, atendendo aos carros que a fraqueza das juntas de-certo obrigaria a abandonar, mas enfim a coluna podia avançar e iria, custasse o que custasse, até Manjacaze. Em vista desta circunstância ordenou-se que a 4.ª companhia de caçadores 3 reünisse a Chicomo e fixou-se a marcha para o dia 21 de Outubro, dando-se, em ordem, a composição da coluna, ordem que é transcrita no capítulo imediato.

Atendendo às informações dos cipais, deliberou ainda o coronel fazer no dia imediato um reconhecimento ofensivo à *langua* de Chahita, com a 1.ª e 3.ª companhias de caçadores 3 — 260 praças, 30 cavalos, 2 peças de 7^{cm} e a secção Gruson. Os irregulares seguiriam na rectaguarda da coluna a 300^{m}. 50 cipais do Inharrime ficavam encarregados da exploração na frente e flancos da coluna.

No dia 11, ao romper do dia, a coluna punha-se em movimento. Nesta ocasião o comandante militar de Panga, tenente Lacerda do exército da Província, apresenta-se ao coronel, dizendo que a gente do régulo Inguana se recusava a marchar, pretextando falta de armamento. Chamado o chefe foi amar-

rado e levado por um soldado de cavalaria. Êste acto convenceu a maioria da sua gente a considerar-se *armada*. O reconhecimento não encontrou ninguém, nem vestígios de passagem de fôrça. Para mostrar os efeitos da artilharia aos *auxiliares*, e mesmo a algum espia vátua que estivesse ao alcance, o coronel mandava fazer uns tiros de peça contra a povoação de Chahita, a 2.500^{m} aproximadamente do sítio onde a coluna descansava. As pontarias, feitas com precisão impecável pelo capitão Machado, causaram o espanto de todos os negros que, em seguida, foram incendiar a povoação.

Sem entrarmos em detalhes sôbre as formações, porque estes já foram dados a propósito de Marracuene, e serão repetidos no capítulo imediato, apenas diremos que a marcha se fêz em *coluna dupla*, peças nos ângulos, cavalaria fazendo o serviço de segurança a 200^{m}, tanto para a frente como para os flancos da coluna.

O serviço de exploração foi pèssimamente feito pelos cipais, cujo temor anulava as suas naturais qualidades para êste serviço.

Estava pois tudo preparado para a marcha a 21, quando, a 18, chegou novo telegrama do director de etapes, dizendo que tinham desembarcado mais 58 bois e que os ia pôr a caminho. Nêsse mesmo dia entrava em Chicomo a 4.ª companhia de caçadores 3 na fôrça de 170 praças, acampando em barracas de lona, armadas na esplanada do reduto.

Atendendo aos seus minguados recursos, em meios de transporte, decidiu o comando adiar a marcha até que a nova remessa de gado reunisse à coluna.

As informações sucessivas, embora nem sempre muito acordes, acêrca do Panda, chefe Macuacua, diziam, em resumo, que nas margens do Inhamiquelengo, a 2 ou 3 dias de marcha do Chicomo e muito próximo de Homoine, estavam as 2 mangas vátuas Zynhone e Mapepa encarregadas de defender as terras daquêle chefe, ou antes, com o fim de o vigiar. Por êste

motivo, e ainda atendendo aos pedidos da gente do Homoine solicitando defender as suas terras, ordenava o coronel, a 14, que a gente de guerra desta circunscrição, estacionada em Coguno, retrocedêsse e tomasse posição, junto com os nossos macuacuas de Quengue e Urrene, na fronteira, a muito curta distância da povoação de Panda.

A gente vinda de Panga e Massinga, depois de, durante 4 ou 5 dias, folgar na razia dos territórios vátuas mais próximos, começava a desertar, alegando não ter que comer e por tal modo o fazia que a 28 do mês apenas existiam 300 a 400 homens. O coronel decidia que êles retirassem nêsse dia, ordenando aos respectivos comandantes militares que fôssem novamente reunir os seus cipais, concentrando-se juntamente com as *ensacas* ou mangas de Homoine.

A 19 entrava no acampamento do Chicomo o tenente graduado Alves, destinado a comandar os cipais da coluna, e que tivera a honra de trocar os primeiros tiros com os vátuas. Eis o caso. Para o Zavalla tinham sido mandados, como dissemos, 1.000 landins de Inguana e Savanguana. Ali chegaram só os 600 Inguanas; todos os Savanguanas tinham fugido. Com esta gente e uma metralhadora Nordenfeldt, servida pelos seus criados negros, o tenente Alves tomara posição num vau do Chiganane — afluente da direita do Inharrime, e fronteira entre Zavala e Banguza — vau que era a passagem habitual dos vátuas.

Estes, efectivamente, aproximaram-se do pôsto no dia 17 de manhã: recebidos a tiro, responderam por algum tempo, mas fugiram, deixando 10 dos seus mortos no campo. Nos nossos morreram 1 e ficaram feridos 4, 1 dos quais gravemente. Os Inguanas tinham-se portado regularmente; foi, portanto, grande a surpreza do tenente Alves quando no dia seguinte se encontrou só com os chefes. O resto, a-pesar-da sua incontestável vitória, fugira apressadamente levando armas e munições, antes de novo combate. Com a sua actividade ordinária, o te-

nente Alves fazia reunir a gente chope do Zavala e deixava já 400 homens na defesa do pôsto quando partia a 19 para Chicomo, obedecendo à ordem instante do comando.

Os Inguanas fugidos foram agarrados no vau do Inharrime pelo tenente Nogueira do exército da província — coadjuvado por 2 ou 3 sargentos telegrafistas — desarmados e reenviados para o Zavala, simplesmente por castigo. Mais tarde, para reforçar a gente chope, rebelde até a defender as suas terras, foram enviados 700 cipais do Mocumbi, comandados pelo capitão Miranda do exército de Moçambique.

Êste último período de espera foi cheio de informações — até então bem escassas — dos actos e projectos do Gungunhana. Num dia, era comunicado pelo comandante militar de Vilanculos, que o régulo, mulheres e gado, estava já em Masiba, próximo ao Save. No outro, que êle, seguindo os conselhos dos tios, se retirara para a Mananga, no Bilene superior.

Por outro lado, o alferes que substituía o tenente Alves, em Chiganane, até a chegada do capitão Miranda, deixando-se embair pelas informações dos tímidos chopes, noticiava repetidas vezes a presença próxima de mangas do Gungunhana, ao passo que os exploradores do Speranhana participavam que, depois do combate de 17, mais nenhuma fôrça vátua passara para o Sul!

Estas informações contraditórias eram, porém, acolhidas com a atenção que mereciam. O medo dominava todos os negros, e o coronel bem sabia que êste só acabaria com a derrota dos vátuas e a destruïção de Manjacaze. Só então êles *veriam claro e sem muito exagero.*

Por êste tempo, o Sr. Comissário Régio comunicava as operações da esquadrilha do Limpopo e a segunda ida a Magul da coluna do Sul.

A 24, ou 25, entrava a barra do Inhambane o vapor *Inanda* que devia desembarcar 100 bois de tracção e 100 de talho; mas, faltando ao contracto, nada trouxe.

Finalmente, a 2 de Novembro, chegava o combóio de carros saído a 25 de Cumbana. Mas chegava reduzido a metade. Dos 12 carros 6 ficavam no caminho, tendo desertado os carreiros negros dos outros 6 e os bois que os puxavam. A Chicomo chegaram só 22 bois.

Assim a coluna que, a 18 de Outubro, contava 159 bois apenas dispunha de 155 a 2 de Novembro. Nêste espaço de tempo tinham morrido uns 10 de cansaço, e outros tantos tinham sido abatidos para consumo da coluna, que há muitos dias não possuía um único animal de talho, nem bacalhau ou atum que pudesse substituir a carne!

Qualquer demora a mais era impossível; fôsse como fôsse era preciso partir. A 3 de Novembro dava-se a ordem de marchar e a 4 começava a gloriosíssima expedição a Manjacaze.

Entra na matéria o meu camarada tenente Ornelas.

EDUARDO DA COSTA.
Capitão do Corpo do Estado Maior

IV

COOLELA

Aí por 1785, uma das mulheres do chefe de uma pequena tríbu *bantu* das margens do Unvolosi, dava à luz um filho que recebeu o nome de Tshaka.Obrigado a fugir à ciosa autoridade do pai, ia acolher-se à protecção de Dingiswayo, chefe da tríbu dos Amazulu, que tendo tido, numa vida de aventuras, conhecimento da organização militar europeia, formara já os seus guerreiros em regimentos manobrando regularmente.

A África do Sul era então teatro de lutas constantes entre as numerosas tríbus da grande família *bantu* que por meados do século XVII ocupava já tôda a África Central, do Atlântico ao Índico, e tinha o limite sul do seu território no rio de Orange e na foz do Kei. Nessas guerras incessantes, a valentia e os dotes superiores de Tshaka não puderam passar desapercebidos e quando Dingiswayo morria (1818) o exército elevava Tshaka sôbre os pavezes; tal foi a origem do terrível poder dos zulus.

Dotado duma audácia impetuosa, duma energia rara, com um vigor intelectual pouco vulgar num selvagem, o chefe dos zulos começou a guerrear as outras tríbus bantus que lhe eram vizinhas. Substituindo o ligeiro dardo de arremesso pela terrível azagaia de morte, trenando constantemente os seus regimentos, impondo a morte como pena única a qualquer desobediência ou acto de cobardia, Tshaka tornou de facto invencível a sua gente; tríbu após tríbu foi caíndo sob o seu pesado jugo, e

quando, em 1828, morria às mãos de seu irmão Dingan, a poderosa organização política que reünia as tríbus avassaladas aos seus conquistadores, confundindo-as já numa mesma denominação, constituíra a *nação zulu*.

Mas os resultados obtidos por Tshaka incitavam a seguir-lhe o exemplo. Dois dos seus lugar-tenentes, os mais célebres, determinavam também criar império por sua conta e pouco antes da sua morte, Mozilikatse, à frente da tríbu dos *Amatabele*, atravessava o Randberg e começava a assolar o território que hoje forma a república do Transvaal. Por seu lado, Manicusse, com a tríbu dos *Amangune*, atravessava o Pongolo, devastava os Amatonga e penetrando no nosso território passava o Incomati, estabelecendo-se no Bilene. Tal foi a origem do império vátua (1).

Manicusse viveu até 1859; os seus dois filhos Manueva e Muzila, disputaram o trôno em lutas sangrentas. O segundo triunfava em 1861, e em 1863 estabelecia a sua residência habitual no Mossurize, alto Save. Quando morreu, seu filho Mudungaz mandava matar o irmão, Mafeman, e assumia o poder tomando o nome de *Gungunhana (contra a expectativa)*.

As dissenções dos régulos vátuas não tinham impedido que dilatassem o seu império, o mais extenso que a raça negra tem possuído na África Austral. Quando Gungunhana se apoderou

---

(1) Não me foi possísel descobrir a origem desta palavra; aqueles que nós chamamos *vátuas* chamam-se a si próprios *Mangune* ou *Amangune*.

Não conhecem a palavra *vátua* nem sabem o que ela significa, como tive ocasião de verificar. Por outro lado, todos os landins e chopes de Inhambane chamam também aos vátuas, *mangune*.

Esta palavra em Zulu é o plural da palavra *Angune;* assim se diz: tribu *Angune* ou tribu dos *Ama-angune* e por contracção, *Mangune;* tribu *zulu*, ou tribu dos *Ama-zulu*.

O plural em zulu; ou em vátua forma-se em geral antecedendo a forma singular com um dos prefixos, *ama* ou *isin: Ex dauane, amaduane*, javali, javalis, *piva, ama-piva*, (antilope); *anche, ama-anche* (cavalos). *Guenha, izinguenha* (crocodilo) *inkoma, izinkomo* (boi). *Fallando*, o *a* e o *i* suprimem-se sempre; diz-se: *maanche* e *zinguanha* e não *amanche* e *izanguanha*.

do mando supremo, estendia-se do Incomati ao Luabo, e do mar das Índias ao país dos Matabele, e o seu govêrno, hábil e enérgico, fazendo frutificar a poderosa organização política e militar criada pelo génio de Tshaka tornava bem depressa terrível o poderio vátua que tocava o seu auge quando em 1889 o curral régio do Manjacaze era tranferido do alto Save para as terras de Cambane próximo ao Limpopo, junto à lagoa Sule (1). A êste *solar realengo* e aos de *Uduengo Chaimite* e *Chiduache*, respectivamente fundados por Muzila, Manicusse e Segote, seu pai, estavam enfeudadas as morgadias vátuas nas quais se dividia o vasto mpério; régulos aborigenes diferentes, ora mantendo a sua mútua independência, ora subordinados todos a um só mais merecedor de confiança, eram também ligados a um dêsses solares pelos fortes laços do feudalismo; assim os régulos do Buzi, Beia, Matira, Jobo, Nguaranguare, Fumo e Chicoto eram feudatários do Solar de Chaimite; e os régulos landins Matinhe, Tonguanhane, Chaichai e os Chopes Cande, Mabila Jadamela, etc., eram-no de Manjacaze.

Por seu lado, a organização militar encerrava nos regimentos ou *mangas* (2) tôda a população masculina, desde dos rapazes mal saídos da infância, *mofanas*, até aos velhos impossibilitados, *igugui*.

Essas mangas eram as seguintes:

Gente do Muzila	Maghuághua	Trabalhadores.
	Zebangua	Valentes.
	Inhati	Búfalos.
	Zinguenha	Jacarés.
	Zimpáfumane	Homens altos.

(1) O Manjacaze foi transferido em 1892 para a margem esquerda do Manguánhana.

(2) Os vátuas dizem geralmente *manguas;* esta palavra, porém, não é zulu e creio ser corrupção da nossa *manga*. Não deve esquecer que as nossas relações com os *bantus* datam dos fins do século XVI.

Gente do Gungunhana	Zinhone Muchópe	Pássaros brancos (1).
	Mazitti	Audaciosos.
	Mangonde	Silenciosos
	Zciamba incuio	Fidalgos valentes (2).
	Zciamba nhana	
	Malhácabuco	Traiçoeiros.
	Mabanga	Saqueadores.
	Mahalamba	Que não voltam as costas.
	Mangava-angava	Atrevidos... (Mofanas)
	Mapépa	Manhosos... (Mofanas)
	Mafungua	Serviçais... (Mofanas)

Tirando as duas primeiras, velhos, e as três últimas, mofanas, ficam 13 mangas compreendendo os homens em estado de pegar em armas. Recrutadas em tôda a imensa extensão do território vátua, não deveriam contar, quando completas, menos de 50.000 combatentes. Mas essa mesma extensão tornava difícil, senão impossível, reunir essa massa para uma guerra, e de facto, o Gungunhana para uma acção imediata só poderia contar com a gente do Manjacaze, vátuas e vatualizados (3) do Mossurize ou da Mussapa, que trouxera consigo em 1889 e com os landins do Bilene e da Cossine, o que reduziria essas fôrças a cêrca de 20 mil combatentes.

Cada manga (regimento) dividia-se em três *mabange* (companhias) e estas em *chijumane* (secções). O induna chefe da manga era nomeado pelo comandante em chefe do Exército, um landim da Cossine chamado *Maguiguana (induna impi omêno,* chefe da guerra tôda); êle nomeava os indunas de *mabange* e de *chijumane*. O lugar-tenente do *Maguiguana,* era

(1) Era chamada também «a Sombra do Gungunhana» compreendia os homens da sua idade, e dela era êle o comandante honorário.

(2) Nestas duas alistava-se a nobreza vátua e os grandes vassalos. Commandada pelo filho mais velho do Gungunhana, Godide, compreendia a gente da sua idade.

(3) Chamam-se *vatualizados,* os indígenas de raça conquistada que, trenados desde a sua infância entre os vátuas, adquiriram as qualidades guerreiras dêstes.

também um landim do Bilene, *Mahouguê* que comandava as fôrças vátuas em Coolela.

Ameaçado de guerra, ou querendo mandar bater um régulo, o Gungunhana escolhia as mangas que haviam de compor o exército, mandava *mobilizá-las* nos territórios mais próximos do teatro da guerra, e *concentrá-las* em pontos importantes. Ocupado por nós o Chicomo, mandava mobilizar os *Zinhone Muchope* e os *Mapepa* dos Macuacuas, concentrando-os a 2 dias de pequenas marchas dêsse pôsto, junto às nascentes do Inhamiquelengo, e chamava para junto do seu curral os *Zinhone Muchope* e os *Zimpofumane* do Manjacaze.

O combate do Magul (8 de Setembro), as razias da coluna do Chicomo em 15 e 20, persuadindo o Gungunhana de que a guerra era inevitável, obrigaram-no a evacuar as suas riquezas, tesouro, mulheres e grande parte dos gados, para a mata de Simbirrine a NO e a 2 dias de marcha do Manjacaze, concentrando aí as suas principais fôrças, que em princípios de Outubro se compunham das mangas: *Zeiamba, Maghuághua, Zimpafumane, Inhati, Mabanga, Mahalamba* e *Mangava-angava.*

O grosso das fôrças vátuas estava pois disposto por forma a poder avançar sôbre o Manjacaze, se o Gungunhana quisesse defender o curral, procurando evitar a entrada ali das nossas fôrças ou a deixar estrada feita para no caso de cheque retirarem na direcção dos últimos vaus fáceis do Chengane atravessando êste rio, cuja água se não pode beber por salgada, e indo subir o Sanguta, que, a 1 hora da confluência com o Chengane já tem boa água potável.

Essa era, na opinião do major Caldas Xavier, a linha de retirada natural do Gungunhana, que ficaria em território fértil e rico, dominando o Bilene superior e as tríbus da margem direita do Limpopo onde tinha muitíssimas manadas; assim o manifestara muitas vezes em conversa êste malogrado oficial e os factos vieram mais tarde confirmar a sua previsão. O adian-

tado da estação não permitia, como já dissemos, que o comando pensasse em perseguir o Gungunhana além do Chengane, e obrigava-o a restringir o projecto de operações a uma marcha ofensiva sôbre Manjacaze, a-fim-de destruir o curral e bater as fôrças vátuas. Enquanto a coluna para ali se dirigisse, o comandante militar do Homoine e o capitão Miranda no Zavala deviam pronunciar vigorosos movimentos ofensivos sôbre os territórios do Panda e os chopes do Gungunhana, a-fim-de desviar algumas fôrças do régulo, concentradas, como vimos, entre o Manjacaze e a mata de Simbirrine.

A notícia de que, finalmente, se ia saír do Chicomo e marchar para a frente, despertou em todos o maior entusiasmo. Longos e aborrecidos tinham sido os meses ali passados, bem penosa a inacção forçada a que tínhamos estado sujeitos, e por isso, talvez, tanto nos sobreexcitava a ideia de uma luta, que todos, até o último soldado, sentíamos que ia ser decisiva. Consumidos por contínuos dias de fébre, os doentes nos hospitais da Cruz Vermelha quiseram todos marchar; a afluência de pedidos foi tão numerosa, e tão teimosa a insistência, que o coronel Galhardo deu êle mesmo as altas que os facultativos receavam conceder; «homens que assim desejam combater, dizia êle, é porque querem e podem fazer alguma coisa»! E bem o iam mostrar.

Imperscrutáveis subtilezas das repartições públicas, não tinham consentido que o batalhão de caçadores, por isso que era o 2.°, levasse bandeira. Êsse símbolo da Pátria querida, êsse *palladium* da nossa independência, que é confiado nos sertões de África, ao *brio*, à *coragem* e à *dignidade* dos soldados angolas, que os *auxiliares* do Speranhana, ostentavam à frente das suas mangas, não pudera ser entregue áqueles que iam combater e morrer por êle porque eram o 2.° e não o 1.° batalhão! E agora que se ia travar uma luta decisiva para o predomínio português em África, iríamos ainda marchar como um bando de aventureiros de qualquer companhia? E no combate, aque-

las Quinas sacrossantas, tintas no sangue de tanto mártir, não estariam ali para nos tornar invencíveis, e os que caíssem varados das balas ou cortados da azagaia dos cafres não teriam, a suavisar-lhes o momento terrível do passamento longe dos seus, a última visão da Pátria naquêle glorioso pendão desfraldado sôbre as suas cabeças? Não era possível, e bem o sentiu o coronel Galhardo.

Na madrugada do dia 4 de Novembro, a coluna formada fora do forte esperava a ordem de marcha, quando se viu sair do reduto o alferes João Duarte Moreira, oficial às ordens do coronel, trazendo hasteada a bandeira nacional. E, quando chegada à frente da coluna, a voz vibrante do coronel comandou «continência à bandeira»! os cornetas e clarins tocaram, as armas apresentaram-se, as espadas abateram-se, saüdando-a, como se um choque eléctrico corresse a todos. E ao começar a marcha, desfilando por diante do chefe, os olhares de todos lhe mostravam quanto lhe agradeciam tê-los compreendido.

Na véspera houvera missa geral e o coronel passara revista cuidadosa à sua coluna do Chicomo, nobre representante da civilização na luta contra a barbarie, luta especializada na África Austral nas guerras contra a belicosa raça dos zulus, à qual íamos ter a honra de infligir a derrota definitiva.

Nessa tarde publicavam-se as ordens de marcha e estacionamento; são as que seguem.

ORDEM DE MARCHA N.º 10

Acampamento no Chicomo, 3 de Novembro de 1895

1 A coluna tendo reünido os meios de transporte necessários, vai marchar amanhã sôbre Manjacaze, a-fim-de destruír o *craal* do Gungunhana e bater os vátuas.

2 O 1.º etape será junto às lagoas de Massacuana.

3 Hora da partida: 6 h. m. Antes disso a coluna forma fora da rêde de arames como fôr designado na ocasião.

4 A coluna seguirá na seguinte formação de marcha:

a) Os auxiliares do Speranhana precedendo e espalhando-se em grupos em tôrno da coluna, fazem a exploração próxima e abrem caminho onde fôr preciso.

b) Segue-se a cavalaria que formará três grupos na frente e flancos, fazendo o serviço de segurança a 50m da coluna.

Em terreno matoso estes grupos ou patrulhas dispor-se-ão em filas por forma a cobrirem tôda a coluna.

c) A infantaria marcha em coluna dupla com intervalo de pelotão: na guarda avançada um pelotão em coluna de secções.

O corpo principal é formado por duas companhias em colunas paralelas. A guarda da retaguarda, formada pelo 2.º pelotão da companhia que forma a guarda avançada, em coluna de secções.

A distância, tanto da guarda avançada como da da retaguarda ao corpo principal será de 20m.

Amanhã será a 4.ª companhia que fornece a guarda avançada e a da retaguarda.

d) A artilharia marcha entre as colunas do corpo principal em coluna de secções e sempre que fôr possível, próximo dos seus logares de combate.

e) A secção de engenharia marcha ao centro da coluna.

f) Os cirurgiões, mochilas de ambulância e macas seguem a engenharia.

g) Os carros faróis seguem a artilharia.

5 O combóio segue a 150m ou 200m da cauda da coluna, habitualmente formado a 2 carros de frente, com 4m de distância entre cada 2 carros e dividido em secções na seguinte disposição:

1.ª secção: 4 carros de ambulância e transporte de doentes.

2.ª secção: Coluna de munições; 5 carros e 1 carro de bagagens da artilharia.

3.ª secção: Parque de engenharia, bagagens e cantinas do comando da coluna e do batalhão: 4 carros.

4.ª secção: Bagagens e cantinas de infantaria e cavalaria e capotes de infantaria: 8 carros.

5.ª secção: Víveres: 9 carros.

6.ª secção: Forragens: 8 carros.

a) O combóio não leva escolta especial: todos os carreiros e macambúzios vão armados.

b) Nas languas o combóio formará a 4, e em terreno difícil a 1.

6 Quando por doença qualquer praça não possa continuar a marcha, o comandante da guarda da retaguarda previne-me imediatamente. Fora dêste caso ninguém pode ficar à retaguarda.

a) Do mesmo modo, se houver avaria em qualquer carro, o combóio continua a marcha, torneando-o, mas o comandante previne-me imediatamente por meio duma das suas ordenanças.

7 Os altos são determinados por mim na ocasião. A cavalaria previne o comandante dos cipais.

a) Nos pequenos altos todos conservam os seus lugares. As praças só saem da forma em número muito pequeno e só com licença expressa dos seus comandantes.

b) Nos grandes altos toma-se a disposição de combate. Podem-se ensarilhar armas e descansar. A cavalaria pode apear conservando-se junto dos cavalos e mantendo sentinelas.

c) Os equipamentos nunca se arreiam sem licença do comando.

Marcho com o Estado Maior na frente da secção de engenharia.

Disposição para atravessar mato cerrado

9 Na frente da cavalaria da guarda avançada os auxiliares com machados e foices vão abrindo caminho de modo a dar passagem a 1 carro da frente.

a) Com a cavalaria dos flancos e com as colunas de costado, marcham outras para igualmente lhes abrir caminho.

b) A artilharia, não podendo conservar a coluna de secções ao centro da coluna, forma em coluna de peças, deixando entre a 2.ª e 3.ª secções, lugar para a ambulância.

c) O combóio forma a 1 de frente.

10 Ao ataque de formar quadrado (o inimigo é cavalaria) ou à ordem do comando, ou ainda em caso de aparecimento súbito do inimigo, a cavalaria retira, prevenindo neste último caso pelo fogo, desembaraçando a frente e a face mais ameaçada e dirige-se para junto do combóio formando junto da face menos ameaçada.

a) Neste caso, o comandante da cavalaria toma o comando da guarda do combóio.

11 O comandante dos cipais ouvindo, ou tendo aviso pela cavalaria, ou ainda se se vir atacado de repente, faz sinal a todos os auxiliares que retirem o mais ràpidamente possível desembaraçando as faces do quadrado e venham formar entre os carros, do lado contrário ao da cavalaria.

12 O combóio sempre que tenha tempo e espaço forma a 4 de frente; aos carros contrários conserva a disposição em que estiver sem fazer movimento que o podem comprometer. Os carros cerram distâncias.

a) Os carreiros formam à retaguarda da 1.ª fila e constituem a reserva da guarda do combóio que só abre fogo com ordem do comandante da mesma guarda.

13 A coluna forma o quadrado cerrando, as faces laterais e a da retaguada, distâncias sôbre a da frente. A artilharia coloca 1 peça de montanha a cada ângulo e 1 Grusson ao centro de cada face pequena (frente e retaguarda) que se abrem para lhe dar lugar.

14 Designarei na ocasião do ataque a fracção que deve formar a reserva.

15 O fogo só começa por minha ordem, ou em caso de ataque súbito por ordem dos comandantes das faces.

16 Observar-se-ão rigorosamente as prescrições sôbre fogos das «Instruções Provisórias».

O Comandante

(a) GALHARDO

Coronel

ORDEM DE ESTACIONAMENTO N.º 11

Acampamento em Chicomo, 3 de Novembro de 1895

1 Chegando ao local do estacionamento a coluna pára e forma quadrado, parando o combóio à sua altura. A cavalaria e os auxiliares fazem a exploração do terreno circunvizinho.

2 Logo que se deixa estar o terreno limpo, as faces alargam-se até que os grandes tenham 70^{m} os pequenos 30^{m}. Em seguida abre a face da retaguarda e os carros entram em duas colunas, dividindo-se para a direita e esquerda, e ficando 6 à retaguarda de cada face pequena e 14 a cada face grande. Os carros voltam os jugos para o interior do quadrado e desengatam.

3 A infantaria e a guarnição das bôcas de fogo bivacam nos seus lugares de combate.

A cavalaria estende a sua corda de piquete paralelamente à face grande que há pôr indicado deixando entre os carros e as caudas dos cavalos uma distância de 3^{m}. Os soldados bivacam do lado da outra face.

A artilharia procede a respeito do seu gado de maneira idêntica, mas do lado contrário e em relação à outra face grande. A corda de piquete terá 13^{m}.

O comando estabelece-se ao centro do bivaque.

A ambulância à frente da cavalaria.

O serviço administrativo à frente do gado de artilharia.

A engenharia e os carreiros à retaguarda do comando.

4 As cozinhas são construídas do lado de fora do bivaque em sítio designado pelo comando.

5 Logo depois da chegada do bivaque procede-se com a ajuda dos auxiliares disponíveis à construção de uma trincheira abrigo para infantaria e abrigo para peças.

Havendo tempo rodeiam-se os abrigos das peças com um abatiz.

Construir-se-á também uma sebe de fio de arame a 40^{m} das faces.

6 Ao centro das faces grandes, e do lado exterior, constróem-se dois currais para o gado bovino.

7 *Durante o dia,* os cipais colocam pequenos postos a 200m ou 300m das faces colocando sentinelas à frente.

A cavalaria coloca algumas sentinelas simples entre os postos dos cipais para rápida transmissão de avisos.

As faces pequenas colocam 1 sentinela ao centro: as grandes 2, uma de cada lado do curral.

Fica sempre de piquete ⅓ de fôrça de infantaria; as peças estarão carregadas e parte das guarnições de piquete.

Os cipais patrulham amiude.

Durante a noite. Ao toque de retrete retiram as vedetas de cavalaria e os auxiliares, a cavalaria para o seu bivaque e os auxiliares deitam-se fora das faces mas junto à trincheira; colocam sentinelas junto à sebe de fio de arame. Enviam freqüentes patrulhas.

Em cada face fica de sentinela ⅓ da fôrça.

Na bataria fica uma sentinela a cada peça. A cavalaria coloca apenas 1 sentinela ao bivaque.

9 Todos os dias se dá uma palavra de *posse* para substituir o *santo* a-fim dos auxiliares reconhecerem as patrulhas: dá-se depois da chegada ao bivaque.

DISPOSIÇÕES PARA O CASO DE ALARME

10 *De dia.* Tudo entra em forma, pega em armas a espera a ordem do comando para fazer fogo.

Os auxiliares e vedetas retiram: estes para o interior do quadrado; os auxiliares deitam-se fora das faces: *É-lhes expressamente proïbido fazer fogo.*

11 *De noite.* Qualquer indício da aproximação do inimigo é-me imediatamente comunicado.

Em caso de ataque súbito, dado o sinal pelo fogo, tudo pega em armas. O fogo só é aberto por ordem do comando em caso de perigo iminente pelos comandantes das faces, tendo sempre em vista o determinado pelas «Instruções provisórias».

Os auxiliares conservam-se nos seus lugares, sendo-lhes expressamente proïbido fazer fogo.

12 No bivaque, a engenharia, a cavalaria e os carreiros formam a reserva à disposição do comando.

O comandante

(a) GALHARDO

Coronel

As prescrições sôbre fogos das «Instruções provisórias, resumem-se nos seguintes princípios:

Tôda a unidade que abrir um fogo desordenado contra o inimigo compromete o resultado da luta. Os seus chefes tornam-se os principais responsáveis por um desastre, muito provável nestas circunstâncias.

O êxito dum combate depende sobretudo da manutenção da mais rigorosa ordem e absoluto silêncio nas fileiras, obedecendo todos com presteza à voz dos seus chefes.

É proïbido a qualquer face não directamente atacada abrir o fogo. O seu chefe é responsável pela execução dêste princípio.

UNIFORME, EQUIPAMENTO E MUNICIAMENTO

As praças levam tôdas fatos de brim; as de infantaria vão municiadas com 120 cartuchos, sendo 40 nas cartucheiras e 80 nas mochilas de víveres, na qual é igualmente levado 1 camisa, 1 camisola, 1 par de ceroulas e o rancho frio. A marmita vai suspensa nessa mochila.

O capote das praças apeadas enrolados no lençol e encerado é transportado nos carros. É expressamente proïbido colocar qualquer objecto dentro dos rolos.

Será mandado deitar fora tudo quanto fôr encontrado em contravenção desta ordem.

As praças de cavalaria, as de engenharia e as de artilharia, armadas de carabina, levam 60 cartuchos. Cada revólver leva 30 tiros.

Os carreiros levam 120 cartuchos.

Cada oficial tem ùnicamente direito a 1 volume de cama e 1 mala o mais pequena possível.

Cada junta de bois dos carros leva 1 *macambuzi*.

É expressamente proïbido beber água dos poços encontrados no caminho antes de serem examinados por algum dos srs. facultativos, visto poderem ter sido envenenados.

A ordem é sempre tirada por oficiais (art. 154.º do Reg. do Serviço em Campanha).

Os boletins diários a que se refere o art. 126.º do mesmo regulamento serão entregues à hora da ordem e remetidos pelos srs. comandantes de batalhão, da artilharia, cavalaria, destacamento de engenharia, chefe do serviço de saúde, delegação da administração militar e comandante do combóio.

As minutas do rancho serão entregues todos os dias meia hora depois da chegada ao local do bivaque.

Os oficiais e praças de *pret* vão incluídas na mesma.

Os carros, a não ser os de munições, não serão carregados com mais de 500 quilos.

A administração militar carregará em cada um dos carros destinados aos víveres, o rancho completo de um dia.

Em marcha haverá três refeições: café de madrugada; rancho frio para almôço; à tarde rancho cozinhado, com o qual se cozerá a carne destinada ao rancho frio da manhã seguinte.

Os sacos para água irão distribuídos pelos carros. Estes sacos são cheios, não podendo os carreiros servir-se dêles senão com licença e nos altos.

— Durante a marcha o rancho é geral para tôda a coluna e feito pela administração militar; cada companhia, a bataria e o esquadrão fornecerão as cantinas e nomearão um rancheiro que mandarão apresentar ao sr. encarregado dos serviços administrativos.

— Os srs. comandantes das unidades providenciarão para que ao principiarem as marchas, as praças levem os cantis cheios.

— Os auxiliares indígenas que acompanham a coluna levam como sinal distintivo: a gente do Speranhana, um lenço branco, e

Será mandado deitar fora tudo quanto fôr encontrado em contravenção desta ordem.

As praças de cavalaria, as de engenharia e as de artilharia, armadas de carabina, levam 60 cartuchos. Cada revólver leva 30 tiros.

Os carreiros levam 120 cartuchos.

Cada oficial tem ùnicamente direito a 1 volume de cama e 1 mala o mais pequena possível.

Cada junta de bois dos carros leva 1 *macambuzi*.

É expressamente proïbido beber água dos poços encontrados no caminho antes de serem examinados por algum dos srs. facultativos, visto poderem ter sido envenenados.

A ordem é sempre tirada por oficiais (art. 154.º do Reg. do Serviço em Campanha).

Os boletins diários a que se refere o art. 126.º do mesmo regulamento serão entregues à hora da ordem e remetidos pelos srs. comandantes de batalhão, da artilharia, cavalaria, destacamento de engenharia, chefe do serviço de saúde, delegação da administração militar e comandante do combóio.

As minutas do rancho serão entregues todos os dias meia hora depois da chegada ao local do bivaque.

Os oficiais e praças de *pret* vão incluídas na mesma.

Os carros, a não ser os de munições, não serão carregados com mais de 500 quilos.

A administração militar carregará em cada um dos carros destinados aos víveres, o rancho completo de um dia.

Em marcha haverá três refeições: café de madrugada; rancho frio para almôço; à tarde rancho cozinhado, com o qual se cozerá a carne destinada ao rancho frio da manhã seguinte.

Os sacos para água irão distribuídos pelos carros. Estes sacos são cheios, não podendo os carreiros servir-se dêles senão com licença e nos altos.

— Durante a marcha o rancho é geral para tôda a coluna e feito pela administração militar; cada companhia, a bataria e o esquadrão fornecerão as cantinas e nomearão um rancheiro que mandarão apresentar ao sr. encarregado dos serviços administrativos.

— Os srs. comandantes das unidades providenciarão para que ao principiarem as marchas, as praças levem os cantis cheios.

— Os auxiliares indígenas que acompanham a coluna levam como sinal distintivo: a gente do Speranhana, um lenço branco, e

a do Macumby, encarnado; diàriamente será indicada a maneira de usar êsse sinal.

— Nos estacionamentos observar-se-ão as disposições seguintes:

a) As praças conservam sempre o cinturão com as cartucheiras, só lhes é permitido tirá-los para trabalhos de trincheira, fachinas, etc.

b) A ninguém é permitido afastar-se para fora da linha dos pequenos postos.

c) Quando a água fôr longe, as fachinas serão escoltadas por uma fôrça armada: vão sempre juntas as fachinas de tôdas as unidades.

d) É proïbido armar barracas de qualquer espécie.

e) A cavalaria desaparelha de noite os cavalos; de dia desenfreia e só desaparelha por fracção.

Os cavalos do comando bivacam com os da cavalaria.

f) *Serviço de ronda:* 1 capitão; cada companhia tem 1 oficial de quarto, assim como a bataria. O capitão de ronda dirige o serviço. Os subalternos de cavalaria ficam à disposição do comando.

g) Alvorada às 4 h. m. sem toque. A fôrça tôda pega em armas e a cavalaria aparelha os cavalos.

h) Depois de chegarem ao local do estacionamento as distribuïções começam logo que seja possível. O oficial de ronda assiste a êsse serviço.

— Serão seguidas e observadas rigorosamente as «Instruções provisórias para o serviço de campanha em África» distribuídas às unidades.

A composição da coluna, consta, do quadro que adiante se publica.

Os médicos que acompanharam a coluna foram o cirurgião ajudante Monterroso e o médico naval Braga, delegado da Cruz Vermelha. O chefe do serviço de saúde, o cirurgião-mor Mascarenhas de Melo, ao serviço da Cruz Vermelha, ficavam no Chicomo onde as enfermarias contavam, à data de 3 de Novembro, 317 doentes. O comando do pôsto foi entregue ao capitão Oom de artilharia. E querendo prever qualquer eventualidade, o coronel ordenava ao director do serviço de etapas

que procedesse ao abastecimento intensivo do pôsto do Chicomo por todos os meios ao seu alcance, obrigando os comandantes militares a fornecerem o maior número possível de carregadores a-fim-de formarem os combóios que pudessem ir abastecer a coluna enquanto ela se demorasse em Gaza, suprindo ao mesmo tempo os transportes de carros e ajudando as possíveis deficiências do serviço fluvial.

De facto, os meios de transporte de que a coluna dispunha apenas lhe permitiam levar 7 dias de víveres, bolacha, arroz, café, vinho e temperos. Contava-se com o gado apreendido para o completo aprovisionamento de carne; o resto levava-se na *mochila de boa vontade*, e não era pouco.

Comandava os cipais e auxiliares o tenente Alves, comandante militar do Inharrime. A sua incansável actividade, a sua energia, o seu conhecimento dos indígenas, conseguindo que o serviço de exploração não fôsse uma deficiência total, não puderam, porém, vencer nos auxiliares o terror do vátua. Prontos a saquear e incendiar, o menor vislumbre de inimigos atirava-os para cima da coluna e não raro os lanceiros se viam obrigados a usar das armas para os conservar a distância.

A coluna começou a atravessar a ponte sôbre o Chicomo às 6 ½ h. da manhã do dia 4 de Novembro de 1895. Segundo o itinerário estudado pelo chefe do Estado Maior devia a 1.ª etapa ser junto às lagoas de Massacuane; mas ao passar a langua de Chahita, (3 kil. do Chicomo) os guias abandonaram o chamado caminho grande de Manjacaze, tomando um pouco para oeste dêle, e depois de 20′ de mato fácil entrou-se na langua grande de Mpicaniça cujas águas correm ao Manguanhana cuja vertente esquerda limita a oeste o horizonte. O chefe dos guias era o antigo chefe de guerra do Binguana, um landim por nome Mahamitelane, e era garantia de que o caminho seguido fôsse o preferível (1). De facto, a desusada demora das chuvas

(1) Em Abril, época do reconhecimento do Chefe do Estado Maior, êste caminho estivera inundado, não dando passagem.

conservava as languas perfeitamente secas e a marcha por elas, tornando sempre possível a formação de combate, facilitava a tracção dos carros, que as péssimas atrelagens mal arrastavam. Logo ao saír do acampamento fôra abandonado um carro de forragens porque os bois se negavam por todos os modos a puxar; a pequena rampa que segue logo à ponte sôbre o Chicomo exigiu tal trabalho ao combóio, que a coluna esperou por êle na langua de Chahita durante 3 h. 40'; tornando a ser demorada por mais 2 h. 10' na langua de Mpicaniça, sendo abandonado outro carro cuja carga foi repartida pelos restantes e morrendo um boi. E assim, só às 4 ½ t. se chegava junto da lagoa de Nhalifotuane tendo levado 10 h. a percorrer 15 kil. sob um sol ardente!

Aí se estabeleceu o bivaque, face da frente a N. E., protegida pela lagoa. Em volta das outras lançou-se a sebe de fio de arame, mas não se abriram as trincheiras abrigos nem os abrigos para as peças, construindo-se apenas um curral para o gado de abater, ficando o de tracção preso aos carros. E assim se procedeu em todos os outros bivaques.

A marcha continuou no dia seguinte sem novidade até a langua grande de Sossuane onde se deu o grande alto. Durante êle comia-se sempre o rancho frio e abatia-se o gado para o rancho da tarde e da manhã do dia seguinte. A cavalaria e os auxiliares apreenderam duas manadas de 56 cabeças pertencentes ao Gungunhana e ao vátua Zebute, um dos que governava as terras entre Manguanhana e Chicomo: A tarde os auxiliares aprisionaram uma velha que só soube dizer que a gente de guerra estava reunida cêrca de Magoniana.

O bivaque estabelecia-se às 3 ½ horas da tarde junto à lagoa de Balele, face da frente a N. E. Como se seguira sempre as languas, o combóio pôde acompanhar a coluna, mas não sem que morressem dois bois.

Extensão aproximada da marcha, 17 a 18 quilómetros.

Tempo total gasto em percorrê-la, 9 horas.

COMPOSIÇÃO DA COLUNA DE OPERAÇÕES QUE MARCHA SÔBRE MANJACAZE

Unidades	Designações			Homens (b)	Homens (a)	Cavalos	Carros	Bois	Observações
Comando da coluna	Comandante				1	1			O carro e destinado ao arquivo do comando, bagagens e cantinas dêstes oficiais e capotes dos impedidos
	Chefe do estado maior				1	1			
	Adjunto				1	1			
	Ajudante				1	1			A bagagem dêste oficial vai no carro do estado maior da fôrça de infantaria
	Oficial as ordens				1	1			
	Sargento				1				
	Ordenanças				2				
	Impedidos			(f)	6				
	Interpretes			4					
Infantaria — Estado maior e menor	Comandante				1	1			O carro e destinado ao arquivo da fôrça, bagagem dos oficiais e capotes das praças
	Ajudante				4	4			
	Sargento-ajudante				1				
	Contramestre de corneteiros				1				
	Impedidos				2				
Infantaria — Uma companhia	Oficiais	4	Três companhias 1ª, 3ª e 4ª de caçadores		12	12	1		Para bagagens dos oficiais, cantinas da companhia e capotes dos impedidos
	Sargentos	5			15				
	Cabos	12			36				
	Soldados	120			360	10	1		Para os capotes das praças de pret das 3 companhias
	Corneteiros	2			6				
	Impedido	1			3				
Cavalaria	Oficiais				3	3	1		Para bagagens dos oficiais e cantinas do esquadrão
	Sargentos				3				
	Cabos e soldados				20	20			
	Clarins				3	3			
	Ferrador				1	1			
	Impedidos				3				
Artilharia (c)	Oficiais				4	4	1		Para bagagens dos oficiais e cantinas da bataria
	Sargentos				5				
	Cabos e soldados serventes				34	34	1		Reserva de munições de guerra
	» » condutores				22	22	1		Para capotes das praças de pret e dois cunhetes de cartuchos para infantaria.
	Corneteiros				1	1			
	Ferrador				1	1			
	Impedidos				4	4	1		Para bagagem do oficial, capotes das praças de pret, ferramentas e material defensivo — Farois
Engenharia	Oficiais				1	1	1		
	Sargentos				1	1			
	Cabos e soldados				8	8	1		
	Impedidos			32	1	1			
Ambulância	Medicos				2	2	1		Para bagagens dos oficiais, medicamentos e cantinas
	Enfermeiros				4	4	1		
	Serventes				2	2	1		Para transporte de doentes
	Impedidos				2	2			
	Maqueiros			48					
Administração militar e transportes	Oficiais				2	2			As bagagens dos oficiais vão no carro do estado maior da fôrça de infantaria.
	Sargentos				2	2			
	Cabos e soldados				2	2			
	Carreiros			6	45	45	1	16	Para viveres para 8 dias, forragens para 5 dias e 16 garrafões de alcool
	Macambuzios			60					
Auxiliares	Oficiais				1	1			
	Cipais			100					Reserva para tracção
	Voluntarios			500				15	Para abater
	Total			(*) 750	631	7[illegible]	[illegible]	155	

(a) Europeus, (b) Indigenas, (c) Vai armado com 4 peças de montanha (7c) e 2 peças Gruson e 140 cartuchos para peças de 7c, 300 granadas e 60 lanternetas para peças Gruson, 32 000 cartuchos (d) A reserva de munições consta de 30 granadas com balas (espoletas), 20 lanternetas (e) Estes carros farois são tirados por indigenas, (f) Os impedidos assim designados são a penas os tratadores de cavalos, os outros são contados na fileira

(*) Esta composição era ordenada a 17 de Outubro, para a marcha a 21. A 4 de Novembro já não foi possivel levar *tanta gente*. O numero de praças brancas, compreendendo oficiais, era de 577. Os auxiliares regulavam por 400, 450

A marcha do dia 6 devia levar as tropas ao Manjacaze; mas logo ao sair de Balele começa uma subida um pouco áspera, piso arenoso e difícil de grandes *machambas* entre numerosas povoações, tôdas da obediência do vátua Magoniane, e a que a cavalaria e os auxiliares iam largando fogo depois de saqueadas. A marcha do combóio tornou-se logo extremamente difícil, sendo necessário desatrelar carros para mandar as juntas buscar os atrasados, não sendo possível deixar de abandonar mais dois nessa penosa e longa subida. Começada a marcha às 6 h. 35′ m., cêrca das 11 ½ h. estava a coluna parada na orla de um mato um pouco difícil que se ia cortar a N. E. direito ao Manjacaze. Mas nessa ocasião o comandante do combóio mandava dizer que antes de 1 ou 2 horas era impossível reunir os carros; o calor, ardentíssimo, tornava excessivamente custosa a marcha já dificultada pela pouca consistência do terreno; os guias diziam estar-se muito perto do Manjacaze, donde se ouviriam já os toques de corneta. Era indispensável aclarar a situação e procurar conhecer precisamente onde se estava. Os tenentes Ornelas e Alves foram com os guias procurar orientar-se. Atravessaram 20′ de mato fácil, sempre em *machambas*, e portanto de piso muito difícil, até chegarem à orla duma langua afluente do Manguanhana de cujo vau os separava mato aberto. A uns 500^{m} para N. O. do ponto onde os oficiais fizeram alto, avistava-se um boi que os guias afirmavam estar junto da povoação da Impiumecasane, mãe do Gungunhana, povoação que o tenente Ornelas conhecia muito bem por lá ter ido quando em Agôsto estivera em Gaza.

A povoação distava do vau cêrca de 4^{k}, 500.

Estas informações fizeram resolver o coronel a estabelecer o bivaque na langua de Coolela em cuja orla N. E. se estava então, deixando para o dia seguinte o ataque ao Manjacaze.

Às 2 h. ficava o bivaque instalado, frente a O.; a 1.ª companhia de caçadores 3 ocupava as faces da frente e retaguarda; oeste e leste; a 3.ª companhia a face da direita, norte, e a 4.ª a

face esquerda, sul, distante uns 40^{m} da lagoa que dá o nome à langua. Em volta das restantes três faces armou-se a sebe de arame, e o curral do gado de abater e do gado apreendido foi construído ao centro da face direita.

As patrulhas de cavalaria aprisionaram duas mulheres e um homem que foram interrogados separadamente. Eram todos conformes em que a nossa invasão surpreendera o Gungunhana que, visto a nossa demora, não contava com a guerra que era pouco desejada da maioria dos chefes vátuas, ricos e poderosos. Que o régulo estava no Manjacaze com tôda a gente de guerra, mas as informações discordavam por completo acêrca das disposições e tenções das fôrças vátuas.

A ordem de marcha para o dia imediato dizia:

Sendo contraditórias as notícias acêrca da disposição das fôrças do Gungunhana, e podendo supor-se que êle tentará a mais enérgica defeza do seu Kraal de Manjacaze e talvez tomar o passo à coluna no vau do Manguanhana, cuja passagem nos será tanto mais fácil de realizar quanto menor fôr o impedimento e portanto maior a nossa mobilidade, determino:

1.º O combóio formando em *parque*, reünidos ao centro, cubo a cubo, os carros, ficará no sítio em que se acha, escoltado por carreiros e macambúzios, a 8.ª esquadra de 4ª/2º caçadores 3, a fôrça de engenharia e as praças que pelo seu estado de saúde não possam continuar a marchar e estejam em estado de pegar em armas.

2.º Se houver algum oficial que por motivos de saúde não possa continuar a marchar, assumirá o comando do combóio. No caso contrário ficará um oficial da 4.ª companhia.

3.º Ficarão ainda 4 cavalos montados, e todos os tratadores de cavalos e praças apeadas.

4.º O combóio engatará às 7 h. 30' e em quadrado esperará ordens.

5.º O Sr. Comandante da escolta do combóio empregará tôdas as medidas de precaução possíveis a-fim de repelir um ataque, preparando munições e exercendo a mais activa e rigorosa vigilância em volta do acampamento.

6.º As praças de infantaria emmalam a roupa de sobressalente no rôlo do capote que fica nos carros.

7.º As praças de infantaria vão municiadas com 140 cartuchos. O Sr. Comandante do batalhão requisitará imediatamente ao Sr. Comandante da artilharia as munições necessárias.

8.º A ambulância será constituída pelos Srs. facultativos, mochilas de ambulância e maqueiros.

9.º Os carros de lanternas ficam com o combóio.

10.º A sebe de fio de arame só será levantada quando o combóio partir.

O Comandante

(a) GALHARDO

Coronel

Com efeito, no dia seguinte, às 5 h. m. o quadrado em armas esperava a voz de *marche* quando o inimigo foi sùbitamente avistado a 250^{m} da face da frente, 1.º pelotão da 1.ª, 2.ª caçadores 3, no mesmo instante preciso em que uma das patrulhas de auxiliares chegava ao campo gritando «*impi Gungunhana!*», guerra do Gungunhana!

A *impi* dos vátuas avançava ràpidamente naquêle meio trote que lhes é peculiar, soberbos de audácia e atrevimento. Vinha nascendo o sol «*o claro amigo dos herois*» e os seus raios ardentes que começavam a morder a langua, dando de frente nas mangas, faziam tremeluzir o aço das azagaias sedentas de sangue, pulidas como espelhos, afiadas como navalhas.

A voz do coronel, o pelotão rompeu o fogo, que simultâneamente estalava nas outras faces; a cavalaria, entrando no quadrado pelo ângulo da face da retaguarda com a da esquerda, apeava imediatamente; a artilharia desengatava, e ao dar o primeiro tiro a linha de fogo inimiga tinha cêrca de 1800^{m} de extensão, abrindo-se em meia lua em volta de três faces, Leste, Sul e Oeste, tomando de escarpa a face da direita. Era a clássica disposição dos zulus, *chest and horns* dos autores inglêses.

A princípio rápido, quási instintivo, o fogo do quadrado foi logo aguentado pelos oficiais; as descargas começaram regulares e certeiras e à 3.ª ou 4.ª o primeiro ímpeto dos vátuas tinha sofrido um cheque; abrigados no capim da langua, sumidos no mato, começaram então contra nós um fogo violento. O quadrado calou-se, e só a voz poderosa da artilharia, pausada, se fazia ouvir; em volta das faces, de rôjo no chão, cosendo-se com o solo, mirrados pelo terror, ou auxiliares contrastavam singularmente com os nossos soldados que esperavam alegres e tranqüilos uma nova arremetida dos vátuas. Uma verdadeira rêde de balas zunia então constante sôbre as nossas cabeças; num instante, no ângulo da face da retaguarda com a da esquerda, 10 homens eram postos fora de combate. Ao abrigo dêsse fogo os vátuas foram-se concentrando na direcção do ângulo da face da frente com a da esquerda: palpitante, o mato regorgitava de negraria, que pouco a pouco ia transbordando para a orla.

Um momento essa massa oscilou, e num admirável impulso, as mangas, *Búfalos* e *Jacarés* à frente, atiraram-se contra nós; metendo-se muitos à lagoa, lançados todos como galgos. Cerradas e firmes as descargas varriam-lhes as fileiras unidas, «cada tiro de peça abria uma rua de negros» (1), e eram forçados a retirar, não sem que alguns viessem expirar a 30m da face da 4.ª companhia.

Repelida a carga, o fogo inimigo diminuíu sensivelmente, havendo ainda um quási simulacro de ataque na direcção do anterior, agüentado logo com duas descargas, demorando-se desde então a fuzilaria dos vátuas, que pouco depois acabava por completo, não havendo perseguição.

O fogo durara 40'. Dos nossos estavam feridos o major Machado, logo aos primeiros tiros e junto à Gruson da face da frente; o chefe do Estado Maior, capitão Costa, quando, a ca-

(1) Expressiva frase dum soldado.

valo, se achava atrás da face da 4.ª companhia, e o alferes Costa e Silva, da 1.ª companhia, no seu lugar, face da retaguarda já no último período da acção. O cavalo do coronel tinha 2 raspões de bala na garupa, o do capitão Mousinho morrera por debaixo dêle. 5 soldados estavam mortos, 21 dos nossos, e 9 auxiliares feridos; os carros estavam literalmente crivados de balas, contando-se nalguns 9 e 11 tiros; três cavalos do esquadrão e 11 bois, alguns com 6 e 7 balas, demonstravam claramente e veemência do fogo dos vátuas.

Debaixo dêsse fogo a tranqüilidade dos soldados, «a admirável serenidade e valor dos oficiais (1) mereciam ao coronel Galhardo a seguinte honrosa referência no seu telegrama ao Sr. Comissário Régio que a ordem geral dêsse dia publicava:

«Tais oficiais e soldados são o orgulho dos chefes que tem a honra de os dirigir, exaltam o seu País e o seu Rei e bem merecem da Pátria»!

O consumo de munições da nossa parte fôra o seguinte:

Infantaria	6:775	cartuchos
Artilharia de montanha	45	tiros
» Gruson	46	»

Discriminando por companhias e por peças, teremos:

4.ª companhia (face directamente atacada)	4:229	cartuchos
3.ª »	799	»
1.ª »	1:748	»

(1) Expressões do coronel Galhardo no seu telegrama.

Na 4.ª companhia o consumo de munições divide-se assim:

1.ª	secção	680	cartuchos	média	por	homem,	23	cartuchos
2.ª	»	795	»	»	»	»	24	»
3.ª	»	1:200	»	»	»	»	42	»
4.ª	»	1:754	»	»	»	»	41	»

Média geral dos tiros de infantaria, contando apenas as praças que fizeram fogo $\frac{6\,7\,5}{3\,9\,2} = 17$ a 18 tiros por praça.

Na artilharia consumiram-se:

Granadas ordinárias	28
» com balas	16
Lanternetas	1
Peças Gruson, granadas ordinárias	46

E por peça sendo a 1.ª peça a do ângulo O. N. do quadrado (face da frente e da direita) e seguindo a numeração para oeste.

1.ª peça	5	granadas ordinárias
	1	» com balas
2.ª peça	8	» ordinárias
	4	» com balas
	1	lanterneta
3.ª peça	5	granadas ordinárias
	11	» com balas
4.ª peça	10	» ordinárias
Peças Gruson (face da frente)	41	» »
» » (face da retaguarda)	4	» »

A esta peça partiu-se-lhe a conteira, de madeira, logo no princípio da acção, não tornando a fazer fogo.

Por esta indicação especializada do consumo de munições, vê-se claramente qual a direcção do ataque dos vátuas. A companhia fêz mais fogo, a 4.ª, foi a directamente atacada e as secções que mais cartuchos consumiram estavam por sua ordem da esquerda para a direita, onde foi o ataque em massa; aí defendia o ângulo a 2.ª peça, tenente Sacadura, única que empregou a lanterneta, cujo tiro matou os três vátuas que mais perto estavam do quadrado (47 passos).

Como a Grusson da face da retaguarda se inutilizou desde o princípio da acção, temos as duas bôcas de fogo de montanha que flanqueavam essa face apresentando maior número de tiros, sobretudo a 3.ª (ângulo da face da esquerda) que batia o sector donde o fogo dos vátuas foi mais intenso.

Estes tinham empenhado na acção tôda a gente de guerra que o Gungunhana pudera reünir, a mais valente e a mais experimentada (1). Se a vitória do Magul lhe suprimira a gente da Cossine, se a acção das lanchas no Limpopo impedira que o Maguiguana, mandado ao Bilene recrutar, trouxesse de lá um só hamem, se os chopes e bitongas, tinham na maior parte desertado depois das razias da coluna do Chicomo, contava ainda com parte da gente do Bilene, com os vatualizados que trouxera da Mussapa, com tôda a população de entre Manguanhana e Chicomo e com os vátuas puros, na sua quási totalidade gente do Muzilla vassalos do curral realengo e militar do Uduengo.

Na ausência do chefe supremo da guerra, Maguiguana, mandado ao Bilene, como dissemos, tinha o comando superior das fôrças vátuas o côsso Mahougnê, obedecendo a gente de guerra do Udueugo ao vátua Mahombeia e a do Manjacaze ao vátua Machamêne. Queto, um dos tios do Gungunhana acompanhava também o exército, que se compunha de oito mangas

---

(1) As informações foram obtidas, no dia da acção, dum vátua ferido; depois dos enviados do Chai-Chai, dos do Gungunhana, do Bunguana e outros régulos que foram pegar pé ao Chicomo. Foram todos conformes, completando-se.

completas (1) e de restos de duas; as primeiras eram os *Búfalos* os *Pássaros brancos,* comandados pelo vátua Unguágua, os *Silenciosos,* as duas dos *Fidalgos valentes* comandados pelo Godide, os *Traiçoeiros,* os *Saqueadores* comandados pelo landim Imbana, irmão do Maguiguana, os *que não voltam as costas,* comandados pelo Inhamaenja, outro filho do Gungunhana; as outras eram os *Jacarés* e os *Homens altos,* comandados pelo vátua *Uvafa,* criado da porta do Gungunhana (porteiro mor) morto na acção; além dêste morreram igualmente, Mahougnê dum tiro da Gruson da face da frente, a cêrca de 60^{m} do quadrado, os indunas do Manjacaze, Cemango Ntonguana e Ngobosuane, o de Chezene, etc., e o tenente Ornelas reconheceu os dois vátuas que estavam mais próximos do quadrado por tê-los visto em Gaza em Agôsto.

Qual seria o efectivo total destas mangas? Se é sempre difícil o cálculo de efectivos mesmo em exércitos regulares, muito mais o é em fôrças indígenas. Contudo, por diferentes caminhos chegamos ao mesmo resultado.

Dissemos, no princípio dêste estudo, que o Gungunhana podia contar para uma acção imediata no Manjacaze, com cêrca de 20:000 homens de guerra, entrando a Cossine e o Bilene; mas estes dois distritos de recrutamento falharam, como também já vimos.

Eram os mais povoados e não iremos longe da verdade calculando que forneceriam quási ⅔ da fôrça total ou seja 8 a 10:000 homens, restam pois para o efectivo das mangas em Coolela 10 a 12:000 homens.

A linha de fogo dos vátuas dissemos também ter cêrca de 800^{m}; não erramos portanto dizendo que tinha 2000 espingardas. Mas quando o tenente Ornelas esteve em Gaza teve ocasião de ver à vontade as mangas que então lá estavam, e

(1) Completas relativamente à gente do Uduengo e do Manjacaze.

calculou as armas de fogo em ⅙ de fôrça total. E temos ainda 12:000 homens para o efectivo empenhado em Coolela.

Ainda outra confirmação indirecta; no Magul as nossas fôrças foram atacadas por 13 *mabanje* que desfilaram ao alcance da vista por forma a poderem ser contadas. Foram avaliadas pelo tenente Couceiro em 400 a 500 homens cada uma. Ora cada *manga* tem 3 *mabanje* o que dá para cada manga 1200 a 1500 homens. Ora nessa acção esteve a gente de Cossine e do Bilene da margem direita do Limpopo: as mangas de Coolela não teriam portanto menos de 1200 homens cada uma, o que dá 9:600 para as 8, e cêrca de 10 a 11:000 para o total geral.

Além disto temos as baixas sofridas pelo inimigo.

Contaram-se, num raio relativamente apertado, 305 cadáveres, o que dá, na mesma proporção das nossas baixas, 1500 feridos. Calculando apenas 1500 homens fora de combate, $^{1}/_{10}$ da fôrça empenhada, o que não é exagero atenta a densidade das suas formações temos ainda 12 a 15:000 homens para total dos atacantes em Coolela. Que a derrota sofrida fôra completa, que a acção fôra *decisiva,* a tomada do Manjacaze poucos dias depois, e o feito epico de Chaimite a 27 de Dezembro, bem claro o iam mostrar.

As 6 h. t. dêsse dia 7, teve logar o entêrro dos soldados mortos no combate. As covas tinham sido abertas na orla do mato a S. O. do quadrado e rodeadas por uma forte estacaria. As macas que os transportavam à sua última morada, eram conduzidas pelos seus amigos mais íntimos que tinham solicitado prestar-lhes essa última prova de afecto. O coronel e todos os oficiais que não estavam de serviço, acompanhavam, silenciosos e pensativos, aquele fúnebre combóio. Colocados nas covas, deram-se as descargas da ordenança e quando o coronel, ajoelhando-se, pediu uma oração por aqueles que tão briosamente tinham pago a sua dívida à Pátria, a comoção profunda que todos experimentaram foi a melhor e mais sentida homenagem prestada àqueles soldados. A êles bem se pode aplicar o que Jacinto Freire escre-

veu de outros heróis, os de Diu: «dormem com saüdade maior da Pátria em humilde jazigo, que aqueles, que em urnas de alabastro deixaram de uma vida sem nome, ociosa memória».

O estado grave de alguns dos feridos, que era perigoso transportar, levou o comandante a demorar a coluna em Coolela.

Mas como os dias de víveres iam contados, o coronel decidiu mandar a cavalaria ao Chicomo para trazer um combóio o mais numeroso possível de carregadores com víveres e forragens, devendo estar impreterìvelmente de volta no dia 10.

Partindo para Chicomo às 5 h. m. do dia 8, a cavalaria entrava no acampamento às 2 h. t. de 10 escoltando 154 carregadores (1) com 3 dias de víveres e 2 de forragens, trazendo do Chicomo 8 h. de marcha sem que lhe tivesse sucedido qualquer cousa tanto à ida como à volta. Acompanhava a cavalaria o tenente de artilharia Taveira que, ao partir da coluna ficara doente no Chicomo.

A demora em Coolela, sob um calor sufocante, numa atmosfera que a rápida decomposição dos cadáveres ia tornando irrespirável, tinha piorado o estado sanitário que se conservara muito regular. Nos três primeiros dias, apenas durante as marchas algumas praças, (11, 18, 13), deram parte de doente, seguindo nos carros alguns até ao local do bivaque, contentando-se outros com umas horas de descanço.

Dos soldados feridos, só seis apresentavam gravidade, contudo, instalada a enfermaria da Cruz Vermelha no dia do combate, 21 praças, incluindo os feridos, tinham baixa nesse dia, e já no dia 10 ascendiam a 31. Mas a marcha sôbre o Manjacaze, marcada para 11, vinha de novo sacudi-los.

Caso talvez único nos anais de guerra, a coluna avançava para o inimigo com um combóio de feridos; mas nem êste facto, nem a chuva caindo constantemente desde as 2 h. da madrugada deminuiam o ardor das tropas. Como no dia do com-

(1) Nessa noite fugiam 121.

bate os soldados feridos recusavam saír do fogo para se irem tratar, ou apenas curados voltavam ao seu pôsto, iam os ver, quando a coluna saíu da langua do Manguanhana para o curral do Manjacaze, os soldados feridos incorporarem-se nela, para não perderem ocasião dum combate possível.

A marcha efectuou-se até à langua do Manguanhana sem ocorrência alguma e a passagem do vau teve lugar com regularidade. A-pesar dos auxiliares terem dado notícia do inimigo, na imensa vastidão da langua não se via ninguém. Formou-se o quadrado, flanqueando o combóio, e dois oficiais, os tenentes Ornelas e Alves foram reconhecer o mato que cobre a encosta do Manjacaze, podendo certificar-se que numerosos grupos de vátuas se ocultavam nêle. O coronel mandou então começar o bombardeamento do curral do Manjacaze e do mato, disparando-se 21 granadas ordinárias. As últimas, apontadas a dois grupos maiores de indígenas que a cerca de 1 : 200^{m} do quadrado, se viam distintamente, rebentando no meio dêles, determinaram o pânico, ouvindo-se então gritar: *vá baeca! vá baeca!* toca a fugir! Os auxiliares, que neste dia se mostraram, mais ainda se é possível, dominados do mais abjecto terror, pareceram então animar-se, e levantando-se de em tôrno do combóio, em cuja volta estavam deitados de rôjo, pediram para avançar contra os vátuas e limpar o mato. Chegaram de facto a uns 200^{m} da orla dêle, mas depois duma fuzilaria, sem causa nem resultado algum, retiraram para junto do combóio.

O coronel decidiu então seguir com a coluna até ao curral, deixando o combóio na langua, à guarda, além da fôrça de engenharia e carreiros, duma secção da 4.ª companhia e duas esquadras da 1.ª e 3.ª companhia de caçadores 3, com a secção Gruson. Tomou o comando o major Machado com o seu braço ao peito; o alferes Costa e Silva tomou igualmente o de uma das faces. A cavalo, o chefe do Estado Maior desempenhou sempre as funções do seu cargo até ao regresso ao Chicomo.

A coluna levou meia hora a subir a encosta até ao Manja-

caze que encontrou abandonado e foi mandado incendiar; durante tôda a noite o clarão dessa imensa fogueira iluminou-nos o bivaque na langua. Muitos cunhetes de cartuchos Martini, balas explosivas e de caça de elefante foram encontrados no Chigoche do régulo, dentro da pequena casa de zinco, dádiva do govêrno português. Na povoação do missionário suísso Liengme, a meia encosta, foram também encontrados bastantes cunhetes de Martini; numerosos pensos tintos ainda, alguns, de sangue, atestavam o caritativo serviço que êsse europeu estivera prestando aos indígenas, demonstrando assim quão bem cabida era a confiança que nêle depositava o Gungunhana que o encarregara de acompanhar as suas mulheres e bagagens para a Mananga (alto Bilene). Para aí partira Liengme no dia 10, saindo o Gungunhana do Manjacaze só quando os restos das suas fôrças desmoralizadas, e fugindo ao fogo da artilharia, lhe foram declarar que não nos podiam atacar. Bem visível e nítido estava o trilho do carro em que efectuara a fuga a sua irmã Ubafo que êle acompanhava a pé, e bem lamentado foi por todos que o deminuto efectivo da cavalaria e a vil cobardia dos auxiliares, não permitisse efectuar uma perseguição que pudesse trazer-nos às mãos o régulo de Gaza.

A-pesar de curta, 7 k. apenas, a marcha de Coolela a Manjacaze fôra extremamente penosa; chovera sem cessar até às 10 horas da m. e o estado dos bois era tal que 7 ficavam mortos no caminho tendo de abandonar-se um carro de víveres.

O excessivo calor tornou igualmente penosa a marcha do dia seguinte até Balele. Mais 7 bois tinham ficado, três no bivaque do Manguanhana e quatro pelo caminho, assim como outro carro. Dia a dia se ia esfacelando o que só por um delicado eufemismo se poderia chamar *serviço de transportes;* bois na sua quási totalidade incapazes e velhos, faltos de sustento, carreiros totalmente ignorantes, atraídos pela gratificação, mas faltos de prática necessária a um serviço de tal ordem em África. A actividade incessante do comandante do combóio, o alferes Raúl

Costa, auxiliado apenas por duas ou três praças, carreiros de profissão, conseguia, à custa dum trabalho contínuo, arrastar o combóio; nunca pôde fazê-lo andar.

A coluna estava de volta no Chicomo às 11 h. m. do dia 14. Nada tornara notável a marcha de regresso; apenas no dia 12, ao chegar a Balele foram encontrados alguns indígenas com uma bandeira azul e branca. Eram portadores dum salvo conduto do 1.º tenente da armada, Álvaro Andréa, comandante da *Capelo* no Limpopo, e que os apresentava como chefes do Chai-Chai que tinham ido submeter-se. Acompanhavam-nos um emissário do régulo Tonguanhana, filho do Binguana, que dizia ter as suas fôrças acampadas na antiga aringa dêste, à disposição do govêrno. E pouco depois sucediam-se no Chicomo as apresentações dos régulos Tonguanhana, Mahombane, da Matinha, e dum enviado do Cuio, tio do Gungunhana, trazendo todos libras e bois em sinal de vassalagem. O Panda, chefe dos macuacuas, declarava-se de obediência dos portugueses e como conseqüência imediata da vitória de Coolela, era, duas semanas depois, nosso, de facto, todo o território entre o Save, Chengane e Limpopo.

No dia da chegada ao Chicomo, o coronel dera ordem para se reünir uma junta militar de saúde que indicaria quais as praças que deveriam ser evacuadas para o reino, quais para o hospital militar fixo de Inhambane e quais os feridos que poderiam ser evacuados sem perigo. E em virtude das propostas da mesma junta seguiram nos dias 19 e 25, dois combóios de feridos e doentes, 130 praças de pret e 4 oficiais, transportados em carros até à Ribeira de Amba, onde embarcaram em lanchas, rebocadas até ao Inharrime, seguindo daí em carros até à Mutamba, embarcando de novo nêsse ponto para Inhambane. Aí chegava o 1.º combóio no dia 26.

A 21 recebia-se um telegrama do Comissário Régio, determinando que as fôrças a repatriar, se achassem no litoral nos meados de Dezembro.

Ficavam de guarnição no distrito 200 praças de caçadores 3 sendo 50 no Chicomo, 50 no Inharrime e o resto em Inhambane; ficava igualmente a cavalaria; a artilharia deixaria o material e as guarnições precisas. O pôsto de Amba ficaria guarnecido por um destacamento de caçadores 3, até ser rendido pelas fôrças da Província de Angola.

O comando das fôrças de guarnição ficava entregue ao capitão Sarsfield, que voluntàriamente se encarregara dessa missão. Êste oficial superintenderia todo o serviço delas, fiscalizando e regulando o serviço dos destacamentos de Chicomo, Amba e Inharrime.

O director do serviço de etapas, recebeu ordem para abastecer com um dia de víveres e forragens os postos de Mossana e Guirramo na estrada Coguno-Inharrime, para a secção de artilharia Gruson e o destacamento de caçadores 3 destinados à guarnição do pôsto do Inharrime; e todos os postos entre Cumbana e Coguno também com um dia de víveres e forragens, excepto Mabequane, que o seria com dois, para 500 praças que em 3 colunas passariam naqueles postos. Do pôsto do Chicomo seriam abastecidos os de Amba e Coguno.

A 1.ª coluna de regresso à pátria, composta da guarnição da Ribeira d'Amba saía a 2 de Dezembro dêsse pôsto. As colunas do Chicomo saíam nos dias 3 e 4; com cada uma ia um intérprete; levava cada uma dois carros e 4 machilas; os capotes das peças eram transportadas pelos carregadores levando cada um três ; retirando também nêsse dia para Inhambane o coronel Galhardo. Na mesma data era dissolvida a coluna do Chicomo.

Cumprira gloriosamente a sua missão. Coubera-lhe a honra do ataque decisivo ao império vátua, e Coolela determinara a sua queda, como Ulundi a do império Zulo, e Imbembesi dos Matabeles. E essa glória viera compensar as agruras dos longos meses passados, de arma no braço, no Chicomo, primeiro em bivaque, depois em acampamento, suportando, calados e pacientes, as cacimbas de Agôsto, as ventanias de Setembro, os

calores de Outubro, assim como as freqüentes faltas de vinho, alegria do soldado, e de pão, o seu alimento por excelência. E quando finalmente soou a hora ditosa do combate, o entusiasmo e a alegria com que, até os mais doentes, se preparavam para a luta, eram garantia segura do êxito da campanha; tanto sacrifício, tanta resignação, tanta vontade mereciam bem a vitória em prémio. Tivemo-la gloriosa! Está de novo radicado o prestígio do nome português e, quebradas tôdas as resistências, fica aberto o campo ao sensato aproveitamento da colónia, à sua inteligente administração, ao seu tranqüilo e próspero desenvolvimento. O exército desbravou; urge cultivar agora. Bien taillé, maintenant il faut coudre.

AIRES DE ORNELAS.

Tenente do Corpo do Estado Maior

«A PROPÓSITO DA HISTÓRIA DA CAMPANHA DE ÁFRICA»

ARTIGO DE EDUARDO DA COSTA PUBLICADO NA «REVISTA DO EXÉRCITO E ARMADA», EM JUNHO DE 1896



A 28 de Dezembro passado, Mousinho punha, em Chaimite, remate gloriosíssimo à guerra contra o Gungunhana. São passados 5 meses, apenas, sob êste audacioso feito e já 4 narrativas históricas da campanha têm vindo a lume, mostrando assim quanta importância e interêsse estavam ligados aos actos e feitos da expedição.

O primeiro trabalho, na ordem cronológica, apareceu nesta *Revista*. O segundo é o relatório verbal do ex.mo chefe da expedição, perante a Sociedade de Geografia. O terceiro, no género narrativa popular, é obra dum sargento expedicionário. O quarto e último — *Vitórias de Africa* — é um livro do sr. António Campos Junior, oficial do exército e jornalista.

Se o relatório do sr. coronel Galhardo constitue a melhor fonte histórica a consultar mais tarde, o livro do sr. Campos, primoroso e inteligente escritor, há de ter, de certeza, uma enorme vulgarização, inteiramente merecida, de resto, pelo valor intrínseco da obra.

As afirmações dêste livro têm, pois, uma importância especial, o que me obriga a acudir à estacada, defendendo a oportunidade da descrição publicada pela *Revista*, oportunidade posta em dúvida pelo sr. Campos quando, no *Prefácio* do seu livro —

pág. IX — diz: «para uma história que fôsse a apreciação política dos factos, na sua íntima relação com as operações militares; ou para a história *exclusivamente técnica e doutrinária sem nenhum objectivo de vulgarização patriótica;* para um livro de análise política ou para um livro de crítica da guerra, *seria efectivamente cêdo* (1), porque não teria o tempo chegado ainda para a calma e inflexível avaliação dos acontecimentos, nem para a reflectida lição a deduzir dos factos, na sua mais ampla e proveitosa significação».

A narração circunstanciada, publicada nos n.os 35 e 36 da *Revista,* não visa a ter foros de crítica da guerra, mas é, sem contestação, uma história *exclusivamente técnica e doutrinária* e pela índole do jornal, sem poder ter pretensões à vulgarização patriótica, tão brilhantemente levada a cabo pelo livro do sr. Campos.

Somos, pois, no período citado, implìcitamente, acusados de *precipitação* publicando o estudo histórico da campanha: o valor da acusação impõe a necessidade da defesa.

Em primeiro lugar, é preciso estabelecer se a nossa narração é ou não verídica; se é ou não omissa acêrca dos acontecimentos importantes.

Ora, até hoje, nem um só oficial — e há 100 tendo tomado parte na campanha — quis rectificar ou acrescentar o mais ligeiro detalhe à nossa narrativa, por todos lida e conhecida.

Pelo contrário; temos recebido repetidas e inequívocas provas de adesão incondicional e satisfação pelo modo como a *Revista* historiou a campanha.

Por outro lado, o relatório do sr. coronel Galhardo — a primeira autoridade no assunto — e que está sendo publicado no jornal *O Tempo* (2), vai, até agora, corroborando *inteiramente tôdas as nossas asserções* — o que nos enche de orgulho — e o

(1) O itálico é nosso.
(2) Veja o *Liberal.*

que dá ao trabalho da *Revista* um valor que, sem isso, êle não poderia alcançar, atendendo à linguagem rude e desataviada dos três humildes soldados, que o firmam.

Assim, temos o direito de declarar, bem alto, que a nossa narrativa é integral e verídica, a respeito dos factos principais da campanha. Mas, além disto, espraiando-se em detalhada e minuciosa descrição sôbre o modo como se criaram os serviços acessórios, alguns dos quais nem sombras de organização levavam da metrópole — como o de transportes e o de etapas — indicando, na transcrição das ordens de marcha e estacionamento, os princípios da táctica adoptada, *absolutamente nova para o exército português;* dado notícia da maneira como se modificaram os equipamentos e uniformes de modo a apropriá-los ao serviço colonial, fornece indicações modestas e desacompanhadas de crítica, é certo, mas seguras e, como conseqüência, aproveitáveis, quando se trate de organizar novas expedições; isto é, até de imediata aplicação, visto as sucessivas e constantes complicações coloniais que nos vão surgindo de todos os lados.

Ainda outro merecimento têm os trabalhos da natureza do publicado pela *Revista,* que é o servirem de base documental às histórias vulgarizadoras, do segundo momento.

Assim o livro do sr. Campos beneficiou já do nosso trabalho — com o que muito nos congratulamos. As indicações sôbre serviços acessórios da coluna do Chicomo e a formação daquela que deu a batalha de Coolela e destruíu Manjacaze — escritas a pág. 258 a 263 — são evidentemente baseadas na nossa narrativa; *única* que, até hoje, publicou notas detalhadas sôbre êstes assuntos e *única* que o podia fazer, dada a natureza dos documentos em que se baseia, alguns dêles apenas conhecidos do comando e seu estado-maior, circunstância que me dá o direito de fazer esta afirmação, a-pesar-do sr. Campos não ter mencionado o trabalho da *Revista* como *fonte histórica* do seu livro.

Mas o próprio volume de que me ocupo vem provar que,

a respeito da última utilidade atribuída ao nosso trabalho, êste apareceu tarde de mais e não cêdo.

Efectivamente, se a sua publicação se tivesse anticipado, o ilustre oficial, pressuroso em basear o seu trabalho em fontes seguras, não desprezaria, na narração do combate de Marracuene, o testemunho ocular de Aires de Ornelas e não repetiria assim uma afirmação menos exacta e que, se fôsse verdadeira, representaria uma falta de cuidado por parte do comando da coluna. Tratando da nossa primeira vitória diz o sr. Campos, a pág. 185, que por um *acaso felicíssimo* se ía distribuir o café mais cêdo e que por isso o toque da alvorada se fêz às 4 horas da manhã. Ora, *tôdas as manhãs, a fôrça pegava em armas a esta hora e assim esperava, formada em quadrado, que o sol rompesse de todo;* isto vem muito bem explicado nas págs. 138 e 140 do n.º 35 da *Revista* mas o sr. Campos, certamente, não pôde já rectificar êste pequeno trecho, pelo adiantado da impressão, ou qualquer outro motivo.

Não foi, pois, por *acaso,* mas sim como resultado duma *determinação permanente, tomada com verdadeiro conhecimento da táctica africana,* que os landins nos encontraram em armas, na célebre madrugada do dia 2 de Fevereiro. A garantir esta afirmação, lá está o livro das ordens da coluna e o testemunho de todos os oficiais que assistiram ao combate.

E já que um intuito de pura defesa me levou a falar do livro do sr. Campos, pedirei a êste distinto camarada o favor duma rectificação na 2.ª edição do seu livro, edição merecida e que já pode ser prevista, em conseqüência do êxito brilhante com que tem sido acolhida a primeira.

A pág. 198, atribue-se-me, e ao tenente Ornelas, colaboração no *plano de campanha,* colaboração que — em que pese ao meu amor próprio — sou forçado a declarar, em homenagem à verdade, nunca ter existido. Todo êsse plano é obra dum só homem, o sr. Conselheiro Enes, o inteligentíssimo e enérgico estadista a quem Moçambique tanto deve.

A minha missão, muito mais modesta, reduziu-se ao estudo da execução dêsse plano — no distrito de Inhambane — estudo liquidado com providências e propostas minhas, as primeiras das quais produziram algum resultado útil, creio, eu, mas não tendo sido dada satisfação — pela fôrça das circunstâncias — a grande parte das segundas. Por isso, acrescentarei, que a organização dos serviços acessórios da coluna de Inhambane esteve longe de seguir as minhas indicações, de-certo impressas do *platonismo* inexperiente de quem procurava, em alheias campanhas, exemplos suficientes a suprirem a nenhuma autoridade das suas ideias e palavras.

E a propósito da minha missão ao interior dêste último distrito, missão que só a mim aproveitou bastante, declaro, *pro domo mea*, o seguinte: escolhendo lugares para postos de etapa, fiquei impressionado pelas magníficas condições dum ponto a 20 k. do Chicomo, a cavaleiro do Inharrime e no limite da sua navegação, com largas vistas e vasto comandamento sôbre os terrenos adjacentes. Escolhido o ponto, tratei de lhe dar nome tirado, como de costume, do principal acidente, ou localidade, mais próximo. Corria perto larga linha de água, afluindo ao Inharrime, sem nome conhecido, e, nêste país tão pouco povoado, apenas se divisavam, na margem fronteira, as palhotas da povoação de Amba.

Por isso chamei à corrente de águas lodosas e turvas Ribeira de Amba. Não pode, pois, ter outro nome e não o tem, de certeza, na carta da Comissão de Cartografia — como, por equívoco, diz o sr. Campos — onde semelhante ribeira não vem marcada.

Fecho estas explicações declarando que elas se tornaram necessárias pelo valor e consideração que merece o livro do sr. Campos, livro de vulgarização patriótica, como diz modestamente o seu autor, mas, em que a elegância da forma e o castigado do estilo se aliam a uma agradável e apreciável erudição. Para nós militares, o livro tem ainda o merecimento de se achar im-

pregnado dum profundo ressaibo de amor entusiasta pelas armas, o qual indicaria desde logo, se isso não fôsse conhecido, que o seu autor é um militar, erudito, inteligente e amante da profissão que abraçou.

Como expedicionário, e como expedicionário distinguido por benévola e imerecida referência do sr. Campos, aqui lhe agradeço os seus louvores e a nova auréola de popularidade que sôbre todos nós recaïrá, resultante da sua entusiasta narrativa.

EDUARDO DA COSTA.

Capitão do Corpo do Estado Maior

PARTE II

EDUARDO DA COSTA, GOVERNADOR DO DISTRITO DE MOÇAMBIQUE 1897-1898

ACÇÃO DE EDUARDO DA COSTA NA PACIFICAÇÃO DO DISTRITO DE MOÇAMBIQUE EM 1897

MUCHELIA, MUNAPO E CALAPUTI



Notas explicativas

Em Outubro de 1896, Mousinho de Albuquerque, que em Mojenga e à frente duma coluna se defrontara com os namarrais, vira-se na necessidade de efectuar uma retirada sôbre Natule, devido ao inesperado grande consumo de munições e sobretudo à falta absoluta de água nos locais, a que, por traição de guias, havia sido conduzido.

Esta retirada, feita em boa ordem e sob o fogo violentíssimo do inimigo, foi modelar e considerada por isso como um dos mais valorosos feitos das nossas campanhas coloniais.

Em fins de Fevereiro de 1897, Mousinho recomeçou a sua ofensiva contra a tríbu namarral e em comêço de Abril era dada por finda a campanha, depois dos namarrais terem sido fortemente batidos em Naguema, Ibrahimo e Mocuto-Muno.

Povos namarrais dispersos por pontos distantes do teatro das operações e bem assim restos da tríbu vencida, e que, na ocasião, não se tinham podido bater — visto Mousinho e parte das fôrças do seu comando terem que seguir para Gaza — tinham que ser castigados também. Foi Eduardo da Costa encarregado dessa missão, recebendo em 7 de Abril as seguintes instruções para cumprimento do serviço de que fôra encarregado.

INSTRUÇÕES

PRIMEIRA. — Sem perda de tempo ir ao pôsto próximo da povoação de Itoculo, reünir aí os régulos aliados dêste e a sua gente de guerra, levando-os a guerrear os namarrais. Convém que um oficial bravo, acompanhe esta gente.

Por seu turno, o governador do distrito, logo que possa reïinir no Itoculo gente bastante para abrir estrada até ao Pão, irá com a fôrça de que possa dispor, brancos, landins e auxiliares, destruir a povoação de Mátua.

SEGUNDA. — No Lumbo está gente do Marave. É preciso acossá-la e fazê-la sair de lá à viva fôrça. Um pelotão de landins e os auxiliares chegam para esta emprêsa.

TERCEIRA. — Ficando pronto o pôsto de Muchélia, e, mantendo-se ocupada a Lunga, póde qualquer dêles servir de base de operações duma pequena guerra, que, sob o comando do governador do distrito, vá destruir as demais povoações do Marave.

QUARTA. — O governador do distrito deve ir pessoalmente aos régulos grandes de Macuana, e convém estabelecer aí mais dois postos, sendo um no M'Chlipo, outro no Erate. Por êste ano todo o nosso domínio pelo interior deve ficar estabelecido até êsse último ponto.

QUINTA. — Para guarnecer estes postos, serão completadas as 1.ª e 2.ª companhias de guerra e organizar-se-á a 10.ª em Angoche. Os quadros são requisitados ao Ministério, imediatamente.

SEXTA. — Em volta dos postos far-se-á o reconhecimento das povoações. O governador do distrito proverá para que êste serviço se faça o mais ràpidamente possível, e, pelo que respeita à cobrança do imposto de palhota, determinará a ocasião em que se deve fazer, tendo o máximo cuidado, em não promover distúrbios.

Sua Ex.ª o Governador Geral confia do zêlo e critério de V. Ex.ª que não perderá um só momento, nem se poupará a

sacrifício algum, seja de que natureza fôr, para cumprir estas Instruções, tão pronta e completamente quanto o desenvolvimento do distrito exige.

Recebidas estas Instruções, Eduardo da Costa, tratou imediatamente de preparar a expedição destinada a destruir a povoação de Mátua, e, tendo, apurado não ser conhecido nenhum chefe namarral com êste nome, concluíu tratar-se de Mátula-Muno, que era um dos chefes principais da tríbu namarral.

Embora duvidasse da gente de Itoculo e de que o seu régulo Marrúa-Muno lhe prestasse qualquer auxílio contra os namarrais, encarregou o alferes de infantaria José Carrazeda de Caldas Sousa Viana Andrade, da 1.ª Companhia de Guerra da Província, e que possuía qualidades de valentia, para seguir para aquela localidade, a-fim-de tratar com o régulo, da reünião preconizada nas Instruções e acompanhar os que fôssem indicados para marchar contra os namarrais.

Foram as seguintes as Instruções dadas a êste oficial pelo governador do distrito de Moçambique, para desempenho dêste serviço:

INSTRUÇÕES

É V. S.ª encarregado duma missão junto do régulo Marrúa-Muno do Itoculo, durante a qual se regulará pelas Instruções seguintes:

PRIMEIRA. — Chegado que seja ao pôsto de Muccati entrará em relações com o régulo Itoculo e com os régulos macúas seus aliados, incitando-os a fazerem guerra ao único grupo de povoações namarrais ainda hoje intactas e que, segundo as informações da gente de Itoculo, ficam a 5 ou 7 horas de caminho — para indígenas — da povoação do seu régulo.

Segundo as informações obtidas, as povoações que êles devem atacar, chamam-se Ilmécupé (do chefe Mátula-Muno e Calaputi, residência do falecido Mocuto-Muno).

Os chefes aliados, no dizer dos enviados de Itoculo são nove, cujos nomes V. S.ª conhece por indicação do Sr. Capitão Mor.

Claro está que V. S.ª não dará mais do que a importância devida a qualquer troca de nome ou do número de régulos, procurando, porém, reunir a máxima gente possível e levá-la, não só a guerrear os namarrais, mas também a submeter-se à autoridade portuguesa, explicando-lhes as vantagens que daí tiram e os deveres a que se obrigam. É prudente não lhes falar por enquanto em imposto de palhota.

SEGUNDA. — Reunida a gente de guerra e conhecidas por alto as suas necessidades em pólvora, etc., mandará para a Capitania, uma requisição do que julgar necessário, tomando em consideração que o govêrno já deu 25 barris de pólvora, cujo emprêgo esta deve justificar.

TERCEIRA. — Logo que receba ordem minha para deixar marchar os régulos assim lho comunicará, apressando-os a entrar em campanha e acompanhando-os durante a guerra, não dirigindo-a, para o que lhe faltam os meios necessários, mas observando-a, dando assim com a sua presença o apoio moral do favor do govêrno, mas não poupando os conselhos ou as censuras, tendentes a mostrar o modo de êles alcançarem mais amplo resultado, ou a combaterem com mais valor.

QUARTA. — É possível, que a gente de guerra se venha a encontrar com a pequena coluna que do Ibrahimo faço tenção de pessoalmente dirigir contra as mesmas povoações namarrais. Como os meus auxiliares não levam distintivos especiais ou, pelo menos, como por enquanto eu não os posso indicar, como além disso os meus soldados não podem destinguir essa gente dos namarrais inimigos, recomendará aos homens que acompanha que sejam o mais cuidadosos possível nos seus reconhecimentos a-fim-de se evitar um engano lamentável e até desastroso.

QUINTA. — Logo que êles dêem a campanha por terminada e que V. S.ª veja que efectivamente algum proveito se tirou,

destruindo-se as povoações visadas, etc., retirará para a sede da sua companhia, apresentando um relatório dos acontecimentos a que assistiu, que auxiliou ou provocou.

SEXTA. — Para sua guarda pessoal vão 10 soldados da sua companhia e 2 polícias da capitania, como correios e intérpretes. A muar que está no pôsto de Miucate fica à sua disposição e no regresso será trazida para a Capitania-mor.

SÉTIMA. — Fará com que o régulo de Itoculo me mande um homem bem conhecido do terreno para me guiar do Ibrahimo para as povoações em questão.

OITAVA. — A missão que é assim confiada a V. S.ª exige, segundo me recomendou o próprio Govêrno Geral, um oficial bravo. Espero, pois que justificará a confiança que a sua escolha representa e que é o justo resultado da sua conduta anterior.

EDUARDO DA COSTA.
Governador

Eduardo da Costa seguidamente ordenou as razias determinadas na segunda das Instruções recebidas do Govêrno Geral, que foram levadas a efeito até comêço de Maio, varrendo-se do Lumbo a gente rebelde.

Em 25 de Abril era recebida em Moçambique uma comunicação do alferes Viana Andrade em que se dizia ter Márrua-Muno prometido fazer a guerra aos namarrais com a sua gente, mas, só na nova Lua (6 de Maio).

Em 3 de Maio era recebido por Eduardo da Costa o seguinte telegrama de Mousinho:

> *Urge V. Ex.ª com melhor fôrça tomando por base Muchelia ou Lunga destruir Metiquite Caiole...*

Estavam as fôrças da coluna preparadas para seguir para Ibrahimo em 6 de Maio com o objectivo de Mátula-Muno, po-

rém, depreendendo-se da leitura dêste telegrama serem mais urgentes as operações que nêle se indicavam, ordenou o imediato embarque da fôrça disponível com destino à Muchelia, o que se realizou em 5, avisando o Govêrno Geral desta partida em telegrama de 3, concebido nos seguintes termos:

Partia 6 Ibrahimo. Visto ordem V. Ex.ª inverto operações, seguindo 5 Muchelia.

Em 4 recebeu Eduardo da Costa novo telegrama de Mousinho nos seguintes termos:

Lembrei apenas Muchelia Lunga V. Ex.ª julgará se Ibrahimo mais conveniente.

Era tarde para se darem novas contra-ordens, tendo ficado definitivamente assente a partida para a Muchelia.

Raziado o Munapo e batida a gente do Marave, na passagem do rio daquele nome, Eduardo da Costa expediu um telegrama participando a execução dêste serviço, e recebeu um outro do Govêrno Geral, redigido nos seguintes termos:

Felicito, continue.

Tendo Eduardo da Costa, após as operações da Muchelia e Munapo ido a Moçambique, recebeu aí uma comunicação do alferes Andrade em que lhe participava que Márrua-Muno, prometia atacar os namarrais em 17 ou 18 de Maio.

Continuando a duvidar dos prometimentos dêste régulo, que a serem cumpridos facilitariam a sua missão, por simultâneamente se efectuarem dois ataques contra os rebeldes, o da gente daquele régulo e o seu, seguiu em 15 para Ibrahimo e em 18 de Maio começou com a pequena fôrça de que dispunha o trabalho de abertura de caminhos, tentando alcançar, para a destruir, a povoação de Matula-Muno.

Combateu dois dias, porém a falta de água e os feridos que já tinha e não podia tratar obrigaram-no a retirar para Ibrahimo, tendo conseguido contudo alcançar Calaputi, ponto onde começou a acentuar-se a resistência inimiga. A retirada, em que Eduardo Costa bastante ferido conseguiu manter perfeita ordem, e em que a pequena coluna, violentamente atacada por todos os lados, fêz sempre frente aos revoltosos, fazendo-lhe inúmeras baixas e sem que nas suas mãos deixasse uma arma, ou qualquer artigo da sua impedimenta, foi um feito brilhantíssimo, de que resultou a submissão dos namarrais, que, passados poucos dias, se apressaram a implorar a paz.

Em 21 estando a coluna ainda em Ibrahimo, Eduardo da Costa enviou ao Govêrno Geral o seguinte telegrama, narrando o acontecido:

Saí ontem seis manhã abrindo caminho até Calaputi próximo Matula 15 quilómetros Ibrahimo. Falta água campo bivaque obrigaram-me regresso sob fogo constante violento inimigo.

Chegámos 7 tarde tendo repelido com vigor inimigo que devia sofrer muitas perdas. Nossas são sensíveis: mortos um caçadores 4 três landins; feridos eu na cara treze brancos dez landins afora auxiliares. Comportamento dêstes vergonhoso. Belo comportamento oficiais praças bem sobretudo caçadores heróicos. Rogo meu ferimento seja oculto Lisboa.

Em resposta a êste telegrama, Eduardo da Costa, recebeu o seguinte:

Felicito louve em meu nome oficiais praças. Recomendo prudência para evitar repetição tão grande número baixas. Procure aproveitar Itoculo Marrúa na guerra contra namarrais.

Vendo Eduardo da Costa por êste telegrama não ter sido bem compreendido o que havia mandado para Lourenço Marques, especialmente na parte relativa a baixas e ao seu ferimento, em 22, enviou novo telegrama nos seguintes termos:

Agradeço, transmito louvor coluna. Contava 140 baionetas. Queimamos Chabala residência Ibrahimo, Pataquoé, Muípite, Calaputi residência Mocuto-Muno, tudo povoações Pão. Número baixas devido grande desproporção efectivos, ausência cavalaria artilharia, inhábil serviço auxiliares. Itoculo não marcha constantes dilações surdo tôdas instâncias, Andrade recear abandono êste. Meu ferimento grave não perigoso impedimento serviço campo interessa cabeça face.

Os detalhes acêrca do seu ferimento tinham por único fim prevenir o Governador Geral de que temporàriamente estava impossibilitado de dirigir operações no campo, caso devessem continuar.

Era intenção de Eduardo da Costa, logo que estivesse melhor, executar pequenas operações em tôrno de Ibrahimo a-fim-de que o inimigo não pudesse julgar que renunciava à luta, mas sem se internar no país namarral, sem que dispusesse dos recursos em homens e material, indispensáveis para êsse efeito.

Em 26 de Maio, isto é, seis dias após a acção da Caluputi o novo Mocuto-Muno (chefe supremo da tríbu namarral) man-

dava dois enviados a Ibrahimo para *pegar-pé* e este acto que implìcitamente demonstrava, considerarem-se os namarrais vencidos, era imediatamente telegrafado a Mousinho, nos seguintes termos:

> *Foram Ibrahimo dois enviados Mocuto-Muno pegar pé. Peço licença exigir apenas uma espingarda 2$500 réis por palhota, não prender quem entregar espingarda mas exigir já régulo 300 espingardas e 2000 rupias moeda ou género. Julgo isto facilitar paz. Espero resposta V. Ex.ª*

Nêsse mesmo dia Eduardo da Costa recebia resposta a êste telegrama autorizando-o a proceder como havia indicado e em 2 de Junho enviava para Lourenço Marques novo telegrama, nos seguintes termos:

> *Chefes namarrais submetem-se a tôdas condições. Espero entrega tudo prazo quinze dias. Tiveram grande mortandade combate Calaputi.*

Dez dias depois do combate de Calaputi, Eduardo da Costa remetia para a Secretaria Militar do Govêrno Geral em Lourenço Marques o seu relatório em que detalhadamente se descrevia aquêle combate e as conseqüências favoráveis para a nossa soberania, que dêle haviam resultado, dada a submissão do inimigo.

Mousinho, naturalmente contrariado e talvez mesmo enervado com as notícias dadas por Eduardo da Costa nos seus telegramas de 20 e 21, que pelo seu laconismo — talvez devido ao

seu estado de ferido — lhe não podiam deixar fazer um juízo seguro do que se havia passado e de certo vendo na retirada de Calaputi a necessidade de se empreenderem operações de maior envergadura contra os namarrais, com o seu cortejo habitual de dificuldades, para reünião de fôrças e de material, ordenou à Secretaria Militar em 24 de Maio fôsse enviada ao Govêrno do Distrito de Moçambique, uma nota pedindo informações complementares, esclarecendo dúvidas que lhe haviam ficado, após a leitura dos telegramas atrás mencionados e salientando a surprêsa em que ficara por:

Não se terem combinado movimentos com os de Márrua-Muno.

Por se ter a coluna internado demasiadamente engajando-se operações em vez de simples razias levadas a efeito apenas por auxiliares, que, a pouco e pouco e cobrando ânimo fariam a guerra por si sós.

Ter sido redigido com deficiências o telegrama de 21, não indicando fôrças engajadas, número de horas de fogo e o consumo de munições.

Ter nêsse telegrama chamado heróicos aos soldados de caçadores, pois que em dois anos de África e havendo presenceado alguns combates não lograra assistir a um único acto de tão excepcional valor, que se pudesse classificar de heróico.

Mousinho mandara salientar nesta nota, que fôra a simples leitura do telegrama de 21 que lhe produzira a impressão nela traduzida, não significando um juízo, que se reservava para fazer, depois de receber informações detalhadas da acção da coluna.

Em 26 de Maio, recebe Mousinho o telegrama de Eduardo da Costa, comunicando a apresentação de enviados de Mocuto-Muno, e, não obstante não ter ainda recebido o relatório das operações com detalhes, mas reconhecendo por esta notícia quão lisongeiro fôra o resultado dessas operações, dado o desânimo

do inimigo, claramente manifestado pelo seu pedido de submissão, apressou-se a ordenar à Secretaria Militar, enviasse ao Governador do Distrito de Moçambique a seguinte nota:

Secretaria Geral do Govêrno Geral de Moçambique
Lourenço Marques, 27 de Maio de 1897

N.º 194

Ao Governador do Distrito de Moçambique
Do Chefe do Estado Maior

Sua Ex.ª o Comissário Régio encarrega-me de felicitar V. S.ª pelo bom resultado das operações que empreendeu, e principalmente da acção de 20 do corrente, resultado comprovado pelo telegrama de V. S.ª datado de ontem.

Sua Ex.ª congratula-se por ter sido V. S.ª que, como Governador do distrito, tenha definitivamente terminado com a lenda dos Namarrais e confia no critério e são juizo de V. S.ª que tirará todo o partido do pega-pé *de Mocuto-Muno.*

Aires de Ornelas.
Capitão

A nota acima transcrita destruía por completo qualquer má impressão que ficasse a Eduardo da Costa ao conhecer o teor da nota de 24, porém estas notas chegavam ao seu destino largamente espaçadas, por terem saído de Lourenço Marques em datas diversas, do que resultou o Governador do Distrito de Moçambique considerar-se desmerecido da confiança do Comissário Régio, quando em 16 de Junho recebeu a primeira, apressando-se por isso a enviar em 19, para Lourenço Marques, um requerimento, pedindo a exoneração do cargo de Governador do Distrito de Moçambique.

Este requerimento chegou a Lourenço Marques em 24 de Junho, e Mousinho de Albuquerque apressou-se a enviar neste mesmo dia um telegrama a Eduardo da Costa em que textualmente lhe dizia:

Seu pedido exoneração resulta má interpretação minha nota. Tenho V. Ex.ª máxima confiança. Espero por amizade, camaradagem, patriotismo retirar pedido que dificulta muito situação presente.

A êste telegrama Eduardo da Costa enviou uma resposta telegráfica retirando o seu pedido de exoneração do cargo de Governador.

Mousinho de Albuquerque em 27 de Junho, isto é três dias depois do seu telegrama, enviava a Eduardo da Costa uma carta, de que se extraem os seguintes períodos, que bem demonstram o grau de estima e consideração que tinha pelo Governador do Distrito de Moçambique e que destrói pela base quaisquer juizos malévolos que se façam ou porventura se tenham feito quanto à natureza de relações entre dois oficiais distintíssimos do exército português e que incontestàvelmente foram sempre leais nessas relações, reconhecendo mutuamente as grandes qualidades militares que possuiam.

Gabinete do Comissário Régio
de
Moçambique
Particular

MEU CARO COSTA

V. pregou-me um susto, susto que não há direito de pregar correndo as cousas como correm agora. Sabe qual foi? O seu pedido de exoneração.

Pondo de parte o que V. aí já tem feito e o muito que espero que faça (olhe que eu digo sempre o que penso, tudo o que penso e só o que penso...) calcule o que era o seu pedido de exoneração. E porquê? Por eu achar que V. se arriscou de mais (o que é a mais lustrosa de tôdas as faltas do mundo sobretudo em quem comandava pela primeira vez) e porque embirro com as palavras «honra e glória» porque me fazem lembrar «ou 29».

Não nego que houvesse honra e glória em Calaputi. Creio V. não supor eu negue que a houvesse no Chaimite e na Mojenga. Mas nos meus relatórios não se encontram essas palavras.

Será mania mas adoro a sobriedade de termos em relatórios. E muito especialmente num país onde tanto se tem abusado dos palavrões.

E acaba esta questão que não deveria ter começado e como não podia deixar de acabar. Lobos não comem lobos. Ambos somos militares, ambos e até uma vez juntos vimos como elas mordem e ambos o experimentámos. V. com mais sorte porque foi na cara, ao passo que eu não hei-de deitar as calças abaixo em público para mostrar que fui ferido.

.....

E viva. Espero a 4 ou 5 ir para Gaza.
Veremos que tal sai aquilo.

Receba um apertado abraço que lhe assegura, pode bem crer, que é dum seu

Verdadeiro amigo e camarada obrigado

Mousinho de Albuquerque.

Eduardo da Costa ao receber o telegrama de Mousinho pedindo retirasse o seu pedido de exoneração, além de desistir telegràficamente, dêsse pedido, enviou-lhe a seguinte carta:

Ex.mo Governador

Foi para mim inapreciável prova de estima dignar-se V. Ex.ª apelar para os meus sentimentos de amizade e camaradagem a-fim-de retirar o pedido de exoneração que enviara.

Assim o fiz em telegrama não só para corresponder à esperança de V. Ex.ª como também porque o pedido fôra apenas baseado na persuasão que desmerecera do seu conceito, o que felizmente não era assim.

Aqui continuarei trabalhando com o mesmo zêlo e boa vontade que sempre tenho tido, embora, por vezes, os resultados não o tenham podido mostrar.

Os namarrais já entregaram algumas armas, perto de 20, e espero que entregarão as outras, pois se averiguou que o intérprete, sempre activo na questão, por mêdo ou estupidez, não lhes indicara bem claramente o meu pedido.

Oficialmente nada digo sôbre o assunto esperando mais armamento.

.....

Peço-lhe que acredite na profunda consideração, respeito e amizade

de quem é de V. Ex.ª
subordinado muito obrigado
Eduardo da Costa

Cêrca dum mês depois, e quando Mousinho já tinha conhecimento dos detalhes das operações pela leitura do respectivo relatório e notícias subseqüentes sôbre a submissão de Mocuto-

-Muno sujeitando-se a tôdas as condições de paz que lhe haviam sido impostas, tem ocasião de numa carta para Eduardo da Costa — em que lhe pedia para fazer seguir para Lisboa outras que não tivera tempo de mandar pela mala postal — se referir lisongeiramente à submissão daquele régulo.

Transcreve-se seguidamente essa carta.

Gabinete do Comissário Régio
de
Moçambique
Particular

28-7-97.

MEU CARO COSTA

Esta é escrita à última hora, tão última que já as inclusas de minha mulher não puderam ir pelo correio por isso lhe peço que as mande aos seus destinos.

Muitos parabens pelo pedido de pega-pé *do M. Muno.*

Vamos a ver se se pode descançar daí um bocadito, que é bem preciso. Creio que isto seria a conseqüência do combate de 20 que naturalmente os espantou por ter sido depois da retirada das tropas brancas.

Concluo. Desejo as suas melhoras.

Sempre amigo

Mousinho de Albuquerque.

Determinavam os n.os 4.º e 6.º das Instruções dadas por Mousinho a Eduardo da Costa em 3 de Abril de 1897, que o governador do Distrito de Moçambique visitasse os régulos grandes de Macuana a-fim-de aí se estabelecerem dois postos, fazendo-se o reconhecimento das terras em sua volta.

Eduardo da Costa partiu em cumprimento dessa missão em meados de Agôsto, e, como sempre, desempenhou-se brilhantemente dessa missão. apresentando relatório com propostas, que aprovadas pelo Comissário Régio originaram a criação da capitania mor de Macuana.

Como complemento dêste diploma, entregou em Março de 1898 um outro relatório, que contendo tôdas as informações já prestadas, detalhadamente descreve culturas e flora dos terrenos percorridos, notas sôbre antropologia e etnografia dos seus habitantes e especialmente uma descrição muito completa das características geográficas do território, o que constitue valioso subsídio para trabalhos cartográficos.

Êste trabalho designado com o título «Relatório da viagem ao Itoculo e M'chulipo» encerra a segunda parte desta obra.

Se Mousinho de Albuquerque ao ler o telegrama de 21 de Maio acêrca da retirada de Calaputi ficara tão impressionado com a gravidade dos acontecimentos ali desenrolados sôbre os quais não podia, devido ao seu laconismo, fazer um juizo seguro do que se passava e notava falta de informação telegráfica, indispensável para estar completamente a par do acontecimento, o que se traduziu numa nota, quando não de censura, pelo menos, de estranheza, não é menos certo que esta nota impressionara e desgostara profundamente Eduardo da Costa, porque em consciência, tinha trabalhado com a maior correcção e de harmonia com as ordens recebidas.

Mousinho de Albuquerque, ao fazer a sua nota, estava na persuasão de que o régulo do Itoculo Murrá-Muno tinha enviado a sua gente de guerra e que esta auxiliava as operações, quando na verdade Eduardo da Costa nada conseguira daquele régulo, não obstante os seus porfiados esforços para que êle lhe mandasse a sua gente.

Não se havia internado demasiado, pois apenas se afastara 15 quilómetros do pôsto base, o que era indispensável para alcançar as povoações de Mátula-Muno, como lhe era ordenado

nas Instruções e até Calaputi não fôra atacado com violência, que não pudesse defrontar, a ponto de efectuar a retirada, não por causa dos ataques inimigos mas ùnicamente por falta de água, indispensável à pequena coluna, só tomando aspectos de violência os ataques do inimigo, já quando dirigindo a sua coluna para Ibrahimo, se afastava daquela localidade.

Não mencionava o número de combatentes, mas apressava-se a indicá-lo no telegrama de 22, e não falava no consumo de munições, porque estando inibido transitòriamente pelo seu ferimento de continuar as operações, reservava-se para o fazer, quando fizesse o seu relatório, o que é perfeitamente lógico.

Finalmente classificava de heróico o procedimento de soldados de caçadores 4, porque considerava uma falta grave assim os não considerar, pois a verdade é que se no transe por que passou a pequena coluna, obraram prodígios de valor os oficiais, animando com o seu exemplo os seus comandados, pondo-se à sua frente e nos lugares de maior perigo, deveu-se a salvação de tôdas as fôrças ao esfôrço prodigioso da sua guarda da rectaguarda, fazendo frente contìnuamente a um inimigo vinte vezes superior, e muito especialmente à extrema desta guarda, que, composta de dez soldados de caçadores, muitas horas seguidas se expuseram valorosamente na primeira linha, recusando-se abertamente a serem rendidos nos seus logares, perigosíssimos e de sacrifício.

Estas notas, algumas delas inéditas, esclarecem algumas passagens obscuras dos relatórios que seguidamente se transcrevem na íntegra, e quando outro mérito não tenham, servirão apenas para provar de forma irrefragável que Mousinho de Albuquerque e Eduardo da Costa estiveram sempre unidos no comum esfôrço de digna e honrosamente servirem a sua Pátria, e que, sempre, mutuamente se estimaram.

B. A.

RELATÓRIO

Operações de pequena guerra no Lumbo, Quissona, Metiquite, Caiole e Munapo

Moçambique, 15 de Maio de 1897. — Ao sr. chefe do estado maior. — Lourenço Marques. — Do governador do distrito. — Para explanar os meus telegramas já enviados, acêrca das pequenas operações efectuados no distrito, depois da saída de s. ex.ª o governador geral, remeto esta nota, que não é contudo um relatório, que embora singelo e insignificante, só o farei depois de concluídos todos os trabalhos que digam respeito a êste assunto.

Antes da partida do ex.mo governador geral, recebi umas instruções assinadas pelo sr. secretário geral, nas quais se me determinava no n.º 1.º que fizesse reunir, sem perda de tempo, a gente de Itoculo, para a lançar sôbre os namarrais, fazendo-a acompanhar de um oficial bravo, ao passo que eu do Ibrahimo, com a gente disponível e os auxiliares abrisse caminho para o Pão.

Procurei, chegado ao Mossuril, tomar conhecimento da situação, mas já a 17 saía para Itocolo o alferes Viana de Andrade da 1.ª companhia de guerra, a quem eu encarregara da missão, por ser oficial valente e por não dispor de outro.

Supondo desde logo que levaria tempo antes de que a gente de Marruá-Muno se pusesse em campo, tratei de dar execução

ao disposto no n.º 2.º das referidas instruções, que me ordenavam expulsar à viva fôrça do Lumbo a gente do Marave.

Isto fêz-se a 18, incendiando-se além do Lumbo três povoações próximas, e roubando os auxiliares grande quantidade de mantimentos, etc.

Comandava os auxiliares o sr. tenente Baptista Coelho e o pelotão da 1.ª companhia, que os reforçava, o sr. tenente Côrte Real.

O que eu previra deu-se. Marruá-Muno, alegando que já tivera a sua gente reunida (não sei quando), dizia que precisava da nova lua para a poder levar à guerra contra as povoações do Pão, começando desde logo com intermináveis pedidos, que não tenho satisfeito senão pela terça ou quarta parte, mostrando-lhe assim que não é por necessidade que recorremos a êle, e atendendo ao mesmo tempo ao inveterado costume em que êles estão, e que é conseqüência de hábitos anteriores, e da sua índole interesseira e servil.

Como a nova lua a que se referira Marruá-Muno começava a 5 ou 6 de Maio, entendi não deixar os maraves sossegados durante êste tempo, mas não julguei conveniente passar a executar o que estava ordenado no n.º 3.º das instruções (operações em tôrno de Lunga e Mochelia), visto que isto me poderia fazer perder a ocasião de operar de combinação com a gente de Itoculo, combinação que estava categòricamente indicada no mesmo n.º 1.º

Assim, ordenei mais duas razias, uma que saíu a 25 de Abril comandada pelo capitão Calado, e que pouco achou para destruír, a-pesar-de executar oito horas consecutivas de marcha, o que estafou por completo o quadro europeu da 1.ª companhia. A segunda, em 1 de Maio, seguiu até Quissona pelo Lumbo, indo os auxiliares por terra, sob o comando do tenente Alarcão, e um pelotão de landins, comandado pelo tenente Dias, que seguiu embarcado até ao Lumbo, para poupar os brancos; desta vez o resto do Lumbo, Quissona, e as searas e povoações próxi-

mas, ficaram destruídas, tendo-se posto fora do combate alguns maraves (sabe-se de 15) e tendo nós 2 auxiliares feridos e 1 morto.

Preparava-me, pois, para seguir a 6 para Ibrahimo, encontrando-me assim no campo ao mesmo tempo que a gente de Itoculo, quando o telegrama de 3 do corrente de s. ex.ª o governador geral, dizendo-me que urgia ir destruir Mitiquite e Caiole, me fêz dar imediatas contra-ordens, e ordens neste sentido, e que já não pude alterar, quando o segundo telegrama, recebido a 4, me veio demonstrar que a s. ex.ª era indiferente a ordem de operações, desejando apenas que elas se não protelassem, o que, se aconteceu, foi, como agora informo e v. ex.ª fica ciente, por causas estranhas à minha vontade e poder.

Segui a 6 para Lunga no vapor *Neves Ferreira,* levando a reboque a falua do arsenal destinada a auxiliar os desembarques.

Mitiquite fica na outra margem do Mutomunho e na direita de Mitiquite. O caminho seguido é langua alagada e coberta pelo fluxo das águas, e só pode ser aproveitado durante a maré baixa, motivo por que apenas no dia seguinte eu pude ir destruir a povoação, sendo, além desta, arrazadas outras, uma das quais quási fronteira a Mitiquite e bastante grande.

Segundo as informações que o alferes José de Barros tinha em tempo alcançado, devia-se chamar a esta Coiale.

Ora esta Coiale ou Coiola difere muito em posição do que está marcado no esbôço dos terrenos do continente que me foi entregue, mas é certo que não pude obter informação acêrca de outra qualquer povoação do mesmo nome, ignorado completamente pelos nossos guias, 3 soldados da 2.ª companhia que tinham palmilhado aquele terreno em várias direcções.

Foram estas razões que me levaram a dizer no telegrama que queimara o suposto Coiale, sem renunciar a procurar o outro, partindo de Natule, o que é mais fácil e onde posso encontrar guias.

As dificuldades das passagens dos rios e a conveniência, se-

gundo o meu parecer, de poupar por enquanto as terras do Molid-Volay, cuja gente se vai pouco a pouco chegando, levaram-me a transferir a minha coluna para Muchelia no dia 8, indo já na tarde dêste dia destruír Injaca e outras povoações próximas (vide carta dos Leotes), com um pequeno destacamento de 30 landins.

Nos outros dois dias percorri a região baixa do Monapo, destruindo entre outras as seguintes grandes povoações de Mechaucoma, Amorruma, Macombe, Quissirua e Merendire.

No dia 9 regressávamos à Muchelia, depois da razia, que foi a maior, e, durante a passagem do rio, quando fomos atacados pela retaguarda e pelos flancos. A ocasião era bem escolhida e de certo haveria bastantes vítimas se eu não tivesse tomado, como era meu estrito dever, as necessárias precauções. A passagem foi suspensa, empregando-se algumas descargas e retornos ofensivos em repelir para longe o inimigo, o que se conseguiu; mais desembaraçado assim, continuei a passagem por escalões sucessivos, que se protegiam mutuamente pelo fogo. Este durou meia hora e sem termos perdas, o que demonstra a insignificância da escaramuça, sem contudo querer dizer com isto que ela não desse ensejo a evidenciar-se o bom comportamento dos oficiais e tropas, quer europeas quer indígenas, sobretudo das primeiras.

Uma espingarda escangalhada, uma mochila furada, e o sibilar de muitas e boas balas, mostraram-me que nos tinha também protegido a Providência, no incruento resultado alcançado.

O bem concertado do fogo e a sua disciplina, a pouca distância a que estavam os nossos inimigos, invisíveis como sempre, as informações da gente do pôsto que vira de longe o combate, levam-me a crer que as perdas dos maraves foram sensíveis, não contando com os 6 ou 7 homens que a exploração, enèrgicamnte conduzida pelo alferes Azinhais, deitou abaixo, nos dois últimos dias.

Logo que tenha aberta a estrada até ao Pão, desejo servindo-me de base Natule, fazer umas incursões até ao Monápo, procurando o outro Coiale e uma povoação grande que chamam Miguarangam.

Conhece v. s.ª muito bem a minha opinião acêrca de postos em guerras de África, mas como o primeiro de todos os princípios é adaptar estes às circunstâncias, entendo que para dominar no país Marave e Namarral, coio de salteadores incorrigíveis, é preciso dispôr de uma rêde de postos, não muito larga, que permita assegurar eficaz protecção aos moradores que se submeterem, estabelecer comunicações regulares por todo o país, etc.; ocupação temporária, claro está, mas precisa nos primeiros tempos.

Por isso lembro a conveniência de estabelecer um novo posto provisório, próximo da passagem da estrada e do rio, embora, no que não acho inconveniente, se desguarnecesse Natule.

Como é assunto que pode prender com resoluções já assentes do ex.mo sr. comissário régio, não tomo solução definitiva antes da resposta, que convinha viesse pelo telégrafo.—*Eduardo Costa.*

Está conforme. — Secretaria militar do govêrno geral da província de Moçambique, em Lourenço Marques, 19 de Junho de 1897. — O chefe do estado maior, *Aires de Ornelas,* capitão.

Escaramuça do Munapo [1]

A narração que se vai seguir — duma insignificante escaramuça — poderia parecer bem escusada à maioria dos leitores desta *Revista,* se não a precedesse da seguinte explicação. Apezar da sua pequeníssima importância militar, teve resultados políticos de valia e, ao mesmo tempo, é o único exemplo duma passagem de rio, debaixo de fogo inimigo, que se encontra na história das nossas últimas campanhas coloniais.

Para o autor dêste artigo teve ainda outro motivo de interesse; que foi o de ver *evolucionar em combate* contra negros, cousa que ainda não tinha presenciado nem tornou a assistir no decurso das suas qualidades guerreiras, mas, todos êles atrevidos e difíceis adversários.

Eis os motivos porque supomos que não será inteiramente perdido o tempo consumido nesta leitura, e eis porque publicamos o artigo, baseado em apontamentos e documentos, que estavam destinados a dormir eternamente na carteira do seu autor e nos arquivos do distrito de Moçambique.

A 6 de Maio de 1897, pelas 7 horas a. m., embarcava no vapor *Neves Ferreira,* surto no pôrto de Moçambique, o governador do distrito e uma pequena fôrça, do seu comando, composta de 7 oficiais, 30 praças de caçadores 4 e 90 da 1.ª companhia de guerra da província, das quais 15 eram europeas e 75 indígenas *(landins)* de Inhambane. Cumprindo ordens do Comissário Régio, o major sr. Mousinho de Albuquerque, di-

(1) Artigo publicado na *Revista do Exército e Armada.*

rigia-se a pequena expedição — representando tôda a fôrça disponível no distrito — à baía de Mocambo para daí apoiando-se nos postos da Lunga e Muchelia, atacar o território do rebelde Marave.

Ali-bin-Sualé, o *Marave* (o que quer dizer *salteador*), não era adversário para desprezar; mahometano — como mestiço de árabe e negra — e guerrilheiro audaz, em quem rudimentos de civilização fizeram germinar ambições, refinando-lhe a crueldade nativa e de raça, soube criar um verdadeiro e terrível prestígio entre os negros de grande parte do distrito, sobretudo nos que habitavam os territórios banhados pela baía do Mocambo e que formavam os antigos *xecados* (de *cheik* ou *xéque*, chefe em árabe) de Sancul e Quivolane. Embora não fôsse senão um subordinado do *xeque* de Quivolane, e seu *capitão-mor*, era de facto independente, não só dêste chefe como do próprio govêrno português, a quem prestava intermitente e fingida submissão, conexa com a remessa de saborosos e úteis presentes. É impossível avaliar, duma maneira segura, a quantidade de gente que o Marave podia pôr em armas. O alferes Teixeira de Barros que, comandando o pôsto de Muchelia, briosamente repelira um ataque violento dêste chefe, avaliou em 2:000 o número de homens reunidos para esta acção, que fácilmente observava por os negros se terem visto obrigados a desenvolverem-se em terreno descoberto, a curta distância do pôsto. E em nada parece exagerado êste número, atendendo à densidade de população nestes territórios, a maior que temos visto em terras de Moçambique. Entre a gente de guerra do Marave figurava um corpo permanente, uma espécie de coorte pretoriana, os *mafridis*, o qual — segundo informações posteriores do alferes Azinhais — chegava a numerar 300 homens, a maior parte armada de Sniders, dádivas graciosas dos governos provinciais. Entre êsses *mafridis* contavam-se bastantes soldados negros, desertados da guarnição do distrito.

Ali-bin-Sualé, rebelado de novo desde o outono de 1896,

ainda não sofrera o verdadeiro castigo. A *Liberal*, o *Neves Ferreira*, e a *Duque da Terceira* já tinham feito repetidos desembarques na baía, queimando as povoações da praia, concluindo-se brilhantemente muitas destas operações sob o fogo inimigo, mas o raio de acção dos destacamentos de desembarque era, forçosamente, muito curto, o que limitara a guerra a uma estreita faxa do litoral. Foi, porém, a presença da *Duque da Terceira* que permitiu levantar-se o pôsto fortificado da Muchelia, em sítio onde — segundo os jactanciosos dizeres do Marave — jámais os portugueses se estabeleceriam. Tencionava o Comissário Régio, de regresso da expedição aos namarrais, enviar à Muchelia uma forte coluna que pusesse têrmo à rebelião, castigando severamente os rebeldes, mas os acontecimentos de Gaza, obrigando-o a seguir apressadamente para Lourenço Marques com tôdas as fôrças possíveis, impedira a execução dêste propósito, ficando, porém, ao Governador do Distrito de Moçambique a missão de tirar partido dos seus fracos recursos, de modo a fazer sentir a fôrça das armas nas povoações principais do chefe Marave, situadas tôdas no vale inferior do Monapo.

A coluna, saída de Moçambique na manhã de 6 de Maio, punha pé em terra, na Lunga — baía de Mocambo — quatro horas depois do *Neves Ferreira* ter levantado ferro. No dia seguinte, cruzando o largo braço do Mutomonho em três lanchas, desembarcava na foz e margem direita do Mitiquite, afluente daquele rio, e, por *languas* alagadas, marchava até à povoação de Mitiquite, que foi incendiada. Iniciando, sem demora, a marcha de regresso, fugindo da enchente da maré que lhe impediria a volta, a pequena fôrça vadeou o rio, marchando, no princípio, ao longo da sua alagada margem esquerda e depois pela encosta pedregosa que limita o vale e que é dum trânsito difícil e fatigante. Passando de novo o Mutomonho, nos mesmos barcos, a coluna fazia a sua entrada no pôsto da Lunga às 5 horas p. m., tendo visto muitos negros, tendo ouvido o ruído do *bambaré* de guerra, feito de discordantes sons de agudos gri-

tos humanos e de graves toques de buzina córnea, mas sem ter deparado com a mais ligeira resistência, a-pesar-da influência das marés ter obrigado a adiar por um dia, esta excursão guerreira.

A 8, embarcava tudo no *Neves Ferreira* e, atravessando a baía, ia desembarcar pelas 10 h. da manhã na praia da Muchelia, alojando-se a fôrça no pôsto. Na tarde do mesmo dia, o governador, acompanhado do capitão Calado, alferes Barros, Costa seu ajudante, Azinhais comandante do posto e 30 *landins* atacava a povoação Injaca, a 1 quilómetro do forte, que era incendiada sem resistência.

No dia 9, variando sistemàticamente de itinerário, o governador, com tôda a sua pequena coluna, dirigiu-se sôbre as grandes povoações de Quissirua e Chilabane, saindo do posto às 6 h. e 45 m. a. m., na seguinte disposição: *guarda avançada,* 20 *landins,* sob o comando do tenente Dias; *corpo principal,* o resto da 1.ª companhia de guerra, comandada pelo capitão Calado; *guarda da retaguarda,* a fôrça de caçadores, tendo por comandante o alferes Passos Ribeiro, coadjuvado pelo alferes Tenório. A distância entre os escalões variava de 30 a 60 metros. A *exploração* próxima, única possível, era feita por 12 soldados *landins,* divididos em três patrulhas, comandadas por praças graduadas europeas, sob a direcção do alferes Azinhais, que pedira para tomar parte nas operações. O terreno era batido por estes esclarecedores a distâncias variáveis entre 100 a 300 metros. O governador do distrito, seu ajudante Raúl Costa e o alferes Teixeira de Barros, que o acompanhava como voluntário, marchavam na frente do *corpo-principal,* a pé, como todos os outros oficiais e praças.

Saindo do posto e seguindo para NE, a coluna encontrava, meia hora depois, o rio Monapo, um pouco a montante da sua bifurcação em dois ramos; o rio era vadeável neste ponto e não levava grande corrente, mas a água dava pela cintura dos homens numa extensão de 150 a 200m. A passagem fazia-se em

dois escalões, sob a protecção dos exploradores que se tinham adeantado, atravessando o rio e batendo os terrenos da outra margem, que reconheceram inocupados. Reformada além Monapo, a fôrça continuou a marcha até Quissirua, queimando cinco grandes povoações, sem resistência eficaz, mas tendo vindo ao contacto com o inimigo pouco depois da passagem do rio; contudo os maraves, escaramuçando com os *exploradores,* iam cedendo sempre diante dêles, mas, visìvelmente, concentrando-se sôbre o flanco esquerdo da linha de marcha.

Pelas 9 h. a. m., a coluna atingia a praia de Chilabane, e, não tendo na sua frente outro objectivo, retrocedia lentamente sôbre o posto, na mesma disposição de marcha, completando as destruïções começadas na ida. Desejava o seu comandante, para alargar a área atacada e desnortear o adversário, regressar por caminho diferente, como o fizera de volta de Mitiquite, mas não se conhecia outro e era arriscado adoptar nova direcção, que poderia conduzir fora do vau conhecido. Às 10 h. chegava-se ao Monapo, tendo acabado o tiroteio travado até então com os *exploradores* do alferes Azinhais e êste, que já passara o rio, avisava que o lado fronteiro estava limpo de inimigos. O governador estabeleceu a sua *guarda da retaguarda* (tenente Dias) em linha, frente à rectaguarda, sôbre o combro que limitava o areal e fêz formar caçadores, junto ao rio, com a mesma frente, a-fim-de proteger o *corpo principal* da coluna, que entrava no longo areal precedendo o vau. Mas, ainda esta fracção não tinha chegado ao rio, rebentava, de novo, o tiroteio inimigo, do lado da margem que se abandonava, com uma intensidade que ainda não atingira neste dia.

O mais natural seria continuar o movimento, ao abrigo das disposições já tomadas para prevenir esta hipótese, contudo, pesando ràpidamente os prós e os contras, o comandante da coluna decidia-se por outra solução, e, interrompendo a marcha, aceitou o combate, na desvantajosa situação material em que se encontrava. Levaram-no a esta resolução as considerações

seguintes: era a primeira vez que o inimigo se aproximava em fôrça e, portanto, havia a primeira ocasião de lhe infligir perdas bem mais sensíveis do que a queima de palhotas, até então feita; além disto, os *landins,* embora aguerridos por uma campanha, tinham recebido com evidente espanto e algum receio, esta brusca tentativa do inimigo, e, apressar-lhes a marcha, sob esta impressão moral, podia acarretar um dêsses pânicos em que os soldados negros tão fàcilmente se deixam caír. Por outro lado, a proximidade do posto, a solidez das praças brancas e a confiança que lhe inspirava o seu pequeno grupo de oficiais, permitiam ao governador ousadias, pouco justificáveis em outras situações. Assim, entregando ao alferes Azinhais — que acudira aos primeiros tiros — uma secção de 20 *landins,* mandava-o estabelecer em linha sôbre o combro a NE do ponto de passagem, ao passo que o capitão Calado, com outros 20 homens da sua companhia, se dirigia para NO, indo ocupar o outro extremo do areal junto ao rio; finalmente, o resto da 1.ª companhia de guerra, entregue ao alferes Barros, e os caçadores formavam a *reserva* junto à passagem. Como o fogo apertava do flanco esquerdo, do NO, das proximidades duma enorme mangueira que ali se via uma parte dos caçadores dobrou em colchete, dirigindo sôbre aquele ponto algumas descargas, comandades pelo alferes Tenório que, por uma distinta maneira, recebia aqui o seu baptismo de fogo.

Tôdas as outras fracções, estendidas sôbre a orla do areal, alternavam as descargas em curtos lanços para a frente. Vinte minutos depois dos primeiros tiros, o fogo inimigo afrouxava muito, pelo que se ordenou então a passagem do rio na seguinte disposição: 1.º — Alferes Barros, que foi estabelecer a sua fracção dos dois lados do vau, frente ao rio, dobrando em colchete para a retaguarda do seu flanco esquerdo, por onde o inimigo poderia novamente tentar o envolvimento, sem se entalar entre a coluna e o posto. 2.º — Colocada a fracção Barros, na sua nova posição, atravessaram o rio sucessivamente, pela seguinte

ordem, as fracções Calado, Dias e Azinhais, indo tomar na *langua* da margem direita do rio a formação da marcha. 3.º — Os caçadores, formando agora a *guarda da retaguarda,* desfilaram depois da 1.ª companhia de guerra ter alcançado terra firme desdobrando-se, passado o vau, em duas fracções, formando uma delas, da fôrça de 12 homens sob o comando do alferes Tenório, a extrema retaguarda. Esta fracção seguiu em *linha,* depois de ter lançado algumas descargas sôbre as moitas que orlavam a margem direita do Monapo, pelo lado do NO, onde se podiam vir a acoitar as primeiras avançadas do inimigo, se êle quisesse seguir a coluna, mas, esta, sem outra ocorrência, entrava às 11 h. e 30 m. a. m. no posto da Muchelia. O consumo médio de munições, durante êste tiroteio de meia hora, não excedeu quinze cartuchos por espingarda, o que demonstra a boa ordem e disciplina dos fogos.

A-pesar-da evidente intensidade e da relativa justeza do tiro inimigo, revelada esta pelo perpassar contínuo de muitas balas — entre as quais o zenir estridente das Sniders se distinguia do zumbir grave e pesado dos informes projecteis lançados pelas velhas pederneiras macuas — não tivemos uma só baixa; apenas o 1.º cabo Lúcio, valente e desembaraçado rapaz do quadro europeu da 1.ª companhia indígena, ficou fortemente contundido, pela pancada duma bala Snider que lhe destruíu, de encontro à perna, a caixa da culatra da sua Kroptachek. Êste incruento resultado, filho sobretudo da Providência, foi, certamente, auxiliado pela dispersão da pequena coluna e pela distância a que soube, ou pôde, conservar os seus adversários, atirando mal e a mêdo por entre espesso mato.

Qual seria o efectivo do inimigo e o número das suas baixas? É impossível sabê-lo ao certo, sendo, contudo, permitido conjecturá-lo, por informações subseqüentes. Uma repariga negra, filha dum *grande* do Marave, depois feita prisioneira na Muchelia, declarou — nos interrogatórios a que foi submetida — que na escaramuça entrara muita gente *marave* e *namarral,*

tendo sido o combate dirigido por Ali-bin-Sualé e um seu irmão, circunstância que supõe uma reunião em *massa* e um número de combatentes não inferior a 2.000.

Não haveria, porém, tão grande quantidade de gente se — como ela disse e nós acreditamos — o *sargento-mor* de Chilabane se absteve de tomar parte na luta. Êste homem mostrou-se sempre tão adverso ao Marave, que nos leva a crer ter já rompido neste tempo tôdas as relações com êle. Contudo, e admitindo ainda outras deserções, não foram certamente menos de 1:000 ou 800 homens os que o Marave pôde congregar nos três dias anteriores à acção. A prisioneira referida disse ainda que tinham ficado mortos, ou feridos, 50 a 60 negros, e informação idêntica foi dada ao alferes Azinhais, pelo chefe de Chilabane; se êste é o número exacto não o podemos saber, mas que as perdas foram sensíveis atestam-no os factos posteriores. Assim, a coluna saía, na manhã do dia seguinte, atravessava o braço direito do Monapo, abaixo da sua bifurcação em dois ramos, e incendiava, sem disparar um tiro, tôdas as povoações compreendidas no pequeno delta da foz do Monapo, regressando, com o mesmo sossego, ao posto. Êste nunca mais foi incomodado, como até aí sucedera freqüentemente, com escaramuças e tiroteios e o seu comandante, o alferes Azinhais, percorria 8 dias depois do combate, e acompanhado dum único soldado, as povoações incendiadas pela coluna, onde novamente se iam reunindo os antigos moradores, obtendo em tôdas respeito e submissões. Todos os chefes da região, compreendendo o próprio *xeque* Molid-Volay de Quivolane, que andava insubmisso, vinham sucessivamente pedir submissão e prestar vassalagem, que se traduzia mais tarde no *melhor pagamento* do *imposto de palhota* alcançado no distrito. O Marave, fugido, teve de estabelecer arraiais mais a Sul e fora dos seus antigos domínios; mais tarde, perseguido *ao transe* pelo alferes Azinhais, só escapou devido a uma nova traição dos namarrais de Naguema. Os factos falam, pois, bem alto àcêrca da impor-

tância política de tão pequeno combate, embora a justiça obrigue a declarar que, nos posteriores resultados obtidos, muito e muito pertence à infatigável actividade e à temerária bravura do alferes Azinhais.

Cremos que da despretenciosa narrativa precedente resaltarão, bem nítidos, os ensinamentos a colher. Contudo, aqui os deixaremos exarados; numa luta contra selvagens nunca se deve desprezar ocasião de lhe infligir perdas em homens de guerra, pois é êste o mais poderoso meio de os trazer depressa à composição; um chefe deve possuir a fôrça de carácter suficiente para, em ocasião oportuna, vencer as suas convicções teóricas e as inclinações do seu próprio moral. No caso que nos ocupa, o governador do distrito, estrenuo defensor das formações fechadas em guerra de África, não hesitou — em vista da situação e do carácter guerreiro dos adversários — em dispersar a sua coluna em pequenos grupos; prudente, por temperamento, não hesitou em repelir a solução que a prudência aconselhava, para procurar, na mais arriscada, o resultado positivo, que a outra lhe não oferecia. Precipitando a passagem, para fugir às perdas, não diminuiria estas — que foram nulas — e entraria no posto com as praças europeas descontentes e os soldados indígenas abalados: em compensação, deixaria os *maraves* absolutamente convencidos de que tinham feito recuar, de mêdo, esses orgulhosos portugueses. Pelo contrário, aceitando o combate num grande e descoberto areal, com um largo rio na sua rectaguarda, o comandante da coluna tinha a certeza de que, mesmo nestas condições, entusiasmaria os seus oficiais e praças brancas, anciosos por combater, e fortaleceria o moral dos *landins* que os acompanhavam: e conhecendo o feitio guerreiro dos macuas, incapazes do terrível *rush* dos vátuas e landins, sabia que podia romper o combate em qualquer ocasião, sem se expor a uma

catástrofe. Os factos deram razão ao seu procedimento e justificam, segundo cremos, estas considerações finais.

Oxalá que os camaradas, a cuja apreciação vão ser submetidas, do mesmo modo se pronunciem a seu respeito. Será isto a melhor justificação do artigo que, sem outro interêsse, se publica.

Lisboa, 6 de Abril — 1899.

E. C.

Relatório de Mousinho de Albuquerque acêrca da acção de Calaputi e escaramuça do Munapo

Ill.mo e ex.mo sr. — Passo às mãos de v. ex.ª a cópia junta, e devo dizer a v. ex.ª que as observações que me sugere o relatório presente são as seguintes:

1.ª Que o governador de Moçambique se demorou de mais em tomar a resolução de retirar para o Ibrahimo. O motivo desta demora é evidente, e sómente o atribuo ao desejo de que entre as praças não pudesse ficar a fama de que êle retirava às primeiras baixas. Entretanto, com a pequena fôrça que tinha sob o seu comando, e sem cavalaria, devia tê-lo feito, logo que viu que o inimigo se dispunha a resistir tenazmente. No próprio relatório se revela o que lhe custou dar a ordem para a retirada, o que não admira, porque o mesmo me sucedeu na noite de 19 para 20 de Outubro de 1896, na Mujenga.

2.ª Que o que o relatório expõe acêrca do caminho que seguiu para o Pão contradiz completamente o que exponho a fl. 45 do meu relatório, datado de 12 de Junho, àcêrca dos motivos que me fizeram retirar do Ibrahimo (densidade do mato). Lamento profundamente que a falta de uma exploração mais cuidadosa do terreno me tivesse levado a dar essa ordem, o que hoje vejo ter sido um êrro, no que só a mim se pode tomar a responsabilidade, por não ter feito eu mesmo o reconhecimento do terreno.

3.ª Que em vista das informações do governador de Mo-

çambique, mando louvar em ordem à fôrça armada, e peço que seja transcrito êsse louvor no *Boletim Militar do Ultramar*, e em ordem do Exército, o governador de Moçambique, pela maneira como procurou manter a ordem na retirada de Calaputi até ao Ibrahimo, dando assim um exemplo salutar aos seus subordinados.

Os oficiais, oficiais inferiores e mais praças que compunham a coluna do comando do mesmo governador, pela forma como se comportaram no dia 20 no combate de Calaputi.

Em vista das mesmas informações proponho para que sejam condecorados com a medalha de prata de bons serviços, por se acharem no caso previsto na última parte do art. 4.º do regulamento aprovado por decreto de 21 de Dezembro de 1886, os oficiais seguintes:

Primeiro tenente de artilharia, Luiz Augusto Ferreira.

Alferes de caçadores n.º 4, Francisco Feria Tenório.

Em vista das mesmas informações, proponho que sejam condecorados com a medalha de prata de valor militar as praças seguintes:

Primeiro cabo 237/1:566 da 1.ª companhia do 2.º batalhão de caçadores n.º 4, I. D.

Soldado 104/1:941 da 1.ª companhia do 2.º batalhão de caçadores n.º 4, António Salgueiro.

Soldado 256/1:921 da 1.ª companhia do 2.º batalhão de caçadores n.º 4, Joaquim Inácio.

Soldado 79/1:807 da 1.ª companhia do 2.º batalhão de caçadores n.º 4, Izidro Domingues.

Soldado 147/2:039 da 1.ª companhia do 2.º batalhão de caçadores n.º 4, Francisco Rodrigues.

Soldado 154/1:465 da 1.ª companhia do 2.º batalhão de caçadores n.º 4, João Evangelista.

Soldado 187/1:737 da 1.ª companhia do 2.º batalhão de caçadores n.º 4, Cândido dos Santos.

Soldado /1:945 da 1.ª companhia do 2.º batalhão de caçadores n.º 4, João Evangelista.

Soldado 230/2:002 da 1.ª companhia do 2.º batalhão de caçadores n.º 4, José Miguel.

Soldado 225/2:057 da 1.ª companhia do 2.º batalhão de caçadores n.º 4, José.

O segundo sargento do quadro auxiliar da 1.ª companhia de guerra, n.º 34/2:051 da 4.ª companhia do 2.º batalhão de infantaria n.º 4, Manuel I. de Magalhãis.

Com a medalha de prata de bons serviços o segundo sargento da 1.ª companhia da administração militar n.º 8/108, Azevedo.

4.ª Que na minha opinião, opinião que transmito ao governador de Moçambique, o relatório, ùnicamente quanto à redacção, deixa a desejar, porque não expõe os factos ocorridos com a sobriedade e simplicidade que devem sempre observar-se neste género de trabalhos. Tôdas as considerações que faz a respeito de honra e glória são perfeitamente escusadas.

5.ª Que o resultado final dêste combate foi vantajoso. A submissão dos namarrais sómente se pode atribuir a haverem perdido a esperança de que em vista da retirada do grosso das fôrças para o sul, poderiam voltar à primitiva independência e bandoleirismo, ao menos entre o Ibrahimo e o Pão.

Que só aquela região precisa por agora de mais dois ou três postos fortificados e guarnecidos.

Sem quadros é escusado pensar em ter completas as duas companhias de guerra do distrito (1.ª e 2.ª) e a polícia do Mossuril, e sem essas unidades completas não se pode garantir ali a ordem e o sossego. Em Angoche urge organizar outra (a 10.ª) companhia de guerra.

Repito, portanto, a v. ex.ª o que já muitas vezes tenho dito: sem quadros bons nunca teremos fôrça capaz de garantir a ordem pública e o nosso domínio, e não vejo outra maneira de ter aqui quadros bons senão a aprovação das bases de organização

militar da província remetidas com o meu ofício n.º 108, de 18 de Setembro de 1896.

Deus guarde a v. ex.ª Secretaria militar do govêrno geral em Lourenço Marques, 19 de Junho de 1897. — Ill.mo e ex.mo sr. ministro e secretário de estado dos negócios da marinha e ultramar. — O comissário régio, *J. Mousinho de Albuquerque.*

Relatório do Governador do Distrito de Moçambique

Ill.mo e ex.mo sr. governador geral. — Vou dar conta, perante v. ex.ª, da maneira como procurei executar o que me foi determinado pelo n.º 1 das *Instruções* de 7 de Abril de 1897, assinadas pelo sr. secretário geral, o qual em resumo dizia o seguinte: que abrisse caminho até ao Pão, a-fim-de destruír a povoação do chefe Matua (Matula-Muno), com uma coluna composta de tôda a gente disponível, ao passo que fizesse cooperar neste ataque a gente de Marrua-Muno e dos seus aliados da Macuana.

Não repetirei os motivos já expostos na minha nota n.º 129 de 15 do corrente, que demoraram o empreendimento de operações subordinadas à reunião de gente de Itoculo. A 16 do corrente, finalmente, saía do Mossuril a pequena coluna do meu comando, que a 17 dava entrada no posto de Ibrahimo, com a seguinte composição em números exactos: comando, 3 oficiais; caçadores n.º 4, 44 praças e 2 oficiais; 1.ª companhia de guerra, 87 praças, sendo 10 do quadro europeu e 2 oficiais; auxiliares, 150 a 200 homens armados de espingarda e 1 oficial; uma reserva de 4.000 cartuchos Martini e 3.000 Kropatschek, indo tôdas as praças municiadas com 120 cartuchos; uma pequena ambulância com 6 macas (únicas que possuíam), 1 enfermeiro e 16 carregadores maqueiros. Finalmente, uma reserva de víveres de seis a oito dias.

Como guias, tinha o chefe de Ampapa, Nzamedine, o cabo de polícia do Mossuril, Costa, e 2 indígenas de Itoculo. Tendo recebido notícia do alferes Andrade pela sua nota n.º 8 de 4 do

corrente, que se achava reunida a gente de Itoculo e aliados, ordenei-lhe a 17 que começasse as operações, calculando que êle estaria em Mecupé (povoação de Matula) ao mesmo tempo do que eu; isto é, a 19 ou 20 do mês.

Diziam-me os guias que o Mecupé estava a seis horas de caminho de Ibrahimo (marcha de preto), e que da Manduria de Marua-Muno se punham na mesma povoação em menos de doze horas de marcha.

Assim, calculei que em dois dias atingiria Matula, ao passo que a minha ordem, chegada a 18 ao alferes Andrade, lhe permitiria vir ao encontro da coluna com os auxiliares que conduzia.

Era impossível, parece-me, levar mais longe a prevenção para reunir as duas colunas.

A 18 saía eu de Ibrahimo para começar a abrir caminho, levando apenas um rancho frio, visto que a falta de efectivos e de outros recursos da minha coluna me fêz adoptar como princípio, o de vir tôdas as noites procurar o abrigo do pôsto fortificado.

Saímos às sete horas a. m. demorados pelos auxiliares, que só à última hora acusavam uma falta de pólvora, que se poderia ter distribuído de véspera, se êles tivessem sido mais cuidadosos.

Às onze horas e meia a. m. estavamos no extremo do caminho já percorrido por fôrças da coluna do comando de v. ex.ª mas que fôra preciso abrir de novo porque evidentemente não dava passagem a um carro. A seguir começava estreito carreiro indígena; por isso receando grande mato a desbastar, e sabendo que Mecupé ficava longe, retirei para o pôsto onde entrava à uma hora e meia p. m.

A 19 dei descanso à coluna, que tinha três dias de marcha. Mas como julgasse agora haver impossibilidade de chegar num dia à povoação de Matula-Muno, decidi levar a 20, dois dias

de rancho, municiando todos os brancos a 160 cartuchos e os landins a 165.

Julguei, fundado na experiência de tôdas as guerras passadas, que êste municiamento era suficiente para dois dias de luta.

Na Mojenga, em vinte e duas horas de combate, o consumo médio de cartuchos regulou por 113.

Efectivamente, com tropas praticando e sabendo o que é a disciplina de fogo assim há-de suceder.

E contudo, em onze horas e meia de fogo, das quais só quatro violento, os meus homens quási esgotaram as suas munições, dando-me sérios cuidados. Não posso ser taxado de imprevidente, mas o caso serviu-me para exigir, como princípio a seguir, o que já era minha crença particular: nunca pode haver cartuchos demasiados. O seguimento da narração mostrará a v. ex.ª a razão dêste largo parentesis.

Às seis horas a. m. punha-se em marcha a pequena coluna e às sete horas e um quarto começava-se a abrir caminho em mato ainda não atravessado por nossas tropas. Começou então a abertura do caminho dirigida pelo primeiro tenente de artilharia, Ferreira; na frente os auxiliares de Nezamedine protegiam os trabalhadores.

Às nove horas e meia a. m. a coluna chegava às margens do rio Metavine, depois de percorrer um extenso e apertado desfiladeiro (600 a 800 metros) formado por uma ravina afluente do rio. Aí descansei, antes de atravessar a água, em alto guardado. Rompeu então o primeiro fôgo inimigo, dirigido sobretudo do lado E. onde o curso do rio formava uma vasta clareira, terreno tão querido e tão próprio à tatica dêstes indígenas.

Em poucas descargas consegui fazer calar êste fogo, e às onze horas a. m. punha-me de novo em marcha atravessando o rio.

Segundo as informações dos guias, em duas horas de caminho, abrindo mato, estaríamos em Calaputi, residência de

Mucuto-Muno, sendo bastante perto Mecupé. Ali, segundo êles diziam, havia água bastante e bom campo para bivaque.

Desde que passámos o rio tornou-se constante o tiroteio entre os namarrais estabelecidos em tôdas as povoações e os nossos auxiliares que avançavam a muito custo, cheios de pavor, não se afastando nunca da coluna, e dificultando, portanto, a abertura do caminho que custava tantos esforços ao primeiro tenente Ferreira, como a condução dos auxiliares ao alferes Teixeira de Barros.

Por duas ou três vezes tive de os animar, reforçando o seu fogo com o de uma esquadra de caçadores n.º 4 (20 homens).

Só alcançámos Calaputi pelas duas horas e meia p. m., tendo encontrado e queimado Chabala, residência de Ibrahimo, extensa, mas pouco concentrada povoação, Pataquoé e Muipiti.

Foi grande o meu desapontamento chegando a Calaputi, povoação alegre e limpa, mas construída numa pequena clareira, rodeada de cearas de altíssimo milho e de moitas de espesso mato. Era já tarde e o calor ardente, tendo tornado muito fatigante a longa e fastidiosa marcha de oito horas que a coluna tinha executado, obrigava-me a procurar servir-me dêste mau terreno. A água estava ainda a meia hora de caminho.

Dispondo a coluna em quadrado, e protegendo esta com vedetas, ordenei o desbaste imediato de uma larga porção de machamba, e a queima da povoação pelos auxiliares. Estes, se até aí tinham mostrado a costumada fraqueza, começavam a patentear uma mais forte e insólita cobardia.

Demais, tendo gasto em infrutífero tiroteio quási tôda a pólvora trazida e que fôra a requisitada pelo chefe Nezamedine, nem a tiro queriam trabalhar, embora bem perto da coluna em armas.

Contudo, empregando a fôrça, consegui que começassem com o trabalho que corria rápido, quando do lado inimigo rompeu fogo tão violento e rápido que em menos de cinco minutos tinha 5 feridos, sendo 2 praças brancas.

Para *dar ar* ao quadrado fazia repetidas cargas à baioneta com esquadras de caçadores.

Êste processo aliviava-nos, mas sem contudo fazer cessar o fogo inimigo, ajudado pelo terreno, e certamente animado pelo pequeno número de adversários, que naturalmente estavam contando.

A similitude de situações arrancava aos soldados de caçadores n.º 4 esta frase, *é outra Mojenga,* isto é, uma luta encarniçada e tenaz da qual estes bravos soldados não mostravam temor ou receio.

Porém, eu via a impossibilidade de me sustentar naquele lugar, mas desejando cumprir à letra a ordem de v. ex.ª, isto é, abrir caminho até Matula, pensei em escolher outro sítio que os guias de Itoculo diziam agora existir um pouco mais longe e mais perto da água.

Era forçoso, porém, fazer o tratamento aos feridos já em número de 7, e êste facto que me demorou até às três horas p. m. veio mais uma vez modificar os meus planos.

Os soldados de caçadores n.º 4 já tinham consumido 60 a 70 cartuchos, e era evidente que, permanecendo ali, a luta se continuaria, não talvez muito sangrenta, mas dando origem a um exagerado consumo de munições.

Os esforços dos oficiais, a própria bravura e coragem dos soldados nada podem contra o seu instintivo geito de queimar cartuchos, respondendo sempre com 2 ou 3 descargas por cada tiro feito por um adversário invisível, mas muito próximo.

Era para recear, demorando-me, que se esgotassem os cartuchos, arriscando-se assim a coluna a um desastre. Além disto, via-me embaraçado com o modo de transportar os feridos que, ao tempo, já excediam o número de macas.

O regresso impunha-se portanto, e por isso, tendo já aberto caminho até às faldas do Pão, tendo queimado as povoações dos principais chefes namarrais e arrazado bastantes das suas sementeiras, deixava-me tranqüilo de espírito e cônscio de que,

não só me desempenhára até aos limites do possível da missão que me fôra imposta, mas até que esta estava quási inteiramente cumprida.

Às três horas e vinte minutos p. m. dava pois a ordem de recolher ao pôsto do Ibrahimo, de onde estavamos afastados 15 a 18 quilómetros, formando a fôrça de caçadores n.º 4 a guarda da retaguarda; eu seguia na sua frente.

Dispensando o serviço dos auxiliares *estorvo sem compensação,* dei-lhes liberdade para marcharem como quizessem, *mas longe da coluna,* cousa que não consegui, a-pesar-de todos os meus esforços e dos oficiais que me acompanhavam.

Grande grupo dêles acumulou-se, como um rebanho, atrás de caçadores n.º 4, prejudicando sobretudo a si próprios pelo magnífico alvo que ofereciam aos seus inimigos.

Desde a partida que a luta assumiu um carácter renhido. Em tôdas as clareiras, os namarrais estavam à espera, cortando de frente o caminho e abrindo fogo violento sôbre os flancos da pequena coluna e perseguindo de perto a sua guarda da retaguarda.

Sem serviço de exploração e impossibilitado até de empregar pequenas patrulhas de landins, de que sempre me servira, pelo receio de que elas fôssem vítimas dos auxiliares, ou mesmo dos tiros dos nossos próprios soldados, passei a *explorar e a bater* tôdas as aberturas por meio de descargas repetidas, de tôdas as fracções da coluna.

Aumentava-se, é certo, o consumo de munições, mas eu não tinha por onde escolher, a-fim-de livrar a minha gente das terríveis descargas à queima-roupa que nos esperavam em tôdas elas.

Até às cinco horas e três quartos p. m., depois de atravessar o Metavina, e o desfiladeiro que o seguia, não houve incidente digno de nota.

Tôdas as fracções da coluna respondiam, parando, com a

máxima regularidade e energia ao fogo do inimigo, e êste de-certo pagou bem caro as baixas que nos ía fazendo.

À hora referida, porém, o alferes Passos Ribeiro veio-me avisar que as munições da sua gente estavam quási esgotadas; para melhor distribuir o cunhete que ainda me restava, ordenei-lhe que passasse adiante da fôrça da 1.ª companhia de guerra (40 praças), que sob o comando do tenente Dias tinha até aí constituido o corpo principal da coluna.

A manobra executou-se com regularidade, e julgava já o caso liquidado, quando ao entrarmos numa clareira, os landins, cedendo terreno e indicando um receio de que até então não tinham dado mostras, recuaram tumultuàriamente, a-pesar dos esforços do tenente Dias, mal secundados, é certo, pelas praças do quadro branco que o acompanhavam.

Envolvendo-se com os auxiliares, inertes de terror, levavam estes de encontro a caçadores n.º 4, desmanchando-lhe a formatura.

Num instante vi tudo perdido: um monte informe de homens oferecia-se como uma presa fácil a um inimigo ousado, mas juntando os meus esforços, e do tenente Ferreira e alferes Raúl Costa aos dos bravos alferes de caçadores n.º 4, fàcilmente nos fizemos obedecer dêstes valentes soldados que, repelindo auxiliares e landins, retomaram ràpidamente o seu perigoso e fatigante papel de guarda da retaguarda.

Nessa ocasião fui ferido e, sem vaidade e apenas com a consciência de ter cumprido o meu dever, posso afirmar a v. ex.ª que fui ferido no meu lugar, isto é, a cavalo, no momento mais crítico da luta e junto das últimas filas da guarda da retaguarda.

Em menos de cinco minutos tudo entrava de novo na ordem, e quando recomecei a marcha, a pé nos braços de 2 sargentos e no mesmo lugar, já atrás de mim os heróicos soldados de caçadores resistiam com verdadeira intrepidez a todos os ataques bem apertados e próximos que então lhe eram feitos.

O meu ferimento exasperou-os, e, digo-o com verdadeiro orgulho, bastante contribuíu para tornar a sua atitude ainda mais admirável do que até aí tinha sido. Dez valentes, cujos nomes v. ex.ª aqui encontrará, e que formavam a extrema guarda da retaguarda, recusavam todos os oferecimentos que lhes foram feitos para sua rendição.

A fôrça do tenente Dias fàcilmente se recompunha, e às sete horas p. m. a minha coluna entrava no pôsto de Ibrahimo, em completa ordem, tôdas as fracções no seu lugar, não tendo deixado atrás de si uma só arma (excepto de auxiliares) e trazendo tôdas as suas bagagens.

Três cadáveres de landins e 2 de muares eram os únicos destroços abandonados, mas a coluna trazia feridos, além de mim, 14 praças brancas, sendo 1 do quadro da 1.ª companhia de guerra e 11 negros landins.

Os auxiliares acusavam 9 mortos e 25 feridos.

Das praças brancas, uma o soldado n.º 262/2:003 Joaquim Viegas, da 1.ª companhia do 2.º batalhão de caçadores n.º 4, que tivera ambos os pulmões atravessados por uma bala, faleceu na noite imediata.

O consumo de munições foi o seguinte:

Cartuchos Kropatschek, 7:220.....	Média, 1:333 ½
Cartuchos Martini, 7:660.....	Idem, 99 ½

A 21 fazia seguir para Natule, escoltados por uma fôrça de 40 homens, quási todos os feridos, só deixando os que podiam acompanhar a coluna a pé. Neste mesmo dia decidi fazer regressar a coluna a quartéis pelos seguintes motivos, que v. ex.ª apreciará: eu estava ferido, com uma certa gravidade, e não podia infelizmente continuar a comandar a coluna.

Pronto a cumprir eu próprio, e sem reflexão, tôdas as ordens de v. ex.ª, não me achava autorizado a fazer continuar operações sob o comando de um outro.

O combate de 20, do qual a coluna do meu comando se saíu com honra, glória e proveito, mostrava-me contudo que era fraca de recursos para se embrenhar mais longe, novamente no coração do território namarral.

Finalmente, e razão mais forte de tôdas, se não alcançavam Matua (Matula), muito próximo dela tinha chegado, e a destruïção das residências de Ibrahimo e Mucuto-Muno, dois chefes mais importantes do que Matula, compensará, julgo eu, aos olhos de v. ex.ª o ter deixado de pé a dêste.

Por isso a 22 regresavamos ao Mossuril, de onde na véspera já tinham sido evacuados todos os feridos.

O caminho aberto até Calaputi dá passagem a um carro de frente, desde que se façam dois ligeiros pontões sôbre o Metavine, a 7 ou 8 quilómetros do pôsto, e outra linha de água mais próxima do Ibrahimo.

E a propósito devo ainda fazer notar a v. ex.ª que felizmente não encontrei as florestas impenetráveis que da outra vez impediram a continuação da abertura da estrada, o que indica que seguimos outro e melhor caminho.

Como última indicação de algum proveito, direi a v. ex.ª que a direcção geral do caminho entre o pôsto de Ibrahimo e Calaputi é de SE. para NO. inflectindo-se ligeiramente para NNE. depois da passagem Metavine.

Permitir-me-á agora v. ex.ª que eu apresente a lista dos oficiais e praças que mais especialmente recomendo como distintos.

Dos 7 oficiais que me acompanhavam, 4 são conhecidos de v. ex.ª e são êles: o capitão Calado, os alferes Passos Ribeiro, Teixeira de Barros e Raúl Costa: todos mantiveram a reputação do seu bom nome, distinguindo-se mais especialmente os alferes Ribeiro no difícil papel de comandante da guarda da retaguarda, e Raúl Costa, àcêrca do qual a minha informação é todavia suspeita, que mostrou o sangue frio e extraordinário

desembaraço de que tem dado tantas provas, auxiliando-me sempre muito eficazmente.

Os outros 3 são: primeiro tenente de artilharia Luiz Augusto Ferreira, tenente da guarnição Luiz Dias, e alferes de caçadores n.º 4, Francisco Tenório. O tenente Dias é um velho mas rijo oficial. Não é muito instruído mas sincero e valente: o seu comportamento foi digníssimo.

Distinguiram-se, contudo, mais o tenente Ferreira, que dirigiu com grande trabalho a abertura do caminho, e que durante a marcha de regresso acompanhou sempre a guarda da retaguarda, dando exemplo de valor e sangue frio, e o alferes Francisco Tenório, um bravo e heróico oficial, digno émulo dos seus companheiros de armas Viegas e Ribeiro, e cujo comportamento me encheu de admiração, sendo o oficial que mais distingui nestas curtas mas violentas operações de guerra.

Peço a protecção e o louvor de v. ex.ª para as seguintes praças:

1.º Os 10 soldados de caçadores n.º 4 a que já aludi, e que são:

Primeiro cabo n.º 237/1:566, da 1.ª do 2.º de caçadores n.º 4, J. D.

Soldado n.º 104/1:941, idem, António Salgueiro.
Soldado n.º 256/1:931, idem, Joaquim Inácio.
Soldado n.º 79/1:807, idem, Izidro Domingues.
Soldado n.º 147/2:039, idem, Francisco Rodrigues.
Soldado n.º 154/1:465, idem, João Evangelista.
Soldado n.º 187/1:737, idem, Cândido dos Santos.
Soldado n.º /1:945, idem, João Evangelista.
Soldado n.º 231/2:002, idem, José Miguel.
Soldado n.º 225/2:057, idem, José.

2.º O segundo sargento do quadro auxiliar da 1.ª companhia de guerra, n.º 34/2:051 da 4.ª companhia do 1.º batalhão de infantaria n.º 4, Manuel J. de Magalhães.

Primeiro cabo 34/, da 1.ª companhia de infantaria n.º 4,

Manuel. Esta praça distinguiu-se especialmente no árduo serviço de flanqueadores, no qual mostrou muita coragem, energia e habilidade.

Deixei para o último lugar a praça que mais se distinguiu e que mais merece dos poderes públicos.

Vi a caridade, sangue frio e coragem com que procederam os médicos militares em Marracuene e Coolela.

Pois bem, garanto a v. ex.ª que, se eles tinham mais ciência do que o segundo sargento da 1.ª companhia da administração militar, n.º 8/108, Azevedo, não mostraram mais sangue frio, desembaraço e carinho.

Tratou de todos os feridos da coluna, e de quási todos os auxiliares, isto é, quási 50 homens. Êste número dispensa mais comentários.

Aproveito a ocasião para recomendar também o alferes Diogo T. Azinhais e o segundo sargento n.º 22 da 4.ª companhia do 1.º batalhão de infantaria n.º 4, que no serviço de exploração durante os dias que operei em tôrno da Mochelia, se distinguiram, muito especialmente pela audácia e energia física de que deram provas.

Em vista do exposto na minha nota n.º 129, de 15 do corrente, e neste curto relatório, julgo poder pedir a v. ex.ª a necessária autorização para mandar averbar às praças a escaramuça de Munapo e acção de Calaputi.

Pelo mesmo motivo indico aqui a relação dos oficiais que assistiram a qualquer das lutas: capitão do corpo do estado maior, comandante da coluna, Eduardo A. F. da Costa, Munapo, Calaputi; capitão comandante da 1.ª companhia de guerra, Francisco Calado, Munapo, Calaputi; primeiro tenente de artilharia do exército do reino, Luiz Augusto Ferreira Calaputi; tenente da guarnição da província, Luiz Dias, Munapo, Calaputi; alferes de caçadores n.º 4, Manuel Ribeiro, Munapo, Calaputi; alferes de caçadores n.º 4, Francisco Tenório, Munapo, Calaputi; alferes de infantaria do exército do reino, José

X. Teixeira de Barros, Munapo, Calaputi; alferes de cavalaria do exército do reino, Raúl C. Ferreira da Costa, Munapo, Calaputi; alferes da guarnição da província, Diogo F. de Azinhais, Munapo.

Como v. ex.ª terá visto, da gente de Itoculo nem notícia tive. Depois de chegar a Moçambique, tive nota do alferes Andrade, em que êste oficial me contava minuciosamente todos os embustes e dilações com que o régulo disfarça a sua má vontade em entrar na guerra.

E para terminar, devo mais uma vez dizer, que do combate de Calaputi saíu a coluna do meu comando com honra, proveito e glória. A honra e glória são patentes: 140 combatentes, dos quais só 64 são brancos, lutando sem descanso durante onze horas, sem se deixarem vencer e até sem perda do material, contra um inimigo vinte vezes superior em número. Uma tropa que perde um quinto do seu efectivo, sem desanimar nem afrouxar da sua resistência, merece bem da pátria e, honrando-se, honra o oficial que teve a fortuna de comandar tão bravos soldados.

O proveito apareceu imediato; dois dias depois do combate, os chefes namarrais abalados e vencidos nos combates anteriores, mas ainda não convencidos, decidiram-se finalmente a pedir paz e perdão, prometem sujeitar-se a tôdas as condições que lhes são impostas.

Nem mais brilhante, nem mais incontestável, para o triunfo, era possível alcançar. — *Eduardo da Costa.*

Está conforme. Secretaria militar do govêrno geral da província de Moçambique, em Lourenço Marques, 18 de Junho de 1897. — O chefe do estado maior, *Aires de Ornelas,* capitão.

Relação dos oficiais que entraram em combate depois de dissolvida a coluna de operações

Oficiais	Escaramuça em Munapo	Acção em Calaputi	Ferimentos
Comando			
Comandante da coluna, o governador do distrito de Moçambique, capitão do corpo do estado maior, Eduardo A. Ferreira da Costa.....	9-5-97	20-5-97	Foi ferido na acção de Calaputi
O primeiro tenente de artilharia, Luiz Augusto Ferreira..	—	20-5-97	
Ajudante de campo, o alferes de cavalaria em comissão, Raúl C. Ferreira da Costa..	9-5-97	20-5-97	
Caçadores n.º 4			
O alferes, Manuel de Passos Ribeiro.....	9-5-97	20-5-97	
O alferes, Francisco Féria Tenório..	9-5-97	20-5-97	
1.ª companhia de guerra			
O comandante da 1.ª companhia de guerra, capitão de infantaria, Francisco dos Santos Calado.....	9-5-97	20-5-97	
O tenente da guarnição da província, Luiz Dias.....	9-5-97	20-5-97	
Auxiliares			
Comandante dos auxiliares, o capitão-mór de Mossuril, alferes de infantaria, José H. Teixeira de Barros.....	9-5-97	20-5-97	
O comandante militar de Lunga, o alferes da guarnição da província, Diogo Fortunato de Azinhais.....	9-5-97	—	

Secretaria militar do govêrno geral da província de Moçambique, em Lourenço Marques, 19 de Junho de 1897.—O chefe do estado maior, *Aires de Ornelas*, capitão.

Ill.mo e ex.mo sr. — Remeto a v. ex.ª a cópia junta, e devo dizer a v. ex.ª que, em vista disto, creio se convencerão em Portugal de que a guerra aos namarrais não foi uma aventura como muitos pretendem, mas sim uma série de operações executadas com um fim proveitoso, não só para o desfôrço do decoro nacional que tão enxovalhado ali tinha sido, mas para o comércio e administração geral e economia da província.

Deus guarde a v. ex.ª Secretaria militar do govêrno geral, 19 de Junho de 1897. — Ill.mo e ex.mo sr. ministro e secretário de estado dos negócios da marinha e ultramar. — O comissário régio, *J. Mousinho de Albuquerque*.

Govêrno do distrito de Moçambique. — Moçambique, 5 de Junho de 1897. — Ao sr. chefe do estado maior. — N.º 146. — Do governador do distrito. — Desenvolvendo os meus telegramas a respeito da submissão dos chefes namarrais, levo ao conhecimento de s. ex.ª o governador geral o seguinte:

A 25 do mês passado apresentaram-se no posto de Ibrahimo dois enviados de Mucuto-Muno, pedindo *pega pé*. O tenente Trindade disse-lhes que não podia, sem ordem superior, aceitar-lho, e dizer as condições, mas que desde já os prevenia de que o govêrno pouco se importava com palavras, estando disposto a continuar a guerra até os exterminar, se êles não se submeterem completamente.

Disse-lhe mais, que voltassem a 1 de Junho, com todos os chefes, sobretudo Mucuto-Muno, a-fim-de saberem as condições impostas pelo govêrno.

A 27 voltaram outra vez os mesmos enviados, acompanhados de vários chefes, como o marido da Naguema, dois irmãos de Mucuto, etc., mas como o Trindade ainda não tinha a minha resposta, não lhe pôde dizer as condições, mas foi-os logo prevenindo com acerto de que tinham a pagar o imposto de palhota.

A 1 de Junho, finalmente, Mucuto-Muno, de machila por ser velho e doente, acompanhado de vários chefes e escoltado por mais de 800 homens armados, compareceu no posto de Ibrahimo, onde lhe foi dito pelo comandante do posto, e na presença do capitão mor José Barros e do tenente de artilharia Ferreira, figurando como meu ajudante, as condições impostas para se acabar a guerra.

Estas condições, assinadas por mim, e autorizadas por s. ex.ª o governador geral, são as seguintes:

1.ª Pagamento da multa de 300 espingardas e 2:000 rupias em moeda ou género.

2.ª Abertura imediata de uma estrada de Natule à povoação de Matula-Muno, e continuação da que vai do posto a Calaputi, até à fronteira, com as serras de Itoculo, passando também por Matula.

3.ª Pagamento do imposto de palhota.

4.ª Entrega de refens.

5.ª Cortar tôdas as relações com o Marave.

6.ª Sujeitar-se, finalmente, a tôdas as ordens do govêrno.

Mucuto-Muno, por quem os seus homens mostram extraordinário respeito, aceitou de boa cara tôdas as condições, replicando apenas que seria difícil pagarem o imposto de palhota, por falta de dinheiro, mas tendo-se-lhe dito que isto era condição essencial para o perdão e paz, prometeu aceitá-la.

Dentro de quinze dias deve a multa ser paga, e caso o seja, como espero e parece inferir-se da atitude submissa e contrita de régulos e chefes, e tendo os refens na minha mão, mandarei

explorar o território namarral, indo eu próprio, e logo que possa, ver pessoalmente a melhor maneira de o ocupar.

Caso s. ex.ª aprove, darei ainda três meses aos namarrais para se prepararem ao pagamento do imposto, visto que é efectivamente muito crível que êles hoje tenham dificuldade em arranjar de pronto o dinheiro ou géneros necessários para o pagar. — *Eduardo da Costa.*

Está conforme. Secretaria militar do govêrno geral da província de Moçambique, em Lourenço Marques, 19 de Junho de 1897. — O chefe do estado maior, *Aires de Ornelas,* capitão.

ACÇÃO DE EDUARDO DA COSTA NA ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR DO DISTRITO DE MOÇAMBIQUE

O Distrito de Moçambique em 1898

O distrito de Moçambique é das mais abandonadas e desconhecidas regiões do nosso extenso domínio de além-mar. A reviviscência do espírito colonial português — permita-se-me a expressão — só agora, com os acontecimentos de Nabury e Samuco e a representação do comércio da ilha, parece ter também atingido aquele território.

Conhecendo pessoalmente o distrito, tendo devotado à resolução dos seus negócios o melhor da minha capacidade e boa vontade, julguei azado o momento de concorrer, de algum modo, para chamar a atenção pública sôbre as medidas e melhoramentos de que carece aquele fértil, mas selvagem, torrão.

Por proposta de Mousinho de Albuquerque, tive a honra de ser o primeiro governador privativo do distrito de Moçambique, logar que desempenhei desde 26 de Janeiro de 1897 até 5 de Abril de 1898. Retirando para a Europa, entreguei nas mãos do meu sucessor, o Ex.mo Sr. Dr. Baltazar Cabral (1),

(1) O Sr. Dr. Baltazar Cabral, meu particular amigo, ao tempo Governador Geral interino, só por alguns dias esteve à testa do distrito, entregando o seu govêrno ao Sr. tenente de artilharia Baptista Coelho, hoje governador de Tete, que em Setembro do mesmo ano retirou para a Europa, sendo sucedido pelo Sr. capitão de fragata Marques da Costa, há poucos meses substituído pelo Sr. capitão tenente Jaime Forjaz.

uma desenvolvida *exposição* àcêrca da situação do distrito, trabalhos executados durante a minha gerência e melhoramentos mais urgentes de que carecia.

Alguns dos meus amigos, julgando, certamente por demasiada benevolência, que a *exposição* merecia ser publicada assim mo incitaram a fazer, o que recusei, porque, desde a minha chegada a Lisboa, comecei a trabalhar em obra mais desenvolvida e vasta, referente ao distrito. Mas, por várias causas, e a-pesar-de tão largo tempo decorrido, esta obra ainda se acha atrazada e continuar calado, esperando a sua conclusão, era perder um bom momento de atraír a atenção para a colónia à qual me prendem recordações de trabalhos, perigos e desgostos, isto é, os mais vivos laços de memória e de interêsse. Lembrei-me agora da *exposição* referida, mas não a podendo publicar sem autorização do ministério do ultramar, e não julgando fácil essa autorização, desisti de imprimir a sua cópia.

Assim, a narração que se vai ler é apenas baseada nos apontamentos particulares que serviram de base ao relatório que entreguei ao Sr. Dr. B. Cabral.

Servirá esta explicação, creio eu, para atenuar o mau efeito que resultará da sua insuficiência e do tom muito pessoal de que ela vai revestida.

Assim o espero, com isso conto.

Trafaria, 24 de Setembro de 1902.

EDUARDO DA COSTA.

I

EXTENSÃO E POPULAÇÃO

O distrito de Moçambique tem uma área bem superior à de Portugal inteiro, 105:000^{km2}.

Os limites, mal difinidos e mal determinados, excluíram-no da sua fronteira natural, o Niassa. Efectivamente, o limite Norte é o curso do Lurio, rio que sai do Lago Chirua e que deixa todo o Niassa Português à companhia do Cabo Delgado. Pior é ainda a situação em relação ao limite Sul, o T'jungo, rio de que se não conhece o curso, mas do qual se sabe que é curto, o que deixa sem determinação, nem convenção de espécie alguma, uma grande zona fronteira entre os dois distritos de Moçambique e Zambezia, atribuindo-se a êste último, com manifesta injustiça, a região dos Namuli, a *pérola*, segundo dizem, de todo êste sertão.

Esta questão de limites, hoje sem importância visível, será, dentro de alguns anos, de interêsse palpitante para o distrito. E êste, sem o Niassa nem os Namuli, poderá, quando muito, tornar-se uma boa fazenda agrícola, em que se cobre ainda um bom imposto de palhota, mas de modo algum obterá a importância e o desenvolvimento inherentes às grandes linhas comerciais, por onde deriva o comércio do interior, linhas que ficarão nas mãos dos distritos vizinhos, já favorecidos em mais de um ponto.

Tôda a extensa área do distrito é habitada por uma única raça, a *macua*, o que facilita o conhecimento dos usos e custu-

mes indígenas, base necessária do seu govêrno. A mesma área divide-se por duas enormes regiões; a *Macuana superior* ou o *Lomué*, que é o país montanhoso entre a Serra de Chinga o Lurio e o Likungo, e a *Macuana inferior*, que se estende entre o Likungo e o vale do Lugenda, ainda além dos limites do distrito. Na costa, a mistura do sangue negro com o sangue árabe da gente de Mascate, Comoras, etc., deu origem aos *monhés*, mestiços que são os nossos piores e mais terríveis adversários e os verdadeiros dominadores do litoral.

À unidade de raça do interior não corresponde, felizmente, a unidade de govêrno. Não há régulos grandes, chefes de extraordinário prestígio, como entre as raças guerreiras do sul, facto que nos livra do receio de grandes insurreições ou revoltas, mas que, ao mesmo tempo, embaraça o desenvolvimento rápido da nossa influência, que se tem de fazer passo a passo, régulo a régulo.

O obstáculo principal ao nosso domínio provém, todos o sabem, dos *mouros*, *mujojos* e *monhés*, que, a algumas das virtudes guerreiras dos árabes, reunem o seu espírito de proselitismo, os mesmos instintos de rapina e o seu orgulho fanático, qualidades que lhe garantem aos olhos dos pobres indígenas um prestígio e uma autoridade que os nossos processos de benévolo govêrno nunca chegaram a adquirir.

Todo o litoral está, mais ou menos, nas mãos desta gente, sobretudo da baía de Mocambo para o Sul, e os raros postos portugueses, por esta costa espalhados, para pouco servem, visto que o seu estabelecimento não foi procedido, nem seguido, da subjugação dos povos vizinhos.

Quanto ao número de habitantes nada se sabe de positivo. Não será menos de 2 almas, nem mais de 6, por quilómetro quadrado; isto é, deve estar compreendido entre 200:000 a 600:000 habitantes.

II

INFLUÊNCIA POLÍTICA E DOMÍNIO EFECTIVO

Sôbre êste ponto de vista, dividirei o distrito em duas regiões: uma da baía de Mocambo para o Norte, e outra de Quivolane para o Sul, pelos seguintes motivos.

1.° — Porque na região Norte a nossa influência é maior e mais visível a expansão para o interior.

2.° — Porque o litoral, de Mocambo para o sul, está mais infestado de elemento *monhé* do que o norte do distrito.

Região do Norte

Durante séculos, o domínio português, nesta parte não passou da ilha de Moçambique e da península das Cabaceiras e só no último quartel do último se começou a expandir, sem saír da costa.

Para evitar o comércio da escravatura se levantaram os postos do Infusse, da Matibane e de Moginquale, de 1883 a 1886. Angoche fôra ocupado em 1861 e Natule, o ponto mais no *interior* do distrito, a 12ᵏ de Mossuril, data de 1886. Quando tomei posse do govêrno do distrito, tôda esta região estava em plena insurreição: revoltados os namarrais e maraves, revoltada a gente de Quivolane e de Angoche e em atitude duvidosa a da Matibane. A campanha contra os namarrais trouxe, como feliz conseqüência, o estabelecimento dos postos de Ibrahimo, 20ᵏ a NO de Mossuril e do Itoculo, aproximadamente na mesma direcção, mas a 100ᵏ da primeira localidade.

Construíra-se também, durante a campanha — Fevereiro e Março de 1897 — o posto fortificado da Muchelia, mesmo junto à antiga capital do Marave e onde, segundo êle dizia, os

portugueses nunca haviam de pôr pé e estabelecera-se em Fernão Velozo um outro posto militar, sem oposição dos indígenas.

A situação da região norte, quando, pela retirada da coluna de operações do Namarral, (Abril de 1897) me foi verdadeiramente entregue a sua administração militar, era, pois, a seguinte. Aos postos antigos, acrescentara-se os da Muchelia, e Ibrahimo, ainda em territórios insubmissos e insurreicionados, e o do Itoculo, estabelecido com amigável, embora não talvez sentido, aprazimento do seu régulo, Marrua-Muno.

Chamado pelos graves acontecimentos de Gaza, partia a 9 de Abril para Lourenço Marques o Sr. Comissário Régio, deixando-me, numas *instruções* com data de 7 do mesmo mês, algumas regras sôbre a minha maneira de proceder.

Em conseqüência do determinado nos seus primeiros números, dirigi pessoalmetne, no mês de Maio, pequenas operações de guerra em tôrno dos dois novos postos da Muchelia e Ibrahimo, dando dois combates; a ligeira escaramuça do Monapo e a renhida acção de Calaputi. Do primeiro, resultou a submissão dos territórios de Sancul e Monapo, até ao Mutomonho, terras do Marave e do Molid-Volai, (Quivolane). O Marave, foragido, tornou-se um chefe de quadrilha, pouco perigoso, mas ainda assim incómodo, e que é prudente anular. Molid-Volai, o célebre e centenário Xeque de Quivolane, morreu em 1898. Muito de propósito conservei a sua sucessão em aberto, para ver, se da rivalidade entre pretendentes, conseguia a prisão do Marave, candidato também, mas temido e odiado de todos os outros. Entendia dividir as terras dêste Xeque por dois chefes, sendo o de Sancul, o então sargento mor de Chilabane, Ali-Abdullah, que tinha sido fiel e dedicado ao govêrno (1).

A seguir à acção de Calaputi, os namarrais apresentavam-se a pedir paz e perdão, prometendo sujeitar-se a tôdas as duras

(1) Assim se fêz e Ali-Abdullah tem confirmado, pelo seu proceder, êste bom conceito.

condições impostas. Na verdade, porém, nada entregaram e continuaram assim rebeldes, embora depois dêste combate e até à minha retirada, nunca mais atacassem uma simples escolta, nem mesmo os *estafetas,* que, duas vezes por semana, atravessavam as suas terras, em direcção ao Itaculo.

É, contudo, uma situação por liquidar e que, na minha opinião, exigirá outra vez o emprêgo da fôrça (1).

O régulo do Itaculo era um régulo avassalado há muito tempo, mas avassalado — permita-se-me a expressão — à *maneira portuguesa:* isto é, recebera *bandeira* e participava a *sucessão,* fazendo alguns pequenos pedidos. De resto, nenhuma obrigação, nenhum tributo. Quando foi da campanha contra os namarrais, inimigos seculares do Itaculo, Marrua-Muno prometeu concorrer com a sua gente, mas tal concurso nunca apareceu, nem mesmo quando lá esteve comissionado por algum tempo, com êste fim, o alferes Andrade, homem valente e sério. O régulo todos os dias apresentava novas evasivas ou exagerados pedidos de armamento, que não lhe foram satisfeitos, claro está, pois, se o fôssem, nada teríamos ganho senão colocar nas mãos de gente pouco segura mais algumas espingardas. Não se opôs ao estabelecimento do posto e nada se atreveu a fazer contra êste, mas contrariava, sempre que podia, os comandantes militares e, não ousando desobedecer-lhes abertamente, iludia tôdas as suas ordens, não cumprindo uma só.

Como eu previa, e oficialmente dissera, nem uma só palhota foi cobrada no Itaculo, a-pesar dos reiterados avisos ao régulo sôbre a necessidade da sua gente pagar o imposto. Marrua continuou sempre surdo a todos os avisos; não deu gente para abrir carreteiras, obrigação de todos os régulos indígenas, como não deu ordem para o pagamento do imposto.

---

(1) Os chefes namarrais vivem em paz e mostram bons desejos de não hostilizar as autoridades portuguesas, mas, na verdade, o nosso domínio sôbre eles não é, na minha opinião, nem efectivo nem real.

Por isso, e conforme consta da correspondência trocada entre o distrito, capitania-mor e govêrno geral, autorizei, com conhecimento e aprovação do Sr. Governador Geral, que se lançasse mão do régulo, destituindo-o, se êste continuasse, como até então, em perfeita e completa desobediência às legítimas ordens da autoridade portuguesa (1).

A região da Matibane, que abraça todo o território entre a baía da Conducia, a de Fernão Velozo, o rio Nakala e a montanha da Mesa, obedece a um só xeque, Mahmud, que de longa data nos tem sido hóstil, tendo até mesmo representado um papel importante na vida política da província. Era antigamente conhecido pelo xeque da Quitangonha, contra o qual foram feitas algumas expedições infelizes. Contra o esperado, a gente dêste régulo recebeu muito amigàvelmente a expedição do comando do Sr. Governador Geral Mousinho. Parecia, pois, que a Matibane, além disto entalada entre dois postos, nos estaria definitivamente ganha, mas, infelizmente, não era assim. É certo que os territórios permaneceram sossegados e qualquer europeu os atravessava sem incómodos, nem perigos, mas o xeque, como o régulo do Itaculo, respondia com dilações, evasivas e até claras recusas, a tôdas as ordens de abrir caminhos carreteiros e de obrigar a sua gente ao pagamento do imposto. O dinheiro que em 1898 saíu da Matibane foi dado pelos indígenas, mais contrariando o régulo, do que obedecendo-lhe. Segundo dizem, esta má vontade, êste espírito de insubordinação, não era voluntário da parte de Mahmud, dominado inteiramente por um seu *grande* o celebrado *capitão mor* Allua, bandido da espécie dos Maraves e Farelays, em que tanto abunda aquele distrito, o qual, nosso inimigo encarniçado, nos incomodava e contrariava em tudo quanto podia.

Em conseqüência do disposto nas *instruções* de 7 de Abril

---

(1) Saí do distrito, Marrua continuou governando, mas não me consta que melhorasse em obediência e boa vontade.

de 1897, fui visitar uma parte da Macuana, tendo estado nas terras do Itaculo, Napari e Natebo.

As terras de Napari, obedecem ao régulo Marica-Muno e as de Natebo a M'chulipo. Também já estavam avassaladas à antiga, mas, quando se tratou de as ocupar, — já depois da minha retirada — por meio de um pequeno destacamento, M'chulipo opôs-se e a ocupação ficou por fazer.

Do resultado da visita tratou um relatório meu, de 21 de Setembro de 1897, o qual concluía pela criação duma nova capitania-mor, em terras do M'chulipo, abertura duma boa carreteira até aí, estabelecimento duma linha telegráfica, ocupação militar da sede da capitania e dum pôsto na baía de Memba.

Foram estas propostas aprovadas pelo Comissário Régio, mas a absoluta falta de tropas, funcionários e material, inhibiu-me de as executar até à minha saída para o reino, embora tivesse chegado a dar as ordens preparatórias, constando das portarias distritais n.os 7, 8 e 9 de 1898, aprovadas pelo govêrno geral.

As *instruções* fornecidas ao novo capitão-mor, que tinham a data de 8 de Março de 1898 e foram aprovadas pelo Govêrno Geral, indicavam a êste oficial os fins que o govêrno tinha em vista e as regras gerais sôbre o que êle devia fazer, deixando-lhe, contudo, suficiente latitude para empregar a sua iniciativa e inteligência.

M'pava ou Máhava-Muno, régulo de Muaja, região entre a baía de Memba — margem esquerda do M'Kubure — e as terras de Itaculo e Natebo, mandou, por Junho ou Julho de 1897, emissários ao Capitão-mor do Mossuril pedindo a sua visita: êste, que era o alferes José de Barros, nunca lá pôde ir e o seu sucessor também se viu impossibilitado, infelizmente por motivo de doença, de aceder às instâncias do régulo, instâncias que, depois da minha viagem ao M'chulipo, se tinham reiterado.

Na impossibilidade de marchar eu próprio e não querendo retardar por mais tempo uma nova vassalagem, desisti de enviar

o Capitão-mor, cujo nome oficial tem verdadeiro prestígio no sertão de Moçambique, fazendo seguir para Muaja o alferes Rocha, comandante interino do Corpo de Polícia Montada, com instruções escritas. Êste oficial desempenhou-se muito bem do encargo, apresentando um relatório, cuja publicação no *Boletim Oficial* pedi e obtive. A nossa influência nesta região teve assim começo efectivo.

A construção dum posto em Memba foi indicada como um dos mais urgentes trabalhos ao capitão-mor da Macuana, e, feito êste, assim como o de Marire em Natebo, ficaremos sòlidamente estabelecidos no M'Kubure, onde, até então, nem influência moral podíamos reivindicar (1).

A campanha contra os namarrais, embora não tivesse os efeitos decisivos que eram para desejar, não deixou de produzir resultados muito vantajosos, para o que contribuíu — posso dizê-lo sem vaidade — a resistência eficaz da minha pequena coluna em Calaputi. Não só os namarrais ficaram receosos e quietos, não só a gente de Sancul entrou na obediência, não só o Itaculo deixou tomarmos pé nas suas terras, mas até régulos do interior e da margem direita do Monapo vieram, pouco meses depois, pedir vassalagem e protecção.

Exposto, assim, o estado político e de domínio da região do norte, passemos agora à outra.

Região do Sul

Os postos de Infusse e Monginquale, o primeiro dos quais fôra atacado em 1896 por gente do Marave, permaneceram em segurança, a-pesar-de se repetirem as correrias e guerras entre os pretos, nas suas proximidades.

Colocados nos deltas de 2 rios tortuosos, no meio — sobre-

(1) Memba só agora vai ser ocupado, mas Natebo continua sem ocupação. Contudo o projectado pôsto do Erate substitue o do Marire.

tudo o do Infusse — duma série de ilhas pantanosas, estes postos não têm valor militar. Estabelecidos para obstar ao tráfico da escravatura, para isso podem servir, assim como para proteger as vidas dos negociantes asiáticos que, em grande número, se acham estabelecidos naqueles pontos. Creio que seria possível reduzi-los, para os fins indicados, a simples *blockaus* defensáveis por pequenas guarnições, sobretudo o de Infusse. Em fins de Março de 1898, mandei o capitão-mor de Mossuril ao Infusse, a-fim-de examinar a possibilidade de mudar o posto para lugar mais higiénico e conveniente, sôbre o ponto de vista fiscal, reduzindo-o às proporções dum *blockaus* para 12 homens, tendo-se logo dado comêço a esta segunda parte (1).

O Comando militar do Monginquale, má aringa, como o de Infusse, via em tôrno de si constantes correrias e depredações sem poder impor a sua autoridade. Rainha Muanati ou Seremaje, xeque Cha-age ou Mutucura, etc., só se lembravam do comandante para lhe pedir *pólvora,* mas não faziam absolutamente caso algum dos seus avisos ou ordens.

A situação de Infusse e Mongiquale é agravada pela circunstância das suas barras não darem entrada senão a pequenas embarcações de cabotagem, o que não permite comunicações regulares e auxílios prontos.

Angoche ou o Parapato, tem uma importância considerável na economia do distrito: é o pôrto principal, embora mau, por onde têm saída os produtos duma região que parece ser muito fértil, a Macuana do Sul. A sua exportação, em 1897, foi de 86 contos, num total de 328, em números redondos, para todo o distrito.

Conquistada a ilha, em 1861, erigida em govêrno do distrito em 1866, transferida a sua sede, em 1881, para o Parapto,

---

(1) Fêz-se, depois, a mudança para Namuco. A êste e a outros trabalhos posteriores da ocupação me referirei mais adiante.

nenhuma destas medidas melhorou a vida miserável dêste estabelecimento português.

Quer na ilha, quer no continente, a séde do govêrno esteve sempre à mercê dos negros e dos mouros da costa.

Quando o Mussa Quanto atacava, defendia-a o Morla-Muno, e se êste chefe *macua*, outrora tão poderoso, se conservou sempre ou quási sempre fiel, é porque essa fidelidade lhe acarretava pingues *saguates* — muitas vezes exigidos mais com arrogância de senhor do que com a lhaneza de aliado — *saguates* que êle, de-certo, não alcançava, ligando amizade com os *monhés* de Mussa-Quanto ou de Selimane Bin-Rajah, senhor de Angoche.

Se a situação, em princípios de 1898, ainda não era boa estava, contudo, bem melhor do que nos fins de 1896. Os mouros da ilha continuavam rebeldes, mas o Parapato, defendido por 140 soldados, estava ao abrigo de qualquer ataque e podia começar a fazer estender a sua influência pelo interior, ou ocupar de novo Moma, grande centro de exportação (1). Havia-se construído um reduto de fortificação passageira que muito auxilia a defesa da vila, e deixei começadas várias obras determinadas pelo Sr. Comissário Régio, as quais hão-de concorrer para melhorar as condições higiénicas da povoação, e o viver dos europeus ali domiciliados, o que tudo importa, como a experiência o prova, num verdadeiro aumento de prestígio sôbre os nativos.

Visitei Angoche em Outubro de 1897, sendo ali surpreendido pela morte do tenente graduado Almeida, em terras de Imbamela. Esta grande tribu *macua* vinda do interior e que se substituíu aos mouros, na costa entre o Mluli e o Lardi, obedeceu, por muito tempo, a um só chefe, o Morla Muno, mas

---

(1) Assim foi indicado ao capitão-mor de Angoche, nas instruções que lhe enviei — quando a 6.ª companhia foi guarnecer Angoche — e que êle se apressou a cumprir, logo que teve esta unidade pronta de instrução.

dividiu-se, há anos, em duas facções, uma das quais, ao mando de Guernea Muno, se estabeleceu no vale do Mluli, e, pouco a pouco, tem ido anulando a outra, em guerras continuadas. Esta rivalidade, porém, ainda se não tinha traduzido em hostilidade para com o govêrno e o desgraçado oficial morto numa povoação de Morla, por gente do seu rival, foi vítima dum acidente de guerra entre os dois régulos. É preciso, porém, não se ocultar que o facto representa uma afronta que necessita reparação, e assim o entendeu o próprio Guernea Muno, que depois do triste caso tomou uma atitude duvidosa (1).

A minha visita a Angoche, seguida da construção dos barracões *casernas*, deu que pensar à gente da ilha, onde havia quem quizesse viver em paz e subordinado ao govêrno. *Grandes* de todos os insignificantes sultões, que entre si dividiram Angoche, excepto os de Ibrahimo de Catamoio, foram apresentar-se ao capitão-mor, em princípio de Novembro de 1897, pedindo paz e perdão. Foi-lhe êste concedido com a condição de entregarem multa de guerra a dinheiro e 500 espingardas. Acederam em palavras, mas nada *pagaram*, e nada *entregaram*, repetindo assim o procedimento dos namarrais. Contudo, nunca hostilizaram a pequena lancha *Marracuene*, tão desprotegida e que tão próximo passava, 20 a 40^{m}, das margens de Catamoio e Quiloa, onde os indígenas se apinhavam para a ver navegar, festejando e cumprimentando o seu comandante (2).

Um chefe de salteadores, Farelay, tem sido dos piores inimigos do Parapato; habitando perto da vila, dispõe de poucas terras e gente, pròpriamente sua, mas arranja fàcilmente alia-

---

(1) Também assim o pensei, e ao passo que entabolava negociações pacíficas para obter essa reparação, ia organizando a expedição militar que a arrancaria à fôrça, se assim fôsse preciso. As primeiras não deram resultado e, a-pesar-do meu pedido, *nunca* fui autorizado a proceder *manu militari*.

(2) Em 1899, o capitão-mor de Angoche, Júlio Gonçalves, experimentado funcionário e honrado carácter, conseguiu estabelecer um pôsto militar na ilha, em harmonia com os seus habitantes. Na verdade, porem, e segundo me consta, esta melhor situação não corresponde ainda ao domínio efectivo e real que precisamos exercer sôbre a gente de Catamoio.

dos, alugando a sua audácia, quando se trata de expoliar ou assaltar, por surpreza, uma povoação qualquer. Anular Farelay é, pois, uma necessidade e seria fácil expedição, se êste bandido, como todos da sua espécie, não fugisse diante de qualquer luta séria e não encontrasse guarida em qualquer dos seus costumados sócios de roubos e pilhagens.

Tal era, a largos traços, a situação em 1898 e que, resumidamente, se pode enunciar assim: na *região Norte* exercíamos *influência* real duma zona de terrenos que se estendia para o interior de 20 a 120 k. de largura, desde o Mutomonho até ao Itaculo: na *região Sul*, porém, o domínio português era ainda menor e limitava-se ao campo de tiro dos seus postos. A não ser em Angoohe — onde Uazir Mussa de Sangage e o Morla-Muno, têm realmente prestado alguns serviços — todos os outros chefes do litoral apenas se lembravam das autoridades portuguesas para lhes pedirem *saguates* de pólvora e licenças *platónicas* para fazer *guerra* aos vizinhos.

Como se vê, esta situação estava longe de ser brilhante. Só uma pequeníssima parte dêste enorme distrito se achava ocupada e realmente dominada. O resto, sob o mando dos seus chefes indígenas, vivia em guerras constantes, em permanentes correrias, esterilizando as suas riquezas naturais, mergulhando cada vez mais numa barbarie selvagem. A-pesar-de tudo, se compararmos o estado das cousas em 1898 com o do princípio de 1896, não podemos deixar de nos sentirmos satisfeitos na presença do progresso realizado, pois, nessa época bem próxima, a *influência portuguesa*, rial e verdadeira, limitava-se pelo junto, à península das Cabaceiras e do Mossuril e aos lugares dos postos — más e vergonhosas aringas — de Chicomo, Natule, Lunga, Infusse, Moginquale e o Parapato (1).

(1) O nosso domínio e a nossa influência têm continuado a progredir, de 1898 para cá, duma maneira lenta, muito lenta mesmo, mas hábil, e séria. Prestando homenagem à acção dos meus sucessores no govêrno do distrito, seria injusto se não salientasse que a parte primacial dêste trabalho pertence ao capi-

Torna-se necessário desenvolver, mas desenvolver muito ràpidamente, o nosso domínio efectivo, de modo a que atinja, em pouco tempo, os confins mais interiores do distrito.

A isto nos obriga a vizinhança da Africa Central Inglesa, bem ocupada na fronteira, com os nossos territórios, o progresso económico do distrito e o futuro da região dos Namuli e Chirua.

Mas, para chegar ao Chirua, não é preciso, nem possível, claro está, o ocupar duma vez só todo o território intermédio. É apenas preciso escolher uma ou duas linhas de penetração, onde se possa caminhar ràpidamente até atingir aqueles limites, e donde depois seja fácil irradiar sucessivamente em tôdas as direcções.

Escolher e definir essas linhas de penetração é tarefa melindrosa e para a qual me faltam elementos de estudo e perspicacia de vistas. Como é, porém, condição principal, escolher para linha de penetração a que oferecer mais facilidades de comunicações, e que, ao mesmo tempo, atravesse regiões mais ricas e povoadas, fácil é de inferir, que, havendo rios navegáveis, serão estes, de preferência, os aproveitados.

É difícil, portanto, estabelecer qualquer plano antes de conhecer melhor as vias fluviais e os melhores caminhos para o interior.

De há muito que êsse trabalho devia estar feito, mas não está, o que conduz a não se dever perder um momento para o tentar agora.

Nas *instruções,* por mim dadas ao capitão-mor da Macuana, ordenava-lhe o estudo do M'kubure e do Lurio, mas como a

---

tão-mor do Mossuril — por mim interinamente nomeado em 1898. Honesto, inteligente, perseverante e dedicado, o capitão Antonio Camisão bem merece do seu país, pelo muito que por êle tem feito no distrito de Moçambique. Também muito tem melhorado a situação em Angoche, graças sobretudo, aos esforços do honrado J. Gonçalves e aos do engenheiro Pais de Almeida — um *africanista* de raça — devotado de corpo e alma aos progressos da região, que tem percorrido em todos os sentidos.

atenção dêste oficial havia de ser, durante os primeiros tempos, forçosa e inteiramente absorvida pelos negócios de instalação da capitania, entendi de primeira necessidade organizar missões geográficas — que se posessem a caminho para o interior, pelos vales do Lurio e do Likungo, ou do M'kubure e M'luli.

Se a vizinhança dos ingleses, se os nossos próprios interêsses, estão reclamando uma rápida penetração para o interior, êsses mesmos interêsses e, mais do que isso, o decoro nacional, exigem uma rápida acção, que coloque todo o litoral sôbre o domínio efectivo português, acabando com a escravatura que ainda hoje se faz, clandestinamente, por muitos dos portos não ocupados (1), destruindo-se, também, o prestígio dos mouros e *monhés*, o pior obstáculo que a expansão da nossa influência tem encontrado no seu caminho. É indispensável ocupar; na *região Norte*, Memba ou Muendazi, Sangone ou Samuco e a foz do Lurio, e, na *região do Sul*, Kinga ou Menge, Moma e o T'jungo (2).

Na região *Norte*, bastará, talvez, por enquanto, ocupar os postos e deixar que a Capitania mor da Macuana vá pacìficamente submetendo os régulos macuas vizinhos dêsses postos.

No *Sul*, porém, julgo necessário acompanhar essa ocupação duma demonstração de fôrça, que varra o litoral, esmagando os *monhés*, de Moma até Quivolane.

---

(1) Os acontecimentos de Naburi e Samuco justificam de sobejo estas palavras, já escritas em 1898.

(2) Isto *estava* escrito na minha *exposição* de 1898. Moma, Kinga e T'jungo, estão já ocupados. Memba, Samuco e Lurio, vão sê-lo agora. Admitindo, sem custo, que para isto em nada concorreu o que, então escrevi, resta-me a consolação de pensar que não tinha *visto* mal o que havia a fazer sôbre êste assunto.

III

SERVIÇOS MILITARES

GUARNIÇÃO E OCUPAÇÃO MILITAR

O distrito dispunha, em 1898, duma guarnição de 950 homens, dos quais 370 eram europeus. Dêstes últimos, 240 pertenciam às fôrças expedicionárias do exército do reino.

Todos os postos estavam artilhados. Dominava, neles, a peça de 8^{cm}, sistema francês, de campanha e montanha, $^{m}/72$, havendo algumas outras bocas de fôgo, sendo uma de BEM, 7^{cm}, $^{m}/82$, no Itaculo e outra igual em Fernão Velozo.

No distrito havia 20 cavalos e 18 muares, 12 das quais estavam ao serviço da secção de artilharia de montanha e as outras 6 espalhadas pelos comandos militares e capitanias, para serviço dos oficiais comandantes militares.

As fôrças estavam assim distribuídas:

Angoche	140 praças		6.ª Companhia de guerra
Moginquale	30 »		2.ª Companhia de guerra
Infusse	30 »		
Ibrahimo	30 »		
Matibane	28 »		
Natule	11 »		
Fernão Velloso	80 »	(porção central)	
Muchelia e Lunga .	55 »		1.ª Companhia de guerra
Itaculo	28 »		
Mossuril	90 »	(porção central)	
»	34 »		Corpo de Polícia Montada
»	206 »		2.ª companhia do 2.º batalhão de Caçadores 5
»	35 »		Secção de 1.ª bateria de Artilharia 6
Moçambique	70 »		Batalhão Disciplinar

A 1.ª e a 6.ª companhias recrutavam a quási totalidade do seu efectivo com voluntários de Inhambane. As praças da 1.ª tinham instrução, haviam feito campanha e eram regulares soldados. As da 6.ª — em Abril de 1898 — eram todos recrutas de poucos dias.

O Corpo de Polícia Montada tinha indígenas de Gaza e de Inhambane, os primeiros compelidos como prisioneiros de guerra; os segundos voluntários. Estes últimos eram, na sua maior parte, recrutas vindos com a 6.ª companhia. Os primeiros, perfeitamente instruídos, nas escolas a pé, pelo capitão Sá, de Cavalaria 4, estavam tendo cuidadosa instrução a cavalo, dada pelo seu então comandante interino, alferes Rocha, havendo já, em Abril de 1898, 15 homens capazes de desempenhar qualquer serviço montado.

Os soldados da 2.ª companhia, gentios goanezes e pretos de Angola, compelidos como vádios e crivados de vícios, eram maus.

O Batalhão Disciplinar, destinado a receber os presidiários, vadios e outros compelidos, pode vir a ser um importante nucleo de fôrças. Ao tempo (1898) nada valia, e a sua organização seria proveitosamente modificada, deslocando uma companhia para Lourenço Marques, a-fim-de receber os recrutas do norte da província, que em Moçambique só podem servir de impecilho e cuidados (1).

A Polícia Montada tinha cavalos vindos da India em Outubro de 1897. Eram animais pequenos, mas sobrios e resistentes. Infelizmente, o aparecimento, em Abril de 1898, da *horse-sickness,* tirou-me logo a esperança de ver aclimatar aqui a raça cavalar, e levou-me a recomendar que se substituíssem

---

(1) A actual organização militar do ultramar adoptou o sistema dos *batalhões disciplinares,* em vez de companhias isoladas, que melhor se adoptariam à necessidade de colocar os presidiários e correccionais longe das suas terras natais.

os cavalos por *muares* asneiras, de boa raça, que sempre são menos atreitas à terrível epidemia.

A deslocação das fôrças indígenas pelos destacamentos, segundo o meu modo de ver, deve fazer-se por forma que na porção central fique, pelo menos, metade de todo o efectivo: isto tem por fim assegurar a rendição regular dos destacamentos, único meio de manter instruídas tôdas as praças e de conservar um núcleo de fôrça suficiente para acudir a qualquer parte. Assim procedi para com a 1.ª companhia de guerra, mas foi-me impossível observar a mesma regra para com a 2.ª

No Mosuril mantive sempre, e muito propositadamente, tôda a fôrça europeia expedicionária. Conforme as minhas ideias, as fôrças europeias, em África, devem ser consideradas como uma *reserva* sempre pronta a marchar para reprimir uma revolta, o que é inteiramente incompatível com a sua dispersão por pequenos destacamentos.

Em resumo, com as fôrças então de guarnição no distrito, o máximo efectivo a reunir numa coluna de operações, não excederia a 150 praças de infantaria e 25 de artilharia, além de 150 a 170 indígenas, tudo com 20 cavalos e 2 bocas de fôgo.

Preconisei, na *exposição* de entrega do govêrno, que esta deslocação de fôrças fôsse muito brevemente alterada para corresponder às necessidades do serviço. A 2.ª companhia, então em Fernão Veloso, devia passar para o Marire, logo que as instalações ali estivessem feitas, e deveria guarnecer os postos do Itaculo, Memba e os outros que se estabelecessem para o norte. A 1.ª companhia devia ser transferida para Fernão Veloso, onde há bons quartéis, e formar os destacamentos da Matibane, Natule e Muchelia, reduzindo êste a 40 praças.

O batalhão disciplinar deveria destacar, ùnicamente gente do sul da província, para Infusse e Moginquale, reduzindo estes destacamentos a 12 ou 14 praças cada um.

Finalmente, a 6.ª companhia deveria, quanto antes, guarnecer Sangaje e, sendo possível, Kinga e Moma.

Desta maneira, conservando as companhias o efectivo médio de 150 homens e atingindo o batalhão disciplinar o de 200 indígenas do sul, não só as companhias podiam ficar habilitadas a render regularmente os seus destacamentos, como haveria sempre à mão — em Angoche, Moçambique e Fernão Veloso — 200 a 250 indígenas, que, juntos aos 80 presidiários europeus e às fôrças brancas destacadas, formariam uma coluna imponente e susceptível de dominar qualquer revolta.

Ao mesmo tempo, a capitania da Macuana, isolada no interior, disporia sempre duma guarnição de 70 a 80 homens, pondo-a ao abrigo de qualquer eventualidade.

Dada a situação de 1898, bastaria, pois, além da deslocação indicada, aumentar o efectivo do batalhão disciplinar e substituir as praças da 2.ª companhia. Mas não é êste, hoje, o nosso *desideratum*, e se num futuro próximo, como se torna mister, ocuparmos os portos da costa, de que já falei, e o interior do distrito, ao longo duma ou de duas linhas de penetração, forçosamente teremos de aumentar a guarnição militar, nas devidas proporções. Pode-se, desde agora, fazer o cálculo dessa guarnição. A costa, devidamente ocupada do Lurio ao T'jungo, exigirá 16 a 17 postos, de fôrça variável (1). Até ao lago Chirua, a profundidade do distrito atinge a enorme extensão de 500 quilómetros. Tendo em atenção as facilidades de defesa e de mobilidade que pode oferecer um rio navegável e levando em conta, que ocupar uma linha de penetração em território pacificado não é, por forma alguma, operação idêntica ao guarnecimento metódico e apertado duma linha de *étapes*, podemos considerar que 10 a 12 postos serão suficientes para guardar e conservar essas linhas.

Ao todo, haverá, pois, 28 a 30 postos guarnecidos, de fôrça e importância variáveis.

---

(1) Além dos ocupados, vão-se estabelecer mais 7, tendo-se atingido o número por mim fixado, em 1898, como necessário.

Não andaremos longe da verdade, calculando a guarnição média de segurança em 25 a 30 homens por posto, o que dá uma totalidade de 700 a 840 praças. Mas como, além dessa guarnição, precisamos dispor duma fôrça sempre pronta a debelar qualquer revolta, fôrça que, pela extensão e população do distrito, *deve* ter um efectivo respeitável, teremos de acrescentar àquele número o de mais 400 homens.

As próprias considerações em que me basiei provam que os efectivos calculados (1.100 a 1.200 praças) são um *mínimo* de *difícil* redução. E se os raciocínios feitos não bastam, temos, para contra-prova, o exemplo extranho. No Dahomé—pequeno país duma ária de 5.000^{km2}, mas habitado por uma população guerreira — conservavam os franceses uma guarnição de 1.150 praças, das quais 250 europeias. Na Serra Leôa, colónia de 11.500^{km2}, tinham os ingleses 800 indígenas *haussas* (1), isto é, das raças africanas mais guerreiras que se conhecem. Finalmente, a África Central Inglesa que tem, além de outros pontos de afinidade com o distrito, dimensões quási iguais, sustenta uma guarnição de 1.200 homens, entre os quais há 200 índios *Sikhs,* que são os mais valentes e os mais sólidos soldados coloniais da Inglaterra. Não me resta, portanto, dúvida alguma de que não pequei por exagêro nos cálculos apresentados.

Esta guarnição de 1.200 homens deve ser composta de diversas armas e contar tropas europeias. Mas como as tropas brancas, no meu entender, devem constituir o núcleo e a reserva das colunas de operações, julgo que não será preciso manter um efectivo igual ao que em 1898 se achava destacado do exército metropolitano, sobretudo se os soldados novos, que compõem estes destacamentos, forem substituídos por voluntários, já feitos e propositadamente alistados para o serviço do ultramar. É ainda minha opinião que as tropas europeias colo-

(1) Hoje, esta guarnição está consideràvelmente aumentada, mas, ao mesmo tempo, o território ocupado é muito maior.

niais devem formar, de preferência, unidades de artilharia, cavalaria e infantaria montada, porque as marchas a pé são a mais segura causa de ruína destas fôrças, que ainda assim e a-pesar-de todos os esforços, são incapazes de fornecer longos e rápidos trajectos, tantas vezes demandados pela urgência da ocasião.

No meu entender, a fôrça branca desta guarnição devia ser constituída por uma companhia ou esquadrão de 80 a 100 *dragões* e uma secção de artilharia, na qual só os quadros e os serventes seriam europeus, todos êles montados.

As fôrças restantes seriam de indígenas, formando um pelotão de *condutores,* destinado ao *serviço de transportes,* que hoje se tem de *improvisar* a cada momento, e 7 companhias de infantaria, na fôrça média de 150 homens, tendo cada uma a sua secção de *sapadores,* bem adestrada no seu mister, por oficiais e quadros competentes. Destas companhias, uma poderia ser de presidiários europeus e compelidos indígenas, separados em pelotões quási independentes entre si (1).

A respeito do recrutamento, limitar-me-ei a desejar que os indígenas, para aqui enviados, saiam de preferência dos aguerridos *mábuingela* do Incomati e Limpopo, em vez de provirem dos humildes *bitongas* e *mindongues* de Inhambane, que, ainda assim, não têm provado mal.

Os quadros das tropas indígenas são europeus, o que se justifica. Contudo, sou de opinião que há vantagem em arranjar bons oficiais inferiores indígenas, pois o *quadro* branco, de conjunto com as suas qualidades, apresenta o gravíssimo inconveniente de anular, pela sua presença a velocidade e a resistência dos negros em marcha.

Claro está, que os inferiores indígenas só devem ser consi-

---

(1) O distrito tem actualmente por guarnição, uma companhia europeia, 4 companhias indígenas, 1 pelotão de dragões e o batalhão disciplinar. Estamos perto dos efectivos preconizados aqui, mas longe do que se poderia fazer com eles, seguindo-se os processos de penetração indicados nesta narrativa.

derados graduados da gente da sua raça e a nomeação dêstes deve recaír sôbre praças antigas, bem comportadas, com experiência e inteligência da guerra, e comprovada bravura. Em compensação, pode-se e deve-se dispensar *estudos*, que são exigidos aos sargentos europeus.

O *material* de *guerra* do distrito, como o de tôda a província, era um amontoado de artigos e munições dos mais variados matizes e modelos e alguns de mais que problemática utilidade. As tropas indígenas estavam armadas com a Martini (excepto as da 2.ª companhia) e os brancos com a Kropatchek. Qualquer destas espingardas tem a sua reputação feita e a primeira delas é considerada como a melhor arma, para soldados negros. Mas não é lícito desconhecer que a mistura de calibres e munições diferentes na mesma coluna, e, até o que é pior, na mesma unidade, apresenta perigos graves ou, pelo menos, sérios inconvenientes. Julgo preferível armar tôdas as tropas da província, quer europeias, quer indígenas, com a Martini, mas entendo valer a pena entregar a tôdas elas a Kropatchek, inutilizando, o que é operação fácil, o maquinismo de repetição, que nas mãos de pretos representaria verdadeiro perigo.

No distrito havia abundância de cartuchame Kropatchek e Snider, mas excasseava, em extremo, o do sistema Martini.

Pedi, desde logo, (Abril 1897) as necessárias providências, que se fizeram esperar até à minha saída.

O armamento dos postos, em artilharia, pode muito bem continuar a ser de peças de 8^{cm} de bronze, raiadas e de carregar pela bôca. Isto, já se vê, para aproveitar um material que existe em abundância na província e que é ainda de muito bom efeito contra negros. As bocas de fôgo da *secção* de artilharia podem continuar a ser de B. E. M. 7^{cm} m/82, com todos os melhoramentos de que foram susceptíveis. Estas peças já deram provas brilhantes, que obscurecem os seus defeitos, não sendo lícito pôr de parte um material abundante e tão regular, embora haja bem melhor. Achava, porém, muito e muito conveniente

introduzir no municiomento das bocas de fôgo, em serviço, projécteis incendiários, que tanto facilitam o ataque de aringas ou de povoações fortificadas.

O municiamento de artilharia estava num verdadeiro cáus: havia 16.000 cartuchos para uma só peça de 7^{cm}, mas em *compensação* havia apenas 90 projécteis, de diversas qualidades, para todos esses milhares de cartuchos.

Também tive ocasião de dizer quanto era urgente tratar do *equipamento;* pois o que andava distribuído era de diferentes e velhos modelos, não havendo já reserva (1).

Para acabar êste capítulo, resta-me falar nas fortificações e quartéis do distrito.

Em *Angoche,* havia feitos, em Outubro de 1897, 2 toscos redutos de terra. Por ordem minha, o do alto do Semafórico, foi alargado, de modo a conter dentro de si as casernas, e refundido sôbre a direcção do segundo tenente da armada Eduardo Lupi.

Como aquartelamentos, havia, apenas um de taipa, a meia-encosta do alto, com capacidade para 20 praças, mas em Abril de 1898 ficavam de pé 2 barracões de zinco e madeira, onde cabem tôdas as praças indígenas da 6.ª companhia e construía-se uma pequena casa para o oficial de serviço e sargentos, enquanto não se concluíam os edifícios projectados para habitações do quadro europeu, enfermaria, etc.

No *Moginquale,* a fortificação era constituída por uma *aringa* de paus a pique, flanqueada por 2 tambores. Os aquartelamentos são habitações de *mato;* muros de taipa e pau a pique, com coberturas de palha.

No *Infusse,* era tudo idêntico, mas pior do que em Moginquale. Fortificações e quartéis iam ser, aqui, reduzidas e reunidos num só *blockhaus.*

---

(1) Os justos clamores, de tôda a parte, feitos sôbre o assunto, levaram a nomear-se uma comissão, da qual fiz parte, e que apresentou um projecto de uniformes e equipamentos já aprovado pelo Sr. Ministro do Ultramar.

Lunga-Muchelia. O pôsto da Lunga constava de 2 casas de alvenaria e taipa, sem defesa de espécie alguma. Por ordem minha, em tôrno da casa melhor, mas piequena e mais central, construío-se uma palissada flanqueada. Dentro da casa ficou tôda a pequena guarnição do pôsto.

O da Muchelia é constituído por um reduto quadrado (20^{m} de lado) flanqueado por 2 tambores circulares. Não tem fôsso, porque a isso se não prestavam as terras, sendo parapeito um bom muro de alvenaria, de 2^{m},30 de altura.

Dentro, estava o quartel, um barracão de zinco e madeira.

Em *Natule,* fiz substituir o enorme reduto de terra, de forma hexagonal, sem flanqueamento, por um reduto quadrado bem mais pequeno e flanqueado por dois tambores. Os taludes são revestidos de estacaria e *fachinas.*

Os aquartelamentos eram de taipa, velhos e maus. A pouca importância do pôsto e a sua proximidade do Mossuril, levaram-me a reduzir a guarnição a uma pequena fôrça de 10 praças.

No *Ibrahimo* há um reduto de terra, de forma quadrada, (20 metros da face aproximadamente) com flanqueamento por tambores. Por aquartelamento, tem barracões de zinco, sem fôrro, assentes no terreno.

No *Itaculo* havia idêntica fortificação à do Ibrahimo: a forte inclinação dos taludes e a estreiteza das bermas, foram origem de desmoronamentos, durante as chuvas de 1897-98, mas tudo foi logo reparado. Por aquartelamentos, havia barracões de zinco e madeira; um dos quais, destinado à secretaria e habitação do comandante, era forrado, sendo ambos assentes sôbre o terreno natural.

Na *Matibane,* o reduto quadrado, com revestimento de alvenaria, que, por ordem do Govêrno Geral, se estava construindo sob a direcção do comandante militar teve de ser inutilizado, pois os muros, não tendo alicerces suficientes, nem estrutura capaz, caíram. Fiz substituír o fôsso e parapeito como na

Muchelia, por um muro contínuo de boa alvenaria, flanqueado por 2 tambores. Tem bons aquartelamentos.

Em *Fernão Veloso,* não havia ainda fortificação feita, em Abril de 1898. Estava projectado um reduto retangular em terra, com flanqueamento por 2 tambores.

Tem bons e espaçosos aquartelamentos de alvenaria, mandados construír para a dissolvida colónia agrícola-militar.

Nestes quartéis cabe a porção central (70 a 80 homens) duma companhia indígena (1).

No *Mossuril* não há, nem são precisas, fortificações. No quartel de S. José estavam alojadas as companhias de caçadores 5, a secção de artilharia 6 e o corpo de polícia montada. No antigo palácio dos Governadores Gerais instalou-se a secretaria e habitação do quadro europeu da 1.ª companhia de guerra da província, estando os indígenas a viver em palhotas, num terreno junto a êsse edifício.

O quartel de S. José é defeituosíssimo. A cavalariça, que é a melhor edificação, foi transformada numa regular caserna. No corpo central, destinou-se o andar superior para os oficiais, sendo a maior casa do pavimento terreo caserna das praças de artilharia.

Dois dos pelotões de caçadores dormiam nuns barracões impróprios, sobretudo um, que tinha paredes de zinco, sendo ambos terreos.

Manifestamente, a fôrça europeia estava mal alojada, ao que não pude dar remédio, o qual, de resto, seria inoportuno, pois aquela fôrça estava ali provisóriamente, não se sabendo a guarnição permanente que depois se lhe substituíria.

No caso, por mim proposto, dum esquadrão de 80 dragões

---

(1) As fortificações e quartéis dos postos pertencentes à Capitania-Mor do Mossuril têm ido melhorando sucessivamente, graças, sobretudo, à solicitude do capitão-mor António Camisão.

e uma secção de 20 praças de artilharia, seria necessário construir uma nova e melhor caserna, além duma enfermaria, e destinar a casa, que servia de caserna a praças de artilharia, para secretaria da companhia.

Permita-se-me agora duas palavras, acêrca dos quartéis e fortificações em África. Os primeiros, logo que se trata de europeus, devem ser bons e quando as circunstâncias não permitam as construções de alvenaria, deve-se, pelo menos, aproveitar o melhor possível o material existente, e mesmo quando não haja senão os recursos do mato, ainda se pode isolar os pavimentos do solo, forrar as paredes de barro ou de madeira, arranjar tectos duplos, assim como boas janelas e portas. Os postos do distrito deixavam muito a desejar, sôbre êste ponto de vista, excepto os de Matibane e Fernão Veloso, e uma das causas que mais concorria para êste mau estado era a incompetência de direcção da sua construção, entregue, em regra, aos comandantes militares, sem conhecimentos da arte de edificar.

No meu entender, o melhor quartel para o nativo é a *palhota,* e sempre que as condições de segurança a isso se não oponham, deve-se dispor os soldados indígenas em povoações arruadas e limpas, onde cada soldado habite com a sua mulher, em palhota especial. Mesmo quando eles tenham de ficar ao abrigo das fortificações, permitir-se-á, devidamente arruada, a povoação indígena, para as suas mulheres e filhos.

Os comandos da Muchelia e Itaculo, a-pesar-de assentes junto de rios caudalosos — durante a *hivernagem* — viram-se aflitos com o abastecimento de água, pelo tempo sêco, em que esses rios se esgotaram de todo. Por êsse motivo, ordenei o estudo e construção de cisternas de 50^{m3} de capacidade em cada um dêstes postos, assim como no de Fernão Veloso — onde a água dos poços próximos é má, — e encomendei, para a capitania da Macuana, 2 tanques de ferro zincado, desmontáveis, com a capacidade de 13 toneladas cada um. Segundo creio, já se construíram, efectivamente, aqueles cisternas.

Durante os quatorze meses do meu govêrno houve ensejo de tomar algumas medidas de interêsse e de manifesta utilidade, neste ramo de serviço. Assim, fiz elevar o fundo permanente das capitanias-mores a 500$000 réis, o que lhe é muito necessário, pois têm sempre várias despesas a pagar durante o mês, como vencimento de carregadores, adiantamentos para fardamentos aos *cipais,* etc.

Fui forçado a tomar providências acêrca do gasto de expediente, iluminação e mobilia nos comandos e destacamentos, para o que fix expedir, sob proposta do chefe de repartição de fazenda militar da Província — tenente graduado Simeão Gomes — uma circular, em 5 de Julho de 1897, contendo instruções sôbre o modo de proceder à inutilização dos artigos e fixando os máximos de expediente e luzes de cada pôsto.

As dificuldades de fornecer rancho aos destacamentos, em longes terras, levaram-me a tomar as providências que constam duma circular de 24 de Setembro de 1897, a qual, em princípio, recomenda que se não faça rancho aos indígenas permitindo-se-lhes que cozinhem êles próprios a comida — o que é mais conforme ao seu gôsto e costume — mas não lhe dando abonos senão de 5 em 5 dias, para evitar desperdícios de dinheiro. A mesma circular indica a forma como hão-de proceder os mesmos comandantes de destacamento quando, por falta de recursos na localidade, tenham de dar rancho em géneros, idos da costa. Recomendava também, muito especialmente, que cada pôsto isolado estivesse sempre abastecido, pelo menos, por 15 dias e instigava os comandantes à formação de *hortas* e *machambas* para fornecerem géneros para o rancho dos indígenas.

Tanto esta circular — cuja importância é manifesta — como a de 5 de Junho — foram publicadas no *Boletim Oficial,* o que importa na sanção do govêrno geral.

Era meu intento ir abolindo, pouco a pouco, o *rancho* para tôdas as praças indígenas, entregando-lhe em cru os géneros destinados à sua refeição ou abonando-lhe subvenção a dinheiro, paga em períodos curtos de 5 dias. Isto permite-lhes cozinhar a seu gôsto e viverem com a sua família, condição essencial para se conservarem de vontade ao serviço militar.

No orçamento de 1896-97, o primeiro em que figura o distrito de Moçambique, com o seu govêrno privativo, nada se diz acêrca da existência duma Secretaria Militar. Mas, desde que tomei posse do lugar, pareceu-me indispensável tratar à parte dos assuntos militares que, no distrito, assumem uma importância considerável e demandam tanto ou mais trabalho e correspondência de que os negócios de natureza civil.

Portanto, vi-me logo obrigado a criar essa secretaria militar, que no orçamento de 1897-98 figura pela 1.ª vez, justificando eu, no relatório que precedia o projecto do orçamento, aquela organização.

Criada esta secretaria, necessário se tornava dar-lhe um *regulamento* para o seu serviço. Em 1 de Dezembro de 1897 enviei um projecto relativo ao assunto, precedido dum relatório justificativo. Embora não chegasse a receber resposta oficial, sei que o chefe de estado-maior concordava em absoluto com as idéias ali expendidas, mas que, por determinação do governador geral interino, se esperava pela chegada do comissário régio para o assunto lhe ser presente.

A organização e o regulamento propostos foram provisòriamente postos em vigor, tendo a prática demonstrado que, tanto uma como o outro, satisfazem às necessidades do serviço.

Pela mesma ocasião, enviei um outro projecto de *Regulamento,* sôbre a organização e serviço do *almoxarifado militar* do distrito, justificando esta criação no mesmo relatório em que me referia à secretaria militar. O que havia, a êste respeito, era uma *instituïção hibrida,* sem fins definidos, nem subordinação própria; todos mandavam no almoxarife e todos man-

davam a respeito de tudo. O almoxarifado despacha, encaixota, vende e compra para todos os pontos da província e para tôdas as autoridades. Tal como estava, era de impossível fiscalização e de mau serviço. Pelo projecto apresentado, o *almoxarifado* ficava reduzido a *depósitos de administração militar*, e directamente subordinado ao govêrno do distrito. Ficava uma instituïção mais modesta, mas mais útil, sendo minha tenção organizar depósito de víveres e fardamento, para atenuar as despezas do Estado e melhorar a vida dos oficiais e praças. Junto a esses depósitos criar-se-iam, também, *cazões* de alfaiates e sapateiros (1).

O serviço das fôrças europeias expedicionárias (1897-98) foi dirigido pelas *instruções* de 20 de Setembro de 1897 — época do seu desembarque em Moçambique — as quais tinham em vista, além de regular a manutenção da ordem e da disciplina no aquartelmento e circunvizinhanças, prevenir certos e determinados descuidos higiénicos das praças europeias, recentemente chegadas à África.

A *instrução* militar das tropas aquarteladas no distrito, embora não fôsse objecto de providências escritas, nem por isso mereceu menos atenções. Vi, freqüentemente, exercícios no Mossuril, que me mostraram que a 1.ª companhia de guerra, a-pesar-do descalabro do seu quadro de oficiais e sargentos, se mantinha num apreciável estado de instrução, executando com precisão tôdas as manobras. O mesmo aconteceu com as tropas expedicionárias, que vi trabalhar com notável firmeza (2).

O corpo de polícia montada foi instruído nas escolas a pé pelo capitão Rocha e Sá, de cavalaria 4, que entregando-o em

---

(1) A actual organização militar do ultramar insere disposições que abonam estas ideias.

(2) Os comandantes destas unidades que, por estes e outros serviços, acreditaram o seu nome, eram; da companhia indígena, o capitão Santos Calado; da companhia de caçadores 5 o capitão Jerónimo Rôlo e da secção de artilharia 6 o tenente Pereira de Castro.

Setembro de 1897 ao comando provisório do alferes Araujo, da 1.ª companhia de guerra, — com 4 meses de ensino, — se pode lisonjear de o ter deixado trabalhando tão excelentemente, que ainda melhor não vi em tropas portuguesas de qualquer origem. Êste excelente oficial não pôde, porém, dar incremento à instrução a cavalo, por absoluta falta de arreios, pois todos tinham ido para o sul. Vieram depois, quási no fim do seu comando, permitindo-lhe apenas dar uma dúzia de lições, aproveitando as 17 muares existentes no quartel, muito mansas, mas absolutamente impróprias para êste serviço, por serem animais de tracção, destinadas aos carros alentejanos, que formaram o combóio da coluna de operações contra os namarrais. Mais tarde, em 5 de Outubro de 1897, chegaram 30 cavalos da India, com destino ao corpo, já montados e ensinados, mas a instrução a cavalo dessas praças só recebeu vigoroso impulso com a entrada em serviço do comandante interino alferes Rocha. Alguns dos indígenas mostraram-se absolutamente inhábeis e foram passados à 6.ª companhia. Por fim, havia, porém 15 já capazes de todo o serviço montado. Viu-se que era possível fazer cavaleiros dos indígenas da província, embora o inteiro desconhecimento em que eles estão do gado cavalar dificulte muito o ensino da equitação.

Em 5 de Outubro de 1897 ordenei o estabelecimento duma carreira de tiro no Mossuril. Segundo o determinado, tiveram ali instrução elementar de tiro (foi impossível arranjar mais de 200^{m} de carreira) não só às fôrças brancas como às indígenas da polícia montada e companhia de guerra.

O batalhão disciplinar e a 2.ª companhia não poderam ter tão regular ensino, por falta de pessoal graduado e pela dispersão inevitável, da segunda destas unidades.

IV

SERVIÇOS MARÍTIMOS

Os serviços marítimos do distrito estavam concentrados na Capitania dos Portos e no comando da *flotilha*, exercido pelo capitão dos portos.

A capitania tinha delegações em todos os portos ocupados.

Os delegados são, em regra, os comandantes dos *postos militares*. Em Angoche, nomeei delegado o comandante da lancha *Marracuene*, em serviço permanente naquele pôrto, em substituição do chefe de *posto de despacho*, certamente menos competente.

Tanto a capitania como as delegações, dispunham de escaleres e lanchas, (uma por delegação), exceptuando Moginquale e Infusse, por falta de recursos.

Para obstar aos repetidos concertos das lanchas das delegações, filhos do pouco cuidado, fiz publicar no *Boletim Oficial* n.º 7, de 1898, umas *instruções* àcêrca da sua conservação e limpeza, tornando os delegados responsáveis pelos estragos sem causa aceitável.

No orçamento do ano económico de 1897-98 figurou pessoal que não estava marcado no anterior, embora existisse e fôsse indispensável, e criei dois lugares de cabos do mar, absolutamente necessários para a polícia do pôrto. Tão vantajosa foi esta criação, que a importância das multas cobradas para o Estado, por contravenções ao regulamento, excedeu muito os ordenados dos cabos de mar.

Os serviços da capitania obedeciam ao regulamento de 1886 e a um *anexo* ao mesmo, aprovado em 1896. Ia-se já fazendo sentir a necessidade de refundir e de reunir, num só diploma, tôdas as disposições sôbre o assunto, algumas bem pouco justificáveis.

A flotilha compunha-se de 4 escaleres e lanchas a vapor, no pôrto da capital do distrito e da lancha *Marracuene,* armada em guerra e surta em Angoche, além do vapor *Neves Ferreira* (1).

Os escaleres e lanchas de Moçambique faziam muito bom serviço no pôrto, sobretudo nos dias da chegada dos paquetes, levando reboques, carga e pessoal do Estado. Aproveitando o seu número, ordenei a montagem duma carreira diária para o Mossuril, que foi de vantagem para as tropas ali aquarteladas, permitindo-lhe um fornecimento regular de carne fresca, a evacuação diária de doentes, etc.

A lancha *Marracuene,* destinada superiormente para o serviço de Angoche, levou para ali *instruções minhas.* O seu comandante, além do serviço de defeza da vila, ficou encarregado dos estudos hidrográficos e geográficos compatíveis com os meios de que dispunha, encargo êste de que o tenente Lupi muito bem se desempenhou.

O serviço prestado pelo vapor *Neves Ferreira* — a bordo do qual visitei várias vezes os portos acessíveis do distrito — levando tropas e abastecimentos, fiscalizando a costa e hostilizando rebeldes, foi precioso e era indispensável. A sua retirada, dizia eu, em 1898, comprometeria a administração do distrito e a expansão da nossa influência: um só vapor, porém, é ainda pouco para esta fiscalização, e o tráfico da escravatura, assim como o contrabando de guerra, só serão de todo extintos quando, além de todos os portos ocupados, a costa estiver em constante observação, do Lurio ao T'jungo, o que exige, pelo menos, duas pequenas canhoneiras (2). Conviria dar uma lancha a va-

---

(1) Infelizmente, o tufão de 17 a 18 de Dezembro de 1899 meteu no fundo três destas embarcações, só em parte substituídas. A lancha *Marracuene,* inutilizada, voltou agora para Moçambique. O *Neves Ferreira* já não faz serviço e foi imperfeitamente substituído pelo *Baptista de Andrade,* que não é para aqueles mares.

(2) Notarei, mais uma vez, que tudo isto era dito em 1898 e está sendo confirmado pelos acontecimentos e medidas adoptadas. Cabe-me agora referir aos

por, pelo menos, a cada um dos grandes portos do distrito, como Fernão Veloso, Conducia, Mocambo, etc., além de Angoche, mas é preciso não esconder que semelhante melhoramento importa um aumento de despeza, superior, por enquanto, aos recursos do distrito, forçado a concentrá-los em cousas mais urgentes.

Um só pôrto, o de Moçambique, é balisado e iluminado. É de necessidade, e exige-o o decoro, balisar e iluminar Angoche, onde vão freqüentes vezes vapores de 1:000 a 1:500 toneladas, como o *Septus*. Outros portos precisam de farolins e boias e era de grande conveniência uma amarração fixa em Fernão Velozo, onde é difícil procurar fundo (1).

A costa do distrito é muito perigosa à navegação, pelos baixios que nela se encontram, e dos quais se destaca o temeroso baixo de Pinda, entre Fernão Veloso e Memba. O govêrno, por humanidade, por conveniência e pelo seu bom nome, deve tratar, quanto antes, da colocação dum farol numa das pontas dêste baixo e de um outro no baixo de S.to António ou na ilha de Mafaméde, defronte de Angoche.

Assim se evitariam os perigos desta costa tão suja; perigos que ainda hoje afastam, certamente, a navegação, e envergonham a administração portuguesa.

Em Moçambique havia um telégrafo marítimo, instalado na Fortaleza e a cargo do pessoal da Praça. Como não podia deixar de ser, o serviço era mal feito e incompleto, por incompetência do pessoal e falta de sinais. Ora há tão decidida vantagem, para a navegação, em poder comunicar de longe com um

---

2 comandentes do *Neves Ferreira*, durante o meu govêrno, os tenentes Artur Campos e Nogueira, valentes, hábeis e extremamente dedicados ao serviço, verdadeiros marinheiros, afinal, como o seu infeliz camarada, capitão dos portos, Alves Dias.

(1) O sr. governador Marques da Costa trabalhou muito neste sentido, muito pouco conseguindo, infelizmente. Veja-se o seu artigo, *Farolagem e Balisagem da Costa de Moçambique*, publicado nos *Anais do Club Militar Naval*, dêste ano.

pôrto conhecido, que se torna necessário melhorar êste serviço. No projecto de orçamento para 1898-99, contei com a criação dum pôsto semafórico, convenientemente organizado.

O extinto *arsenal* de Moçambique continuou a figurar nos orçamentos provinciais e, com a verba a êle destinada, se pagava às *oficinas* de reparações de embarcações miudas, que ficaram existindo e cuja necessidade, dia a dia, se foi comprovando e justificando. Como as oficinas trabalhavam para o distrito, julguei curial passá-las para o seu orçamento, o que fiz no proposto para 1898-99, dando-lhe uma organização conveniente, suprimindo o inútil e incompreensível *estado-maior* de amanuenses e pondo à sua frente um maquinista contratado, tudo sob a inspecção do Capitão do Pôrto (1).

V

ADMINISTRAÇÃO CIVIL

O distrito de Moçambique, quando tomei posse do seu govêrno dividia-se em 3 circunscrições administrativas: o concelho de Moçambique, a capitania-mor das Terras Firmes e o comando militar superior de Angoche. A capitania-mor dividia-se em comandos militares, sem atribuïções definidas.

Mais tarde e por proposta minha, criou-se a Capitania-Mor da Macuana, com sede no Marire e provisòriamente no Itaculo, onde ainda hoje se conserva.

Só no concelho de Moçambique havia Câmara Municipal, tendo sido extinta a de Angoche, pelo decreto provincial n.º 9 de 10 de Dezembro de 1896.

---

(1) Alguma cousa se fêz neste sentido, mas ignoro o alcance e natureza dos melhoramentos introduzidos, sabendo apenas que as oficinas estão sendo dirigidas por um maquinista da armada, como se propunha em 1889.

A Câmara de Moçambique tinha a si adstrito um bairro continental, constituído pela península das Cabaceiras, bairro administrado pelo capitão-mor, autoridade administrativa de ordem elevada e em tudo o mais independente do Concelho.

Êste facto singular chamou desde logo a minha atenção, mas ainda mais me impressionou a circunstância de não achar definidas, em documento algum, as atribuïções administrativas e políticas do capitão-mor e comandantes militares.

A união do bairro do Mossuril à câmara de Moçambique, dava a esta importantes rendimentos, todos gastos na capital, sem proveito algum para os contribuintes do continente. Além disso, a situação do capitão-mor, que é conveniente realçar aos olhos dos indígenas, sofria bastante da sua dependência à mesma câmara. Por todos estes motivos, tratei de tornar independente o bairro Mossuril, mas como conhecia a fraqueza de recursos da câmara, propuz compensar-lhe a diminuïção de receita, resultante desta medida, dando-lhe o distrito uma percentagem sôbre o imposto de palhota. Estas opiniões foram aprovadas pelo Comissário Régio Mousinho e traduzidas nos seus decretos provinciais n.os 46 e 52 de 7 de Abril de 1897. Pelo mesmo motivo, enviei ao Comissariado Régio uma *consulta* unanime do *conselho administrativo*, propondo o levantamento dum empréstimo de 10 contos, amortizável em 20 prestações, pago pelo distrito, mas destinado a melhoramentos municipais.

O Mossuril, administrando os seus rendimentos, já pôde, em 1897, custear a construção da grande carreteira para Itaculo, e comprar candieiros suficientes para iluminar a povoação, até então sem luz.

No seu orçamento de 1898-99 figuravam a construção duma boa cisterna na Capitania, e uma ponte-cais em S. João de Mossuril, onde atraquem em tôdas as marés as embarcações a vapor, assim como subsídios à Escola de Artes e Ofícios e Instituto Leão XIII, estabelecimentos dignos de protecção. As funções da edilidade, tanto no Mossuril como em Angoche,

ficaram a cargo exclusivo das autoridades administrativas e, na verdade, estas localidades só ganharam com o facto, como o atestam os melhoramentos indicados e outros posteriormente lvados a efeito.

Não julgo justificável a existência do próprio Município de Moçambique, desde que êle não tem rendimentos suficientes para as suas despezas, nem há facilidade em encontrar bons administradores nos seus municipes elegíveis. O administrador do concelho, coadjuvado por 2 *homens bons,* como acessores, seria solução mais satisfatória, segundo me parece, e assim o propuz, ou lembrei, na *exposição* de 1898.

É justo, porém, declarar que a comissão municipal de 1896-98, sob a presidência do Dr. José Serrão, trabalhou bem e cumpriu com os seus deveres, mas a fraqueza de rendimentos do concelho não lhe permitiu que ela podesse fazer muito.

Com o fim de melhorar as condições higiénicas da cidade e, ao mesmo tempo, o seu aspecto e limpeza, elaborou o dr. José Serrão, coadjuvado obsequiosamente pelos distintos jurisconsultos dr. Reis e Lima, juiz da Relação, e dr. Lucas Leitão, procurador da Coroa e Fazenda, um código de posturas municipais, muito completo e bastante rigoroso, para impôr respeito e receio pelas contravenções aos seus princípios.

A câmara pediu, prèviamente, com o mesmo fim, que ela fôsse autorizada a elevar as multas até 50$000 réis e que as suas contas, por obras, tivessem fôrça de sentença aparelhada em juízo. Apoiei ambos os pedidos, a que o Comissário Régio deu razão pelos decretos provinciais n.º 61 e 104-B de 31 de Maio e 16 de Novembro de 1897.

O projecto do código de posturas foi aprovado por *acordão* do Conselho Administrativo do distrito de 16 de Julho de 1897. Infelizmente, não se tirou dêle o resultado desejado, porque todos os contraventores enviados para juízo foram absolvidos.

Fazer um regulamento para definir as atribuïções das auto-

ridades administrativas, foi uma das minhas primeiras e mais constantes preocupações.

Conhecia, porém, as dificuldades do encargo, e por isso só me decidi a apresentar um trabalho relativo a estas funções, muito tempo depois de estar à testa do distrito.

Êste trabalho, que chamei «Regulamento para a organização e govêrno dos territórios continentais do distrito de Moçambique», subiu ao govêrno geral em 8 de Março de 1898, acompanhado dum curto relatório justificativo. Nêle se definiam as funções administrativas, judiciais e militares dos capitães-mores e comandantes militares.

Dignou-se S. Ex.ª o Governador Geral acusar a sua recepção com palavras de animadora amabilidade e imediatamente o fêz discutir em Conselho de Govêrno, sessões de 22 e 26 do mesmo mês.

Dessa discussão resultaram muito pequenas e vantajosas emendas, nos títulos I e II, *organização* e *administração* política e civil e a separação e refundição do título III — *aplicação da justiça*. Devo dizer que reconhecia a minha insuficiência profissional sôbre esta última especialidade e que o trabalho, a ela relativo, era apenas apresentado como base de discussão, da qual, para mim próprio, só havia de assente os 2 fundamentos primordiais; certa autoridade judicial adstrita à autoridade administrativa, do sertão, e resolução, ùnicamente por esta, de todos os *milandos* cafreais. Fêz-se justiça a estas bases, o que muito e muito me satisfez.

Seria injustiça não confessar que o resultado, alcançado em conselho, se deve tanto à boa vontade do Sr. Governador Geral interino, como ao apoio esclarecido e inteligente do meritíssimo desembargador, dr. Reis e Lima.

Preencheu-se uma grande lacuna. Os capitães-mores, embora em bases gerais, sabem o que devem e que podem fazer e todos os outros serviços se encadearam e subordinaram à superior fiscalização da autoridade administrativa, conservando,

contudo, a sua liberdade da acção e mantendo intactos os princípios e regras dos seus regulamentos privativos.

O que está feito, porém, é pouco e necessário se torna, como declaro no relatório, que acompanhava o *projecto do regulamento*, completar êste com a adopção de novas providências que regularizem serviços importantes, como a cobrança do imposto de palhota, cujo regulamento precisa modificado, o corte das matas, o exercício da caça, o fabrico de bebidas alcoólicas e, sobretudo, o regime de aquisição e exploração da propriedade agrícola (1).

Lembrei ainda a decidida vantagem de conceder ao administrador do concelho da capital a autoridade judicial dos capitães-mores, em relação aos indígenas. Semelhante medida justifica-se por si, pois a autoridade administrativa ganharia prestígio e o preto, vendo o castigo suceder-se imediatamente à falta, ganharia receio e vontade de se emendar.

Há ainda outro ramo de serviço cafreal que precisa duma boa e sólida reorganização: refiro-me aos *intérpretes*, que hoje são uns sujeitos quaisquer, a maior parte das vezes de duvidosa confiança e, sempre, de manifesta incompetência. Os *intérpretes* deviam formar um corpo único e serem recrutados entre os sargentos, que satisfizessem ao exame das línguas principais *(landim, suahili, sena* e *macua)*, faladas na província. Estes sargentos podiam aprender em cursos professados em Lourenço Marques e Moçambique, por oficiais ou funcionários civis, de certa categoria. No primeiro momento seria difícil arranjar professores, mas, subsidiando gente de boa vontade, poder-se-iam enviar candidatos às escolas do Natal e de Zanzibar. Tudo isto não passa de ideias gerais e muito vagas, mas que parecem aproveitáveis (2).

---

(1) Sôbre tudo isto se tem legislado ultimamente, mas, na minha opinião, não bem.

(2) Finalizando êste capítulo chega a ocasião de falar nos inteligentes e dedicados serviços, prestados, durante o meu tempo de govêrno, pelo adminis-

VI

ADMINISTRAÇÃO DA FAZENDA

Escuso de encarecer a importância dêste ramo de serviço, base necessária de tôda a boa administração. Também não se torna preciso discutir ou referir aos regulamentos que o dirijem, que, como leis do Estado, se devem acatar, embora estejam todos impressos duma desconfiança patente pelos funcionários administrativos, aos quais eles anulam a boa vontade e a iniciativa. Sem afrouxar nas devidas garantias de gerência financeira e sem diminuir as responsabilidades efectivas das autoridades administrativas, fácil seria, quer-me parecer, simplificar a escrituração da fazenda e alargar o âmbito das atribuïções das mesmas autoridadess, em matéria de finanças.

Passando a tratar dos factos ocorridos durante o tempo do meu govêrno, dividi-los-ei, segundo o assunto a que se referem, em três espécies:

a) Organização do serviço de fazenda do distrito.

b) Receitas.

c) Despezas.

A Repartição de Fazenda do Concelho de Moçambique achava-se adjunta à Repartição de Fazenda Provincial, como à sua Recebedoria o estava a Tesouraria Geral. Era manifesto que, enquanto durasse êste sistema, nada podia o governador do distrito a bem das suas receitas, sôbre as quais não tinha fiscalização directa. Por êste motivo, me apressei a pedir ao govêrno geral a separação da Repartição de Fazenda e Recebedoria privativas do distrito, justificando o alvitre. S. ex.ª o Comissário Régio fêz justiça ao meu pedido, pelo Decreto Pro-

---

trador do concelho de Moçambique, o tenente José Lemos — meu particular amigo — e pelos secretários civis, alferes M. Neves, já falecido, e António M. de Vasconcelos.

vincial n.º 50 de 7 de Abril de 1897, mas, por falta de pessoal, a recebedoria só principiou a funcionar do primeiro de Julho em diante.

As receitas do distrito aumentaram — embora de maneira muito menos rápida do que fôra calculado no orçamento de 1896-97 — passando de 223:029$61 réis, em 1895-96, a 240:423$162, em 1896-97, e a 270:695$000 em 1897-98.

A-pesar dêste real progresso, estamos longe, bem longe ainda, dos 389:129$000 réis inscritos no orçamento de 1896-97. Nos relatórios que acompanharam os projectos das tabelas de receita e despeza para 1897-98 e 1898-99 (1), referi-me largamente a êste assunto e indiquei alguns alvitres destinados a levantar as receitas. No meu entender, o distrito de Moçambique precisará, durante alguns anos ainda, do auxílio pecuniário da província, a-fim-de fazer face às suas avultadas despezas militares.

Como digo no relatório de 3 de Abril de 1898 e como já dissera no de 8 de Julho de 1897, as principais diminuïções de receita, em relação à calculada, provêem do imposto de palhota e do rendimento aduaneiro (2).

Em outro relatório (11 de Março de 1898), expuz ao govêrno geral todos os esforços feitos para que o imposto de palhota — sem provocar distúrbios — rendesse uma quantia importante (embora eu tivesse certo que nunca poderia atingir, de princípio, o valor designado no orçamento (60:000$000 réis). Tudo foi inútil e sem adoptar as providências indicadas

---

(1) Lembro, com justificado desvanecimento, que o primeiro dêstes projectos me valeu do sr. conselheiro Navarro de Andrade — hoje inspector de fazenda do Ultramar e, ao tempo, de Moçambique — uma carta muito amável.

(2) Em qualquer dos projectos de orçamento, por mim elaborados, tive o cuidado de dizer, muito claramente, que não acreditava que a alfândega e o imposto de palhota rendessem o que estava marcado no orçamento, mas que não me *atrevia* a alterar a sua avaliação oficial, já marcada para o de 1896-97, feita antes da minha posse.

no mesmo relatório e, sobretudo, sem reduzir muito o valor do imposto, será dificílimo, senão impossível — estou convencido — alargá-lo e generalizá-lo a todo o território já ocupado.

A receita da alfândega, que no ano civil de 1896 foi de 184:382$082 réis, alcançou, em 1897, a importância de réis 202:757$756 réis, que era o maior rendimento cobrado até então mas, ainda assim, muito longe dos 257:000$000 réis marcados no orçamento.

À medida que a ocupação efectiva se fôr estendendo e penetrando pelo interior, os rendimentos aduaneiros hão-de crescer, sobretudo pela repressão do contrabando, mas o movimento comercial não pode aumentar em grandes proporções enquanto o comércio fôr abandonado, ùnicamente, aos indígenas e mouros da costa. Se quizermos agricultura e comércio, havemos de fazer colonização agrícola. Enquanto não a houver, estaremos adstritos a exploração do negro, pouco trabalhador, pouco necessitado e que qualquer cousa afugenta ou retrai.

A minha correspondência àcêrca do assunto alfândegas; com o govêrno geral, prova bem, creio eu, o muito cuidado que êle me mereceu e que era abertamente partidário duma revisão, em sentido mais liberal, das pautas em vigor. Nessa correspondência pedi também, fundamentando o pedido, que ao distrito de Moçambique se aplicassem todos os favores, todos os afrouxamentos pautais, com que fôssem favorecidos os distritos próximos, Quelimane e Cabo Delgado. Efectivamente, a forma geográfica especial do distrito — que muito se assemelha à dum sector circular, do centro do qual partem as direcções principais dos caminhos do comércio — à simples vista nos indica que, da região central, fácil é derivar os géneros do interior para os territórios limítrofes, se lá encontrarem as vantagens aduaneiras, que aqui se lhe negam. É preciso ainda notar, que grande parte do sertão do distrito está mais próximo do Niassa e dos caminhos ingleses para o Chire do que da costa de Moçambique, circunstância que exige, do nosso lado,

a adopção de medidas tais, que tornem mais fácil e mais barato o trajecto mais longo.

Dos outros impostos e contribuïções, uma só, a *predial*, era então susceptível de aumento visível, pela refundição da *matriz*, evidentemente muito defeituosa. Com êste intuito, propuz que, idênticamente ao que sucedia no distrito de Lourenço Marques, sôbre as bases do qual êste foi moldado, ficasse a elaboração da matriz ùnicamente a cargo do escrivão de fazenda, em vez de ser organizada pela *junta de lançamento* que, em regra, se tinha desempenhado mal do encargo. Foi deferida a proposta — mas ainda com isto não consegui todo o resultado em vista.

Com o fim de fazer render mais a contribuïção *industrial*, que felizmente atingiu o valor calculado no orçamento, pedi autorização para permitir o estabelecimento de lojas nos portos ainda não ocupados, como Memba, Sangone, Lurio, T'jungo e Sangaje, o que o decreto provincial de 12 de Dezembro de 1896 proíbia. Atendendo às razões expedidas, o Sr. Comissário Régio deferiu o pedido.

As despezas do distrito aumentaram, de 1896-97 para 1897-98, em 20:789$495 réis. No relatório relativo à proposta do orçamento daquele ano económico procurei justificar êsse aumento, derivado da impreterível necessidade de criar ou desenvolver serviços indispensáveis ou de urgente conveniência. Não houve um aumento supérfluo, e tanto assim era, que tive a inexcedível satisfação de ver inteiramente aprovada a despeza proposta e elogiado, como já disse, o orçamento respectivo (1).

Por ordem superior, as fôrças militares, de guarnição no distrito, passaram a figurar, no ano económico de 1898-99, no orçamento distrital, o que eleva enormemente a despeza e se traduz num *deficit* sem maior significação, pois que assim já

(1) O aumento de despesa foi, ainda assim, inferior em 10 contos, números redondos, ao acréscimo *rial* das receitas.

sucedia na realidade e, segundo julgo, assim há de suceder durante bastante tempo.

Além dêste aumento aparente de despeza, outros havia que eram justificados no relatório de 3 de Abril de 1898, pela necessidade de desenvolver o distrito, e diziam respeito ao estabelecimento do telégrafo, a missões geográficas, à construção de obras importantes e urgentes, ao apefeiçoamento do serviço de saúde, etc. Creio que não havia desperdícios, nem exagêros, e, repito o que então disse: ou se fazem estes sacrifícios financeiros por um distrito em verdadeiro começo de colonização, ou, caso contrário, se paralisam tôdas as esperanças do seu ulterior desenvolvimento (1).

Sem o conhecimento e ocupação dos vastos territórios, ainda hoje inteiramente independentes de facto, não teremos cobrança importante do imposto de palhota, nem teremos aumento de comércio. Sem a segurança dos caminhos e sem a rapidez e regularidade de comunicações, nunca essa ocupação será eficaz. Finalmente, mesmo ocupado o país, mesmo submetido completamente o indígena, nunca o distrito de Moçambique tirará verdadeiro partido das suas incontestáveis riquezas agrícolas, sem substituir a direcção do descuidado e negligente negro pela do colono europeu, activo, industrioso e aventureiro.

VIII

SERVIÇOS SANITÁRIOS

O serviço de saúde, como, de resto, a maior parte dos serviços distritais, obedece a regulamentos que o colocam, quási por completo, fora da alçada do governador do distrito, que se

(1) Êste projecto foi profundamente alterado, mas, no meu entender, não melhorado, pelo comissariado régio.

vê sem poder para intervir em assuntos a respeito dos quais se lhe exige a responsabilidade moral e, a miudo, a efectiva.

Foi assim, que logo de entrada, se me deparou a impossibilidade de fazer acompanhar fôrças em marcha, ou o estabelecimentos de postos, de médicos e de ambulâncias, visto não poder intervir na colocação do pessoal de saúde. Isto me levou a pedir ao Comissário Régio permissão de nomear os médicos para destacamentos, pedido a que o mesmo Sr. fêz justiça.

Infelizmente, esta autorização para pouco me serviu, pois a absoluta penúria de médicos não permitiu mais do que a sua presença no hospital da cidade. Esta falta de pessoal resulta, parece, das fracas vantagens que o Estado oferece aos médicos do ultramar.

Julgando de absoluta necessidade haver uma enfermaria em cada uma das capitanias-mores, em que se divide o distrito, introduzi, no projecto do orçamento de 1898-99, a verba necessária ao pagamento da enfermaria do Marire (capitania-mor de Macuana) ao lado dos hospitais de Moçambique e Angoche, e arranjei ainda uma *reserva* de 2 *ambulâncias* (sargentos enfermeiros), para serem colocados em postos mais importantes, ou mais guarnecidos.

Por iniciativa e proposta do chefe do serviço de saúde e director do hospital, publiquei em circular *(Boletim Oficial* n.º 52, de 1897) umas *instruções* regulando as quantidades e emprêgo de medicamentos nos postos isolados, o que até então se fazia duma maneira anárquica e *ad libitum* dos oficiais e sargentos comandantes dêsses postos, sem competência profissional para assim procederem.

No distrito de Moçambique havia só o hospital da cidade. O que existia, com êste nome, em Angoche, era um pardieiro vergonhoso, imundo e acanhadíssimo.

O hospital da ilha, de aspecto grandioso e nas melhores condições higiénicas possíveis, é edifício incompleto. As obras são intermináveis, devido aos orçamentos defeituosos e à má

qualidade de materiais empregados. Dando razão às persistentes e justas reclamações do director do hospital, enviei ao govêrno geral, em 11 de Novembro de 1897, uma exposição do chefe do serviço de saúde, àcêrca das obras mais instantes e necessárias, como casa de banhos, casa de operações, casa mortuária, o que tudo — triste é dizê-lo — ainda não existia num estabelecimento desta ordem. Solicitei autorização para proceder a estas obras, que, por falta absoluta de recursos pecuniários, não poderam ser começadas durante o tempo do meu govêrno.

Depois de muitas dilações e demoras, filhas da penúria e da falta de competência, sempre consegui que se desse princípio à construção duma nova *enfermaria* em Angoche e determinei, determinação executada, que provisòriamente se instalasse a mesma *enfermaria* no quartel da extinta secção de polícia, casa de paredes *maticadas* e de paus a pique, mas muito mais limpa, espaçosa e desafogada do que o pseudo hospital e colocada em melhor sítio, sob o ponto de vista higiénico e sob o ponto de vista da defeza.

Como a acumulação de tropas em S. José de Mossuril não deixasse alojamento algum vago, para nêle se montar uma *enfermaria*, aluguei, para êsse fim, uma casa muito próximo ao quartel e onde tinham cabimento 30 doentes. Esta enfermaria prestou muito bom serviço, alojando os doentes de cousas leves e dando cuidados e tratamentos nos casos graves, para os quais a evacuação para Moçambique se tornava perigosa.

Para um grande melhoramento do material sanitário deligenciei concorrer. Trata-se da máquina de gêlo, já encomendada e posta a caminho, — quando eu saí do govêrno — com destino ao hospital de Moçambique. A importância do gêlo no tratamento de certas doenças tropicais é de tal ordem, que a sua falta representa quási um crime governativo, pois dá, como conseqüência, a morte de muitos doentes perfeitamente curáveis com o seu uso. O custo da máquina e a sua instalação eram elevados e tinham de ser satisfeitos no ano económico

de 1898-99, mas todos estes sacrifícios de dinheiro seriam amplamente compensados pelos resultados sanitários (1).

Restava completar tão salutar providência com a aquisição de pequenas máquinas da mesma natureza para as capitanias do continente.

Tem ainda especial ligação com o serviço de saúde o importante assunto de que vou tratar, pelo que lhe dou lugar neste capítulo.

Para consulta, veio-me às mãos cópia duma acta da *junta de saúde*, na qual se pediam providências para melhorar o estado sanitário da ilha, que pela sua posição e pela estrutura do seu solo, deveria gosar dum clima menos mortífero do que tem. Na mesma acta, indicavam-se as causas prováveis do agravamento da infecção telúrica e da influência climatológica, atribuindo-o, sobretudo, à acumulação da população indígena e à sua instalação nas covas das antigas e enormes pedreiras exploradas.

Com verdadeira influência, tratei do assunto, pois nada me seria mais agradável do que concorrer para os progressos higiénicos e estéticos da pequena ilha, capital dos nossos domínios na costa oriental da África. Por isso, e de acôrdo com o presidente da mesma junta, respondi, propondo a adopção de providências enérgicas, que deveriam ser postas em execução por meio dum decreto provincial, cujos tópicos principais eram os seguintes: atêrro obrigado de tôdas as excavações existentes; desacumulação forçada dos agrupamentos mais perigosos; determinação de alinhamentos, forma e materiais das habitações indígenas.

Não fiquei apenas em *propôr* e tratei logo de arranjar verba destinada a estes trabalhos, verba que já apareceu no

---

(1) A máquina chegou a ser montada e a produzir gêlo. Houve depois desarranjo, o qual, segundo parece, não pôde ser remediado e a máquina para lá ficou inútil. Faz pena ver asism, perdidos alguns contos de réis e sacrificadas algumas vidas, seja dito sem intenção de crítica para qualquer pessoa.

orçamento de 1897-98, no valor de 6 contos. Contudo ficou intacta, porque não obtive resposta à minha *consulta*. Sei que o Comissário Régio tomou o assunto em consideração, mas outras graves preocupações não lhe deixaram dar o devido seguimento (1).

VIII

CORREIOS E TELÉGRAFOS

Quando tomei posse do govêrno, acabava de ser nomeado um novo Director do Correio, que desde logo me informava da necessidade de angariar material para a sua repartição, onde nada havia, nem mesmo sacos para malas, nem mesmo impressos de qualidade alguma. Imediatamente se fêz uma importantíssima encomenda, que devia durar para 5 anos aproximadamente, e da qual se forneceram, também, tôdas as delegações.

Em fins de 1896, só havia em todo o distrito, o correio da capital e a delegação de Angoche. Atendendo ao grande número de oficiais e praças, sempre, destacadas no Mossuril, e mesmo à importância da população civilizada daquela localidade, satisfiz uma representação do Director do Correio, pedindo que ali fôsse criada uma outra delegação. O Govêrno Geral aprovou esta medida, que bastante favoreceu aquela terra.

Com a criação da capitania-mor da Macuana criei mais uma nova delegação, a cargo do amanuense da capitania, delegação que já ficava provida de expediente, fórmulas e mais

(1) Mais tarde, em 1899 ou 1900, parte dos alvitres propostos foram traduzidos em uma portaria provincial, não me constando, porém, que a portaria tenha sido executada e obedecida e não me parecendo que o possa ser, sem lei especial.

material necessário, para entrar em serviço, quando saí para Lisboa.

A instigação minha, o mesmo director do correio o Sr. Sousa Amado Júnior, formulou um projecto de *regulamento* para os serviços postais do Distrito, que corriam duma maneira muito desconexa e sem regras próprias.

Êste regulamento, ligeiramente modificado, subiu à apreciação do Sr. Governador Geral interino, mas sôbre êle não foi tomada resolução alguma até hoje, ao que me conste.

Êste ou outro regulamento, expungido dos erros, que naturalmente se encontram no projecto apresentado, era bastante preciso, pois o serviço do correio é daqueles que mais depressa indicam aos olhos do público a nossa cuidadosa ou imprevidente administração e dos que mais concorrem para o desenvolvimento e progresso duma região (1).

Não existia em todo o distrito um só palmo de linha telegráfica, embora estivesse feito, há mais de um ano, um projecto de estabelecimento do telégrafo de Fernão Veloso a Angoche. Escuso de encarecer a vantagem dêste melhoramento e quanto êle importa para a segurança e desenvolvimento da nossa expansão pelo interior. Nada, porém, pude fazer, por falta de recursos, mas na proposta que ainda apresentei ao Govêrno Geral, relativa às tabelas de despeza do ano económico de 1898-99, introduzi as verbas necessárias à criação dêste serviço, sendo de opinião que, em primeiro lugar, se devia estabelecer a linha telegráfica para o Marire — conforme dizia já no meu relatório de 21 de Setembro de 1897 — em vez de começar pela de Angoche a Fernão Velozo, lugares que ainda têm comunicações marítimas, embora irregulares, comunicações que faltam por completo áquele nosso pôsto avançado

(1) Claro está que os regulamentos postais, ultimamente publicados, em nada entendem com aquele a que acima me refiro que só dizia respeito ao serviço interno do distrito.

de penetração (1). Isto não implica, claro está, com a conveniência, senão necessidade, de ligar todos os postos da costa e quaisquer outros ocupados ou a ocupar, pelo telégrafo.

Achei urgente, ainda, que a linha de Macuana desse um ramal para o Ibrahimo.

IX

OBRAS PÚBLICAS E COMUNICAÇÕES

Se houve ramo de serviço que me tivesse feito sofrer contrariedades e desilusões, foi o das Obras Públicas.

As causas eram múltiplas, mas acentuadamente provinham da escassez do pessoal operário, do pouco rendimento que êste dá, e da falta de material próprio e conveniente.

Juntem-se a estas causas, a que derivou da conservação e reparação de grande número de edifícios públicos, na capital da Província, a maior parte dêles velhos e construídos com maus materiais e teremos as principais razões justificativas da grande demora e do grande custo de tôdas as obras do estado nesta província, e, especialmente, neste distrito.

Mas, a-pesar-de tudo isto, sem falar nas reparações importantes feitas no Palácio de S. Paulo, no Palácio Episcopal, na Residência do Govêrno do Distrito, e em outros edifícios, levantaram-se de novo, durante aqueles quatorze meses, os *postos* militares de Fernão Velozo, Itaculo, Ibrahimo e Muchelia, refundiu-se e reconstruíu-se, quási por completo, o da Matibane e puzeram-se de pé os grandes barracões casernas de Angoche.

---

(1) A-pesar destas razões, que me parecem aceitáveis, deu-se começo à linha de Angoche, que suponho concluída ou quási.

Só as obras novas de Fernão Velozo e Matibane são de alvenaria. Na Muchelia, o aquartelamento, de madeira de pinho e zinco, necessitava já reparações pelo pouco cuidado que houvera em não alcatroar os prumos e vigotas. No Itaculo e Ibrahimo são também construções de madeira e ferro zincado e, como já disse, postos grosseiros e mal acabados.

Com autorização do Govêrno Geral, contratei a compra duma boa casa, na cidade, para servir de Escola para o sexo feminino, e comprei, também devidamente autorizado, uns barracões arruïnados, existentes nas trazeiras da Residência do Distrito, dos quais só se aproveitou a pedra, mas onde desejava fazer construír uma boa edificação, para Repartição de Fazenda, metida então em quartos acanhados, anti-higiénicos e impróprios.

Deixei também justa a compra duma pequena casa e dum grande palmar, junto ao quartel de S. José do Mossuril, compra que muito favorecia aquele edifício, adquirindo-se habitações para sargentos, que o quartel não possuía, e espaço para qualquer grande acampamento de tropas, que seja preciso organizar no continente (1).

Para evitar as costumadas delongas, encomendei no Natal, por intermédio do nosso cônsul, uma boa casa de madeira e ferro, transportável em volumes pouco pesados, e que era destinada à Capitania-Mor da Macuana, dando habitação para o capitão mor e mais oficiais ali em serviço, secretaria e outras repartições (2).

A prolongação da ponte de Moçambique, de modo a per-

---

(1) Note-se que o simples rendimento do palmar, muito bom, devia recompensar o capital da compra, 800$000 réis. A-pesar disto, segundo creio, nunca se realizou tão vantajosa transacção para o Estado.

(2) Esta casa, composta, de 8 regulares compartimentos, ficaria, armada e colocada no seu lugar, por 8 contos de réis. A casa chegou desmontada ao Itaculo, mas, segundo me consta, nunca foi armada, jazendo, portanto, inútil.

mitir a atracação de lanchas de carga e passageiros e de vapores de regular calado, (12 pés) em qualquer ocasião, representa um melhoramento de superior importância para o Distrito. Por ordem do Governador Geral, o chefe da secção de Obras Públicas elaborou, no meu tempo, um projecto desta construção que, até hoje, não tem sido começada, mas a respeito da qual chamei a atenção dos poderes superiores, faezndo ver o estado de descalabro e insuficiência a que chegou a actual. Esta obra, que aumentava a ponte em 50 a 60^{m}, estava orçada em 60 contos.

A ligação da ilha de Moçambique ao continente, por meio duma ponte que vá do forte de S. Lourenço à ponta do Lumbo, é empreendimento de largo fôlego, certamente de benéficos resultados, mas que não parece de urgência imediata, estando a maior necessidade de sua constrcção mais ou menos ligada com a questão do caminho de ferro, a que mais adiante me refiro.

O custo desta obra — ainda não orçado — tem sido avaliado de bem diversas maneiras. Já ouvi apreciá-lo em 300 contos, mas, segundo me consta, o mesmo apreciador — engenheiro muito distinto — depois de mais atento estudo, não o supunha inferior a 800 contos.

O distrito é pobríssimo em comunicações. Quando ali cheguei, existiam as estradas entre a Cabaceira e o Mossuril e as carreteiras Mossuril-Muchelia e Mossuril-Natule. A coluna de operações contra os namarrais abriu os caminhos entre Natule-Ibrahimo, Matibane-Itaculo pela Meza e Mossuril-Itaculo.

Estes últimos caminhos eram bastante imperfeitos, pelo que ordenei se regularisasse a estrada Natule-Ibrahimo e se abrisse uma verdadeira carreteira entre Mossuril e o Itaculo, fugindo às grandes *languas* de Nandoâ e Nhacuta-Cuta, inteiramente impróprias à passagem de veículos, durante o tempo chuvoso.

Esta carreteira estava em acabamento à data da minha saída para Lisboa (1).

Ao meu sucessor indiquei a necessidade de se encetarem com urgência, no ano económico de 1898-99, as seguintes obras: adaptação e acabamento das edificações já indicadas para completar o hospital; desenvolvimento e acabamento das novas edificações de Angoche (quartel enfermaria e igreja) levantamento da casa vinda para a Capitania-Mor da Macuana e de duas outras edificações ligeiras, para enfermaria e quartel das praças brancas da mesma Capitania — (não falei em quartel para indígenas porque êste se devia limitar a palhotas ou a barracões de *mato);* reparação e adaptação da casa destinada a Escola do sexo feminino; e construção de nova Repartição de Fazenda do Concelho. Além destas obras, apontei, como de necessidade, completar a carreteira da Macuana até ao Marire, abrindo ramais para a Matibane e Memba, assim como a abertura de outros bons caminhos entre os postos já ocupados.

À vista do que foi dito, compreende-se, de-certo, que o distrito não tem os elementos suficientes para concluír as obras urgentes e necessárias, acima indicadas, sendo absolutamente preciso acudir-lhe com numerosos operários, facilitar-lhe as grandes empreitadas, destinando para essas obras parte do grande empréstimo, que a província precisa contraír, em nome do seu progresso material.

Poderia causar extranheza o meu silêncio a respeito de *caminhos de ferro,* quando é hoje certo que estas vias de comunicação são as únicas capazes de fazer desenvolver, rápida e

---

(1) A carreteira foi acabada, mas, segundo me consta, nunca chegou a ser utilizada. Não se tendo adquirido os carros e as muares, que eu desejava comprar para se montar o serviço do correio, caíu em abandono, pois os negros, por si só, dificilmente abandonam os carreiros costumados. Contudo, é justo declarar-se, que, dentro da área da Capitania-mor do Mossuril, bastante se tem desenvolvido a rêde de caminhos regulares entre os postos ocupados.

eficazmente, os países novos, férteis e vastíssimos, das colónias africanas.

Como já disse, no 1.º capítulo desta narrativa, o distrito de Moçambique, cortado do Niassa, cortadas tem as suas aspirações de conter em si uma grande artéria comercial da África Central. Mas, pela sua extensão, pelos produtos vegetais do seu fértil solo e — quem sabe? — pelas riquezas minerais que alguns lhe atribuem, tem os elementos necessários, segundo creio, para justificar o emprêgo duma linha férrea de penetração, quanto mais não seja pelo sistema económico da via reduzida.

É, contudo, possível, sem caír em fantasias, delinear já êsse caminho? Pronunciar-se, mesmo condicionalmente, pelo seu traçado geral? Não o acredito e aqueles que levados pelas boas, mas exageradas, qualidades de Fernão Velozo, ou pelas pretendidas vantagens do Mocambo, se apressam a concluír que a um ou outro dêstes portos se deve vir encabeçar a tal linha férrea, são, parece-me, um tanto precipitados. Sem um estudo mais completo do distrito é impossível formular uma hipótese razoável.

Por isso, me limitei em 1898, em insistir na organização de missões geográficas, a que me hei-de referir mais adiante. Sem conhecer o resultado dêstes estudos, será prematuro tudo quanto se disser a respeito de caminhos de ferro no distrito de Moçambique (1).

---

(1) Nunca devemos perder de vista, também, a questão financeira. A distância entre Moçambique ou Fernão Veloso e Namuli é, em linha recta e em números redondos, 400 k. O desenvolvimento dum caminho de ferro, mesmo de via $0^{m},60$ não seria talvez menor de 600 k., o que, ao preço — não alto — de 10 contos por quilómetro, dá 6.000 contos para tôda a linha. Em Moçambique, há, portanto, muito a estudar antes de empreender tal obra. Serão porém, viáveis desde já pequenos troços, pondo em comunicação as plantações com os portos do mar desde que a colonização agrícola tome um certo incremento.

X

INSTRUÇÃO PÚBLICA E BENEFICÊNCIA

A *Instrução* no Distrito, a que só, por eufemismo e rotina, chamo *pública*, reduz-se às escolas primárias, regidas pelos párocos, à Escola de Artes e Ofícios e ao Instituto Leão XIII. O Comissário Régio Mousinho extinguiu a chamada Escola Principal, absolutamente inútil por falta de professores e discípulos, e no orçamento do ano de 1897-98, desapareceram as escolas régias de ambos os sexos ainda existentes.

De facto, quando os próprios professores acusavam uma freqüência máxima de 6 a 8 alunos, bem claramente demonstravam a improficuïdade dos seus esforços e desde que aos párocos missionários incumbia a obrigação de dar aula, não era justificável a duplicação, tanto mais que os sacerdotes, pelos seus estudos e caráter, oferecem naturalmente, maiores garantias de seriedade que professores régios, com 20$000 réis de ordenado, em África.

Infelizmente, as aulas dos párocos eram quási tão pouco concorridas como as dos professores régios, exceptuando a de Angoche, restabelecida nos princípios de 1898 e onde os mapas acusavam logo uma freqüência de vinte e tantos alunos (1).

Eram bem magros resultados, em comparação com a freqüência das escolas livres mahometanas, que abundam na cidade!

A Escola de Artes e Ofícios, subsidiada pelo govêrno, presta serviços estimáveis à população de Moçambique, pelas suas oficinas de sapataria e alfaiataria. Tinha alguns dos seus pupilos colocados como aprendizes nas oficinas do extinto Arsenal, das Obras Públicas e da Imprensa, donde têm saído

(1) Na verdade, não sei se tão bons princípios têm desabrochado em fecundos resultados.

operários razoáveis. Convém desenvolver o que há e, para isso, na proposta do orçamento de 1898-99 marquei-lhe subsídio certo do distrito, com a condição de ela abrir e *sustentar* oficina própria de carpintaria.

O Instituto Leão XIII é um estabelecimento de beneficência e de educação para o sexo feminino, administrado pela Prelazia e sob a direcção das beneméritas irmãs de S. José de Cluni. É instituïção digna de auxílio, pelo que instiguei a administração do Concelho do Mossuril a contar no seu orçamento de 1898-99 com uma verba de 100$000 réis, destinada ao mesmo Instituto.

Por pedido do Comissário Régio, chegaram a Moçambique, nos princípios de 1898, 2 irmãs da mesma congregação, que vinham dar aula do sexo feminino, na capital. Muito se esperava do seu zêlo.

Não acabarei êste capítulo sem umas breves considerações acêrca da *instrução* na província. No meu entender, essa *instrução* deve-se limitar, por agora, ao ensino *profissional* e *elementar*.

Procurar dar educação literária à massa geral dos indígenas, nem mesmo chega a ser uma boa utopia. Que farão eles dêsses conhecimentos? Pelo contrário, a província, a civilização e eles próprios, todos têm a ganhar com a sua aprendizagem das artes manuais, como carpintaria, serralharia, agricultura, etc., mas a isso se deve reduzir a instrução profissional e mal irá se a quizerem transformar em artes de ornamentação ou cousa idêntica.

A instrução elementar deve servir para habilitar os filhos do país, sobretudo os mestiços, aos pequenos emprêgos públicos e comerciais, para os quais não é fácil, nem conveniente, arranjar europeus (1).

---

(1) Não quero dizer, com isto, que sempre se devia limitar a tão pouco a instrução pública, mas, de começo, é perfeitamente suficiente para o estado de civilização do indígena e necessidades do país.

A beneficência pública é representada pela Escola de Artes e Ofícios e Instituto Leão XIII, a quem já me referi como estabelecimentos de instrução, muito úteis e pelo Hospital Civil e Militar onde se tratam indigentes. A-pesar-das reduzidas necessidades da população civilizada do distrito, sôbre êste ponto de vista, não será demais desenvolver os fins humanitários dêstes estabelecimentos, já que a chamada Misericórdia não passa duma *irmandade* que só trata, e mal, de algumas festividades religiosas.

Além desta, há ainda uma outra irmandade de poucos haveres e igual préstimo.

Uma cousa pude fazer por elas, e foi, por intermédio do administrador do concelho, obrigá-las a pôr em dia as suas contas e os seus orçamentos.

XI

ESTUDOS GEOGRÁFICOS E ESTATÍSTICOS

A geografia da província, sobretudo a dêste distrito, está em verdadeiro começo. Sôbre o assunto tem havido um completo e imprevidente desleixo. Do interior, apenas se conhecem os *itinerários* e narrações do cônsul inglês O'Neill, e mesmo acêrca do litoral ocupado escasseiam as informações geográficas.

Procurei, desde que tomei conta do distrito, alcançar e extrair dos comandantes militares e capitães-mores, tudo quanto lhes fôsse possível obter em relação, não só à geografia dos territórios sob sua autoridade, como aos usos, costumes, religião e raças dos povos que os habitam, e, para isso, fiz expedir pela secretaria militar a circular n.º 1 de 13 de Fevereiro de 1897. As respostas, que constam dos relatórios que enviei ao govêrno geral, foram tôdas muito incompletas. A-pesar dêste

mau resultado, não desanimei e fiz distribuir, para servir de norma, novas *instruções* de natureza muito simples com as quais, na verdade, não fui mais feliz.

Felizmente, outros oficiais, enviados em serviço pelo interior, escreveram relatórios de interêsse e dando subsídios de certo valor. Cito os do alferes Andrade (viagem ao Itaculo), do alferes Rocha (viagem à Muaja), além do meu relatório sôbre a viagem ao M'chulipo, de modestíssimo valor.

Nas instruções dadas ao comandante da lancha *Marracuene,* lá estavam muito expressamente indicados estes estudos, que o tenente Lupi executou com inteligência e consciência. Do mesmo modo, não me esqueci de indicar e ordenar análogos estudos geográficos nas *instruções* distribuídas a todos os novos capitães-mores, que iam entrando em serviço. Para dar verdadeiro interêsse e tirar verdadeira utilidade dêstes trabalhos, propuz que êles fôssem publicados no *Boletim Oficial*, sempre que disso se tornassem dignos, honra que foi dada aos relatórios já referidos e aos do tenente Lupi.

Os estudos geográficos devem ser sempre acompanhados de todos os apontamentos possíveis acêrca da *etnografia* dos povos, e foi por isso que eu introduzi, no novo regulamento para as capitanias mores, a obrigação de relatórios sôbre os usos e costumes dêsses povos (1).

No interêsse da colonização agrícola, única talvez possível neste distrito, torna-se importante conhecer com segurança as suas produções naturais, a fertilidade do solo, etc. Os oficiais e outros viajantes não possuem, em regra, os conhecimentos técnicos necessários para informar convenientemente sôbre o assunto e nunca tive outro pessoal à minha disposição, até quási ao fim do meu govêrno. Dissolvida, porém, a colónia *agrícola*

(1) Tinha assim em mente, continuar a muito útil obra do falecido Almeida da Cunha antigo secretário geral da província, e publicada na Imprensa de Moçambique com o título, *Estudo acêrca dos usos e costumes dos baneanes, parses, mouros, gentios e indígenas.*

militar de Fernão Veloso, lancei mão imediatamente do seu *regente agrícola,* enviando-o, com *instruções,* estudar todos os territórios ocupados do distrito, tendo já percorrido parte do Itaculo e de Matibane, quando me ausentei para o reino (1).

Lançando mão de todos os recursos, enviei aos capitães-mores e comandantes militares, uma circular com um questionário acêrca dos principais géneros de importação e exportação, meios de transporte, etc., das circunscrições a seu cargo. As respostas, reünidas num quadro único, foram enviadas ao govêrno geral. A par de muita cousa inútil, continha esclarecimentos curiosos e pouco conhecidos (2).

Eis o pouco que pude fazer sôbre estes importantes ramos de serviço e que apenas me habilita a afirmar que as predições acêrca do futuro dêste distrito, não passam de hipóteses verosímeis, enquanto se não desenvolverem os conhecimentos geográficos, geológicos, botânicos e climatológicos do seu sertão, onde existem os Picos Namuli, talvez um dos mais adaptáveis pontos para a colonização europeia, em tôda a África Central, e o Lomué que — no dizer dos inglêses da British Central Africa, seus visinhos — é a *pérola* da nossa possessão africana do Oriente.

Por isso, achei de primeira necessidade organizar, ainda em 1898, uma *missão,* que percorresse as grandes artérias fluviais do distrito, até aos seus confins interiores, estudando as regiões percorridas sob o ponto de vista político, geográfico, etnográfico, naturalista e climatológico. A missão devia ser composta de pessoal adequado e bem conhecedor do assunto, mas é fácil encontrar oficiais que possam ser os seus directores e conscienciosos geógrafos, assim como médicos, habilitados como naturalistas de confiança.

---

(1) Os relatórios dêste funcionário foram também publicados no *Boletim.*

(2) O questionário foi julgado, no govêrno geral, nos casos de ser aplicado a tôda a província.

Dando a esta missão uma organização modesta, mas suficiente, compondo-a de 2 funcionários bem remunerados, por causa dos incómodos e perigos, a que se expõem — mas não exageradamente pagos — poderemos calcular que a despeza necessária ao seu custeio, durante os 5 a 6 meses próprios para estes estudos, não excederia a 9.500$000 réis, contando com 1.500$000 réis para despezas de preparação, com 13$500 réis de subsídio diário, em viagem, a cada um dos funcionários superiores e 500$000 réis de despeza mensal com a caravana.

Verba quási igual figura no orçamento de 1898-99, sem, é claro, ter sido aproveitada. Hoje, quem pensará, ainda, em tais bagatelas?

Um dos meios mais próprios para conhecer a administração e os progressos dum país, reside no estudo das suas conscienciosas estatísticas.

Muito pouco se tem feito, na província, a êste respeito e, tirando as estatísticas aduaneiras publicadas durante o govêrno geral do sr. Castilho, mais nada havia de importante até o major Mousinho tomar conta do govêrno, conseguindo-se, em 1898, coordenar e publicar trabalhos estatísticos de valor, até então feitos. Como se pode ver, pela publicação nos *Boletins Oficiais*, o distrito de Moçambique figura aí dum modo honroso, apresentando a melhor estatística dos correios e, senão o melhor, pelo menos o mais metódico e bem organizado recenseamento da população, trabalhos estes devidos ao zêlo do ex-director do correio, Sousa Amado Júnior, e do administrador do concelho da ilha, tenente J. Lemos. Enviei, também, um conscienciosо e desenvolvido trabalho sôbre navegação e faróis, organizado pelo capitão dos portos, interino, 1.º tenente Alberto Costa, e fiz pôr em dia as estatísticas alfandegárias, tendo enviado ao govêrno geral, durante aqueles 14 meses, as de 1895, 1896 e 1897, o que representa bastante trabalho e não pequenas investigações à direcção da alfândega.

XII

AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Não me proponho tratar convenientemente tão momentoso assunto. Os relatórios e narrativas de António Enes, os excelentes e numerosos artigos de *O Popular,* são muito conhecidos, felizmente, para que se possa sentir qualquer falta na sêca e concisa leitura, que se vai seguir.

Se um dia publicar, como espero, mais demorado estudo acêrca de Moçambique, nêle incluirei um mais detido exame destas questões, com a mesma falta de competência, é certo, mas com a maior soma possível de documentos autênticos e apreciações respeitáveis.

Em 1897-98, a agricultura, como a indústria e o comércio do distrito, eram o que vinham sendo de há muitas dezenas de anos e o que têm continuado a ser até hoje.

A agricultura, fora do amanho das *machambas* indígenas, resume-se no cultivo dos palmares das Cabaceiras, Mossuril, Lumbo e terrenos próximos. A isto devemos juntar as hortas e pomares dos mesmos sítios e os pequenos palmares e quintais da própria ilha. Os palmares do continente, belos e lucrativos, pertencem, na sua maioria, aos negociantes asiáticos que enxameiam pela capital e por estes arrabaldes.

É pouco, pouquíssimo, e, contudo, as possibilidades do distrito, nêste ponto de vista, não são duvidosas.

As terras vermelhas e fundas, carregadas de humus, a vegetação luxuriante, por quási tôda a parte, bem denunciam a fecundidade do solo.

O descuidado negro do Erate e Itaculo, colhe, sem cultura, o café silvestre. que rivaliza com o do Ibo e Inhambane em aroma e sabor. Pouco e pouco trabalho lhe dão, ainda, as plantações de amendoim, gergelim, cana, bananeiras, tabaco, laranjeiras, etc., cujos produtos trás aos mercados da costa,

conjuntamente com a borracha colhida nas florestas e com o excesso das suas colheitas de milho grosso, mapira (sorgo), mexoeira (pennicetum), mandioca e arroz.

Nas florestas abundam madeiras magníficas, o precioso mucrusse, invencível à termite, a embila, o pau ferro, etc.

Como as indústrias *civilizadas,* e fóra as profissões manuais liberais, só conheci a do fabrico de *gazosas,* modestamente instalada na ilha e a extracção do sal das salinas de Ampoense, mas é também filha da civilização a indústria que leva a distilar do caju, da bananeira, do ananaz e de todos os frutos, em grosseiros alambiques, o alcool que embriaga e mata. Alguns dos mesmos frutos, a seiva de palmeira, o milho da mandioca, fornecem outras bebidas fermentadas, cujas más propriedades todos conhecem.

Insignificantes objectos de palha entrançada, formam uma pequena e pouco interessante indústria de alguns povos do litoral. Em íntima ligação com a agricultura, mencionaremos a colheita da copra dos coqueiros, a borracha de várias landolfias, a raiz da calumba e a dos musgos da urzela, etc. A caça fornece a cera e o mel, pouquíssimo marfim e dentes de cavalo marinho. A pesca, algumas tartarugas, infinitos búzios — uma das especialidades de Moçambique — além de muito e saboroso peixe.

Fora do funcionalismo e da magistratura, as profissões liberais resumem-se no exercício da medicina livre — pelos médicos do quadro de saúde — e no da advocacia, entregue exclusivamente, ou quási, a advogados sem formatura, de raça canarim.

Já tive ocasião de dizer que há poucos e maus operários, e quási nenhuns ofícios, fora os do govêrno.

Um barbeiro europeu, muitos asiáticos, que também enxameiam como alfaiates, de pouca habilidade, fora os da escola de artes e ofícios, eis o que mais saliente se tornava, enquanto andei por Moçambique.

É de justiça referir-me, ainda, à aptidão dos macuas como

marinheiros. Fatalistas e indolentes, nem sempre são hábeis, mas são sempre atrevidos. Nas suas frágeis casquinhas, tendo por vela o próprio pano que, em terra, lhe cinge os rins, afoitam-se ao mar alto e não raro se encontram pescando, a 8 ou 10 milhas da costa.

A situação do capital dá lugar a uma activíssima navegação de pequena cabotagem, que emprega muitas dezenas de lanchas, bateis e pangaios, não só no interior da baía de Moçambique, como daí para todos os portos da costa, desde Quelimane até ao Ibo. Tôdas estas embarcações são tripuladas por macuas, *monhés* e mouros.

O *comércio* de Moçambique é exercido por algumas, mas poucas, grandes casas europeias, e por fortes casas de asiáticos, que têm sucursais em todos os portos da costa, mas que, neste sertão, se não afoitam muito pelo interior.

O comércio português tem por principal representante a casa Mendonça & Silva. O comércio a retalho ocupa muitas casas de negociantes asiáticos, onde se acumulam heterogeneos fornecimentos, algumas mercearias e casas de venda de portugueses, muitas cantinas e pouco mais.

O comércio importa, além dos géneros necessários à vida do elemento europeu, todos aqueles que se empregam na permuta com o gentio: algodão, missanga, tabaco, arame para manilhas, especiarias, sal, enxadas cafreais, armas e pólvora, etc. Exporta-se, em primeiro lugar, amendoim e gergelim, e depois, borracha, cêra, calumba, milho, algum arroz, pau ferro, marfim, café, algumas peles, bastantes galinhas, etc.

Em 1897, o movimento comercial do distrito foi de	1.525:729$590
Sendo a importação no valor de.....	683:204$110
e estando a nacional e nacionalizada representada por	191:365$215
A exportação atingiu a	842:525$480

mas nela figura o valor de 592:634$820 réis, valor das rupias e moedas de cobre enviadas para Lisboa, em resultado da mudança do regime monetário.

A verdadeira exportação não passou, portanto, de réis 249:890$660, a que devemos juntar a que foi directamente feita pela barra de Angoche, na importância aproximada de 86 contos.

A importação de 1897 é superior à de qualquer ano, a contar de 1892 em diante, mas inferior às de 1888 a 1891. A exportação, que diminuira de 1891 para 1892, conservou-se depois estacionária até 1897.

*
* *

E assim dou por terminada a minha modesta tarefa. Merece mais o distrito de Moçambique e oxalá eu possa desempenhar-me, para com êle, da obrigação que a mim próprio impuz.

Por agora, bastará, para se vêr que êste distrito se conhece pouco, e que promete bastante, se fôr auxiliado e impulsionado.

Uma nota final.

Poderá causar extranheza o modo de dizer, tão commummente empregado nas páginas antecedentes, — *fiz, ordenei, propuz*. Posso, porém, afiançar que isso representa sempre a estrita expressão da verdade e que nos arquivos do distrito, assim como na minha casa, há os documentos irrefragáveis do rigor desta asserção.

É certo que semelhante iniciativa e autoridade, nas mãos dum modesto governador subalterno, brigam com as nossas leis e com os nossos costumes. A época, porém, excepcional e curta, era outra. Mousinho de Albuquerque governava com poderes descricionários e fazia compartilhar da sua larga auto-

ridade os governadores do distrito, a quem êle dava — em regra geral — bastante iniciativa e meios de acção.

Eis o que explica que eu podesse ter feito alguma coisa — não sei, porém, se de utilidade — enquanto estive à testa do govêrno daquele distrito.

EDUARDO DA COSTA.

VIAGEM DE EDUARDO DA COSTA AO ITOCULO E M'CHULIPO EM AGOSTO DE 1897



Relatório

CUMPRINDO o disposto em instruções de Sua Ex.ª o Comissário Régio fui, no meado de Agôsto de 1897, visitar alguns régulos da Macuana com a missão de estudar, *de visu*, as disposições dêstes régulos, e de provocar o seu avassalamento.

Da maneira como me desempenhei dêste encargo dei conta no meu pequeno relatório de 21 de Setembro de 1897, cujas conclusões mereceram a aprovação do mesmo Ex.mo Sr. e das quais nasceu a criação da nova capitania-mor da Macuana.

O meu trabalho mereceria, porém, fortes reparos se não acompanhasse as considerações políticas e económicas do relatório referido duma descrição de viagem, sob o ponto de vista geográfico que, embora sucinta, servirá para dar ideia dos terrenos percorridos e auxiliar os trabalhos cartográficos relativos ao distrito de Moçambique.

É êste, pois, o fim da presente comunicação que mais interessa aos territórios entre Itoculo e o Marire, do que aos que assentam entre Mossuril e o Muecate, já conhecidos e descritos por ocasião da campanha dos namarrais, o que me leva a ser muito conciso no que disser respeito a estes últimos.

No dia 17 de Agôsto reunia-se no Mossuril a pequena caravana, composta do seguinte modo:

O governador do distrito, que assina êste relatório.
Capitão-mor de Mossuril, alferes José de Barros.
O tenente ajudante Côrte Real.
O 2.º tenente ajudante da armada Birne.
Seis soldados indígenas, impedidos e tratadores de cavalos.
Um *guia*, indígena de Carôa.
Um *intérprete*, cipai da capitania-mor.
Um cozinheiro.

Trinta e nove carregadores, sob as ordens de dois chefes, cabos das terras, transportando 19 volumes de bagagem, mantimentos, instrumentos, farmácia ambulante, etc.

Todos os quatro oficiais iam montados em muares.

Levava comigo o capitão-mor, a-fim-de êle visitar terras de sua jurisdição e o tenente Birne como encarregado das observações.

O tenente Côrte Real ficou incumbido da direcção da caravana.

A expedição dispunha dum cronómetro de bordo (n.º 67) de Fraoshdam, vindo do vapor *India*, dum sextante com o seu horizonte artificial, duma bússula de pinulas, dum barómetro holostérico e dum termómetro centigrado.

Os oficiais levavam carabinas *Manlicher*.

Os soldados indígenas espingardas *Martini*, muitos dos carregadores, velhas armas de pederneira.

Dia 18. — Começámos a marcha às 7 h. 15′ a. m.

O barómetro marcava $763^{mm},5$. Seguimos pelo caminho que trouxe a coluna de operações, quando retirou do Ituculo, atravessando primeiro as languas de Quissanga, Nandôa, e Nhacutacuta, tôdas formadas da margem esquerda da Ui-Uia, ou rio da Conducia, e inundadas pela maré.

Dão mau piso sobretudo a de Nhacuta-cuta, que é extensa

e na qual é preciso seguir quási constantemente o trilho da orla.

Foi, sobretudo, a dificuldade de atravessar esta langua com carros que me levou a determinar o estudo e construção duma nova carreteira, para o Ituculo, que só aproveita o traçado da antiga do Sanhuti para cima, carreteira já hoje quási concluída e em serviço.

O terreno é cultivado até à langua de Nandôa, dominando o coqueiro, cajueiro e mangueira; sucedem-se as pequenas plantações de mandioca, sorgo e milho. Depois de passada Nandôa a terra muda de aspecto: o mato é espesso mas estéril, o sol é lamacento e coberto de humus. Passado Nacuta-cuta encontramos extensos bambuais, alternando com mato arborizante; o sólo é argiloso.

Às 11 h. 50′ estamos nas margens do Sanhuti, parte superior do Ui-Uia, onde descansamos. Temos caminhado quási sempre o rumo de N. NO. verdadeiro, desviando para L. na passagem da langua grande.

Próximo das margens do rio, a vegetação, além de mais rica, apresenta exemplares de árvores cultivadas, como mangueiras e coqueiros, o que me faz crer que houve aqui povoações. O rio vai sêco, tira-se apenas alguma água dos poços feitos no leito, pelos indígenas.

Durante o caminho temos encontrado muitas caravanas do M'chulipo de 10 a 30 homens carregados de milho e sorgho que vêm vender ao mercado de Ampoense. Em todo o dia encontrámos mais de 300.

À 1 h. 30′ pozémo-nos de novo a caminho, continuando pela carreteira aberta pela coluna que, próximo e a SO. da Meza, se inflecte bruscamente para O. seguindo, quási sempre depois a direcção de L. SE. para O. NO. Às 5 h. p. m. estamos junto da lagoa Mocunha depois de termos atravessado o Munoco, de S. para N., e a seguir o Sanhuti, o Untavarene e o Mocunha, de L. para O., além de vários outros riachos sem

importância. Todos vão secos. Encontra-se, porém, água no Miali, afluente da esquerda do Sanhuti, junto do caminho grande do M'chulipo. O terreno apresenta sempre o mesmo aspecto; mato espesso, solo firme, terra vermelha e argilosa.

Descanso 10′ junto da 1.ª lagoa Mocunha que tem água bastante.

Todos os carregadores vêm atrazadíssimos, algumas das cargas são pezadas de mais.

Continuamos a marcha às 5 h. 10′ p. m. e seguimos sem interrupção até ao pôsto fortificado de Muecate onde chegámos às 11 h. e 20′ p. m., tendo caminhado com dificuldade pelo escuro da noite, e tendo estado perdidos nas enormes *machambas* das grandes povoações de Mutipa e Xaunde, muito próximo do pôsto.

Atravessámos uma série de 12 riachos entre a 2.ª lagoa Mocunha e Moero, afluente da esquerda do Mukato. Todos iam secos, correndo em fundos ravinados, como todos os da região, e em leitos de granito desnudado e erosado pelas águas.

Entrámos no pôsto apenas acompanhados de 2 soldados impedidos e dos 2 carregadores que transportavam o cronómetro, o qual ia suspenso duma mola em espiral colocada no cruzamento de 2 varas de mucrusse, ligadas em × e preso por pequenas cordas a grampos colocados nas quatro hastes do ×, quási junto ao pescoço dos carregadores.

O pedometro dá 74 a 75 quilómetros.

Dia 19. — *Pôsto do Ituculo* — Só às 11 h. a. m. apareceram os carregadores, todos derreados e com os pés feridos, da caminhada e do piso.

Quando o tenente Birne se preparava a calcular a longitude reconhece que o cronómetro deu um salto enorme, de mais de 1 hora!

Ficámos, pois, impossibilitados da determinação de coordenadas.

É possível que semelhante desarranjo resultasse da marcha rápida e prolongada que sofreu, mas é certo que o *cronómetro* é *péssimo* e conhecido por todos os oficiais da marinha, que embarcaram no *India*, como um *mau relógio*. Da sua caderneta consta que tem sofrido concertos e que já *parou* uma vez, sem motivo conhecido.

Tal foi o instrumento que julgaram conveniente enviar-me, sem talvez — creio — lembrar, a quem o remeteu, que não só cometia um acto de indelicadeza e deslealdade para com um funcionário do govêrno, como também que prejudicava um serviço tão útil como o de determinação de coordenadas geográficas numa região pouco conhecida.

O barómetro marca 749^{mm}. O termómetro às 2 h. p. m., à sombra, 30°, às 4 h. p. m. ao sol 34°.

Mandei ordem a Marrua-Muno, régulo do Ituculo, para me vir falar ao pôsto.

O pôsto fortificado de Muecate, sede do comando militar do Ituculo, apresenta a fórma quadrada. As faces medem 23^{m}, e estão orientadas conforme os pontos cardiais. Há dois *tambores* circulares, de 2^{m}20, de raio, colocados nos ângulos NE. e SO. O parapeito é revestido interiormente de grossa estacaria e tem de espessura 0^{m},80. O fôsso tem a largura de 4^{m} na parte superior por 3^{m} de profundidade. A terra argilosa, vermelha e dura, sustentou-se muito bem sem revestimento, até à época da grande invernagem, mas, segundo as últimas notícias, têm-se dado grandes desmoronamentos, devido à grande intensidade das chuvas, à estreiteza da berma, à forte inclinação dos taludes e à falta de escoante das águas, o que tudo se está remediando.

Como alojamentos, dispõe o pôsto de 3 barracões de zinco, sendo os 2 maiores paralelos e orientados na direcção L. O. Dêstes, o do Sul, serve de habitação do comandante e secretaria, o do Norte, em comêço de construção durante a minha visita, é destinado a caserna dos indígenas; o barracão intermé-

dio, mais pequeno e duma só água, é caserna de sargentos e cabos europeus e arrecadação de géneros.

Sob a plataforma dum dos salientes, foi instalado um pequeno paiol; mal construído, teve de sofrer, nos últimos tempos, arranjos importantes que o devem melhorar muito.

Tôda a madeira das construções é tirada das florestas que circundam o pôsto. O barracão do comandante é todo forrado de madeira.

Todos os alojamentos têm a péssima qualidade de estarem assentes na terra, o que os torna insalúbres.

O pôsto fica colocado numa grande floresta; o mato, em tôrno do pôsto, foi limpo numa grande extensão, sendo o campo de tiro suficiente. O rio, designado no mapa itinerário da coluna como sendo o Mukato, mas que não é senão um seu afluente, rodeia o pôsto pelo O. e pelo S. a 100 e a 300^{m} aproximadamente.

O rio, em Agôsto, ia inteiramente sêco e uns poços que mandei abrir no leito, à maneira indígena, depressa se esgotaram.

Dêste modo, a água de Julho a Dezembro teve que vir da lagoa Intapua, onde se fornece Xaunde, água má e oferecendo, além disso o grave risco de estar a 1 : 500^{m} do comando, o que tornaria dificílimo o abastecimento do pôsto, em caso de cêrco, dada a pequenez da sua guarnição. Procurei, desde logo, remediar o mal, arranjando poços artezianos, mas não os havia no distrito, nem mesmo quem os soubesse empregar, pelo que desisti, determinando então que se construa uma cisterna com a capacidade de 50^{m3}, logo que as chuvas acabem.

Dia 20. — Espero Marrua-Muno, régulo do Ituculo que, segundo me consta, vem a caminho com o *majestoso vagar* dum chefe negro.

O barómetro estaciona entre 750 e 751^{mm}. O termómetro desceu de noite a 20°. Ao meio dia, à sombra marcou 30°.

Dia 21. — Pode-se tirar uma magnífica altura merediana,

pela qual se marcou a latitude do pôsto — 14°,44',50",5. O termómetro à sombra, ao meio dia, marcou 31°. O barómetro estacionou a 751mm.

Neste dia recebi a visita do Marrua, que gastou 2 em fazer 17 quilómetros, e que se fêz preceder, de perto, dum seu *grande* Mutarepa, que foi meu guia em Calaputi, o qual traz como *sinal* ou *credencial* um velho chapéu de côco, pertencente ao régulo. Êste vem de machila acompanhado dum séquito, pouco numeroso, onde domina a garotada.

O régulo é homem de meia idade, 40 a 45 anos, cheio, cara redonda, ventre saliente, pernas cambadas e finas. O olhar é refalsado e baixo; as ventas enormes indicam a sensualidade brutal. É pouco escuro e usa a tatuagem *macua*, aos cantos dos lábios e na testa, mas os sinais, muito pouco salientes, mostram que não têm sido renovados. O régulo faz-se acompanhar do seu irmão Naquaiá, mais delgado, mais alto e de olhar mais franco. Marrua veste um dolman e uma calça de capitão de caçadores de África, antigo padrão, mas na cabeça traz um *cofió* de mouro, bordado a ouro, pôsto sob um comprido lenço que desce pelas costas e lhe tapa as faces. Naquaiá traz *cofió* e cabaia de sêda bordada a ouro, ordinária e velha.

A entrevista foi demorada, e mais duma vez verberei o falso procedimento do Marrua a propósito da guerra com os namarrais e de não ter pago o impôsto.

Apresentou sempre desculpas e evasivas, das quais se extrai apenas o mêdo do govêrno e a má vontade de o servir, sentimentos que tem continuado a patentear, mostrando-se humilde, quando se insiste com êle, mas nunca cumprindo o que se lhe manda fazer.

Marrua deixa-se fotografar. Mais tarde nem quiz olhar para a prova que lhe mostrou o comandante militar, porque, segundo dizia, um dos dois — êle e o retrato — havia de morrer.

Dia 22. — Fui a 22, ver a povoação do régulo, a Manduria, a 17 ou 18 quilómetros do pôsto.

O tenente Birne foi chamado para seguir viagem para a Índia na *Liberal* e partiu neste dia. Com êle foi o cronómetro *manhoso* e o sextante que lhe pertencia.

Partimos às 8 horas a. m., na direcção O. da agulha atravessando 3 ravinas, a última das quais às 8 horas e 17 minutos, é o verdadeiro Mukato, no dizer dos indígenas; a seguir bifurca para SO. um caminho para casa do Cumare, régulo de Perrira, irmão e subordinado a Marrua.

Às 9 horas e 7 minutos bifurca para SE. um caminho, que é o *Caminho Grande* do Ituculo; êste é o que seguem as caravanas desta região, quando vão a Ampoense, caminho que atravessa o Namarral. A seguir estamos na lagôa Inhamesinga, muito pequena mas que ainda tem água: aqui dividem-se as terras do Cumare com as que, pròpriamente pertencem a Marrua.

Até à lagôa atravessamos mato estéril e extensos e formosos bambuais, cortados aqui e além de algumas *machambas*.

Da lagôa Inhamesinga para diante as *machambas*, largas e extensas, as povoações de palhotas dispersas, sucedem-se ininterruptamente até Manduria.

O caminho faz sucessivos desvios, inflectindo-se às 9 h. e 30 para N. da agulha, inclinando-se às 9 h. e 45′ para NO., que é a direcção geral até às 11 h. a. m. em que chegamos à povoação do régulo.

O pedómetro dá 18 quilómetros. O termómetro à sombra dentro da boa palhota que me dá o régulo não sobe de 28°

O caminho entre o posto e a povoação é sempre largo e fácil para carros e outras viaturas; foi aberto pelo régulo, que se limitou, contudo, a cortar as árvores precisas, sendo portanto necessário regularizá-lo.

A povoação do régulo está estabelecida além dum cercado de caniçal de bambu, cercado que afecta, para o lado exterior, a forma dum trapézio, no qual falta a base, a face Leste por onde nós viemos. Além do cercado, num terreiro bem batido,

estão uma dúzia de pequenas palhotas, algumas destas em construção e das quais só 2 *maticadas* a barro, sendo uma destas encastrada na face N. do cercado, que era a melhor de tôdas, e que nos foi destinada. Além do terreiro havia uma boa *machamba,* cercada em tôdas as direcções por mato espesso.

A entrada da povoação, em 2 linhas paralelas de estacas, estão alguns crâneos polidos, o triste e costumado troféu que, aos olhos do viajante neste sertão, denuncia logo a habitação dum régulo macúa.

Depois de nos termos feito preceder dum homem para anunciar a nossa chegada — *praxe* indispensável — fomos-nos apear à palhota designada, onde o régulo veio logo ter connosco seguindo-se as mesmas cerimónias, as mesmas conversas, e os mesmos intermináveis pedidos da entrevista anterior.

A nossa viagem constituíu um verdadeiro *sucesso.*

Homens, mulheres e crianças, precedem-nos, ladeiam-nos e seguem-nos em constante alarido e *bambaré* de alegria. Somos, e sobretudo são as nossas muares, objecto de ingénua e bem intencionada admiração, e creio que as barbas, os óculos, o trajo, etc., constituem, por vezes, causas bem picarescas e ridícular à sua nudez física e à sua simplicidade moral.

A tarde fui ver o rio Nicupa que passa perto e é um dos braços, ou nascentes, do Monapo.

Levou-se meia hora de marcha, caminhando na direcção S. S. O. da agulha durante 16′ inflectindo-se aí para O. e conservando-se nessa direcção durante 20′, até encontrar o rio Nicupa, tendo-se neste último rumo atravessado um riacho, onde bebe a povoação do Marrua que aflue àquêle rio.

O Nicupa é aqui um fio de água, que corre encaixado em leito de grossas pedras graníticas; nasce próximo do sítio onde o encontrei, em terras do Ituculo que se estendem pouco para NO. mas muito para O. segundo diz Mutarepa.

O rio corre de N.E. para S.O. e leva água todo o ano, segundo dizem os indígenas e se deve depreender do facto de a

ter em meados de Agôsto. O caminho é apertado e mesmo difícil na margem do rio.

Passo a noite na Manduria. Há *batuque* muito pouco concorrido.

Dia 23. — O termómetro desceu a 21°. O barómetro tem-se sempre mantido a 740^{mm}. Regressámos ao posto, de madrugada.

De tarde o termómetro marca à sombra 30°, o barómetro subiu já outra vez a 751^{mm}.

O dia seguinte é destinado a uma digressão ao monte Perrira e a ver Cumare, régulo da região, irmão *descontente* de Marrua.

Dia 24. — O termómetro durante a madrugada desceu a 16°. O barómetro a 749^{mm}.

Saímos às 7 h. 50 a. m. seguindo o caminho da Manduria, tomando a primeira bifurcação já indicada às 8 h. 7′. A direcção é O. S. O. da agulha.

Às 8 h. 25′, atravessou-se grandes afloramentos graníticos.

Às 8 h. 34′, direcção para O., pequena ravina de N., para S., grandes afloramentos graníticos, bambual.

Atravessou-se ainda outras ravinas, correndo na mesma direcção e às 8 h. 52′ desembocámos em magníficas machambas da povoação de Cumare Amba Komba, distante do pôsto 5^{k},5. Apeei-me para falar a Cumare, preto forte, feições pronunciadas e enérgicas, tatuado, mais brutal mas de olhar mais franco do que o irmão.

Às 9 h. 27′ outra vez em marcha para os montes Perrira — O caminho, até aqui largo e já aberto, pelo régulo, torna-se apertado, verdadeiro carreiro de preto que corre na direcção geral N. S. da agulha.

Atravessamos uma porção de terrenos bem cultivados, e dois riachos o Niquaquare e o Rurune, o primeiro, pantanoso e lodoso, dando difícil passagem e o segundo, em fundo granítico

e levando sempre água, embora um filete, segundo dizem os indígenas. São afluentes do Mukato.

Às 10 h. 15′ estamos na povoação de Infusse, duma das mulheres do Cumare, onde se almoça.

À entrada da povoação alveja o crâneo dum Namarral morto há pouco tempo pela gente daqui, quando pretendia roubar uma mulher.

O pedómetro marca, desde Amba-Komba, 4 quilómetros.

O barómetro está em 751^{mm}.

Partimos para fazer a ascensão projectada às 11 h. 20′. Direcção S. da agulha.

Às 11 h. 40′ acabam as machambas, começa mato espesso, caminho difícil,

Às 11 h. 46′ subindo sempre, damos de frente com os montes Perrira que se elevam abruptamente do solo em uma enorme mole granítica, orientada de N. E. para S. O. aproximadamente e na qual se destacam dois picos, formados por duas imensas pedras.

Apeamo-nos. O barómetro está em 743^{mm}.

O pedómetro marca $1^{k},5$ do Infusse.

Começa a ascensão que é difícil, perigosa e fatigante.

Ficamos às 11 h. 55′ num patamar do extremo Sul donde se disfruta um panorama lindo e vastíssimo. Acima de nós 20^{m} está o cume da pedra mais alta.

O barómetro está em 740^{mm}.

Faço as seguintes marcações com a bússola de pínulas.

Mesa — extremidade S.O. para L — ¼ S.E.

Pão — vértice superior para S.E.

Exige — monte superior para S.E. ¼ S.

Outro monte — o Namuaca — é avistado por entre o Pão e o Exige, sendo avançado em relação a êste último. Por detraás do Namuaca ficava Calaputi.

Descemos com muitas precauções, auxiliados pelos negros

com todo o carinho e cuidado, voltando a Infusse e daí ao pôsto.

Segundo as informações da gente do Cumare, do Infusse às terras Namarrais são 5 horas (marcha de preto). O mato não é muito espesso senão na fronteira, já próximo das primeiras povoações do Namarral.

No pôsto o termómetro marcou à sombra e às 3 h. p. m. 30°.

Dia 25. — Espero nesse dia o guia Assane e o indígena Macuela da povoação de Xaunde que enviei ao M'chulipo comunicar a minha próxima visita. Efectivamente, os meus enviados aparecem pela 1 h. p. m. acompanhados de dois outros negros, um dos quais é *ajudante* de M'chulipo e outro *grande* do régulo Marica-Muno, tio do M'chulipo, cujas terras se atravessam antes de chegar às daquêle.

O régulo Marica não tinha *bandeira*, dizia o seu enviado. Neste mesmo dia recebi a visita do Cumare; é um *descontente* do Marrua, blasona de mais forte e de independente, contudo instado para pagar o imposto de palhota apressou-se a declarar que estava pronto a pagar, mas era preciso que Marrua desse ordem e exemplo. Faz intermináveis pedidos de aguardente, panos, etc. Dei o costumado *saguate*.

Determinei a partida para o M'chulipo no dia seguinte.

O termómetro ao meio dia, ao sol marcou 35°. À sombra às 3 h. 15′ p. m. 31°. O barómetro estaciona a 749^{mm}.

Dia 26. — Às 6 h. a. m. o termómetro marca 18°, o barómetro 748^{mm} Partimos às 7 h. 30′ a. m. ao rumo N. da agulha. Poucos minutos depois acaba-se a floresta onde se acha o comando e entramos numa zona cultivada de grandes *machambas* e dispersas povoações; atravessamos vários riachos e languas de pequenas lagôas.

Às 10 h. a. m., continuando na mesma direcção, acabamos os terrenos cultivados; o mato é fácil e por tôda a parte aparecem clareiras e vestígios de antigas povoações.

Às 10 h. 12′ atravessa-se o Niheguê, que desagua na baía exterior de Fernão Veloso. O leito é aqui encaixado e estreito, o fundo de areia; vai sêco.

Passamos por outra pequena lagôa, atravessamos o Suco, afluente do Niheguê, sêco e em leito de areia, chegando às 10 h. 55′ junto duma lagôa chamada Hamêa, depois de ter atravessado um pedaço de floresta bastante densa e onde aparecem, a miúdo, bocados de quartzo.

Às 12 h. continuamos a marcha, sempre na mesma direcção geral, subindo ao longo duma série de lagôas que desaguam umas para as outras, indo lançar as águas no Suco.

São aqui os limites das terras do Ituculo com as de Covô, pertencentes a Marica.

Mas antes de proseguir na descrição do itinerário farei algumas considerações acêrca da orografia, hidrografia, aspecto mineral e produções vegetais das

TERRAS DO ITUCULO

A parte desta região, por mim percorrida, apresenta-se como um vasto planalto, divisória de águas de 3 rios oceânicos. O Nicupa ou Monapo que vem à baía de Mocambo, o Mukato ou Sanhuti que desagua na Conducia e o Niheguê que desemboca na baía exterior de Fernão Veloso, formando o que as cartas inglesas chamam o Port-Belmore.

O interior do planalto é bastante plano, mas as suas encostas são cortadas e ravinadas, dando origem a uma infinidade de riachos que afluem àqueles 3 rios.

O terreno é, em regra argiloso, terra vermelha e compacta, que nos vales se apresenta, carregada de humus.

A acção das águas e a natureza acidentada das margens desnudam os leitos dos rios e riachos que, em geral, apresentam um aspecto granítico, rocha de estrutura granular e friá-

vel. Vêem-se chistos e por vários sítios se encontram pedaços de quartzo de brilhante cristalização.

Nas florestas há boas madeiras, distinguindo-se a *embila*, sólida e fácil de trabalhar e o *pau ferro*, dum negro avinhado, forte e duro, e próprio para marceneria embora de má qualidade.

Abunda o *baobah* disforme e sem magestade; por tôda a parte se dá o café e existe a borracha em arbustos, cuja classificação desconheço, e, também, segundo me consta, em liames e trepadeiras, provàvelmente da família das *landolphias*. Encontram-se, sem cultivo, muitos arbustos de *ricinos*, de tão útil exploração. Há extensos e espessos bambuais e, por vezes, pedaços de emmaranhada e espessa floresta.

As *machambas* são constituídas, em principal quantidade, pela utilíssima euphorbiacea, a mandioca, implantada aqui graças aos esforços do ilustrado governador Baltazar do Lago. Há muita *mapira* ou milho fino (sorghum vulgare) algum milho e mexoeira (pennisetum typhoideum). Em todo o Ituculo aparecem extensos e cerrados bananeirais e bastantes laranjeiras, assim como coqueiros e mangueiras; estas últimas sobretudo nas margens do Nicupa. Vi ainda algumas plantações de tabaco indígena e de arroz.

Como se vê, há no país bastante fertilidade natural e bastantes riquezas vegetais para supor que a sua exploração agrícola deva ser proveitosa, para quem a fizer, e útil para a economia *do distrito*.

*

* *

Às 12 h. 45′ p. m. — dia 26 — na direcção N. E. entrámos nas terras de Covô, pertencentes a Marica.

Caminhamos por floresta fácil.

À 1 h. 5′ o rumo muda para N. da agulha; temos atraves-

sado alguns riachos os últimos dos quais já pertencem à bacia do M'kubure; aparecem por vezes grandes afloramentos graníticos.

Atravessámos dois pedaços de espessíssima e quási impenetrável floresta, onde só a machado e a custo se abre caminho para a nossa passagem a cavalo, mas a um de fundo.

Às 3 h., conservando-se a direcção para o N., desembocamos em grandes languas, com charcos de água. São as lagôas do Covô, onde os animais beberam e os homens da comitiva matam a sêde.

À 3 h. 25', rumo NO. que se conserva até à povoação do Marica, nosso *etape* dêste dia. Seguimos por floresta fácil atravessando riachos, todos já tributários do Napari, afluente do Marire, e que dá o nome às terras.

Às 4 h. 11', encontramos as primeiras *machambas* e povoações do Narica e pouco depois atravessamos o Rotoni, afluente do Napari ou Napali. Encontram-se vários afluramentos graníticos.

À 4 h. 52', continuando no mesmo rumo, marcamos 700^{m} a O. um morro elevado, à retaguarda do qual está a povoação do Marica.

Às 5 h. 15', damos entrada na povoação do régulo que tôda nos vem receber cheia de ardente curiosidade.

O pedómetro dá 28 quilómetros. O barómetro desce a 745^{mm}. O termómetro marca ao sol 30°.

Apeamo-nos à porta duma boa palhota, já preparada para nos receber. Além do aviso anterior, o *grande* do Marica, que vinha connosco, adiantou-se logo que entramos em terras de Covô, para avisar da nossa chegada.

Pouco depois aparece-nos o régulo Marica-Muno, homem de estatura mais que mediana, ainda robusto e membrudo, a-pesar-de velho. Tem pronunciado prognatismo e sofre de *nictalopia* o que o obriga a retirar para a sua palhota logo que

o sol se esconde, mas passando todo o outro tempo ao pé de nós. Detalhe curioso, pela singularidade; o seu cabelo entrançado e puxado com manifesta paciência, forma um comprido e chato rabicho que lhe desce abaixo do joelho! Não deu razão alguma dêste seu hábito, quando o interrogámos. Veste cabaia branca e um velho *quisbau* azul ferrete, evidentemente produtos trazidos da costa por algum negociante índio. Mostra-se sempre extremamente respeitoso e até amável para connosco. Faz muitos poucos pedidos, o que é realmente um caso bem raro em régulo negro.

A povoação é pequena, 12 a 16 palhotas, dispostas em duas filas pararalelas, tendo no intervalo dos tôpos uma ou duas casas. A povoação fica num pequeno planalto na margem esquerda do Napari. Dêste monte nascem *exabrupto* dois morros de granito, um dos quais fica mesmo junto e ao Sul da povoação e superior de 15 a 20^{m}.

Aí subimos avistando largo horizonte, tendo ao N. terras do M'chulipo; a L.S.E., terras de Muaja; a S.E. as da Matibane e a S. S. E. e ao S. as do Ituculo.

Dia 27. — Às 7 h. a. m. o barómetro marca $743^{mm},5$, e o termómetro, dentro da palhota onde ficámos, 23°.

Às 7 h. 55′ pomo-nos em marcha para o M'chulipo.

Direcção N. da agulha.

Às 8 h. 2′ atravessamos o Napari, afluente do Marire, que corre aqui de O. para L. sôbre fundo de areia.

Bebe neste lugar a povoação do Marica, de poços abertos no leito e que dão água todo o ano.

Às 8 h. 25′ direcção de N.E.; temos atravessado alguns riachos — fundos graníticos erosados pelas águas. Alguns têm poços.

Vamos sempre caminhando entre *machambas* e pouco depois estamos nas terras de Natebo, já pertencentes a M'chulipo.

Às 8 h. 50′ direcção N. NE.

Às 9 h. 20′ direcção N. NE. bifurcação de caminhos para

a povoação de M'chulipo. Temos atravessado mais ravinas e andado sempre entre grandes machambas e povoações.

Às 9 h. 27′ direcção N E. da agulha.

Às 9 h. 45′ direcção N. E.; marco por L. S. E. em monte bastante alto, em fórma de pão, a que chamam *Lasce*, ainda em terras do Ituculo.

Às 9 h. 52′ chegamos à povoação, vendo içada, num mastro altíssimo, a bandeira portuguesa.

O pedrómetro marca 12 quilómetros. O barómetro 752^{mm} O termómetro, ao meio dia à sombra 25°.

Apeamo-nos e entramos numa boa palhota *maticada*, com o cerimonial do costume, aparecendo-nos pouco depois o régulo que é homem no vigor da vida, grosso e robusto, feições regulares de um negro retinto e onde o grande achatamento do nariz é o maior característico do sangue *bantu*. As suas maneiras são impressas duma dignidade árabe, a palavra é fácil e suave. Mostra-se extremamente respeitoso e amável connosco, presenteando os nossos carregadores muito antes de nós lhe darmos o costumado *saguate* de alguns panos e alguma aguardente.

O régulo veste cabaia e uma capa de flanela ou baeta vermelha: contra o costume, o traje não é ridículo e fica bem às proporções vigorosas de M'chulipo.

M'chulipo-Muno é sobrinho de Marica. Parece mais poderoso do que o tio, o que não o inhibe de mostrar grande deferência por aquêle.

A boa harmonia em que vivem os dois régulos é manifesta não só pelo que dizem, mas, sobretudo, pelo que vemos. A divisória das suas terras não se assinala pelas grandes florestas, quási impenetráveis, ou pelos espaços desolados que, em regra, se encontram servindo de fronteira entre dois povos indígenas, quási sempre inimigos, ou peelo menos rivais. As povoações seguem-se imediatamente para um e outro lado duma fronteira *virtual* e regulada, segundo se vê, dum comum acôrdo.

A povoação de M'chulipo é bastante grande, mas composta de vários grupos de 7 a 8 palhotas, todos estabelecidos num largo e baixo planalto, margem direita de Marire, inteiramente desnudado de árvores e todo cultivado.

Nem na povoação de M'chulipo, nem na do Marica, vimos os tristes trofeus de crâneos, mais uma prova, segundo julgo, da boa índole dêstes régulos.

A sua gente teve uma admiração e alegria doida com a nossa visita, o que se explica, pois antes de nós, só dois brancos, o capitão-mor Borges e o cônsul O'Neil, tinham estado no M'chulipo e dêstes só o primeiro fôra ao Marica.

Algumas mulheres, cheias de terror, caíram com ataques epiléticos, dando comnosco de surpreza. As muares eram tão desconhecidas que nem nome tinham, designando-as por *carne que transporta branco.*

Na tarde de 27, e antes de nos pormos em marcha de regresso para o Marica, fomos ver as margens do rio Marire, onde se abastece de água a grande população que vive próximo do régulo.

Partimos às 12 h. 50′. Direcção N. O., atravessando pouco depois um riacho, afluente do Marire, que ía sêco.

À 1 h. p. m. caminhando ao rumo N. da agulha, vimos muito longe e na mesma direcção um monte elevado chamado *Chari,* ainda em terras do M'chulipo.

À 1 h. 7′ a direcção muda mais uma vez e agora para N. E. e assim caminhamos até encontrar o Marire, à 1. h. 18′ depois de atravessar umas três pequenas e secas ravinas, que nêle vão afluir.

O rio Marire corre aqui num leito encaixado de 30^{m} de largo, de S. O. para N. E.

O fundo é de areia finíssima e muito branca. Vai sêco, mas os numerosos poços abertos no leito, dão água abundante, saborosa e límpida. O rio é bordado de magníficas e verdejantes árvores e a parte inferior da vertente é muito arborizada, es-

tando a parte superior inteiramente desnudada e transformada em magníficas *machambas*.

O lugar parece-me extremamente apropriado para um pôsto; água próxima, e de boa qualidade, fáceis campos de tiro, ausência completa de pântanos, povoação numerosa e bem disposta e um país relativamente rico e no interior do distrito.

Dia 28. — Voltámos no dia anterior ao Marica, onde ficámos, regressando neste dia ao Mossuril. Às 7 h. a. m. o termómetro marca à sombra 22°,5 o barómetro 742^{mm},5. Partida às 7 h. 30′ a. m. pelo caminho que trouxemos do Ituculo até as lagoas do Covô, onde chegámos às 9 h. 19′; o caminho segue uma direcção sinuosa mas aproximadamente ao rumo L. ¼ N. E. da agulha.

Às 9 h. 42 rumo L. ¼ SE., região deserta já; mato fácil, onde abunda a acácia espinhosa; temos atravessado algumas ravinas que saem das lagoas de Covô e se dirigem ao Napari, ou ao Marire.

Continuamos na mesma direcção, começando pouco depois a atravessar pequenas ravinas que vão dar a um riacho que, ao N. do caminho, se dirige quási de O. para L. indo-se lançar no Niheguê; o guia diz chamar-se Namputa.

Das 10 h. às 10 h. 15′ atravessamos um pedaço de floresta muito densa; todo o resto é mato fácil.

Às 10 h. 25′ o caminho inflecta-se bruscamente na direcção S. da agulha e mais tarde para L. S. E., direcção que conserva até ao Niheguê, alcançado às 12 h. 45′ depois dum descanso de 1 h. 20′ perto duma ravina afluente dêste rio.

No descanso vimos o barómetro que marca 752^{mm}, e o termómetro, ao sol, 33°.

Atravessámos uma série de ravinas, algumas bastante profundas e correndo tôdas sôbre pedras graníticas; vimos, a miudo, pedaços de quartzo.

Quando parámos, às 11 h. 8′ a. m., marquei por N. 1 ¼ N. E. e agora bastante próximo, o monte *Lasce*, do Ituculo.

E antes de proseguir na descrição do itinerário procederei a considerações idênticas às que já fiz para a região do Ituculo e agora relativas às

TERRAS ENTRE O MARIRE E O NIHEGUÊ

O terreno que percorri entre estes dois rios divide as suas águas entre a bacia do M'kubure, da qual é afluente o Napari, e a do Niheguê, que recebe as do Namputa.

A divisória das águas corre próximo das lagoas, as quais, segundo me quiz parecer, desaguam ainda para o Napari ou talvez logo para o Marire.

Sem apresentar grandes altitudes, a região é, como se vê, muito cortada e dobrada e faz parte, segundo parece, da vertente Leste dum planalto interior mais elevado e, naturalmente prolongamento daquele em que assentam as povoações do Marua-Muno.

A forma acidentada do terreno dá a todos os rios a natureza de torrentes invernosas, que desaparecem com as últimas chuvas. Os rios principais, como o Sanhuti, o Niheguê e o Marire, iam inteiramente secos em Agôsto.

A terra é, em geral, escura e com bastante humus; próximo do Marire é vermelha e compacta. Nos leitos dos rios e próximo das lagoas, transforma-se em areia branca e fina. Lodo, só o encontrei nas languas de Covô, onde uma delas daria trabalho, mesmo no tempo sêco, à passagem de carros.

No leito dos rios e em muitos outros sítios, aflora o granito.

Na bacia do Niheguê vi, a miudo, pedaços de quartzo.

No mato, há bastantes acácias espinhosas de pequeno porte. Nas florestas, encontramos a *embila* e certamente há muitas outras madeiras aproveitáveis. As duas grandes florestas atravessadas entre o pôsto e o Napari, são duma vegetação riquís-

sima, onde se vêem árvores magníficas, arbustos densíssimos, liames de inextricável crescimento.

Vimos ainda baohahs, mas em muto menos número do que nas terras do Ituculo e, segundo dizem os negros, há também o café e a borracha.

As terras de Napari a Natebo estão muito cultivadas e povoadas; as de Covô são desertas como deserta é a bacia do Niheguê, na parte atravessada no caminho do regresso.

Nas *machambas,* domina o sorgho e a mandioca. A banana quási que desaparece por completo. Os cajueiros e as mangueiras existem em muito menor proporção do que no Ituculo.

Todos os caminhos percorridos são simples carreiras de *preto.*

A abertura duma carreteira entre o pôsto do Muecate e o Marive deve dar bastante trabalho com o corte do mato, com a passagem das lagôas, a descida de algumas vertentes — forçosamente em lacetes — e com a passagem de algumas ravinas — que evidentemente não darão vau na época das chuvas.

*
* *

Proseguindo na descrição do itinerário.

Na passagem do Niheguê, às 12 h. 43′ p. m. do dia 28, tivemos de nos apear porque o asperrimo da descida não nos permitia passar a cavalo.

O leito era aqui da largura de 20 a 25^{m} orientado de O. para L., fundo de areia.

O carreiro, correndo ora para o S. ora para L. atravessa, entre mato fácil, um sem número de ravinas tôdas secas, em fundos de areia e granitos, sendo a mais importante o riacho Muriate, afluente do Niheguê que é atravessado à 1 h. 53′ p. m., caminhando-se ao rumo L. S. E. Às 2 h 50′ atravessa-se outra ravina importante, o Botoni, afluente do Muirati, mas

entre os dois riachos têm-se encontrado muitos outros. Continúa o mato fácil e os terrenos graníticos. Por tôda a parte se vêem pedaços de quartzo. Descançamos até às 3 h. 15′ para deixar beber os carregadores e as muares, da má água tirada dos poços abertos no Botoni.

O caminho segue, aproximadamente, ao mesmo rumo e por terrenos do mesmo aspecto vegetal e mineral.

As 3 h. 46′ rumo ao S.; atravessámos depois um pedaço de floresta densíssima e antes um outro riacho de importância, o Catupa, afluente do Niheguê.

As 4 h. 11′ rumo S. E. continuando assim até às 4 h. 30′ em que fizemos alto para pernoitar junto dumas lagoas, com bastante água e onde parece que nasce o Catupa.

O pedometro não dá indicação de geito, mas calculando a velocidade média em $4^{k},5$ à hora temos que o *étape* dêste dia devia ter sido aproximadamente de 34^{k} em 7 h. 30′ de marcha efectiva.

Dia 29. — As 6 h. a. m. o termómetro marca à sombra $22^{o},5$, o barómetro 749^{mm}. Partimos às 6 h. 14′, rumo S. da agulha, caminhando ao longo das languas do Catupa.

As 6 h. 35 acabam-se as languas, entra-se em mato fácil.

As 7 h. 8′, rumo L., atravessámos uma langua e um riacho; segue-se mato densíssimo das 7 h. 15′ às 7 h. 35′, em que entramos numa clareira, langua da lagoa Mahêta atravessada às 7 h. 38′.

As 8 h. 7′, rumo S.; o carreiro depois serpenteia entre êste rumo e o de S. E.

Atravessámos vários riachos afluentes de outro que corre perto e do lado N. do caminho. Segundo diz o guia, chama-se a êste *Niaro,* e é afluente do Niheguê: atravessámos algumas pequenas moitas de mato muito denso, vendo-se, próximo ao Niaro, alguns cajueiros e mangueiras.

As 10 h. 7′, rumo S., e depois de atravessar àquém do Niaro ainda umas outras languas, chegamos ao encontro do caminho

do M'chulipo com a carreteira do Ituculo; 3′ depois estamos nas margens do Miali, afluente do Sanhuti, onde descançamos.

O pedometro continúa dando más indicações; a marcha, à velocidade de 5ᵏ à hora, deve ter sido de 17 a 18ᵏ de extensão.

O barómetro está em 760ᵐᵐ.

Às 11 h. 22′ partimos, pela carreteira já descrita, chegando ao Mossuril às 4 h. 15′ tendo percorrido 25 a 26ᵏ.

Neste último dia encontrámos 200 a 300 homens do M'chulipo e Marica regressados de Ampoense. Vê-se, por isto, que há já um comércio digno de atenção entre o litoral e estas terras. O comércio do Ituculo não é menor.

TERRAS ENTRE NIHEGUÊ E O SANHUTI

Estas terras, em parte já descritas, nada oferecem de particular que já não tenha sido dito, a respeito das que ficam entre Covô e o Niheguê.

Dividem as suas águas pelo Niheguê e pelo Sanhuti e a divisória, segundo parece, passa entre o Miali ou Mialine e o Niaro.

A região, inteiramente deserta, parece que nunca foi habitada ou que o não é há muito tempo, pois faltam os característicos que um olhar, um pouco exercitado, encontra sempre nos casos de abandono de lugar, por povoações indígenas. Só perto do Niaro se encontram algumas árvores de cultivo e não se vêem as clareiras — entre as orlas de espesso mato — que sempre ficam, como vestígios de antigas povoações e *machambas*. — Segundo me quiz parecer, há um movimento lento e contínuo das populações do interior para a costa, que ainda não alcançou esta região. É certo que o litoral é habitado por gente macúa, mas provàvelmente as tribus da costa escoaram-se pelas comunicações já existentes, deixando entre si e a terra donde

fugiam, ou retiravam por falta de espaço, uma larga zona inculta e bravia.

Esta opinião não é uma mera hipótese, forjada na imaginação do seu autor.

Para a corroborar tenho as declarações, muito positivas, de Marica que me disse que a sua tribu e a do M'chulipo, tinham vindo do interior da Macuana de *Muatére (?)* estabelecer-se, com licença do régulo do Ituculo, naquelas terras pertencentes a êste régulo. Marrua, porém, não deixara de atacar e matar a gente desgarrada, pertencendo a essas vítimas os crâneos polidos que *ornam* a *régia* habitação do Ituculo.

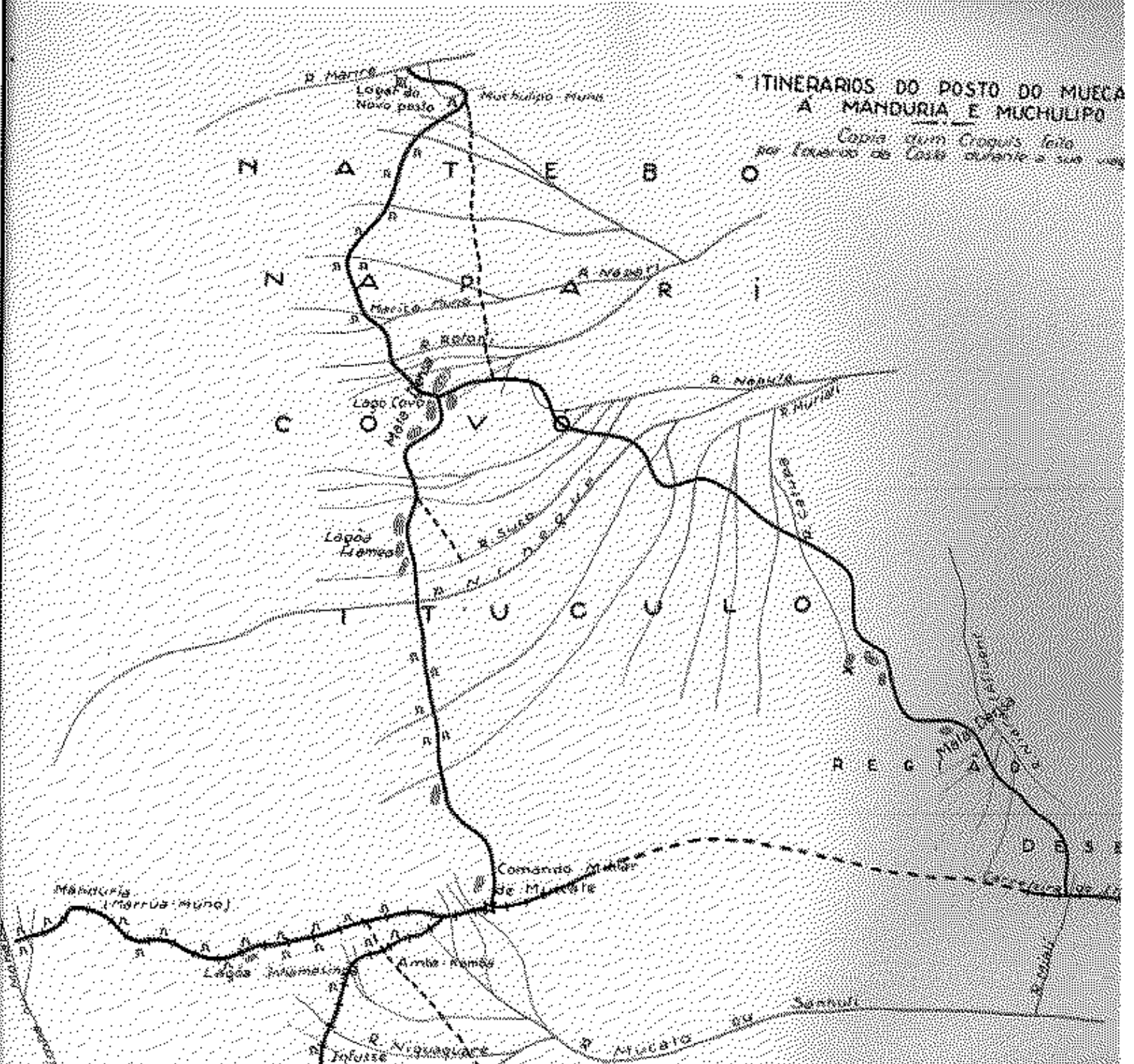
No mapa itinerário de O'Neill, vê-se o M'chulipo *(M'chilibo)* estabelecido muito além do Marire e até do Namebisa, afluente do Mkubure, muito a O. do Marire, enquanto que eu o fui encontrar àquém dêste último, talvez 40 a 60 quilómetros a L. do antigo lugar. A gente de Muaja, estabelecida na costa, disse, igualmente, ao alferes Rocha que viera do interior.

*
* *

É dever, quando se faz uma viagem por um país selvagem e desconhecido, trazer todos os apontamentos e dados que ajudem o estudo da *antropologia* e *etnografia* dos habitantes dêsse país.

No caso presente, a rapidez da minha marcha e os seus intuitos políticos não me deixaram tempo livre para colher cousa de importância, mas felizmente, esta falta não tem conseqüência, pois as descrições das viagens de O'Neill, Elton, Maples e Johnson trazem desenvolvida notícia dos usos e costumes dos povos de raça *macua*, a que pertencem — sem contestação — tôdas as tribus que visitei.

É curioso, porém, apontar que os régulos se não dizem *macuas* embora pertençam à mesma raça que a sua gente, a quem


ITINERARIOS DO POSTO DO MUECA
Á MANDURIA E MUCHULIPO
Copia d'um Croquis feito
por Teixeira da Costa durante a sua via
N A T E B O
N A R A R I
C O V O
T U C U L O
R E G I Á D O
D E S
R. Marrua
Logar do
Novo posto
Muchulipo - Murua
R. Nagari
Marco Chuca
R. Rofari
R. Nagaza
R. Muriel
Lago Cova
Mala
Lagoa
Lameal
R. Sura
R. Nagaza
Serra
Mala Cariua
Comando Militar
de Muchulipo
Manduria
(Marrua - Muno)
Lagoa Intumalanga
Amba - Namba
R. Nagaza
Infusse
R. Mucaia
Sunguri
R. Muriel

dão êsse nome. Para êles a designação *macua* é afrontosa, o que me leva a crer que corresponde ao nosso vocábulo *povo,* com o qual estes, tão orgulhosos como ignorantes despotas, se não querem confundir.

Sir Harry Johnston no seu celebrado livro, «The British Central Africa» faz um estudo, tão completo quanto possível, sôbre a antropologia, etnografia e história dos povos que habitam a região e nas quais há gente de raça *Malomué* ou *Macua* e o sr. dr. Almeida da Cunha, num livro intitulado «*Estudos àcêrca dos usos e costumes dos baneanes, bathiás, parses, mouros, gentios e indígenas*» traz bastantes esclarecimentos sôbre a *etnografia macua* o que, por completo, me disspensaria de escrever qualquer cousa sôbre o assunto, se não entendesse do meu dever fazer umas ligeiras rectificações a algumas das causas exaradas em vários dêstes livros e que, pelo menos, na região que percorri, não estão evidentemente exactas.

Assim, diz o sr. dr. Almeida da Cunha, que os *macuas* procuram os lugares baixos para fazerem as suas povoações e cercando-as de mato cerrado para se defenderem de homens e das feras.

Ora eu vi, pelo contrário, que os *macuas,* de resto como os bitongas, landins, e outros — com um bom senso que infelizmente muitos dos nossos funcionários não têm tido — fogem dos leitos dos rios e lagoas, para se escaparem certamente à influência telúrica dos terrenos baixos e à praga infernal dos mosquitos. Ao mesmo tempo, em tôda a região por mim visitada, não vi uma única povoação defendida, fôsse de que maneira fôsse, e tôdas elas eram, em regra, compostas de poucas, ou antes dispersas, palhotas isoladas entre as suas *machambas.* Muitas das palhotas, não tinham paredes de barro — *maticadas,* na linguagem vulgar da província — e eram simplesmente constituídas por caniçado, bem unido, de bambú.
de forma retangular ou quadrada e telhado de 2 águas, palhotas

A maior parte das palhotas são redondas. Em geral só vi

de forma rectangular ou quadrada e telhado de 2 águas, palhotas pertencentes a régulos e essa forma é, sem dúvida, importada da costa, das lojas dos baneanes e mouros.

Fala O'Neill no tribunal dos régulos *macuas* — o *baraza*, como êle diz — composto dos seus grandes, que lhe servem de *acessores* em tôdas as causas que êle julga. Parece-me que o ilustre oficial inglês tomou a *nuvem por Juno*, pois o poder dêstes régulos é perfeitamente absoluto, e, senhores de *braço* e *cutelo*, condenam sem conselho, nem apelação, as causas em que intervêm. Reunirão, talvez, os seus *grandes* em circunstâncias graves ou solenes, como em caso de guerra, para receber um hóspede, etc., mas o voto dêsse *conselho* de *grandes* — tudo me leva a crer — é apenas consultivo e nunca deliberante. Foi isto, pelo menos, o que me disseram os indígenas interrogados ao acaso e sem ligação com os poderosos.

Os *macuas* não casam como os outros cafres, conforme diz o sr. dr. Cunha, mas sim — pelo menos os do Ituculo e do M'chulipo — à maneira dos *ajaus;* isto é, tendo noiva prometida desde a mais tenra infância desta, por comum acôrdo entre as famílias dos futuros conjuges.

Nada digo sôbre *sucessões, enterros* de régulos, *julgamentos, circuncisões* e quaisquer outras ceremónias, porque não pude, nem tive ocasião, de assistir ou indagar cousa alguma a êste respeito, o que lamento, pois a *etnografia* dum povo selvagem só pode ser bem estabelecida pelas observações comprovadas e repetidas de muitos viajantes.

Nada digo, também, àcêrca dos *vestuários, utensílios*, etc., dos povos visitados, porque essa parte da *etnografia*, como o mais fácil de fazer, anda bem descrita nos livros apontados, um dos quais, o do sr. dr. Cunha, está ao alcance de todos nós. Contudo aproveito a ocasião para dizer que o botão introduzido, como ornamento de luxo, nos lábios superiores das mulheres *macuas* se não chama *peléle* — nome que eles não conhecem e que talvez seja da linguagem de *Lomué* — mas sim *injaca*.

As mulheres do Marica e do M'chulipo, como as de Muaja, substituíram o botão — diminuindo o horrôr desta *moda* selvagem — por uma pequena e *muito fina* varinha de madeira, do tamanho de meio decímetro, que espetam no beiço superior e que chamam *m'pivi*.

Direi duas palavras àcêrca das *indústrias* observadas: há *ferreiros*, como os há em tôda a África; as suas oficinas, de aspecto primitivo, são tão conhecidas de todos que tenham lido um livro, pelo menos, de viagens africanas que me dispenso de repetições inúteis. Acrescento, apenas, que o ferro ali empregado vem, em muito maior quantidade, da *sucata* vendida em Moçambique que dos jazigos da serra de Chinga.

A isto e ao fabrico de potes de barro e de alguns utensílios de madeira como escabelos, travesseiros, etc., se reduz tôda a indústria destas tribus. A *tecelagem* primitiva dos povos Chopes e de muitos outros africanos — pela imersão e o bater repedo das cascas de certas árvores — não parece ter aqui lugar, pois não vi uma única pessoa fazendo uso dos panos assim obtidos, como de-certo aconteceria se os possuissem. Homens, mulheres e crianças, todos cobrem a sua nudez — muito rudimentarmente, de resto — com o algodão de Bombaim ou da América, que é assim o mais importante artigo de permuta com os produtos das suas colheitas agrícolas. Os homens e, sobretudo, as mulheres macuas amam as côres vivas e os desenhos vistosos, ao contrário dos vátuas, por exemplo, que só usavam panos escuros e de poucos desenhos.

E aqui termina êste singelo relatório, escrito ùnicamente como o desempenho dum dever moral, poi é opinião de quem o assina — exarada até em documentos oficiais, de minha assinatura — que nenhum oficial pode deixar de apresentar o *itinerário* e todos os outros apontamentos colhidos em qualquer viagem realizada no interior dum país tão pouco conhecido, como êste, sem praticar uma falta, porque êsse trabalho, — por mais modesto e rudimentar que seja — pode trazer um esclare-

cimento útil, uma notícia interessante, uma descrição inesperada àcêrca da geografia e etnografia da região, que tanto importa conhecer para bem a governar e administrar.

Residência do govêrno do distrito de Moçambique, 26 de Março de 1898.—O governador do distrito, *Eduardo da Costa*.

FIM DO SEGUNDO VOLUME

ÍNDICE DO II VOLUME

Pág.

PREFÁCIO 5

1.ª PARTE

EDUARDO DA COSTA NA CAMPANHA DE MOÇAMBIQUE EM 1895

ACÇÃO DE EDUARDO DA COSTA COMO CHEFE DO ESTADO MAIOR DAS COLUNAS DE MARRACUENE E CHICOMO E NO SEU RECONHECIMENTO DE INHAMBANE

Notas explicativas 15
Relatório acêrca da missão desempenhada em Moçambique, de Janeiro a Dezembro de 1895, durante a campanha 25

Primeira Parte 29
Relatório 53
Segunda Parte 75
Apêndices 103
Anexos 148

Campanha das tropas portuguesas em Lourenço Marques e Inhambane em 1895

Marracuene, por Aires de Ornelas 161
Magul, por Paiva Couceiro... 183
Chicomo e Coolela, por Eduardo da Costa... 241
Coolela, por Aires de Ornelas 307

«A propósito da história da Campanha de África» 341

2.ª PARTE

EDUARDO DA COSTA GOVERNADOR DO DISTRITO DE MOÇAMBIQUE EM 1897-1898

Pág.

ACÇÃO DE EDUARDO DA COSTA NA PACIFICAÇÃO DO DISTRITO DE MOÇAMBIQUE EM 1897-1898. — MUCHELIA, MUNAPO E CALAPUTI

Notas explicativas 353

Relatórios:

Operações de pequena guerra no Lumbo, Quissona, Matiquiti, Cayole e Munapo... 373
Escaramuça de Munapo 378
Relatório de Mousinho de Albuquerque acêrca da acção de Calaputi e escaramuça de Munapo 389
Relatório do Governador do Distrito de Moçambique (Coluna de Operações até à Base do Pão) 393
Relatório da submissão de chefes namarrais 407

ACÇÃO DE EDUARDO DA COSTA NA ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR DO DISTRITO DE MOÇAMBIQUE EM 1897-1898

O Distrito de Moçambique em 1898... 413
Relatório de uma viagem de Eduardo da Costa ao Itoculo e Mchulipo em Agôsto de 1897 479

Êste livro realizado pela Editorial Ática, Rua das Chagas, 23 a 27, Lisboa, foi composto e impresso durante o mês de Outubro de 1939